Comentário Bíblico Broadman



Volume 5

Provérbios - Isaias

Velho Testamento 5

Prefácio

O Comentario Biblico Broadman presenta o estudo bíblico atual no contexto de uma fé forte na autoridade, adequação e confiabilidade da Bíblia como a Palavra de Deus. Ele procura oferecer ajuda e orientação ao cristão que está disposto a realizar o estudo da Bíblia como uma busca séria e gratificante. O editor definiu assim o escopo e o propósito do COMENTÁRIO para produzir um trabalho adequado às necessidades de estudo da Bíblia tanto dos ministros como dos leigos. As descobertas da bolsa de estudo bíblica são apresentadas para que os leitores sem educação teológica formal possam usá-los em seu próprio estudo bíblico. Notas de rodapé e palavras técnicas são limitadas a informações essenciais.

Os escritores foram cuidadosamente selecionados por sua reverente fé cristã e seu conhecimento da verdade da Bíblia. Tendo em mente as necessidades de um leitor geral, os escritores apresentam informações especiais sobre idioma e história, onde ajuda a esclarecer o significado do texto. Eles enfrentam problemas da Bíblia - não só em linguagem, mas em doutrina e ética -, mas evitem pontos finos que têm pouca influência sobre como devemos entender e aplicar a Bíblia. Eles expressam seus próprios pontos de vista e convicções. Ao mesmo tempo, eles apresentam visões alternativas quando tais são defendidas por outros estudantes sérios e bem informados da Bíblia. As opiniões apresentadas, portanto, não podem ser consideradas como a posição oficial da editora.

Este COMENTÁRIO é o resultado do planejamento e preparação de muitos anos. Broadman Press começou em 1958 para explorar necessidades e possibilidades para o presente trabalho. Neste ano e novamente, em 1959, líderes cristãos - particularmente pastores e professores de seminário - foram reunidos para considerar se um novo comentário era necessário e a forma que poderia ter. Crescendo com essas deliberações em 1961, o conselho de curadores que rege a imprensa autorizou a publicação de um comentário multivolume. Outro planejamento levou em 1966 à seleção de um editor geral e um Conselho Consultivo. Este conselho de pastores, professores e líderes denominacionais reuniu-se em setembro de 1966, revisando planos preliminares e fazendo recomendações definitivas que foram realizadas como o COMENTÁRIO foi desenvolvido.

No início de 1967, quatro editores de consultoria foram selecionados, dois para o Antigo Testamento e dois para o Novo. Sob a liderança do editor geral, esses homens trabalharam com o pessoal da Broadman Press para planejar o COMENTÁRIO em detalhes. Eles participaram plenamente da seleção dos escritores e da avaliação dos manuscritos. Eles deram generosamente tempo e esforço, ganhando a mais alta estima e gratidão dos funcionários da imprensa que trabalharam com eles.

A seleção da versão padrão revisada do texto bíblico para o COMENTÁRIO foi feita em 1967 também. Isso surgiu de uma análise cuidadosa de possíveis alternativas, que foram totalmente discutidas na reunião do Conselho Consultivo. A adoção de uma versão em inglês como um texto padrão foi reconhecida como desejável, o que significa que somente as versões padrão King James, American Standard e Revised Standard estavam disponíveis para consideração.

A versão King James foi reconhecida como ocupando o primeiro lugar nos corações de muitos cristãos, mas como sofrendo de imprecisões na tradução e obscuridades no fraseado. O American Standard foi visto como livre desses dois problemas, mas deficiente em um estilo inglês atraente e uso atual amplo. A Revised Standard mantém a

precisão e clareza do American Standard e tem um estilo agradável e um uso crescente. Desta forma, goza de uma forte vantagem sobre cada um dos outros, tornando-se, de longe, a escolha mais desejável.

Ao longo do COMENTÁRIO, o tratamento do texto bíblico visa uma combinação equilibrada de exegese e exposição, reconhecendo reconhecer que a natureza dos vários livros e o espaço atribuído modificarão adequadamente a aplicação dessa abordagem.

Os artigos gerais que aparecem nos Volumes 1, 8 e 12 são projetados para fornecer material de fundo para enriquecer o entendimento da natureza da Bíblia e os aspectos distintivos de cada Testamento. Aqueles no Volume 12 se concentram nas implicações do ensino bíblico nas áreas de adoração, dever ético e missão mundial da igreja.

O COMENTÁRIO evita modismos teológicos atuais e mudanças de teorias. Ele se preocupa com as realidades profundas dos tratos de Deus com os homens, sua revelação em Cristo, seu evangelho eterno e seu propósito para a redenção do mundo. Procura relacionar a Palavra de Deus nas Escrituras e na Palavra viva com as necessidades profundas das pessoas e com a humanidade no mundo de Deus.

Através da interpretação fiel da mensagem de Deus nas Escrituras, portanto, o COMENTÁRIO procura refletir a relação inseparável da verdade com a vida, do significado à experiência. Seu objetivo é respirar a atmosfera de vida. Procura expressar a relação dinâmica entre a verdade redentora e as pessoas vivas. Que ele sirva como um meio pelo qual os filhos de Deus escutem com maior clareza o que Deus o Pai lhes diz.

Provérbios

Marvin E. Tate, Jr.

Introdução

O livro dos Provérbios pertence à parte do Antigo Testamento, comumente conhecida como literatura da sabedoria. Geralmente, esta literatura contém ensinamentos e escritos dos sábios israelitas (*ch ª kamin*). Eles eram mais ou menos um grupo particular em Israel. No tempo de Jeremias, eles poderiam ser classificados junto com os sacerdotes e os profetas (cd).

Os sábios estão ligados a conselhos, o que nos leva a buscá-los entre aqueles que preencheram o papel de conselheiros em Israel. De fato, a associação de sabedoria e conselho é explicitada em mais de uma referência no Antigo Testamento. Os "conselheiros sábios do faraó" estão em paralelo com os "homens sábios" em Isaías 19: 11-12 ; enquanto em Isaías 29: 14-15 , a "sabedoria dos sábios" é, evidentemente, a mesma coisa que o conselho escondido de Javé. O advogado e a sabedoria aparecem em Jeremias 49: 7 . Daniel deu conselhos ao rei da Babilônia como homem sábio (Dan 1: 4 , 17-20 ; 4:18 , 27).

O escriba tinha um papel na vida antiga muito parecido com o do conselheiro. Não deve ser dada muita ênfase ao escriba (*sopher*) como escritor, embora tenha sido às vezes (como em Jeremias 36:32 ; Ezequiel 9: 2 ; 1 Crônicas 24: 6 ; Ester 3:12). Em Israel e em outros países também, o escriba era freqüentemente responsável por grandes operações de governo e ocupava cargos que envolviam mais do que o trabalho de secretariado no bom senso. As funções dos escribas nos contextos do Antigo Testamento correspondem mais àquela de um secretário em nosso sentido de Secretário de Estado, Secretário do Tesouro, ou similares. O "secretário" de Ezra 4: 8-9 , 17 ,23 era provavelmente um funcionário público de status considerável e não um escrevente de escrita comum.

O conselheiro e o escriba estão relacionados à sabedoria e à realeza. Parece claro que os homens sábios incluíram oficiais da corte real. O próprio rei era um homem sábio, e as tradições da sabedoria do Antigo Testamento estão intimamente ligadas a Salomão e Ezequias.

Mas não devemos restringir os sábios aos papéis de reis, conselheiros e escribas, e assumimos que a literatura de sabedoria é quase inteiramente um produto de "homens de negócios em lugares altos". O papel do professor e a função da escola deve ser considerada seriamente. Infelizmente, evidências diretas para a instituição da escola na história israelita são muito limitadas, particularmente para períodos preexilic e anteriores.Mas não há dúvida de que as escolas existiram, especialmente em conexão com o Templo e os santuários, e que eram fontes de ensino e literatura de sabedoria. Tais escolas eram, em parte, escolas vocacionais destinadas a preparar jovens para as profissões e as artesanato. Mas não devemos pensar em termos de currículo técnico exclusivamente. Os professores da sabedoria estavam interessados em educar o tipo de homem que seria um pensador claro e um político equilibrado em posições de liderança. Eles acreditavam que a eficácia profissional deve ser acompanhada pelo valor do caráter.

Mas não podemos assumir que levamos em conta todos os homens sábios na discussão de contextos reais e escolares. Os pais e os sábios da aldeia também devem ser incluídos nas fileiras dos sábios. O tipo de endereço do "meu filho" é comum na literatura de sabedoria (por exemplo, Prov. 1: 8 ; 2: 1 ; 3: 1), e é razoavelmente certo que ele deve ser tratado como o endereço de um professor para um aluna. No entanto, ele remete para

uma origem anterior para esse tipo de ensino pelo pai e / ou mãe em um contexto de família-clã. O professor substituiu o pai quando os filhos foram para a escola; mas a autoridade do professor foi exercida como a do pai.

Uma indicação adicional de que os círculos familiares e familiares eram fontes de sabedoria em Israel é providenciada pela ocorrência de provas curtas e folclóricas em várias partes do Antigo Testamento (por exemplo, Judg. 8:21 ; 1 Sam. 10:11; 24:13 ; 1 Reis 20:11 ; . Jr 13:23 ; 23:28 ; 31:29 ; . Ez 16:44 ; . Hos 4: 9). É razoável supor que tais provas se originaram e circulavam entre as pessoas comuns.

No entanto, *alguns* desses provérbios populares são encontrados de forma independente nas coleções do livro de Provérbios. Alguns dos vários argumentos de parte podem ter sido desenvolvidos a partir dos provérbios populares curtos: por exemplo, "A riqueza de um homem rico é uma cidade forte" (10: 15a) aparece novamente em 18:11 , mas é seguido por uma declaração paralela diferente em 18: 11b do que em 10: 15b (ver também 10: 1 e 15:20 ; 16: 2 e 21: 2). Mas é difícil acreditar que muito da nossa literatura de sabedoria existente foi formada em círculos familiares ou familiares. RBY Scott, observa que o livro de Provérbios é deliberadamente didático e "reflete o professor, não o espírito da vila" (p.8).

Assim, os sábios e mulheres de Israel eram de origem e função diversas. As fileiras dos sábios incluíam uma grande variedade de pessoas de reis para camponeses da vila. E não se mencionou a possibilidade de incluir sacerdotes e profetas também. No entanto, os principais centros de pensamento de sabedoria estavam localizados nas escolas e nos níveis superiores da sociedade, particularmente nos círculos múltiplos do estabelecimento real. Após o Exílio, quando a monarquia deixou de existir, os sábios devem ter continuado, mas em relação mais próxima ao Templo e à instituição emergente da sinagoga.

I. A literatura de sabedoria do antigo Oriente Médio

É importante notar que a literatura de sabedoria não era indígena para Israel. A vasta expansão do conhecimento nas áreas da antiga história, literatura, cultura e religião do Oriente Próximo tornou-nos conscientes de grandes coleções de literatura de sabedoria do Egito e da Mesopotâmia.Na verdade, a literatura de sabedoria não israelita é tão grande e de tal antiguidade que justifica a conclusão de que a literatura de sabedoria do Antigo Testamento era a versão israelita de um fenômeno cultural comum ao mundo antigo. Não há qualquer base para duvidar de que os israelitas adotaram e adaptaram os estilos e formas dessa literatura das grandes tradições culturais do mundo em que viviam. No entanto, os sábios israelitas não eram meros copistas que emprestaram materiais indiscriminadamente de outras pessoas. Eles fizeram a herança da sabedoria das próprias culturas antigas. Quando lemos a literatura de sabedoria do Antigo Testamento, estamos lendo literatura que é israelita, formada e preservada no contexto da religião yahwista.

Além do Egito e da Mesopotâmia como fonte do pensamento da sabedoria, deve-se mencionar a cultura cananea da Palestina e "as pessoas do leste".

Neste momento, a sabedoria cananeita é conhecida apenas por fragmentos e por referências nos textos do Antigo Testamento. Mas é altamente provável que a cultura

cananeia tenha promovido extensas tradições de sabedoria e que algumas delas possam ser conhecidas no futuro.

Os juízes 5: 28-29 fornecem informações sobre mulheres sábias profissionais que estavam disponíveis para aconselhar a mãe de um líder cananeu. Ezequiel refere-se à sabedoria do príncipe de Tiro (28: 1-10 , 12-17), e a sabedoria de Tyrian foi convocada por Salomão para fornecer a habilidade necessária para a construção do Templo em Jerusalém (1 Reis 7: 13- 14 ; 5: 1-18). Os escritores gregos referem-se a Sanchuniathon de Tire e Mochos de Sidon como sábios fenícios (RBY Scott, p. Xli). Pelo menos dois provérbios cananitas são encontrados nas letras Tell el-Amama. É provável que um considerável grau de vocabulário e pensamento de sabedoria cananita seja ainda discernível no livro de Provérbios.

Sabe-se que a sabedoria de Salomão ultrapassou "a sabedoria de todos os povos do oriente e toda a sabedoria do Egito" (1 Reis 4:30). É provável que "o povo do leste" significa o povo a leste do Jordão e do Mar Morto. O trabalho é representado como um grande skeikh e sábio entre os "povos do leste" (Jó 1: 1-5). (Scott, p. Xli). A sabedoria de Edom era famosa e referida no Antigo Testamento (Jeremias 49: 7). Assim, o contexto histórico imediato em que Israel surgiu e viveu continha sabedoria considerável e literatura de sabedoria. Grande parte dessa sabedoria provavelmente era indígena para as culturas cananeus e outras palestinas, embora os cananeus tenham adotado muita sabedoria das grandes culturas da Mesopotâmia e do Egito

II. A Composição do Livro dos Provérbios

Tendo dado atenção ao contexto dos Provérbios na sabedoria internacional, devemos agora considerar a natureza do próprio livro. Um esboço é dado no final desta introdução e não será repetido aqui. Mas uma série de outros assuntos precisam de atenção.

1. O texto

O texto hebraico de Provérbios (Texto Massorético) é muitas vezes difícil de traduzir. Isso se deve, em grande medida, à natureza dos provérbios e expressões de sabedoria. Estes são freqüentemente de natureza sucinta e elíptica, com poucos paralelos de palavras e expressões em outros lugares do Antigo Testamento. Mais de uma tradução é muitas vezes possível com diferentes nuances de significado em cada caso. O leitor encontrará algumas dessas dificuldades refletidas no comentário sobre o texto. As traduções recentes incorporam muitos ganhos na lexicografia hebraica e geralmente são mais precisas do que as antigas. O leitor de hoje tem a sorte de disponibilizar uma série de traduções.

O texto grego (LXX) de Provérbios muitas vezes difere do texto hebraico (para extensa discussão sobre o texto grego de Provérbios, ver McKane, *Provérbios,* pp. 33-47). Essas leituras podem ser úteis em alguns casos. Mas é preciso ter cuidado, porque as mudanças nas leituras gregas parecem ter sido o resultado, na maior parte, pelo menos, de considerações teológicas e estilísticas. É duvidoso que o tradutor grego tenha um texto muito diferente do texto Masoretic, e ele muitas vezes reflete as mesmas dificuldades que incomodam os tradutores modernos.

2. Autoria e Data

Cinco, e provavelmente sete, títulos no livro de Provérbios (1: 1 ; 10: 1 ; 22:17 ; 24:23 ; 25: 1 ; 30: 1 ; 31: 1) parecem fornecer informações consideráveis sobre autoria e data . Na verdade, sua ajuda é limitada. Três títulos (1: 1 ; 10: 1 ; 25: 1) falam dos "provérbios de Salomão". Mas o que isso significa? Provérbios escritos por Salomão? Colecionado por Salomão? Pertencendo à tradição solomônica? Temos boas razões para vincular o movimento de sabedoria na história de Israel com Salomão. No entanto, há alguma dificuldade em relacioná-lo explicitamente com o livro de Provérbios. Dos tipos de sabedoria associados a Salomão, o de brilho intelectual e conhecimento enciclopédico da natureza (como em 1 Reis 4: 29-32) parece ser mais esperado em Provérbios. No entanto, o assunto nas seções de Provérbios atribuídas a Salomão trata principalmente do comportamento humano e das preocupações sociais.

A redação do título em 25: 1 indica algum desenvolvimento após Salomão: "Provérbios de Salomão que os homens de Ezequias, rei de Judá, copiaram". O verbo "copiado" connota mais do que simples transcrição de provérbios (ver comentário em 25: 1) . Os títulos em 30: 1 ("as palavras de Agur") e 31: 1 ("as palavras de Lemuel") apontam para outras fontes do que Salomão; como fazem os títulos prováveis em 22:17 e 24:23 . A seção acróstica em 31: 10-31 parece ser independente.

Considerações mais gerais não apoiam a autoria de Salomão. A descrição generalizada da literatura de sabedoria, dentro e fora do Antigo Testamento, para Salomão no período pós-exílio indica que o padrão hebraico de colecionar materiais em uma categoria e, em seguida, atribuí-los a uma personalidade dominante é verdade de Provérbios. A *Torah* (Lei) foi atribuída a Moisés, os salmos a Davi e a sabedoria a Salomão.

Infelizmente, a data da Instrução de Amenemope é incerta. Se o namoro do sétimo sexto século sugerido por alguns estudiosos é correto, isso indicaria que 22: 17-24: 22 , que parece dependente de Amenemope, é mais tarde do que Salomão. No entanto, o namoro de Amenemope é muito incerto para fazer um caso forte. Argumentos para data baseados em linguagem, estilo e teologia são igualmente incertos; embora seu peso cumulativo seja contra a autoria solomônica (Toy, pp. xix-xxxi).

Quando todos os fatores são considerados, o melhor julgamento é o que dá pouca probabilidade de direcionar a autoria solomônica de qualquer parte importante do presente livro dos Provérbios, mas que dá alta probabilidade ao vínculo histórico das tradições de sabedoria com a pessoa e o reinado de Salomão . As identidades pessoais dos autores de Provérbios permanecem desconhecidas, embora o tipo de pessoas que elas sejam e suas principais preocupações possam ser determinadas até certo ponto.

A data do livro de Provérbios pode ser corrigida apenas em amplo esboço. Os limites são fornecidos pelo reinado de Salomão no século X AC (embora alguns *de conteúdo* pode ser pré-salomônica) eo livro de Siraque (Eclesiástico) em *ca* . 180 AC (Sirach 47: 12-17 parece aludir a Prov. 1: 6). Esses limites externos podem ser reduzidos um pouco. A referência a Ezequias em 25: 1 torna provável que o livro não tenha sido escrito em sua forma atual antes de *ca.* 700 AC O uso da *tora*Em Provérbios com o senso mais geral de ensino ou instrução do sábio, sugere fortemente

que o livro foi escrito antes do trabalho de Ezra, ou seja, até a *ca.* 400 AC Não parece possível tentar encontros mais precisos no momento.

3. A Natureza da Literatura

O título hebraico do livro é traduzido como "Os provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel". "Provérbios" é uma tradução do hebraico *mashal* na sua forma plural. Assim, a designação hebraica para a literatura de Provérbios é *m e shalim* . O significado exato de *mashal* não é muito claro. A forma verbal da raiz ocorre em hebraico com duas idéias básicas: governar e ser como. Tentativas foram feitas para vincular essas idéias, mas é melhor considerar o significado primário de *mashal* como semelhança ou comparação. O uso de *mashal* no Antigo Testamento é variado. Pode ser usado de pequenos ditos duros, como aqueles em 1 Samuel 10:12 ; 24:14; Ezekiel 18: 2 , mas também de oráculos proféticos como em Isaías 14: 4 ; Micah 2: 4 ("canção taunt") e em poesia como em Salmos 49: 4 e 78: 2 ("parábola"). Assim, a palavra inglesa "provérbio" é mais restrita do que o hebraico *mashal* , e o leitor deve ter isso em mente. É provável que o *m e shalim* de Provérbios 1: 1 se refira ao conteúdo de todo o livro. Se o *mashel* é definido como um provérbio curto, conciso e popular, é uma caracterização insatisfatória do livro como um todo. No entanto, se *mashal*é entendido em um sentido mais geral como designando quase qualquer tipo de literatura de sabedoria, o título se torna satisfatório. Este é provavelmente o caso.

Mas, satisfatório como o *mashal* pode ser como uma maré, esse uso generalizado não ajuda muito com as tentativas de ser mais específico sobre a natureza da literatura em Provérbios. Estudos literários comparativos com o uso de metodologias de forma crítica ajudaram neste momento. Dois tipos principais de literatura podem ser discernidos juntamente com vários tipos menores.

O primeiro grande tipo de literatura é o do gênero Instrução, que se caracteriza pelo formato de instrução pai-a-filho, juntamente com o uso de vários tipos de imperativos mais cláusulas condicionais, motivacionais e conseqüentes. Ele domina os capítulos 1-9 ; 22: 17-24: 22 ; 31: 1-9 , embora uma diminuição considerável do gênero seja encontrada em algumas passagens: por exemplo, capítulos 2; 3: 13-20 ; 6: 6-11 ; 7: 6-23 (ver McKane, página 7).

A compreensão deste gênero da literatura de sabedoria é importante. É um tipo de literatura que se caracteriza pelo uso de imperativos em várias formas, positivas e negativas. O imperativo pode ser precedido por cláusulas condicionais ("Se você é um desses ... etc.) e será seguido por vários tipos de cláusulas motrizes e cláusulas conseqüentes que agregam elucidação e poder aos imperativos. Os próprios imperativos são na sua maioria declarações claras e simples com uso limitado de linguagem imaginativa. Basicamente, a forma imperativa da Instrução destina-se a dar instruções autorizadas em palavras simples sem muita explicação.

McKane diz que a função da cláusula condicional é definir a situação em que o (s) imperativo (s) será aplicado (p. 76), enquanto a função da cláusula motriz é mostrar que

o (s) imperativo (s) é razoável e o da cláusula conseqüente para mostrar que o (s) imperativo (s) é efetivo (p. 78).

Assim, a Instrução tem um tom autoritário. Há pouco convite para avaliação crítica do próprio imperativo. O contexto da experiência, da tradição e da sabedoria impõe uma obrigação de receptividade e obediência ao destinatário, que tipicamente é designado como "seu filho" ou "meu filho". Parece provável que o contexto original desta linguagem seja a instrução real de um filho de seu pai. Mas, no decorrer do tempo, essas formas de endereço se tornaram meras convenções literárias e as Instruções mostram sinais de preocupação educacional geral, especialmente para o tipo de jovens preparados para cargos altos e provavelmente para o público em geral.

O segundo tipo principal de literatura é a Sentença de Sabedoria. Sabedoria Sentenças de mais de um tipo são encontradas no Antigo Testamento. Eles são as declarações curtas e sucintas (usando um humor indicativo em contraste com o imperativo da Instrução) do tipo que mais se aproxima. conforme o significado da palavra inglesa provérbio (e provavelmente a forma mais básica de *mashal*): por exemplo, aqueles em Gênesis 10: 9 ; 1 Samuel 24:14 ; 1 Reis 20:11 ; Ezequiel 16:44 . Mas os ditos mais artísticos, literariamente compostos, constituem os maiores segmentos do livro dos Provérbios (10: 1-22: 16 ; 24: 23-34 ; 25-29).

A sentença de sabedoria é composta por uma gama considerável de características estilísticas. Mas quando mais de uma linha está envolvida, alguma forma de paralelismo é quase sempre usada. O tipo antitético ou de contraste, com contraste na segunda linha, é muito comum em Provérbios 10: 1-22: 16 e 25-29 (por exemplo, 10: 1 ; 14:11). No entanto, o paralelismo idêntico ou sintético também é encontrado. Neste tipo, o mesmo se diz em palavras diferentes na segunda linha, mas o significado da primeira linha pode ser estendido ou modificado (por exemplo, 10:18 ; 18:16).

São utilizadas diferentes formas de estilo. Um que é freqüentemente encontrado é a comparação pelo uso de "como (ou" como ") ... é um. . . "- por exemplo, 26: 7-11 , onde uma série de frases com a mesma forma são encontradas. A comparação pode ser feita pelo uso de "melhor que" como em 12: 9 ; 15:16, 17 ; 19: 1 ; 21: 9 ; 28: 6 .

Na maior parte, as Sentenças de sabedoria não têm um contexto imediato. São frases independentes que podem ser solitárias como observações sábias e julgamentos em assuntos específicos. Eles não requerem nenhum contexto. Quando as coleções de tais frases ocorrem, o resultado é um agrupamento muito atomístico com apenas uma estrutura solta. A interpretação de cada Sentença depende principalmente da própria Sentença e não do contexto literário imediato. No entanto, existem alguns agrupamentos secundários de material no livro de Provérbios. Esses agrupamentos podem ser estruturados em torno de palavras-chave, reproduzir o som de palavras, algum conteúdo comum ou considerações secundárias similares.

É possível que cada uma das principais coleções em Provérbios tenha um motivo ou ênfase geral que lhes dê algo de coerência temática. U. Skladny argumentou por tal coerência em um estudo recente. Ele procura mostrar que há quatro coleções, cada uma com alguma unidade temática: A (10-15) está preocupada com a antítese entre justiça e maldade; B (16: 1-22: 16) se ocupa especialmente da instrução dos oficiais no serviço real; C (25-27) é dominado pelas preocupações de agricultura e artesanato; D (28-29) é

projetado principalmente para o ensino de jovens para se tornarem bons membros da classe dominante.

O estudo de Skladny é útil, mas é duvidoso que haja tanta coerência nas coleções como ele supõe. As coleções são subordinadas às Sentenças e não podem ser usadas como uma base precisa para interpretação.

Se a suposição acima for correta (ou seja, as coleções, mas as Sentenças são básicas em Provérbios 10-29), a classificação das Sentenças (independentemente das coleções) torna-se de interesse considerável e valor potencial. McKane (op. Cit., Pp. 124-25, 189, 195, 197, 198, 199) tenta fazer uma distinção entre o tipo "não proverbial" e "proverbial" da Sentença de sabedoria. A Sentença de Sabedoria (ou aforalização) do tipo não proverbial é uma declaração simples que deve ser compreendida de forma literal e limitada. São comunicações prosaicas que "estabeleceram para fazer observações de forma direta e sem complicações".

Por outro lado, a frase de sabedoria proverbial é menos precisa em suas afirmações literais e é insatisfatória, se limitado a ser uma simples observação ou declaração de fato. Esse tipo de frase tem uma abertura à interpretação que não possui o tipo não proverbial.

Um exame aprofundado dos resultados desta abordagem revela que é altamente subjetivo e dependente, em muitos casos, da sensibilidade interpretativa do leitor. Uma declaração pode ser um provérbio para um intérprete e apenas uma declaração descritiva para outra.

No entanto, alguma ajuda é obtida por uma consciência da distinção que McKane faz. Por exemplo, em Provérbios há um bom número de declarações que aparecem como observações, úteis na vida diária, mas não destinadas a transmitir valores éticos ou teológicos duradouros. Na verdade, tentar extrapolar os princípios éticos ou os ditames teológicos deles poderia ser muito prejudicial. Exemplos desse tipo são as afirmações sobre suborno em 17: 8 ; 18:16 ; 21:14 (ver 15:27 ; 17:23); e riqueza em 19: 4 , 6, 7 .

Antes de dar atenção a outros tipos de literatura em Provérbios, é bom considerar a questão da relação entre a Instrução e a Sentença de Sabedoria. Tem sido quase axiomático no estudo da literatura de sabedoria para concluir que o gênero Instrução é um desenvolvimento da Sentença de Sabedoria. O verso ou declaração de linha única (com origem na sabedoria popular ou popular) foi considerada a mais básica. As declarações de múltiplas linhas com paralelismo poético evoluíram somente após um considerável processo de desenvolvimento. Do mesmo modo, ou um processo muito similar, as declarações de múltiplas linhas cresceram em instrução multi-verso e nas unidades maiores da literatura de sabedoria (estrafeiras, poemas didáticos, narrativas). Um resultado dessa visão da relação entre Instrução e Sentença de sabedoria tem sido a visão comum queProvérbios 1-9 é posterior aos capítulos 10-29 porque carece das formas, supra, mais antigas e mais curtas da Sentença com o paralelismo tão comum nos últimos.

Mas esse conceito da relação da Sentença de Sabedoria com a Instrução parece ser uma hipótese construída sobre evidências sólidas extremamente pequenas. Vários tipos de

poesia e literatura de sabedoria aparecem em todos os períodos da história literária de Israel. A suposição de uma evolução de um gênero para outro é desnecessária. O gênero imperativo-admonitório da Instrução não precisa ser um desenvolvimento do gênero observatório-indicativo das Sentenças. Ambos podem ser enquadrados com intenção didática e ser usados de forma mista e modificada; mas isso não exige uma hipótese intrínseca de desenvolvimento. Ambos os gêneros têm suas *próprias* histórias de desenvolvimento - incertas, pois os detalhes dessas histórias podem ser.

Um terceiro tipo de literatura que se encontra no livro de Provérbios é o Dicionário Numérico (por exemplo, 6: 16-19 ; 30: 7-9 , 15-31). Este tipo é composto de (1) uma linha de título que fornece o assunto e o número de itens que têm algo em comum com ele e (2) uma lista que enumera e descreve os itens. Um bom exemplo aparece em 30: 24-28 . Alguns estudiosos sugeriram que o Dicionário Numérico está relacionado à sequência de exemplos (como em Amós 3: 3-6) e ao enigma. Roth argumenta que há uma pequena relação em ambos os casos.O exemplo-seqüência compartilha com o Numerical Sayings uma série de coisas ou casos que estão relacionados a um assunto comum. Mas o número é secundário e pode ser aumentado ou diminuído. Este não é o caso no Numerical Saying porque o número é fixo e básico para o assunto. O enigma, como o enunciado numérico, supõe uma pergunta e procura uma resposta. Mas o enigma geralmente está preocupado com apenas uma questão e é menos diretamente didático e abrangente do que o ditado numérico.

Finalmente, algumas seções de Provérbios não parecem ser Instrução, Frases ou Provérbios Numéricos. Um tipo de gênero de pregação é encontrado em 1: 20-33; 2: 1-22; 6: 6-11; 8: 1-31; e 30: l-6. Narrativa é desenvolvida em 7: 6-27 ; 9: 1-6 , 13-18 ; 24: 30-34 ; Seções poéticas aparecem em 3: 13-20 ; 31: 10-31 (um poema alfabético).

III. Sabedoria no Livro dos Provérbios

Uma das características mais marcantes do livro dos Provérbios é a aparência da sabedoria como pessoa nos capítulos 1-9 . Cinco passagens são de especial interesse: 1: 20-33 ; 3: 19-20 ; 8: 1-21; 8: 22-31 ; 9: 1-6 .

A figura da Sabedoria nestas passagens é altamente personificada e difícil de definir. Há aqueles que vêem apenas uma personificação poética de um atributo de Javé. Outras definições incluem a teoria de uma hipóstase e um tipo de interpretação denominada "extensão da personalidade divina".Nenhuma dessas designações parece ser completamente adequada. É improvável que as passagens envolvam apenas uma metáfora literária sem realidade teológica. Por outro lado, a sabedoria não aparece como uma deidade separada, independente de Yahweh. É melhor pensar em termos de uma personificação básica da sabedoria de Yahweh, ao qual foram adicionados recursos extraídos de várias fontes, incluindo as mitologias do antigo Oriente Próximo. O resultado é uma personificação vívida que expressa uma nova concepção teológica de Deus.

1. Sabedoria empírica

Para uma compreensão mais completa do significado da figura da Sabedoria, é necessário conhecer algo do uso das palavras "sabedoria" (*chokmah*) e "sábio" (*chakam*) no Antigo Testamento. A referência primária de "sábio" ou "sabedoria" é a

habilidade e a capacidade de realizar uma tarefa ou atingir um objetivo. É pragmático e empírico. Assim, a sabedoria está associada a Bezalel e seus associados em termos de sua habilidade como artesãos (Ex. 28: 3 ; 35:31 ; 36: 1-2). Weavers (Ex. 35:25), ourives (Jeremias 10: 9), mulheres de luto (Jeremias 9:16), fabricantes de ídolos (Isaías 40:20), marinheiros (Eze. 27: 8)), e os juízes (Deuteronômio 16:19) são todos referidos como sábios. Na área de comportamento,. A sabedoria tem a ver com a eficácia da ação, independentemente da relevância ética (tais ações podem ser descritas como astutas ou astutas). Assim, Jonadab é descrito como "um homem extremamente sábio" em 2 Samuel 13: 3 porque seu plano forneceu Ammon a oportunidade de estuprar sua meio-irmã Tamar. Os usos do "sábio" neste sentido de ação efetiva e bem-sucedida também são encontrados no conselho de Davi para Salomão para a execução de Joabe e Simei (veja 1 Reis 2: 6, 9 , veja também Dan. 8:25, onde a referência é para Antiochus Epiphanes). Tais ilustrações justificam a definição de sabedoria como a capacidade de enfocar um objetivo definido e descobrir os meios para alcançá-lo.

Este tipo de sabedoria é encontrada tanto em animais como em homens. As formigas, os texugos, os gafanhotos e os lagartos são "extremamente sábios" porque, apesar de sua pequenez, eles são muito bem-sucedidos em seus esforços (30: 24-28). As limitações físicas podem ser superadas pela sabedoria (24: 5-6).

Mas a sabedoria não se limita ao significado de um nível de ação humana perspicaz. A compreensão moral e o comportamento ético estão incluídos. A sabedoria no livro de Provérbios está muito preocupada com a arte da boa vida; as técnicas da vida bem vivida. A expressão em Provérbios 1: 5 da habilidade de "direção" (como de um navio) é instrutiva. O sábio sabe como se piloto através da confusão das experiências da vida. Sobre uma vasta base de experiência, tradição e piedade, procura dominar a vida e viver com sucesso. Uma parte desse domínio é a capacidade de tomar as decisões éticas corretas. Isto explica, pelo menos até certo ponto, a grande ênfase no "homem justo" (especialmente nos capítulos 10-29).

Os professores da sabedoria queriam ensinar a seus alunos esse tipo de sabedoria. A sabedoria da "arte de viver" é encontrada com maior ênfase no gênero Instrução (por exemplo, 3: 1-2 ; 4: 10-12). A sabedoria é a experiência, a tradição e a capacidade de aprender. Pouca ou nenhuma evidência de inspiração ou revelação divina é encontrada. Este ensinamento assume uma ordem de existência que é básica para a vida boa e que pode ser entendida pelo sábio - pelo menos em parte, a Sabedoria é a capacidade de reunir a confusão dos fios da vida em algum tipo de tecido. Assume isso como a base intrínseca da existência humana.

É bom lembrar que a sabedoria era fundamentalmente não cultural (mas não religiosa). Não tinha a ver com rituais, sacrifícios, festivais, sacerdotes e profetas. O professor de sabedoria estava preocupado com as extensas áreas da vida que permaneceram fora da regulamentação direta do culto. Nessas áreas, as decisões de vital importância deveriam ser feitas todos os dias. O professor de sabedoria não abordou essa tarefa com uma coleção de mandamentos ou oráculos divinos. Era o caminho do conselho e da persuasão que derivava dos cânones de experiência e tradição.

2. Sabedoria teológica

Mas a sabedoria nem sempre é tão humanista no Antigo Testamento. Uma sabedoria que podemos chamar de ofensas teológicas é meramente pragmática. Existem vários aspectos desta sabedoria teológica. Primeiro, não é adquirido fundamentalmente pelo ensino dos homens. É o dom de Deus para aqueles cuja sabedoria os levou a temê-lo. Este aspecto da sabedoria está ilustrado nos Provérbios 2 . O primeiro verso começa com o endereço típico da Instrução "Meu filho"; e continua com uma protasis na linguagem tradicional ("minhas palavras", "meus mandamentos") do professor de sabedoria. Mas a apodosis em 2: 5-8 *não* é tradicional. A sabedoria tornou-se inseparavelmente ligada ao "temor de Javé" como em 1: 7 ; 9:10 ;15:33 ; etc. O medo de Javé é uma frase que expressa a totalidade da adoração e obediência a Deus. Assim, a prática da religião yahwista tornou-se a principal base para a sabedoria. O professor de sabedoria mistura o humanismo da sabedoria com a teologia, e a sabedoria é aprendida e recebida.

Em segundo lugar, a sabedoria está presente com Deus na criação. Provérbios 3:19 diz que "o Senhor, pela sabedoria, fundou a terra. "A este respeito, o poema em Jó 28 é de interesse. Trata-se da impotência do homem para descobrir a sabedoria apesar dos seus grandes avanços tecnológicos. Por sua força e habilidade, o homem pode realizar o que nenhum pássaro ou animal pode fazer (28: 7- 8). Ele pode penetrar a terra pela mineração e trazer grandes tesouros. Ele pode acumular grandes riquezas recolhidas de lugares difíceis e remotos do mundo. Mas o último segredo - sabedoria - está além do seu poder. A sabedoria foi estabelecida por Deus no processo de criação e, presumivelmente, continua a ter seu "lugar" no cosmos. Mas a localização e o caminho para o lugar da sabedoria estão além do conhecimento do homem. Deus sabe; o homem não.

Em Provérbios 8: 22-31 , a Sabedoria foi criada antes da Terra como "o primeiro de seus atos antigos" e esteve presente com Deus durante o processo de criação (v. 27-30). Ela se alegra com o mundo e se deleita com a humanidade (v. 31). Há uma grande diferença entre Sabedoria em Jó 28 e Sabedoria em Provérbios 8 . No primeiro, a Sabedoria só pode ser conhecida de maneira secundária através do "medo de Javé". Mas nas passagens de Provérbios, a Sabedoria sai para lugares públicos e, de forma evidente, pede aos homens que a levem, prometendo recompensas ricas aos que a recebem (8: 34-35).

Assim, a sabedoria é de origem divina, mas é encontrada tanto no mundo criado da natureza como na sociedade humana. Parece muito mais do que uma tecelagem humanística dos fios da vida em um tecido aceitável. Tornou-se a extensão e expressão da vontade e presença de Yahweh no mundo.

É importante notar que a forma da Sabedoria encontrada em Provérbios 1-9 não vem ao homem como um "ele" (isto é, como um ensinamento, mandamento, ritual ou outro), mas como um "eu" pessoal que invoca Os homens vivem. A sabedoria não é nada, menos do que a presença pessoal de Javé no mundo e entre os homens.

Esboço

I. Instrução (1: 1-9: 18)

   1. Introdução geral (1: 1-7)

2. Evitando má companhia e pregação da sabedoria (1: 8-33)
    1. Atenção contra o caminho dos pecadores (1: 8-19)
    2. Sabedoria e seu sermão (1: 20-33)
3. Conselhos gerais para um aluno sobre a natureza e o valor da sabedoria (2: 1-22)
4. As recompensas de uma vida disciplinada (3: 1-20)
    1. Confiando no Senhor (3: 1-12)
    2. Louvor da sabedoria (3: 13-20)
5. Mantendo sabedoria sólida (3: 21-35)
    1. A segurança da sabedoria (3: 21-26)
    2. Ao ser um bom vizinho (3: 27-35)
6. A instrução do professor em três partes (4: 1-27)
    1. Sabedoria de geração em geração (4: 1-9)
    2. Os caminhos do amanhecer e a profunda escuridão (4: 10-19)
    3. Sobre a disciplina de toda a pessoa (4: 20-27)
7. Instrução sobre comportamento sexual (5: 1-23)
    1. Cuidado com a mulher estranha (5: 1-14)
    2. Ame sua própria esposa (5: 15-20)
    3. Lembre-se de que Deus vê tudo (5: 21-23)
8. Lições econômicas e comportamentos sociais (6: l-19)
    1. Contra lidar com um emprestador de dinheiro (6: 1-5)
    2. A formiga como modelo (6: 6-11)
    3. O perturbador (6: 12-15)
    4. Sete tipos de comportamento anti-social (6: 16-19)
9. A loucura do adultério (6: 20-35)
10. Instrução sobre o poder sedutor da mulher estranha (7: 1-27)
    1. O poder preventivo dos mandamentos e da sabedoria (7: 1-5)
    2. Um jovem atrapalhado pela sedução (7: 6-23)
    3. As câmaras da morte (7: 24-27)
11. A pregação da sabedoria (8: 1-36)
    1. O chamado da sabedoria (8: 1-5)
    2. O valor da sabedoria (8: 6-11)
    3. O poder da sabedoria (8: 12-16)

4. As recompensas da sabedoria (8: 17-21)
5. A pessoa da sabedoria (8: 22-31)
6. A admoestação da sabedoria (8: 32-36)

12. Os convites de sabedoria e loucura (9: 1-18)
    1. O convite da sabedoria (9: 1-6)
    2. A inutilidade de corrigir um escarnecedor (9: 7-12)
    3. O convite da loucura (9: 13-18)

II. As coleções de provar solomônicas (10: 1-22: 16)

1. Coleção A (10: 1-15: 33)
    1. O sábio e o tolo (10: 1-14)
    2. Os ricos e os justos (10: 15-22)
    3. Os justos e os ímpios (10: 23-32)
    4. O valor da justiça (11: 1-11)
    5. Uma colagem de personagens (11: 12-17)
    6. Os retos e os ímpios (11: 18-23)
    7. Algumas anomalias (11: 24-31)
    8. Contraste de bens e maldade (12: 1-7)
    9. A falácia das fachadas (12: 8-28)
    10. O ensino de um pai (13: 1-13)
    11. O ensinamento dos sábios (13: 14-25)
    12. Sabedoria e insensatez; tristeza e alegria (14: 1-13)
    13. Variedades de caráter humano (14: 14-25)
    14. O medo do Senhor (14: 26-28)
    15. Contextos de sabedoria e loucura (14: 29-35)
    16. A disciplina do temperamento e da língua (15: 1-7)
    17. O medo do Senhor e a sabedoria (15: 8-33)
2. Coleção B (16: 1-22: 16)
    1. A orientação de Deus sobre a vida humana (16: 1-9)
    2. Responsabilidades reais (16: 10-15)
    3. O valor da sabedoria (16: 16-25)
    4. Os agitadores (16: 26-30)
    5. Provérbios sobre a vida e a conduta (16: 31-17: 10)
    6. Ensinamentos variados (17: 11-28)

7. Caminhos insensatos (18: 1-8)
8. Ao evitar a destruição (18: 9-15)
9. Ensinamentos e preceitos (18: 16-24)
10. Provérbios em vários assuntos (19: 1-18)
11. Caráter: bom e ruim (19: 19-24)
12. Observações diversas (19: 25-29)
13. Embriaguez e outros assuntos (20: 1-11)
14. Coisas melhores que o ouro (20: 12-18)
15. Sobre a vida e a conduta (20: 19-21: 5)
16. Os caminhos dos ímpios (21: 6-13)
17. Corrupção e outros assuntos (21: 14-31)
18. Observações diversas (22: 1-16)

III. Instrução em trinta ditados (22: 17-24: 22)

1. Prólogo (22: 17-21)
2. As palavras (22: 22-24: 22)
    1. Robando os fracos eo perigo de raiva (22: 22-25)
    2. Evitar a garantia; Cultive habilidades (22: 26-29)
    3. Maneiras de mesa e outros assuntos (23: 1-11)
    4. Disciplinar uma necessidade (23: 12-16)
    5. Ensinamentos diversos (23: 17-35)
    6. Evite homens maus; procure sabedoria (24: 1-10)
    7. Palavras contrastantes (24: 11-22)

IV. Uma coleção de homens sábios (24: 23-34)

1. Observações diversas (24: 23-29)
2. Na ociosidade (24: 30-34)

V. Coleção de sabedoria dos homens de Ezequias (25: 1-29: 27)

1. Coleção A (25: 1-27: 27)
    1. Em realeza (25: l-7a)
    2. Discussão e confronto pessoal (25: 7b-10)
    3. Conselho para uma boa vida (25: 11-28)
    4. Caricaturas de loucura e preguiça (26: 1-16)
    5. Interferência e ações mal-intencionadas (26: 17-28)
    6. Lições para a vida (27: 1-27)

2. Coleção B (28: 1-29: 27)
    1. Observações e ensinamentos (28: 1-14)
    2. Uma régua perversa e outros assuntos (28: 15-22)
    3. Questões de conduta e vida (28: 23-28)
    4. Variedades de homens (29: 1-11)
    5. Frases diversas (29: 12-27)

VI. As palavras de Agur (30: 1-33)
1. O ceticismo de Agur (30: 1-4)
2. Conselho e oração (30: 5-9)
3. Outros conselhos (30: 10-14)
4. Aviso contra maus caminhos (30: 15-17)
5. Quatro maravilhas incompreensíveis (30: 18-20)
6. Quatro tipos insuportáveis de pessoas (30: 21-23)
7. Quatro criaturas pequenas mas sábias (30: 24-28)
8. Quatro seres com stride stately (30: 29-31)
9. Autocontrole (30: 32-33)

VII. A instrução de Lemuel (31: 1-9)
1. Título e endereço (31: 1-2)
2. Aviso contra as mulheres (31: 3)
3. O bom uso do vinho e a justiça para os pobres (31: 4-9)

VIII. Um paradigma para uma esposa (31: 10-31)

Bibliografia selecionada

BARUCQ, ANDRE. *Le Livre des Proverbs.* ("Fontes Bibliques"). Paris: J. Gabalda, 1964.

BOSTROM, GUSTAV. *Proverbiastudien, morre Weisheit und das fremde Weib in Spr. 1-9.* ("Lund Universitets Arsskrift", NF Avd. 1 Bd 30. NR3.) Lund: CWK Gleerup, 1935.

FICHTNER, JOHANNES. *Die Altorientaltische Weisheit irher israelitisch-jüdischen Ausprägung.* ("Beihefte zur Zeitschrift fur die alttestamentliche Weisheit", 62.) Giessen: Alfred Töpelmann, 1933.

FRITSCH, CHARLES T. "O Livro dos Provérbios", *A Bíblia do Intérprete,* Vol. IV. Ed. GEORGE ARTHUR BUTTRICK. Nashville: Abingdon Press, 1955.

GEMSER, BEREND. *Sprüche Salomos.* ("Hand-buch zum alten Testament") Vol. 16, 2d ed. Tubingen: JCB Mohr (Paul Siebeck), 1963.

JONES, EDGAR. *Provérbios e Eclesiastes.* ("Torch Bible Commentaries".) Nova York: Macmillan Company, 1961.

KEDNER, DEREK. *Os Provérbios* ("The Tyndale Old Testament Commentaries"). Chicago: Inter-Varsity Press, 1964.

MCKANE, WILLIAM. *Profetas e homens sábios.* ("Estudos em Teologia Bíblica" nº 44.) Naperville, 111 .: Alec R. Allenson, Inc., 1965.

-. *Provérbios.* ("A Biblioteca do Antigo Testamento".) Filadélfia: The Westminster Press, 1970.

NOTH, M., e D. WINTON THOMAS, eds. *Sabedoria em Israel e no antigo Oriente Próximo.* ("Suplementos para Vetus Testamentum", III.) Leiden: EJ Brill, 1955.

OESTERLEY, WOE *O Livro dos Provérbios.* ("Comentários de Westminster") Londres: Methuen and Company, Ltd., 1929.

RINGGREN, HELMER. *Sprüche,* ("Das alte Testament Deutsch") Vol. 16, 2d ed. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967.

RYLAARSDAM, J. COERT. *Revelação na literatura de sabedoria judaica.* Chicago: University of Chicago Press, 1946.

-. *Provérbios, Eclesiastes, canção de Salomão.* ("The Layman's Bible Commentary".) Vol. 10. Richmond, Virgínia: John Knox Press, 1964.

SCOTT, RBY *Proverbs, Ecclesiastes.* ("The Anchor Bible") Vol. 18. Garden City, Nova York: Doubleday & Company, 1965.

SKLADNY, UDO. *Morrer em Spruchsammlungen em Israel.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962.

TOY, CRAWFORD H. *Um Comentário Crítico e Exegético sobre o Livro dos Provérbios.* ("The International Critical Commentary".) Edimburgo: T. & T. Clark, 1959 (reimpressão da edição de 1899).

WHYBRAY, RN *Sabedoria em Provérbios.* ("Estudos em Teologia Bíblica" No. 45.) Naperville, Ill .: Alec R. Allenson, Inc., 1965.

Comentário sobre o texto

I. Instrução (1: 1-9: 18)

1. Introdução geral (1: 1-7)

[1] Os provérbios de Salomão, filho de Davi,
rei de Israel:
[2] Para que os homens conheçam sabedoria e instrução,
Compreenda as palavras da percepção,
[3] recebem instrução em negociações sábias,
justiça, justiça e equidade;
[4] que a prudência pode ser dada ao simples,

conhecimento e discrição para a juventude -

5 o sábio também pode ouvir e aumentar a aprendizagem,

e o homem de compreensão adquire habilidades,

6 para entender um provérbio e uma figura,

as palavras do sábio e seus enigmas.

7 O medo do Senhor é o princípio do conhecimento;

Os tolos desprezam a sabedoria e a instrução.

Esses versos formam uma introdução geral não apenas aos capítulos 1-9, mas também ao livro inteiro. Foi dada atenção ao v. 1 na Introdução. Há pelo menos dois motivos para atribuir os provérbios a Salomão. (1) A relação histórica do movimento da sabedoria em Israel com Salomão (1 Reis 4: 29-34) tendeu a trazer toda a escrita da sabedoria para a categoria solomônica. (2) A literatura de sabedoria estava intimamente relacionada com o estabelecimento real (ver Int \.) E associada ao nome de um rei ou algum outro alto oficialmente associado à realeza.

O vocabulário de vv. 2-7 é extensa e representativa da literatura de sabedoria. A sabedoria tem sido discutida na Introdução; A discussão não precisa ser repetida. A instrução é a tradução de *musar* , que pode ser traduzida como "disciplina" ou mesmo "castigo" em alguns contextos (por exemplo, Deut. 4:36 ; 11: 2). Em Provérbios geralmente tem uma forte implicação de disciplina, aparecendo em paralelo com repreensão, por exemplo, 3:11, 12 ; 6:23 ; 13:18 , 24 ; e com repreensão em 13: 1 (Gemser, p. 19).

Pode estar intimamente correlacionado com uma palavra egípcia para instrução.

Compreender as palavras da percepção é um objetivo básico do ensino da sabedoria. As palavras de insight referem-se ao discurso racional (Toy, p. 5), a capacidade de fazer distinções e organizar o pensamento em uma expressão compreensível. A capacidade de decidir sobre as ações corretas e erradas está envolvida (ver 1 Reis 3: 9 e a oração de Salomão).

O tratamento sábio de v. 3 dá expressão ao ensino prático e pragmático do ensino da sabedoria. Davi apresentou essa aptidão em sua competência militar e sucesso em missões que lhe foram designadas por Saul (1 Samuel 18: 5 , 14-15 , 30). O comerciante sábio é o homem de ações efetivas e bem-sucedidas. No entanto, a linha paralela na v. 3 tende a modificar esta conotação. Pois as palavras justiça, justiça e equidade estão mais intimamente ligadas ao Yahwism e ao compromisso religioso direto do que a "negociação sábia" como tal. Assim, um controle moral e religioso é colocado em negociações sábias. A idéia básica de justiça é a conformidade com uma norma ou um relacionamento - o relacionamento estabelecido na aliança do Sinai e na entrega do*Torah* . A justiça é fundamentalmente um termo para uma decisão legal que se torna um precedente para a vida. A equidade traz a idéia de rectidão ou nivelamento. Na conduta, ele se refere à diretabilidade em oposição aos modos de comportamento tortuosos (Toy, p.7).

A linguagem pragmática da sabedoria retorna na v. 4 com as palavras *prudência* e *discrição.* A prudência é, na ocasião, pejorativa e significa astúcia ou astúcia (por exemplo, é usada da serpente em Gen. 3: 1). Mas em um sentido mais geral, ele indica habilidade em fala e ação incisivos. A discrição também é eticamente neutra e pode ser pejorativa (McKane, p. 265). As idéias de intriga, desenvoltura, planejamento e planejamento são transmitidas pelo termo. Isso implica a capacidade de tomar uma decisão cuidadosa sobre um curso de ação e vê-lo até o final desejado.

O aprendizado do v. 5 (iluminado, o que é tomado ou recebido) aponta para o conhecimento adquirido da tradição, o depósito da sabedoria do passado. É o conhecimento transmitido de professor para aluno. A habilidade é derivada da raiz para ligar e a corda substantiva. Transmite a idéia de um marinheiro que dirige um barco, ou seja, conhecimentos náuticos. O discernimento e a habilidade necessários para orientar um bom e bem sucedido curso através da vida era o objetivo dos homens sábios.

A realização desses objetivos no ensino do sabedoria depende do domínio das formas da arte literária dos sábios (v. 6). Provérbio foi discutido na Introdução. O significado da figura não é inteiramente certo (ver McKane, pág. 267); mas é provável que se refira a uma expressão ou ensino que requer interpretação para uma compreensão adequada. Riddle originalmente se referiu a um quebra-cabeça apresentado em concursos de inteligência ou jogos (Judg 14: 12-18 ; 2 Reis 10: 1). No entanto, o significado no contexto dos Provérbios provavelmente será mais do que o "discurso sombrio" (veja Números 12: 6-8 , cf. Hos. 2:10) ou discurso que não é facilmente compreendido sem algum comentário e explicação. O enigma como o provérbio e a figura, deve ser penetrado pela interpretação.

Podemos tomar nota dos tipos de pessoas com quem os professores da sabedoria estavam preocupados. Os homens de v. 2 não estão no texto hebraico (em vv. 2, 3, 4 , 6 ; a forma infinitiva do verbo é usada sem um assunto expresso: saber ou entender, etc.). Mas um grupo muito preocupante para os homens sábios aparece no v. 4 , ou seja, o simples.

"Simples" não é uma tradução feliz, embora seja difícil encontrar um que seja. O simples eram as pessoas inexperientes, principalmente jovens (note o paralelo com a juventude), masculino e imaturo. O termo não traz a idéia de falta de inteligência. Os simples eram ensináveis, abertos à instrução e na necessidade de orientação de um professor.

No entanto, o ensino da sabedoria é voltado para o homem sábio e para o homem de compreensão também. Dois comentários precisam ser feitos. (1) O versículo 5 aponta para uma conclusão geral sobre conhecimento e sabedoria: nenhum homem atinge o limite (ver 9: 9 ; 19:25). Sempre há mais para aprender. (2) O verso 5 quebra o padrão de vv. 2-6 e tentou alguns comentaristas a considerá-lo como um brilho entre parênteses (Toy, p.8). É parêntico, mas não deve ser depreciado por esse motivo. Seja parte do design original do vv. 1-6 ou não, é uma declaração apropriada.

O versículo 7 é um pouco independente, e foi vinculado com vv. 9 f . ao invés de vv. 1-6 (por exemplo, Gemser). Mas o verso não se relaciona também com vv. 8-19 em relação a vv. 1-6 . O verso 8 não possui conexão intrínseca com v. 7(McKane, pág. 265). O versículo 7 é freqüentemente chamado de lema ou motivo central do livro de

Provérbios (é repetido com variações em 9:10 ; Salmo 111: 10 ; Jó 28:28 ; Eccl. 1:14). Combina o medo do Senhor com conhecimento, sabedoria e instrução. O "medo" de Deus ou Javé tem uma série de ênfases no Antigo Testamento. Pode referir-se a um padrão de conduta que é considerado geralmente aceito por pessoas decentes (ver Gênesis 20:11 ; Ex 1:17 , 21). Em conexão com a adoração de Javé, o medo significa reverência na adoração e na obediência (por exemplo, Deut. 4:10 ; Levítico 19:14 , 32 ; Salmo 34:11). Como RN Whybray (pág. 96) resume, "temer Yahweh" quase expressou o que chamamos de Yahwism (ou judaísmo). Assim, Obadias poderia dizer a Elias: "Eu, seu servo, reverenciei o Senhor desde a minha mocidade" (1 Reis 18:12).

Whybray (página 97) também sugere que uma compreensão real do termo na literatura da sabedoria depende da observação da estreita conexão entre o medo de Yahweh e a educação. Em algumas passagens, o temor de Javé deve ser ensinado e aprendido (como no Salmo 34: 11-14 , Deut. 17: 18-20 ; 2 Reis 17: 25-28). O uso repetido da expressão em Deuteronômio e em Levítico 17-26 acrescenta mais evidências de sua relação com a instrução.

Mas essa tensão não aparece em Provérbios. Os dois sistemas de pensamento e educação (sabedoria e temor de Javé) foram misturados em um. O medo de Yahweh agora colore a interpretação de todo ensinamento de sabedoria. O contexto da sabedoria não é mais (se realmente existiu completamente como tal) o de uma disciplina educacional severa a nível humanista, mas de piedade *e* educação (McKane, p. 264). Mas a fonte da autoridade é Yahweh (não o professor), e não há como sabedoria, exceto por medo dele.

O começo do conhecimento. A palavra início provavelmente traz tanto a idéia do ponto de partida como a da essência ou finalidade final (Jones, página 58). Os *tolos* são aqueles que rejeitam sabedoria e instrução, o que equivale a rejeitar a presença efetiva de Deus (como no Salmo 14: 1). A palavra "tolos" traz idéias maçantes, ignorantes e moralmente insensíveis. Este tipo de tolo não é receptivo à sabedoria de Deus ou do homem; Ele despreza as instruções de ambos.

2. Evitar a má companhia e a pregação da sabedoria (1: 8-33)

(1) Atenção contra o caminho dos pecadores (1: 8-19)

8 Ouça, meu filho, as instruções do seu pai,
e não rejeitam os ensinamentos de sua mãe;
9 pois eles são uma guirlanda justa para sua cabeça,
e pingentes para seu pescoço.
10 Meu filho, se os pecadores o atraem,
não consente.
11 Se eles disserem: "Venha conosco, espere o sangue,
Deixe-nos querer emboscar o inocente;
12 como o Seol, permitam-nos engoli-los vivos
e inteiro, como aqueles que descem ao poço;

13 encontraremos todos os bens preciosos,
devemos encher nossas casas com despojo;
14 jogue o seu lote entre nós,
todos nós teremos uma bolsa "-
15 meu filho, não ande no caminho com eles,
segure seu pé de seus caminhos;
16 para os pés correrem para o mal,
e eles se apressam a derramar sangue.
17 Pois em vão é um spread líquido
à vista de qualquer pássaro;
18 Mas esses homens aguardam seu próprio sangue,
Eles estabeleceram uma emboscada para suas próprias vidas.
19 Tais são os caminhos de todos os que ganham violência;
Ele tira a vida de seus possuidores.

As características estilísticas da Instrução marcam esses versos. O uso do imperativo na frase inicial e o endereço meu filho são básicos. Cláusulas motivadoras introduzidas pela *para* fornecer suporte para o modo imperativo em que o ensino é dado. As cláusulas condicionais estendidas em vv. 11-14 indicam as condições que são especialmente aplicáveis ao imperativo.

Ouça - a natureza autorizada do ensino é indicada pelo imperativo. Ouvir, também na v. 5 , aponta para a receptividade do aluno para a instrução de um professor. A instrução geralmente era administrada oralmente, e, portanto, a capacidade e vontade de ouvir e receber era essencial.

Meu filho. Esta pode ser uma forma geral de endereço para o aluno. Está enraizado no fato de que a principal instituição de educação era o lar. Os primeiros professores eram os pais da criança. Os professores nas escolas tomaram o lugar dos pais no treinamento subseqüente. Eles se tornaram "pais" e "mães" dos alunos. É digna de nota a inclusão de ambos os termos parentais. O ensino da mãe está a par com o do pai (para outras referências à influência da mãe, veja 6:20 ; 10: 1 ; 15:20 ; 20:20 ; 30:17). Os ensinamentos dos pais não produzem vergonha ou constituem um pesado fardo; mas são uma guirlanda ou coroa justa para a cabeça e pingentes ou jóias para o pescoço, refletindo tanto o grande valor da sabedoria quanto a honra da obediência (Ringgren, p.14).

O tópico principal do ensino começa na v. 10 . É uma advertência contra as tentativas dos pecadores. O jovem é instado a resistir à persuasão daqueles que querem participar do assalto e da violência: não consentem. As proposições enfrentadas pelo jovem são apresentadas em vv. 11-14 .

Os caminhos da violência (aguardemos o sangue, isto é, o assassinato, emboscamos inocentemente os inocentes) são oferecidos como meio de dinheiro e tesouro (v. 13), bem como a participação em uma comunidade comunal (v. 14). As tentações de

violência (v. 12 indica um apetite insaciável para a destruição de outros), dinheiro e aceitação em uma bolsa de colegas são tentativas muito poderosas.

Mas o jovem é advertido que as consequências de aceitar o convite de tais pecadores não são boas (v. 15-19). Pois, em vão, uma expansão líquida não tem significado muito claro. O seu significado mais natural seria que um pássaro que assista a preparação de uma rede projetada para capturá-lo pode facilmente evitar a captura e, assim, torna essa preparação inútil. O significado no contexto seria que as conseqüências do crime são tão óbvias que devem ser facilmente evitadas. No entanto, v. 17 parece ser uma metáfora para o verso 18 , que expressa a convicção de que o comportamento criminoso descrito é autodestrutivo: esses homens aguardam seu próprio sangue. Como um boomerang, sua violência voltará sobre si mesma (Jones, p.66). Se for esse o caso, v. 17deve ser entendido no sentido de que, mesmo que o pássaro esteja ciente da preparação da rede, não há efeito dissuasivo. A isca na rede distorce o julgamento e o autocontrole, e o pássaro voa diretamente para uma certa captura.

O versículo 19 é uma declaração resumida da Instrução. O ganho desonesto acumulado por formas de violência e comportamento compulsivo e destrutivo produz a morte. Um conceito de ordem encontra-se sob o ensino. Os modos de violência e destruição produzem sua própria retribuição. Há um nexo entre o ato e a conseqüência que é incorporado na estrutura da realidade.

(2) Sabedoria e Seu Sermão (1: 20-33)

20 A sabedoria chora em voz alta na rua;
nos mercados ela levanta a voz;
21 no topo das paredes, ela chora;
À entrada dos portões da cidade ela fala:
22 "Quanto tempo, ó simples, você adorará ser simples?
Quanto tempo vai se divertir com seus burlões
e os tolos odeiam o conhecimento?
23 Preste atenção à minha repreensão;
Eis que vou derramar meus pensamentos para você;
Eu falarei minhas palavras para você.
24 Porque eu liguei e você se recusou a ouvir,
Esticou minha mão e ninguém atendeu,
25 e você ignorou todos os meus conselhos
e não teria minha repreensão,
26 Também vou rir da sua calamidade;
Eu vou zombar quando o pânico o atacar,
27 quando o pânico o atinge como uma tempestade,
e sua calamidade vem como um redemoinho,
quando a angústia e a angústia sobre você.

[28] Então eles me invocarão, mas não responderei;
Eles me procurarão diligentemente, mas não me encontrarão.
[29] Porque odiaram o conhecimento
e não escolheu o medo do Senhor,
[30] não teria nenhum dos meus conselhos,
e desprezou toda a minha censura,
[31] então eles comerão o fruto do seu caminho
e estar saciado com seus próprios dispositivos.
[32] Pois os simples são mortos ao se afastarem,
e a complacência dos tolos os destrói;
[33] mas aquele que me ouve morará seguro
e ficará à vontade, sem medo do mal ".

A sabedoria aparece como uma pessoa feminina nesta seção, como nos capítulos 8 e 9 . A forma plural peculiar (Heb \.) Na v. 20 deve ser entendida como um nome singular. A mesma forma também aparece em 9: 1 ; 24: 7 .

A sabedoria ergue a voz nas ruas e nas áreas portuárias da cidade onde as pessoas se reúnem e se misturam. *No topo das paredes* é incerto e pode significar "nos lugares onde há o maior ruído" por causa das atividades ocupadas das pessoas. Mas a leitura do RSV não é impossível (McKane, p.272). Em qualquer caso, a sabedoria dá sua mensagem em lugares ocupados e visíveis na cidade. Nos lembremos dos profetas que às vezes entraram nos lençóis e lugares públicos para pregar sua mensagem ao povo (ver Isaías 20 , Jeremias 5: 1 ; 7: 2). No entanto, é muito provável que os homens sábios também entraram em tais lugares para fazer seus ensinamentos e procurar estudantes (veja os relatos da mulher sábia em 2 Sam. 20: 14-22 ; de Jó emTrabalho 29).

Quanto tempo, ó simples, você adorará ser simples? A sabedoria aborda sua mensagem para os "simples" e os escarnecedores e tolos (v. 22 , 32). Para o simples, veja o comentário em 1: 4 . Os escarnecedores podem significar as pessoas desdenhosas, zombadoras e insolentes, como costumam assumir. Mas o verbo da raiz pode significar falar livremente; portanto, um falador ou um falante livre e descuidado pode ser o significado. As instruções egípcias colocam muita ênfase no discurso cuidadoso, e os professores de sabedoria israelitas também estavam preocupados com esse aspecto da vida (por exemplo, note a ênfase na língua e discurso temperado em 10: 19-20 , 31-32 ; 11: 12- 13; etc.). A falta de disciplina no discurso marca uma pessoa tão imatura (simples) e um tolo. *Kesil* (v. 22c) denota um tipo descarado, insolente de tolo, hiperativo em prejuízo e derramando conversas tolas (ver 10:23 ; 12:23).

Preste atenção à minha censura. A sabedoria exige um "giro" para suas advertências. Ela promete derramar seu espírito sobre aqueles que fazem isso - seu espírito fluirá ou expurará no destinatário. Pode haver um eco das promessas proféticas do vazamento do Espírito (Isaías 44: 3 , Joel 2: 28-29 , Ringgren, p.16). Eu farei minhas palavras conhecidas por você (v. 23b). A sabedoria promete aos que a recebem uma revelação de si mesma. Ao contrário dos profetas, que eram mensageiros com a palavra de Javé, a Sabedoria é ela mesma a revelação na forma pessoal.

Em vv. 24-31 A sabedoria arenga seu público com o vocabulário de um professor de sabedoria e a postura de um profeta (McKane, p. 274). Ela fala de conselho e repreensão como professora de sabedoria, mas a mão dele está esticada com a sua pregação como profeta (Isaías 65: 1-2). O idioma do vv. 26-27 é claramente semelhante ao dos oráculos proféticos de alerta e ameaça. No entanto, os oráculos proféticos apresentam a Javé como o executor do julgamento. Esse elemento não aparece aqui; Mas a própria Sabedoria, como uma espécie de substituto para o Senhor, rirá e zombará quando o desastre chegar a quem a recusa. Os motivos de riso, chamar-para fora, mas não-ouvir e procurar, mas não encontrar, são encontrados de Yahweh em outros contextos (ver Salmo 2: 4 ;Microfone. 3: 4 ; É um. 1:15 ; Jer. 11: 1 ; Hos. 5: 6 ; Kayatz, pp. 124-5). A oferta de sabedoria de sua mensagem e de si mesma não é incondicional e indefinida. Ela pede uma resposta positiva sem demora. Uma resposta tardia pode ser muito tarde.

Na v. 29, a sabedoria liga seus ensinamentos com o medo do Senhor. A autoridade de sua mensagem não é apenas a de sua experiência e habilidade. Ela tem autoridade divina por seu conselho e repreensão.

O castigo para aqueles que se recusam a Sabedoria é comer o fruto do seu próprio caminho e dispositivos. A alegria que eles agora acham em sua astúcia e independência se tornará um odioso e desagrado, como o do homem que come demais. Mas a escolha não é simplesmente entre a satisfação pessoal e a falta dela; É a escolha entre a morte e a vida segura (v. 32-33). A complacência [falsa sensação de tranquilidade e bem-estar] dos tolos os destrói.

3. Conselhos gerais para um Pupil sobre a Natureza eo Valor da Sabedoria (2: 1-22)

1 Meu filho, se você receber minhas palavras
e tesouro meus mandamentos com você,
2 fazendo o seu ouvido atento à sabedoria
e inclinando seu coração a entender;
3 sim, se você clama pela visão
e levante sua voz para entender,
4 se você procura como prata
e procure por tesouros escondidos;
5 então você entenderá o medo do SENHOR
e encontre o conhecimento de Deus.
6 Porque o Senhor dá sabedoria;
da sua boca vêm conhecimento e compreensão;
7 ele armazena sabedoria sólida para os justos;
Ele é um escudo para aqueles que andam integrados,
8 guardando os caminhos da justiça
e preservando o caminho de seus santos.
9 Então você entenderá justiça e justiça
e equidade, todo bom caminho;

10 pois a sabedoria entrará no seu coração,
e o conhecimento será agradável à sua alma;
11 discrição irá cuidar de você;
O entendimento irá protegê-lo;
12 te livrando do caminho do mal,
de homens de pervertido discurso
13 que abandonam os caminhos da retidão
para caminhar nos caminhos da escuridão,
14 que se regozijam em fazer o mal
e se deleitam com a perversidade do mal;
15 homens cujos caminhos são tortuosos,
e que são tortuosos em seus caminhos.
16 Você será salvo da mulher solta,
da aventureira com suas palavras suaves,
17 que abandona o companheiro de sua juventude
e esquece a aliança de seu Deus;
18 para sua casa afunda até a morte,
e seus caminhos para as sombras;
19 nenhum que vai para ela voltar
nem recuperam os caminhos da vida.
20 Então você vai caminhar no caminho dos bons homens
e continue com os caminhos dos justos.
21 Pois os justos habitarão a terra,
e os homens de integridade permanecerão nele;
22 Mas os ímpios serão cortados da terra,
e os traidores serão descartados.

O Capítulo 2 , como 1: 20-23 , tem um estilo de pregação. É instrução no modo voluntário, não o imperativo. A exortação é na forma de um apelo ao ouvinte: "Se você receber. . . então . . . Os versículos 1-4 contêm uma série de protases que formam o prólogo das apodoses em vv. 5 e 9. Os outros versículos fornecem explicação, motivação e consequências.

Em vv. 1-4, o professor pede que o aluno seja receptivo e zeloso para a sabedoria, o que é equiparado aos meus mandamentos na v. 1 . Os verbos são fortes e expressivos: receba, atenda, faça o seu ouvido atento, incline seu coração, etc. O aluno é instado a gritar por insight e aumentar sua voz para entender. Essas palavras podem ser entendidas como (1) um apelo no sentido de pedir insight e entendimento; ou (2) receber essas qualidades com gritos de aceitação e aclamação. O primeiro é mais provável e se encaixa na intensidade do compromisso com a sabedoria desejada pelo professor. O aluno deve procurar e procurar sabedoria. A sabedoria não é obtida pelo esforço passivo.

Os versículos 5-8 contêm a primeira apósseis, o que garante ao aluno que seu intenso desejo e busca a sabedoria não ficará desapontado: então você entenderá. A busca da sabedoria terminará com a compreensão do medo de Yahweh e do conhecimento de Deus. Como em 1: 7 , a sabedoria eo medo de Yahweh são fundidos. A confiança de v. 5 é garantida pela ação de Yahweh na vv. 6-8 . A sabedoria é o dom de Yahweh, e ele é a fonte do conhecimento e da compreensão. Os versículos 7-8 fornecem comentários e explicações do v. 6 . A palavra sabedoria sonora (*tushiyyah*) na v. 7é usado principalmente em Provérbios e Emprego. Ele traz a idéia de sentido prático, poder de ação, ajuda (3:21 ; 8:14 ; Jó 6:14 ; 12:16). A busca da sabedoria no nível humano será atendida por uma resposta favorável de Yahweh, que é amplamente dotado e equipado para proporcionar aos homens sabedoria e seus benefícios. Lembramos o ensinamento de Jesus em Mateus 7: 7-12 .

Os versículos 9 a 11 constituem a segunda apóssis. A missão no vv. 1-4 resultará em compreensão moral: então você entenderá justiça, justiça e equidade, todos os bons caminhos. O motivo desse resultado é a chegada da sabedoria à mente e a recepção bem-vinda do conhecimento à alma. O destinatário será protegido por discrição e compreensão. Discreção, que pode significar intriga ou trama, é usada em um sentido positivo: uma proteção alerta e efetiva. Os versículos 12-15explicam o tipo de comportamento e a pessoa com a qual a sabedoria e a compreensão se protegem. Um homem precisa de toda a discrição que ele pode obter quando confrontado com pessoas como estas!

O foco de atenção muda em vv. 16-19 dos homens de pervertido discurso para o perigo da mulher solta (ver marg., "Estranho"). Ela é a mulher que é diferente, estrangeira ou fora dos círculos habituais da vida, freqüentemente relacionada com cultos de fertilidade e representando um perigo tentador para os homens da comunidade (ver capítulo 7). Ela abandona o companheiro de sua juventude e esquece a aliança de seu Deus (v. 17). A "aliança de seu Deus" foi interpretada como uma referência para a aliança do casamento que é feita com Deus como testemunha (por exemplo, Toy, p.47). É muito mais provável que Boström tenha razão em interpretá-la como uma aliança com um deus estrangeiro e uma religião estrangeira. Ela não é uma Israelita da aliança com Javé.

Outra interpretação (de Ringgren) afirma que a mulher no v. 17 é uma israelita que abandonou a aliança de Javé e se tornou o devoto de um culto alienígena. O companheiro de sua juventude refere-se a Javé como em Jeremias 3: 4 . A associação de sua casa e seus caminhos com a morte em vv. 18-19 é considerado para fortalecer essa visão, porque a deusa do amor (Ishtar-Astarte), que forma o modelo para a mulher estranha, é conhecida na literatura antiga do Oriente Próximo, tanto para dar vida quanto para destruí-la.

A casa da mulher é um lugar perigoso que se inclina para a morte (isto é, para o Seol, o reino dos mortos) e seus caminhos para as sombras. Nenhum volta de segui-la; eles nunca recuperam os caminhos da vida. As sombras (*repha'im*) são os habitantes do Seol, o submundo dos mortos. É comum interpretar a *repha'im* como "sombras" ou "sombras" com a sensação de que os mortos em sua forma de vida enfraquecida e atenuada existem como sombras do seu antigo eu (p. Ex., Jones, p. 67). No entanto, é mais provável que a *repha'im* esteja relacionada com o *rpūm* ugarítico que aparece como deidades do submundo.

O futuro do homem que busca a sabedoria e a recebe é estabelecido na vv. 20-22 . Os retos e os homens de integridade terão a terra; enquanto os ímpios serão cortados e removidos da terra. A "terra" é a terra da Palestina (Gemser, p. 26), e o idioma é muito deuteronômico (ver Deut. 4:10 , 26 ; 6:18; etc.). Na teologia deuteronômica, a terra prometida é um componente básico do grande presente de salvação de Javé. Mas este dom é ameaçado pela desobediência de Israel aos mandamentos de Javé. A promessa da terra não é mais incondicional, mas depende daqueles que são fiéis e obedientes. Israel agora existe em dois grupos: os justos e os ímpios. Ringgren (página 19) observa que "a promessa de viver na terra e possuí-la é, portanto, não para o povo como um todo; mas somente para aqueles que obedecem aos mandamentos de Deus, ou que obedecem à Sabedoria, o que é o mesmo ".

4. As Recompensas de uma Vida Disciplinada (3: 1-20)

(1) Confiando no Senhor (3: 1-12)

1 Meu filho, não se esqueça do meu ensino,
mas deixe seu coração manter meus mandamentos;
2 por duração de dias e anos de vida
e o bem-estar abundante que eles lhe deram.
3 Não deixe a lealdade e a fidelidade abandoná-lo;
ligue-os sobre seu pescoço
escreva-os no tablet do seu coração.
4 Então você vai achar favor e boa reputação
à vista de Deus e do homem.
5 Confie no SENHOR com todo seu coração,
e não confie em sua própria visão.
8 Em todos os seus sentidos reconheça-o,
e ele fará seus caminhos diretos.
7 Não seja sábio em seus próprios olhos;
Tema o Senhor e afaste-se do mal.
8 Será cura para a sua carne
e refresco para seus ossos.
9 Honre o SENHOR com sua substância
e com os primeiros frutos de todos os seus produtos;
10 então seus bams serão preenchidos com abundância,
e suas cubas estourarão com vinho.
11 Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor
ou seja cansado de sua repreensão,
12 Porque o Senhor repreende aquele a quem ama;
como pai o filho em quem ele se deleita.

McKane (página 290) observa que esta seção abre com a linguagem convencional das Instruções: meu filho, não se esqueça do meu ensino (*torah*). Mas, começando com o v. 3, o conteúdo da passagem se torna muito diferente da instrução usual: "seus conteúdos nos conduzem ao coração da fé e prática yahwistas". A lealdade é apropriadamente a designação da unidade e solidariedade entre os partidos de uma aliança relação. A fidelidade refere-se à firmeza, confiabilidade ou confiabilidade. As palavras são usadas em conjunto da relação entre pai e filho (Gênesis 47:29); de Deus aos homens (Gênesis 24:27 ; Deut. 7: 6); do homem e do homem (Hos. 4: 1 ; Prov. 14:22). É muito provável que "lealdade e fidelidade" se refiram à solidariedade da aliança da religião de Israel. As últimas partes da v. 3 são muito semelhantes às fraseologias encontradas nos contextos da aliança e da lei (por exemplo, Ex. 13: 9 , 16 ; Deut. 11:18). A motivação para lealdade e fidelidade é encontrada na v. 4 .

Os versículos 5-12 são completamente religiosos e Yahwistic. Estes versículos lidam com quatro assuntos (Gemser, página 27). (a) Confie no Senhor com todo seu coração. A confiança deve ser colocada em Yahweh e não em sua própria visão. Yahweh tornará os caminhos da vida retos, ou seja, remover obstáculos e evitar que tal pessoa se desvie para lugares perigosos.

(b) A humildade é o caminho para a saúde, (vv. 7-8). O homem tem pouca esperança que se avalia mais altamente do que deveria fazer (ver Isa. 5:21). A confiança de um homem não pode ser colocada em sua própria capacidade de pensar e agir. O medo de Yahweh é a verdadeira base de confiança. Produz a vitalidade e a vitalidade revigoradas.

(c) Honre o Senhor com sua substância. A honra provavelmente significa trazer um presente, como em Isaías 43:23 (Gemser, p.28). Os primeiros frutos recordam Deuteronômio 18: 4 ; 26: 2 ; 1 Amós 6: 6 . A promessa em v. 10 concorda com Deuteronômio 28: 8 e Malaquias 3: 10-12 .

(d) Meu filho, não despreze a disciplina do Senhor. A submissão e apreciação da disciplina de Yahweh é essencial para a vida boa. O Senhor pode administrar uma punição severa, mas é uma expressão de seu amor (v. 12). Ele age como um pai para um filho que o agrada. A correção de Javé daqueles que estão sob sua disciplina revela seu amor por eles.

(2) Louvor da Sabedoria (3: 13-20)

13 Feliz é o homem que encontra sabedoria,
e o homem que entende,
14 para ganhar com isso é melhor do que ganhar de prata
e seu lucro é melhor do que o ouro.
15 Ela é mais preciosa do que as jóias,
e nada que você deseja pode comparar com ela.
16 A vida longa está na mão direita;
Na mão esquerda são riquezas e honras.
17 Seus caminhos são maneiras de prazer,

e todos os seus caminhos são paz.

18 Ela é uma árvore de vida para aqueles que se apegam a ela;

Aqueles que a mantêm rápida são chamados de felizes.

19 O SENHOR, por sabedoria, fundou a terra;

Ao entender que ele estabeleceu os céus;

20 pelo seu conhecimento, as profundezas brotaram,

e as nuvens deixam cair o orvalho.

Um estilo hymnic marca esses versos. Eles não têm endereço pessoal nem fazem qualquer demanda, embora seu objetivo seja instruir e recomendar a sabedoria. Eles são muito parecidos com os salmos da sabedoria (por exemplo, Salmos 37 ; 49; 73 ; 112). O homem que goza dos benefícios da sabedoria é louvado em vv. 13-18 . Ele é melhor que o homem que ganha prata e ouro (v. 14). Um considerável grau de personificação da sabedoria aparece na vv. 15-18. Três figuras da sabedoria são moldadas para apresentar seu valor incomparável, (a) Ela é como uma deusa que possui um símbolo de vida em uma mão e um símbolo de riqueza e honra no outro (Kayatz, pág. 105). (b) Ela é um bom guia que leva aqueles que a seguem ao longo de caminhos agradáveis e pacíficos, (c) Ela é uma árvore de vida para aqueles que a agarram (Gênesis 2: 9 ; Prov. 11:30 ; 13 : 12). A árvore ou a videira é freqüentemente um símbolo da vida (por exemplo, John 15: 1-11).

O Senhor, por sabedoria, fundou a Terra. Mais uma vez, a sabedoria é personificada ou semi-personificada. Vv. 19-20 pressupõem algum grau de existência independente da sabedoria, uma existência que antidata o universo.

5. Mantendo Sólida Sabedoria (3: 21-35)

(1) A segurança da sabedoria (3: 21-26)

21 Meu filho, mantenha sabedoria e discrição;

Deixe que eles não escapem de sua visão,

22 e eles serão vida para sua alma

e adornos para seu pescoço.

23 Então você andará no caminho de forma segura

e seu pé não vai tropeçar.

24 Se você se sentar, não terá medo;

Quando você se deitar, seu sono será doce.

25 Não tenha medo de um pânico repentino,

ou da ruína dos ímpios, quando vem;

26 para o Senhor será sua confiança

e fará com que seu pé não seja pego.

Em vv. 21-24, o impulso principal é a segurança que a sabedoria dá. A sabedoria sólida (cf. 2: 7) e a discrição (ver 1: 4) exigem atenção constante. O discípulo deve mantê-los sob guarda constante. O verbo para escapar significa escapar ou fugir. Essas habilidades

devem receber atenção constante; Mas essa atenção resulta em vida e segurança para o homem que a dá. Os versículos 23 a 24 estabelecem a segurança de tal homem e relembram o Salmo 91 e Jó 7: 13-15 .

Os versículos 25-26 continuam com o tema da segurança em vv. 21-24 e fundamentou em confiança em Yahweh. Yahweh impedirá o discípulo de cair em lugares perigosos ou armadilhas. Não precisa temer o repentino terror e destruição que ultrapassará os ímpios.

(2) Ao ser um bom vizinho (3: 27-35)

> *27 Não retire o bem daqueles a quem é devido,*
> *quando estiver ao seu alcance para fazê-lo.*
> *28 Não diga ao seu vizinho: "Vá e volte,*
> *amanhã vou dar ", quando você tiver com você.*
> *29 Não planifique o mal contra o seu vizinho*
> *que habita confiantemente ao seu lado.*
> *30 Não lide com um homem sem motivo,*
> *quando ele não fez nenhum mal.*
> *31 Não inveja um homem de violência*
> *e não escolha nenhum dos seus caminhos;*
> *32 para o homem perverso é uma abominação para o Senhor,*
> *mas os direitos estão em sua confiança.*
> *33 A maldição do SENHOR está na casa dos ímpios,*
> *mas abençoa a morada dos justos.*
> *34 Para os escoteiros, ele é desdenhoso,*
> *Mas para os humildes que ele mostra favor.*
> *35 O sábio herdará honra,*
> *mas os tolos ficam desonrados.*

Esses versos têm pouca ou nenhuma relação direta com vv. 21-26 . Claro, eles ilustram uma das principais maneiras pelas quais a sabedoria e o poder discricionário são exercidos; e as cláusulas de motivação em vv. 33-35 são Yahwistic como em vv. 25-26 . O caráter de um bom vizinho é expresso em uma série de mandamentos em vv. 27-31 . O bom vizinho cumpre suas obrigações, não aproveita um vizinho desavisado, não suscita problemas com um homem que não lhe fez nenhum mal e não inveja o homem que faz o seu próprio caminho por meios violentos.

A motivação para tal comportamento não é apenas um apelo ao interesse próprio e à decência humana esclarecida, mas é baseado na atitude e ação de Yahweh em vv. 32-35 . O homem perverso (torto, tortuoso, despreocupado) não é aceitável para Yahweh. Ele é uma abominação para o Senhor. Esta expressão é encontrada várias vezes em Provérbios em diferentes contextos (6:16 ; 11: 1 , 20 ; 12:22 , etc.). No entanto, além de seu uso em Provérbios, a expressão é usada em Deuteronômio (7: 25-26 ; 14: 3 ; 18: 9, etc.) referindo-se à devoção cultual exclusiva a Yahweh, isto é, quanto

à pureza e fidelidade na adoração. Em Provérbios está relacionado a falhas éticas e sociais na condução dos homens (McKane, página 301).

O homem perverso é uma abominação para o Senhor, mas os justos estão em sua confiança. A palavra traduzida "confiança" é *ṣod* , que contém conotações de comunhão, status e unidade. Como Gemser observa: "Não há maior honra para um homem do que pertencer ao *sod* de Yahweh" (p.32).

6. Instruções de professores em três partes (4: 1-27)

Em contraste com o capítulo 3 , o capítulo 4 tem muito pouca ênfase yahwística. Contém instruções sobre o padrão de ensinar a sabedoria geral. A autoridade é a da disciplina (*musar*) do professor.

(1) Sabedoria da Geração à Geração (4: 1-9)

> *1 Ouça, ó filhos, instruções de um pai,*
> *e fique atento, que você possa obter uma visão;*
> *2 porque eu lhe dou bons preceitos:*
> *não abandone meus ensinamentos.*
> *3 Quando eu era filho com meu pai,*
> *concurso, o único à vista da minha mãe,*
> *4 ele me ensinou e disse-me:*
> *"Deixe seu coração segurar minhas palavras;*
> *mantenha meus mandamentos e viva;*
> *5 não se esqueça, e não se afaste das palavras da minha boca.*
> *Obtenha sabedoria; obter uma visão.*
> *6 Não a abandone, e ela irá mantê-lo;*
> *Ama-a, e ela vai te proteger.*
> *7 O princípio da sabedoria é este: Obter sabedoria,*
> *e o que quer que você obtenha, tenha uma visão.*
> *8 Prêmio ele altamente, e ela irá exaltá-lo;*
> *ela irá honrá-lo se você abraçá-la.*
> *9 Ela colocará na sua cabeça uma guirlanda justa;*
> *ela lhe dará uma bela coroa ".*

O professor aborda os alunos (filhos) na vv. 1-5 e dá uma base fundamental para o ensino da sabedoria. É improvável que devamos pensar em um contexto familiar com um pai dirigindo-se a seus filhos - embora isso não seja impossível. Os filhos do plural indicam estudantes. No entanto, devemos lembrar que a relação professor-aluno foi modelada após a relação pai-filho. A professora atuou *em loco parentis* .

A base para a autoridade do professor neste contexto é o ensino que ele recebeu de seu pai e mãe (v. 3-4). O professor transita o ensino que ele ganhou da geração passada. Ele exige receptividade, atenção e obediência. Ele não atrai qualquer autoridade além de sua própria experiência e a qualidade inerente de seu ensino (v. 2). O professor mostra seu envolvimento pessoal no meu ensino (*torah*). Ele fez o que ele recebeu.

Em vv. 5-9, o professor exorta seus alunos a obter sabedoria; obter uma visão (as linhas não devem ser revertidas como em RSV) e exalta as recompensas da sabedoria. A ênfase nestes versículos cai em frente . O verbo neste contexto significa adquirir ou trazer em sua posse, provavelmente sem consideração pelo custo. O "get" é reforçado pelo prêmio altamente e abraçá-la. Alguns comentaristas (por exemplo, Ringgren) vêem a foto aqui como a de uma noiva ou amante que deve ser abraçada e mantida (em contraste com a mulher estranha, cf. 2:16). A guirlanda justa e a linda coroa são pensadas para se referir aos costumes do casamento, ornamentos que a noiva coloca no noivo. Mas esses adereços são mais propensos a pertencer a ocasiões do festival (então Gemser, p. 33, que citaÉ um. 28: 1-6 ; 61: 3 , 10 ; Ezek. 23:42 ; 16:12 , Wisd. de Sol. 2: 7-8); e McKane provavelmente está correto em argumentar que a imagem é a de um patrono elevado que se preocupa com seu protegido e espera fidelidade e admiração contínuas de volta por ele (pág. 306).

(2) The Ways of Dawn e Deep Darkness (4: 10-19)

10 Ouça, meu filho, e aceite minhas palavras,
que os anos de sua vida podem ser muitos.
11 Ensinei-lhe o caminho da sabedoria;
Eu o guiei nos caminhos da retidão.
12 Quando você anda, seu passo não será prejudicado;
e se você correr, você não tropeçará.
13 Mantenha as instruções, não deixe ir;
Guarda-a, pois ela é sua vida.
14 Não entre no caminho dos perversos,
e não ande no caminho dos homens malvados.
15 Evite; não continue com isso;
Afaste-se e passe.
16 Pois não podem dormir a menos que tenham cometido erros;
Eles são roubados de dormir, a menos que tenham tropeçado.
17 Porque eles comem o pão da iniqüidade
e beber o vinho da violência.
18 Mas o caminho dos justos é como a luz do amanhecer,
que brilha mais brilhante e brilhante até o dia inteiro.
19 O caminho dos ímpios é como a escuridão profunda;
eles não sabem sobre o que eles tropeçam.

A idéia-chave nesta seção é o caminho: o caminho da sabedoria e o caminho dos homens malignos ou palavras paralelas como caminho. As duas maneiras são contrastadas em vv. 18-19 . O caminho dos justos torna-se mais brilhante e brilhante, como o dia de amanhã que continua a aumentar na luz até o meio dia (Salmo 97:11 ; Jó 11:17 , Isaías 58: 8). Mas o caminho dos ímpios é como uma escuridão profunda (A escuridão espessa que cobriu os egípcios no Êxodo: Ex. 10: 21-22 ; Deut. 28: 28-29), na qual eles não podem evitar tropeçar e cair. O caminho neste contexto refere-se ao modo de vida do indivíduo, em vez do caminho de Israel ou do povo de Javé (como em Deut. 8; veja Scott, p. 51).

(3) Sobre a Disciplina da Pessoa Inteira (4: 20-27)

20 Meu filho, esteja atento às minhas palavras;
incline seu ouvido para as minhas palavras.
21 Que não escapem de sua vista;
Mantenha-os dentro do seu coração.
22 Pois são vida para aquele que os encontra,
e cura para toda a sua carne.
23 Mantenha seu coração com toda vigilância;
pois dele fluem as origens da vida.
24 Afaste-se de você, discurso torto,
e coloque palavras distorcidas longe de você.
25 Deixe seus olhos olhar diretamente para a frente,
e seu olhar seja direto diante de você.
26 Leve o caminho dos seus pés,
então todos os seus caminhos terão certeza.
27 Não desvie para a direita ou para a esquerda;
Afaste o pé do mal.

Este discurso é articulado em torno da idéia de disciplina do coração, boca, olhos e pés. O coração não é principalmente o símbolo da emoção, embora a emoção não seja excluída, mas do pensamento, da mente e da vontade da pessoa interior. O coração deve ser guardado de perto porque é a fonte central e o fator de controle na vida. A boca deve ser disciplinada em harmonia com o coração. Da mesma forma, os olhos e os pés devem ser mantidos retos, de modo que não haja desvio. A preocupação dos sábios com toda a pessoa é clara nestes versículos. Os professores da sabedoria estavam interessados em educar um homem para ser o tipo certo de pessoa para se mover "direto" pela vida.

7. Instrução sobre comportamento sexual (5: 1-23)

O quinto capítulo está preocupado com um tema familiar na literatura de sabedoria, israelita e internacional, ou seja, o perigo de assuntos sexuais. O jovem é advertido de uma forma "robusta de homem a homem" (Mic-Kane, p. 312) das amargas consequências das relações ilícitas e encorajado por um retrato gráfico e sedutor das

alegrias do sexo em casa com o seu próprio esposa. O recurso é feito diretamente para o interesse pessoal.

(1) Cuidado com a mulher estranha (5: 1-14)

1 Meu filho, esteja atento à minha sabedoria,
incline seu ouvido para o meu entendimento;
2 que você pode manter discrição,
e seus lábios podem proteger o conhecimento.
3 Porque os lábios de uma mulher solta goteiam mel,
e seu discurso é mais suave que o petróleo;
4, mas no final ela é amarga como o absinto,
afiada como uma espada de dois gumes.
5 Os seus pés descem até a morte;
Seus passos seguem o caminho para o Sheol;
6 ela não presta atenção ao caminho da vida;
Seus caminhos vagam, e ela não sabe disso.
7 E agora, ó filhos, ouça-me,
e não se afaste das palavras da minha boca.
8 Mantenha o seu caminho longe dela,
e não se aproxime da porta de sua casa;
9 para que você dê sua honra aos outros
e seus anos para o impiedoso;
10 para que estranhos se ocupem da sua força,
e seus trabalhos vão para a casa de um alienígena;
11 e no final da sua vida você geme,
Quando sua carne e corpo são consumidos,
12 e você diz: "Como eu odiava a disciplina,
e meu coração desprezou a repreensão!
13 Não escutei a voz dos meus professores
ou incline minha orelha para meus instrutores.
14 Eu estava no ponto da total ruína
na congregação reunida ".

O perigo da mulher solta *(ver* 2:16 , marg., "Mulher estranha", também ver comentário em 2: 16-19) é descrito na vv. 1-6 . Ela é extremamente sedutora, com lábios que goteiam mel e pronunciam um discurso sedutor e suave. Sua "estranheza" ou "frouxidão" a torna emocionante e tentadora. Ela apresenta o jovem - de fato, qualquer homem com uma poderosa atração sexual.

Mas o aviso é projetado para abafar seu apelo sedutor. O resultado final de render-se a ela é amargo como o absinto e afiado como uma espada de dois gumes. A doçura de

seus lábios se transforma no terrível gosto amargo de absinto. O homem que segue atrás dela não precisa ter piedade. Sua boca, tão suave e suave na sedução, torna-se como as bordas afiadas de uma espada. Um homem achará que ela não lida com misericórdia - e ele não merece nenhum, se ele é tão tolo quanto tentar usá-la para satisfazer seus próprios desejos sexuais. Ela segue o caminho que leva à morte; seus passeios ignoram o caminho da vida. A "mulher estranha" parece oferecer a um homem os luxos da alegria sensual sem a responsabilidade e os compromissos do casamento. Mas ele achará que isso é uma armadilha. A ironia do assunto é que todo o seu modo de vida, incluindo a maneira como ele lida com os homens,v. 6b ; cf. NEB, "seu curso gira por aqui e aí, e o que ele se importa?")

O método recomendado para evitar a sedução da "mulher estranha" é encontrado em vv. 7-8 , a saber, fique longe dela. "Não se aproxime da porta de sua casa!" Os sábios sabiam que um homem nunca deveria testar sua disciplina, submetendo-a a tentação desnecessária!

As advertências em vv. 9-14 são geralmente claras, mas há alguns detalhes incertos. O "filho" que fica muito perto da mulher sofrerá a perda de sua honra, dinheiro e ganhos devidos para estranhos. Quando ele é reduzido a uma condição miserável, ele lembrará com remorso angustiado como ele desprezou a disciplina de seus professores. Os estranhos provavelmente se referem à mulher e seus associados, que não são israelitas ou, pelo menos, são estranhos aos círculos normais da vida na comunidade. O impiedoso é singular no texto (o cruel) e provavelmente se refere a essa mulher, que é como a deusa Ishtar em seu tratamento implacável de seus amantes. O final da sua vida está sobre-traduzido. A palavra é paralela, mas no final do v. 4e deve ser entendida no sentido de "resultado final". A congregação *reunida* pode se referir a uma audiência legal pela comunidade em que a pena por adultério está prestes a ser infligida ao culpado - aparentemente não aqui a pena de morte como em Deuteronômio 22:22 e Leviticus 20:10 (mas talvez alguma forma de castigo físico como em Prov. 6:33). Ex-comunicação, desgraça e confisco de propriedade podem ter sido envolvidos.

(2) Ame sua própria esposa (5: 15-20)

15 Beba água da sua própria cisterna,
fluindo água do seu próprio poço.
16 Se as suas molas se espalharem,
Fluxos de água nas ruas?
17 Deixe-os estar sozinhos,
e não para estranhos com você.
18 Deixe sua fonte ser abençoada,
e regozije-se com a esposa da sua juventude,
19 uma raça animada, uma coragem graciosa.
Deixe seu carinho preenchê-lo sempre com alegria,
seja infatuado sempre com o amor dela.
20 Por que você deveria estar apaixonado, meu filho, com uma mulher solta
e abraçar o seio de uma aventureira?

As alegrias do sexo em casa com a própria esposa estão em contraste com os resultados amargos e desastrosos de amar uma "mulher estranha". O significado do v. 15 é que a relação sexual deve ser tida com a própria esposa. A interpretação da imagem em vv. 16-17 tem sido objeto de algum debate. Mas, com certeza, eles admoestam contra a relação sexual com estranhos (cf Ecclus 26: 19-21). Os prazeres sexuais de uma esposa são recomendados na vv. 18-19 . Como Rylaarsdam (p. 33) observa: "Esses versículos elogiam o gozo sensível do casamento de maneira saudável e desinibida. . . "A palavra-chave em vv. 19-20está apaixonado. Há uma paixão saudável e desejável; Mas uma atração tão apaixonada não deve ser dada a uma mulher solta.

(3) Lembre-se de que Deus vê tudo (5: 21-23)

> *21 Porque os caminhos de um homem estão diante dos olhos do SENHOR ,*
> *e ele observa todos os seus caminhos.*
> *22 As iniqüidades dos ímpios o prendem,*
> *e ele está preso no trabalho de seu pecado.*
> *23 Ele morre por falta de disciplina,*
> *e por sua grande insensatez ele está perdido.*

Uma motivação adicional é dada para o comportamento correto: Yahweh vê tudo. Um homem pode pensar que seu comportamento sexual está escondido; e pode ser da observação humana. Mas Deus vê tudo (15: 3 , 11 ; 24:12), e ele permite que os ímpios sejam enredados por suas próprias iniqüidades. A pessoa perversa se encaixa nas lâminas de seus pecados. Ele morrerá por falta de disciplina. Ele será perdido por causa de sua loucura. O verbo para perda é o mesmo que "infatuado" em vv. 19-20; mas o paralelismo parece exigir algum significado como perecer (Toy, pág. 117) ou levado (Gemser, pág. 36). McKane (p. 313), seguindo o driver GR, pensa em termos de envolvimento de um cadáver em um sudário - a mortalha neste caso é a sua grande insensatez. Esta interpretação é refletida pela tradução da NEB: "envolto no sudário de sua insensível ilusão".

8. Lições sobre Economia e Comportamento Social (6: 1-19)

(1) Contra lidar com um destinatário (6: 1-5)

> *1 Meu filho, se você se tornou garantia para o seu vizinho,*
> *deu sua promessa de um estranho;*
> *2 se você estiver preso no enunciado de seus lábios,*
> *pego nas palavras da sua boca;*
> *3 então faça isso, meu filho, e salve-se,*
> *pois você entrou no poder do seu vizinho:*
> *vá, apresse, e importe seu vizinho.*
> *4 Dê seus olhos sem dormir*
> *e suas pálpebras não dormem;*
> *5 salve-se como uma gazela do caçador,*

como um pássaro da mão do fowler.

O aviso contra a garantia é repetido várias vezes em Provérbios (11:15 ; 20:16 ; 22:26 ; 27:13), mas a situação exata que o professor tem em mente neste contexto é difícil de verificar. Parece improvável que essas admoestações fortes sejam direcionadas para a monitoria comum entre os membros da comunidade - embora isso possa ser um grande problema e pode não ser excluído inteiramente. O estranho é um estranho, seja israelita ou (provavelmente) estrangeiro. O vizinho pode ser um emprestador ou intermediário cujo negócio é o de elaborar negócios financeiros de vários tipos. A promessa de dar e receber foi prática comercial comum no mundo antigo (ver Gn 38: 17-20 , ex. 22:26 ;Neh. 5: 3).

Em qualquer caso, é claro que os arranjos complicados de finanças e negócios devem ser tratados com grande cautela e saídos do mais rápido possível (vv. 2-5). Se um homem se encontra em tal relacionamento, ele deve fazer todos os esforços para se libertar, pois ele é tão vulnerável quanto uma gazela é para um caçador e um pássaro para um caçador. Esta não é uma situação para permitir que o orgulho interfira, e não deve haver descanso até que a liberdade seja adquirida. Não havia meios legais para libertar um homem de um compromisso selado por um juramento (ver Números 30: 2). Não havia leis de falência para proteger os devedores. Ele só podia importar (a palavra de Scott é "pester", pág. 56), seu vizinho até que uma liberação fosse concedida.

Deve-se lembrar que os riscos envolvidos na incapacidade de cumprir as obrigações financeiras eram ótimos (Scott, página 58). A pobreza terrível e a escravidão poderiam e resultaram do endividamento (20:16 ; Gen. 44: 32-33 ; 2 Reis 4: 1). Os envolvimentos financeiros com estrangeiros aumentaram os perigos, porque tais transações foram conduzidas com menos preocupação pessoal do que entre os israelitas (ver Deuteronômio 15: 2-3).

(2) Ant como um modelo (6: 6-11)

6 Vá para a formiga, ó preguiçosa;
considere seus caminhos e seja sábio.
7 Sem ter nenhum chefe,
oficial ou governante
8 ela prepara sua comida no verão,
e reúne seu sustento na colheita.
9 Por quanto tempo você vai deitar, ó preguiçoso?
Quando você surgirá do seu sono?
10 Um pouco de sono, um pouco de sono,
uma pequena dobra das mãos para descansar,
11 e a pobreza virá sobre você como um vagabundo,
e quer como um homem armado.

Nesses versos, a formiga é apresentada como um modelo de autodisciplina e trabalho laborioso. McKane (p. 323, citando WM Thomson, The Land and the Book, pág. 509)

observa que os sábios escolheram chamar a atenção para o melhor lado da formiga! Eles não observaram que pode retaliar com mordidas dolorosas e ser bastante destrutivo. A formiga aparece novamente apenas em 30: 24-28 . Mas é usado em um provérbio cananeu das cartas de Amarna.

A formiga é o modelo para um homem sábio porque, primeiro ela tem previsão para planejar no horário de colheita para os meses de inverno. Uma das principais virtudes de um homem sábio era a vigilância para o futuro e a capacidade de antecipar. O tolo é surpreendido; o homem sábio está preparado. Em segundo lugar, a formiga parece funcionar sem a imposição de um comando por alguém em autoridade. Ela trabalha por escolha pessoal porque é parte de seu personagem. Os professores da sabedoria queriam desenvolver o tipo de homem que faria as coisas certas sem ter que ser dito para fazê-las. Eles queriam desenvolver os atributos e hábitos no aluno, o que o tornaria o tipo certo de pessoa - um homem sábio.

Os versículos 9 a 11 visam o preguiçoso que ama seu sono tão bem que ele permite a pobreza e que deseja ultrapassá-lo, seja como um vagabundo e um homem armado como no RSV; ou, mais provavelmente, como um vagabundo e um mendigo que aproveitam suas vítimas sem serem impedidos por considerações éticas.

(3) The Troublemaker (6: 12-15)

12 Uma pessoa sem valor, um homem perverso,
vai com discurso torto
13 pisca com os olhos, arranhões com os pés,
pontos com o dedo
14 com coração pervertido, cria o mal,
continuamente semeando discórdia;
15 Portanto, a calamidade virá sobre ele de repente;
em um momento ele será quebrado além da cura.

Esses versículos precisam de pequenos comentários, embora alguns dos detalhes da tradução sejam discutíveis. A pessoa descrita é um modelo do tipo de pessoa que os professores da sabedoria não queriam resultar de seus ensinamentos: indireta, maliciosa, pervertida, uma pessoa sem valor, um homem perverso. Ele é o tipo errado do homem que constantemente produz confusão e problemas na sociedade. Ele está indo para um súbito desastre.

(4) Sete tipos de comportamento antisocial (6: 16-19)

16 Há seis coisas que o SENHOR odeia,
sete que são uma abominação para ele;
17 olhos altivos, uma língua mentirosa
e mãos que derramam sangue inocente
18 um coração que planeja planos perversos,
pés que se apressam a correr para o mal,

19 uma falsa testemunha que expande mentiras,
e um homem que semeia discórdia entre os irmãos.

Esses versos são um exemplo do que é chamado de "dicionario numérico graduado". A imagem é, como em vv. 12-15 , o de um tipo indesejável de pessoa que semeia discórdia entre os irmãos e que evidencia uma "malevolência profunda que equivale a uma incapacidade total de vizinhança" (McKane, página 326). As maus qualidades pessoais de um homem (note que cinco dos ditos estão preocupados com partes do corpo, v. 16-18) fazem dele uma falsa testemunha (especialmente perigosa em processos legais) e um semeador de dissensão.

9. A insensatez do adultério (6: 20-35)

20 Meu filho, mantenha o mandamento do seu pai,
e não deixe o ensino de sua mãe.
21 Ligue-os sempre sobre o seu coração;
amarre-os sobre seu pescoço.
22 Quando você anda, eles o guiarão;
Quando você se deitar, eles cuidarão de você;
e quando você acordar, eles vão conversar com você.
23 Pois o mandamento é uma lâmpada e o ensinar uma luz,
e as repreensões da disciplina são o caminho da vida,
24 para preservá-lo da mulher má,
da linguagem suave da aventureira.
25 Não deseje sua beleza em seu coração,
e não deixe que ela o capture com as cílios;
26 para uma prostituta pode ser contratada para um pedaço de pão,
Mas uma adúltera persegue a vida de um homem.
27 Um homem pode levar fogo no seu peito
e suas roupas não serão queimadas?
28 Ou pode andar sobre brasas
e seus pés não são queimados?
29 Então ele é o que entra na esposa do seu vizinho;
Ninguém que a toque será impune.
30 Os homens não desprezam um ladrão se ele roubar
para satisfazer o apetite quando está com fome?
31 E se ele for pego, ele pagará sete vezes;
Ele dará todos os bens da sua casa.
32 Aquele que comete adultério não tem sentido;
aquele que o faz se destrói.
33 Feridas e desonra será ele,
e sua desgraça não será apagada.

[34] Porque o ciúme torna um homem furioso,
e ele não vai poupar quando ele se vingar.
[35] Ele não aceitará compensação,
nem seja apaziguado, embora você multiplique presentes.

Os versículos de abertura desta seção (v. 20-22) lêem como se fossem adaptados de Deuteronômio 11:19 e 6: 7 , e esta é uma conclusão viável; embora também seja possível que Deuteronômio tomasse emprestado do ensino da sabedoria. No entanto, o contexto da instrução dos pais em Deuteronômio provavelmente continuará apenas na linguagem formal do v. 20 . A instrução dos sábios é uma repetição e desenvolvimento do ensino dos pais (ver 1: 8 ; 4: 1). O mandamento e o ensino devem ser muito apreciados pelo aluno. Ele deve usá-los sobre seu coração como um medalhão caro ou anel de sinete que pendura de um colar (ver 4: 9 ; 7: 3). Serão para ele como um companheiro leal que está sempre com ele, guiando-o enquanto ele caminha, guardando-o enquanto dorme e conversando com ele quando ele acorda de manhã. As funções do mandamento e do ensino são as da *Torá* Mosaica em Deuteronômio 6: 6-9 (ver Gemser, p.4).

Ensinar tão de perto e constantemente guardado guardará um homem da mulher má **e** da linguagem suave da aventureira. Por uma pequena mudança de vogal (no Heb \.), A leitura concordará com o LXX: "esposa de outro" ou "esposa do vizinho" em vez de "mulher má". O versículo 25 é uma advertência contra sua aparência sedutora e sexualmente excitante e maneirismos.

O versículo 26 continua o aviso citando as conseqüências de render-se a ela, embora o significado exato desse versículo seja difícil de consertar. O RSV representa a interpretação de que a relação sexual com uma adúltera é muito mais perigosa e dispendiosa do que com uma prostituta, que se contenta com um preço, enquanto a adúltera persegue uma vida de homem muito, talvez significando que ela pode fazer exigências tão onerosas sobre ele que ele chegará a extrema pobreza e desgraça. Mas é igualmente provável que o v. 26b devesse ler "mas uma adúltera persegue um homem de meios", isto é, um homem que tem dinheiro e quem será capaz de providenciar as coisas que deseja (ver Mic-Kane, pp. 329- 30). Um jovem dos estratos superiores da vida social e econômica (como a maioria dos estudantes da sabedoria deve ter sido) seria uma presa privilegiada para essa mulher.

Um homem não pode mais esperar escapar das conseqüências da relação sexual com uma mulher casada do que ele pode levar fogo em suas roupas sem ser queimado ou andar com brasas quentes sem escorregar os pés (v. 27-29). O adultério é como jogar com fogo. É mais perigoso e dispendioso do que o roubo. Se o ladrão for pego, independentemente de sua motivação, ele terá que pagar uma penalidade pesada (sete vezes vai além dos requisitos do Ex. 22: 1-7), mesmo que isso exija todos os bens de sua casa. O homem que comete adultério não tem sentido ("é um tolo sem sentido", NEB), porque ele se destrói e não tem esperança de sair da pena pelo pagamento de dinheiro (v. 32-35). O adúltero terá que lidar com um marido irritado (e provavelmente com uma comunidade irritada;v. 33 pode se referir a flagelação pública) que não podem ser comprados por causa de sua ciumenta raiva. Uma perda por roubo pode ser resolvida pela restituição de bens, mas o adultério envolve uma perda irreparável. Um homem não pode comprar o caminho para sair dessa situação.

A ética sexual dos sábios pode ser decepcionante para alguns. Não há apelos para o idealismo elevado e altos padrões de comportamento. Esses professores são pragmáticos e realistas. Suas admoestações visam diretamente o interesse próprio e o bem-estar pessoal. O idealismo ético tem seu próprio lugar em lidar com o comportamento sexual; mas, como uma questão prática, é muito mais provável que o pensamento de confronto doloroso com um marido poderoso (o "homem" na *versão* 34 é *geber*, uma palavra que denota força e poder) é um impedimento mais efetivo para o adultério do que um tratado sobre o casamento! Poucas motivações são mais poderosas do que o interesse próprio. Deve-se acrescentar, no entanto, que devemos olhar para a ética sexual pragmática dos Provérbios à luz do evangelho cristão, que exige o autocontrole sob o senhorio de Cristo e pela força de Cristo.

10. Instrução sobre o poder sedutor da mulher estranha (7: 1-27)

(1) O Poder Preventivo de Mandamentos e Sabedoria (7: 1-5)

> *1 Meu filho, mantenha minhas palavras*
> *e tesouro meus mandamentos com você;*
> *2 mantenha meus mandamentos e viva,*
> *mantenha meus ensinamentos como a maça do seu olho;*
> *3 ligue-os nos dedos,*
> *escreva-os no tablet do seu coração.*
> *4 Diga à sabedoria: "Você é minha irmã"*
> *e conheça sua amiga íntima;*
> *5 para preservá-lo da mulher solta,*
> *do aventureiro com suas palavras suaves.*

O professor de sabedoria afirma sua autoridade com suas palavras, mandamentos e ensinamentos (*torah*). Estes são os termos usados para designar a natureza autoritária e até obrigatória do ensinamento da sabedoria. São palavras compartilhadas pela literatura de sabedoria com o Pentateuco, Profetas e Salmos. Os verbos em vv. 1-3são fortes e ativas, pedindo concentração e retenção por parte do aluno (McKane, página 332). Uma expressão vívida é encontrada em manter meus ensinamentos como a maça do seu olho (lit., "como o pequeno homem do seu olho", ou seja, o aluno). O aluno é a luz do olho e muito precioso. Se for danificado, é preciso viver na escuridão. Da mesma forma, o ensinamento do homem sábio como a luz do olho mantém uma pessoa viva na escuridão. Ambos os aspectos externos e internos do ensino da sabedoria são enfatizados na v. 3 .

Ligue-os nos dedos (ver Deut. 6: 4-8) é uma maneira de dizer que os mandamentos e os ensinamentos devem estar sempre à vista - talvez, como um anel de sinete ou um anel de amuleto contra influências malignas. Ao mesmo tempo, os mandamentos e ensinamentos devem ser escritos no tablet do seu coração. O ensino da sabedoria não é projetado, basicamente, como um depósito de tradições externas e arbitrárias e conselhos a que o recurso pode ser feito de maneira mecânica. O homem sábio é aquele que assimilou as tradições e os ensinamentos até se tornar um componente do seu ser

interior, o seu "coração". A presença no dedo dele é um símbolo e uma lembrança de sua presença em seu coração.

A sabedoria é personificada e oferecida como uma alternativa à mulher solta em vv. 4-5 . O aluno é exortado a dizer à Sabedoria: Você é minha irmã. Esta é quase certamente uma forma de endereço que significa noiva ou esposa (ver Song of Sol. 4: 9-12 ; 5: 1-2 ; Ecclus. 15: 2). No entanto, amigo íntimo parece significar parente ou parente (como em Rute 2: 1 ; 3: 2). O "parente" era o parente masculino de quem os membros de um grupo familiar podiam depender de proteção. Rylaarsdam (pág. 38) provavelmente está correto quando diz que o paralelismo do verso não é "irmão" e "amigo íntimo", mas sim de "sabedoria" e "percepção". A sabedoria é como uma boa esposa e uma visão é como um parente forte para preservar (proteger) um homem da "mulher solta".

(2) Um Jovem Raspado pela Sedução (7: 6-23)

6 Na janela da minha casa
Eu olhei através da minha rede,
7 e eu vi entre os simples,
Eu percebi entre os jovens, um jovem sem sentido,
8 passando pela rua perto do seu recanto,
pegando a estrada para sua casa
9 no crepúsculo, à noite,
na hora da noite e da escuridão.
10 E eis que uma mulher o encontra,
vestida como uma prostituta, alegre de coração.
11 Ela é barulhenta e rebelde,
seus pés não ficam em casa;
12 agora na rua, agora no mercado,
e em todos os cantos ela aguarda.
13 Ela o toma e beija ele,
e com cara impudente ela diz para ele:
14 "Eu tive que oferecer sacrifícios,
e hoje eu paguei meus votos;
15 então agora eu saí para conhecê-lo,
para procurá-lo ansiosamente, e eu encontrei você.
16 Eu enfeitei meu sofá com coberturas,
pastas coloridas de linho egípcio;
17 Eu tenho perfumado minha cama com mirra,
aloés e canela.
18 Venha, vamos cuidar do amor até a manhã;
Deixe-nos deliciar-nos com o amor.
19 Pois meu marido não está em casa;

ele passou uma longa jornada;
20 ele pegou uma bolsa de dinheiro com ele;
na lua cheia, ele voltará para casa ".
21 Com muita discurso sedutor ela o convence;
Com sua conversa suave, ela o obriga.
22 De repente, ele a segue,
como um boi vai para o abate,
ou como um veado é pego rapidamente
23 até uma flecha perfurar suas entranhas;
como um pássaro corre para uma armadilha;
ele não sabe que isso lhe custará a vida dele.

Esta seção é mais uma narrativa do que a própria Instrução. Os imperativos e cláusulas condicionais estão ausentes. Mas a passagem é didática de forma descritiva e é um extenso exemplo do modelo (neste caso negativo) usado para adicionar cor e vivacidade à linguagem normalmente direta do gênero Instrução (observe os modelos em 6: 6-19). É posto sob a forma de um testemunho de uma experiência dramática. O professor de sabedoria desenha uma cena verbal para seus alunos que eles não esquecerão. Este é verdadeiramente o ensino "audiovisual"!

É necessária uma pequena explicação desta seção para além de uma boa tradução, exceto em alguns pontos. Uma dessas questões é o fato de que o texto Masoretic faz o falante ser o professor da sabedoria (ou possivelmente a personagem sabedoria). A renderização LXX de v. 6a torna a mulher, não a professora da sabedoria, a quem olha pela janela. Algumas opiniões acadêmicas em contrário, não há nenhuma razão importante para mudar a leitura do texto. O professor de sabedoria, um observador treinado da vida humana, conta como ele olhou pela janela de sua casa e viu a cena que ele descreveu.

Um jovem e imaturo, um dos simples, encontra uma mulher que usa todas as suas habilidades sexuais para seduzi-lo (vv 9-20). Ela é uma mulher que vive "à temperatura da febre" (McKane, pág. 336). Ela é ousada em ação e convite. Ela preparou sua cama para uma noite de fazer amor e ela promete segurança de interferência de seu marido porque ele está fora de casa.

A tentativa de determinar o significado exato de vv. 14-15 produz divisão de opiniões entre comentaristas. Boström acha que o retrato é o de um devoto em um culto de fertilidade, cujas obrigações cultuais incluem um voto de ter relações sexuais para complementar seus sacrifícios (traduzindo v. 14b no presente, "Hoje vou cumprir meus votos"). A necessidade de manter seus votos sexuais torna-se o motivo da busca pelo homem.

A interpretação de Boström pode fornecer o histórico correto para vv. 14-15 . No entanto, McKane (pp. 338-340) é sábio ao recusar-se a aceitar todo o caso de Boström. Versos 16-20sugerem que a mulher é a esposa de um comerciante bem-feito, provavelmente um estrangeiro, que viaja longe de casa por longos períodos de negócios. Assim, ela é uma mulher estrangeira, ou pelo menos não é nativa da cidade

onde ela mora, provavelmente um devoto de um culto Astarte, apaixonado, solitário, inquieto e descuidado com sua reputação. Os professores da sabedoria estavam preocupados com a ameaça desse tipo de mulher por dois motivos. (1) Ela era uma ameaça religiosa por causa de suas conexões e praticava com cultos de fertilidade. (2) Ela era a ameaça sexual mais perigosa que um jovem podia encontrar. Ela não era a prostituta comum, cujos serviços podiam ser comprados com um preço modesto (como em 6:26), pois ela tinha pouca necessidade de dinheiro (note o mobiliário caro e estrangeiro na vv. 16-17). A combinação da paixão sexual e da religião com a liberdade de ação faz dela o paradigma da mulher sedutora e promíscua.

O jovem cede à sua sedução (v. 21-22) e vai com ela. Mas ele é como um boi para o abate; como um animal amarrado a uma estaca para ser morto; como um pássaro irremediavelmente apanhado em uma armadilha: ele não sabe que isso lhe custará a vida dele. Rylaarsdam (página 41) comenta que isso pode significar que o marido irá retornar e matar os infratores (homem e mulher), ou ter outros, que estão legalmente designados para fazê-lo, para matá-los. Mas esta não é a única maneira que a capitulação para essa mulher custará sua vida. A força real e a verdadeira qualidade do personagem de um homem serão perdidas. Ele será um homem que deu as ações vitais de sua vida a forças além de seu controle, até a perversidade que corrompe e arruina.

(3) As Câmaras da Morte (7: 24-27)

> *24 E agora, ó filhos, ouça-me,*
> *e esteja atento às palavras da minha boca.*
> *25 Não deixe seu coração se desviar para seus caminhos,*
> *não se desvie de seus caminhos;*
> *26 para muitos, uma vítima tem baixado;*
> *Sim, todos os seus mortos são um poderoso exército.*
> *27 Sua casa é o caminho para o Seol,*
> *indo até as câmaras da morte.*

Esta é uma breve exortação e aviso que conclui o discurso e remete para a mulher na vv. 6-23 . O aluno é admoestado: não deixe seu coração se desviar para seus caminhos. Os professores da sabedoria estavam muito preocupados com o "coração" (mente ou vontade) porque as decisões básicas que controlam as ações de um homem são feitas aqui (note que o coração ocorre em 1: 1 , 3 , 5 ; 4: 4 , 21 , 23 ; 6:14 , 18 , 21 ; 7: 3 , 23). O seu otimismo é revelado na sua confiança de que um homem *pode* tomar as decisões necessárias e deve ser responsabilizado por elas - ou pela falta delas.

A casa da mulher não é um lugar de alegria festal e de criação de amor (como ela descreve nos v. 14-20), mas um lugar de morte onde muitas vítimas tem baixado. Sua casa é o ponto de convergência para as estradas que levam ao Seol e aos corredores da morte (ver 5: 5 ; 9:18 ; Ez. 32 ; 27 ; Isa. 14: 15-16). Um homem não pode esperar voltar daquele lugar.

11. A pregação da sabedoria (8: 1-36)

A natureza e o significado da figura de Sabedoria foram discutidos na Introdução e as seções relevantes devem ser consultadas com o estudo deste capítulo.

(1) O chamado da sabedoria (8: 1-5)

1 A sabedoria não chama,
não compreende aumentar a voz?
2 Nas alturas ao lado do caminho,
nos caminhos ela assume sua posição;
3 ao lado dos portões em frente à cidade,
À entrada dos portais, ela chora em voz alta:
4 "Para você, ó homens, eu chamo,
e meu grito é para os filhos dos homens.
5 ó simples, aprenda a prudência;
Ó homens tolos, preste atenção.

O lugar da pregação da sabedoria e as pessoas a quem ela dirige a sua mensagem são os assuntos desses versículos. Ao contrário da mulher em 7: 6-23 , a sabedoria não fala com uma voz sedutora sob a capa do crepúsculo (Gemser, p.47). Ela fala clara e livremente em lugares públicos onde ela pode ser ouvida por todos os que ouvirem. E ela não reserva sua mensagem para uma audiência seleta dos sábios e fiéis. Ela trabalha nas áreas de interseção e portão da cidade, onde as pessoas estão envolvidas em negócios, processos legais e vida social. Como um pregador de rua, ela procura reunir em torno dela uma audiência para ouvir sua mensagem - ela aceita sua posição. A sabedoria entra no meio da crescente atividade da vida urbana para dar sua mensagem.

O público que ela procura é amplo e estreito (vv. 4-5). Por um lado, ela apela aos homens em geral; Mas, por outro lado, ela aborda particularmente os homens simples e tolos. Estes são os homens jovens que não têm a maturidade e a capacidade de tomar decisões sábias.

Eles não são instruídos; Mas eles são potenciais homens sábios, que podem estar perdidos para sempre se não ouvirem e prestar atenção à mensagem da Sabedoria antes que seus modos de vida tenham sido entortados e arruinados pelo mundo.

(2) O valor da sabedoria (8: 6-11)

6 Ouve, pois falo coisas nobres,
e do meu Lips virá o que é certo;
7 pois a minha boca pronunciará a verdade;
A maldade é uma abominação para os meus lábios.
8 Todas as palavras da minha boca são justas;
não há nada torcido ou torto neles.
9 Eles são todos diretos para ele que entende
e direito a quem conhece o conhecimento.

[10] Faça minhas instruções em vez de prata,
e conhecimento em vez de ouro escolhido;
[11] para a sabedoria é melhor do que as jóias,
e tudo o que você pode desejar não pode comparar com ela.

Sabedoria propõe falar palavras para aqueles que ouvirem, palavras mais valiosas do que prata e ouro ou jóias dispendiosas. A ênfase em vv. 6-9 é sobre a rectidão e correção da fala da Sabedoria. Suas palavras não se torcem e se transformam. O ouvinte não precisa ter medo de ambiguidade, falta de integridade e hiper sutileza. Todos eles são diretos para ele que entende. Toy (p. 163), seguido por Gemser (p.47), argumenta que o v. 9 é um apelo à consciência moral dos homens e um reconhecimento da percepção da consciência (um apelo que é raro no Antigo Testamento; cf . . Ez 18:25 ; ele entra em clara expressão em escritos posteriores: Ecclus 14: 1-2. ; 37: 13-14; Wisd. de Sol. 17). O princípio é afirmado que aqueles que receberem sabedoria poderão compreendê-la (cf. João 3:21 ; 7:17 ; 8: 31-32). O envolvimento é necessário para a compreensão.

(3) O Poder da Sabedoria (8: 12-16)

[12] Eu, sabedoria, habito em prudência,
e eu acho conhecimento e discrição.
[13] O medo do SENHOR é o ódio do mal.
Orgulho e arrogância e o caminho do mal
e discurso pervertido odeio.
[14] Tenho conselhos e sabedoria sólida,
Tenho uma visão, tenho força.
[15] Por mim reinam os reis,
e os governantes decretam o que é justo;
[16] por mim Princes Rule,
e os nobres governam a terra.

A sabedoria retrata-se como tendo grande poder nos assuntos humanos. Ela conhece o seu caminho no mundo, pois ela se encarrega de prudência (v. 12 , melhor: "Eu sou sabedoria: habito com prudência") e encontra conhecimento e discrição. Essas expressões conhecem a capacidade, astúcia e conhecimento em assuntos mundanos. Sabedoria sabe como fazer coisas nos assuntos dos homens. Ela é uma conselheira totalmente preparada, que é competente para orientar os homens na arte de viver. As habilidades da Sabedoria são as de um estadista competente, que pode formular políticas e implementá-las efetivamente.

O versículo 13 parece encaixar mal o contexto e alguns comentadores consideraram isso uma inserção. Ele acrescenta uma interpretação yahwística à Sabedoria que está faltando no vv. 1-12 . O medo do Senhor está em justaposição com a Sabedoria. O verso traz um elemento ético à passagem que falta nos versículos precedentes. Além disso, é um dos dois versículos neste capítulo em que a Sabedoria vincula diretamente os que a seguem a Yahweh (v. 13 , 35). O verso, e seu vocabulário (que é muito parecido com

os profetas), aponta para a reinterpretação yahwista da sabedoria mais antiga, que era mais secular e menos diretamente preocupada com os aspectos religiosos da vida (McKane, pág. 349). Verso 13combina educação e religião juntos.

A sabedoria afirma que é por seu poder que os reis e os governos governam (v. 14-16). Esses versículos recordam a descrição do rei ideal em Isaías 11: 2 (e de Deus em Job 12:13 ; Gemser, p.47). Mas a dinâmica dos dois contextos difere significativamente. A passagem de Isaías pensa em um rei que é dotado dos dons do Espírito do Senhor, enquanto vv. 14-16 pensa em termos do conselho de sabedoria menos religiosamente orientado.

(4) As Recompensas da Sabedoria (8: 17-21)

> *17 Eu amo aqueles que me amam,*
> *e aqueles que me procuram diligentemente me encontram*
> *18 Riquezas e honras estão comigo,*
> *riqueza e prosperidade duradouras.*
> *19 Meu fruto é melhor do que o ouro, mesmo o ouro fino,*
> *e meu rendimento do que a escolha de prata.*
> *20 Eu ando no caminho da justiça,*
> *nos caminhos da justiça,*
> *21 dotando com riqueza aqueles que me amam,*
> *e enchendo seus tesouros.*

A sabedoria garante que ela responderá àqueles que a amam. Ela não se esconderá daqueles que a buscam (aqueles que procuram ansiosamente, como aqueles que procuram o amanhecer). O idioma é muito semelhante ao encontrado em Deuteronômio 4:29 e Jeremias 29: 12-14 , que é usado pelo Senhor e sua presença. A sabedoria promete fazer por seus seguidores o que o Senhor faz por seu povo. Suas recompensas são extremamente grandes e ricas. As bênçãos que ela concede aos seus adeptos são materiais. Mas eles também incluem honra, justiça (o RSV traduz essa prosperidade no v. 18, mas a "justiça" é melhor) e a justiça. A sabedoria oferece mais do que riqueza. Ela oferece um modo de vida bem proporcionado e satisfatório. Ela caminha no caminho da justiça, nos caminhos da justiça. Sua maior recompensa é um modo de vida correto e devidamente equilibrado. Rylaarsdam (p. 44) comenta que o que a Sabedoria realmente oferece é ela mesma, pois ela é a encarnação da presença e ação de Deus. "Esta é a Sabedoria divina; nela, Deus se oferece ao homem "(*ibid* .).

(5) A Pessoa da Sabedoria (8: 22-31)

> *22 O Senhor me criou no início de seu trabalho,*
> *o primeiro de seus atos antigos.*
> *23 Idade atrás eu estava configurado,*
> *no primeiro, antes do início da Terra.*
> *24 Quando não havia profundidades, fui levado adiante,*
> *quando não havia molas abundantes com água.*

25 Antes que as montanhas tivessem sido moldadas,
Antes das colinas, fui levado adiante;
26 antes de ter feito a terra com seus campos,
ou o primeiro da poeira do mundo.
27 Quando estabeleceu os céus, eu estava lá,
quando ele desenhou um círculo no rosto do fundo,
28 quando fez firme o céu acima,
quando estabeleceu as fontes do fundo,
29 quando atribuiu ao mar seu limite,
para que as águas não possam transgredir seu comando,
quando ele marcou os alicerces da terra,
30 então eu estava ao lado dele, como um mestre trabalhador;
e eu estava diariamente dele delicia,
regozijando-se diante dele sempre,
31 regozijando-se em seu mundo habitado
e se deleitando com os filhos dos homens.

A sabedoria testemunha suas credenciais cósmicas nesta passagem. O locus não é o mundo como em vv. 1-21 . É o cosmos e o lugar da Sabedoria nele. O objetivo em vv. 22-31 é o mesmo que em vv. 1-21 , ou seja, para recomendar a Sabedoria aos homens e enfatizar sua autoridade e poder. Mas os pressupostos apologéticos são diferentes. O pressuposto básico do vv. 1-21 é que a Sabedoria oferece aos homens um modo de vida gratificante, bem sucedido e satisfatório no mundo. Ela procura convocá-los de suas múltiplas distrações para um discipulado que oferece mais do que conseguem de qualquer outra forma. O pressuposto básico do vv. 22-31 é o da antiguidade primitiva da sabedoria e do relacionamento com Yahweh.

É improvável que 8: 1-31 seja uma unidade simples. Os versículos 22-31 representam uma interpretação adicional (e provavelmente mais tarde) da Sabedoria do que a encontrada em 1: 20-33 e 8: 1-21 . Esta passagem (v. 22-31) não foi projetada para contradizer ou corrigir as passagens anteriores, mas para complementá-las com os aspectos cosmológicos da Sabedoria.

Existem várias ênfases na passagem. (a) A idade antiga da Sabedoria é estressada. Ela tem prioridade no tempo antes de qualquer coisa ou qualquer outra pessoa na criação, exceto Yahweh. A sabedoria foi criada como o primeiro de seus atos antigos. Ela foi criada há tempos atrás e antes do início da Terra. Ela tem prioridade temporal sobre as profundezas e as montanhas. Antes que a terra e os céus fossem criados e estabelecidos, a sabedoria estava com o Senhor (v. 26-30). A autoridade e o poder da Sabedoria são fundamentados na antiguidade e na prioridade temporal (ver Eccl. 1: 4 ; 24: 9 , Sábado, 9: 9).

(b) A sabedoria é um filho de Yahweh. Este aspecto da Sabedoria está presente em dois aspectos. Primeiro, há a origem da Sabedoria em vv. 22-26 . O verbo traduzido me criou (do verbo *qanah*) na v. 22 tem sido objeto de uma discussão considerável. Seu

significado mais básico parece ser adquirir ou obter. Pode significar possuir em um sentido geral sem a idéia de criar ou fazer. Mas o uso do verbo nos Salmos 139: 13 parece sem sentido, a menos que seja entendida alguma ideia de criar ou fazer. O mesmo é verdade para Ezequiel 8: 3 , e provavelmente é verdade para Deuteronômio 32: 6 (é mais difícil de demonstrar em Gen. 14:19 , 22). Com esse uso e o contexto em vv. 22-31 , dificilmente pode duvidar que o significado seja criar ou gerar. A maior probabilidade reside na criação ou na existência (ver ponto de vista e discussão por Whybray, p. 101). Os verbos paralelos em vv. 23, 24 , 25 podem ser interpretados com referência ao parto, e nenhum desses verbos é usado da criação, caso contrário, nesta passagem. O Eu foi configurado (*nissakti*) de v. 23 foi entendido no sentido de instalado ou entronizado (Salmo 2: 6) como de um rei. Whybray (*ibid*.) argumenta que é mais provável que o verbo seja derivado de um significado de raiz para tecer e é usado metaforicamente do processo de concepção (como no Salmo 139: 13). Esse significado corre bem com o que eu tirei da vv. 24-25 , que tem a conotação de "produzido no trabalho de nascimento" (como em Deut. 32:18). Quando esta evidência é combinada com o uso de *qanah* em Gênesis 4: 1 e a evidência ugarítica para o uso do verbo g *ny* significa procriar,parece haver uma boa razão para concluir que a Sabedoria é apresentada nesta passagem como um ser procriado por Yahweh. É muito provável que os conceitos mitológicos antigos do Oriente Próximo - especialmente as idéias de um "filho de um deus" e a mitologia dos *maatos* egípcios - tenham colorido a linguagem. O status e a autoridade da sabedoria são reforçados pela relação com Yahweh pela procriação.

O segundo aspecto da Sabedoria como filho de Yahweh é encontrado em vv. 30-31 e a palavra muito *debitada* traduzida obra- *prima* (' *amon*). A leitura marginal do RSV é "criança pequena". A tradução "mestre trabalhador" está ligada à palavra " *amado* na Canção de Salomão 7: 1 (v. 2 em Heb \.) E com o *mecanismo* Akkadian ," artesão ". A tradução "criança" supõe a *palavra'amun* (um que é apoiado, um protegido, ala, etc.). Lamentações 4: 5é apelado para apoio. A idéia de uma criança se encaixa bem com o contexto, que descreve a Sabedoria como alegria (ou jogando) diante de Javé e em seu mundo habitado. A tradução do NEB (v. 30) reflete essa abordagem: "Então eu estava ao seu lado todos os dias, / sua querida e prazer, / jogando em sua presença continuamente, / jogando na terra,. . ".

Outras teorias ligam *o'amon* com um original ′ que significa vinculação ou união. Esta é a visão de Scott (p. 72), que pensa que a Sabedoria é vista como o princípio da coerência e da ordem no mundo, o vínculo vinculativo entre o Criador e sua criação (ele cita o Ecclus. 43:26 ; Wisd. Of Sol. 1: 7 ; Col. 1:17 ; Heb, 1: 3).

Embora a opinião acadêmica varie, é melhor ler o *"amon* como" filho "ou" ala ". A sabedoria joga ao lado de Javé e, no mundo, como seu filho. Ela é a companheira de jogo de Deus e do homem, cujo status é incomparável em toda a criação. Sua mensagem para os homens está fundamentada em um relacionamento único com Yahweh. Ela representa a alegre presença de Yahweh no mundo.

(c) A sabedoria é uma testemunha da criação. É importante notar que a sabedoria não faz parte ativa da criação do mundo. Repetidamente, nos dizem que a criação era obra de Yahweh. Não há indícios reais de que a Sabedoria seja o agente ou o princípio pelo

qual o Senhor criou a terra, contrariamente a 3:19 . Uma expressão chave do papel da Sabedoria na criação é encontrada na v. 27 : eu estava lá. A autoridade da sabedoria é fundamentada em seu papel como testemunha de eventos primitivos. Os homens sábios valorizaram a experiência pessoal e a capacidade de testemunhar isso para outros. O conhecimento experiencial é uma das características da sabedoria dentro e fora de Israel. Vimos essa ênfase em 4: 1-5 . É sublinhado nos salmos da sabedoria (por exemplo, veja o Salmo 37:25 ,35-36) e no discurso de Eliphaz (Jó 4: 7-17). A sabedoria é o testemunho de Deus por excelência. Para a pergunta que Javé coloca a Jó (Jó 38: 4), a Sabedoria pode responder: eu estava lá!

(6) A Admissão da Sabedoria (8: 32-36)

> *32 E agora, meus filhos, ouçam-me:*
> *Feliz são aqueles que mantêm meus caminhos.*
> *33 Ouça instrução e seja sábio,*
> *e não negligencie isso.*
> *34 Feliz é o homem que me escuta,*
> *assistindo diariamente aos meus portões,*
> *esperando ao lado de minhas portas.*
> *35 Porque aquele que me encontra encontra vida*
> *e obtém o favor do Senhor;*
> *36 Mas aquele que me falta me machuca;*
> *Todos os que me odeiam amam a morte ".*

Na exortação final, a sabedoria exorta seus alunos a atender sua mensagem e a manter seus caminhos. Uma vigília contínua fora de suas portas é encorajada, pois quem achar sua vida encontra e obtém o favor do Senhor. A vontade e as maneiras da sabedoria são as de Yahweh. A imagem na versão 34 é a de um professor de sabedoria cujos alunos se reúnem sobre a entrada de sua residência para instrução cf. Ecclus. 14: 20-27). Aqueles que perdem a sabedoria infligem a morte sobre si mesmos.

12. Os convites de sabedoria e insensatez (9: 1-18)

Os convites contrastantes de Sabedoria e "uma mulher tola" (v. 13) constituem o principal assunto deste capítulo. A seção em vv. 7-12 parece não ter conexão direta com o contexto (Gemser, página 51). Pode ser que esses versículos tenham como objetivo enfatizar, indiretamente, o papel da Sabedoria como professor (McKane, p. 360). A função simples de fornecer uma seção de buffer entre Wisdom e folly não deve ser descartada.

(1) O Convite da Sabedoria (9: 1-6)

> *1 A sabedoria construiu sua casa,*
> *ela montou seus sete pilares.*
> *2 Ela matou seus animais, ela tem*
> *misturou seu vinho, ela também colocou sua mesa.*

3 Ela enviou suas criadas para ligar
dos lugares mais altos da cidade,
4 "Quem é simples, que ele entre aqui!"
Para aquele que não tem sentido, ela diz:
5 "Venha, coma do meu pão
e bebo do vinho que eu misturei.
6 Deixe a simplicidade e viva,
e caminhe no caminho da percepção ".

O retrato da Sabedoria é construído sobre o modelo da mulher em 7: 6-23 , e as mulheres devotas de uma deusa do amor estão no fundo (McKane, seguindo Boström, p. 360; veja o comentário em 2: 16-19 e capítulo 7). No entanto, a Sabedoria oferece a vida, não a morte (ver 7: 26-27).

Os sete pilares da casa da Sabedoria deram origem a inúmeras interpretações (Toy, p. 185, lista onze ou mais e o número aumentou, veja também as discussões de Gemser, p. 51; McKane, pp. 364-365 e Albright). Apesar de uma possível reflexão fraca aqui de um templo ou santuário e de devotos dos cultos de fertilidade, a Sabedoria não é realmente um substituto de uma deusa, ela é a presença de Javé entre os homens, que oferece a vida e o caminho da percepção para aqueles quem aceita o convite dela. O dela é um modo de vida que dá satisfação em compreensão e eficácia e que não gera degeneração ou, por culpa, termina em desastre.

(2) A Inutilidade de Corrigir um Scoffer (9: 7-12)

7 Aquele que corrige um escarnecedor obtém-se uma bebida,
e aquele que repreende um homem perverso causa lesão.
8 Não repreenda um escarnecedor, ou ele o odiará;
repreender um homem sábio, e ele vai te amar.
9 Dê instruções a um sábio, e ele ainda será mais sábio;
ensine um homem justo e ele vai aumentar na aprendizagem.
10 O medo do SENHOR é o princípio da sabedoria,
e o conhecimento do Santo é uma visão.
11 Pois por mim, seus dias serão multiplicados,
e anos serão adicionados à sua vida.
12 Se você é sábio, você é sábio para si mesmo;
Se você zomba, você sozinho suportará.

Os comentadores observaram um certo grau de pessimismo nesses versículos, e pode ser que sua localização nesse contexto foi determinada em parte pelo desejo de diminuir o otimismo do vv. 1-6 .

Em qualquer caso, esses versículos reconhecem que há uma incorrigibilidade em alguns homens. O professor de sabedoria não deve desperdiçar seu tempo e energia para

aqueles que não estão dispostos a receber instrução (ver 13: 1 ; 23: 9 ; 27:22 ; Eccl. 22: 9-12). Há duas classes de pessoas: o sábio, que tem medo de Javé, e o escarnecedor, que é o oposto arrogante e cínico do homem sábio. O homem sábio pode ser ensinado. Esta é uma característica básica e desejável (1: 5 ; 19:25).

O versículo 10 (ver 1: 7) enfatiza o elemento yahwista de sabedoria e percepção. É necessária disciplina religiosa, bem como a disciplina educacional da sabedoria própria. A palavra para *começar* é diferente daquela que em 1: 7 . A palavra ali indica mais a idéia de parte principal ou principal componente constituinte. O *t e hillah* no v. 10 indica um pré-requisito ou qualificação necessário - embora nenhuma distinção absoluta possa ser desenhada no uso das duas palavras. A sabedoria é o falante no v. 11 . A responsabilidade pessoal é salientada na v. 12. Toy (pág. 195) observa que "o escritor tem em mente, no entanto, não um isolamento egoísta. . . mas a impossibilidade de vicariousness na vida moral. "Cada homem experimenta pessoalmente as consequências da conduta de sua vida.

(3) O convite da insensatez (9: 13-18)

> *13 Uma mulher tola é barulhenta;*
> *ela é indecente e não sabe vergonha.*
> *14 Ela senta-se na porta de sua casa,*
> *ela toma um assento nos altos da cidade,*
> *15 chamando a quem passa,*
> *que estão indo em linha reta,*
> *16 "Quem é simples, que ele entre aqui!"*
> *E para aquele que não tem sentido, ela diz,*
> *17 "A água roubada é doce,*
> *e o pão comido em segredo é agradável ".*
> *18 Mas ele não sabe que os mortos estão lá,*
> *que seus convidados estão nas profundezas do Sheol.*

Em contraste com a Sabedoria, a mulher tola é apresentada. Como a Sabedoria, ela tem uma *casa* (provavelmente a idéia de um templo ou santuário está no fundo) e dá um convite ao simples e aos imaturos que passam por sua porta. Ela se senta na porta como uma mulher sexualmente apaixonada e sedutora e tenta os homens que passam com os prazeres da relação sexual (v. 17 , cf. 5:15 ; 7:18 ; 30:20). Algum contraste entre a refeição cara de Sabedoria em 9: 1-6 e o pão e a água do v. 17 pode ser destinado; mas a ênfase primária é sobre a natureza do convite. A sabedoria convida os homens como professora, enquanto a mulher tola os convida como amante que quer usar seus corpos para seu prazer. O resultado é a morte para aqueles que aceitam o convite (v. 18). Sua casa não é apenas um vestíbulo do Seol (ver 2: 18-19 ; 7:27), mas o reino da própria morte; pois os mortos estão lá, e sua refeição é uma refeição da morte para ser comida com seus convidados no Sheol (Gemser, p. 52).

II. The Solomonic Proverb Collections (10: 1-22: 16)

As coleções nesta parte do livro são compostas em grande parte por frases de sabedoria que têm poucos contextos imediatos. Muitos deles devem ser interpretados de forma independente. No entanto, o caráter atomístico é diminuído em algumas seções por vários tipos de agrupamentos contextuais. Esses agrupamentos podem ser baseados em conteúdo, jogo de palavras, associação de palavras e considerações mnemônicas. Mas os agrupamentos são secundários, e o principal fardo da exegese deve ser suportado pelas sentenças individuais.

1. Coleção A (10: 1-15: 33)

(1) O sábio e o insensato (10: 1-14)

Os provérbios de Salomão.

1 Um filho sábio faz um pai feliz,
Mas um filho tolo é uma tristeza para sua mãe.
2 Tesouros ganhos pela maldade não lucram,
mas a justiça libera da morte.
3 O SENHOR não deixa os justos passarem com fome,
mas ele frustra o desejo dos perversos.
4 Uma mão fraca causa pobreza,
mas a mão do diligente torna-se rica.
5 Um filho que se reúne no verão é prudente,
Mas um filho que dorme na colheita traz vergonha.
6 Bênçãos estão na cabeça dos justos,
Mas a boca do ímpio esconde a violência.
7 A memória dos justos é uma benção,
mas o nome dos perversos vai apodrecer.
8 O sábio do coração atende aos mandamentos,
mas um idiota tentará arruinar-se.
9 Aquele que anda em integridade caminha com segurança,
Mas aquele que pervertir seus caminhos será descoberto.
10 Aquele que pisca os olhos provoca problemas,
Mas aquele que repreende ousadamente faz paz.
11 A boca do justo é uma fonte de vida,
Mas a boca do ímpio esconde a violência.
12 O ódio agita conflitos,
mas o amor cobre todas as ofensas.
13 Nos lábios daquele que tem entendimento, a sabedoria é encontrada,
Mas uma vara é para o pedaço daquele que não tem sentido.
14 Os sábios colocam conhecimento,
Mas o balbucio de um tolo aproxima a ruína.

A sabedoria é necessária para a boa vida, que os pais desejam para seus filhos. A consciência de que um filho está disposto a ser ensinado e aprender sabedoria traz prazer. Um filho que rejeita a disciplina e age como um tolo traz tristeza aos pais. Para mais referências a este tema, veja 15:20 ; 17:21 , 25 ; 23: 24-25 ; 28: 7 ; 29: 3 .

Os versículos 2-3 refletem a teologia yahwística e pensam em termos de Yahweh, aplicando uma ordem moral em relação ao comportamento dos indivíduos. Aqui, a vontade e a ação de Deus são primárias, enquanto as declarações de sabedoria do tipo comum simplesmente assumem que há uma ordem inerente à existência com a qual os sábios cooperam - talvez até manipulam até certo ponto - e que o tolo não discerne ou ignora . A ênfase nas frases deste tipo é sobre a pessoa e sua abordagem básica à vida. Poucas ações específicas são mencionadas, mas muitas declarações generalizadas são feitas. No entanto, v. 2é específico na medida em que passa um julgamento sobre as riquezas obtidas erroneamente. Não há segurança real na riqueza obtida perversamente. É importante como um homem adquire seu dinheiro e propriedade, pois eles não pertencem propriamente a um homem de caráter defeituoso que não pode combinar seus tesouros com sua justiça. Yahweh não tolerará tal desequilíbrio na vida de um homem (v. 3). Ele frustra o desejo dos perversos. O perverso vive com ambição insatisfeita; desejos frustrados que não podem ser concretizados.

Os sábios parecem estar constantemente preocupados com a preguiça (ver 10:26 ; 11:16 , 29 ; 12:11 , 24 , 27 ; 13: 4 ; 14:23 ; 26: 13-16 , etc.). A aplicação disciplinada e pensativa de suas energias foi considerada muito necessária. A pobreza é o produto do trabalho indiferente. O versículo 5 reflete a época de colheita agrícola quando toda a família era necessária no campo ou na vinha. Um filho mostra sua verdadeira qualidade (ou falta dela) nesses tempos. Há tempo para dormir som, mas o tempo de colheita não é. O sábio conhece seus "tempos" (ver Eccl. 3: 1-8)); O tolo é propenso a confundir seus "tempos" e dormir quando ele deveria estar trabalhando!

Os versículos 6-7 contrastam os justos e os ímpios, enquanto vv. 8-9 contrastam os caminhos dos sábios e dos tolos. A justaposição provavelmente não é acidental. O justo é sábio de coração e entra em integridade. Ele prestará atenção aos mandamentos; melhor: "ele receberá (ou aceitar) mandamentos". O "mandamento" neste contexto pode ser o do professor da sabedoria e / ou o de Yahweh. O homem justo recebe bênçãos (v. 6), e ele deixa uma boa reputação atrás dele quando ele morrer (v. 7). Sua memória será uma benção para quem vem depois dele. McKane (página 423) observa que tal homem cria algo permanente que enriquece a vida contínua. Ele se move através da vida de forma segura sem ansiedade incapacitante (v. 9).O versículo 6b (também em 11b, ver v. 18) é um tanto incerto neste contexto, mas o significado parece ser que a hostilidade destrutiva está escondida atrás do discurso dos ímpios. Eles são motivados por uma agressividade prejudicial aos outros e a si mesmos.

Ocorre um contraste entre o tipo de pessoa que causa problemas na comunidade e quem contribui para o seu bem-estar (v. 10-14). O homem cujo discurso não pode ser tomado no valor nominal, por causa de alguma forma de dar sinal secreto, como piscar, é uma fonte de problemas (lit., dor) na sociedade (ver 6: 12-15 ; Ecclus. 27:22 -23). O verso 10b no RSV segue o texto grego e faz um paralelo melhor do que o Masoretic Text, que repete v. 8b. Frank e confronto honesto fazem a paz entre as pessoas. A "paz" é a qualidade da totalidade e do bem-estar. O discurso de um homem justo é saudável para a comunidade; é uma fonte de "vida" que flui como a água de uma fonte. O

paralelo em v. Lib é melhor do que emv. 6b . O amor esconde os atos de transgressão de tal forma que eles não produzem a disputa feita pelo ódio (ver 1 Pet. 4: 8). A pessoa que ama não agita conflitos e discórdias. Os versículos 13 e 14 enfatizam o significado da fala. A qualidade do discurso é evidente nos resultados que se seguem ao falante. O discurso de um tolo se coloca a si e a outros em problemas.

(2) Os ricos e os justos (10: 15-22)

15 A riqueza de um rico é a sua cidade forte;
A pobreza dos pobres é a sua ruína.
16 O salário dos justos leva à vida,
o ganho dos perversos para o pecado.
17 O que atende a instrução está no caminho da vida,
Mas o que rejeita a repreensão se desvia.
18 O que oculta o ódio tem lábios mentirosos,
e aquele que pronuncia calúnias é um tolo.
19 Quando as palavras são muitas, a transgressão não está faltando,
Mas aquele que retém seus lábios é prudente.
20 A língua dos justos é prata escolhida;
A mente dos ímpios é de pouco valor.
21 Os lábios dos justos alimentam muitos,
Mas os tolos morrem por falta de sentido.
22 A bênção do Senhor torna-se rica,
e ele não acrescenta nenhuma tristeza com ele.

Os homens sábios não subestimaram o poder da riqueza. Um homem rico encontra proteção em suas riquezas, enquanto os pobres estão constantemente em perigo de se arruinar por causa de sua vulnerabilidade (ver 19: 1-7). O versículo 16 tem uma antítese entre a vida como o salário dos justos e o ganho dos ímpios como pecado. Na sua posição atual, o verso serve para qualificar indiretamente as declarações no v. 15 . O ganho do ímpio resultará em pecado, o que equivale à morte, independentemente da sua riqueza. Nenhum homem, rico ou pobre, pode vencer esse fato da vida.

Um elemento de autodisciplina está presente em cada uma das frases em vv. 17-19 . O versículo 17 é uma expressão familiar da importância da instrução, ou seja, a disciplina educacional dos professores da sabedoria. O RSV envolve leve emendação. O texto hebraico traduz-se mais naturalmente: "Aquele que atende a instrução é um caminho para a vida [para os outros], mas aquele que ignora a repreensão faz que se desvie [ou seja, outros]". A autodisciplina do v. 18a é, no entanto, indesejável disciplina que esconde o engano e a malevolência de um homem que finge suas reais intenções. O caluniador indisciplinado é um tolo. O ensinamento do v. 19 é dirigido a conversas excessivas e negligentes. Scott traduz 19a, "Em muita conversa, certamente haverá algum erro". Isso é bom, mas o "erro" é o de dizer algo que ofende ou danifica outros.

A preocupação com a fala e seu poder é uma ocorrência freqüente em toda a literatura da sabedoria. O RSV é claro em vv. 20-21 , exceto que é possível que o alimento na v. 21a (que poderia ser nutrido ou sustentável) poderia ser pastor, guia ou ensinar (o NEB ensinou seguindo a leitura grega).

A questão no v. 22 é a da natureza dos ricos. O RSV lê como se a benção seja a riqueza que Yahweh dá, isto é, o enriquecimento espiritual. Isso é possível, mas estou inclinado a concordar com McKane (p 422) e traduzi-lo com o NEB: "A benção do Senhor traz riquezas e ele não envia nenhuma tristeza com eles". O versículo deve estar relacionado com 10: 2 e interpretou com a idéia de que a maneira pela qual a riqueza é obtida é importante. Se um homem quer riqueza sem tristeza, ele deve obtê-lo por ser o tipo de homem que pode receber a benção de Yahweh. A riqueza, em si mesma, não é um índice seguro do caráter de um homem ou uma indicação de que ele é devido ao respeito dos seus vizinhos. O caráter da aquisição é fundamental - uma verdade muitas vezes esquecida na geração atual.

(3) Os justos e os ímpios (10: 23-32)

23 É como um esporte para um tolo fazer errado,
mas a conduta sábia é um prazer para um homem de compreensão.
24 O que o ímpio teme virá sobre ele,
mas o desejo dos justos será concedido.
25 Quando a tempestade passa, o perverso não é mais,
mas o justo está estabelecido para sempre.
26 Como vinagre nos dentes e fuma nos olhos,
assim é o preguiçoso para quem o envia.
27 O medo do Senhor prolonga a vida,
mas os anos dos ímpios serão curtos.
28 A esperança do justo termina em alegria,
mas a expectativa dos perversos não dá nada.
29 O SENHOR é uma fortaleza para aquele cujo
O caminho é correto, mas a destruição dos malfeitores.
30 Os justos nunca serão removidos,
Mas os ímpios não habitarão na terra.
31 A boca do justo produz a sabedoria,
mas a língua perversa será cortada.
32 Os lábios dos justos sabem o que é aceitável,
mas a boca dos ímpios, o que é perverso.

Essas frases são dominadas pelo contraste entre os justos e os perversos. O comentário estendido não é necessário e a tradução é razoavelmente clara. O NEB lê melhor do que o RSV. Fazer coisas erradas parece referir-se ao comportamento inteligente, tortuoso e perturbador do tolo, que considera esse tipo de conduta fácil (por causa de seu caráter). É "como rir" por ele. Mas para o homem de compreender a sabedoria é

igualmente fácil. Ele encontra prazer em sabedoria porque é compatível com seu modo de vida. O verso 26 é diferente por causa de sua construção de símio duplo ("como o vinagre ... como fumaça ...") e trata do assunto da irritação e desagrado causado pelo desempenho preguiçoso de um enviado em uma missão. O verso 30 reflete a teologia deuteronômica da terra (ver2: 21-22), ou seja, o cumprimento da promessa de Yahweh da terra é condicional e depende de como os israelitas respondem à Lei. Israel se torna duas nações: os ímpios que serão levados da terra e os justos que habitarão na terra.

(4) O valor da justiça (11: 1-11)

1 Um falso equilíbrio é uma abominação para o SENHOR ,
mas é apenas um deleite dele.
2 Quando o orgulho vem, então vem desgraça;
mas com o humilde é a sabedoria.
3 A integridade dos guias verticais os guia,
mas a torção dos traiçoeiros os destrói.
4 As riquezas não se beneficiam no dia da ira,
mas a justiça libera da morte.
5 A justiça dos irrepreensíveis mantém o caminho reto,
Mas o ímpio cai por sua própria maldade.
6 A justiça dos justos os entrega,
Mas os traiçoeiros são capturados pela sua luxúria.
7 Quando o ímpio morre, sua esperança perece,
e a expectativa dos ímpios não dá nada.
8 O justo é libertado dos problemas,
e os perversos entram nisso em vez disso.
9 Com a boca dele, o ímpio destruiria o próximo,
mas pelo conhecimento, os justos são entregues.
10 Quando corre bem com os justos, a cidade se alegra;
e quando os perversos perecem, há gritos de alegria.
11 Com a benção dos justos, uma cidade é exaltada,
Mas é derrubado pela boca dos ímpios.

O verso 1 expressa um requisito fundamental de integridade nos negócios. Escalas que são precisas e verdadeiras agradam a Javé (veja Deuteronômio 25:15 , Levítico 19: 35-36 , etc.). A relação direta das práticas comerciais com a ética religiosa é característica do Antigo Testamento. A dinâmica da honestidade e a preocupação com a correção vem de Deus. É dele prazer dele.

Os versículos 2-11 estão todos preocupados com a justiça, os justos ou os direitos, exceto vv. 2 e 7. O versículo 7 tem um contraste faltante (fornecido pelo LXX: "Quando um homem justo morre, sua esperança não perece, mas o júbilo dos ímpios perece"). *A desgraça* de v. 2 é literalmente leveza em contraste com o peso da honra. O homem arrogante do egoísmo indisciplinado revela-se como "leve". A primeira linha desta frase

é provavelmente um ditado coloquial que foi expandido pela adição da segunda linha menos alitadora. Os humildes (ver Mic. 6: 8) é a marca de um homem razoável de autocontrole e restrição de emoção. Esta qualidade não conhece uma timidez que decorre do medo ou da falta de força. O NEB traduz essa "sagacidade" que, talvez, esteja no significado da raiz da palavra (também, Gemser, p.121). A orientação interna do bom caráter é estressada em vv. 3 , 5 . A integridade fornece orientação segura para o vertical. O verbo guias é uma palavra usada por um pastor que guia suas ovelhas. Deus é muitas vezes o que guia (veja Gênesis 24:27 ; Êxodo 13:17 ; Salmo 23: 3). Os homens traiçoeiros (isto é, torcidos ou perversos) são destruídos por sua própria torção. A justiça do homem irrepreensível (o homem maduro, sincero e bom) o mantém de maneira direta e segura, enquanto os ímpios tropeçam e cai por causa de sua maldade. O curso da vida de um homem é definido pela natureza intrínseca de seu eu interior. O que ele determinará será a natureza do que acontece com ele.

A libertação dos justos é o assunto repetido em vv. 4 , 6 , 8, 9 . A libertação da morte em v. 4 provavelmente deve ser considerada como sendo salva de uma morte prematura ou desonrosa (nota 10:27). No entanto, o dia da ira pode ser uma referência ao julgamento escatológico de Deus (como o dia de Javé em " Zeph 1:15 , 18) e, nesse caso, a" morte "poderia se referir ao julgamento que ocorrerá no mundo. McKane nota bastante bem que a libertação no v. 6 , 8não deve ser entendido como imunidade completa contra perigo e problemas. O homem justo não vive por trás de um escudo que lhe garanta um progresso sereno para o sucesso e a realização. É melhor não colocar limites ao conceito de morte em uma frase como essa. A afirmação é que o homem justo pode ser libertado de qualquer coisa.

Os versículos 10-11 lidam com o efeito dos justos e dos ímpios em uma cidade. Os homens sábios sempre estavam preocupados com pessoas individuais, mas não desconheciam a relação corporativa. A unidade social complexa que é a cidade depende do caráter e do comportamento de seus cidadãos. Toda cidade tem a ocasião de se alegrar quando corre bem com os justos, porque seu próprio bem estar está amarrado com eles. O que é bom para os justos é bom para a cidade!

(5) Uma colagem de personagens (11: 12-17)

12 O que menospreza o seu vizinho não tem sentido,
Mas um homem de entendimento permanece em silêncio.
13 Aquele que anda como portador de taleiros revela segredos,
mas aquele que é confiável em espírito mantém uma coisa escondida.
14 Onde não há orientação, um povo cai;
mas em uma abundância de conselheiros há segurança.
15 Aquele que dá garantia para um estranho será inteligente para isso,
mas aquele que odeia o suprimento é seguro.
16 Uma mulher graciosa recebe honra,
e homens violentos ganham riquezas.
17 Um homem que é gentil se beneficia,
Mas um homem cruel machuca-se.

O assunto do vv. 12-13 é o homem que exerce moderação em seu discurso em relação aos seus vizinhos e respeita a confiança. Se um homem despreza seu vizinho, ou mostra seu desprezo, ele não tem o bom senso de um homem sábio. O homem discriminador, homem de compreensão, controla a tentação de se expressar sobre seu vizinho (Scott, p. 84, "mantém suas opiniões para si mesmo"). O homem de confiança (v. 13) não faz fofoca e não fala de assuntos confidenciais. Ele é confiável em um relacionamento e não trata assuntos de interesse pessoal para outros como adequados para conversas comuns.

Verso 14 , como vv. 10-11 , tem uma nota corporativa. Orientação, a arte de direção, é essencial para o bem-estar de uma nação. A segurança é encontrada em um grupo de conselheiros (ver 15:22 ; 24: 6). O grupo tem força maior do que qualquer membro. Em questões de estado, as decisões baseadas em um amplo consenso são mais susceptíveis de serem bem sucedidas nos seus resultados. O NEB traduz isso como aplicável a assuntos militares, como em 24: 6 .

Um homem prudente fica fora de negócios e negócios, especialmente com estranhos (v. 15 , ver 6: 1). O homem que odeia promoções é seguro. Um contraste incomum entre mulheres e homens é encontrado na v. 16 , embora o significado exato seja discutível. O RSV supõe um contraste entre mulher graciosa **e** homens violentos. Mas os "homens violentos" podem ser entendidos como enérgicos ou fortes, daí: "Uma mulher graciosa obtém honra, mas os homens enérgicos conseguem riqueza" (assumindo um contraste entre "honra" e "riqueza", que o texto pode não pretender). O contraste pode ser apenas entre duas formas de sucesso. O homem amável de v. 17 mais provavelmente deve ser entendido como o "homem leal" (então NEB). O hebraico é *chesed*, que se refere à confiabilidade e lealdade que são necessárias para manter um relacionamento (como uma aliança) intacto. Um homem leal é amável no sentido de que ele se importa com os outros. O homem cruel é egocêntrico e implacável.

(6) O ereto e o perverso (11: 18-23)

18 Um homem perverso ganha salários enganadores,
mas alguém que semeia justiça recebe uma recompensa segura.
19 Aquele que é firme em justiça viverá,
Mas o que perseguir o mal morrerá.
20 Homens de mente perversa são uma abominação para o Senhor,
Mas aqueles de maneiras irrepreensíveis são sua luta.
21 Tenha certeza, um homem mau não ficará impune,
mas aqueles que são justos serão entregues.
22 Como um anel de ouro no focinho de suíno
é uma mulher linda sem discrição.
23 O desejo dos justos acaba apenas com o bem;
a expectativa dos ímpios na ira.

O contraste entre homens retos, perversos ou malignos é o sujeito dessas frases, exceto v. 22 . Este versículo estabelece duas incongruências, a de um anel de ouro no nariz de um porco e o de uma bela mulher sem discrição (lit., gosto). O anel de ouro era

um anel de nariz que era usado como ornamento por mulheres. "Discreção" representa bom gosto na discriminação moral e intelectual. Tenha certeza no v. 21 é uma tradução do hebraico "mão a mão", que é semelhante ao provérbio inglês: "Aqui está a minha mão nela!" A mesma expressão é encontrada em 16: 5 (ver 6: 1 ; 11: 15). Pode haver antecedentes de processos judiciais no v. 21. O homem maligno não receberá um veredicto que o liberte da culpa. Os justos serão libertados no sentido de que sua inocência é estabelecida (ver McKane, p. 437). O desejo dos justos é satisfeito, mas os ímpios podem esperar apenas frustração e raiva. Sua antecipação será frustrada, e suas esperanças de conquista acabarão com uma raiva decepcionada.

(7) Algumas Anomalias (11: 24-31)

24 Um homem dá livremente, mas cresce mais rico;
outro retém o que ele deve dar, e só sofre vontade.
25 Um homem liberal será enriquecido,
e aquele que aquar será ensolarado.
26 O povo amaldiçoa aquele que retém o grão,
Mas uma bênção está na cabeça daquele que vende.
27 Aquele que diligentemente procura o bem procura o favor,
Mas o mal vem a quem procura.
28 Aquele que confia nas suas riquezas se murchará,
Mas os justos florescerão como uma folha verde.
29 Aquele que incomoda a sua família herdará o vento,
e o tolo será servo dos sábios.
30 O fruto do justo é uma árvore da vida,
mas a ilegalidade tira as vidas.
31 Se o justo é recompensado na terra,
Quanto mais os ímpios e os pecadores!

A maioria dessas frases expressa resultados de ações humanas que não são aquelas antecipadas em expectativas comuns. Normalmente, a ordem inversa é esperada no v. 24 , ou seja, o homem que gasta livremente deve estar com problemas, enquanto o homem que segura o dinheiro dele deve estar seguro. Mas o verso é uma observação sobre os fatos econômicos da vida. O dinheiro que é investido ganha dinheiro, enquanto o acumulador de dinheiro encontra-se para a pobreza. Talvez, este verso reflita a experiência com uma economia inflacionária! O versículo 26 expressa a atitude da comunidade em relação a um homem que não vende o seu grão, embora normalmente seja sábio manter uma reserva de grãos. No entanto, quando o grão é necessário, as pessoas abençoam o homem que o vende, independentemente das conseqüências. Outra anomalia é encontrada na v. 28.

O favor na v. 27a pode ser o favor ou a aprovação de Deus com o significado de ser aquele que se esforça depois que bom encontra a aprovação de Deus. Mas provavelmente significa o favor e a boa vontade de outras pessoas, ou seja, ele recebe lado está na v. 27b . O versículo 29a expressa o resultado de uma má gestão familiar

que destrói a prosperidade e não deixa nada (vento) para herdar. O versículo 29b refere-se ao tolo que administra tanto os negócios dele que ele se torna o escravo de um homem sábio, ou seja, o homem que sabe como administrar seus assuntos adequadamente.

A interpretação do v. 30 é problemática. O RSV usa uma emenda. Uma tradução um tanto diferente é melhor, assumindo a mesma emenda: "O fruto de um homem justo é uma árvore da vida, mas isso (o fruto) daquele que toma vida é a violência". Alguns comentaristas levam o hebraico para a vida de takeaway como positivo em vez de negativo. Por exemplo, Ringgren (página 49) traduz isso, "o homem sábio ganha homens para si mesmo". O KJV lê: "aquele que ganha almas (é) sábio". Dahood sugere outra interpretação.

O versículo 31 significa que a recompensa funciona em ambos os sentidos; para o justo e o pecador. Ambos conseguem o que merecem. O texto grego deste verso é reproduzido quase que exatamente em 1 Pedro 4:18 .

(8) Contraste de Bondade e Mal (12: 1-7)

1 Quem ama a disciplina ama o conhecimento,
mas aquele que odeia a repreensão é estúpido.
2 Um homem bom obtém o favor do Senhor,
mas um homem de dispositivos malignos que ele condena.
3 Um homem não é estabelecido pela iniqüidade,
mas a raiz dos justos nunca será movida.
4 Uma boa esposa é a coroa de seu marido,
mas a que traz vergonha é como a podridão em seus ossos.
5 Os pensamentos dos justos são justos;
os conselhos dos ímpios são traiçoeiros.
6 As palavras dos ímpios aguardam o sangue,
mas a boca do vertical entrega os homens.
7 Os ímpios são derrubados e não são mais,
mas a casa dos justos resistirá.

O versículo 1 enfatiza a necessidade de disciplina se o conhecimento deve ser alcançado. O conhecimento é o poder de viver a vida com discriminação e eficácia adequadas. Ele aponta para a autoridade do professor de sabedoria e sua disciplina. Aquele que rejeita a repreensão, correção e orientação, do professor é estúpido ou animal. O estúpido não tem a capacidade racional de um homem e age por instinto (Salmos 73:22 ; 92: 6 ; 49:10).

O contraste expresso em vv. 2-3 é familiar. Os dispositivos malignos (*mᵉzzimmoth*) de v. 2 são usados aqui em um sentido peyorativo, enquanto em outros contextos (por exemplo, 1: 4 ; 8:12) é louvável. Onde o critério é simplesmente eficácia, a capacidade para *mᵉzzimmah* é boa. Mas esta palavra na v. 2 implica um contraste entre o homem que recebe o favor de Yahweh e o homem que tenta viver com seus próprios

esquemas. O bom homem não está definido, mas a posição do versículo depois da v. 1pode indicar alguma relação com a "disciplina" e "conhecimento" desse versículo. Por implicação, estes se tornam anexados a Yahweh. É pelo *musar* divino que um homem recebe o favor do Senhor.

A boa esposa é de caráter forte, que complementa um homem e permite que ele perceba status e sucesso (veja a discussão da "boa esposa" em 31: 10-30). Mas a esposa que causa vergonha a um homem é como um câncer que saps seu corpo e constantemente o impede de fazer o melhor que pode. A palavra hebraica para "vergonha" é geral, que pode incluir qualquer comportamento embaraçoso, incompetente ou imoral que prejudique o respeito e a reputação de um homem diante do mundo (ver 18:22 ; 19:13).

Como no v. 2 , uma palavra que é boa em outros contextos é usada com um mau sentido na v. 5 . Os conselhos (cf. 1: 5) estão aqui os dos ímpios. A arte de "direção" não é suficiente em si mesma, mas deve ser exercida pelo tipo certo de pessoa. A direção deve ser controlada pelos pensamentos (planos ou políticas) dos justos. As palavras dos ímpios podem destruir a vida, mas a boca do reto entrega aqueles que ficariam presos na emboscada dos ímpios. O versículo 7 contrasta a segurança dos justos com a insegurança dos ímpios (ver Mateus 7: 24-27).

(9) A falácia das fachadas (12: 8-28)

8 Um homem é elogiado de acordo com seu bom senso,
Mas uma das mentes perversas é desprezada.
9 Melhor é um homem de posição humilde que trabalha para si mesmo
do que aquele que joga o grande homem, mas falta pão.
10 Um homem justo tem em conta a vida de sua besta,
Mas a misericórdia dos ímpios é cruel.
11 O que cultivar a sua terra terá pão,
mas aquele que segue pesquisas sem valor não tem sentido.
12 A torre forte dos ímpios vem à ruína,
mas a raiz do justo é firme.
13 Um homem maligno é enredado pela transgressão de seus lábios,
mas os justos escapam dos problemas.
14 Do fruto das suas palavras, um homem está satisfeito com o bem,
e o trabalho da mão de um homem volta para ele.
15 O caminho do tolo está bem a seus próprios olhos,
mas um homem sábio escuta conselhos.
16 A vexação do tolo é conhecida de uma só vez,
Mas o prudente ignora um insulto.
17 Aquele que fala a verdade dá provas honestas,
mas uma falsa testemunha engana
18 Há uma cujas palavras corrompidas são como espadas,

mas a língua do sábio traz cura.
19 Lábios verdadeiros aguentam para sempre,
mas uma língua mentirosa é apenas por um momento.
20 O engano está no coração daqueles que inventam o mal,
Mas aqueles que planejam o bem têm alegria.
21 Não há limites para os justos,
Mas os ímpios estão cheios de problemas.
22 Os lábios mentirosos são uma abominação para o Senhor,
Mas aqueles que atuam com fervor são o deleite dele.
23 Um homem prudente esconde seu conhecimento,
Mas os tolos proclamam sua loucura.
24 A mão do diligente governará,
enquanto o preguiçoso será colocado no trabalho forçado.
25 A ansiedade no coração de um homem o pesa,
Mas uma boa palavra o faz feliz.
26 Um homem justo se afasta do mal,
mas o caminho do perverso os desviará.
27 Um homem preguiçoso não pegará sua presa,
Mas o homem diligente receberá riquezas preciosas.
28 No caminho da justiça está a vida,
mas o caminho do erro leva à morte.

O esboço do texto neste ponto é artificial em um grau considerável, mas várias das frases contrastam a aparência externa com a realidade. O verso 9 elogia o homem que está disposto a se contentar com um pequeno sucesso, em vez de se sobrecarregar demais para desempenhar o papel do grande homem. O homem que gosta de uma prosperidade modesta, mas sólida, é melhor do que o homem que coloca uma frente de afluência, mas na realidade falta pão, ou seja, sofre privações dolorosas em áreas da vida que são essenciais para uma boa vida.

O mesmo tipo de contraste é encontrado no v. 11 , um versículo que é repetido com alguma mudança em 28:19 . O homem que cultiva sua terra é melhor que o homem que segue atividades inúteis. As "atividades inúteis" não são definidas, mas é seguro assumir que as negociações mercantis e financeiras duvidosas e especulativas estão em mente. Existe um tipo de ideal agrícola em Provérbios, que considera o cuidado da terra e dos animais como a melhor maneira de ganhar a vida (ver 27: 23-27).

O tolo engana-se (v. 15) ao pensar que a maneira como ele está indo está certa. A dependência de suas próprias opiniões o faz surdo ao conselho (conselho) que um sábio atende (ver 15:22). No v. 23, a restrição do homem prudente **que**conhece o conhecimento dele é elogiada. O homem sábio não tenta viver atrás de uma fachada de onisciência - esse é o caminho do tolo. O homem prudente não fala muito e procura falar com eficácia, o que é impossível de fazer se alguém fala o tempo todo. O versículo 27 é difícil, mas pode ser traduzido:

"Um homem preguiçoso não assada seu jogo,
mas o valor de um homem é uma diligência valiosa ".

O verbo traduzido captura no RSV é usado apenas aqui no Antigo Testamento. O significado de "assado" é derivado do seu uso em hebraico posterior. O significado do v. 27a parece ser o que McKane (p. 445) dá, ou seja, há uma espécie de homem que faz um show de fazer coisas, mas ele nunca as vê até uma conclusão completa (ele não faz isso Cozinhe seu jogo depois que ele o pega). Ele não tem a vontade do homem diligente, que pode parecer menos bem sucedido, mas realmente tem maior valor.

Vários assuntos são tratados em outros versos. O verso 10 reflete uma preocupação com os animais. O verso 12 é incerto, mas é melhor traduzi-lo:

"Os ímpios desejam o poder dos homens malvados,
mas as raízes dos justos são duradouras ".

O *mᵉtsod* (torre forte em RSV) pode significar líquido, ou pode ser uma forma de *mᵉtsudah* (fortaleza ou fortaleza). A tradução "poder" é gratuita, mas expressa a idéia. O paralelismo que resulta é pobre, a menos que seja entendido que a cobiça dos ímpios é fútil e condenada ao fracasso.

A importância do discurso é enfatizada em vv. 13, 14 , 18, 19 , 22 , 25 . O poder das palavras é muito grande. Deve ser tomado em consideração o poder de cura da fala em vv. 18 , 25 . O homem sábio conhece o valor terapêutico das palavras. Uma preocupação pastoral, que aparece de tempos em tempos nos ensinamentos de sabedoria, provavelmente é encontrada na v. 26 , que é outro verso com algumas dificuldades. A tradução de McKane (p. 229) é preferível: "Um homem justo mostra o seu amigo no caminho, / mas o caminho dos homens perversos leva (outros) a desviar." Verso 16está intimamente relacionado com a fala. O tolo reage a uma afronta ou a uma situação irritante sem tomar tempo para controlar seus sentimentos e dar tempo para uma avaliação da situação. Mas o homem prudente mantém suas emoções cobertas e responde com calma e deliberação.

O versículo 28 é de algum interesse devido à sua declaração relativa à morte. Scott (. P 91) traduz: “Na estrada da justiça está a vida, / E a trilhar seu caminho (ler *nᵉtibato* para MT *nᵉtibah* .) É deathlessness” É duvidoso que o texto do verso é tão corrupto como costuma ser discutido. Traduzir: "No caminho da justiça há vida, / E no caminho do seu caminho não há morte". No entanto, Dahood assume muito quando ele traduz "imortalidade". O versículo diz que o caminho da justiça é a vida e não a morte sem outra definição. Ele deixa a interpretação aberta, e a tradução não deve ir muito além do texto.

(10) Ensino do Pai (13: 1-13)

1 Um filho sábio ouve as instruções de seu pai,
Mas um escarnecedor não escuta a repreensão.
2 Do fruto da boca um bom homem come bem,

mas o desejo dos traiçoeiros é pela violência.
3 Aquele que guarda a sua boca preserva a vida dele;
Aquele que abre de largura seus lábios vem à ruína.
4 A alma do preguiçoso anseia e não recebe nada,
enquanto a alma do diligente é abastecida ricamente.
5 Um homem justo odeia falsidade,
Mas um homem perverso age de forma vergonhosa e vergonhosa.
6 A justiça o protege de quem está certo,
mas o pecado derruba os perversos.
7 Um homem finge ser rico, mas não tem nada;
outro finge ser pobre, mas tem uma grande riqueza.
8 O resgate da vida de um homem é a sua riqueza,
Mas um pobre homem não tem meios de redenção.
9 A luz dos justos se alegra,
mas a lâmpada dos ímpios será apagada.
10 Pela insolência, os ignorantes fazem conflitos,
Mas com aqueles que tomam conselhos é sabedoria.
11 A riqueza apressadamente conseguida vai diminuir,
Mas aquele que se agrupa pouco a pouco aumentará.
12 A esperança adiada torna o coração doente,
mas um desejo cumprido é uma árvore da vida.
13 Aquele que despreza a palavra traz destruição sobre si mesmo,
mas quem respeitar o mandamento será recompensado.

O contorno reflete mais coerência do que esses versos realmente têm. Mas as frases contêm o tipo de ensino que um professor ou "pai" pode dar um aluno ou "filho", e há um elemento do gênero Instrução na v. 13 . Os versículos 1 , 10 , 13tratam da aceitação e rejeição do ensino e correção. Ao contrário de um filho sábio, um escarnecedor não escuta uma repreensão ou aceita disciplina educacional. O escarnecedor não possui habilidades de concentração e receptividade. O sábio aluno sabe como aceitar as correções de seu professor. O RSV traduz v. 1 livremente. O texto Masoretic enigmático não tem verbo na v. 1a e ele é adotado a partir de v. 1b(e o LXX). Se alguma mudança for feita, é melhor ler o *musar* (instrução) como uma forma verbal e traduzir: "Um filho sábio é aquele que se permite disciplinar seu pai" (nota NEB).

Em v. 10, a arrogância é contrastada com aqueles que tomam conselhos. O RSV emite o Texto Massorético da v. 10a . A mudança (*rek* para *rak*) é aceitável e pode melhorar o significado com uma tradução como a de McKane (página 230): "Uma cabeça vazia produz conflitos por sua arrogância. . No entanto, o Texto Massorético pode ser mantido e traduzido com Toy (pág. 267), "O orgulho causa apenas conflitos. . "O homem arrogante e contencioso gera brigas e ferimentos sentimentos, enquanto aqueles que estão dispostos a conferir e receber conselhos têm as características da sabedoria. A

sabedoria surge do diálogo que está envolvido no aconselhamento em conjunto. O "solitário" geralmente não é sábio.

Em v. 13 é melhor interpretar a palavra e o mandamento como instruções autorizadas dos professores da sabedoria (McKane, p. 454). O homem que ignorar a orientação de seus professores se arruinará, enquanto o homem que respeitar seu ensino será recompensado (ou, se for feita uma pequena alteração no verbo: "seguro", "em boas condições").

O tema familiar do controle e uso adequado da fala é encontrado em vv. 2-3 . O discurso de um bom homem é frutífero e ele ganha benefícios dele junto com os outros (ver 12:14), enquanto os traidores têm apetite por violência e problemas. O versículo 3 trata do discurso indiscreto e impulsivo. O homem que diz que a primeira coisa que lhe vem na mente com pouco ou nenhum cuidado pela sua expressão pode esperar problemas (ver 10: 14b). O verso 4 está vinculado com vv. 2-3pelo uso do termo *nephesh*(alma, que pode significar vida ou garganta ou apetite). O significado é que o homem preguiçoso sempre quer comida e coisas boas, mas ele não as possui. O desejo do diligente é satisfeito porque ele trabalha para se providenciar o que ele quer.

Um pouco relacionado ao v. 4 são vv. 7-8 , 11 onde o assunto é riqueza e pobreza. A pessoa ostentosa que pretende ser rica é comparada com a pessoa rica que finge ser pobre - ambos os extremos são ruins e simbolizam uma pretensão que traz distorção na sociedade. Como observações do brinquedo (p.226), "A moral é que os homens deveriam ser simplesmente honestos e despretensiosos". A tradução de RSV de v. 8busa uma emenda que facilita o paralelismo, mas que é desnecessário. Manter o texto Masoretic: "mas um pobre homem não ouve repreensão". O significado é que o homem rico sempre é responsável (e capaz) de pagar um resgate para se proteger de ameaças e chantagens. O pobre homem não ouve o tipo de repreensão dirigida ao homem rico. Não há razão para chantagear ou processar o pobre homem; ele não tem dinheiro. Verso 11condena a aquisição da riqueza por meio de negociações financeiras especulativas e duvidosas - o significado provável, em vez de fazê-lo apressadamente. A maneira correta de obter riqueza é pouco a pouco, uma vez que se desenvolve a partir de um esforço honesto, orientado para um caráter estável e sonoro. Os homens sábios não tinham aprovação para o cobrador de dinheiro que roda e negocia (geralmente com o dinheiro de outras pessoas) para ganhar dinheiro e propriedade imerecida por sua capacidade real e valor.

Três frases contrastam os justos e os ímpios: vv. 5, 6 , 9 . O homem justo odeia a falsidade que causa tanto mal-entendido e é tão produtivo em lacunas de credibilidade na sociedade. Mas o homem perverso agita a calúnia (encaixa, provoca um mau cheiro) e a discórdia. Traduzir v. 5b com McKane: "mas um homem perverso espalha o cheiro do escândalo" (p. 230). O RSV emendou "ele faz mal" para "ele faz vergonhosamente". O versículo 6 é claro. É melhor traduzir a luz dos justos alegrando-se no v. 9a como "a luz dos justos será forte".

O verso 12 expressa os resultados debilitantes da expectativa que repetidamente não consegue atingir o cumprimento. Como McKane (pág. 459) observa, a tradução do desejo para a realidade é "uma conquista estimulante". O desejo realizado é uma árvore da vida (ver 3:18), que energiza o esforço e ativa a confiança na capacidade de viver com um senso de satisfação.

(11) O ensinamento do sábio (13: 14-25)

14 O ensino do sábio é uma fonte de vida,
que pode evitar as armadilhas da morte.
15 O bom senso ganha favor,
mas o caminho do infiel é a sua ruína.
16 Em tudo que um homem prudente age com conhecimento,
Mas um tolo exibe sua loucura.
17 Um mau mensageiro mergulha os homens em problemas,
mas um enviado fiel traz cura.
18 Pobreza e desgraça vêm para aquele que ignora a instrução,
Mas o que auxilia a repreensão é honrado.
19 Um desejo cumprido é doce para a alma;
mas afastar-se do mal é uma abominação para os tolos.
20 Aquele que anda com sábios torna-se sábio,
mas o companheiro de tolos sofrerá danos.
21 O infortúnio persegue os pecadores,
mas a prosperidade recompensa os justos.
22 Um bom homem deixa uma herança para os filhos de seus filhos,
Mas a riqueza do pecador é guardada para os justos.
23 O pouso do pobre produz muita comida,
mas é varrido pela injustiça.
24 Aquele que poupa a vara odeia seu filho,
mas ele que o ama é diligente para disciplinã-lo.
25 O justo tem o suficiente para satisfazer seu apetite,
mas a barriga dos ímpios sofre de vontade.

O contorno reflete v. 14 e é uma generalização para as várias frases em vv. 14-25 . A maioria dos versículos trata de temas familiares e precisa de pouca explicação se os contornos gerais deste tipo de ensinamento de sabedoria forem mantidos em mente. O verso 16 contrasta a cuidadosa ação do homem prudente com o de um tolo que exibe sua loucura, ou seja, "ele se espalha loucamente" como um vendedor que mostra sua exibição diante de um cliente potencial. Os atos de um tolo expõem sua falta de perspicácia ao mundo. O caráter e a capacidade intelectual de um homem é demonstrado no que ele faz.

O versículo 19a tem o mesmo pensamento que o v. 12 . O versículo 19b parece não ter conexão direta com a primeira linha, mas é semelhante a 29: 27b . Alguma opinião em contrário, parece melhor tratar as duas partes como declarações separadas sem qualquer relação direta.

A influência dos associados é enfatizada pela v. 20 (ver 1: 8-19). O homem que quer tornar-se sábio manterá companhia com homens sábios. Este é um diretor principal de

educação. Os homens sábios estimulam o desenvolvimento de seu próprio tipo. Infelizmente, a proposição inversa também é verdade: os tolos geram tolos - e há mais tolos do que homens sábios!

O verso 23 desconcertou os comentaristas no passado e permanece incerto. A tradução do RSV produz a imagem de um homem pobre que cultiva novos caminhos até se tornar produtivo apenas para perdê-lo devido à falta de justiça. Mas é duvidoso que esta seja a compreensão correta do verso. É melhor ler os pobres (*ra'shim*) como "homens principais" ou "chefes". Eles não são os pobres, mas os que possuem terra e pertencem aos estratos superiores da economia. Eles produzem muita comida, mas, apesar de sua produtividade, acharão que serão privados do uso por causa da falta de justiça. O versículo é apontado para o ganho de riqueza por métodos impróprios e pelo tipo errado de pessoas (ver 13:11).

O versículo 24 defende o castigo corporal como uma forma adequada de disciplina dos pais (ver 22:15 ; 23:13 ; 29:17). O diligente do RSV é desnecessário. Traduzir quer "mas aquele que o ama o mantém em ordem" (NEB) ou "mas aquele que o ama começa a disciplina antecipada" (McKane, página 457).

(12) Sabedoria e insensatez; Tristeza e alegria (14: 1-13)

1 Sabedoria constrói sua casa,
mas a loucura com as próprias mãos a derruba.
2 Aquele que anda em retidão teme ao SENHOR ,
Mas aquele que é tortuoso em seus caminhos o despreza.
3 A conversa de um tolo é uma vara para as costas dele,
mas os lábios dos sábios os preservarão.
4 Onde não há bois, não há grãos;
mas abundantes culturas são produzidas pela força do boi.
5 Uma testemunha fiel não mente,
mas uma falsa testemunha expande mentiras.
6 Um escarnecedor procura a sabedoria em vão,
mas o conhecimento é fácil para um homem de compreensão.
7 Deixe a presença de um tolo,
Para lá, você não conhece palavras de conhecimento.
8 A sabedoria de um homem prudente é discernir o seu caminho,
Mas a loucura dos tolos é enganadora.
9 Deus despreza os ímpios,
Mas o direito goza de seu favor.
10 O coração conhece sua própria amargura,
e nenhum estranho compartilha sua alegria.
11 A casa dos ímpios será destruída,
mas a barraca do vertical irá florescer.

12 Há um caminho que parece certo para um homem,
mas o fim é o caminho até a morte.
13 Mesmo com gargalhadas, o coração está triste,
e o fim da alegria é o sofrimento.

Como a margem de RSV indica, a tradução omite uma palavra na v. 1 e entende a Sabedoria como de significado singular, tratando-a como personificada (ver 9: 1). O problema das "mulheres" no verso não é resolvido. O NEB é preferível: "O mais sábio das mulheres constrói suas casas; / os tolos os puxam para baixo com as próprias mãos. "Em qualquer caso, o contraste é entre a natureza construtiva da sabedoria e a natureza destrutiva da loucura.

O temor de Yahweh é o assunto da v. 2 (como também de 14:26, 27). O caminho reto é o caminho daquele que teme o Senhor. O homem de maneiras retorcidas e de dupla ação despreza Yahweh. O outro lado deste contraste é encontrado na v. 9 de acordo com o RSV. Mas este versículo é muito incerto, e o RSV deve ser lido apenas como uma possibilidade.

Os versículos 3 , 6, 7, 8 apresentam a antítese do homem de bobo. O tolo é caracterizado por um discurso arrogante e descuidado. Uma conversa de tolos o coloca em problemas (v. 3), e é uma perda de tempo permanecer na sua presença porque ele não vai dizer nada que valha a pena (v. 7). O conhecimento é facilmente aprendido por um homem de compreensão, ou seja, um homem que tem capacidade para fazer julgamentos cuidadosos. O escarnecedor não consegue encontrar sabedoria. Os dois são incompatíveis. O homem prudente usa sua sabedoria para fazer o seu caminho através da vida com um julgamento preciso, enquanto o tolo é enganado e mal dirigido por sua própria loucura. O personagem de um tolo é auto-enganador.

O verso 4a no RSV usa um texto alterado e, neste caso, é improvável. Eu também prefiro ler: "Onde não há bois, há um berço vazio" (ver NEB); ou (com McKane, pp. 231, 471), "Onde não há bois, há um berço de grãos". Em ambos os casos, a ênfase é sobre o valor dos bois para a produção de colheitas do fazendeiro.

O verso 5 contrasta o fiel com a falsa testemunha (ver 12:25).

Os versículos 10, 12 e 13 temperam o otimismo dos homens sábios. Como Rylaarsdam (pág. 58) o expressou, pegamos o sábio "quando ele está fora de serviço, sozinho, e olhando para si mesmo em um" momento baixo ". Existe um eu interior que conhece sua própria amargura e alegria além a compreensão de outra pessoa. "Há um sentido em que a vida de um homem é" uma longa soledade ", para que ele não possa comunicar o que é mais real sobre ele, mas só pode falar consigo mesmo" (Rylaarsdam, p. 58). Alegria e tristeza nunca estão completamente separadas. O fim da alegria é o sofrimento expressa a visão de que as satisfações da vida são transitórias e que a alegria se move para a tristeza. O versículo 12 tem algo do mesmo sentimento. Um caminho que parece direto e caro para um homem pode acabar com a morte (também 16; 25). A vida tem seus aspectos inexplicáveis.

O verso 11 expressa um contraste familiar entre o destino dos homens maus e dos homens bons. É possível que a barraca em v. 11b seja entendida como "família".

(13) Variedades do caráter humano (14: 14-25)

14 Um homem perverso será preenchido com o fruto de seus caminhos,
e um bom homem com o fruto de seus feitos.
15 O simples acredita em tudo,
mas os olhares prudentes para onde ele está indo.
16 Um sábio é cauteloso e se afasta do mal,
Mas um tolo joga fora da restrição e é descuidado.
17 Um homem de temperamento rápido age de forma tola,
mas um homem de discrição é paciente.
18 Os simples adquirem insensatez,
Mas os prudentes são coroados de conhecimento.
19 O mal se inclina diante do bem,
Os ímpios aos portões dos justos.
20 O pobre não gosta do próprio vizinho,
mas o rico tem muitos amigos.
21 O que despreza o seu próximo é um pecador,
Mas é feliz aquele que é amável com os pobres.
22 Eles não erraram que inventam o mal?
Aqueles que planejam o bem encontram fidelidade e fidelidade.
23 Em todo o trabalho há lucro,
Mas mera conversa tende a querer apenas.
24 A coroa dos sábios é a sua sabedoria,
mas a loucura é a guirlanda dos tolos.
25 Uma testemunha verdadeira salva vidas,
mas alguém que pronuncia mentiras é um traidor.

Estes versos variam em sua matéria, mas todos destacam algumas características do caráter humano. O texto do v. 14 é difícil, mas parece claro que se faz um contraste entre os resultados experimentados por um homem perverso e um bom homem.

Os versículos 15, 16, 17 são diferenciados pelo uso de verbos ativos. Os assuntos se comportam de maneiras diferentes com resultados diferentes. O homem simples acredita com facilidade o que ele ouve. Ele não tem cautela e habilidades analíticas do homem prudente (v. 15). O tolo é descuidado e age impulsivamente (v. 16). Ele não consegue controlar o seu temperamento (v. 17). O sábio é deliberado, cuidadoso e paciente (v. 17b) em seus atos. O tolo não tem moderação (v. 16). Ele se torna confiante sobre sua própria habilidade e força.

Os versículos 18, 19, 20 , 22 , 24 dão exemplos do tipo de coisas que acontecem a pessoas de diferentes personagens e status. Por exemplo, o pobre é desprezado (melhor, "odiado") por seu próprio vizinho, mas um homem rico tem muitos amigos (muitos amantes). Esta é uma observação de uma realidade da vida. Não é necessariamente do

jeito que *deveria* ser; Mas é exatamente como é a vida na sociedade humana. Adquirir no v. 18 é improvável que seja correto: os simples são pessoas imaturas e não criadas, que já têm loucura como parte de sua natureza. É melhor traduzir isso; "Os simples têm loucura como sua porção." Mas o paralelismo com o v. 18bé pobre e uma pequena mudança de vogais no verbo produz um bom paralelo: "Os simples usam (ou se adornam com) loucura,. . . "(Ver NEB). O verso 24 é freqüentemente emendado (como, por exemplo, em RSV), e algo como o RSV é desejável na versão 24b . Mas é melhor seguir o Texto Masorético no v. 24a e traduzir, "A coroa dos sábios é a sua riqueza". A prosperidade e o bem-estar do sábio é a sua coroa. Os tolos não têm guirlanda, mas sua própria loucura (ver McKane, pág. 466).

O versículo 23 estabelece uma máxima básica da vida: o trabalho produz mais do que falar. Os sábios acreditavam no trabalho. Um homem pode se manifestar na pobreza.

O versículo 25 expressa a mesma idéia que 14: 5 .

(14) O Medo do Senhor (14: 26-28)

> *26 No temor ao Senhor, tem uma forte confiança,*
> *e seus filhos terão um refúgio.*
> *27 O medo do Senhor é uma fonte de vida,*
> *que pode evitar as armadilhas da morte.*
> *28 Em uma multidão de pessoas é a glória de um rei,*
> *Mas, sem pessoas, um príncipe é arruinado.*

Os versículos 26-27 estão ligados pelo uso do conceito do medo do Senhor (ver 1: 7). A obediência reverente em relação a Yahweh é uma fonte de segurança e vida confiante. O versículo 27 é muito semelhante ao 13:14 , mas "o medo do Senhor" foi substituído por "o ensinamento dos sábios". O versículo 26 pode transmitir uma imagem da casa de um homem piedoso, cercado pelo cuidado protetor de Yahweh (McKane, página 474). É improvável que as armadilhas da morte na v. 27b se refiram à vida após a morte. O temor de Yahweh manterá um homem contra armadilhas fatais, desastres e morte prematura ao longo da estrada da vida.

Um argumento foi feito para "grandes batalhões" em vez de multidão de pessoas na v. 28 (Jones, p.184). O poder do rei está relacionado ao tamanho da população que ele governa. Sem pessoas em números suficientemente grandes, um príncipe não tem futuro. O versículo 28b pode significar simplesmente uma redução na população, ou seja, uma insuficiência de pessoas. Mas um pingo de um estado de coisas mais drástico pode ser encontrado no verso. A palavra arruinada parece fora de lugar para um rei cujo único problema é uma pequena população. Pode ser que a idéia de deserção ou retirada de fidelidade e apoio por grupos de pessoas esteja em segundo plano (McKane, pág. 469).

(15) Contextos de sabedoria e insensatez (14: 29-35)

> *29 Aquele que é lento para a raiva tem grande sob a posição,*
> *Mas aquele que tem um temperamento precipitado exalta loucura.*

30 Uma mente tranquila dá vida à carne,
mas a paixão torna os ossos apodrecidos.
31 Aquele que oprime um homem pobre insulta o seu Criador,
Mas aquele que é gentil com o necessitado o honra.
32 O ímpio é derrubado pelo seu mal-estar,
Mas os justos encontram refúgio por sua integridade.
33 A sabedoria permanece na mente de um homem de compreensão,
mas não se conhece no coração dos tolos.
34 A justiça exalta uma nação,
mas o pecado é uma censura para qualquer pessoa.
35 Um servo que trata sabiamente tem o favor do rei,
mas sua ira cai sobre alguém que atua vergonhosamente.

O homem de compreensão (isto é, discriminação e julgamento agudo) controla seu temperamento. Ele sabe que a raiva aflige a capacidade de um homem tomar boas decisões. O homem de temperamento rápido aumenta a loucura. Uma conexão entre tranquilidade mental e saúde corporal é feita na v. 30 . Os sábios estavam conscientes dos fatores psicossomáticos na vida.

O versículo 31 trata do tratamento dos pobres, cuja opressão é contrária à vontade de Deus (ver 17: 5 ; 19:17). O cuidado dos necessitados é uma maneira de honrar a Deus (Mt 25: 31-46).

O RSV no v. 32b segue o texto grego no uso da integridade, uma mudança que é amplamente aceita e pode estar correta. Mas é bom notar que o texto Masoretic lê "em sua morte"; e a afirmação faz bom sentido, lê como: "E o homem justo tem segurança mesmo em sua morte" (Barucq, p.150).

O texto na versão 33b também tem uma incerteza. O RSV adotou uma solução que acrescenta um negativo. A sabedoria encontra um lugar na mente de um homem que tem a capacidade de entender, mas não tem um lugar adequado na vida de um tolo. Isso é aceitável e certamente não está longe do significado do verso.

O versículo 34 é um verso frequentemente citado na vida americana. Aplica a fórmula comum para o sucesso da vida individual para a nação. A justiça não deve ser pensada exclusivamente em termos moralistas e éticos. Está fazendo a "coisa certa" em qualquer conjunto de circunstâncias, tanto em relação a si mesmo como aos outros. Assim, inclui responsabilidade social e ética pessoal. Uma nação "justa" é aquela que ordena seus assuntos com sabedoria e mantém-se "certo" nas necessidades e relacionamentos de seu povo. Muitas vezes, é dada muita atenção aos pecados pessoais. O pecado de v. 34 *hé* o fracasso de uma nação alcançar seu objetivo próprio e permanecer no seu verdadeiro curso. A palavra usada para o pecado é a familiar de "perder a marca". A reprovação ou "desgraça" de um povo é o fracasso em viver na "justiça". Suas energias são mal direcionadas e seu propósito é distorcido por um verdadeiro alinhamento.

O versículo 35 é uma observação sobre a qualidade do serviço que os reis favorecem e recompensam. Os sábios acreditavam em olhar a vida de maneira realista. Homens necessários e competentes são necessários para os intrincados assuntos do governo.

(16) A Disciplina de Temperamento e Língua (15: 1-7)

1 Uma resposta suave afasta a ira,
Mas uma palavra áspera suscita raiva.
2 A língua do sábio dispensa o conhecimento,
Mas as bocas de tolos derramam loucura.
3 Os olhos do SENHOR estão em todos os lugares,
vigiando o mal e o bem.
4 Uma língua gentil é uma árvore da vida,
mas a perversidade nela quebra o espírito
5 Um tolo despreza a instrução de seu pai,
Mas o que auxilia a admoestação é prudente.
6 Na casa dos justos há muito tesouro,
Mas o problema diz respeito à renda dos ímpios.
7 Os lábios do sábio disseminam o conhecimento;
não são as mentes dos tolos.

Versos 1, 2 , 4 , 7 todos lidam com a fala de uma forma ou de outra. O versículo 1 afirma uma verdade da vida. As palavras irritantes, afiadas e ásperas suscitam raiva naqueles que as ouviram. Um homem sábio evita a retorta quente. A resposta conciliadora diminui a tensão e faz razoabilidade e diálogo. O discurso polêmico é inflamatório e inventivo. O discurso do sábio "faz o conhecimento bom" (v. 2), ou seja, elogia ou adorna o conhecimento. Estilo e habilidade na apresentação marca o conhecimento do homem sábio. Mas as bocas dos tolos derramam loucura como a água que vem de uma fonte fluente.

A língua gentil da v. 4a deve ser entendida como "discurso de cura" (ver McKane, página 483) como em 12:18 ; 13:17 . O discurso terapêutico é uma árvore da vida (ver 3:18), mas o discurso perverso retorcido quebra o espírito do falante. Esse orador causa uma fragmentação de sua própria personalidade.

O versículo 7 , também, refere-se à disseminação do conhecimento através do discurso do sábio. O versículo 7b tem sido objeto de várias mudanças de texto propostas, mas é melhor deixá-lo como está no RSV (ver Salmos 1: 4).

A onipresença de Deus é o assunto da v. 3 . Ele está vigiando o mal e o bem (2 Reis 9:17 , Isaías 52: 8 , etc.). Nada escapa ao seu escrutínio. Mesmo o Seol e Abaddon (ver 15:11) estão abertos diante dele. Essas palavras se referem ao reino dos mortos. "Abaddon" é sinônimo de Seol ou do túmulo (ver Job 26: 6 ; 28:22 ; 31:12 ; Salmo 88:11) e significa algo como "destruição".

Os contrastes familiares são encontrados em vv. 5 (ver 13: 1 , 18) e 6. As traduções de v. 6 variam entre os comentadores, mas o RSV é aceitável. É uma generalização de (a) o fato de que as virtudes e os vícios muitas vezes têm conseqüências visíveis (ver 10: 4 , 22 ; 11:18) e (b) que a sabedoria e a vida justa apontam os homens para a vida, enquanto a iniqüidade e a loucura os apontam para a morte (cf. 3:18 ; 10:16 ; 12:28).

(17) O Medo do Senhor e da Sabedoria (15: 8-33)

8 O sacrifício dos ímpios é uma abominação para o Senhor,
mas a oração dos retos é o deleite dele.
9 O caminho dos ímpios é uma abominação para o Senhor,
mas ele ama aquele que persegue a justiça.
10 Existe uma disciplina severa para aquele que por bem caminho;
Aquele que odeia a repreensão morrerá.
11 O Seol e Abaddon se abrem diante do SENHOR ,
quanto mais os corações de menl
12 Um escarnecedor não gosta de ser reprovado;
ele não vai ao sábio.
13 Um coração alegre faz um semblante alegre,
Mas por tristeza de coração, o espírito está quebrado.
14 A mente daquele que tem entendimento busca conhecimento,
mas as bocas dos tolos se alimentam de insensatez.
15 Todos os dias dos aflitos são maus,
mas um coração alegre tem uma festa contínua.
16 Melhor é um pouco com o medo do SENHOR
do que um grande tesouro e problemas com ele.
17 Melhor é um jantar de ervas onde o amor é
do que um boi gordo e odeio com ele.
18 Um homem temperado agita conflitos,
mas ele que é lento para a ira deixa a disputa.
19 O caminho de um preguiçoso está coberto de espinhos,
mas o caminho do vertical é uma rodovia nivelada.
20 Um filho sábio faz um pai feliz,
Mas um homem tolo despreza sua mãe.
21 A insensatez é uma alegria para aquele que não tem sentido,
mas um homem de compreensão está bem
22 Sem planos de advogados ir mal,
mas com muitos conselheiros eles conseguem.
23 Para fazer uma resposta adequada é uma alegria para um homem,
e uma palavra em temporada, o quão bom é!

24 O caminho do homem sábio conduz à vida,
que ele pode evitar o Sheol abaixo.
25 O SENHOR derruba a casa dos soberbos,
mas mantém os limites da viúva.
26 Os pensamentos dos ímpios são uma abominação para o Senhor,
As palavras dos puros são agradáveis para ele.
27 O que é ganancioso pelo ganho injusto faz
Problemas para sua casa, mas aquele que odeia subornos vai viver.
28 A mente do justo reflete como responder,
Mas a boca do ímpio derrama coisas más.
29 O SENHOR está longe dos ímpios,
mas ele ouve a oração dos justos.
30 A luz dos olhos se alegra com o coração,
e as boas notícias atualizam os ossos.
31 Aquele cuja orelha atende uma admoestação saudável
Permanecerá entre os sábios.
32 O que ignora a instrução se despreza,
mas ele que ajuda a admoestação ganha entendimento.
33 O medo do SENHOR é instrução em sabedoria,
e a humildade percorre a honra.

O versículo 8 é uma das poucas frases nos Provérbios que tratam diretamente da adoração. O Senhor aprova a oração do homem reto, mas o sacrifício dos ímpios é abominável para ele. A expressão abominação ao Senhor é encontrada apenas em Provérbios e Deuteronômio (por exemplo, Deut. 7:25, 26 ; 18:12). "Abominação" (*to'ahbah*) é encontrada em outros contextos, especialmente Leviticus 18 (e o uso do plural em Ezek, por exemplo, 5: 9 , 11 ; 6: 9 , 11 , etc.). Como McKane observa (pág. 486), este versículo é semelhante à pregação de Isaías (1: 10-17) e Amós (5: 21-24). A palavra abominação denota algo que é abominável, repulsivo e rejeitado. O que é abominável para o Senhor é inconstante com sua vontade e sujeito ao seu repúdio. A oração que o Senhor ouve é a dos justos (v. 29), mas ele se afasta dos ímpios.

O versículo 9 está ligado ao v. 8 pela expressão abominação ao Senhor, neste caso, o caminho dos ímpios. O Senhor aprova o homem que persegue a justiça, isto é, o homem que se comporta de uma maneira aceitável à vontade do Senhor. O versículo 26 também faz uso da expressão abominação do Senhor. Os pensamentos significam esquemas ou planos dos perversos. Este versículo indica algo da preocupação de Deus pelas motivações e intenções na vida de um homem.

O versículo 10 está ligado ao v. 9 pelo uso do caminho, embora duas palavras hebraicas diferentes sejam usadas (a palavra é "caminho" na v. 10 , cf. 12:28). O "caminho" neste contexto é a busca da justiça conforme estabelecido no v. 9 . Mas é provável que o versículo originalmente se referisse aos ensinamentos dos sábios, a disciplina educacional necessária para a vida de uma boa vida. O homem que quer viver deve estar

disposto a aprender e a aceitar as correções necessárias no processo de aprendizagem. V. 12diz muito o mesmo. A incorrigibilidade do escarnecedor o impede de aceitar a disciplina e de encontrar a companhia de homens sábios que poderiam ensiná-lo se ele quisesse aprender. O oposto de tal homem é descrito na v. 31 , um exemplo raro de paralelismo sintético nesta coleção. A pessoa atenta ("uma orelha que escuta o ensino da vida") viverá e encontrará hospedagem agradável entre os sábios.

O homem descrito na v. 32 é como o da v. 10 . A pessoa que rejeita a disciplina prejudica-se sobretudo; ele "se mantém barato" (Scott, página 102). Aquele que auxilia a admoestação é aquele que "cria uma mente" para si mesmo, ou seja, ele tem a capacidade de pensar e agir bem. Este é o tipo de homem que pode seguir o caminho do sábio (v. 24), que é um caminho para cima e para longe do mundo dos mortos (Sheol) que se encontra abaixo. É o caminho que o afasta da morte para a vida. Em sua forma atual, o verso pode ser interpretado no sentido de um prolongamento da vida para o homem sábio em antítese com o caminho da morte. Isso supõe uma doutrina da imortalidade (ver a discussão em McKane, pp. 479-80).

Um elogio do homem temperado é encontrado no v. 18 . Ele é o homem que mantém suas emoções sob restrição e não é propenso a brigas. O vocabulário do versículo sugere que litigação excessiva e ação legal é a maior preocupação. O homem que diz prontamente "eu vou processar você" é um engenheiro em qualquer comunidade (ver 1 Cor. 6: 1-8).

O versículo 19 é uma das numerosas advertências dos sábios sobre a preguiça (cf. 6: 6-11 ; 10:26 ; 11:29 ; 19:15 , 24 ; 26: 13-16 ; etc.); com v. 19a , cf. Hos. 2: 6 ; com v. 19b , cf. É um. 57:14).

O versículo 20 repete 10: 1 com pequenas mudanças.

O verso 22 retoma o tema 11:14 e 13:10 . A consulta ajuda o sucesso dos planos, pelo indivíduo ou pela comunidade. A sabedoria coletiva é melhor e mais forte do que a sabedoria individual.

Versos 16, 17 , 25 . e 27 compartilham alguma preocupação comum no relacionamento de propriedade com a vida. A casa dos orgulhosos não suportará porque o Senhor o derrubará (v. 25). Ele é o campeão daqueles que precisam de proteção e cuidados - como a viúva, cuja propriedade provavelmente será tomada por homens de poder que não hesitam em usar sua habilidade de roubar pessoas que não podem se defender.

Os versículos 16-17 defendem a filosofia de que a piedade eo amor são melhores do que a riqueza e o luxo (cf. Marcos 10: 23-27 , Mateus 19: 23-26 , Lucas 18: 24-27). O boi gordo do v. 17b é um símbolo de banquete generoso. O prato mais simples de vegetais quando compartilhado com o amor é melhor que a tarifa de um gourmet compartilhada com a hostilidade. O versículo 27 centra-se na ganância de um homem por lucro e poder injusto que destrói "sua casa", isto é, sua família e os associados a ele. A palavra traduzida, o ganho injusto traz a idéia de cortar, assim o significado literal da expressão é "aquele que corta um grande corte". O versículo 27b representa uma atitude diferente em relação ao suborno do que a encontrada em17: 8 ; 19: 6 ; 21:14 .

Observações psicológicas são encontradas em vv. 13, 14, 15 , 21 , 23 , 30 . A palavra coração (traduzida corretamente como *mente* em v. 14) aparece em todos esses versículos, exceto v. 23 (na versão 21, uma "falta de coração" é traduzida como sem sentido). As atitudes do coração ou da mente são muito significativas na determinação do modo como a vida é vivida. A condição interior de um homem mostra em sua aparência externa (v. 13). Mas, quando há dor e dano na mente, o ser interior, o espírito está quebrado, ou seja, o poder e a força da vida são insuficientes.

A mente determina o curso que um homem tomará (v. 14). A mente daquele que tem entendimento o empurra para o conhecimento, enquanto o tolo se contenta em ficar satisfeito com a loucura. Na verdade, a loucura é uma alegria para o homem com um coração deficiente (sem sentido, na versão 21). Mas o sábio sabe como "fazer o seu ir direto" (v. 21b) e encontra alegria em uma resposta apropriada e uma palavra apropriada (v. 23). Uma palavra bem-temporizada, que é útil e aceitável para outros, traz um brilho de satisfação ao falante. É claro que o outro lado dessa alegria é a tristeza e a dor de uma palavra maldita e prejudicial. O uso correto do discurso é uma arte que requer uma habilidade requintada.

O versículo 30 , de certa forma, inverte o processo de v. 13a . Lá a alegria vem de dentro, enquanto na v. 30 ela vem do exterior. O significado da expressão luz dos olhos é um pouco obscuro. Isso poderia significar o brilho dos olhos de um mensageiro que traz boas notícias (Toy, p.331); ou os olhos brilhantes de uma pessoa que é amigável em relação a outra. O texto grego traduz a frase "Um olho que vê coisas lindas" e pode indicar que mudanças menores sejam feitas no texto Masoretic para que as linhas possam ler como "algo visto com prazer dá alegria à mente" (ver McKane, p. 481). A boa notícia é sempre um tônico para o corpo e a alma.

O versículo 33 fecha não apenas o capítulo 15, mas a coleção inteira que começou com 10: 1 . É uma conclusão apropriada que expressa a reinterpretação nos termos teológicos da sabedoria o que era originalmente de natureza mais secular. O medo do Senhor é estabelecido como a natureza própria da disciplina da sabedoria (ver 1: 7 ; 9:10). A humildade de v. 33b não é mais a submissão à autoridade do professor de sabedoria, mas sim a submissão à vontade de Javé; embora isso possa ser expresso através do professor de sabedoria.

2. Coleção B (16: 1-22: 16)

(1) Orientação de Deus da Vida Humana (16: 1-9)

[1] Os planos da mente pertencem ao homem,
mas a resposta da língua é do Senhor.
[2] Todos os caminhos de um homem são puros aos seus próprios olhos,
Mas o Senhor pesa o espírito.
[3] Compromete seu trabalho com o Senhor,
e seus planos serão estabelecidos.
[4] O SENHOR fez tudo para seu propósito,
até mesmo o perverso para o dia do problema.
[5] Todo aquele que é arrogante é uma abominação para o Senhor;

tenha certeza, ele não ficará impune.

6 Por lealdade e fidelidade, a iniqüidade é expulso,

E pelo medo do Senhor, um homem evita o mal.

7 Quando os caminhos de um homem agradam ao SENHOR ,

Ele faz até mesmo seus inimigos para estarem em paz com ele.

8 Melhor é um pouco com justiça

do que ótimas receitas com injustiça.

9 A mente de um homem planeja seu caminho,

Mas o Senhor dirige seus passos.

A limitação da capacidade de um homem para planejar sua vida é o assunto de vv. 1, 2 , 9 . A vontade de Yahweh é normativa e determinante. Os caminhos de um homem podem ser julgados puros em seus próprios olhos, mas seu julgamento deve ser submetido à decisão de Deus. O Senhor pesa os motivos dos homens *nesta* vida. O fator determinante da vontade de Yahweh é expresso na v. 9 . Um homem pode fazer seus planos, mas sua implementação depende da vontade divina (ver Santiago 4: 13-17) (ver 19:21). Este provérbio é freqüentemente comparado ao provérbio inglês, "O homem propõe, mas Deus dispõe".

A interpretação de v. 1 depende do significado de v. Lb. Uma interpretação leva a expressão para significar que o homem tem que fazer seu próprio pensamento, mas que Yahweh deve depender de lhe dar as palavras apropriadas para a expressão de seus pensamentos . O pensamento difícil não vem a nada, a menos que Deus ofereça a habilidade de verbalização efetiva. Outra abordagem é aquela que considera a resposta da língua como de Yahweh e, portanto, igual a "decisão". Em termos deste ponto de vista, o versículo significaria que o homem poderia pensar seus planos, mas eles devem combinar a "decisão divina" "Para sua vida se houver alguma expectativa de sucesso (ver McKane, pág. 496). A primeira interpretação é preferível.

O controle de Deus sobre a vida humana também é o tema de vv. 4, 5, 6, 7 . Não devemos ler um dilema moral na v. 4 na forma da idéia de que Deus criou os ímpios para julgamento (Jones, página 148). A sentença declara de forma simples e direta que Deus controla o mundo e todos os seus sistemas funcionam. A tradução de Scott do versículo ajuda a trazer o significado (p.104): "O Senhor fez tudo com sua contraparte, / Então o ímpio terá seu dia de desgraça." O ímpio está indo para um dia maligno - mas Seu destino não é fixo irrevogavelmente, porque ele não precisa permanecer um homem perverso. A iniqüidade pode ser expulso, e um homem pode ser salvo do *mal* por Javé. Mas a expiação no v. 6é baseado na lealdade e fidelidade em paralelo com o medo do Senhor. O compromisso com o Senhor e a lealdade a ele salvará um homem do mal da punição, que é certo para todo homem que, arrogantemente, assume o direito de escolher seus próprios caminhos (v. 5 , cf. 11: 20a, 21 a).

O Senhor faz com que os inimigos estejam em paz com o homem cujos caminhos são agradáveis à vontade divina (v. 7 , embora o homem possa ser o sujeito na v. 7b , não o Senhor), e nesse caso, o verso não fala ação direta de Javé, mas do resultado de maneiras que agradam a Javé). Assim, um homem deve comprometer-se a Yahweh (v.

3) com a garantia de que seus "planos serão estabelecidos". Mesmo que isso signifique que um deve se contentar com um pouco (v. 8) é melhor (veja 15: 16 ; 16:19).

(2) Responsabilidades reais (16: 10-15)

10 As decisões inspiradas estão nos lábios de um rei;
Sua boca não peca no julgamento.
11 Um equilíbrio e escalas justas são do Senhor;
Todos os pesos na bolsa são o trabalho dele.
12 É uma abominação aos reis fazer o mal,
pois o trono é estabelecido por justiça.
13 Os lábios justos são o deleite de um rei,
e ele ama aquele que fala o que é certo.
14 A ira de um rei é um mensageiro da morte,
e um homem sábio irá apaziguá-lo.
15 À luz do rosto de um rei, há vida,
e seu favor é como as nuvens que trazem a chuva da primavera.

A realeza ea preparação para o serviço no estabelecimento real são motivos principais desta coleção (16: 1-22: 16). As opiniões dos israelitas sobre o reinado têm muito em comum com as do mundo antigo. O rei é uma figura exaltada com uma personalidade sacra, que é o representante (mesmo o "filho" de Javé entre as pessoas) (ver 1 Sam. 29: 9 ; 2 Sam. 7: 1-17 ; Salmos 2 ; 72 ; 89). Capítulo 16: 10-15 reflete esse conceito de realeza.

O versículo 10 contém a palavra decisões inspiradas traduzidas, que em outros lugares do Antigo Testamento significa adivinhação e é usada no mau sentido (por exemplo, Deut. 18:10 ; 1 Sam. 15:23 ; 2 Reis 17:17). Mas é usado em um bom sentido neste versículo e pode se referir aos oráculos dados pelo rei (JB traduz, "Os lábios do rei oráculos absurdos"). O rei tem sabedoria divina e fala como um homem inspirado (ver 8: 14-16 , Isaías 11: 2). Mas o paralelo no v. 10b pode indicar que devemos entender as "decisões" da v. 10a como decisões legais, análogas à encontrada em 2 Sam. 14:17 , 20. O pecado de v. 10b deve ser entendido como: "sua boca não erra no julgamento"; ou seja, ele não comete erros tolos ou fraudulentos nas suas decisões.

Para o v. 11, veja 11: 1 . A posição do versículo no contexto atual serve para qualificar o status exaltado do rei. Escalas e pesos utilizados no comércio são os negócios do rei (ver Toy, p. 324). Mas o verso é um lembrete de que esses assuntos são, em última instância, os negócios de Yahweh. O rei é responsável por conduzir o seu reinado com justiça (ver Salmos 72: 1-4 ; 89: 30-33), e sua responsabilidade é para o Senhor.

Os comentadores estão divididos na leitura do v. 12a . Alguns lêem a abominação aos reis no sentido de que o mal dos outros é indesejável para os reis (por exemplo, Scott, JB), enquanto outros assumem que a "abominação aos reis" deve ser entendida por analogia com a "abominação dos reis" (também a " deleite dos reis "no v. 13a). Em qualquer caso, esses versículos estabelecem grandes ideais para a realeza, direta ou indiretamente.

Independentemente da leitura do v. 13 , o ponto é que discurso honesto e sincero é bom para o rei e seu povo. O versículo 14 enfatiza o poder da ira de um rei. Mas um homem sábio saberá lidar com os reis de tal forma que o temperamento e a paixão não podem sair da mão. O versículo 15 é uma declaração adicional sobre o poder eo status dos reis. Ele literalmente e figurativamente tem o poder da vida e da morte.

(3) O valor da sabedoria (16: 16-25)

> *16 Para obter a sabedoria é melhor do que o ouro;*
> *obter entendimento é ser escolhido em vez de prata.*
> *17 A estrada dos retos se afasta do mal;*
> *Aquele que guarda seu caminho preserva sua vida.*
> *18 O orgulho é antes da destruição,*
> *e um espírito altivo antes de uma queda.*
> *19 É melhor ser um espírito humilde com os pobres*
> *do que dividir o despojo com o orgulhoso.*
> *20 Aquele que presta atenção à palavra prosperará,*
> *e feliz é aquele que confia no Senhor.*
> *21 O sábio do coração é chamado de homem de discernimento,*
> *e o discurso agradável aumenta a persuasão.*
> *22 A sabedoria é uma fonte de vida para aquele que o tem,*
> *mas a loucura é o castigo dos tolos.*
> *23 A mente do sábio torna seu discurso judicioso,*
> *e acrescenta persuasão a seus lábios.*
> *24 palavras agradáveis são como um favo de mel,*
> *Doce para a alma e saúde para o corpo.*
> *25 Existe um caminho que parece certo para um homem,*
> *mas o fim é o caminho até a morte.*

Verso 16 , juntamente com vv. 8 , 19 , 32 , pertence ao "Melhor que. . . "Forma de sentença. Sabedoria e compreensão são melhores que o ouro e a prata. Ao contrário de 15:16 ; 16: 8 , não há idéia aqui de equiparar a verdadeira religião com pobreza e riqueza com falta de piedade. A comparação é entre um bem maior e um bem menor (McKane, pág. 489). Mas este não é o caso com o v. 19, onde os *pobres* são aqueles que têm o tipo certo de espírito em oposição aos orgulhosos. A palavra v. 20a pode se referir à palavra de Yahweh. Mas acho melhor interpretar as duas linhas do verso como complementares ou antitéticas. Se forem complementares, v. 20a refere-se à palavra do professor da sabedoria, que permite que alguém a ouça a encontrar prosperidade. Mas isso é complementado pela felicidade de confiar em Yahweh. Por outro lado, as linhas podem ser antitéticas, e o benefício que vem de muita atenção ao aprendizado não é tão bom quanto a bem-aventurança que Yahweh dá.

Os versículos 17 e 18 contrastam os modos de vida dos justos e dos orgulhosos. O homem ereto se move ao longo de uma rodovia que se afasta do mal, ou seja, é seguro e

adequado para um bom progresso. Ele preserva sua vida e a mantém movendo-se de maneira satisfatória (v. 17b). Mas nenhum progresso tão suave está reservado para a pessoa que permite o orgulho e um espírito altivo para controlá-lo. Ele pode esperar tropeçar e ser quebrado.

As qualidades intelectuais de um homem sábio são descritas em vv. 21, 22, 23 . O homem que é sábio de coração (ou seja, quem tem uma mente madura e sagaz) ganhará uma reputação de discernimento ou "inteligência" (Scott, pág. 105). O RSV da v. 21 b segue os comentários mais recentes e interpreta a linha como se referindo à persuasão do discurso agradável. Mas é melhor seguir McKane (pág. 489) e ler o *leqach* como "ensinar". O discurso *curioso* e agradável melhora a eficácia de um professor. Este é provavelmente o significado do v. 23b incerto também. O homem que pode deixar seu significado claro (Scott, pág. 105) é capaz de aumentar a aprendizagem. O verso 22 expressa um tema de sabedoria familiar (ver 10:11; 13:14 ; etc.). O verso 24 pode ser adicionado a esses versículos por causa da sua ênfase no discurso agradável. Como o amor, gentilmente, as palavras cortês têm um valor terapêutico. O versículo 25 repete 14:12 e serve como um tipo de comentário sobre o comportamento descrito em vv. 26-30 . Basicamente, é um comentário sobre a finitude do homem, que pode escolher uma maneira que *parece ser* apenas para achar que termina nas "formas da morte".

(4) Os Agitadores (16: 26-30)

> *26 O apetite do trabalhador funciona para ele;*
> *Sua boca o inspira.*
> *27 Um homem sem valor traça o mal,*
> *e seu discurso é como um fogo abrasador.*
> *28 Um homem perverso espalha conflitos,*
> *e um sussurro separa amigos íntimos.*
> *29 Um homem de violência atrai seu vizinho*
> *e o conduz de uma maneira que não é boa.*
> *30 Aquele que pisca os olhos, planeja coisas perversas,*
> *Aquele que comprime seus lábios leva o mal a passar.*

O verso 26 parece ter pouca conexão com o contexto. Ele afirma uma verdade auto-evidente: o trabalho dos homens (o "trabalho" aqui é difícil de trabalhar) porque eles precisam para atender às suas necessidades. No entanto, se McKane (p. 491) estiver correto ao ver aqui uma verdadeira frase "proverbial", existe a possibilidade de uma relação com vv. 27-30 . O incentivo ao comportamento violento e enganoso na sociedade é o que decorre da motivação pessoal. Por isso, o homem pode ser pressionado pela necessidade de satisfazer seus desejos internos (vingança pessoal, libertação do tédio, etc.).

As descrições dos agitadores em vv. 27-30 precisam de pequenos comentários. O RSV é aceitável, embora existam diferenças entre os comentadores e as traduções. O versículo 30 pressupõe que existe uma relação entre maneirismos e caráter. Leia v. 30b com a Bíblia de Jerusalém, "aquele que frouxa os lábios já cometeu errado".

(5) Provérbios sobre vida e conduta (16: 31-17: 10)

31 Uma cabeça cabeluda é uma coroa de glória;
é ganho em uma vida justa.
32 Aquele que é lento para a ira é melhor do que o poderoso,
e aquele que governa seu espírito do que aquele que toma uma cidade.
33 O lote é lançado no colo,
mas a decisão é inteiramente do SENHOR .
1 Melhor é um bocado seco com calma
que uma casa cheia de banquete com conflitos.
2 Um escravo que lida com sabedoria governará um filho que age vergonhosamente,
e compartilhará a herança como um dos irmãos.
3 O cadinho é para prata e o forno é para ouro,
e o Senhor tenta corações.
4 Um malfeitor escuta os lábios perversos;
e um mentiroso presta atenção a uma língua maliciosa.
5 Aquele que zomba dos pobres insulta o seu Criador;
Aquele que se alegra com a calamidade não ficará impune.
6 netos são a coroa dos idosos,
e a glória dos filhos são seus pais.
7 O discurso fino não está se tornando um tolo;
ainda menos fala falso para um príncipe.
8 Um suborno é como uma pedra mágica nos olhos de
aquele que o dá; Onde quer que ele vire, ele prospera.
9 Aquele que perdoa uma ofensa busca amor,
Mas aquele que repete uma questão aliena um amigo.
10 Uma repreensão se aprofunda em um homem de compreensão
mais de cem sopram em um idiota.

O versículo 31 exibe a idade avançada de forma positiva. Isso reflete "uma sociedade onde o status de gaiteiros foi assegurado. . . onde a sabedoria estava correlacionada com uma longa experiência de vida e os anciãos tinham peso em conselho e poder em assuntos "(McKane, página 501). Não reflete a mania contemporânea para a vida com menos de trinta! - que está mais de acordo com Isaías 3: 4-6 .

O versículo 32 coloca a ênfase na autodisciplina. O Espírito aqui significa disposição e temperamento (ver 14:29). O sábio é rápido para aprender, mas lento para a raiva. O versículo 32 refere-se ao elenco de lotes, que era um meio de obter um oráculo para descobrir a vontade de Deus (veja, por exemplo, 1 Sam. 14: 41-42 ; Jonas 1: 7 ; Atos 1:26). O colo é uma alusão ao bolso na roupa sacerdotal, onde os lotes (provavelmente os Urim e Tumim) foram mantidos (ver Ex. 28:30 ; Lev. 8: 8). A sentença declara que a

vontade de Yahweh é conhecida através desse processo aparentemente estranho. Como Jones comenta: "O princípio é que o que os homens não controlam Deus faz" (p.151).

O pensamento de 17: 1 é o de 15:17 . É melhor ter uma refeição muito simples com concórdia silenciosa do que ter banquete (lit., sacrifícios de discórdia) com disputa e falta de amizade. É provável que os "sacrifícios" sejam derivados do consumo de refeições em relação aos sacrifícios (ver Deuteronômio 12: 7 ; 1 Sam. 9: 12-13 , Isaías 34: 6).

O versículo 2 declara que um servo fiel pode tomar o lugar de um filho indigno e compartilhar a herança como um dos irmãos. Um homem que aprende como lidar com sabedoria, ou seja, com habilidade e sucesso, pode superar as desvantagens de um status pobre na sociedade (Para mais comentários, veja Scott, p. 110).

Os homens possuem as habilidades para testar prata e ouro, mas o Senhor é o assassino do verdadeiro caráter dos homens (v. 5 , ver 15:11 ; 16: 2 ; etc.) A fofoca é um problema em cada grupo e comunidade (v 4). Nunca faltam aqueles que se "inclinam" para ouvir falar de lábios maliciosos. Estas são as pessoas dedicadas à produção de discórdias e conflitos entre outras. Para o v. 5, veja o comentário em 14:31 .

A coesão da unidade familiar é uma característica importante do Antigo Testamento (Jones, p.154). Foi considerado muito bom que uma cadeia familiar poderia ser mantida intacta. Não há "brechas de geração" na v. 6 ! Infelizmente, a imagem da vida familiar projetada aqui é muito rara hoje. A coroa e a glória vão nos dois sentidos na v. 6 - dos pais aos filhos e das crianças aos pais.

Duas incongruências são configuradas na v. 7 (ver 11:22). O discurso fino está fora de lugar com um tolo, assim como o falso discurso é com um príncipe ou, melhor, "um homem de honra", a quem o discurso verdadeiro é natural (Isaías 32: 5-8). A palavra particular Para o tolo (*nabal*) neste versículo é usado muito pouco em Provérbios (17:21 ; 30:22). Ele denota um tipo de pessoa desdenhosa, grosseira e não religiosa (Fritsch, p.880).

O versículo 8 é uma observação sobre a poderosa eficácia de um suborno. Judiciosamente usado, pode trazer sucesso ao usuário onde quer que ele vire. O suborno é como uma pedra mágica, um talismã ou amuleto com qualidades mágicas. O versículo 8a pode ser traduzido com um sentido que faz subornar a posse de quem o recebe (então Scott, p. 108); mas o sentido é melhor com o RSV (ver McKane, página 502). O realismo dos homens sábios nos lembra a infeliz verdade de que o suborno foi e ainda é uma característica padrão dos governos e empresas de todo o mundo. Seria um erro assumir que os sábios pensavam que os procedimentos de suborno eram justos (ver v. 15 , 23 , 26). Mas eles enfrentaram os fatos de viver em um mundo muito imperfeito. Um homem justo não pode usar os poderes do suborno, mas ele pode usá-los contra ele. Apenas um tolo ignoraria a realidade do poder de um suborno.

Os versículos 9 e 10 lidam com tolerância e sensibilidade. Existem duas linhas de abordagem para a compreensão do v. 9 . (1) Pode-se pensar em termos de uma afronta pessoal para uma pessoa, que busca amor e perdoa. O homem injustificado cobre ou negligencia a falha em contraste com o homem que repete ou arpa uma lesão até que ele

quebre a amizade. (2) Uma terceira pessoa (s) pode ser pensada e, portanto, o ponto se torna o de "negligenciar" as fraquezas e transgressões de outros, a fim de não romper amizades por fofocas (McKane, página 508). Qualquer abordagem é aceitável, mas a segunda dá um contraste melhor (ver 16:28).

A pessoa que "procura amor" mantém palavras de confiança e informações que podem prejudicar as amizades. Para fazer isso, ele precisa do tipo de sensibilidade expressa na v. 10a . Um homem de compreensão requer pouca reprovação, porque ele está disposto e capaz de reagir positivamente. Um tolo rejeita a disciplina e mantém sua incorrigibilidade. Assim, não existe uma relação direta entre vv. 9 e 10, mas o homem alerta e inteligente de v. 10 é o homem que sabe como manter informações desnecessárias de destruir amizades.

(6) Ensinamentos variados (17: 11-28)

Um homem mau procura apenas rebelião,
e um mensageiro cruel será enviado contra ele.
12 Que um homem conheça um urso roubado de seus filhotes,
em vez de um tolo na sua loucura.
13 Se um homem retorna o mal para sempre,
O mal não se afastará de sua casa.
14 O início da disputa é como deixar a água;
então, saia antes que a briga exploda.
15 Aquele que justifica os ímpios e aquele que
condena os justos tanto à abominação ao Senhor como a ambos.
16 Por que um tolo tinha um preço na mão
para comprar sabedoria, quando ele não tem idéia?
17 Um amigo ama em todos os momentos,
e um irmão nasceu por adversidade.
18 Um homem sem sentido dá uma promessa,
e se torna garantia na presença de seu vizinho.
19 Aquele que ama a transgressão ama as contendas;
Aquele que faz a sua porta alta procura destruição.
20 Um homem de mente torta não prospera,
e um com uma língua perversa cai em calamidade.
21 Um filho estúpido é uma dor para um pai;
e o pai do tolo não tem alegria.
22 Um coração alegre é um bom remédio,
mas um espírito abatido seca os ossos.
23 Um homem perverso aceita um suborno do peito
perverter os caminhos da justiça.
24 Um homem de entendimento coloca o rosto em direção à sabedoria,

mas os olhos de um tolo estão nas extremidades da terra.

25 Um filho tolo é uma dor para o pai dele

e amargura para ela que o aborrecia.

26 Impor uma multa sobre um homem justo não é bom;

para falhar os homens nobres está errado.

27 Aquele que retém suas palavras tem conhecimento,

e aquele que tem um espírito legal é um homem de entendimento.

28 Mesmo um tolo que fica em silêncio é considerado sábio;

Quando ele fecha os lábios, ele é considerado inteligente.

Em termos de linguagem contemporânea, v. 11 pode ser entendido como um versículo de "lei e ordem". O homem rebelde que procura o "mal" (problemas e desordem) será tratado severamente pela comunidade. Ele será punido por um mensageiro cruel (cf. 16 ; 14a) da sociedade, que não deixará de conseguir seu homem. A tradução de RSV de v. 11a é comum, mas uma tradução preferível é: "O homem perverso não pensa senão rebelião" (JB).

O versículo 12 é um comentário contundente sobre o perigo de um tolo em sua loucura (2 Sam. 17: 8 ; Hos. 13: 8 ; Amós 5:19). O versículo 13 expressa uma idéia de retribuição que é comum na literatura de sabedoria. Você colhe o que você semeia (ver 25: 21-22).

O versículo 14 fornece bons conselhos para evitar brigas graves: pare antes de começarem. A imagem é a de um vazamento em uma barragem que começa como apenas um gotejamento, mas, a menos que seja interrompido, logo poderá produzir uma quebra na barragem e uma inundação. A maneira de evitar uma briga é detê-lo antes que ele comece!

O contexto do v. 15 é o de processos judiciais. Qualquer desvio mencionado é repulsivo para Yahweh. Ele quer justiça por inocentes e culpados. É melhor pensar nas taxas escolares na v. 16 em vez de apenas uma declaração generalizada de que o dinheiro não pode comprar a sabedoria - verdadeira como essa (ver Jó 28: 15-19). Um aluno não pode comprar sabedoria pagando matrícula para um professor se ele não tem capacidade e disciplina para aprender.

Existem duas maneiras de entender v. 17 - ambas verdadeiras. Se amigo e irmão são tomados como sinônimo, o verso significa que a amizade real é um relacionamento forte e duradouro, que tem suas melhores qualidades em tempos de crise. Se "amigo" e "irmão" não são sinônimo, o verso distingue entre relações de amizade e sangue. Como McKane (p. 506) observa, os amigos são geralmente escolhidos porque são uma empresa agradável. Os irmãos podem não ser tão agradáveis quanto amigos, mas existe um vínculo de parentesco que cria obrigações, particularmente em momentos difíceis (cf. 18:24 ; 27:10).

Para o ponto 18, veja o comentário em 6: 1 e 11:15 .

O impulso de vv. 19-20 é que uma pessoa contenciosa procura problemas e acha. Aquele que faz a porta em alto no v. 19b é obscuro, mas provavelmente se refere ao discurso arrogante.

Os versículos 6 e 21 dão os dois lados da paternidade: alegria e tristeza (ver 10: 1 ; 15:20). Os resultados terapêuticos de boas condições internas foram bem conhecidos pelos sábios (v. 22 , cf. 14:30 ; 15:13). O versículo 23 é outra observação sobre o suborno (ver 17: 8 ; 15:27). Para o peito, veja o comentário em 16:33 , onde a mesma palavra hebraica foi traduzida como "colo". O suborno é visto como a ação de um homem corrupto neste versículo.

O tolo é caracteristicamente incapaz de concentrar sua atenção e energia no pensamento e na ação (v. 24). Seus olhos estão nos extremos da terra - vagando e saltando de coisa para coisa. O homem perceptivo da compreensão sempre mantém a sabedoria à vista.

Os versículos 27-28 expressam um tema principal do ensinamento da sabedoria: autocontrole. O homem que tem um espírito legal (legal é usado de água em 25:25) é composto e capaz de pensar claramente sobre problemas quentes. Os sábios sabiam que pensar e agir com base no "sangue quente" foi um traço humano devastador.

O versículo 28 tem um toque de humor irônico. Mesmo um tolo pode ganhar uma reputação de inteligência se ele não se entregar por conversa! É difícil superestimar a sabedoria de manter a boca fechada, a menos que você tenha algo a dizer que é saudável e precisa ser dito.

(7) Forças tolas (18: 1-8)

1 Aquele que é estranho procura pretextos
romper todo o julgamento sadio
2 Um tolo não se agrada em entender,
mas apenas em expressar sua opinião.
3 Quando a maldade vem, o desprezo vem também;
e com desonra vem desgraça.
4 As palavras da boca de um homem são águas profundas;
A fonte da sabedoria é um fluxo jorrando.
5 Não é bom ser parcial para um homem perverso,
ou privar um justo homem de justiça.
6 Os lábios de um tolo trazem contendas,
e sua boca convida uma flagelação.
7 A boca do tolo é a sua ruína,
e seus lábios são uma armadilha para si mesmo.
8 As palavras de um sussurro são como pedaços deliciosos;
Eles descem nas partes internas do corpo.

O versículo 1 é uma observação sobre os padrões comportamentais de uma pessoa alienada. Essa pessoa está sempre pronta para uma discussão ("desnudar os dentes"); contencioso sobre políticas de som e pessoas competentes. Há alguma dificuldade na tradução deste versículo (compare RSV, NEB, JB, BV). Eu prefiro Scott: "Um homem insociável se preocupa apenas com suas preocupações egoístas, / Ele corre contra todas as empresas de som".

O tolo adora lançar suas opiniões, mas ele não se agrada em tentar compreender o entendimento real (v. 2). O trabalho duro de pensar nas questões é de pouco interesse para esse homem. Ele prefere "mostrar sua inteligência" (NEB).

O versículo 3 é uma observação sobre os resultados da maldade e do desonra. A desgraça é melhor entendida como reprovação ou insulto. A desonestidade indica leveza, falta de status social e respeito.

Várias frases neste capítulo dizem respeito à fala (vv. 4 , 6-8 , 13 , 20, 21). Como está, v. 4 parece dar um endosso generalizado ao discurso humano que não está de acordo com o ensino usual dos sábios. Portanto, não é surpreendente que alguns comentadores argumentem que devemos ler a frase de abertura: "As palavras do sábio. . "(por exemplo, Jones, p.160). O homem sábio tem uma fonte perene de palavras e sabedoria. Uma abordagem menos provável para a interpretação da frase é assumir paralelismo antitético e ler um contraste entre v. 4ae v. 4b; ou seja, a fala de um homem comum é difícil de entender (como tirar água de um poço profundo), enquanto a de um homem sábio sai como água de uma fonte.

Pelo pensamento do v. 5 , veja 17:15 , 26 . Esta máxima está preocupada com os procedimentos judiciais, como é 18:17 . A expressão para ser parcial é, literalmente, "levantar o rosto". Provavelmente, é derivado da prática de levantar o rosto de um suplicante prostrado quando seu pedido foi concedido e o caso decidiu a seu favor.

Os versículos 6-7 são observações sobre o discurso de um tolo. A conversa do tolo constantemente o coloca em problemas (ver 17:14 , 19 ; 20: 3). Ele atrai hostilidade e retaliação. O versículo 8 é uma avaliação do desejo humano de fofoca. É engolido com avidez, como sabores de comida; e é engolido completamente, nas partes internas. Podemos esquecer as coisas boas que ouvimos sobre as pessoas, mas recordamos facilmente as coisas más e os "sussurro" a outras pessoas que as devoram ansiosamente.

(8) Evitando Destruição (18: 9-15)

9 Aquele que está fraco em seu trabalho
é um irmão para aquele que destrói.
10 O nome do SENHOR é uma torre forte;
O homem justo corre para ele e está seguro.
11 A riqueza de um rico é a sua cidade forte,
e como uma parede alta que o protege.
12 Antes da destruição, o coração de um homem é arrogante,
Mas a humildade percorre a honra.

13 Se alguém responder antes de ouvir,
É a sua loucura e vergonha.
14 O espírito de um homem suportará a doença;
mas um espírito quebrado pode suportar?
15 Uma mente inteligente adquire conhecimento,
e a orelha do sábio busca conhecimento.

O trabalhador lento é um irmão a quem destrói ou um "mestre da destruição". "Irmão" neste contexto tem o senso de pertencer à mesma classe e compartilhando a mesma natureza. A frase que o nome do Senhor é usada apenas aqui em Provérbios (ver 30: 9). O "nome" representa o próprio Javé (cf. Salmo 20: 7). É a sua presença e poder. O homem justo que corre para ele encontrará segurança como a fornecida por uma torre fortificada, que é inacessível dos perigos abaixo. Na segurança do justo, veja 10: 2 , 9 , 24, 25 , 29, 30 ; 11: 4 , 6 , 8 , 21 ; etc.

O verso 11 , também, descreve força e segurança, mas de forma bastante diferente do v. 10 . No v. 11 , é a riqueza de um homem rico que é como uma cidade forte (ver 10: 15a).

Para v. 12a , compare 16: 18a e para v. 12b , compare 15: 33b . Antes da nova realidade da vida, um homem pode se orgulhar e pensar que ele pode dobrar o mundo para se adequar às suas idéias. Depois, ele descobre que a humildade é um pré-requisito para a grandeza.

O versículo 13 fala por si mesmo: não responda até ouvir a declaração inteira e saber o que está envolvido (ver Eccles. 11: 8). Vale a pena ouvir antes de falar. O RSV pode ser mais claro na versão 14 . A frase diz que é o espírito de um homem que lhe permite lidar com a doença. A fraqueza física pode ser contrabalançada pela determinação do espírito, isto é, a mente e a vontade. Se o espírito é esmagado, a doença de um homem é fatal porque a fonte interna de resistência e controle desapareceu.

O versículo 15 apresenta uma imagem de uma mente que é o oposto daquele em 18: 2 . Ao contrário do "tolo" no v. 2 , um homem de entendimento está obtendo conhecimento continuamente, porque ele tem uma orelha que está buscando continuamente o conhecimento, ou seja, ouvir professores e aprender com as experiências dos outros. É esse tipo de mente que alimenta um homem para uma vida forte, capaz e bem-sucedida.

(9) Ensinamentos e Preceitos (18: 16-24)

16 O presente de um homem faz espaço para ele
e traz-o diante de grandes homens.
17 Aquele que afirma o caso primeiro parece certo,
até que o outro venha e o examine.
18 O lote põe fim às disputas
e decide entre contendores poderosos.

19 Um irmão ajudou é como uma cidade forte,
mas brigas é como as barras de um castelo.
20 Do fruto da sua boca, um homem está satisfeito;
Ele está satisfeito com o rendimento de seus lábios.
21 A morte e a vida estão no poder da língua,
e aqueles que amam isso comerão seus frutos.
22 Aquele que encontra uma esposa encontra uma coisa boa,
e obtém o favor do Senhor.
23 O pobre usa súplicas,
mas os ricos respondem grosseiramente.
24 Há amigos que fingem ser amigos,
mas há um amigo que se aproxima do que um irmão.

O versículo 16 é outro comentário sobre o uso do suborno como em 17: 8 (que vê). O dinheiro, usado corretamente, pode ganhar uma entrada de homem nos círculos da alta sociedade e grande influência. O presente domina o caminho para o sucesso e leva o doador à presença das pessoas que podem promover seus interesses.

O valor do contra-interrogatório é o ponto do v. 17 . A tradução fala por si mesma. O versículo 18 também tem referência a casos legais, particularmente aqueles em que o litígio é prolongado e indeciso. Em tais situações, é louvável um acordo pelo uso de lançar o lote. Provavelmente devemos pensar no lote como uma decisão divina (ver 16:33), que pode resolver o que os homens não podem decidir, ou não decidirão, por procedimentos legais normais.

O versículo 19 é obscuro, mas é duvidoso que o paralelismo antitético assumido no RSV (das versões) esteja correto. A representação de Scott (pág. 113) é preferível: "Um irmão ofendido é mais difícil de ser conquistado do que uma cidade forte, e seu antagonismo é como a barra de um castelo". Neste caso, o significado seria que as brigas e os antagonismos que dividem os homens são tão difíceis de quebrar como as paredes e as barras de portão de uma cidade fortificada. Se o irmão se destina a indicar o parentesco, em vez do vizinho ou do "irmão" da comunidade, a animosidade profunda que surge das discussões familiares está em mente.

As frases em vv. 20-21 expressam algumas das conseqüências da fala (ver 12:14 ; 13: 2). A língua tem o poder da morte e da vida. É imperativo usá-lo corretamente. O versículo 20 deve ser mais compreendido literalmente. O NEB traduz: "Um homem pode viver com o fruto da língua, / os lábios dele podem ganhar o sustento".

Uma boa esposa é uma benção de Javé (obtém o favor do Senhor é usado na Sabedoria em 8:35). Os professores da sabedoria acreditavam no casamento, apesar dos perigos óbvios (por exemplo, ver 21: 9). É seguro assumir que uma "boa esposa" (como em 31:10) se destina, embora o texto não diga tão explicitamente.

O versículo 23 é uma observação sobre uma realidade da vida - indesejável, mas verdade. O pobre homem tem que pedir coisas, esperando alguma ajuda para sua

situação empobrecida. O homem rico não precisa se preocupar com o tom de sua voz. Ele tem o poder de dar e ficar sem muito respeito pelo que os outros pensam.

Existem dificuldades linguísticas e textuais no v. 24 ; mas o RSV pode ser aceito como uma tentativa razoável de reconstruir o verso. O ponto parece claro na v. 24b : há uma amizade que perdura mais forte e lealmente do que o parentesco. Há amigos genuínos; mas também há amigos superficiais que são facilmente perdidos.

(10) Provérbios em assuntos variados (19: 1-18)

1 Melhor é um homem pobre que caminha em sua integridade
do que um homem que é perverso na fala e é um tolo.
2 Não é bom para um homem estar sem conhecimento,
e aquele que se apressa com os pés sente o caminho dele.
3 Quando a loucura de um homem traz seu caminho para a ruína,
seu coração se aguda contra o Senhor.
4 Riqueza traz muitos novos amigos,
Mas um pobre homem está deserto por seu amigo.
5 Uma falsa testemunha não ficará impune,
e aquele que pronuncia mentiras não escapará.
6 Muitos buscam o favor de um homem generoso,
e todos são amigos de um homem que dá presentes.
7 Todos os irmãos de um pobre homem o odeiam;
Quanto mais seus amigos se afastam dele!
Ele os persegue com palavras, mas não as possui.
8 Aquele que recebe sabedoria se ama;
Aquele que mantém o entendimento prosperará.
9 Uma falsa testemunha não ficará impune,
e aquele que pronuncia mentiras perecerá.
10 Não é adequado para um tolo viver em luxo,
muito menos para um escravo dominar os príncipes.
11 O bom senso torna um homem lento para a raiva
e é a sua glória ignorar uma ofensa.
12 A ira de um rei é como o rosnar de um leão,
mas seu favor é como o orvalho sobre a grama.
13 Um filho tolo está arruinando a seu pai,
e a briga de uma esposa é um contínuo gotejamento de chuva.
14 A casa e a riqueza são herdadas dos pais,
Mas uma esposa prudente é do Senhor.
15 A preguiça molda em um sono profundo,
e uma pessoa ociosa sofrerá fome.

[16] Aquele que guarda o mandamento mantém sua vida;
Aquele que despreza a palavra vai morrer.
[17] Aquele que é gentil com o pobre presta ao SENHOR ,
e ele o pagará por sua ação.
[18] Discipline seu filho enquanto há esperança;
não coloque seu coração em sua destruição.

Porque v. 1a aparece em 28: 6 com um paralelo que contrasta o pobre homem de integridade com um homem rico de caráter perverso, alguns comentadores querem alterar o texto aqui para "pobre" ou entender o tolo como um "tolo rico". No entanto, nem é necessário. Podemos ter um exemplo de uma linha de uma frase usada em diferentes contextos. Não há nada de errado em dizer que é melhor ser pobre com integridade do que ser um tolo - embora a implicação seja forte de que o tolo na v. 1b , se destina a ser o tipo de pessoa que tenta entrar em sua riqueza pelo discurso que aproveita os outros. Ele usa um discurso torto e enganador.

Verso 3 comentários sobre o homem cujo caminho é "torcido" (embora uma palavra diferente seja usada do que na v. 1), e essa loucura o leva a arruinar. Mas ele é amargo em relação a Yahweh por seu fracasso. Este é propriamente um provérbio que diz: assumir a responsabilidade por suas próprias falhas. Você não pode culpar Deus por sua tolice.

O versículo 2 é uma observação sobre ação impulsiva, o que não é bom e faz com que a pessoa impulsiva perca seus objetivos. Perder o seu caminho é uma palavra hebraica importante para o pecado, ou seja, perder a marca (ver 8:36 ; Job 5:24). O verso desenha um paralelo entre duas linhas de ação ruins. É melhor traduzir v. 2a como: "O entusiasmo (ou o zelo) sem conhecimento não é bom". *Nephesh* neste contexto significa energia, movimentação, vitalidade ou algo parecido.

Para o pensamento do v. 4, veja 14:20 . Os sábios eram realistas quanto à riqueza. Um pobre homem pode esperar encontrar-se deserto por seus vizinhos. Esta não é a maneira que deveria ser; Mas é assim que é freqüentemente. Mesmo o parentesco por relação de sangue pode não ser útil para um homem pobre (v. 7), embora as obrigações da vida familiar possam forçá-los a dar-lhe algum apoio. O versículo 7 tem uma linha extra (talvez, um comentário marginal que tenha sido adicionado ao texto, ou um fragmento de um provérbio separado) que provavelmente deve ser entendido como dizendo que, embora um homem pobre persiga parentes e amigos com súplicas de ajuda, eles irão abandoná-lo.

O versículo 6 está intimamente relacionado no pensamento e observa que há muitas pessoas para louvar aqueles de alto nível e aqueles que são generosos doadores. McKane (p. 526) pode estar correto quando ele sugere que este versículo aponta para o caráter duvidoso dos amigos de um rico e para a dificuldade que esse homem tem para classificar aqueles que são verdadeiros amigos daqueles que querem usá-lo e sua riqueza para seus próprios fins.

O NEB é mais preciso do que o RSV na v. 8a : "Aprender o sentido é verdadeiro amor próprio". Eu gosto do sentido da tradução bastante livre de Scott (p. 115): "Aquele que

desenvolve sua mente é o seu melhor amigo "Note-se que a versão 9repete o pensamento do v. 5 .

O versículo 10 é uma expressão da crença dos sábios de que deve haver uma correspondência entre a ordem social e a ordem moral. Ambas as afirmações no v. 10 apresentam incongruências que são impróprias (ver 17: 7). O NEB da v. 10asegue uma sugestão (para discussão, ver McKane, p. 528) que a palavra traduzida para viver no luxo realmente significa administração ou gerenciamento. Assim, "um tolo no leme está fora de lugar". Isso faz sentido , mas é incerto.

Há um tipo de pensamento que acredita que é melhor lutar rapidamente por seus direitos e se recusar a permitir que uma ofensa pessoal seja respondida sem resposta. Mas esta não é a abordagem da v. 11 . Um homem mostra o seu bom senso e a sua glória quando ele é portador e pronto para ignorar as falhas dos outros. Essas qualidades são as de uma verdadeira dureza de intelecto e temperamento.

O versículo 12 é uma observação sobre os modos e o poder dos reis (ver 16: 14-15 ; 20: 2).

O versículo 13 é outro contraste com a vida familiar feliz de 17: 6 . Jones (p. 166) observa que há um provérbio árabe que lista três coisas que tornam a casa insuportável: *tak* , um vazamento de água da chuva; *nak* , uma mulher irritada; e *bak* , bugs!

Uma esposa prudente não é apresentada, assim como outras posses, algumas das quais podem ser herdadas (v. 14) (ver 18:22). Como Rylaarsdam (p. 67) observa, os sábios reconheceram que havia um elemento considerável de incerteza na escolha de uma esposa. Assim, uma boa esposa foi atribuída ao favor de Yahweh. Nenhuma decisão pessoal exigente pode estar envolvida na aquisição de casa e riqueza (é claro, tais decisões podem ser necessárias em outras circunstâncias), mas é preciso ter suas chances quando ele escolhe uma esposa.

O versículo 15 é uma acusação de preguiça (6: 9-10 ; 20:13 ; 24: 33-34). É possível que *o sono profundo* significa "lugar de dormir" (então Scott, p. 117, seguindo Dahood) e que v. 15a significa que "a preguiça faz cair o lugar de dormir" (ver NEB). Se essa mudança não for feita, v. 15a se refere à condição letárgica e apática.

O problema no v. 16a é o significado do mandamento (lit., um mandamento). O termo pode ser um termo técnico que equivale a *Torá* ou lei. Isso é bem possível no contexto atual. Mas é igualmente provável que o "mandamento" tenha uma referência original à instrução autorizada de um professor de sabedoria (ver 13:13). O RSV emana "seus caminhos" na v. 16b para a palavra. Mas essa mudança não é necessária, e é duvidoso que isso seja feito. "Seus caminhos" neste contexto se refere aos "caminhos" de Yahweh (nota NEB); mas a referência original foi provavelmente para os "caminhos" (isto é, instruções e exemplos) do professor de sabedoria.

O versículo 17 enfatiza a obrigação de cuidar dos pobres. De forma impressionante, tal ação é dita equivalente a emprestar a Deus, que leva a causa dos pobres e necessitados para os seus e reembolsa suas dívidas. Yahweh está pronto para endividar os pobres.

O versículo 18a enfatiza o valor da ação disciplinar, enquanto ainda há tempo para influenciar a vida de uma criança. Mas é igualmente possível traduzir "por haver esperança", ou seja, como uma cláusula motivadora que assegura ao pai que a disciplina parental produzirá resultados se sustentada (ver JB ; McKane, página 524). O versículo 18b pode estabelecer um limite para disciplina. Assim, o NEB traduz: "mas tenha cuidado para não o ferir até a morte".

(11) Caráter: Bom e ruim (19: 19-24)

> *19 Um homem de grande ira pagará a pena;*
> *pois se você o entregar, você só terá que fazê-lo novamente.*
> *20 Ouça conselhos e aceite instruções,*
> *para que você possa ganhar sabedoria para o futuro.*
> *21 Muitos são os planos na mente de um homem,*
> *mas é o propósito do Senhor que será estabelecido.*
> *22 O que se deseja em um homem é a lealdade,*
> *e um homem pobre é melhor do que um mentiroso.*
> *23 O medo do SENHOR leva à vida;*
> *e aquele que o tem está satisfeito; ele não será visitado por danos.*
> *24 O preguiçoso enterra sua mão no prato,*
> *e nem vai trazê-lo de volta à sua boca.*

O versículo 19 é um verso muito difícil de traduzir, e as traduções geralmente dadas são em grande parte baseadas na tradição. O que podemos ter pode ser aceito como uma conjectura razoável. A questão do significado permanece. Aparentemente, o ponto é que pode haver uma incorrigibilidade sobre um homem que é melhor deixar sozinho. Se alguém tentar ajudá-lo (ou pagar a multa, qual pode ser a idéia na v. 19a), o resultado pode ser um encorajamento para ele continuar suas formas intempestivas. Pode ser melhor traduzir: "Deixe um homem de mau humor (ou comportamento inaceitável) suportar sua punição, / para se você ajudá-lo, você terá que fazê-lo novamente e novamente.

O versículo 20 é um pouco de instrução que é padrão para os professores da sabedoria. O aluno é admoestado para ouvir e receber o ensino para que o resultado final seja o desenvolvimento de um homem sábio. Os professores se consideravam estar transmitindo instruções autorizadas, comprovadas pela experiência e garantidas para trazer resultados.

O versículo 21 é outra expressão da idéia de que o propósito de Deus é elaborado, independentemente dos planos e propósitos dos homens (ver 16: 1 ; Isa. 46:10 ; Salmos 33:11 ; Job 23:13 ; Gênesis 50:20 .

O significado do v. 22a é incerto. Prefiro o NEB: "A ganância é uma desgraça para um homem; melhor ser um homem pobre do que um mentiroso "; ou, McKane (p 532)., que com dependência do texto grego deriva o significado: “A produtividade de um homem é sua (leitura lealdade *chsd* com este significado, e não como em 14:34 ; 25:10) e um

homem pobre é melhor do que um falso. "A frase parece dizer que a verdadeira medida de um homem é seu caráter, não o seu lucro e propriedade.

O versículo 23 é uma variação do conceito encontrado em 14:27 . A imagem de descanso ou alojamento satisfeito e seguro é atraente. O verso 24 é uma *reductio ad absurdum* da preguiça (Jones, p. 168). Há um elemento de humor na imagem de uma pessoa muito preguiçosa para comer a comida que lhe foi fornecida (ver 26:15).

(12) Observações diversas (19: 25-29)

> *25 Golpeie um escarnecedor, e o simples aprenderá prudência;*
> *repreender um homem de compreensão, e ele ganhará conhecimento.*
> *26 Quem faz violência a seu pai e persegue sua mãe*
> *é um filho que causa vergonha e traz reprovação.*
> *27 Fale, meu filho, para ouvir instruções*
> *apenas para se afastar das palavras de conhecimento.*
> *28 Uma testemunha sem valor se burla da justiça,*
> *e a boca dos ímpios devora a iniqüidade.*
> *29 A condenação está pronta para escarnecedores,*
> *e flagelação pelas costas dos tolos.*

O versículo 25 parece significar que a punição dada a um escarnecedor pode proporcionar ao simples a oportunidade de aprender com isso. A pessoa simples é um homem imaturo e não educado, mas aberto à instrução. Por outro lado, o homem amadurecido de compreensão não precisa de tal processo de aprender como ver o castigo dos outros. Ele pode aceitar e utilizar a correção diretamente.

O versículo 26 descreve o comportamento inaceitável de um filho que trata seus pais de maneiras cruéis e insensíveis. A rejeição da responsabilidade pelos pais, mesmo a despejo direto, é um problema contemporâneo; mas não é novo.

O versículo 27 parece ser uma frase do gênero Instrução, mas é realmente diferente. O imperativo está em uma espécie de construção retórica que se destina a mostrar as más consequências de se afastar do conhecimento aprendido (McKane, p. 525). A frase é irônica.

O versículo 28 é outra observação sobre o mal do perjúrio (ver v. 5 , 9 ; 6:12). O paralelismo é mais claro se v. 28b é traduzido com "derrama" ou "comunica" em vez de devoradores (ver McKane, pág. 529). Uma variedade de punições estão disponíveis, (e serão usadas) para os escarnecedores e tolos (v. 29).

(13) Embriaguez e outras questões (20: 1-11)

> *1 O vinho é uma bebida mocker, forte, um brawler;*
> *e quem é desviado por ele não é sábio.*
> *2 A pavorosa ira de um rei é como o grunhido de um leão;*

Aquele que o provoca à ira perde a vida.
3 É uma honra para um homem se manter distante das contendas;
Mas todos os tolos vão brigar.
4 O preguiçoso não arado no outono;
Ele procurará a colheita e não terá nada.
5 O propósito na mente de um homem é como águas profundas,
Mas um homem de entendimento irá retirá-lo.
6 Muitos homens proclamam sua própria lealdade,
Mas um homem fiel que pode encontrar?
7 Um homem justo que caminha na sua integridade -
abençoados são os filhos dele após ele!
8 Um rei que se senta no trono do juízo
Winnows todo o mal com os olhos dele.
9 Quem pode dizer: "Limpei meu coração;
Eu sou puro do meu pecado "?
10 pesos diversos e medidas diversas
são tanto uma abominação para o SENHOR .
11 Mesmo uma criança se faz saber por seus atos,
se o que ele faz é puro e certo.

A embriaguez é um sintoma de falta de autodisciplina e excesso de indulgência. Os professores da sabedoria estavam conscientes de seus perigos e não deixaram de alertar seus alunos (ver 23: 19-21 , 29-35 ; 31: 4-5 , ver 31: 6-7). O uso normal do vinho em ocasiões festais foi aceito (3:10 ; 9: 2 , 5 ; Eccl 9: 7 ; Salmo 104: 15 ; Jó 1:13 ; Ecclus. 31: 27-28). Mas os sábios, como os profetas, atacaram o uso excessivo de bebidas intoxicantes (por exemplo, Amós 6: 6 , Hos. 7: 5 , Isaías 5: 11-12 , 22; Jer. 23: 9). Jones (p. 170) está correto ao notar que o RSV desviado é "muito gentil". O significado é "se tambourar embriagado" (ver Isa. 28: 7 , Jeremias 25:27). Além disso, provavelmente é melhor traduzir o não é sábio, pois "não pode agir com sabedoria". A pessoa que está sob a influência do álcool não pode agir com precisão e bom julgamento.

A ira do rei pode ser tão assustadora quanto o rugido de um leão - e como perigoso (v. 2 , cf. 16:14 ; 19:12). Quem provoca um rei, coloca sua vida em perigo. É uma coisa honrosa para evitar disputas e lutas (v. 3). O tolo está sempre "abaixando os dentes" em uma discussão irritada (ver 17:14 ; 18: 1). É uma característica do preguiçoso que ele não trabalha quando ele deve fazer isso (v. 4 ; o outono foi a hora de arar na Palestina, ver 6: 6-11 ; 10: 5). Mas ele procura uma safra no entanto. Ele sabe o que ele quer, mas ele não tem energia e está planejando na frente para obtê-lo.

O versículo 5 diz que o conselho ou propósito na mente de um homem é como a água em um poço profundo ou primavera. Não é fácil extrair, embora um homem com compreensão tenha a habilidade de fazê-lo. A sabedoria não é encontrada na superfície da vida - quer de si mesmo ou de outra - deve ser "educada", tirada pela instrução, esclarecimento e experiência. Trazendo o processo em outro é uma operação qualificada

- aproximadamente análoga ao desenho de um balde de água de um poço profundo (aqueles que tentaram este processo complicado entenderão a analogia).

A verdadeira amizade é rara (v. 6) - um comentário realista. Existem muitos "professores superficiais" nesta área da vida! É o homem confiável, sincero e fiel, que é realmente leal. A natureza corporativa da vida familiar aparece na v. 7 . Os filhos de um justo de integridade recebem os benefícios de seu caráter (ver Ex. 20: 6).

O versículo 8 é outra apresentação do papel exaltado e poderoso do rei (ver 16:10 , 13). Ele expõe a evidência de processos legais que lhe são submetidos para fazer o julgamento correto. Talvez devêssemos pensar neste versículo como a disposição de mais do ideal do que a realidade relativa ao modo como os reis tomam suas decisões (ver 20:26).

A universalidade da imperfeição humana - uma questão que os reis precisam lembrar - é o sujeito da v. 9 (ver Job 4: 17-19 , Salmo 51: 5 ; 130: 3 ; Eccl. 7:20). O versículo 10 é uma variação de 11: 1 ; 20:23 (veja também 16:11 ; Deuteronômio 25: 13-16 , Amós 8: 5). O verso 10a refere-se aos pesos e medidas utilizados na compra e venda. De qualquer forma, eles devem ser precisos. O caráter é conhecido em conduta (v. 11). As profissões verbais e as aparências externas não são decisivas; o desempenho é essencial. Este é um versículo que poderia ser tomado em consideração por ambas as jovens formigas do mundo de hoje (Mt 7,20 , Tiago 2: 14-26).

(14) Coisas melhores que o ouro (20: 12-18)

12 O ouvido auditivo e o olho vendo,
O Senhor fez os dois.
13 Não adore o sono, para que não venha à pobreza;
abra seus olhos e você terá pão abundante.
14 "É ruim, é ruim", diz o comprador;
Mas quando ele se afasta, então ele se orgulha.
15 Há ouro, e abundância de pedras caras;
mas os lábios do conhecimento são uma jóia preciosa.
16 Pegue a roupa de um homem quando ele deu
garantia para um estranho, e mantê-lo em penhor quando ele dá garantia para estrangeiros.
17 O pão adquirido pelo engano é doce para um homem,
mas depois sua boca ficará cheia de cascalho.
18 Planos são estabelecidos por conselho;
por uma sábia orientação, guerra de salários.

A justaposição de vv. 12 e 13 (provavelmente com base no slogan "olho") é uma sorte. A doação divina da vida humana com as faculdades essenciais para a vida e o trabalho (v. 12) deve ser usada para evitar a pobreza e obter comida (v. 13 , cf. 6: 9-11 ; 19:15). Aparentemente, os professores da sabedoria foram madrugadores e muito preocupados com o sono demais.

O verso 14 é uma observação dos métodos usados em negócios comerciais. Nenhum julgamento é expresso quanto ao mérito ou falta de mérito em tais processos; mas há algumas evidências que sugerem que os professores da sabedoria desconfiaram dessas técnicas (6: 1-5 ; 11:15 ; 17:18). O verso deve ser lido com uma apreciação do humor, e dos rituais de barganha do Oriente Próximo - ainda hoje comum.

A sabedoria vale mais do que qualquer riqueza (v. 15 , cf. 3: 14-15 ; 16:16 ; 22: 1).

A prática de se tornar garantia financeira para outro é o assunto da v. 16 (repetido em 27:13 , 6: 1-5 ; 11:15 ; 17:18). A situação exata prevista nesta frase é difícil de enfocar. Scott (pp. 121-3) assume que o credor é aconselhado a ser mais rigoroso com os estrangeiros do que com os israelitas (ver Ex. 22: 26-27 : Deuteronômio 15: 1-3). MeKane (p. 543) leva o versículo um pouco mais geralmente, no sentido de que se você está lidando com uma pessoa que é um risco de crédito ruim, particularmente se ele é responsável pelas dívidas de estrangeiros, então obtenha segurança para você mesmo ("pegue sua roupa ") de uma vez só.

A satisfação da desonestidade pode ser doce por algum tempo; mas não dura (v. 17 , cf. Lam. 3:16). O versículo 18 deve ser comparado com 12:15 ; 15:22 . No entanto, o assunto aqui é a guerra. Ninguém deve tentar dirigir uma campanha militar sozinho. Ele precisa do conselho e orientação dos outros. Os reis, os primeiros ministros, os presidentes e os generais tenham conhecimento.

(15) Sobre Vida e Conduta (20: 19-21: 5)

19 Aquele que fala sobre fofocas revela segredos;
portanto, não se associe a alguém que fala de forma tontamente.
20 Se alguém amaldiçoar seu pai ou sua mãe,
Sua lâmpada será apagada em absoluta escuridão.
21 Uma herança ficou apressadamente no começo
Será que, no final, não será abençoado.
22 Não diga: "Eu pagarei o mal";
Espere pelo SENHOR e ele irá ajudá-lo.
23 Diversos pesos são uma abominação para o SENHOR ,
e as escalas falsas não são boas.
24 Os passos de um homem são ordenados pelo Senhor;
Como então o homem pode entender o seu caminho?
25 É um laço para um homem dizer de forma precipitada: "É santo"
e refletir apenas depois de fazer seus votos.
26 Um rei sábio ganha os ímpios,
e conduz a roda sobre eles.
27 O espírito do homem é a lâmpada do SENHOR ,
procurando todas as partes mais íntimas.
28 Lealdade e fidelidade preservam o rei,

e seu trono é sustentado pela justiça.

29 A glória dos jovens é a sua força,

Mas a beleza dos velhos é o seu cabelo cinza.

30 Sopra essa ferida limpando o mal;

Os traços limpam as partes mais íntimas.

1 O coração do rei é um fluxo de água na mão do Senhor;

Ele o gira onde quer que ele faça.

2 Toda maneira de um homem está bem a seus próprios olhos,

Mas o Senhor pesa o coração.

3 Fazer justiça e justiça

é mais aceitável para o Senhor do que o sacrifício.

4 Olhos de rir e um coração orgulhoso,

a lâmpada dos ímpios, são pecado.

5 Os planos do líder diligente certamente abundam,

mas todo aquele que é apressado vem apenas querer.

Para v. 19 veja 11:13 ; 18: 8 . O talebearer não manterá confidências, então não se associe a ele.

As coleções de lei do Pentateuco contêm estipulações contra a maldição dos pais por crianças (ver Ex. 21:17 , Levítico 20: 9 , Deuteronômio 27:16). O versículo 20b refere-se à morte, provavelmente a escuridão do Seol. Os comentaristas observaram que o v. 20 parece não dizer nada sobre punição legal. A maldição proferida pelo ofensor trará uma punição apropriada sobre si mesmo.

O sentido do v. 21 é semelhante ao v. 17 . Ganhos obtidos incorretamente não terminam em bênção. O impulso do versículo é dirigido contra a síndrome do "obter rápido rico" (ver 13:11 ; 15:27), que subordina significa aos fins de uma maneira implacável. No entanto, os meios neste caso parecem ser um acúmulo prematuro da propriedade familiar, vv. 20 e 21 (MeKane, p. 539).

O controle divino das questões da vida é expresso de uma forma ou de outra na vv. 22 , 24 , 27 ; 21: 1, 2 . O princípio da retaliação pessoal é rejeitado na v. 22 em favor da espera da ajuda de Yahweh. A vitória virá através da dependência da ação de Deus (ver 24:29 , cf. Romanos 12:17 ; 1 Tessalonicenses 5:15 ; 1 Pedro 3: 9). A redação de v. 24a também é encontrada no Salmo 37:23 (ver Jer. 10:23), mas os contextos são diferentes. Esta frase é uma afirmação do último controle de Deus sobre a vida humana. Não há entendimento que um homem possa ganhar pela educação e disciplina para substituir a dependência de Deus. No entanto, é um erro ler um determinismo teológico rígido no verso. A liberdade de ação do homem não é negada, mas uma limitação básica dessa liberdade é afirmada.

O versículo 27 é uma afirmação da ação de Deus no ser interior do homem. O espírito de um homem (a palavra "espírito" é usado para o sopro da vida em Gênesis 2: 7) torna-se a lâmpada do Senhor que busca as partes internas da personalidade humana. O significado exato do verso é discutível. Pode ser uma expressão da equivalência da

imagem de Deus, ou seja, o homem funciona com faculdades que são como as da existência divina. Por outro lado, o verso pode significar não mais do que não se esconder do escrutínio divino: "não há segredos escondidos de Deus". Alguns comentaristas podem ter lido muito neste verso.

No capítulo 21, vv. 1 e 2 continuam a idéia do controle de Deus sobre a vida. O rei não é exceção. Sua mente está na mão do Senhor como um fluxo de água de irrigação que pode ser transformado em qualquer canal por aquele que o controla. Claro, isso corta duas maneiras; ou seja, pode significar que as ações e decisões de um rei têm qualidades divinas. O rei faz a vontade de Deus e o representa em seu reinado. Para o pensamento de v. 2 , veja 16: 2 ; embora haja alguma diferença na redação. Ninguém tem a capacidade de saber tudo sobre si mesmo.

Para v. 23, veja 21:10 e 16:11 .

O versículo 25 é direcionado para o erro de fazer votos religiosos rudes (ver Eccl. 5: 1-6 , Lev. 27). Deve contar o custo antes de se comprometer ou a sua propriedade com o que é santo, isto é, pertence a Deus (Lucas 14: 25-33). O ponto é cautela, não evasão ou uso indevido de votos, como em Mateus 15: 4-6 ; Mark 7: 10-13 (McKane, p. 538).

Os versículos 26 e 28 tratam da realeza. O versículo 26 está intimamente relacionado com 20: 8 . Existe alguma incerteza sobre o significado de dirigir a roda sobre eles. Pode ser uma frase figurativa para o castigo, refletindo a prática de conduzir carros sobre inimigos prostrados por um rei vitorioso (Scott, p. 122); ou, a roda pode ser entendida como a de uma trincheira ou máquina de vinhetar que ajuda a separar o grão e a palha quando é conduzida sobre o trigo ou a cevada sem restrições.

A importância da lealdade e da fidelidade no reinado de um rei é enfatizada pela v. 28 . Um rei é apoiado (ou protegido) por lealdade e fidelidade por parte de seu povo. Existe, provavelmente, uma alusão pretendida à lealdade e fidelidade de Javé, que sustentou o rei davídico (ver 2 Sam. 7: 15-16 ; Salmos 89:34 ; McKane, p. 546). Pode haver alguma idéia de uma personificação de lealdade e fidelidade como anjos guardiões do rei (então Gemser, p. 79; note o Salmo 61: 7). É melhor traduzir v. 28b como ", e ele sustenta seu trono com lealdade (isto é, o seu próprio)". O rei deve manifestar em sua administração as mesmas qualidades que são tão essenciais para a sua chegada e continuar no poder .

O versículo 29 é uma observação sobre a vida (ver 16:31). A beleza da velhice é, infelizmente, um elemento perdido em grande parte da vida hoje - quando temos mais do que nunca -, embora reconheçamos evidências muito inspiradoras em contrário. O versículo 30 diz que o castigo corporal é bom para o caráter e a vida moral. Mas o texto é difícil e os comentaristas lutam com ele. Compare as traduções.

O versículo 3 do capítulo 21 atinge uma nota muito profética (ver 1 Sam. 15:22 ; Amós 5: 22-24 ; Hos. 6: 6 ; Isaías 1: 11-14 ; Mic. 6: 6-8 ; cf. Prov. 3: 9-10 ; 15: 8 ; 21:27). Os sacrifícios são subordinados às qualidades mais essenciais. O versículo 4 é uma ilustração do tipo de comportamento que torna os sacrifícios inaceitáveis, embora o hebraico deste versículo seja difícil de ler. A lâmpada segue as versões antigas para o "solo arado" do Texto Masoretic. Essa frase pode ser mantida se entender que o "preparo" dos perversos produz pecado (McKane, pág. 559).

O diligente do v. 5 tem a idéia de nitidez ou incisividade (Scott, página 123, traduz "o homem afiado"). Este é o tipo de pessoa que pode cortar os problemas e as opções com planos que funcionam com sucesso. O contraste no v. 5b é aquele de ação precipitada, não bem pensado, que acaba em falha.

(16) Os caminhos dos perversos (21: 6-13)

6 A obtenção de tesouros por uma língua mentirosa
é um vapor fugaz e uma armadilha da morte.
7 A violência dos ímpios os varrará,
porque eles se recusam a fazer o que é justo.
8 O caminho do culpado é torto,
mas a conduta do puro é correta.
9 É melhor viver em um canto do telhado
do que em uma casa compartilhada com uma mulher contenciosa.
10 A alma dos ímpios deseja o mal;
seu vizinho não encontra piedade nos olhos dele.
11 Quando um escarnecedor é punido, o simples torna-se sábio;
Quando um sábio é instruído, ele ganha conhecimento.
12 O justo observa a casa dos ímpios;
Os perversos são derrubados para a ruína.
13 Aquele que fecha o ouvido ao grito dos pobres
Ele mesmo gritará e não será ouvido.

Várias maneiras de comportamento indesejável ou inaceitável são descritas nestes versos (com exceção da v. 11). As frases precisam de pequenos comentários além da tradução. O verso 9 (muito semelhante ao 21:19 e repetido em 25:24) retorna ao tema da esposa irritante (veja 19:13) e estimulou um pouco de discussão sobre o significado preciso de um canto do telhado (ver McKane, pp. 553-4). Provavelmente se refere a uma sala pequena, às vezes usada para convidados, construída no telhado plano de uma casa perto de um canto (possivelmente perto de uma escada ou escada). Não devemos pensar em um quarto de hóspedes bem equipado, mas de acomodações improvisadas menos confortáveis do que o espaço normal abaixo. Para o senso dev. 11 veja 19:25 . Compare v. 13 com James 2:13 .

(17) Suborno e outros assuntos (21: 14-31)

14 Um presente em secreto evita raiva;
e um suborno no peito, forte ira.
15 Quando a justiça é feita, é uma alegria para os justos,
mas consternação para os malfeitores.
16 Um homem que vagueia do caminho da compreensão
vai descansar na assembléia dos mortos.
17 Aquele que ama o prazer será um pobre homem;

Aquele que ama vinho e óleo não será rico.
18 O ímpio é um resgate dos justos,
e os infiéis para os direitos.
19 É melhor viver em uma terra do deserto
do que com uma mulher contenciosa e atormentada.
20 O precioso tesouro permanece na habitação de um sábio,
Mas um homem tolo o devora.
21 Aquele que persegue justiça e bondade
Encontrará vida e honra.
22 Um homem sábio escala a cidade dos poderosos
e derruba a fortaleza em que eles confiam.
23 Ele que mantém a boca e a língua
mantém-se sem problemas.
24 "Scoffer" é o nome do orgulhoso e altivo
que atua com orgulho arrogante.
25 O desejo do preguiário o mata
pois suas mãos se recusam a trabalhar.
26 Durante todo o dia o perverso cove,
mas o justo dá e não se depara.
27 O sacrifício dos ímpios é uma abominação;
quanto mais quando ele o traz com má intenção.
28 Uma falsa testemunha perecerá,
Mas a palavra de um homem que ouve vai durar.
29 Um homem perverso coloca um rosto ousado,
mas um homem reto considera seus caminhos.
30 Sem sabedoria, sem entendimento, sem conselho,
pode dispor contra o Senhor.
31 O cavalo está pronto para o dia da batalha,
mas a vitória pertence ao Senhor.

O assunto de suborno aparece novamente no v. 14 , com a mesma idéia que em 17:23 . Como Jones (p. 179) diz, temos "relatórios sociais" novamente, em vez de uma prática recomendada; embora os professores da sabedoria soubessem que era praticamente impossível se dar bem no mundo sem algum uso dessa técnica.

O versículo 15 é claro. O versículo 16 implica um contraste entre os dois modos de vida e morte (McKane, p. 553). Quem perambula do caminho do entendimento estabelecido por seus professores e o conhecimento adquirido com eles começa a se mover para a assembléia dos mortos.

A tradução do v. 17 fala por si mesma. O versículo 18 é um paralelo para 11: 8 . Mas o tradutor não transmite um significado fácil. O resgate (*kopher*) refere-se, pelo menos, de forma gratuita, à soma do dinheiro que foi pago quando uma pena legal foi removida (ex., 21:30). Isso sugere que o versículo significa que o perverso é o *kopher*para os justos - uma interpretação improvável no contexto geral do pensamento do Antigo Testamento. Assim, parece melhor seguir McKane (p. 561), que pensa que é um "modo inovador" de dar ênfase à recompensa e retribuição ("A carne do homem justo é o veneno do homem perverso"), ou então a idéia de que a pessoa perversa entra no problema que ele planejou para os justos (ver Scott, pág. 126).

O versículo 19 é uma variação de 21: 9 (que vê).

O sábio sabe como possuir e preservar a riqueza (v. 20), enquanto o idiota desperdiçará. O verbo persegue no v. 21 é forte (usado no Salmo 23: 6) e traz a idéia de ação enérgica e urgente (ver Mateus 5: 6).

A força da sabedoria é afirmada com linguagem vigorosa na v. 22 (ver 24: 5). A ação inteligente é mais forte do que as fortificações militares (ver Eccl. 9: 13-16). A importância do discurso disciplinado é o assunto da v. 23 (ver 12:13 ; 13: 3 ; 15:23). Uma definição fortemente redigida de um escarnecedor ou escárnio é encontrada na v. 24 . Ele é um homem orgulhoso.

O versículo 25 retorna ao assunto da pessoa preguiçosa, cuja preguiça leva, eventualmente, à morte (cf. 19:15 , 24 ; 24:34). Esse tipo de pessoa tem um enorme desejo de realização, mas ele não tem o caráter para trabalhar no mundo real para alcançar suas ambições. É o desejo dele que lhe traz a morte. A morte começa quando os sonhos se tornam impotentes.

O contraste em v. 26 está entre a constante avareza do ímpio e a disponibilidade generosa do justo para dar aos outros. A tradução, a cobiça perversa, é baseada no texto grego. Isso é aceitável, mas a posição de v. 26 com v. 25 pode indicar que o sujeito é o preguiçoso do v. 25 , que é incapaz de ser um benfeitor, apesar do desejo por coisas e status.

O sacrifício dos ímpios é repetido em 15: 8a (cf. Amós 5: 21-24 , Isaías 1: 11-17 , Prov. 21: 3). O versículo 28 é outro comentário sobre as consequências de uma falsa testemunha (ver 19: 5 , 9). Um bom ouvinte é uma boa testemunha. O homem perverso é capaz de um comportamento muito confiante e ousado porque ele tem que ser (v. 29). Ao contrário do homem honesto, ele não escolhe seus caminhos com cuidado (ou, se a leitura alternativa é preferida, "ele não estabelece seus caminhos", ou seja, ele não faz seus caminhos firmes e seguros). O homem perverso deve tentar abalar seu caminho com uma aparência "comercial" que esconde sua falta real de força.

Como observa Ringgren (pág. 86), o capítulo 21 começa e termina com duas frases na omnipotência de Deus. O Senhor assume a supremacia sobre toda a sabedoria humana (v. 30). Os homens não precisam tentar estabelecer a sua sabedoria, entendimento e conselho contra a sua vontade (ver Jó 5: 12-13 , Jeremias 9:23). O cavalo (v. 31) era um símbolo do poder militar (ver Isa 31: 3). É altamente provável que esses versículos visem a confiança política e militar dos sábios em cargos de liderança, que foram

propensos a pensar que estratégia, tática e programas ("operações" no jargão atual) eram suficientes.

(18) Observações diversas (22: 1-16)

1 Um bom nome deve ser escolhido em vez de grandes riquezas,
e o favor é melhor que a prata ou o ouro.
2 Os ricos e os pobres se reúnem;
O Senhor é o criador de todos eles.
3 Um homem prudente vê o perigo e se esconde;
Mas o simples continua, e sofre por isso.
4 A recompensa pela humildade e pelo medo do SENHOR
é riqueza e honra e vida.
5 Espinhos e armadilhas estão no caminho do perverso;
aquele que se guarde vai ficar longe deles.
6 Treine uma criança do jeito que deveria ir,
e quando ele tiver idade não se afastará disso.
7 As regras ricas sobre os pobres,
e o mutuário é o escravo do credor.
8 Aquele que semeia injustiça colherá calamidades,
e a vara de sua fúria falhará.
9 Aquele que tem um olho generoso será abençoado,
pois ele compartilha seu pão com os pobres.
10 Conduza um escarnecedor, e os conflitos sairão,
e as brigas e os abusos cessarão.
11 Aquele que ama a pureza do coração,
e cujo discurso é gracioso, terá o rei como seu amigo.
12 Os olhos do SENHOR vigiam o conhecimento,
mas ele derruba as palavras dos infiéis.
13 O preguiçoso diz: "Há um leão lá fora!
Eu serei morto nas ruas! "
14 A boca de uma mulher solta é um poço profundo;
Ele com quem o Senhor está bravo cairá nisso.
15 A insensibilidade está ligada ao coração de uma criança,
mas a vara da disciplina a afasta de ele.
16 Aquele que oprime os pobres para aumentar sua própria riqueza,
ou dá aos ricos, só vai querer querer.

O texto Masoretic não tem nenhuma palavra para o bem, mas a idéia é a de uma reputação que é preferível às riquezas e, portanto, "bom". O Favor é a impressão favorável dos outros ou a popularidade (ver 3: 4 ; 13:15) . O verso 1 reflete a convicção

dos professores de sabedoria de que a riqueza sozinha não é suficiente. Somente à medida que a riqueza e o caráter se complementam há uma condição satisfatória.

Em termos dos contextos pessoais e sociais da vida, os ricos e os pobres compartilham pouco em comum (v. 2). Mas eles têm o mesmo criador e, portanto, compartilham uma humanidade comum. O versículo 2 também pode significar que Deus lhes deu suas estações na vida - o que, é claro, é um lembrete ao mesmo tempo em que ele pode reverter! É melhor traduzir a reunião como "ter isso em comum" (NEB) ou "ao vivo lado a lado" (McKane, página 244).

O homem prudente (que é a palavra usada da serpente em Gen. 3: 1 ; ver 1: 4) é o homem perspicaz que olha para a frente e antecipa dificuldades antes de chegarem (v. 3 , repetido com apenas uma ligeira mudança em 27: 12). Os simples não estão preparados para viver em um mundo perigoso e complexo. Essas pessoas precisam de ensino e experiência antes de saberem como tomar a "ação evasiva necessária" (McKane, pág. 563) para orientar um curso de sucesso na vida.

As conseqüências da verdadeira piedade e humildade são estabelecidas no v. 4 . A humildade é a ausência de orgulho e a vontade de aceitar disciplina e ensino. Gemser (página 82) observa que a recompensa deve ser entendida mais como consequência ou resultado. A vida descrita no v. 5 contrasta com a da v. 4 . A pessoa obstinada, torta e perversa pode esperar dura. A pessoa que leva a sério a vida (traduzir-se como "sua vida" na v. 5b) fica longe dos espinhos e das armadilhas que atormentam o caminho do "homem torcido".

A maneira como ele deve *ir* de v. 6 não é definida especificamente, mas no contexto, pode haver poucas dúvidas de que inclui o caminho refletido nos elementos positivos de vv. 1 , 3, 4, 5 , ou seja, piedoso e devidamente preparado para a vida. No entanto, isso também pode incluir treinamento vocacional também. O treinamento necessário para a vida deve ser dado nos primeiros anos, quando os hábitos e padrões de comportamento e trabalho são definidos.

O versículo 7 é uma observação realista. É assim que as coisas são; deixe o sábio estar alerta. O pobre homem está constantemente na escravidão da dívida. O futuro do mutuário não é brilhante.

O semeador da injustiça também não pode esperar nenhum sucesso em seu futuro (v. 8). Ele colherá a calamidade e seu poder não durará (v. 8b, embora esta linha seja freqüentemente emendada para obter uma redação que significa que a haste atinge o semeador da injustiça, veja Scott, McKane, NEB). O futuro do homem generoso, por outro lado, é aquele que será abençoado (v. 9). O *olho* generoso *é* literalmente "bom do olho", ou seja, bem disposto e oposto ao "mal do olho" em 23: 6 ; 28:22 . O olho é um índice de caráter (ver Mateus 6: 22-23).

A disciplina comunitária não permitirá a presença contínua do escarnecedor que está sempre agitando problemas. Ele deve ser expulso por causa do bem-estar de todo o grupo (v. 10). A palavra traduzida por brigas traz a idéia de julgamento ou disputa legal, mas provavelmente tem a idéia mais ampla de disputa ou conflito neste contexto (ver Toy, pág. 417).

O texto Masoretic do v. 11 é incerto, e o RSV representa uma emenda (veja Toy, pág. 417). O verso parece dizer que o rei irá aprovar o caráter confiável e o bom discurso. Estas são qualidades que irão ganhar o seu favor (ver 16:13) e ganhar promoção para o jovem funcionário da sua corte.

Apesar dos protestos de alguns comentadores (por exemplo, Toy, pág. 418), a renderização do v. 12a deve ser mantida. A vigilância de Javé é infalível; Ele cuida do conhecimento (ver 15: 3) e derruba as palavras dos homens enganadores.

O versículo 13 é um comentário humorístico e satírico sobre a preguiça (ver 19:24 ; 26:13). A razão para não trabalhar é absurda; Mas a maioria das desculpas das pessoas preguiçosas pertence à mesma categoria! Há um leão lá fora! Um conto alto é tão bom quanto outro.

Para a mulher solta ou "mulher estranha", veja 2:16 ; 5: 3 ; 7: 5 (fora dos capítulos 1-9 , o termo aparece apenas aqui e em 23:27). Conforme observado na discussão das passagens anteriores, a mulher é provavelmente um estrangeiro cujo comportamento sexualmente promíscuo é maior por causa de sua estranheza. Seu discurso sedutor (mouthy v. 14) é muito potente. Mas o homem que cede a ela sofrerá uma punição irremediável.

O versículo 15 retorna ao assunto da disciplina dos jovens (ver 13:24 ; 22: 6 ; 29:15 , 21), neste caso ao uso do castigo corporal. Folly está muito ligada à mente de um menino. A vara da disciplina é necessária para se livrar da loucura. O educador deve lembrar que ele tem uma tarefa difícil em lidar com "loucura". Seu aluno vem com ele com uma loucura profundamente enraizada que não será removida sem muita dor e esforço.

A tradução e o significado do v. 16 não são certos. O versículo 16a pode ser lido para significar que a opressão do pobre homem será para seu benefício, presumivelmente, fazendo-o trabalhar mais. Mas, como observa Jones (p. 186), isso pode não ser uma pressão sobre o hebraico, mas é sobre a credulidade! É melhor ler v. 16a com o RSV ou outras traduções que dão a ideia de que a opressão dos pobres pode trazer ganho ao opressor. Há também ambiguidade na v. 16b (Quem vem querer? O rico? Ou, aquele que dá aos ricos?); Mas, novamente, o RSV pode ser aceito. Mesmo assim, o significado permanece obscuro. Yahweh "faz bobagem das intenções dos homens" e alcança o que o propósito divino pretende (também, Ringgren, p. 87).

III. Instrução em trinta provérbios (22: 17-24: 22)

O tipo geral desta seção de Provérbios é o mesmo que nos capítulos 1-9 . É a Instrução, que se caracteriza pelo uso extensivo do humor imperativo no endereço direto (note o uso de "meu filho" em 23:15 , 19 , 26 ; 24:13 , 21 ; note também a freqüência da segunda pessoa " você "ou" seu "em comparação com as Sentenças em 10: 1-22: 16 , veja Int. para discussão de tipos de instrução e frases da literatura de sabedoria). Outra característica é o uso de cláusulas motivadoras para apoiar a Instrução propriamente dita. Essas cláusulas são muitas vezes reconhecidas pela tradução que começa "para. . . "Ou" porque. . . "(Por exemplo, 22: 22-23, do hebraico *ki*), embora isso não seja sempre o caso (pois a motivação pode aparecer de maneiras variadas, ver McKane, p. 370, e o comentário a seguir).

A divisão desta seção em um prólogo e trinta provérbios baseia-se, em parte, no esboço natural do material. Mas a chave é encontrada nos "trinta provérbios" de 22:20 . Isto é quase certamente a correta [1] leitura de uma palavra que foi por muito tempo uma incerteza na interpretação dos Provérbios. Tradicionalmente, o texto Masoretic *shilshom* foi traduzido "anteriormente" ou "três dias atrás"; ou com a nota marginal do hebraico como "nobres" e, portanto, "coisas excelentes" (como na KJV). Mas mudanças muito pequenas (lendo *sh ᵉ lōshīm*) produzem "trinta" e, portanto, "trinta provérbios".

Esta mudança do texto foi estimulada pela publicação da Instrução egípcia de Amenemope, que tem trinta capítulos.

Além da semelhança do número de provas, foram descobertos paralelos próximos entre o conteúdo dos capítulos na escrita egípcia e 22: 17-23: 11 (e, talvez, 24: 10-12).

Embora os estudiosos tenham diferentes teorias de explicação, é razoável e altamente provável assumir uma relação entre Provérbios e Amenemope. Mas o editor ou escritor israelita deve ter uma grande liberdade. A obra israelita está longe de ser uma cópia do material egípcio. Tem suas próprias características e teologia. A evidência aponta para o uso israelita do trabalho egípcio como modelo e como fonte limitada de material. No entanto, a possibilidade de que ambas as obras tenham uma fonte comum, provavelmente Canaanita, não deve ser descartada.

1. O Prólogo (22: 17-21)

> [17] *Incline seu ouvido e ouça as palavras do sábio,*
> *e aplique sua mente ao meu conhecimento;*
> [18] *pois será agradável se você os mantiver dentro de você,*
> *se todos estiverem prontos em seus lábios.*
> [19] *Que a sua confiança esteja no SENHOR ,*
> *Eu já os tornei conhecidos hoje, mesmo para você.*
> [20] *Não escrevi para você trinta ditados*
> *de admoestação e conhecimento,*
> [21] *para mostrar o que é certo e verdadeiro,*
> *para que você possa dar uma resposta verdadeira para quem o enviou?*

O prólogo abre com uma demanda de atenção e a disciplina de aprendizagem. A expressão das palavras do sábio *é* provavelmente o título desta seção que foi acidentalmente assimilada no texto. O original era provável "Incline seu ouvido e ouça minhas palavras".

O versículo 18 fornece motivação apontando para as consequências agradáveis de ensinar o ensinamento. O dentro de você é uma tradução do literal "em sua barriga" (que é a leitura em Amenemope também, veja McKane, pág. 374). As palavras dos professores devem ser mantidas dentro, juntamente com a capacidade e prontidão para articulá-las de forma adequada no momento certo.

O versículo 19 modifica a autoridade do professor da sabedoria, apontando para confiar em Yahweh como o objetivo do ensino. Existe um forte elemento de endereço direto para a ênfase no v. 19b . Compare este versículo com 3: 21-24 .

Para o v. 20, veja os comentários na introdução desta seção. Os *trinta comentários* do professor estão cheios de "conselhos e conhecimentos".

As Instruções foram destinadas, tipicamente (mas não exclusivamente), para a orientação de jovens que estavam sendo preparados para altos cargos no governo ou em outros cargos altamente responsáveis. Uma das qualificações para tais posições foi a confiabilidade e precisão no papel de um mensageiro ou negociador. Este parece ser o ponto da v. 21 . O mensageiro e / ou o negociador devem saber como resolver a verdade e mantê-la verdadeira. Se ele não pode ser dependente de precisão e honestidade, ele é inútil em tal trabalho. Existem palavras semelhantes em Amenemope, que estabelece como um propósito desse trabalho como "saber como retornar uma resposta para aquele que o disse, e dirigir um relatório a quem o enviou. "(ANET , p. 421).

2. Os provérbios (22: 22-24: 22)

(1) Robando o Fraco eo Perigo da Raiva (22: 22-25)

22 Não roube aos pobres, porque ele é pobre,
ou esmagar o afligido no portão;
23 para o Senhor implorar sua causa
e despoja da vida aqueles que os despojarem.
24 Não faça amizade com um homem dado à raiva
nem ir com um homem irritado,
25 para que você não aprenda seus caminhos
e enredar-se em uma armadilha.

A incapacidade dos pobres de se defender parece ser o ponto da v. 22a . O portão era o lugar na cidade onde os procedimentos legais e os negócios eram conduzidos (ver Amós 5: 10-15). O defensor dos pobres é o Senhor (v. 23 , cf. 23:11 ; Ex. 22 ; 21-24 ; Deut. 10: 17-19).

O Capítulo 9 de Amenemope tem essas linhas que são um pouco semelhantes à v. 24 : "Não se associe a ti mesmo, o homem aquecido; / Não o visite para conversar "(ANET , p. 423). O ponto é claro: assista a empresa que você mantém Se você aprende (um verbo que transmite a idéia de aprender por associação) os caminhos de um homem de mau humor, seu modo de vida se tornará perigoso e incapaz de ser devidamente controlado.

(2) Evitar Fiança; Cultive Skill (22: 26-29)

26 Não seja um daqueles que dão promessas,
que se tornam garantia de dívidas.
27 Se você não tem nada com o qual pagar,

Por que sua cama deveria ser tirada debaixo de você?
28 Não remova o marco antigo
que seus pais estabeleceram.
29 Você vê um homem hábil em seu trabalho?
ele ficará diante dos reis;
ele não suportará os homens obscuros.

Para uma discussão sobre o perigo de envolvimento em negociações financeiras incertas (v. 26-27), veja o comentário em 6: 1 ; também, veja 11:15 ; 17:18 ; 20:16 .

O ditado no versículo 28 é muito semelhante ao 23:10 e corresponde de perto com Deuteronômio 19:14 (ver Deuteronômio 27:17 , Hos. 5:10 ; Amenemope, capítulo 6 , ANET , p. 422b). O marco refere-se a pedras de limites marcando linhas de propriedade. Eles eram relativamente fáceis de se mover; e se um homem fosse pobre, era difícil para ele fazer uma defesa adequada no portão. Há uma ênfase marcada na idade das linhas de fronteira nesta passagem. Não foram desenvolvimentos recentes, o que poderia ter sido um assunto menos sério (ver Toy, página 427).

O versículo 29 lembra o uso de modelos nas Instruções (ver 6: 6-15). A palavra traduzida habilidosamente é literalmente "rápida" ou "pronta" e é usada no trabalho de um escriba (ver Salmo 45: 1 ; Ezra 7: 6). A referência é a perspicácia e a habilidade em statecraft que ganha uma promoção de escriba para um escritório alto. Claro, o significado pode ser estendido de forma proverbial a todos os tipos de trabalho e profissões. A pessoa habilidosa em seu trabalho ganhará sucesso em qualquer empreendimento.

(3) Maneiras de mesa e outros assuntos (23: 1-11)

1 Quando você se senta para comer com uma régua,
observe atentamente o que está diante de você;
2 e coloque uma faca na garganta
Se você é um homem dado ao apetite.
3 Não deseje suas iguarias,
pois são comida enganosa.
4 Não trabalhe para adquirir riqueza;
seja sábio o suficiente para desistir.
5 Quando seus olhos se iluminam, ele se foi;
pois de repente leva para si asas, voando como uma águia para o céu.
6 Não coma o pão de um homem mesquinho;
não deseje suas iguarias;
7 porque ele é como aquele que está avaliando o interior.
"Coma e beba!", Ele diz para você;
mas seu coração não está com você.
8 Você vomitará os pedaços que você comeu,

e desperdice suas palavras agradáveis.
9 Não fale na audiência de um tolo,
pois ele desprezará a sabedoria de suas palavras.
10 Não remova um marco antigo
ou entrar nos campos do órfão;
11 para o seu Redentor é forte;
Ele vai implorar sua causa contra você.

McKane (p. 381) observa que vv. 1-3 destinam-se a dirigir o futuro estadista, não só a um estilo de vida bem proporcionado, que exerce o autocontrole mesmo em maneiras de tabela, mas também reflete a convicção de que "algo do homem essencial é revelado em como ele come, que haverá uma correspondência entre seus hábitos de comer seus hábitos de diplomacia. "Nosso próprio dia é caracterizado por maus modos, mesa e outros. Nossos costumes são indicativos da doença da nossa sociedade e das grandes dicotomias entre "forma e função" que afligem a vida contemporânea. Os bons costumes e a boa vida juntam-se. Parte do motivo da falta de boas maneiras hoje é a consciência, particularmente pelos jovens, que os costumes não foram fortemente vinculados com o caráter e a qualidade de vida.

É melhor reter o "quem está antes de você" (marg.) In v. Lb (Toy, página 428). O hóspede deve manter seu hospedeiro em mente e observá-lo de perto. Ele pode aprender muito com esse tipo de observação. O verso 2 refere-se a reduzir o apetite (não "use uma faca para comer com", então Scott, p. 139). A comida deliciosa e os titubos da mesa de um governante não devem permitir que se remova a mente e caia na gula pública . O alimento enganoso do v. 3b pode se referir à hospitalidade oferecida com um motivo oculto. Por outro lado, a expressão pode ter em mente o perigo de gula oferecida a um jovem pela tarifa rica de seu hospedeiro.

Existe muita semelhança entre o ditado em vv. 4-5 e Amenemope (capítulo 7 , ANET , pp. 422-3), embora o último seja muito mais longo e mais complexo. A força do texto hebraico é clara: não se desgaste na luta pela riqueza, pois a riqueza é muito passageira e evasiva. Como uma águia, de repente pode ir longe do alcance dos céus.

Os versículos 6-8 pintam uma imagem de um anfitrião mesquinho que calcula com cuidado e criticamente o custo de seu entretenimento. Ele diverte porque ele tem que fazer e ele espera ganhar por si mesmo. Esse homem deve ser evitado. Sua comida pode ser boa, mas as conseqüências de compartilhar sua empresa são mais desagradáveis. As palavras de v. 8 são metafóricas - embora a náusea real possa resultar quando alguém é forçado a comer com esse tipo de duplicidade. O texto hebraico do v. 7 é incerto. McKane (página 246) escolhe construir no LXX e traduz "porque ele é como um cabelo na garganta" na v. 7a . Mas a leitura do RSV se encaixa bem no contexto.

O tolo é incapaz de apreciar a sabedoria (v. 9). Ele desprezará a verdadeira inteligência das palavras que lhe são faladas e rejeitará o bom senso quando o ouvir.

O ditado no vv. 10-11 é muito semelhante a 22:28 (veja também 15:25). No entanto, a ênfase é sobre o papel de Yahweh como o Redentor (*go'el*) dos órfãos, ou seja, órfãos ou outras pessoas que são incapazes de se defenderem contra a imobilização de suas

propriedades por vizinhos desonesto. O *go'el* era um parente que estava disposto a assumir a responsabilidade pela terra e a família de seus parentes (ver Levítico 25:25 ; Rute 4: 1-8). O idioma é de caráter legal no v. 11 . Yahweh é o poderoso defensor ou campeão dos direitos daqueles que não podem se ajudar. Existe um paralelo interessante em Amenemope (capítulo 6;ANET , p. 422).

(4) Disciplinar uma Necessidade (23: 12-16)

> *12 Aplique sua mente na instrução*
> *e seu ouvido para palavras de conhecimento.*
> *13 Não retire disciplina de uma criança;*
> *Se você vencê-lo com uma vara, ele não vai morrer.*
> *14 Se você vencê-lo com a haste*
> *Você salvará sua vida do Sheol.*
> *15 Meu filho, se o seu coração é sábio,*
> *meu coração também ficará feliz.*
> *16 Minha alma se alegrará*
> *quando seus lábios falam o que é certo.*

O verso 12 às vezes é considerado uma introdução secundária a 23: 13-24: 22 (por exemplo, Scott, pp. 140, 143). Mas o v. 13 é dirigido a um pai ou professor, enquanto a v. 12 é dirigida diretamente ao aluno (McKane, p. 585). Compare v. 12com 1: 2 e 22:17 .

Os versículos 13-14 enfatizam a necessidade de disciplina, incluindo o castigo físico (ver 13:24 ; 19:18 ; 22:15 para declarações semelhantes). A gravidade da disciplina é estressada. As questões são a vida e a morte. Ele não vai morrer - da haste -, mas ele fará se ele não receber a direção certa na vida. "Ele não vai morrer" pode ser uma expressão idiomática que significa "ele não será prejudicado demais" (ver McKane, pág. 386). O NEB traduz o v. 13b como "pega-o e salva-o da morte" - o que é melhor.

O aluno é informado de que, se ele for sábio, o professor se alegrará (v. 15-16). Quando o coração (mente) do professor pode corresponder com o coração do aluno há um relacionamento feliz. A alma do v. 16 é uma tradução da palavra para rins ("rédeas" em traduções antigas), que foram consideradas uma fonte de emoção (ver Jó 19:27 ; Salmo 16: 7). O "coração" é a palavra mais intelectual, enquanto "meus rins" indicam satisfação emocional.

(5) Ensinamentos diversos (23: 17-35)

> *17 Não deixe seu coração invejar os pecadores,*
> *mas continue com o medo do Senhor todo o dia.*
> *18 Certamente há um futuro,*
> *e sua esperança não será interrompida.*
> *19 Ouça, meu filho, e seja sábio*

e direcione sua mente no caminho.
20 Não esteja entre os bebedores de vinho,
ou entre comedores gulosos de carne;
21 para o bêbado e o glutão virá para a pobreza,
e a sonolência vestirá um homem com trapos.
22 Ouça seu pai que o gerou,
e não despreze a sua mãe quando ela é velha.
23 Compre a verdade e não a venda;
compre sabedoria, instrução e compreensão.
24 O pai dos justos se alegrará muito;
Aquele que gera um filho sábio será feliz nele.
25 Deixe seu pai e sua mãe ser feliz,
Deixe-a alegrar-se.
26 Meu filho, me dê seu coração,
e deixe seus olhos observar meus caminhos.
27 Porque uma prostituta é uma cova profunda;
uma aventureira é um poço estreito.
28 Ela está à espera de um ladrão
e aumenta o infiel entre os homens.
29 Quem tem ai? Quem tem tristeza?
Quem tem conflitos? Quem se queixou?
Quem tem feridas sem causa?
Quem tem vermelhidão de olhos?
30 Aqueles que se demoram muito sobre o vinho,
aqueles que vão tentar vinho misto.
31 Não olhe para o vinho quando é vermelho,
quando brilha no copo e desce suavemente.
32 No final, morde como uma serpente,
e picadas como um somador.
33 Seus olhos verão coisas estranhas,
e sua mente põe coisas perversas.
34 Você será como alguém que se deitar no meio do mar,
como um que se encontra no topo de um mastro
35 "Eles me atingiram", você vai dizer, "mas eu não fiquei ferido;
eles me bateram, mas não senti isso
Quando devo acordar?
Vou procurar outra bebida ".

A tentação de invejar os pecadores por seu sucesso mundial é perene (Salmos 37: 1 ; 73: 3). Existe uma necessidade de concentração contínua sobre o medo do Senhor, que manterá a realidade da situação em foco (v. 17). O texto do v. 17bnão possui verbo (continua adicionado), e é bem possível que o verbo do v. 17a controle a ação na versão 17b . Neste caso, o significado é mudado ligeiramente para dizer que os pecadores não devem ser invejados, mas que o medo de Javé deve ser objeto de desejo constante (ver McKane, pág. 387, que traduz: "Não deixe os pecadores excitar sua inveja, Mas deixe o temor de Yahweh fazê-lo em todos os momentos ", pág. 247). Verso 18dá o motivo da exortação no v. 17 . Fique de olho no "fim" pois é a fonte da esperança. As vantagens dos pecadores podem ser muito excitantes e desejáveis quando vistas sem a perspectiva do resultado final (ver Salmos 73: 17-20).

O filho ou aluno é admoestado para ele sábio, aprendendo as instruções do professor e mantendo sua mente no caminho, ou seja, o caminho da sabedoria (v. 19-21). A idéia de direto é ser direta: assim, "lembre-se de sua maneira de viver". É provável que vv. 20-21 são simplesmente exemplos do tipo de pessoas que não são caracterizadas pelo "pensamento direto". Mas McKane (pág. 388) sugere, com base em Deuteronômio 21:20 , que a descrição é um paradigma do recalcitrante e incorrigível juventude. Para v. 21, veja 6: 9-11 ; 19:15 ; 20:13 .

O tema do vv. 22-25 é o do quinto mandamento: "Honre seu pai e sua mãe" (Êx 20:12). O "hiato de geração" não deve permitir quebrar a relação entre pai e filho. A sabedoria pode ser aprendida com aqueles cujos anos lhes deram experiência e maturidade. A alegria dos pais em crianças sábias e bem-sucedidas é expressa em vv. 24, 25 .

O verso 23 se encaixa mal neste contexto e não está no texto grego. É possivelmente um verso secundário ou mal colocado. Caberia bem depois do v. 19 (Jones, p. 194). O valor das "commodities" do professor de sabedoria é excelente. Compre a verdade, a sabedoria, a instrução e a compreensão - e não as venda! Há algumas coisas que não devem ser vendidas por qualquer preço.

O professor (ou pai) pede a atenção do filho ou do aluno na v. 26 e se oferece como modelo de comportamento. Não é "faça o que eu digo", mas "faça o que eu faço". No entanto, esta é a interpretação da leitura marginal do texto hebraico. O texto escrito diz "e deixe seus olhos aprovar meus caminhos", ou seja, não se opor ao meu ensino ou tente pensar por si mesmo independentemente da instrução (ver NEB). Qualquer interpretação é aceitável.

O aviso que se segue na vv. 27-29 tem a ver com a prostituta e a aventureira (ver 2:16 ; 5:20 ; 6:24 ; 7: 5). Tais mulheres são como um poço profundo ou um poço estreito, ambos perigosos e extremamente difíceis de sair se caíram. Na verdade, eles são símbolos de um estado de morte. Mas a situação não é apenas uma passiva na qual um homem pode se equivocar. Esse tipo de mulher o emboscará como um ladrão (v. 28). Nas discussões relacionadas com 2:16 ; 5:20 ; 7: 5 , foi dada ênfase considerável ao status estrangeiro da mulher descrita como uma "aventureira" (em paralelo com o *zarah*. a mulher "solta" ou "estranha"). No entanto, nesta passagem o paralelo é com "prostituta" (*zonah*), que é a palavra geral para uma mulher prostituta ou promíscua. Mas há, provavelmente, pouca diferença de significado (veja a discussão em

McKane, pp. 390-1). A imagem é a de uma mulher estrangeira cujos costumes sexuais são livres e agressivos, portanto uma ameaça perigosa para os homens.

As consequências da embriaguez são descritas graficamente em vv. 29-35 , que realmente formam um breve ensaio didático (Jones, p. 195). O uso da questão repetida também sugere a técnica do enigma do ensino. A tradução precisa de alguns comentários, embora existam alguns detalhes que são problemáticos ou incertos. Dahood traduz o v. 30b como "quem vem aplainar a tigela de mistura", ou seja, eles vêm à tigela procurando mais vinho (também Scott, p. 143). A palavra *mimsak*também é usada em Isaiah 65:11 e misturando A taça é uma tradução adequada nesse contexto. Mas "vinho misturado" faz sentido em ambos os contextos, e a incerteza permanece. O vinho misturado é vinho misturado com água, mel e especiarias (McKane, p.339; nota9: 2 também).

O vinho espumante no copo (v. 31) tem um resultado final que é como ser mordido por uma cobra venenosa (v. 32). O adutor provavelmente deve ser identificado com a Daboia Xanthina, uma víbora altamente venenosa e a maior cobra da Palestina. Foi descrito como a serpente mais temida mencionada no Antigo Testamento. Stings é incerto, mas provavelmente significa morder, perfurar ou secretar (veneno). A ressaca da embriaguez inclui alucinações e discurso confuso (v. 33). O significado literal do v. 33b é "e sua mente vai falar coisas que estão de cabeça para baixo".

A condição geral descrita na versão 34 é clara, embora os comentadores diferem sobre a interpretação precisa. Tudo está se movendo em torno de um bêbado. É como se deitar no meio do mar! Quando o bêbado tenta dormir, ele lança e lança como um marinheiro tentando dormir no convés de um navio em um clima muito difícil.

O versículo 35 é uma imagem triste da condição do alcoólatra. Ele é insensível ao maltrato e à dor devido à sua intoxicação. Mas quando ele acorda, ele está de volta a beber. Scott (pág. 142) traduz: "Assim que eu puder me levantar, vou querer outra bebida!" O ciclo terrível continua. Antes de terminar uma ressaca, o alcoólatra está antecipando a bebida novamente.

(6) Evite homens maus; Procure Sabedoria (24: 1-10)

1 Não seja inveja dos homens malvados,
nem desejo estar com eles;
2 para suas mentes inventarem violência,
e seus lábios falam de maldade.
3 Pela sabedoria é construída uma casa,
e, entendendo, está estabelecido;
4 pelo conhecimento, os quartos estão cheios
com todas as riquezas preciosas e agradáveis.
5 Um homem sábio é mais poderoso do que um homem forte,
e um homem de conhecimento do que aquele que tem força;
6 por orientação sábia você pode fazer sua guerra,

e em abundância de conselheiros há vitória.
7 A sabedoria é muito alta para um tolo;
no portão ele não abre a boca
8 Aquele que planeja fazer o mal
será chamado de malfeitor.
9 A invenção da loucura é pecado,
e o escarnecedor é uma abominação para os homens.
10 Se você desmaia no dia da adversidade,
sua força é pequena.

Os jovens (e às vezes as pessoas mais velhas também) são freqüentemente fascinados pelo tipo de glamour e aura de sucesso e poder que é característico dos homens malvados descritos em vv. 1-2 . Mas a verdadeira natureza de suas vidas deve ser lembrada. Suas mentes estão concentradas em causar problemas para os outros. Seus motivos egoístas e destrutivos os dominam (ver 24: 19-20).

Os versículos 3-4 têm as características das Sentenças e não as da Instrução (McKane, pág. 396). No entanto, eles podem ser tratados como um tipo de ensino pelo uso de um modelo (ver 6: 6-15). Uma casa é construída pelo uso de uma ação sábia e experiente. A imagem é a de um homem bem-sucedido que construiu uma casa bem mobilada e preparada para uma vida cara e agradável. A força do ensino é "Vá e faça o mesmo".

O RSV segue o texto grego no v. 5 , que resulta em comparações nas duas linhas do verso. Isso é aceitável, mas não é realmente necessário na v. 5b onde o texto Masoretic pode ser mantido: "E um homem de conhecimento fortalece (ou garante) o poder". O versículo 6 é uma ilustração de uma situação que tem necessidade especial de orientação sábia (para v. 6a veja 20:18 e para v. 6b veja 11:14). Brawn precisa ser dirigido por um pensamento cuidadoso para ser usado bem.

Sabedoria **e** um tolo simplesmente não são compatíveis (v. 7). A compreensão competente da sabedoria está além do entendimento de um tolo. Assim, ele não está preparado ou capaz de manter o seu próprio nas conversas e procedimentos realizados no portão. A área do portão era o local de reunião da cidade onde muitos assuntos de grande importância foram decididos. Foi também um lugar para a vida social e a conversa diária. O tolo não tem a capacidade de participar efetivamente em nada disso.

A ênfase do vv. 8-9 está nos planos e na ideia do tolo. Esse tipo de tolo não é um dullard que não consegue pensar. Em vez disso, ele é caracterizado por sua intrigante intenção e planejamento de maneiras de alcançar seus objetivos malignos. Ele ganha o epíteto malvado (mestre de esquemas). Ele é repulsivo para os homens (v. 9). O intrigante é um tipo indesejável de pensadores.

O texto hebraico é críptico na v. 10 e tem uma peça sobre as palavras para a adversidade (*tsarah*) e pequena (*tsar*). O significado parece ser simplesmente uma admoestação para lembrar que o teste de força ocorre em tempos de crise. A fraqueza aparece sob pressão. Em uma nota mais positiva, a força real é demonstrada em circunstâncias

adversas. A palavra "pequeno" traz a idéia de estreiteza ou constrição. A resistência é testada e revelada nos lugares de vida apertados.

(7) Provérbios contrastantes (24: 11-22)

11 Resgate aqueles que estão sendo levados para a morte;
segure aqueles que estão tropeçando no matadouro.
12 Se você diz: "Eis que não sabíamos disso"
Ele não pesa o coração percebe-lo?
Ele não vigia sua alma sabe,
e ele não recompensará o homem de acordo com seu trabalho?
13 Meu filho, coma mel, pois é bom,
e os pingos do favo de mel são doces ao seu gosto.
14 Saiba que a sabedoria é semelhante à sua alma;
e se você achar, haverá um futuro, e sua esperança não será interrompida.
15 Não espere como um homem perverso contra o
habitação dos justos; não tenha violência em sua casa;
16 porque um homem justo cai sete vezes e ressurgiu;
Mas os ímpios são derrubados pela calamidade.
17 Não se regozije quando o seu inimigo cai,
e deixe seu coração ser feliz quando ele tropeça;
18 para que o Senhor não veja, e se aborrece,
e afastar sua raiva dele.
19 Fret não você mesmo por causa dos malfeitores,
e não tenha inveja dos ímpios;
20 para o homem malvado não tem futuro;
A luz dos ímpios será apagada.
21 Meu filho, teme ao Senhor e ao rei,
e não desobedecer nenhum deles;
22 para o desastre deles se levantarão de repente,
e quem conhece a ruína que virá deles?

Alguns comentaristas querem vincular v. 10 com vv. 11-12 (por exemplo, Gemser, pág. 89). Essa interpretação identificaria o "dia da adversidade" no v. 10 com a situação de teste em vv. 11-12 ; ou seja, é o dia da adversidade de um vizinho. Isso é improvável, mas a justaposição dos versos não é infeliz. Os versículos 11-12 apresentam uma situação que testa a força real de um homem. A obrigação de resgatar um homem arrastado para ser morto é colocada com força nestes versos. As circunstâncias no v. 11não são explicados, mas pode haver poucas dúvidas (embora nem todos os comentadores concordem) que a situação em mente é a opressão e a violência. Qualquer tentativa de evitar o dever de libertação em tais circunstâncias é inaceitável (v. 12). É fácil para um grupo (note o plural no v. 12) para dizer: "Mas não conhecemos esse

homem, não é do nosso jeito" e se recusam a se envolver em uma questão difícil e perigosa. Mas Deus toma nota (aquele que pesa o coração, cf. 16: 2), e ele recompensará o homem de acordo com sua obra - não ", de acordo com suas desculpas." O não envolvimento é uma política que pode ser permitida pelos homens, mas Deus responsabiliza todos os homens pelo cuidado dos vizinhos (ver Lucas 10: 25-37).

O mel é agradável ao gosto e saudável para o corpo (v. 13 , ver 1 Sam. 14:27 , 29 para o efeito energético do mel). A sabedoria também é agradável e vivificante (v. 14). Um professor exorta seu aluno a lembrar que, se a sabedoria for encontrada, há perspectivas para um futuro favorável. Ele pode evitar ter sua esperança cortada (ver 2:10 ; 16:24). O versículo 14c também é encontrado em 23:18 .

A moral de vv. 15-16 parece ser: "Cuidado com quem você começa uma briga!" Um homem justo é difícil de manter para baixo. Ele tem resiliência e durabilidade que os ímpios faltam. As palavras para a habitação e a casa têm conotações rurais, agrícolas e o aviso pode ser dirigido a moradores urbanos que pensam que podem tirar proveito daqueles que vivem em aldeias agrícolas (Cohen, pág. 162, ver tradução NEB).

Como observa Jones (p. 199), vv. 17-18 deve ser entendido no contexto de vendettas no mundo antigo. A ferocidade do ódio no Oriente Médio contemporâneo é evidência da prática contínua de regatear o infortúnio de um inimigo. A motivação no v. 18 é terrena em seu oportunismo; embora seja possível que Toy (pág. 448) esteja correto quando argumenta que a sua raiva dele não significa que Deus deixará de punir um homem perverso porque outro homem se alegra com o castigo; Mas, sim, significa que Deus "se afastará dele para você". O castigo destinado aos perversos será voltado para o visor. Mas isso provavelmente está lendo demais no verso.

A admoestação em vv. 19-20 é direcionado para o perene problema de inveja do bem-estar aparente dos ímpios (ver Salmos 73). Fret not yourself é literalmente "Não se acalme" (v. 19 é idêntico ao Salmo 37: 1). O homem malvado não tem futuro; é um erro ficar perturbado e invejoso sobre ele, pois ele só pode esperar um futuro que termine na escuridão da morte quando sua lâmpada é apagada (ver 13: 9). Esta afirmação é uma variação de 23: 17-18 .

Como a margem indica, a leitura aceita segue o texto grego do v. 21 em vez do hebraico (embora a mudança no hebraico seja muito pequena). Mas o Texto Massorético pode ser retido e compreendido como "homens de tendências revolucionárias" (Cohen, p.163) ou "homens de alto escalão" (Ringgren, página 97, NEB traduz "homens de posição"). Se isso for feito, o verso traz um aviso sobre se envolver com conspirações e parcelas de corte. McKane (pág. 406) traduz "nobres" e argumenta que tais homens são propensos a jogar perigosos jogos de intriga por causa de sua ganância pelo poder. Um jovem que espera ter um futuro no estabelecimento real deve respeitar e obedecer a Yahweh e ao rei e evitar o envolvimento com as peças de poder dos funcionários da corte. A posição elevada dos nobres não oferece segurança real.

IV. Uma coleção dos sábios (24: 23-34)

Esta pequena coleção de material misto foi adicionada como apêndice para 22: 17-24: 22 . O versículo 23a é um título que parece estar vinculado a 22:17 . O material é

variado, mas não é basicamente instrução em gênero (embora vv. 27-29pareça ter esse formulário).

1. Diversas observações (24: 23-29)

23 Estes também são palavras do sábio.
Parcialidade no julgamento não é bom,
24 Aquele que diz aos ímpios: "Você é inocente"
será amaldiçoado pelos povos, aborrecido pelas nações;
25 Mas aqueles que repreendem os ímpios terão prazer,
e uma boa benção será sobre eles.
26 Aquele que dá uma resposta certa
beija os lábios.
27 Prepare seu trabalho lá fora,
prepare tudo para você no campo; e depois construa sua casa.
28 Não seja uma testemunha contra o seu próximo sem causa,
e não engane com seus lábios.
29 Não diga: "Eu farei com ele como ele me fez;
Eu pagarei o homem de volta pelo que ele fez ".

O RSV junta v. 23b com vv. 24-25 . O assunto é o de imparcialidade e integridade no julgamento. É possível que uma linha semelhante a 18: 5b ou 28: 21b tenha sido perdida do texto no verso (então Gemser, p.89). O contraste entre aqueles que favorecem os ímpios e aqueles que repreendem os ímpios nos processos judiciais é feito em vv. 24-25 .

A expressão no v. 26 é incomum. As práticas de beijo normalmente referidas são beijar a mão, o pé ou o joelho. Uma interpretação vê o versículo como uma expressão de verdadeira amizade. Um beijo dado com uma resposta desonesta é uma traição como a de Judas. Outra interpretação vê o versículo dizendo que o prazer de um beijo e o de palavras honestas são comparáveis (Ringgren, p.199).

O ponto na v. 27 parece ser algo como "contar o custo" ou "se preparar antes de tentar fazer um grande trabalho" (Scott, p. 149, cf. Lucas 14: 28-32). O versículo foi entendido como uma admoestação para a preparação financeira para o casamento (Cohen, p. 164), mas pode ter um significado mais amplo. McKane (página 576) observa que uma seqüência de ação correta é inculcada. Os campos e as operações externas devem ser postas em ordem antes de uma casa ser construída porque eles fornecem a renda para a casa e o lar (ambas as idéias provavelmente estão na palavra casa). A seqüência errada das operações pode ser desastrosa, pois muitos suburbanitos que pagam demais por uma casa podem verificar!

Os versículos 28 e 29 são direcionados para dar testemunho falso e retaliação. Talvez, devemos entender a causa sem a causa de v. 28 como "por maligna" (então, Scott, pág. 148). Isso conectaria bem o versículo com v. 28 . No entanto, a idéia no v. 27 pode ser a do informante que, por causa do despeito, pagamento ou simplesmente medosidade, é testemunha falsa.

O versículo 29 é uma espécie de "forma negativa da" Regra de Ouro "(Scott, p. 149, cf. 20:22 , Mateus 5: 38-48). O princípio legal estabelecido em Êxodo 21: 23-25 (Deuteronômio 19: 19-21 , Levítico 24: 19-20) é negado ao homem individual (Gemser, p. 90), embora o princípio aqui seja semelhante ao de Levítico 19:18 . Uma atitude de retaliação não deve ser permitido governar a conduta de um homem. A paixão de chegar até é enervante tanto para o indivíduo quanto para a comunidade.

2. Sobre Idleness (24: 30-34)

30 Passei pelo campo de um preguiçoso,
pela vinha de um homem sem sentido;
31 e eis que tudo estava coberto de espinhos;
o chão estava coberto de urtigas,
e seu muro de pedra foi quebrado.
32 Então eu vi e considerei;
Olhei e recebi instruções.
33 Um pouco de sono, um pouco de sono,
uma pequena dobra das mãos para descansar,
34 e a pobreza virá sobre você como um ladrão,
e quer como um homem armado.

Este é um breve ensaio didático que usa a experiência do professor da sabedoria como base para uma advertência contra a indolência (ver 6: 6-11). O professor fez uma lição sobre o que viu (v. 32). O preguiçoso geralmente é um tipo comum de pessoa que faz muitas desculpas, coloca muitos empregos que precisam fazer até que um problema sério o suba de repente (Kidner, página 43).

V. Coleção de sabedoria dos homens de Ezequias (25: 1-29: 27)

De acordo com 25: 1 , o material nesses capítulos pertence aos "provérbios de Salomão, que os homens de Ezequias, rei de Judá, copiaram". É improvável que "copiado" (da *raiz'tk*) significa apenas copiado de outra escrita ou transcrita como no sentido hebraico tardio. O verbo tem a idéia de se mover ou continuar (note o seu uso em Gen. 12: 8 ; Jó 9: 5). Assim, o significado é "os provérbios de Salomão, os homens de Ezequias. . . avançou. "Não podemos restringir o trabalho desses escribas para lidar apenas com tradições escritas, mas também devemos pensar em termos de recuperação de ensinamentos de tradições orais, além de compor e editar sozinhos em termos de legado solomônico.Além disso, é provável que a coleta e edição da sabedoria do passado tenha sido parte do processo de ensino. Não se tratava apenas de preservar sabedoria antiga (Rylaarsdam, p. 82).

1. Coleção A (25: 1-27: 27)

(1) Na realeza (25: 1-7a)

1 Estes também são provérbios de Salomão que
os homens de Ezequias, rei de Judá, copiaram.

[2] É a glória de Deus ocultar coisas,
mas a glória dos reis é procurar coisas.
[3] Como os céus para a altura, e a terra para a profundidade,
então a mente dos reis não é pesquisável.
[4] Retire a escória da prata,
e o smith tem material para uma embarcação;
[5] tire os ímpios da presença do rei,
e seu trono será estabelecido em justiça.
[6] Não se avise na presença do rei
ou fica no lugar do grande;
[7] para melhor dizer-se: "Venha aqui"
do que ser colocado na presença do príncipe.

Esses versículos estabelecem a natureza do reinado e comportamento apropriado para lidar com reis. A visão do rei lhe dá um excelente status, como o "ideal do filósofo-rei" é louvado (Rylaarsdam, p.83). A glória de um rei é a sua capacidade de procurar coisas, peneirá-las completamente e esclarece questões para si e para o seu povo. Como Cohen observa: "Não é do seu agrado se suas ordenanças e políticas são ininteligíveis para as pessoas" (p. 164). A sabedoria é uma qualidade esperada dos reis (2 Sam. 14:17 ; 1 Reis 3: 9 , Isaías 11: 3). Por outro lado, a glória de Deus é o oculto de seus caminhos e propósitos (ver 30: 4 ; Deut. 29:28 ; Salmos 77:14 ; 97: 2 ;É um. 45:15 ; Jó 11: 7-10 ; 26:14 ; Eccl. 3:11).

No v. 3, o rei é ele mesmo mais ou menos como Deus. A mente dos reis é quase incompreensível para os homens comuns como a de Deus. A tentativa de entender um rei tem as dimensões da compreensão da criação. Devemos permitir um (1) elemento de hipérbole nesses versículos, e (2) o estabelecimento de um ideal de soberania dificilmente realizável no mundo real. Uma mente e vontade tão engenhosas, móveis e "esplendidamente inescrutáveis" (McKane, pág. 579) é o ideal para um rei. Infelizmente, raramente aparece em homens que possuem alto cargo. Devemos ler esses versículos como a imagem do que um executivo deve ser, bem como representativo do alto respeito pela realeza.

Os versículos 4-5 estabelecem a necessidade de o rei ter servidores e conselheiros confiáveis e comprovados. Podemos pensar que a professora que possui esses padrões antes de homens jovens que aspiram a servir no estabelecimento real. Para v. 5, veja 16:12 ; 20:28 .

O comportamento apropriado antes dos reis é o assunto de vv. 6-7a . A tradução fala por si mesma (ver Eccl. 7: 4 r-5, Lucas 14: 8-11).

(2) fofoca e confrontação pessoal (25: 7b-10)

O que seus olhos viram
[8] não levam rapidamente o tribunal;
para o que você vai fazer no final,

quando o seu vizinho o deixa envergonhado?
9 Argule seu caso com seu próprio vizinho,
e não divulga o segredo de outro;
10 para que o que te ouça trair vergonha sobre você,
e sua má reputação não tem fim.

O RSV junta-se à v. *7c* com v. 8 , o que faz bom sentido e segue as versões antigas. Há, no entanto, uma questão sobre a principal linha de significado nesses versículos. Uma interpretação os considera como dirigidos contra litígios apressados. Não devemos ir à corte com cada pequena coisa que ele vê (Ringgren, pág. 102). Todos os esforços devem ser feitos para resolver questões com um vizinho fora do tribunal (ver Mateus 5: 25-26 ; 18:15).

Outra linha de interpretação, considera o ponto principal como uma advertência contra fofocas indiscriminadas e dolorosas (ver Toy, pp. 460-1). Isso envolve uma mudança nas vogais do Texto Massorético, pois não apressadamente traga para o tribunal para que ele lê (com Symmachus), "não traga para a multidão apressadamente" (ou, talvez, "não tenha pressa para transmissão ", então McKane, p. 581). Esta abordagem é melhor se vv. 7c-10 são pensados em conexão com vv. 6-7b . O jovem funcionário da corte é advertido para não falar muito livremente sobre o que ele vê e ouve nos círculos dos tribunais. O estigma da deslealdade e a incapacidade de manter informações confidenciais é uma questão que não pode ser superada rápida ou facilmente (v. 10). Apesar da alteração de texto hebraico necessária, eu prefiro essa interpretação.

(3) Conselho para uma boa vida (25: 11-28)

11 Uma palavra perfeitamente falada
é como maçãs de ouro em um cenário de prata.
12 Como um anel de ouro ou um ornamento de ouro
é um reprovador sábio para ouvir ouvidos.
13 Como o frio da neve no tempo da colheita
é um mensageiro fiel para quem o envia,
Ele refresca o espírito de seus mestres.
14 Como nuvens e vento sem chuva
é um homem que se orgulha de um presente que ele não dá.
15 Com paciência, uma régua pode ser persuadida,
e uma língua suave quebrará um osso.
16 Se você encontrou mel, coma o suficiente para você,
para que não se sinta com isso e vomite.
17 Deixe seu pé ser raramente na casa do seu vizinho,
para que ele se canse de você e odeie você.
18 Um homem que dá testemunho falso contra o seu vizinho
é como um clube de guerra, ou uma espada, ou uma flecha afiada.

19 Confie em um homem infiel em tempo de problemas
é como um dente ruim ou um pé que escorrega.
20 Ele que canta músicas para um coração pesado
é como alguém que tira uma roupa em um dia frio,
e como vinagre em uma ferida.
21 Se o seu inimigo estiver com fome, dê-lhe pão para comer;
e se ele tem sede, dê-lhe água para beber;
22 para você montará carvões de fogo em sua cabeça,
e o Senhor o recompensará.
23 O vento do norte produz chuva;
e uma língua mal-intencionada, olhares irritados.
24 É melhor viver no canto da cobertura
do que em uma casa compartilhada com uma mulher contenciosa.
25 Como água fria para uma alma sedenta,
As boas notícias de um país distante.
26 Como uma mata enlameada ou uma fonte poluída
é um homem justo que cede diante dos ímpios.
27 Não é bom comer muito mel,
então seja poupar palavras complementares.
28 Um homem sem autocontrole
é como uma cidade quebrada e deixada sem paredes.

O significado do v. 11 é basicamente o de 15:23 . O hebraico para o bem permanece obscuro. Mas o RSV pode ser aceito como razoavelmente preciso.

O sábio reprovador da v. 12 é o professor de sabedoria. Um professor e um aluno com orelha ouvida se complementam como peças de jóias que são reforçadas ao serem usadas juntas.

Um mensageiro confiável é tão refrescante quanto uma frieza inesperada durante o calor do tempo de colheita (v. 13 , veja o mensageiro não confiável em 10:26 , também 13:17). O frio da neve (nota 26: 1) é provavelmente uma hipérbole para um clima incrivelmente frio (note Scott, p. 155), embora os comentadores tenham especulado que a referência é a bebidas resfriadas pela neve trazida das montanhas (Toy, pág. 464). McKane (p. 585) pensa em termos de água fria a partir de fontes alimentadas a partir de fontes subterrâneas.

O versículo 14 é um retrato vívido da frustração produzida por um homem que excita a antecipação de presentes, que ele não produz. Claro, a força da imagem é aumentada pelo clima seco da Palestina.

O versículo 15 aconselha paciência e uma língua suave em lidar com um alto funcionário (príncipe ou juiz). A resistência pode ser dividida por negociação suave, mas persuasiva. O poder da língua também é o assunto da v. 23. Como os ventos que

trazem chuva na Palestina geralmente vêm do oeste, o "noroeste" pode ser o significado aqui. Alguns comentaristas sugeriram um contexto egípcio para esta frase, porque o vento norte parece se encaixar melhor (ver Gemser, pp. 92, 113). Se o contexto egípcio é correto, a interpretação pode diferir em relação ao significado da chuva. Na Palestina, a chuva era uma bênção, mas no Egito poderia ser destrutiva porque a inundação regular do Nilo era a fonte da água; assim, ambos os v. 23a e 23b seriam negativos. Mas eu prefiro a explicação simples de Ringgren (p. 103) (independentemente da direção do vento): assim como nuvens de chuva escurecem o céu (e é possível traduzir o vento norte como um "vento escuro" - embora seja duvidoso que Isso deve ser feito), então uma língua caluniosa escurece o rosto.

Dois versículos lidam com o consumo de mel (v. 16 , 27). O verso 16 aconselha a moderação. Muito de uma coisa boa vai deixar alguém doente. A superação deve ser evitada. O mel é um alimento saudável e agradável quando comeu corretamente. Em relação à moderação, v. 17 está intimamente relacionado ao v. 16 , embora o assunto seja diferente. É bom visitar um vizinho - mas não exagere! O excesso de familiaridade causa desprezo; e as boas vindas podem ser desgastadas.

O versículo 27a é claro, mas o v. 27b é totalmente incerto. Uma possibilidade é que a segunda linha deve ler algo como o RSV. No entanto, o NEB pode representar uma melhor conjectura: "e a busca da honra é onerosa." Presumivelmente, o significado na NEB é que buscar muita honra ou se preocupar demais com isso é como comer muito amor. Ambas as ações são boas quando corretamente feitas. No entanto, a interpretação permanece conjectural.

Dois tipos de pessoas desagradáveis e indesejáveis são descritos em vv. 18, 19 . A falsa testemunha é extremamente perigosa - suas armas são como um arsenal de guerra usado contra o vizinho. Um homem infiel não pode ser confiado. Ele é como um dente ruim ou um pé fraco ("mancar" ou "paralisado" é melhor do que escorregar); qualquer um dos quais pode causar insuficiência dolorosa quando necessário para suas funções normais.

O significado preciso do texto hebraico no v. 20 é extremamente difícil de determinar (comparar as traduções), mas o significado geral é provavelmente o da adequação. Há um tempo para ouvir o canto de "músicas gays" (Scott, p. 154), mas esse momento não é quando o coração está pesado com tristeza e sem ânimo para isso. Esse canto pode ser tão doloroso quanto tirar o casaco em um dia frio ou derramar vinagre sobre uma ferida. No entanto, é possível que possamos entender o coração pesado como o do cantor e não do outro ("aquele que canta músicas em um coração pesado"). O significado é, então, focado na dor de tentar cantar (talvez, canções alegres para os outros, ver Salmos 137) com um coração triste e pesado. Prefiro essa interpretação.

Os versículos 21-22 estabelecem um alto padrão ético para lidar com inimigos (ver 12:16 ; 20:22 ; 24: 17-18 , 29). O humor é bem diferente do que se reflete nos Salmos 58; 59 ; 109 ; 137 . No entanto, deve notar-se que a motivação aqui não é exatamente a do amor cristão (cf. Mateus 5:44 ; 6: 4 , 6 ; Rom. 12: 19-21). A ênfase é, pelo menos parcialmente, pragmática; isto é, é simplesmente a maneira mais prática de lidar com um inimigo. Se você lutar contra ele, ele luta contra você, e então você responde, etc. A vingança aumenta de forma rápida e ultrapassa rapidamente o controle dos participantes. Reis e presidentes demonstraram uma e outra vez que é fácil começar

ou prolongar uma guerra com "ataques de retaliação", mas que logo se torna além de seu poder para parar o que eles começam. O inimigo é freqüentemente muito mais vulnerável à generosidade e à bondade do que às ameaças e à violência, contra as quais se estabeleceu com determinação. A bondade para um inimigo pode infligir a ele o castigo do remorso, e disso pode vir um relacionamento novo e sadio. Escusado será dizer que a disciplina necessária para esse tipo de comportamento em relação a um adversário deve ser tão forte quanto o aço.

O versículo 24 é quase o mesmo que 21: 9 , que vê, também o comentário sobre ele.

A água é o assunto comum da vv. 25, 26 ; embora usado de diferentes maneiras. O verso 25 é uma expressão gráfica dos resultados atualizados das boas notícias. O significado é claro para quem desejava e tomou uma bebida de água fria durante o calor e a fadiga de um dia quente. A primavera em v. 26 é uma que foi "pisada" por homens ou animais, de modo que a água se torne imutável. Assim, o que poderia ter sido um ativo - e um valioso na Palestina seca - está perdido. É assim que é quando um homem justo cede antes dos perversos, embora o significado preciso dessa expressão seja uma questão de dúvida. O sentido pode ser o do fracasso moral (como no Salmo 17: 5); ou seja, o homem justo cede às tentações dos ímpios e perde sua pureza e utilidade (ver Toy, pág. 470). Outra abordagem é entender a expressão como uma perda de posição social e poder. Assim, um homem justo que não pode suportar um homem perverso é "um fenômeno tão desconcertante como uma primavera desperdiçada" (McKane, pág. 593). O homem que é procurado como fonte de força incessante e como modelo de prosperidade torna-se um desapontamento como uma fonte ou fonte poluída.

O versículo 28 está um pouco relacionado no contexto do pensamento ao v. 26 . Um homem sem ele sob controle é tão impotente quanto uma cidade com suas paredes quebradas e invadidas. Um homem disciplinado pode cuidar de si mesmo.

(4) Caricaturas da loucura e preguiça (26: 1-16)

1 Como a neve no verão ou a chuva na colheita,
então a honra não é adequada para um tolo.
2 Como um pardal em seu flitting, como uma andorinha em seu vôo,
uma maldição sem causa não acende.
3 Um chicote para o cavalo, um freio para o burro,
e uma vara para a parte de trás dos tolos.
4 Não responda um idiota de acordo com sua loucura,
para que você seja como ele você mesmo.
5 Responda ao tolo de acordo com a sua loucura,
para que ele seja sábio aos seus próprios olhos.
6 Aquele que envia uma mensagem pela mão de um tolo
corta seus próprios pés e bebe violência.
7 Como as pernas de um coxo, que ficam inúteis,
é um provérbio na boca dos tolos.
8 Como aquele que liga a pedra na ardósia

é ele quem dá honra a um tolo.

9 Como um espinho que sobe na mão de um bêbado

é um provérbio na boca dos tolos.

10 Como um arqueiro que feriu a todos

é ele quem contrata um idiota ou um bêbado que passa.

11 Como um cachorro que retorna ao seu vômito

é um idiota que repete sua loucura.

12 Você vê um homem que é sábio aos seus próprios olhos?

Há mais esperança para um tolo do que ele.

13 O preguiço diz: "Há um leão na estrada!

Há um leão nas ruas! "

14 Como uma porta liga as dobradiças,

assim como um preguiçoso em sua cama.

15 O preguiçoso enterra a mão no prato;

Ele o traz para trazê-lo de volta à sua boca.

16 O preguiçoso é mais sábio em seus próprios olhos

do que sete homens que podem responder discretamente.

Os versículos 1-12, exceto v. 2, descrevem um aspecto ou outro de um tolo. Existe uma riqueza e exagero de imagens que se aproximam da caricatura.

Os versos 1 e 8 compartilham a mesma expressão: "honra ao tolo". A comparação é clara na v. 1 ; A honra é apropriada para o tolo como as condições meteorológicas especificadas. Infelizmente, v. 8 não é tão claro. Aquele que liga uma pedra na ardósia parece ilógico como uma comparação, já que, presumivelmente, essa é a coisa normal a fazer com uma pedra e uma funda! Talvez, os tradutores pensassem em unir uma pedra em uma ardósia para que ela não pudesse ser jogada (Fritsch, pág. 929) e, portanto, provavelmente voltaria a bater o lançador (JB), o que proporcionaria uma comparação.

Atrás de v. 2 está a crença de que existe uma força dinâmica e contínua na palavra falada, seja na forma de uma maldição ou de uma benção (Gen. 27: 33-38 ; Judg. 17: 1-2 ; Isa 55: 10-11 ; Zacarias 5: 1-4). O ponto neste versículo é que uma maldição sem causa não atingirá seu alvo pretendido porque uma pessoa inocente está sendo atacada. Vai morar como um pardal ou engolir, mas vai perder o seu objetivo (ou voltar para quem o enviou se a leitura marginal da MT for adotada).

O tolo, como o cavalo e o jumento, exige disciplina compulsiva (v. 3 , cf. 10:13 ; 19:29). Portanto, o exercício de cautela em lidar com um tolo está em ordem (vv. 4-5). Estes dois versos parecem ser contraditórios e preocupados consideravelmente com os intérpretes rabínicos judeus. Eles resolveram o assunto decidindo que a v. 4 tratava de questões seculares e a v. 5 tratava de questões religiosas. Os intérpretes mais recentes consideram os versos como complementares com a aplicação de cada provador dependente das circunstâncias. Há momentos em que um tolo não deve ser respondido, e há momentos em que o tolo deve ser respondido (ver Mic-Kane, pág. 596); cf. Gal. 6: 2 ,5 ; também Jó 12: 12-13 ; Eccl. 9:16 , 18).

A função de um mensageiro está atrás das imagens da v. 6 . O mensageiro tomou o lugar do que o enviou. Ele era os pés, as mãos e a voz do remetente. Assim, para enviar uma mensagem por um tolo, que não é confiável e susceptível de se comunicar de forma prejudicial, é como cortar seus próprios pés e convidar problemas (embora o MT do v. 6a permaneça difícil).

Um provérbio (*mashal*) é tão inútil para um tolo como as pernas de um homem coxo (v. 7). O versículo 7b é repetido no v. 9b , mas o significado muda. Aqui, o significado pode ser que o *mashal* não está pendurado e ineficaz, mas é tão afiado e doloroso quanto um espinho na mão de um bêbado, que se machuca de maneiras que ele evita quando está sóbrio. Esta é uma interpretação possível, mas é mais provável que o significado seja o de um espinho ou ramo espinhoso na mão de um folião bêbado que tenta usá-lo como uma arma de maneira absurda (então McKane, com referências, p . 599).

A tradução do v. 10 é muito incerta. Se o RSV estiver certo, o significado parece ser que a contratação de um idiota de passagem está na mesma categoria com o homem que decide disparar flechas a todos à vista - ambos são loucos! Observe a tradução do NEB.

O tolo nunca aprende e, como um cão que retorna ao seu vômito, o tolo continua tentando fazer as coisas que não funcionarão (v. 11). O tolo tem grande dificuldade em aprender com a experiência. Mas há mais esperança para um tolo do que para um ignorante que acha que ele é sábio (v. 12)! Ele é o pior de tudo.

Os versículos 13-16 tratam de um tema freqüente no ensino do sabedoria; a da pessoa preguiçosa que não tem a vontade de fazer seu trabalho (ver 6: 6-11 ; 10:26 ; 11:16 ; 13: 4 ; 15:19 ; 18: 9 ; 19:15 , 24 ; 20: 4 , 13 ; 21:25 ; 22:13 ; 24: 30-34 ; 31:27). O versículo 13 é muito semelhante a 22:13 e v. 15 a 19:24 (veja estes versos). Verso 14significa que uma porta e um tolo se movem, mas nem vão a lugar algum. O preguiçoso gira em sua cama, mas ele não consegue se levantar e ir trabalhar. Esses versos devem ser lidos com apreciação pelo humor. Apesar da preguiça, o preguiçoso se considera muito sábio. Ele se considera mais sábio do que sete (todo um time!) De homens competentes que passaram por treinamento intensivo para responder a problemas difíceis. Não é necessário admirar que ele gosta de ficar na cama, pois não vai descobrir o quão ignorante ele realmente é.

(5) Interferência e ações mal-intencionadas (26: 17-28)

17 Aquele que se intromete em uma disputa não o seu próprio
é como alguém que tira um cachorro passando pelos ouvidos.
18 Como um louco que lança marcas de fogo, flechas e morte,
19 é o homem que engana o seu vizinho
e diz: "Eu só estou brincando!"
20 Por falta de madeira, o fogo sai;
e onde não há um sussurro, as brigas cessam.
21 Como carvão para brasas e lenha para fogo,
também é um homem briguento para lutar contra a ira.
22 As palavras de um sussurro são como pedaços deliciosos;

Eles descem nas partes internas do corpo.
23 Como o esmalte cobrindo um vaso de barro
são lábios lisos com um coração maligno.
24 O que odeia, se dissemina com os lábios dele
e abriga o engano em seu coração;
25 quando ele fala graciosamente, acredite nele,
pois há sete abominações em seu coração;
26 embora seu ódio ser coberto com dolo,
Sua iniqüidade será exposta na assembléia.
27 O que escava um poço cairá nele,
e uma pedra voltará sobre ele, que começa a rolar.
28 Uma língua mentirosa odeia suas vítimas,
e uma boca lisonjeira funciona ruína.

O versículo 17 fala por si mesmo. É bom lembrar que os cães não eram animais domésticos na Palestina e "pegar" as orelhas (o texto grego tem "cauda") de um cão era uma maneira bastante certa de ser mordida. O homem que pensa que ele pode enganar ou tropeçar seu vizinho e depois passar como uma piada está na mesma classe com um louco que lança marcas de fogo e flechas sem preocupar-se com suas conseqüências mortais. A palavra "louco" é um pouco incerta. É possível que isso signifique algo como um "comodín prático" (McKane, página 602).

Uma variedade de ações indesejáveis são descritas em vv. 20-28 . Todos os versos, exceto vv. 26-27 lidam de uma forma ou de outra com falso ou falso falando. O whisperer é o assunto de vv. 20 , 22 (que é o mesmo que 18: 8 , veja discussão lá). O "whisperer" mantém os fogos de disputa com suas fofocas calúnicas (cf. 16:28).). O homem briguento também fornece combustível para a controvérsia ardente. Estas são as pessoas que minam constantemente as relações humanas e mantêm a comunidade quente com a dissensão e o medo. Lábios lisos (ver marg., "Lábios ardentes" no sentido de ardente ou fervoroso) podem cobrir um coração malvado, como o esmalte, abrange a barro em barro de uma peça de cerâmica. A superfície agradável cobre a natureza real do interior.

O tema das atitudes internas profundamente maliciosas cobertas com o charme exterior da fala e da maneira também é encontrado em vv. 24-26 . Existe o tipo de homem que disfarça o ódio e o engano por palavras graciosas. Não deve ser confiado. As sete abominações são um número redondo que significa qualquer número de motivações e atos repulsivos. O versículo 26 expressa a confiança de que a *perversidade* de tal homem será exposta na assembléia. A comunidade verá através de seu disfarce e revelará sua natureza real.

O versículo 27 foi definido como descrevendo "o efeito boomerang do mal" (Jones, página 215). O problema que um homem prepara para os outros provavelmente voltará para ele (cf. Salmos 7: 15-16 ; 9: 15-16). O versículo 28 é uma observação sobre a natureza do discurso falso. O resultado é sempre um problema. A tradução deste verso é acometida de dificuldades. Parece melhor traduzir v. 28a com a Bíblia de Jerusalém

(baseando-se no texto grego): "a língua mentirosa odeia a verdade"; ou com McKane (p.253, veja a discussão nas pp. 605-06): "uma língua mentirosa odeia ver a inocência estabelecida".

(6) Lições para a Vida (27: 1-27)

1 Não se vangloriar de amanhã,
pois você não sabe o que um dia pode produzir.
2 Que outro te elogie, e não a sua própria boca;
um estranho, e não seus próprios lábios.
3 Uma pedra é pesada, e a areia é pesada,
Mas a provocação de um tolo é mais pesada do que os dois.
4 A ira é cruel, a ira é esmagadora;
mas quem pode suportar os ciúmes?
5 Melhor é uma repreensão aberta
do que o amor escondido.
6 Fiel são as feridas de um amigo;
Profusos são os beijos de um inimigo.
7 Aquele que está saciado detesta o amor,
mas a quem está com fome tudo amargo é doce.
8 Como um pássaro que se desvia do seu ninho,
é um homem que se afasta de sua casa.
9 Óleo e perfume tornam o coração feliz,
Mas a alma é tom por problemas.
10 Seu amigo e amigo de seu pai não se abandonam;
e não vá à casa do seu irmão no dia da sua calamidade.
Melhor é um vizinho que está perto do que um irmão que está longe.
11 Seja sábio, meu filho, e me agrada meu coração,
para que eu responda quem me reprocha.
12 Um homem prudente vê o perigo e se esconde;
Mas o simples continua, e sofre por isso.
13 Pegue a roupa de um homem quando ele deu
garantia para um estranho, e mantê-lo em penhor quando ele dá garantia para estrangeiros.
14 Aquele que abençoa o próximo com grande voz,
levantando-se de manhã cedo,
será contado como maldição.
15 Um pingando contínuo em um dia chuvoso
e uma mulher contenciosa é parecida;
16 para restringi-la é restringir o vento

ou agarrar o óleo na mão direita.
17 Ferro afia ferro,
e um homem aguça outro.
18 Aquele que tende uma figueira comerá o seu fruto,
e aquele que guarda seu mestre será honrado.
19 Como no rosto da água responde ao rosto,
então a mente do homem reflete o homem.
20 Sheol e Abaddon nunca estão satisfeitos,
e nunca são satisfeitos os olhos do homem.
21 O cadinho é para prata e o forno é para ouro,
e um homem é julgado pelo seu louvor.
22 Esmague um tolo em uma argamassa com um pilão
juntamente com o grão esmagado,
ainda que sua loucura não se afastará dele.
23 Conheça bem a condição de seus rebanhos,
e dê atenção aos seus rebanhos;
24 para as riquezas não durarão para sempre;
e uma coroa dura para todas as gerações?
25 Quando a grama se foi, e aparece o novo crescimento,
e a forragem das montanhas é recolhida,
26 os cordeiros fornecerão sua roupa,
e as cabras o preço de um campo;
27 haverá leite de cabra suficiente para a sua comida,
para o alimento de sua casa
e manutenção para suas donzelas.

Os versículos 1-9 caracterizam-se por observações penetrantes e um conceito resistente e realista de conselhos para a vida. Embora a linguagem religiosa seja mínima, as frases representam alguns dos melhores ensinamentos dos homens sábios. Eles "dizem como é".

O versículo 1 é uma admoestação para não "se louvar" em relação ao futuro. Não podemos controlar o que acontecerá em um dia, embora isso não exclua uma aceitação positiva daquilo que vem, nem significa que não deve haver planejamento para O verso é um lembrete das limitações da finitude humana. O louvor deve vir dos outros. O homem sábio não tenta construir sua reputação se louvando. Os versículos 3 e 4 são observações sobre raiva e ciúmes. Nada é mais difícil A raiva é muito destrutiva e cruel, mas o ciúme é pior. A resposta esperada para a pergunta no v. 4 é "ninguém".

Os versículos 5 e 6 estão relacionados porque lidam com formas adequadas de repreensão. A repreensão aberta é melhor do que a aprovação, que permanece muda e ineficaz. É melhor ter um amigo cujas discussões honestas deixem suas feridas do que

beijos profusos de quem o odeia. A verdadeira amizade não pode ser o que deve ser se os amigos devem constantemente ser tímidos e conter um ao outro.

O versículo 7 é uma observação proverbial sobre um aspecto da vida. Poderia ter uma série de aplicações ao longo da linha de significado que precisa criar desejo de coisas de outra forma rejeitadas, enquanto uma abundância pode levar à rejeição daquela que é saudável e boa (como mel, por exemplo, ver 24:13 ; 25: 16).

O verso 8 é uma observação sobre a tensão e o estresse do movimento. Afastar-se de um contexto familiar onde as coisas e as pessoas são conhecidas e familiares podem ser traumáticas. Na cultura altamente móvel do mundo contemporâneo, existem milhões que são como um pássaro que se afasta do seu ninho. As causas do movimento são, é claro, numerosas. Os mortos-vivos incluem aqueles que sabem que nunca podem voltar para casa.

O texto hebraico no v. 9 é extremamente difícil. O RSV em v. 9b segue o texto grego para produzir uma comparação com v. 9a . Talvez uma abordagem melhor seja uma declaração que complementa v. 9a , algo como "mas a doçura de seu amigo é melhor do que a madeira perfumada" (Ringgren, p.9). O óleo e o perfume trazem alegria para a vida, mas a amizade é melhor.

Os versículos 10 a 13 compreendem um tipo de Instrução, embora algumas características desse gênero faltem. O versículo 10 é problemático porque parece estar em desacordo com 17:17 (por exemplo, Toy, pág. 486). Mas o verso deve ser permitido. O parentesco pode ser mais forte que a amizade, mas também é verdade que um amigo da família (nota o amigo do seu pai) às vezes pode fazer mais em tempo de problemas do que um parente (ver 18:24).

O versículo 11 é uma exortação de um professor (ou pai) para um aluno. É um pouco diferente em que boas consequências para o professor e não para o aluno são enfatizadas. Um professor pode responder aos seus críticos apontando para as realizações bem-sucedidas de seus alunos. O versículo 12 é um comentário sobre o comportamento de um homem prudente (ou crafty) em contraste com o simples (ou ignorante). Talvez, considerou-se apropriado como um comentário preliminar à admoestação em v. 13 (repetido a partir de 20:16 , que vê).

O versículo 14 visa a insinceridade no cumprimento escondido por uma voz alta mas hipócrita. Blessed pode significar simplesmente cumprimentos em um show de amizade. Aumentar cedo imediatamente traz à mente a imagem do hardy riser resistente que, em voz alta, cumprimenta seus amigos enquanto eles ainda estão com grogue com o sono. Não é de admirar que pareça uma maldição (nota a tradução de Scott, p. 162). Mas estas palavras são provavelmente apenas uma maneira idiomática de expressar a idéia de ação persistente ou zelosa (Toy, págs. 487, cf. Gênesis 20: 8 ; 22: 3 , Jeremias 7:13 ; 25: 3-4). Verso 14bé ambíguo no sentido de que pode significar (1) que a saudação seja contada como uma maldição para quem a recebe, ou (2) pode ser considerada como uma maldição sobre aquele que dá a saudação. Eu prefiro a primeira interpretação.

Os versículos 15-16 comportam uma variação prolongada de 19:13 (que vê). O RSV do v. 16 é uma paráfrase de um texto obscuro que o liga ao v. 15 ; mas muito provavelmente tem o significado correto (ver NEB).

O relacionamento humano é o assunto de vv. 17 , 19 . Os professores da sabedoria consideraram que a relação sexual entre personalidades e mentes humanas era muito importante. Assim, a escolha de companhia de um homem foi um fator crítico (ver 13:20 ; 22: 24-25). Nós nos tornamos maçantes sem a nitidez da mente e da personalidade em estudar e trabalhar com os outros. O versículo 19 parece dizer que nos conhecemos nos relacionamentos. No entanto, as interpretações deste verso variam, e não é sensato ser dogmático. Deve reconhecer-se que não existe um verbo no v. 19a , porém as respostas (ou reflete) são uma suposição razoável.

O versículo 20 é uma observação sobre a natureza do desejo do homem. Ele nunca teve o suficiente de tudo o que ele realmente deseja. Sheol e Abaddon são termos para o submundo da morte (ver 15:11). Os olhos do homem estão constantemente procurando por algo mais para ver, assim como o mundo da morte nunca está satisfeito.

Uma ambigüidade também está presente na versão 21b . O RSV interpreta a multa como significando que o caráter de um homem é avaliado pelo louvor que ele recebe dos outros. Mas é igualmente possível entender a linha dizendo que um homem é julgado pelo que ele elogia. O julgamento é adicionado pelo RSV ao literal "e um homem de acordo com o seu louvor". É difícil formar um julgamento sobre os dois significados. Talvez, ambos sejam possíveis.

A imagem do v. 22 é problemática, mas o significado é claro: é um negócio muito difícil obter um insensato. Mesmo que ele seja pulverizado com um pilão como argamassa em uma tigela batendo, não há garantia de que sua loucura o deixe. A disciplina mais drástica pode não funcionar.

Os versículos 23-27 dão instruções para uma vida bem sucedida em um ambiente rural. A criação de animais sólidos é melhor do que as posses e o status obtido com negócios comerciais (v. 24). A vida estável da terra, baseada em uma economia pastoral, era preferível a uma vida mais luxuosa na cidade. A tradução do RSV é aceitável e razoavelmente clara. A coroa na v. 24 parece ser adequada ao texto, a menos que seja entendida no sentido de status e honra (Cohen, p. 184). Alguns comentaristas fazem as mudanças necessárias para ler "tesouros" ou "riquezas" (Gemser, página 97). O impulso principal da passagem está na linha de que um modo de vida ligado ao cuidado adequado de bandos e rebanhos é seguro e frutífero. O dinheiro feito no comércio pode ser tão rápido quanto for.

2. Coleção B (28: 1-29: 27)

Existem vários motivos para classificar os capítulos 28-29 como uma coleção separada. Talvez, o mais óbvio seja o forte retorno do paralelismo antitético contra o uso relativamente pequeno nos capítulos 25-27 . Nesses capítulos, o símile é muito proeminente, mas ocorre apenas algumas vezes nos capítulos 28-29 (por exemplo, 28: 3 , 15). Há muito poucas frases que estão conectadas em grupos em 28-29 enquanto o agrupamento é uma característica principal de 25-27 (por exemplo, 26: 1-12, 13-16 , 20-28 ; 27: 23-27). As imagens ricas de 25-27 desaparecem um pouco em 28-29. Há

também **um**mudança de conteúdo. É notável que Deus (ou Javé) seja mencionado apenas duas vezes em 25-27 (25: 2 , 22), e essa seção tem muito pouco conteúdo diretamente religioso. Por outro lado, a coloração religiosa, direta ou indiretamente, é forte em 28-29.

(1) Observações e ensinamentos (28: 1-14)

1 Os ímpios fogem quando ninguém persegue,
mas os justos são ousados como um leão.
2 Quando uma terra transgride
tem muitos governantes;
mas com homens de compreensão e conhecimento
A estabilidade continuará por muito tempo.
3 Um pobre homem que oprime os pobres
é uma chuva batendo que não deixa comida.
4 Aqueles que abandonam a lei louvam os ímpios,
Mas aqueles que mantêm a lei se esforçam contra eles.
5 Os homens doentios não entendem a justiça,
mas aqueles que procuram o empréstimo entende-o completamente.
6 Melhor é um homem pobre que caminha em sua integridade
que um homem rico que é perverso em seus caminhos.
7 Aquele que guarda a lei é um filho sábio,
Mas um companheiro de gluttons envergonha seu pai.
8 Aquele que aumenta a sua riqueza por interesse e aumento
recolhe para ele quem é gentil com os pobres.
9 Se alguém afasta o ouvido de ouvir a lei,
mesmo a sua oração é uma abominação.
10 Aquele que engana os direitos em um caminho maligno
cairá no seu próprio poço;
mas os irrepreensíveis terão uma boa herança.
11 Um homem rico é sábio a seus próprios olhos,
mas um pobre homem que tenha compreensão o descobrirá.
12 Quando os justos triunfarem, há uma grande glória;
Mas quando os ímpios se elevam, os homens se escondem.
13 O que esconde suas transgressões não prosperará,
mas aquele que confessa e os abandona obterá piedade.
14 Bem-aventurado o homem que teme sempre o SENHOR ;
Mas aquele que endurece seu coração cairá em calamidade.

O homem perverso foge quando não há motivo para esse vôo porque ele tem que pensar como um fugitivo. O homem justo pode ser ousado porque sabe que suas reservas de

força são ótimas. O texto do v. 2 é obscuro e o significado permanece incerto. O significado parece ser que um país obtém os governantes que merece (McKane, p. 631). Uma sociedade corrupta e rebelde terá uma sucessão de governantes que deixarão de trazer estabilidade. O ponto parece ser "Como pessoas, como governantes".

O pobre homem de v. 3 comentários de problemas, e as sugestões para emendar "perversas" ou "ricas" (as mudanças em texto hebraico são relativamente menores) são freqüentes. O Masoretic Text suporta o RSV. É ruim o suficiente para ser oprimido por homens ricos e poderosos, mas quando homens pobres ganham poder, é pior (Isaías 3: 1-5). As conseqüências de uma chuva batendo na Palestina podem ser devastadoras, especialmente na época da colheita.

O ponto crítico na v. 4 é o significado da lei (*torah*). Provavelmente não se refere à instrução dos professores da sabedoria (como em 3: 1 ; 4: 2 ; 7: 2), mas à lei de Javé, no sentido religioso e formal. O mesmo significado é provável em vv. 7-9, embora seja possível que a *torá* na v. 7 se refira à instrução dos pais. Mas é mais provável que, neste contexto, o verso exalta um filho piedoso e não aquele que é obediente ao ensino parental (McKane, p. 603). O significado religioso da *Torá*(como "lei de Javé") é certamente o caso na v. 9 (cf.É um. 1:15 ; Jer. 7: 8-20 ; 15: 1).

A nota religiosa soa fortemente na v. 5 . Yahweh é a verdadeira fonte de compreensão, não apenas da justiça, mas de tudo (que é uma tradução alternativa do RSV completamente, veja JB).

O versículo 6 é uma variante de 19: 1 (veja o comentário sobre esse verso).

Existem várias frases neste capítulo relacionadas à riqueza e à pobreza (v. 3 , 6 , 8 , 15 , 19, 20, 21, 22 , 25 , 27). O verso 8 observa que a riqueza adquirida por interesse e aumento não será mantida de forma permanente. Eventualmente, será para o homem que ajuda os pobres - uma visão muito otimista das coisas para dizer o mínimo. O interesse em empréstimos entre israelitas é proibido nas coleções da lei do Antigo Testamento (ver Ex. 22:25 ; Levítico 25: 35-37 ; Deut. 23: 19-20), mas os estrangeiros podem ser cobrados. Em qualquer caso, os sábios consideraram improcedente ganhar riqueza por meios implacáveis e gananciosos, e as altas taxas de juros foram classificadas como tais. As palavras traduziram interesse e aumento são termos técnicos para diferentes tipos de interesse em dinheiro. O "interesse" pode referir-se ao que chamaríamos de desconto; ou seja, se o mutuário estiver emprestando US $ 100, ele receberá US $ 90, enquanto ele paga $ 100. No entanto, um sistema mais usurável pode ter em mente que o mutuário recebe os $ 100 e o paga de volta mais US $ 10 "aumento" *mais* juros (ver Gemser, p. 114; McKane, página 626).

Para o v. 9, veja o comentário acima na v. 4 .

O pensamento de v. 10 é encontrado em 26:27 , embora o v. 10 seja expandido para incluir uma ilustração do comportamento anti-social envolvido, ou seja, enganando o vertical. Há também um pouco de motivação na v. 10c . Os homens pobres sabem o que os homens ricos realmente são (v. 11) 1 Os ricos podem enganar-se a acreditar que são sábios e bons, mas os pobres vêem as máscaras para o seu verdadeiro valor. A tradução

do brinquedo (p.500) da v. 11b obtém a força do texto: "Mas um homem inteligente e inteligente o examinará completamente".

O RSV de v. 12 adotou uma emenda nos homens esconder-se para o literal "homens são procurados (ou procurados)." Esta é uma mudança razoável em vista de 28:28 , que é muito semelhante. Além disso, é provável que a força do verbo inalterado na v. 12b conque a idéia de sair do caminho (note a tradução de Scott, p. 165) porque os homens perversos estão no poder e buscam as pessoas para punir aqueles que opor-se a eles. Quando estão em posição de autoridade, os homens devem se esconder da exploração dos ímpios.

A culpa não confessada é uma barreira que impede o sucesso (ver Salmos 32: 1-5). Mas a confissão limpa a culpa e, quando acompanhada de uma saída positiva de transgressões, abre o caminho da piedade (v. 13). Observou-se que esta é a única frase no livro de Provérbios que fala diretamente da confissão do pecado e da misericórdia de Deus (Gemser, p.199).

O verso 14 é lido no RSV como se os medos se referissem a Deus (Heb \. Não tem nenhum objeto após o verbo). O verbo para "medos" não é o normal usado no "medo de Yahweh". A idéia de raiz do verbo é agitar ou tremer em apreensão ou medo, e é mais provável que se refira ao pecado. Aquele que endurece Seu coração contra esse medo experimentará sérios problemas. O medo do pecado, quando não forçado a um grau insalubre e incapacitante, pode ser uma ajuda no processo de autodisciplina.

(2) Uma régua perversa e outros assuntos (28: 15-22)

15 Como um leão rugindo ou um urso carregador
é uma régua perversa sobre uma gente pobre.
16 Um governante que não tem entendimento é um opressor cruel;
mas aquele que odeia ganhos injustos prolongará seus dias.
17 Se um homem está sobrecarregado com o sangue de outro,
deixe-o ser um fugitivo até a morte;
deixe ninguém ajudá-lo.
18 Aquele que entra em integridade será entregue,
mas aquele que é perverso em seus caminhos cairá em um poço.
19 Aquele que cultivar a sua terra terá pão,
mas aquele que segue pesquisas sem valor terá muita pobreza.
20 Um homem fiel abundará com bênçãos,
mas aquele que se apressa a ser rico não ficará impune.
21 Para mostrar a parcialidade não é bom;
mas por um pedaço de pão que um homem fará de errado.
22 Um homem miserável apressa-se após a riqueza,
e não sabe que a vontade virá sobre ele.

A opressão de um governante perverso sobre um povo pobre é comparada aos ataques ferozes de animais selvagens poderosos (v. 15). Não há impedimento de seu apetite. O traduzido traduzido traduzido é usado por gafanhotos em Joel 2: 9 . Jones observa que "a opressão dos ricos precisa do idioma da selva para descrever sua crueldade essencial" (p.225). O significado geral do v. 16 é claro, mas há problemas na tradução do v. 16a . Uma das interpretações mais atraentes envolve uma ligeira alteração na palavra traduzida cruel (ou grande) para formar um verbo (*WRB* em *yrh*), o que significa "faz grandes (ou muitas) opressões" (nota Toy, página 503): "Um governante que não tem entendimento causa muita opressão". Essa régua não será tolerada muito tempo (v. 16b).

Há dificuldade em entender v. 17 . O verso parece ser prosa, em vez de poesia, mas isso não o exclui automaticamente de Provérbios. McKane provavelmente está correto quando ele interpreta o verso como expressando a convicção teológica de que um homem que é culpado de assassinato está sob uma sentença de morte inexoravel por Deus e ninguém deve tentar retardar sua execução (p.625).

A correção RSV no v. 18 (em um poço, ver marg., "Em um") é aceitável; No entanto, existem outras formas de entender o assunto. Por exemplo, "em um" pode se referir aos caminhos e significados de que tal homem é destruído por seu próprio comportamento perverso, ou seja, o "boomerang" resultado do mal como em 28: 10b ; 26:27 .

Geralmente, v. 19 diz que o trabalho constante em um trabalho é melhor do que tentar fazer muitas coisas diferentes ao mesmo tempo. Além disso, reflete o modo de vida rural estável visto em 27: 23-27 . O versículo é uma variante de 12:11 . As atividades inúteis não são definidas, mas provavelmente devem ser entendidas como empreendimentos especulativos em negócios e finanças.

O homem fiel no v. 20 é o homem que é confiável e honesto em suas transações. Ele não é um homem que tem tanta pressa de enriquecer que ele perde sua confiabilidade no processo. O castigo a que se refere provavelmente deve ser pensado como de Deus, mas uma sensação de culpa geral também é um fator: "ele não será declarado inocente".
O versículo 21 é uma observação sobre a propensão dos homens para perverter a justiça por preços pequenos . Um suborno efetivo não precisa ser caro (ver 18: 5 ; 24: 23-25). O homem miserável (ou seja, "um homem do olho malvado", também em 23: 6 , cf. 22: 9) cometeu um grave erro quando ele não calcula o custo de sua busca das riquezas (v. 22). O "olho do mal" deve ser entendido como ganancioso, agarrador ou egoísta.

(3) Assuntos de Conduta e Vida (28: 23-28)

> *23 Aquele que repreende um homem depois encontrará mais favor*
> *do que aquele que lisonjeia com a língua.*
> *24 Aquele que rouba seu pai ou sua mãe*
> *e diz: "Isso não é transgressão"*
> *é o companheiro de um homem que destrói.*
> *25 Um homem ganancioso agita conflitos,*
> *mas aquele que confia no Senhor será enriquecido.*

[26] O que confia em sua própria mente é um tolo;
Mas aquele que entra em sabedoria será entregue.
[27] Aquele que dá aos pobres não quer,
mas aquele que esconde os olhos terá muitas maldições.
[28] Quando os ímpios se levantarem, os homens se escondem,
Mas quando eles perecem, os justos aumentam.

A lisonja também não será recebida a longo prazo como franqueza sincera (v. 23); cf. 25:12 ; 26:28 ; 27: 5 ; 29: 5 . O versículo 24 destina-se a tentativas de crianças para obter a propriedade de seus pais por meios desonesto, ao mesmo tempo que mantém que realmente não há transgressão, uma vez que eles têm direito à herança. Não pode haver violação técnica da lei, mas há uma irresponsabilidade grave e, na realidade, essa pessoa pertence à companhia de bandidos (JB) ou assassinos (McKane, p. 632) (ver Marcos 7: 9-13 ; 1 Tim. 5: 4 , 8).

A fonte mais frutuosa de confiança é Yahweh (v. 25). O homem ganancioso provoca problemas para si e para os outros; e ele não desfruta da vida abundante daqueles que confiam em Deus (Mt. 6: 19-34). Em contraste com a fonte adequada de confiança, uma confiança imprópria em sua própria habilidade é característica de um tolo (v. 26). O homem sábio pode ter certeza de seu modo de vida, por sua própria capacidade disciplinada e controlada e sua confiança em Yahweh.

A preocupação positiva com os pobres é um tema recorrente nos ensinamentos de sabedoria (v. 27 , cf. 11: 24-25 ; 14:21 , 31 ; 19:17 ; 22: 9 , 16 , 22-23). Para v. 28 , veja o comentário em 28:12 .

(4) Variedades de homens (29: 1-11)

[1] Aquele que muitas vezes é reprovado, ainda endurece seu pescoço
de repente será quebrado além da cura.
[2] Quando os justos estão em autoridade, o povo se alegra;
Mas quando os ímpios dominam, as pessoas gemem.
[3] Aquele que ama a sabedoria, alegra o pai,
Mas aquele que mantém companhia com prostitutas engula sua substância.
[4] Pela justiça, um rei dá estabilidade à terra,
Mas aquele que exige presentes arruína-o.
[5] Um homem que lisonjeia seu vizinho
espalha uma rede para os pés.
[6] Um homem maligno está enredado em sua transgressão,
Mas um homem justo canta e se alegra.
[7] Um homem justo conhece os direitos dos pobres;
um homem perverso não entende tal conhecimento.
[8] Scoffers definem uma cidade em chamas,
mas os homens sábios afastam a ira.

9 Se um homem sábio tem uma discussão com um tolo,
o tolo apenas raiva e ri, e não há silêncio.
10 Os homens sanguinários odeiam aquele que é irrepreensível,
e os ímpios buscam a vida dele.
11 Um tolo dá vazão total à sua raiva,
Mas um homem sábio o retira silenciosamente.

O idioma do "pescoço rígido" (v. 1) é encontrado nas descrições de pessoas de pescoço rígido (ver Ex. 32: 9 ; 33: 3 , 5 ; Deut. 9: 6 ; etc.). O significado é o de uma vontade teimosa que se recusa a dobrar em obediência. O resultado desta condição será uma ruptura repentina e irreparável (ver 6:15). O pensamento de v. 2 é encontrado em 28:12 , 28 . Quando os justos "aumentam" (o RSV interpretou isso como autoridade ou alterou MTligeiramente para ler "regra" e, portanto, "autoridade"; veja Fritsch, p. 942; Gemser, p. 100), há uma ocasião para se alegrar. Um pai se alegra quando tem um filho que ama a sabedoria (v. 3 , cf. 10: 1 ; 23:15 , 24). Claro, um pai está com dor se um filho desperdiçar dinheiro e energia com prostitutas. A promiscuidade sexual é um tipo de comportamento que é muito debilitante e perigoso.

Um rei traz estabilidade ao seu povo pela prática da justiça em sua administração (v. 4). Mas um rei que é "um homem de exatas" traz a ruína. A palavra "extorsões" é normalmente usada para partes dos sacrifícios dados aos sacerdotes, mas é usada aqui para presentes ou receita obtida das pessoas.

A interpretação do v. 5b depende do antecedente de seus pés. Pode ser entendido como o homem que lisonjeia. Igualmente provável é a idéia de que a vítima de lisonjas pode ser tão descartada que ele não perceberá que seus pés são apanhados em uma rede espalhada pelo adulador.

Uma pequena mudança de texto suportada por pelo menos um texto hebraico no v. 6b dá uma leitura como a de Scott: "Mas o bom homem foge, feliz de escapar". No entanto, isso não é absolutamente necessário, e o RSV pode ser deixado intacta. Uma mudança de uma vogal hebraica em canções poderia dar "gritos de alegria" ou "exultos" e ser reunida com alegria para igualar "extremamente feliz". A transgressão possui uma lacuna inerente nele. Não pode haver escapatória.

O homem justo sabe e se preocupa com a causa dos pobres (v. 7 , cf. 28:27 e as referências ali). Há uma preocupação ativa no verbo sabe. Ele "conhece" e se envolve em fazer algo sobre a situação dos pobres. Defina uma cidade em chamas na v. 8 é metafórica; ou seja, os escrutinadores despertam as pessoas em uma "incandescência" de desordem e raiva. No entanto, como sabemos, o fermento interno provocado por essas pessoas pode resultar em queimadas reais.

O argumento do v. 9 pode referir-se a um caso judicial ou a um processo judicial, mas pode significar um argumento em geral. O RSV lê o v. 9b com o tolo como sujeito. Isso é mais natural, mas na verdade o assunto é ambíguo e pode ser o homem sábio (como em JB) ou o tolo. O tolo não tratará o caso de forma séria e continuará com suas sneering e ranting.

O problema no v. 10b é que buscar sua vida geralmente significa traçar a morte de alguém, assim a dificuldade do "vertical" no Texto Massorético. Mas isso nem sempre é o significado da expressão; e se é lido aqui no sentido de "buscar o seu bem-estar", nenhuma mudança de "vertical" precisa ser feita. Outra solução é a do ASV: "E quanto ao homem ereto, eles procuram sua vida".

(5) Frases diversas (29: 12-27)

12 Se uma régua ouvir falsidade,
Todos os seus oficiais serão perversos.
13 O pobre e o opressor se reúnem;
O Senhor dá luz aos olhos de ambos.
14 Se um rei julga os pobres com equidade
Seu trono será estabelecido para sempre.
15 A vara e a repreensão dão sabedoria,
Mas uma criança deixada para si mesmo traz vergonha a sua mãe.
16 Quando os ímpios estão em autoridade, a transgressão aumenta;
mas os justos vão olhar para a sua queda.
17 Discipline seu filho, e ele irá dar-lhe o resto;
Ele dará prazer ao seu coração.
18 Onde não há profecia, as pessoas expulsam a restrição,
Mas é abençoado aquele que guarda a lei.
19 Por simples palavras, um servo não é disciplinado,
pois embora ele entenda, ele não dará atenção.
20 Você vê um homem que é precipitado em suas palavras?
Há mais esperança para um tolo do que para ele.
21 Aquele que amolece seu servo desde a infância,
no final, achará seu herdeiro.
22 Um homem de ira agita conflitos,
e um homem dado à raiva causa muita transgressão.
23 O orgulho de um homem o levará para baixo,
mas aquele que é humilde em espírito obterá honra.
24 O parceiro de um ladrão odeia sua própria vida;
ele ouve a maldição, mas não revela nada.
25 O medo do homem coloca uma armadilha,
mas o que confia no Senhor está seguro.
26 Muitos buscam o favor de um governante,
Mas do Senhor um homem recebe justiça.
27 Um homem injusto é uma abominação para os justos,
mas ele cujo caminho é reto é uma abominação para os ímpios.

O ponto da v. 12 é "como governante, como funcionários". Os servos de um governante tendem a acomodar-se às práticas do governante e tornar-se como ele. O versículo 13 é uma variante de 22: 2 . O Senhor dá vida a todos os homens - pobres, ricos, opressores, retos, etc. As incongruências são encontradas na ordem criada. Talvez, o verso implique uma fé que, embora o significado de toda essa "união" seja geralmente obscuro, há um propósito divino nela.

O problema dos pobres é aquele que impugna a administração de qualquer governo (v. 14). Um rei que lida com o pobre de forma fiel e justa (muitas vezes não é o caso) estabelecerá seu trono com segurança (29: 4 ; 16:12 ; Salmos 45: 6-7 ; 72: 1-4). O para sempre significa por duração prolongada ou por um longo período de tempo.

Todos os vv. 15-21 lidam diretamente com a disciplina de um tipo ou outro, exceto vv. 16 , 20 . Para o v. 16 , veja 29: 2 e as referências lá. A diferença neste versículo é a convicção de que os justos terão a satisfação de ver a queda dos ímpios. O versículo 20 é uma variante de 26:12 , mas a ênfase no v. 20 é a fala precipitada, mal-considerada (ver Eccl. 9:18).

Os versículos 15 , 17 estabelecem formas e motivações para disciplinar um filho. Os versículos 19 , 21 dão conselhos sobre a disciplina de um escravo. Mais do que meras palavras são necessárias. O escravo pode entender as palavras, mas sua resposta dependerá de alguma forma de força (ver Ecclus 33: 24-28). Há perigo em mimar um escravo (v. 21), embora haja alguma obscuridade no verso. O herdeiro não ocorre em outro lugar do Antigo Testamento e tem sido objeto de estudos consideráveis (ver McKane, p. 634).

O significado do v. 18 está vinculado à compreensão da profecia (visão) e da lei. "Visão" (*chazon*) é uma palavra normalmente usada da visão profética (por exemplo, Hos. 12:11 ; Isa. 1: 1 ; 29: 7). É seguro dizer que o significado aqui não é o da visão ou dos sonhos em geral. A revelação (s) definitiva (s) de Deus é (é) considerada (s) como um elemento necessário para impedir que um povo retire a restrição (iluminado, solto como o cabelo da cabeça em Lev 10: 6 ou corra selvagem como no Ex 32:25). Felicidade (abençoada) vem com a manutenção da lei.

Existem várias opções abertas na compreensão v. 18 . Os principais são os seguintes. (1) O versículo pode ser tomado como um endosso pelos sábios da "visão" dos profetas e da "lei" (*torah*) ou instrução dos sacerdotes. A nação não pode ser realmente abençoada até que essas duas coisas sejam levadas a sério. (2) A "visão" e a "lei" podem ser aplicadas aos próprios sábios, que estão adotando a terminologia e a autoridade dos profetas para suas próprias instruções. Os sábios estão reivindicando uma inspiração e autoridade igual à dos profetas e sacerdotes (Scott, p. 170, que cita o Ecclus. 24: 32-33 , ver 11:14 ; 1 Sam. 3: 1). (3) É possível que a "visão" (*chazon*) é um mal entendido de uma palavra que significa superintendente ou magistrado; ou seja, referindo-se a uma pessoa que supervisiona a manutenção da lei (como no texto grego, veja Gemser, pp. 101, 114, citando as sugestões de GR Driver). (4) A visão de McKane (pág. 640) é muito atraente. Ele observa que a desordem das pessoas devido à falta de "visão" (que ele interpreta como profecia) está em antítese da benção do indivíduo que mantém a "lei". Isso sugere que a era da profecia para a nação (ou pessoas) é passado e, como conseqüência, as pessoas estão abertas a uma falta de disciplina. O remédio para esta

situação reside na manutenção individual da *torah* (que ele entende como lei). Mas nenhuma decisão absolutamente definitiva sobre essas interpretações parece possível.

Para v. 22 , veja 15:18 (a primeira linha é quase idêntica) e 14:17 , 29 ; 22:24 . Para v. 23 , veja 11: 2 ; 16:18, 19 . O orgulho o deixa baixo porque limpa um homem de aprender e motiva-o a acomodar-se a um comportamento de segunda taxa, a fim de tentar obter a honra que ele deseja. O homem modesto, humilde em espírito, não é bloqueado da honra por uma vontade arrogante.

O pano de fundo do v. 24 parece ser assim em Leviticus 5: 1 . Uma maldição é pronunciada em um ladrão desconhecido, que é ouvido por um de seus associados. No entanto, o associado não revela o que ele conhece e, portanto, ele tem o peso total da maldição, bem como o ladrão. Tal homem odeia sua própria vida. O crime é ruim o suficiente, mas a falta de confissão é suicida.

O medo do homem não é análogo ao medo de Javé. É o medo do homem ou o medo humano que cria uma armadilha para um homem de várias maneiras (por exemplo, ao dizer a verdade como no v. 24). A segurança é encontrada em confiar em Yahweh (Scott, p. 169). Outra interpretação é a do RSV; ou seja, cringing antes dos homens (especialmente, homens malvados e poderosos) será uma armadilha que provoca a ruína de um homem. Confie em Deus e não tema ninguém. Eu prefiro a primeira interpretação.

O versículo 26a é uma observação do modo como a vida é: há muitos que procuram a boa vontade do governante. O versículo 26b é um lembrete de que o julgamento final não vem de um governante, mas de Yahweh. O verso seria particularmente adequado para aqueles que procuram alto cargo. Que tal homem se lembre disso porque muitos procuram seu favor, ele não deve concluir que Deus abdicou de sua preocupação com a justiça. Por outro lado, que o homem comum se lembre de que ele ganhará nada realmente digno pedindo tratamento privilegiado por um governante. Que ele espere em confiança para o Senhor para lhe dar um julgamento favorável (McKane, p. 639).

O homem injusto (ou o homem tortuoso) e o ímpio são mutuamente repulsivos para o justo e para o homem cujo caminho *é* reto. O paralelismo é "homem justo" // "homem perverso"; "Homem torto" // "homem reto".

VI. As palavras de Agur (30: 1-33)

1. O ceticismo de Agur (30: 1-4)

[1] As palavras de Agur, filho de Jake, de Massa.
O homem diz a Ithiel,
para Ithiel e Ucal:
[2] Certamente, sou muito estúpido para ser um homem.
Eu não entendi um homem.
[3] Não aprendi sabedoria,
nem tenho conhecimento do Santo.
[4] Quem subiu ao céu e desceu?
Quem pegou o vento nos punhos?

Quem envolveu as águas em uma peça de vestuário?
Quem estabeleceu todos os confins da Terra?
Qual é o nome dele e qual o nome do filho?
Certamente você sabe!

O uso do título "As palavras de Agur" para todo o capítulo 30 não deve ser entendido como um julgamento de que todo o material neste capítulo pertence a Agur, embora isso não seja impossível. Só estou usando isso como título geral como no RSV. Há muitas incertezas sobre vv. 1-9 . A identidade do próprio Agur é uma dessas. Os nomes de Agur e Jakeh (eu suponho que são nomes pessoais e não denominações, veja Toy, pág. 518) não são encontrados em outros lugares no Antigo Testamento. Mas sem evidência em contrário, podemos assumir que Agur era um homem sábio de alguma reputação de uma data desconhecida. A suposição tradicional judaica e cristã de que o nome é um *nom-de-plume* para Salomão é desnecessária e quase certamente errada (ver Toy, p. 518; Kidner, pág. 178).

Outro problema surge com o termo *hammassa'* que o RSV emite um pouco e leva como uma designação territorial ou tribal: *Massa* . A margem RSV indica que a tradução é corretamente "o oráculo" (lit. o fardo), um termo usado de pronúncia profética como em Isaías 13: 1 ; Jeremias 23: 33-40 . Mas "o oráculo" parece encaixar mal no contexto, e o uso mais definido (mas não certo) de "Massa" em 31: 1 como um nome de lugar ou clã parece-me apontar para tal significado aqui. Um "Massa" aparece como um nome de clã entre os filhos de Ismael (localizado no norte da Arábia); cf. Gen. 25:14 ; 1 Crôn. 1:30).

Um terceiro problema surge com a tradução de v. 1b , c. Ithiel e Ucal aparecem como nomes próprios. "Ithiel" aparece como um nome próprio em Neemias 11: 7 , mas Ucal é desconhecido de outra forma. Os textos gregos e latinos não reconhecem nomes próprios aqui, e parece que o contexto faz mais sentido se eles não são lidos como tal. As consoantes hebraicas podem ser revocalizadas para ler: "Eu me cansei, ó Deus, me cansei, ó Deus, e estou exausta (ou no fim da minha mente)". Se um texto aramaico é assumido e vocalizado, a leitura é "Não há Deus! Deus não existe! e estou exausta "(Scott, pp. 175-6, em parte, McKane, p. 645). É difícil dizer qual tradução é superior (e existem outras possibilidades). Estou mais confiante de que certamente o v. 2deve ser lido como "para" (o *ki* introduz uma cláusula motivadora). Os versículos 2-3 expressam os motivos do ceticismo e / ou fadiga de Agur no v. 1 .

Agur mantém, provavelmente com alguma ironia, que sua compreensão da sabedoria e do Santo (santos que poderiam ser coisas sagradas ou lugar sagrado como no Salmo 73:17 , mas provavelmente "Santo") é tão atormentada pela finitude humana que É realmente a um nível sub-humano: ele se sente muito estúpido para ser um homem (Salmo 73:22). Deus e seus caminhos são um grande mistério para ele, embora outros afirmem saber tudo sobre o divino. Observe o irônico que não aprendi sabedoria da v. 3 (ver Jó 12: 2).

Enquanto alguns comentadores (por exemplo, Barucq, p.221) assumem que v. 4 é a resposta de Deus às palavras de Agur em vv. 1-3 , eu prefiro ficar de lado com aqueles que pensam que Agur ainda está falando no v. 4 . É um comentário irônico sobre a

transcendência e ocultação de Deus. O verso termina com uma pergunta provocadora. Agur quer conhecer o *nome* de Deus , ou o nome de seu *filho* (talvez, alguém ensinado por ele), se alguém realmente souber.

2. Conselho e Oração (30: 5-9)

5 Toda palavra de Deus prova-se verdadeira;
Ele é um escudo para aqueles que se refugiam nele.
6 Não adicione suas palavras,
para que ele te repreenda, e você é um mentiroso.
7 Duas coisas que te peço;
não os negue antes de eu morrer:
8 Retire-me da mentira e mentira;
Não me dê pobreza nem riqueza;
Me alimente com a comida que é necessária para mim,
9 para que eu esteja cheio e negue-te,
e diga: "Quem é o SENHOR ?"
ou que eu seja pobre e roubei,
e profanar o nome de meu Deus.

O ceticismo de Agur em vv. 1-4 é respondido por um sábio ortodoxo em vv. 5-6 . O impulso de vv. 5-6 é que a confiança absoluta deve ser colocada nas palavras de Deus, em oposição às "palavras de Agur" na v. 1 . Tudo o que Deus (o nome usado é Eloah, comum em Job) disse que é verdade (ou seja, fundido ou refinado); Foi o teste do tempo e da fé (Salmos 12: 6 ; 18-30). As palavras de Deus não precisam ser adicionadas a (v. 6), mas confiáveis como um escudo (v. 5b). Esses versículos podem indicar que um cânone autoritário das escrituras estava tomando forma e pode pertencer a um estágio posterior da história da sabedoria.

Uma oração em vv. 7-9 é anexado ao vv. 1-6 . É provável que a ligação de ligação principal seja o uso de mentirosos e falsidade em vv. 6 e 8. No entanto, os versos servem como uma oração adequada para o ortodoxo na vv. 5-6 (como Scott argumenta, p. 176). A forma é a do Dicionário Numérico (veja Int \.). As duas coisas que são solicitadas são (1) a liberdade do discurso falso e mentiroso e (2) um equilíbrio na vida entre pobreza e riqueza. Se a vida se torna muito afluente, pode-se ficar tão satisfeito que ele dirá Quem é o Senhor? Mas se alguém se tornar muito pobre, ele pode ser levado a roubar e violar o mandamento da Lei,

3. Advogado adicional (30: 10-14)

10 Não calunie um servo para seu mestre,
para que ele te amaldiçoe e você seja culpado.
11 Há aqueles que amaldiçoam seus pais
e não abençoe suas mães.
12 Há aqueles que são puros em seus próprios olhos
mas não são limpas de sua imundície.

13 Há aqueles, quão altos são os olhos dele,
Quão alto as pálpebras levam!
14 Existem aqueles cujos dentes são espadas,
cujos dentes são facas,
para devorar os pobres da terra,
os necessitados dos homens.

O versículo 10 é bastante independente e parece ser colocado aqui por causa da associação de palavras com v. 11 (uso comum da palavra maldição). A calúnia é melhor traduzida "informar sobre" ou "denunciar". O verso transmite uma mensagem de justiça e preocupação para os desfavorecidos (Kidner, p.179).

Quatro categorias de malfeitores são descritas em vv. 11-14 . Esses versos são muito parecidos com os dicionários numéricos com uma linha de título ausente, e isso é assumido pelo WMW Roth e outros. No entanto, isso pode ser apenas uma série associada por causa do uso comum da palavra "geração" (há aqueles, ver "há uma raça de homem" em JB). McKane (p. 651) pensa que um forte elemento profético colore esta seção, embora a pregação seja posta na forma de observações. Os significados são evidentes na tradução.

4. Atenção contra as formas do mal (30: 15-17)

15 A sanguessuga tem duas filhas;
"Dê, dê", eles choram.
Três coisas nunca estão satisfeitas;
quatro nunca dizem: "Basta":
16 Sheol, o útero estéril,
a terra já tem sede de água,
e o fogo que nunca diz: "Basta".
17 O olho que zomba de um pai
e despreza obedecer a uma mãe
serão escolhidos pelos corvos do vale
e comido pelos abutres.

Há uma questão sobre a relação entre v. 15a e o que se segue. Um link com vv. 15b-16 deve ser rejeitado com base na forma (vv. 15b-16 constituem um provérbio numérico normal) e conteúdo (ver a discussão em McKane, pp. 652-3). Scott interpreta v. 15a como uma retorta para a pessoa que sempre está pedindo favores. No entanto, pode ser um comentário mais geral sobre a natureza inata da ganância humana (então McKane, p. 654). A sanguessuga é melhor entendida como uma referência ao ensaio sangrento que era comum na Palestina (Cohen, p. 204).

O ditado numérico em vv. 15b-16 é claro. O suficiente do v. 16c pode significar a incêndio incontrolável do fogo ou a tarefa infinita de fornecer um suprimento de combustível.

Há uma forte nota de ironia na v. 17 , que é bastante independente do contexto, mas é algo semelhante ao v. 11 . A linguagem transmite uma expressão desprezível para os pais. Versículo 17c , *d* indicam que esse filho será negado enterro e seu corpo deixado para as aves de carniça. Há alguma incerteza sobre a palavra traduzida obedecer na v. 17b . Talvez seja lida como "envelhecida", ou seja, "e despreza uma mãe idosa".

5. Quatro maravilhas incompatíveis (30: 18-20)

18 Três coisas são maravilhosas para mim;
quatro eu não entendo:
19 o caminho de uma águia no céu,
o caminho de uma serpente sobre uma rocha,
o caminho de um navio no alto mar,
e o caminho de um homem com uma donzela.
20 Este é o caminho de uma adúltera:
ela come e limpa a boca,
e diz: "Não fiz nenhum erro".

A questão da interpretação na vv. 18-19 é se o ponto dessas coisas maravilhosas é o seu mistério ou o fato de que não há um vestígio claro de seu movimento. Certamente, há um fascínio e um mistério sobre o vôo de um pássaro, o movimento de uma serpente sem benefício das pernas, a habilidade de um navio em manter a flama eo processo de namoro. Mas parece melhor enfatizar o uso repetido da palavra *caminho.* É o "caminho" de cada uma dessas coisas que não podem ser recuperadas; assim, eles alcançam seus objetivos, mas não deixam vestígios evidentes por trás.Precisamos lembrar que o namoro não foi realizado tão longo e abertamente em culturas antigas como no nosso. Mesmo assim, o ponto culminante de um caso de amor muitas vezes vem bastante inesperadamente para nós e nós perguntamos "Como isso aconteceu?" O leitor pode notar que a palavra garota traduzida é o *'almah* de Isaías 7:14 : "jovem".

O verso 20 é anexado à vv. 18-19 pelo princípio da palavra-chave (o uso do caminho), mas também serve como uma interpretação desses versículos aplicados a um caso particular. O comportamento de uma adúltera é caracterizado por suas próprias ações indiferentes e protestos de inocência. Ela trata suas relações sexuais tão casual como comer uma refeição, pelo menos, pelo menos, despreocupada e reveladora sobre sua conduta.

6. Quatro tipos insuportáveis de pessoas (30: 21-23)

21 Em três coisas, a terra treme;
com menos de quatro anos não pode suportar:
22 um escravo quando ele se torna rei,
e um tolo quando está cheio de comida;
23 uma mulher amada quando ela recebe um marido,
e uma criada quando ela sucede a sua amante.

É provável que o v. 21 seja lido como satírico e hiperbólico, e não como uma observação sociológica séria. No entanto, o impulso de todo o ditado é direcionado para os desequilíbrios que ocorrem na sociedade com consequências intoleráveis. Há alguma incerteza sobre a expressão mulher não amada (odiado). Roth argumenta que é um termo legal (como em Deut. 21: 15-17 , Gen. 29:31 , 33) para uma esposa odiada que permaneceu na casa de seu marido, mas foi relegada a um status semelhante a uma escrava e praticamente proibido para sempre de ter um estado civil completo. Também é possível que aqui a palavra significa "divorciado" (GR Driver, em Gemser, pág. 106, ver Deut. 24: 1-4 ;Jer. 3: 1). Mas é mais provável que o significado na v. 23 seja impopular e / ou pouco atraente; possivelmente, rejeitado ou jilted (JB).

7. Quatro criaturas pequenas, mas sábias (30: 24-28)

24 Quatro coisas na Terra são pequenas,
mas eles são extremamente espirituosos
25 as formigas são pessoas que não são fortes,
No entanto, eles fornecem comida no verão;
26 Os texugos são pessoas que não são poderosas,
ainda assim eles fazem suas casas nas rochas;
27 os gafanhas não têm rei,
ainda que todos marcham em posição;
28 o lagarto que você pode tomar em suas mãos,
ainda está nos palácios dos reis.

Estes quatro pequenos animais são caracterizados como extremamente sábios. Eles fornecem modelos para a sabedoria humana (ver 6: 6-11) e não podem ser considerados "simplesmente descritivos dos hábitos dos animais, um pouco de história natural". O ditado é voltado para a vida humana e pretende transmitir ensinamentos sobre a sabedoria por meio da forma modelo. Claro, isso não exclui uma observação cuidadosa dos hábitos naturais de criaturas interessantes, mas o foco principal não é científico.

Primeiras qualidades de sabedoria são exibidas por cada criatura. A formiga é um modelo de previsão, planejando a frente para atender às necessidades futuras. O texugo (aparentemente o hyrax, um mamífero que habitava a rocha) é um modelo de uso de habilidades e recursos para obter um alto grau de segurança (ver Salmo 104: 18). Os gafetos são modelos de organização e disciplina. Como a formiga em 6: 7 , eles não são dependentes da compulsão externa, mas têm uma disciplina que se tornou uma parte inerente de suas vidas. O lagarto nos palácios dos reis é um modelo de uso dos recursos da mente para superar severas limitações físicas.

8. Quatro Seres com Estrada Mágica (30: 29-31)

29 Três coisas são majestosas em seu piso;
Quatro são majestosas em seu passo:
30 o leão, que é o mais poderoso entre os animais
e não volta para trás antes de qualquer;
31 o pau estridente, o cabrito,

e um rei caminhar diante de seu povo.

Este enunciado numérico é quase uma codificação de observações na ordem natural do que os versículos anteriores. O tema é liderança e dignidade de porte pessoal. É difícil decidir se o ditado é satírico ou pretendido como outra série de modelos a serem estudados de forma positiva. Parte do problema reside nas dificuldades do texto. Várias traduções são possíveis, mas o RSV representa conjecturas razoáveis. Apesar das incertezas, prefiro tomar a passagem como um exemplo positivo de liderança, embora isso não seja muito bem sustentado pelo tom da tradução de RSV.

9. Autocontrole (30: 32-33)

32 Se você foi tolo, exaltando-se,
ou se você está inventando o mal,
coloque sua mão em sua boca.
33 Para o leite apimentado produz coalho,
Pressionar o nariz produz sangue,
e pressionar a ira produz conflitos.

O Capítulo 30 fecha-se com um pouco de instrução para a pessoa que quer ou está prestes a se livrar do orgulho e da autoconfiança. O uso repetido de pressionar (ou torção) na v. 33 é muito efetivo. A manteiga foi produzida torcendo um frasco de pele de leite inteiro suspenso de um tripé até coalhar (ou manteiga) foram produzidos. Se um nariz é torcido, ele sangra, e a ira torcida produz conflitos (há uma conexão próxima entre o Heb \. Para "nariz" e "ira"). O ponto é simples: não provoque outros demais porque o resultado final será um problema sério (ver James 1:15 ; 4: 1-3).

VII. A Instrução de Lemuel (31: 1-9)

1. Título e endereço (31: 1-2)

1 As palavras de Lemuel, rei de Massa,
que sua mãe lhe ensinou:
2 O que, meu filho? O que, filho do meu ventre?
O que, filho dos meus votos?

Como foi o caso com 30: 1 , várias decisões devem ser solucionadas ao lidar com a abertura desta seção. Primeiro, é melhor não seguir o texto grego ao se recusar a ler Lemuel como um nome próprio (como Scott, p. 184), apesar do fato de que nada é conhecido em nenhum outro lugar de tal rei. O significado do nome é incerto, mas provavelmente tem a idéia de pertencer a Deus ou dedicado a Deus (ver Gemser, p. 108; McKane, página 408). Uma segunda decisão envolve a compreensão de *Massa* (ver 30: 1). O RSV o lê como um nome de lugar ou tribal, o que implica desconsiderar um acento no Texto Masoretic. A alternativa é ler a palavra como "oráculo". Mas isso parece encaixar mal com o assunto, e é melhor levá-lo com o RSV como um nome próprio, provavelmente de uma tribo de Ismaelitas no norte da Arábia (Gen. 25:14 ; 1 Cron. 1:30). Os aramais na passagem também podem apontar para um contexto não-israelita para sua origem.

O gênero do material parece ser o da Instrução (ver Int.), Que é freqüentemente dirigido a um rei, um potencial rei ou um alto funcionário (McKane, p. 407). Embora tais Instruções na forma de uma relação de pai para filho sejam bem conhecidas, uma Instrução no relacionamento "mãe-filho" é, aparentemente, única (Gemser, pág. 107; Ringgren, pág. 119).

O verso 2 parece um pouco enigmático (Toy, pág. 539). McKane propõe que o que lê com o sentido árabe de "ouvir", "preste atenção". Em qualquer caso, o versículo é um endereço direto que direciona a atenção de Lemuel para o que é dito.

2. Aviso contra mulheres (31: 3)

3 Não dê sua força às mulheres,
seus caminhos para aqueles que destroem os reis.

O rei é advertido contra o esgotamento de sua força com as mulheres, o que diminui sua eficácia no desempenho de seus deveres. O pensamento em mente aqui é provavelmente o de um harém grande e caro, que era um dispositivo padrão de realeza no mundo antigo (2 Sam. 16: 20-23 ; 1 Reis 11: 1-3). A força envolvida era física e financeira (e, no caso de Salomão, espiritual). Os modos de v. 3b podem ser alterados para "coxas" ou "lombos" (como em Scott, JB , etc.) pela alteração de uma consoante e então se referem a relações sexuais.

3. O uso adequado do vinho e a justiça para os pobres (31: 4-9)

4 Não é para reis, O Lemuel,
Não é para os reis beber vinho,
ou para que os governantes desejem beber forte;
5 para que bebam e esquecem o que foi decretado,
e pervertem os direitos de todos os aflitos.
6 Dê uma bebida forte àquele que perece,
e vinho para aqueles que estão em um amargo sofrimento;
7 deixe-os beber e esquecem sua pobreza,
e lembre-se de sua miséria não mais.
8 Abra a boca para o estúpido,
pelos direitos de todos os que ficaram desolados.
9 Abra a boca, julgue com justiça,
manter os direitos dos pobres e necessitados.

Os reis não devem beber vinho ou bebida forte (mais forte do que o vinho e feito a partir da fermentação de sucos de frutas), pode deixá-los confusos e esquecidos em matéria de estado, particularmente no que diz respeito aos direitos de todos os aflitos (ou seja, aqueles que são especialmente necessários). Ninguém sabe o pedágio assustador que as bebidas alcoólicas tomaram e fazem do bom governo.

Por outro lado, é responsabilidade do rei fornecer álcool e vinho para aqueles que estão morrendo (ou em uma condição desesperada, note NEB) e para aqueles que estão em uma angústia amarga. O álcool é considerado como sendo adequado, não como uma

bebida intoxicante (ver 23: 29-35), mas para fins medicinais e restauradores (ver 1 Tim 5:23). Mas um rei que está bêbado não saberá como fazer isso cuidadosamente controlado, usado de álcool, nem será capaz de ver que a justiça é feita, particularmente com os pobres e necessitados. Existem alguns problemas técnicos na tradução de vv. 8-9 (ver McKane, pp. 410-12 e as traduções), mas o RSV é suficiente para transmitir a força da demanda por justiça e precisão de administração por parte do rei.

VIII. Um paradigma para uma esposa (31: 10-31)

10 Uma boa esposa que pode encontrar?
Ela é muito mais preciosa do que as jóias.
11 O coração de seu marido confia nela,
e ele não terá falta de ganho.
12 Ela o faz bem, e não faz mal,
Todos os dias de sua vida.
13 Ela procura lã e linho,
e trabalha com mãos dispostas.
14 Ela é como os navios do comerciante,
Ela traz comida de longe.
15 Ela levanta enquanto ainda é noite
e fornece comida para sua casa
e tarefas para suas donzelas.
16 Ela considera um campo e compra-o;
Com o fruto de suas mãos, ela planta uma vinha.
17 Ela cinge seus lombos com força
e faz seus braços fortes.
18 Ela percebe que sua mercadoria é lucrativa.
Sua lâmpada não sai à noite.
19 Ela colocou as mãos no distaff,
e as mãos seguraram o fuso.
20 Ela abre a mão para os pobres,
e estende as mãos para os necessitados.
21 Ela não tem medo da neve para sua casa,
pois toda a sua casa está vestida de cicatrizes.
22 Ela se constrói;
Sua roupa é linho fino e roxo.
23 Seu marido é conhecido nos portões,
quando ele se senta entre os anciãos da terra.
24 Ela faz roupas de linho e as vende;
ela entrega faixas ao comerciante
25 Força e dignidade são suas roupas,

e ela ri do momento.

[26] Ela abre a boca com sabedoria,

e o ensino da bondade está na língua.

[27] Ela olha bem para os caminhos de sua casa,

e não come o pão da ociosidade.

[28] Seus filhos se levantam e a chamam de abençoada;

seu marido também, e ele a elogia:

[29] "Muitas mulheres fizeram excelente,

mas você supera todos eles ".

[30] O encanto é enganoso, e a beleza é vaidosa,

mas uma mulher que teme o empréstimo deve ser louvada.

[31] Dê-lhe o fruto das mãos,

e deixa-a trabalhar, louvem-na nos portões.

O livro de Provérbios fecha com um poema acróstico em que as letras iniciais de 22 pares seguem a ordem do alfabeto hebraico. Isso explica o comprimento e estrutura algo artificial do poema. Uma série de salmos são compostos pelo uso, em maior ou menor grau, deste princípio (por exemplo, Salmos 9-10 ; 25 ; 37 ; 119 ; ver também Lam. 1-4 ; Nahum 1: 2-10). Os únicos princípios orientadores no arranjo do assunto parecem ter sido o acrostico e o tema geral da esposa capaz. O poema pode ser outro exemplo da técnica modelo que foi usada pelos professores da sabedoria na Instrução (ver 6: 6-11). Neste caso, um modelo muito extenso e diversificado é apresentado.

A tradução do RSV é razoavelmente clara e precisa de pouca elucidação. A boa esposa do v. 10 é melhor traduzida como a "esposa capaz". A expressão traz a idéia de força e valor. Gemser (pág. 108) está certo ao argumentar que nenhuma apresentação pessimista se destina aqui, mas o verso deixa claro que tais esposas são raras (cf. 18:22). Na verdade, é um erro assumir que todas as virtudes nesta seção provavelmente serão incorporadas em qualquer mulher.

Uma das características sobresalientes do paradigma wifely é a assistência prestada ao marido (v. 11-12, 23, 28-29). Ela merece a plena confiança de seu marido, e ela mais do que justifica sua confiança. Ele se junta com seus filhos em elogio dela (vv. 28-29). O excelentemente do v. 29 é a mesma palavra traduzida boa na v. 10(Ver NEB: "Muitas mulheres mostram quão capaz ela é, mas você as supera todas"). Ela aumenta o status de seu marido no portão, que era o centro da atividade comercial, legal e social. Cohen (p.221) sugere que isso é por causa da excelência das roupas que ela faz para ele - ela o faz uma boa cômoda! Mas o significado é mais geral. Ela sustenta e sustenta a reputação de seu marido. Uma das melhores reputações que qualquer homem pode alcançar é tornar-se conhecido como o marido de uma boa esposa.

Outra característica marcante do poema é a atividade comercial de pneus da mulher (v. 14 , 16 , 18 , 24). Ela gosta de trabalhar (v. 13) e, aparentemente, prolonga suas atividades para além daqueles normalmente associados a uma dona de casa. Como os navios do comerciante no v. 14, é provavelmente idiomático para o alcance de seu trabalho além do contexto doméstico imediato (McKane, p. 667). Pode haver, também,

um elemento de aventura previsto. Ela tem a coragem de tentar coisas que seu marido teme enfrentar.

Seu olho é nítido para oportunidades de negócios, especialmente no setor imobiliário (v. 16). Quando ela sabe que sua mercadoria é boa e se vende bem, ela mantém sua luz acesa durante a noite para alcançar a produção máxima (v. 18); embora existam outras interpretações do v. 18b , notavelmente, que a luz queimada durante toda a noite é sinal de vida e prosperidade (Toy, p. 545; Gemser, p.110). Ela sabe como lidar com o comerciante (v. 24 , lit. the Canaanite, um termo para um comerciante) na venda de seus bens.

A esposa capaz é conhecida pela maneira como ela cuida de sua casa (vv. 13 , 19 , 21, 22 , 27, 28). Suas atividades fora do contexto doméstico não impedem que ela cuide das necessidades em casa. Ela fornece a sua família e a si mesma roupas adequadas de qualidade (v. 21-22). Um bom número de comentaristas faz a pequena mudança necessária para ler escarlate como "duplo" (como no NEB, que tem "duas capas"). No entanto, isso não é necessário e duvidoso. O "escarlate" pode ser mantido como um idioma de qualidade (McKane, pág. 668-9). Ela está atenta às necessidades de sua família (v. 27) e enérgico em conhecê-los. Ela supervisiona com cuidado. Ela tem plena confiança em sua capacidade e recursos para enfrentar os desafios do futuro (v. 25). Talvez, esta seja a sua característica mais invejável.

Ela não esquece os *pobres* e necessitados que não são membros de sua casa (v. 20). Ela é generosa em seu cuidado com os infelizes. Os professores da sabedoria enfatizaram repetidamente a responsabilidade daqueles com os meios para fazê-lo para ajudar os necessitados (por exemplo, 19:17 ; 28:27). Na verdade, ela é professora de sabedoria (v. 26), que fala de sabedoria e bondade (melhor "lealdade", a palavra é *chesed*). Vale a pena ouvir quando fala.

Uma nota profundamente religiosa é encontrada na v. 30 . O charme e a beleza são enganosos (no sentido de que eles não revelam a pessoa real) e fugazes (iluminados). O verdadeiro valor de uma mulher é a sua devoção a Deus. Essa mulher, dotada das virtudes expostas no poema, merece o louvor que ela recebe (v. 31). Ela não é escrava de um mestre marido, mas uma pessoa por direito próprio que ocupa um lugar completo e honrado na vida do lar e da comunidade (Gemser, p. 109, que cita o general 2:18). Que o número dela cresça e o louvor que lhe pertence seja ouvido em portões de todo o mundo.

Eclesiastes

Wayne H. Peterson

Introdução

O Eclesiastes não é freqüentemente lido. A negligência deve-se em parte ao seu caráter. Ao contrário dos Salmos ou do Evangelho de João, não é um livro para uso geral, mas sim um livro para uma necessidade especial. Quando essa necessidade está

presente, ela demonstra seu valor. BH Carroll testemunhou que, nos dias de sua infidelidade, Ecclesiastes e Job exerciam um "poder sobrenatural", expressando o vazio de sua vida e apontando-o para Deus. Muitos que estão sob o feitiço do secularismo, do materialismo, do ceticismo e da incredulidade também encontrarão neste livro um poder sobrenatural.

Nome

O nome Eclesiastes vem do título grego do livro na Septuaginta, mas segue a ortografia latina da Vulgata. A palavra grega *ekklēsiastēs* significa um membro ou orador de uma assembléia. Ele traduz o título hebraico *koheleth* , que é um particípio feminino do verbo *kahal* (para montar) e está relacionado ao substantivo *kahal* (assembly). Foi explicado várias vezes como (1) um nome dado ao autor como uma personificação da sabedoria, (2) aquele que coleta ou se reúne, no sentido de que o autor coletou provérbios (ver 12: 9-10) ou (3) quem dirige uma assembléia, ou seja, um orador ou professor. A crítica da sabedoria contida em 1: 16-18 e 7: 23-24 argumenta contra a suposição de que o título é a personificação da sabedoria. Como o verbo nunca significa reunir coisas, Koheleth não pode significar colecionador de provérbios. Embora possa significar um convocador de uma assembléia, o professor de interpretação é mais provável, uma vez que 12: 9 afirma que Koheleth "ensinou o conhecimento das pessoas". Desde Jerônimo, a palavra tem sido freqüentemente "Pregador" (Lutero, KJV, ARV, RSV), mas "Professor" é mais adequado à natureza pedagógica do livro.

O gênero feminino do particípio hebraico *koheleth* concorda com o uso hebraico. Esses nomes devem primeiro ter sido usados para designar um escritório e depois se tornaram nomes pessoais, como nossos nomes Smith e Baker. Dois nomes desse tipo são Hassophereth para "Scribe" (Ezra 2:55) e Pochereth-hazzebaim para "Gazelle Hunter" (Ezra 2:57).

Koheleth - ou Eclesiastes, do grego - certamente não é o nome pessoal do autor. Na maioria das passagens é usado sem um artigo como um nome seria usado (1: 1-2 ; 12: 9-10). Em 1:12 , "I Koheleth foi rei sobre Israel", bem como nas outras passagens que acabamos de mencionar, a palavra é claramente usada como um nome. No entanto, em 7:27 e 12: 8 onde é usado com o artigo definido, ou seja, "o Koheleth" ou "o professor", ele se refere a um escritório. Assim, é um epíteto como professor ou pastor que passa facilmente de título para nome e de volta.

Autoria

O autor de Eclesiastes não dá seu nome a nenhum lado do livro. Ele simplesmente se designa como Koheleth ou Professor. Em 1: 1 ele é chamado de "filho de Davi, rei em Jerusalém". Em 1:12 ele diz: "Eu, o Pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém." Ele ama os provérbios e incluiu muitos em seu livro (12: 9). Ele diz que ele é rico e tem muitas concubinas (2: 8). Estas eram todas as características de Salomão, e com base nesta informação, Solomon tradicionalmente foi considerado o autor.

As primeiras tradições relativas à autoria do Eclesiastes provêm dos rabinos. Eles acreditavam que o livro foi escrito por Salomão. No entanto, eles mostraram uma certa hesitação nessa visão, já que eles fizeram grandes esforços para explicar os problemas

causados pela opinião. A declaração, "Eu, o Pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém" (1:12), implica que ele escreveu na época em que ele não era mais rei. No entanto, tanto os Reis quanto as Crônicas apresentam a Salomão como rei até sua morte. Uma história rabínica explicou isso dizendo que, na sua velhice, Salomão foi forçado a render o seu trono a um anjo que assumiu a sua semelhança e a implorar e a dizer: "Eu, Koheleth, fui rei sobre Israel em Jerusalém".

Outro problema reside nas grandes diferenças nos três livros atribuídos a Salomão. Isso os rabinos resolveram atribuindo os três livros a diferentes períodos da vida do rei. Um comentário rabínico inicial diz que Salomão escreveu a Canção de Salomão sobre o amor enquanto ele era jovem, Provérbios sobre os assuntos práticos da vida na idade média, e o Eclesiastes sobre as vaidades da vida na velhice.

Por várias razões, os estudantes da Bíblia começaram a reavaliar a visão tradicional da autoria do livro. Martin Luther, no século XVI, foi o primeiro a afirmar a autoria não-solomônica. Hugo Grotius, quase um século depois, argumentou que Salomão não poderia ter escrito. Desde 1850, quando os costumes antigos da escrita e o desenvolvimento da língua hebraica passaram a ser melhor compreendidos, a maioria dos estudiosos argumentou que o Eclesiastes foi escrito por alguém que não fosse Salomão.

Há várias declarações no livro que Salomão não poderia ter feito. Salomão era rei até sua morte. No entanto, Koheleth diz: "Eu, o pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém", que em hebraico implica que ele não é mais rei. Ele mostra um temível respeito pela autoridade do rei (8: 2-9 ; 10:20) e um falta de confiança nos líderes da nação do rei em baixo (5: 8 ; 10: 5-7). Ele também se sente impotente diante das injustiças praticadas em sua própria nação (4: 1-3) e a desonestidade em toda a burocracia governamental (5: 8). Se ele tivesse sido rei, certamente teria usado sua autoridade para superar essas práticas.

A descrição de Koheleth em 12: 9-10 o chama de sábio e professor, mas não indica que ele era um governante. Na verdade, a identificação de Koheleth com Solomon é encontrada apenas no título 1: 1 e em 1: 12-2: 12 , e até mesmo a identificação não é feita com consistência completa (1:12 , 16 ; 2: 9) . O livro não é um pseude-pigraph. Se fosse, o autor teria se chamado pelo nome de Salomão. GS Hendry diz:

O autor realmente não afirma ser Salomão, mas coloca suas palavras na boca de Salomão. Podemos comparar a prática de atribuir obras escritas a personagens históricas famosas, que era um dispositivo literário familiar na antiguidade. Pretendia-se indicar o tipo ou gênero da literatura a que pertencia uma obra. Não tinha a intenção de enganar ninguém, e nenhum de seus leitores originais, na verdade, teria sido enganado.

Assim, a identificação solomônica é puramente uma aparência literária assumida nos capítulos 1 e 2 com o objetivo de mostrar as limitações da sabedoria e do prazer como objetivos de vida. Pode-se concluir que o livro foi escrito por um inspirado professor de sabedoria judaica que viveu muito mais tarde do que Salomão (ver Data).

Enquanto os estudiosos não estão totalmente de acordo quanto à unidade do Eclesiastes, qualquer falta a este respeito parece surgir do uso de provas de Koheleth contendo pontos de vista contra os quais ele deseja argumentar (ver comentário 4: 5-6) e à

tentativa natureza de algumas conclusões que ele alcança (3:21 ; 6: 3 , cf. 9: 4), enquanto procurava significado na vida.

Tudo o que se sabe sobre o autor é o que se afirma em 12: 9-10 e o que pode ser inferido de alusões no livro.

Ele é identificado como professor de sabedoria (12: 9-10). Seu conhecimento do Antigo Testamento é mostrado por referências à *Torá* (Gn 3:19 em Eccl. 12: 7 ; Deut. 23: 21-23 em Eccl. 5: 4-6) e prováveis alusões aos livros de Samuel , Reis e Provérbios. Ele pode ter morado em Jerusalém (5: 1 ; 8:10) quando escreveu este livro. A influência aramaica e fenícia sobre o hebraico sugere, no entanto, que ele era originalmente do norte da Palestina. Como a maioria dos homens sábios, ele provavelmente era da classe alta e um homem de meios. Ele foi evidentemente cultuado, educado e amplamente percorrido (1:14 ; 4: 1 ;12: 9). Ele pode ter se casado (9: 9), mas aparentemente não teve filhos para herdar sua propriedade (2: 18-21). Ele fala como se seus anos produtivos estejam atrás dele, e então ele deve ser um homem idoso (11: 9-12: 8).

Ele era certamente um homem sensível com uma fé profunda mas reservada. Ele ficou chocado com a injustiça (4: 1-2 ; 5:17 ; 7:15 ; 10: 6-7) e procurou aprender o que era valioso na vida (1: 3) e saber o que Deus fez (3: 11) e o que o futuro detém (7:14). Como ele não conseguiu entender os planos de Deus ou conhecer o futuro ou mudar a vida para se adequar ao seu ideal, ele tem uma nota de cinismo e pessimismo em tudo o que ele escreve; mas ele percebe que Deus conhece essas coisas mesmo que não o faça e, conseqüentemente, ele tenta se contentar com as limitações da vida.

Encontro

O livro de Ecclesiastes não contém nenhuma indicação explícita da data de sua origem. Felizmente, seu idioma e conteúdo de pensamento dão indícios inconfundíveis do período geral em que foi escrito.

A linguagem do Eclesiastes mostra inequivocamente uma data tardia. A presença de duas palavras persas exige uma data após o surgimento do império persa no século VI. A influência lingüística grega é possível, mas é difícil de provar com certeza (Rankin, pp. 12-13).

O hebraico do Eclesiastes é de um tempo muito posterior a Salomão. Franz Delitzsch (p. 190) diz: "Se o livro de Koheleth fosse de origem solomônica antiga, então não há história da língua hebraica". A linguagem é diferente da de outros livros do Antigo Testamento. Uma das razões para isso é a forte influência fenícia sobre o hebraico. Essa influência aponta para uma data entre séculos sétimo e terceiro séculos BC . Durante muito tempo, as características arameas marcadas também foram reconhecidas, indicando uma data pós-xilic. Scott (p. 192) chama o hebraico dos eclesiastes "um dialeto desenvolvido em certos círculos. . . pouco antes da era cristã ". Assim, a linguagem do Eclesiastes indica que foi escrito no período pós-exilado tardio.

Outra indicação da data é a posição que o livro mantém no desenvolvimento do pensamento do Antigo Testamento. A revelação de Deus em ambos os Testamentos mostra uma progressão de uma forma elementar para uma avançada.

Como se pode observar no livro dos Provérbios e na maioria dos salmos da sabedoria, o movimento da sabedoria em Israel colocou grande ênfase na competência da sabedoria e no sucesso incondicional dos justos (ver Salmos 1 , 37 , 112). No pós-exílio, um ceticismo se desenvolveu em direção a ambos os ensinamentos do movimento da sabedoria. O ecclesiastes mostra esse ceticismo. Além disso, pressupõe um momento na vida judaica quando o monoteísmo já não estava seriamente ameaçado. Assim, o conteúdo de pensamento do Eclesiastes também indica uma origem no final do período postexilico.

Por outro lado, o Eclesiastes foi escrito antes da sabedoria de Jesus ben Sirach (190 AC) e da Sabedoria de Salomão (100 AC). O primeiro mostra uma influência abundante do Eclesiastes. O último cita o livro para argumentar contra seus ensinamentos (Barton, pp. 53-58). Uma evidência adicional para o *terminal ad quern* vem de fragmentos de um manuscrito do Eclesiastes encontrado na caverna 4 em Qumran, que James Muilenburg data de cerca de 150 AC . Assim, o livro teve que ser escrito suficientemente cedo para alcançar a circulação geral em cerca de 200 BC .

A evidência citada acima indica uma data no período tardio do período persa ou grega do início da história judaica, isto é, no terceiro **ou** quarto século AC .

Canonicidade

Todas as evidências indicam que o Eclesiastes estava entre os últimos livros a serem aceitos no cânone. Na Bíblia hebraica e na lista talmúdica dos livros do Antigo Testamento ocorre na terceira divisão chamada "Escritos" ou "Hagiographa". A primeira evidência de que esta terceira divisão foi reconhecida como Escritura é o prólogo da Sabedoria de Jesus ben Sirach (Ecclesiasticus) cerca de 117 AC . Mas como o escritor deste prólogo não enumerou os livros nesta divisão, não é certo que o Eclesiastes foi incluído. Cerca de 100 AC, o escritor da Sabedoria de Salomão tentou refutar declarações contidas no Eclesiastes, indicando que, pelo menos, não aceitou a sua canonicidade (Sb. Sol. 2: 1-9). Pode ter sido uma parte do cânone da comunidade de Qumran em 150 AC , mas isso não é certo. A primeira evidência clara da inclusão de Eclesiastes no cânon (Barton, p. 6) vem das discussões rabínicas em Jâmnia (ca. AD 90), 2 Esdras (ca AD 100) e Josefo (ca. AD100).A convicção de que o Eclesiastes era propriamente uma parte do cânone deve, é claro, ter existido há alguns anos antes de ser reconhecido oficialmente. Por algum tempo, os rabinos da escola de Shammai argumentaram contra a aceitação do Eclesiastes, mas a escola de Hillel, que favoreceu sua inclusão, prevaleceu. O Novo Testamento não se refere claramente ao livro, mas foi aceito pelos cristãos pelo menos tão cedo quanto no segundo século.

Conteúdo

Koheleth luta com a questão: como a vida pode ser vivida melhor? Ele descobre a resposta apenas depois de ter andado com esperança em muitas ruas cegas da experiência humana apenas para descobrir que cada uma termina em uma parede de frustração em branco, na qual está escrito: "Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. "Essa inscrição se torna o tema constantemente recorrente de sua desanimadora busca. Pouco a pouco, ele encontra pistas que apontam para uma passagem pela vida, mas mesmo quando ele segue essa passagem, o cumprimento é temperado com vaidade.

Seu ensaio começa com o tema da vaidade da vida (1: 2). Ele ilustra essa vaidade primeiro pelas intermináveis repetições da sociedade e da natureza (1: 3-11).

Koheleth então assume a aparência do sábio Salomão (1:12). Com sua sabedoria, ele examina todas as atividades do homem apenas para descobrir que tudo não tem sentido (1: 13-15). Até a sabedoria falha como objetivo de vida, pois traz vexação (1: 16-18). Em seguida, ele se volta para a loucura oposta do sabedoria. Ele tenta prazer, edifícios e jardins, escravos, riqueza abundante, cantores e sensualidade. Isso também é sem lucro duradouro (2: 1-11). Deixando cair a aparência solomônica, ele observa que a morte arruína tudo (2: 12-23). Por causa dos limites da vida, o melhor modo de viver é o simples gozo de comida, bebida e trabalho, pois Deus dá a um homem a capacidade de aproveitar estes (2: 24-26).

Deus é soberano nos assuntos do homem. Toda atividade humana tem seu tempo que é consertado por Deus. Mas o homem não conhece esses tempos. O homem deve aceitar essas limitações e aprender a curtir as atividades simples da vida como presente de Deus para o homem (3: 1-15).

Koheleth agora se volta para observar a sociedade. A injustiça do homem e seu destino na morte mostram que ele realmente não é melhor do que um animal (3: 16-22). A opressão é tão ruim que é melhor morrer do que viver e melhor ainda não nascer (4: 1-3). O trabalho do homem e o desenvolvimento da habilidade vêm da inveja e da ganância (4: 4-8) e, portanto, são inúteis. Melhor do que a ganância é o trabalho de duas pessoas ajudando-se (4: 9-12). Melhor também é pobreza com sabedoria (4: 13-16).

Em uma passagem entre parentes, Koheleth aconselha reverência e sinceridade na adoração (5: 1-7). Ele então retorna às frustrações da vida. A corrupção na vida política é devida a funcionários corruptos em todos os níveis (5: 8-9). A riqueza também é decepcionante; o amor do dinheiro não traz satisfação (5: 10-17). Por outro lado, a riqueza considerada como um presente de Deus e a aceitação da parte da vida traz alegria (5: 18-20). Mas se um homem tem riqueza sem a capacidade de aproveitar a vida, ele também não pode ter vivido (6: 1-6). É melhor aprender a ficar satisfeito com o que tem que lutar após um sonho inacessível (6: 7-9), uma vez que todas as coisas são determinadas por Deus e o homem não sabe o que é melhor para si mesmo (6: 10-12).

A vida deve ser temperada pela consciência de suas limitações. Para o homem, não há um bem absoluto. Ele deve simplesmente escolher o melhor caminho para ele. Koheleth insere uma série de provérbios ilustrando esta maneira melhor (7: 1-14). Como a vida está tão circunscrita, Koheleth aconselha moderação, sabedoria e uma atitude de perdão (7: 15-22). Mas ele admite que, no sentido final, a sabedoria é inatingível. Poucos homens e nenhuma mulher o têm (7: 23-29).

O sábio funcionário governamental realizará os comandos reais, mesmo que não sejam razoáveis. Ele usará sua sabedoria para descobrir o melhor momento e maneira de executá-los (8: 1-9). Koheleth sabe que Deus julgará; No entanto, em tempos de um governo tão opressivo, as pessoas boas muitas vezes sofrem desgraça, enquanto os ímpios prosperam (8: 10-17).

Koheleth volta ao tema da desamparo do homem. Os bons e os maus sofrem o mesmo destino-morte (9: 1-6). Em vista dessa limitação, deve-se aproveitar ao máximo a vida (9: 7-10). O sucesso não é assegurado pela força, sabedoria, inteligência ou habilidade (9: 11-12). Mesmo quando um pobre homem sábio entregou uma cidade, ele logo foi esquecido (9: 13-16). No entanto, a sabedoria tem suas vantagens (9: 17-18). Koheleth, então, insere uma série de frases ligeiramente conectadas sobre homens sábios, tolos e os riscos da vida (10: 1-11: 6).

Na sua exortação final, Koheleth aconselha os jovens a se alegrarem na juventude, a viverem vidas alegres, serenas e piedosas agora. Porque a luz da juventude logo será atenuada pelo crepúsculo da velhice e a escuridão da morte (11: 7-12: 8).

O livro termina com um epílogo de louvor para Koheleth e sabedoria em geral (12: 9-12), juntamente com uma exortação final para uma vida piedosa (12: 13-14).

Pensamento

O livro do Eclesiastes é um produto do movimento da sabedoria em Israel. Por ordem de desenvolvimento, gosta de que Jó se levante dos Provérbios, na medida em que é cético o valor da sabedoria e do ensino que os justos sempre prosperam.

Koheleth encontra a vida intrigante no extremo. As anomalias da vida o desconcertam. Os perversos experimentam o que os justos merecem e os justos sofrem o destino dos ímpios (7:15 ; 8:12 , 14). A capacidade superior não assegura sucesso (9:11). Os príncipes vivem como escravos e escravos como príncipes (10: 6). Além disso, apesar do julgamento de Deus, abundam a injustiça e a opressão (3:16 ; 4: 1 ; 5: 8). As pessoas que parecem ter tudo o que precisam para ser felizes não estão satisfeitas (5: 10-12 ; 6: 1-9). Mesmo a sabedoria não faz o que os sábios prometeram (1:18 ;8: 16-17) e a verdadeira sabedoria parece impossível de obter (7: 23-24).

A vida tem uma ordem, estabelecida por Deus, mas o homem não pode conhecê-la (3: 1-15 ; 6: 10-12). A morte é o inimigo final; Nega todas as realizações da sabedoria (2: 12-23 ; 9: 2-3). Por causa dessas anomalias, Koheleth encontra toda a vida sem sentido.

Ao contrário de muitos que enfrentam as anomalias da vida, Koheleth nunca perde sua fé em Deus. Para ele, Deus é o criador transcendente, todo poderoso (7:13 , 29 ; 11: 5). Ele julga os justos e os ímpios (3: 17-18 ; 5: 6 ; 11: 9). O homem pode ter comunhão com ele, embora seja uma comunhão distante (5: 1-7).

O verdadeiro problema para Koheleth é que quando ele vê "tudo o que é feito sob o sol", ele não pode aceitar a visão tradicional da vida e de Deus. Por causa das anomalias da vida, é vaidade. A comunhão que ele tem com Deus é limitada. Deus não é tanto Senhor como ele é o Soberano (7:13 ; 9: 1), ou mesmo uma providência distante (1:13 ; 3: 10-11 , 14 ; 7:14). Ele determinou o meio ambiente e o destino do homem para que sejam imutáveis (3:14 ; 7:13). Ele engloba a vida do homem (9: 1), e ainda assim ele é incognoscível, assim como o destino do homem que ele determinou (3:11 ; 8:17); 9:12). Portanto, o homem deve submeter e aceitar o que vem em sua vida (11: 6 , 8).

Koheleth usa a sabedoria em sua busca de valor na vida (1:13 ; 2: 3 ; 8:16). Sabedoria, ele admite, é bom. É o dom de Deus (2:26). Ele ajuda um homem em sua vida diária (2:14 ; 7: 11-12 , 19), ao realizar tarefas difíceis (8: 5), mas não assegura o pão de cada dia (9:11). Ele falha como um objetivo de vida (1: 16-18), e é impotente para entender Deus (8: 16-17).

Nos homens eclesiastes são vistos como indivíduos, e não como uma nação. Alguns são sábios, outros tolos. Mas todos estão envolvidos na tarefa comum de viver. Koheleth está triste porque vê tão pouca felicidade e sucesso entre os homens. Os seus melhores esforços são frustrados pelas anomalias da vida. Eles não têm esperança além da morte (3: 19-21 ; 9: 4-6 , 10). Diante dessa situação melancólica, Koheleth pergunta: como um homem deve viver para ser feliz e encontrar um valor duradouro? Incapaz de interpretar a vida em termos de libertação e liderança de Deus de Israel, ou de uma vida futura, ele chega a uma solução mundana de encontrar gozo em comida, bebida, trabalho, comportamento alegre, companheirismo com a esposa e reverência por Deus .

O Valor Permanente do Eclesiastes

Nossa idade é muitas vezes descrita como uma secularismo, mudança e desespero. O secularismo tem, para muitos, minado as certezas que foram fundamentadas na religião. As formas antigas de pensar e viver estão sendo rejeitadas e novas tentativas. Quando os valores estão em dúvida, as decisões são difíceis de fazer e a incerteza resultante leva ao desespero. Nesse momento, os homens são forçados a fazer as questões fundamentais da vida: por que estou aqui? Qual o significado da vida? Qual é a melhor maneira de viver? O homem do modem vê-se pensando junto com o escritor do Eclesiastes, e dele pode aprender algumas lições. Ele pode aprender isso:

1. A vida deve ser avaliada realisticamente. Koheleth partiu para ver "tudo o que é feito sob o céu". Ele encontrou muita frustração, hipocrisia, injustiça e opressão. No entanto, ele não procurou proteger-se das duras realidades de seu tempo, mostrando as trivialidades de uma fé simplista. Em vez de pintar tudo com cores otimistas, ele reconheceu as desigualdades da vida e formou uma visão de mundo que era adequada para confrontar as vaidades e os valores da vida como ele sabia.

2. O imutável deve ser aceito. Quando Koheleth viu a vaidade da vida, "odiava a vida" (2:17). No entanto, ele não desistiu de desespero. Como o melhor caminho foi fechado para ele, ele seguiu o caminho melhor (2:24 ; 6: 9 ; 9: 16-18). Ele aprendeu a aproveitar a oportunidade para se alegrar sempre que se apresentou (7:14), para tomar o meio caminho (7: 16-17 , 21), e submeter-se à autoridade, mesmo quando a submissão foi difícil (8: 2-9) .

3. O secularismo é insatisfatório. Koheleth diz que, às vezes, fez algumas pesquisas seculares seu objetivo na vida - sabedoria e conhecimento (1: 16-18), prazer, grandeza material e bens (2: 1-11). Tudo isso ele declara ser vaidade. Por outro lado, ele afirma que a sabedoria, o gozo e a riqueza têm certas vantagens (2:24 ; 7:11 , 14) e, portanto, têm um lugar na vida não como seu objetivo, mas como recursos para viver.

Ele viu que os esforços humanos na autonomia são inúteis, o conhecimento do homem é inadequado (11: 5-6), sua vida curta (6:12) e imprevisível (7:15), e sua liberdade

limitada (9: 3). Ele também reconheceu que Deus é o último governante e admoestou seus leitores a venerar a Deus (12: 1).

4. Há uma necessidade aguda de Cristo e a revelação do Novo Testamento. O Eclesiastes, mais do que qualquer outro livro, demonstra a natureza provisória e inadequada da revelação do Antigo Testamento. Se o escritor, por alguma visão profética, pudesse ter conhecido a plenitude da revelação em Cristo, seu constante grito de vaidade teria sido substituído por gritos de alegria.

Koheleth mostra a necessidade de uma clara convicção da vida após a morte, a recompensa dos justos e a redenção individual. Os cristãos têm a certeza das coisas sobre as quais Koheleth teve dúvidas graves.

Esboço

I. Introdução (1: 1-11)
   1. Título (1: 1)
   2. Tema: Vaidade da vida (1: 2)
   3. Prólogo: ciclo monótono da vida (1: 3-11)

II. Duas experiências (1: 12-2: 26)
   1. Procure satisfação (1: 12-15)
   2. Falha da sabedoria (1: 16-18)
   3. Falha de prazer e posses (2: 1-11)
   4. A morte, o destruidor da satisfação (2: 12-23)
   5. Solução: Prazer da vida simples (2: 24-26)

III. Limitações da vida (3: 1-11: 6)
   1. A soberania de Deus (3: 1-15)
   2. A injustiça do homem (3: 16-4: 3)
   3. Futilidade de esforço (4: 4-16)
   4. Sinceridade na adoração (5: 1-7)
   5. Futilidade da riqueza (5: 8-6: 12)
   6. Reflexões sobre a sabedoria (7: 1-22)
   7. Limites da sabedoria (7: 23-29)
   8. Necessidade de submissão (8: 1-9)
   9. Sucesso dos ímpios (8: 10-15)
   10. A impotência do homem (8: 16-9: 6)
   11. Solução: Prazer da vida terrena (9: 7-10)
   12. Limitações e vantagens da sabedoria (9: 11-18)

13. Uma coleção de provérbios (10: 1-11: 6)

IV. Conclusão (11: 7-12: 14)

1. Vida serena e piedosa (11: 7-12: 8)

2. Epílogo (12: 9-14)

Bibliografia

ALLEMAN, HERBERT C. "Eclesiastes", *Comentário do Antigo Testamento.* Filadélfia: The Muhlenberg Press, 1954. Pp. 626-35.

BARTON, GEORGE AARON. *O Livro dos Eclesiastes.* ("Comentário Crítico Internacional"). Edimburgo: T. & T. Clark, 1959.

DELITZSCH, FRANZ. *Comentário sobre a Canção de Canções e Eclesiastes,* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, nd

GORDIS, ROBERT. *Koheleth - O homem e o mundo dele.* 2ª ed. Nova York: Block Publishing Company, 1962.

HENDRY, GS "Ecclesiastes", *The New Bible Commentary.* 2ª ed. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1967. Pp. 538-16. HERTZBERG, HANS WILHELM. "Der Prediger", *Kommentar zum Alten Testament.* XVII, pt. 4. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1963.

JONES, EDGAR. *Provérbios e Eclesiastes.* ("Torch Bible Commentaries"). Londres: SCM Press, 1961.

PODECHARD, E .: *L'Ecclésiaste.* ("Etudes Biblique"). Paris: Librairie Victor Lecoffre, 1912.

RANKIN, OS "O Livro dos Eclesiastes", *A Bíblia dos Intérpretes.* V. Ed. GEORGE ARTHUR BUTTRICK. Nashville: Abingdon Press, 1956.

RYDER, ET "Eclesiastes", *o comentário de Peake sobre a Bíblia.* Londres: Nelson, 1962. Pp. 458-467.

RYLAARSDAM, JC *Provérbios, Eclesiastes, Canção de Salomão.* ("The Layman's Bible Commentary"). Londres: SCM Press, 1964.

SCOTT, R. BY *Proverbs, Ecclesiastes.* ("The Anchor Bible".) Garden City: Doubleday and Co., Inc., 1965.

WILLIAMS, A. LUKYN. *Eclesiastes.* ("Cambridge Bible for Schools and Colleges"). Cambridge: University Press, 1922.

Comentário sobre o texto

I. Introdução (1: 1-11)

1. Título (1: 1)

1 As palavras do Pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém.

O Pregador é uma tradução da palavra hebraica *koheleth* , usada aqui sem o artigo, como um nome próprio. Uma tradução melhor é "Professor". (Sobre o significado de Koheleth e sua identificação com Salomão, veja "Nome" e "Autoria" no Int.)

2. Tema: Vaidade da vida (1: 2)

2 Vaidade das vaidades, diz o Pregador,
vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.

O tema do Eclesiastes está no início (1: 2) e termina (12: 8) dos argumentos de Koheleth. Este versículo é como uma abertura que indica o motivo e os temas constantemente recorrentes de uma ópera. O tema principal do Eclesiastes é a futilidade da vida. O subtítulo é como se deve viver em vista dessa futilidade da vida.

A vaidade traduz uma palavra hebraica que significa respiração ou vapor e, em sentido figurativo, (1) futilidade, falta de sentido, vazio, qualidade de não valer a pena, e (2) transitoriedade. Em Eclesiastes, a palavra tem ambos os significados. A vida é inútil e breve. Não tem significado duradouro. A palavra vaidade ocorre no livro com frases que têm um significado semelhante, como "negócios infelizes", "esforçar-se contra o vento", "o que é isso?" "Nada a ganhar", "desespero", "grande mal, "Dor" e "vexação". Por outro lado, os benefícios que Koheleth procura na vida são: o ganho permanente de seu trabalho, o poder de mudar a vida, a lembrança permanente, a alegria, a liberdade da dor, a continuação do agradável vida de juventude e compreensão de Deus e do futuro.

A vaidade das vaidades duas vezes repetidas é um superlativo em hebraico, como santos dos santos ou rei dos reis. Assim, significa maior vaidade ou vaidade total. Provavelmente se destina como uma exclamação, um protesto de profundo desespero - Oh, vaidade total, tudo é vaidade! Todo não se refere ao universo, mas é limitado pelo sujeito do livro, isto é, a vida "sob o sol", as atividades dos "filhos dos homens". Afirma que a totalidade da empresa humana é uma vaidade total.

3. Prólogo: Ciclo monótono da vida (1: 3-11)

3 O que o homem ganha por todo o trabalho
em que ele trabalha sob o sol?
4 Uma geração vai, e uma geração vem,
mas a terra permanece para sempre.
5 O sol nasce e o sol se põe,
e se apressa para o lugar onde ele sobe.
6 O vento sopra para o sul,
e volta para o norte;
redondo e redondo vai o vento,
e em seus circuitos o vento retorna.
7 Todas as correntes correm para o mar,
mas o mar não está cheio;
para o lugar onde os fluxos fluem,
Lá eles fluem novamente.

8 Todas as coisas estão cheias de cansaço;
um homem não pode pronunciá-lo;
o olho não está satisfeito com a visão,
nem a orelha cheia de audição.
9 O que foi o que será,
e o que foi feito é o que será feito;
e não há nada novo sob o sol,
10 Há algo de que se diz,
"Veja, isso é novo"?
Já foi,
nas eras anteriores a nós.
11 Não há lembrança de coisas anteriores,
nem haverá lembrança
de coisas posteriores ainda a acontecer
entre aqueles que vêm depois.

Tudo é vaidade porque o homem não tem ganho para todo o seu trabalho (v. 3). O mesmo vale para os intermináveis processos da natureza (v. 5-7) e a repetição das gerações humanas (v. 4 , 8-11). Estes são todos sem progresso ou lucro e por isso são inúteis.

O que o homem ganha por todo o trabalho? A questão implica uma resposta negativa. Para Koheleth, a vida é vã porque requer trabalho doloroso, mas não gera lucro. Gain traduz uma palavra usada para expressar o lucro decorrente de um negócio. O lucro é um conceito cardeal para Koheleth. Por isso, ele não significa simplesmente riqueza material, embora seja incluído (5: 10-16). Significa o gozo da vida e do trabalho (3: 12-13), o conhecimento ou mesmo o controle sobre o futuro, na medida em que afeta seu próprio destino (6:12 ; 8: 7-8), e o benefício duradouro do seu trabalho (2: 18-23). Toil refere-se às atividades comuns pelas quais se sustenta a vida e tenta obter um excedente para o futuro conforto e satisfação. Pode-se encontrar prazer no seu trabalho, e pode sustentar a vida, mas não oferece satisfação permanente (2:11 ; 5: 14-15 ; 6: 7). A frase sob o sol é o equivalente a "sob o céu" (1:13 ; 2: 3) "na terra" (8:14 , 16), e "aqueles que vêem o sol" (7:11). Todos estes indicam a esfera de visão de Koheleth - a vida do homem na terra.

Em vv. 4-11, ele sublinha sua afirmação na v. 3 . A geração segue a geração, mas a terra permanece constante. O sol continua e se põe. O vento sopra dessa maneira e aquilo. As correntes fluem incessantemente para o mar, mas nunca está cheio. A natureza comunica esse movimento cansado ao homem que, em sua conversa sem fim, vendo e ouvindo partes dessa atividade não lucrativa. O que parece ser novo existe há muito tempo. Não só esse movimento constante não faz nada, mas - e aqui estão os esforços nobres do último golpe, não serão lembrados. O versículo 11 deve ser traduzido: "As gerações passadas foram esquecidas, e as futuras gerações serão esquecidas por aqueles que as seguem".

Uma vez que a vida é apenas trabalho e nenhum ganho, é tudo vaidade.

II. Duas Experiências (1: 12-2: 26)

1. Procure Satisfação (1: 12-15)

12 Eu, o Pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém. 13 E apliquei minha mente para buscar e procurar pela sabedoria tudo o que é feito sob o céu; É um negócio infeliz que Deus deu aos filhos dos homens para se ocuparem. 14 Vi tudo o que se faz sob o sol; e eis que tudo é vaidade e um esforço para o vento.

15 O que é torto não pode ser feito em linha reta, e o que falta não pode ser numerado.

Em 1: 12-2: 12, Koheleth assume a identidade de Salomão (ver "Autoria" em Int.) Com a finalidade de apresentar dois experimentos que comprovem seu tema de que tudo é vaidade. Salomão era conhecida pela sabedoria, riqueza, construção e mulheres. Ele teve uma abundante oportunidade de descobrir se esses luxos realmente traziam prazer e satisfação duradouros.

A declaração "Eu era rei" é difícil de explicar, uma vez que Salomão era rei até morrer, e a afirmação implica que ele está falando em um momento em que ele deixou de reinar. Delitzsch (p. 226) sugere que o autor pensa em Salomão como ressuscitado e refletindo em sua vida passada como rei.

Em vv. 13-15 Koheleth conta como, em geral, ele sabe que tudo é vaidade. Ele investigou e procurou todas as atividades humanas e encontrou-os para produzir resultados decepcionantes. Estes versículos apresentam os dois experimentos narrados em 1: 16-18 e 2: 1-11 . Em um sentido geral, eles também apresentam toda a discussão, uma vez que as conclusões estabelecidas nos capítulos posteriores são os resultados de sua pesquisa. O objetivo de sua busca é tudo o que é feito sob o céu. Por isso, ele significa todas as ações pelas quais as pessoas tentam produzir lucros, isto é, tornam a vida produtiva e satisfatória (veja o comentário em 1: 3).

Koheleth usa a sabedoria como uma ferramenta para pesquisar e avaliar as obras dos homens. Embora ele rejeite a sabedoria como um objetivo de vida (1: 16-18) e como um meio de conhecer o propósito de Deus ao governar o mundo (3: 10-11 ; 8: 16-17), ele afirma o valor da sabedoria como um guia nos assuntos diários (7:19 , 23 ; 8: 5 ; 10:12).

O resultado de uma investigação cuidadosa é a conclusão de que a vida é um negócio infeliz. A vaidade e o vento que se esforça para o vento (v. 14) expressam o trabalho ou o negócio do homem como um esforço constante que não produz nada duradouro. É a busca de um fantasma e, portanto, de uma vaidade.

Como um homem sábio Koheleth conhecia muitos provérbios e os usava para esclarecer seu ponto de vista. O versículo 15 é um exemplo. Neste contexto, o que é torto e o que falta caracteriza o negócio infeliz que Deus deu ao homem. O homem não pode fazer nada para mudar as circunstâncias desagradáveis em que ele tem que viver sua vida.

2. Falha da Sabedoria (1: 16-18)

16 Eu disse a mim mesmo: "Eu tenho adquirido grande sabedoria, superando todos os que estavam sobre Jerusalém antes de mim; e minha mente teve uma grande experiência de sabedoria e conhecimento " .17 E apliquei minha mente para conhecer a sabedoria e conhecer a loucura e a loucura. Percebi que isso também não é mais um esforço para o vento.

18 Pois, em muita sabedoria, é muito vexatório, e aquele que aumenta o conhecimento aumenta a tristeza.

O primeiro experimento foi com sabedoria. Assumindo o caráter de Salomão, Koheleth fala de alcançar grande sabedoria e conhecimento. Ele achou inútil, apenas um esforço para o vento. Superando todos os que estavam sobre Jerusalém antes de mim, trai o fato de que o uso do nome de Salomão é apenas uma aparência literária, já que havia apenas um rei israelita que reinou em Jerusalém antes de Salomão. Alguns comentaristas entendem esta declaração para significar os reis jebuseus que governaram Jerusalém. Mas eles não eram conhecidos entre os israelitas como sabedoria, e não é provável que eles fossem classificados em um grupo com David.

O versículo 17 é melhor traduzido: "Eu apliquei minha mente para conhecer a sabedoria e o conhecimento, a loucura e a loucura". O texto em hebraico apoia esta tradução tão bem como a da RSV, e concorda melhor com o uso do conhecimento como substantivo em vv. 16 e 18. A razão para conhecer a loucura e a loucura é conhecer melhor a sabedoria e o conhecimento conhecendo seus opostos.

Mesmo a sabedoria e o conhecimento provaram ser um esforço para o vento. O provador que Koheleth cita no v. 18 diz o porquê. Sabedoria e conhecimento aumentam a consciência de uma pessoa sobre as desigualdades da vida sem dar-lhe a capacidade de remediar. Esta incapacidade de satisfazer desejos causa frustração.

Em v. 13 e em outros lugares Koheleth fala da sabedoria como útil. Nestes versículos ele fala disso como uma responsabilidade. Lá está falando da sabedoria como um auxílio para a vida. Aqui ele está pensando na sabedoria como objetivo da própria vida.

3. Falha de Prazer e Possessões (2: 1-11)

1 Eu disse a mim mesmo: "Venha agora, vou fazer um teste de prazer; Divirta-se. "Mas eis que isso também foi vaidade. 2 Eu falei de riso, "é louco" e de prazer ". Que uso é?" 3 Eu procurei com a mente como me animar com o vinho - minha mente ainda me guia com sabedoria - e como se apegar na folia, até que eu possa ver o que era bom para os filhos dos homens fazerem sob o céu durante os poucos dias de sua vida. 4 Eu fiz grandes obras; eu construí casas e plantou vinhas para mim, 5 eu fiz jardins e parques, e plantou neles todos os tipos de árvores frutíferas. 6 Eu me criei piscinas para irrigar a floresta de árvores em crescimento 7 . Eu comprei homens e mulheres escravas, e tinha escravos que nasceram na minha casa; Eu também tinha grandes posses de rebanhos e rebanhos, mais do que todos os que estavam antes de mim em Jerusalém. 8 Também reuni para mim prata e ouro e o tesouro de reis e

províncias; Obtive cantores, homens e mulheres, e muitas concubinas, o prazer do homem.

[9] Então fiquei grande e ultrapassou todos os que estavam diante de mim em Jerusalém; Também minha sabedoria permaneceu comigo. [10] E o que quer que meus olhos desejassem, eu não os guardava; Mantive meu coração sem prazer, pois meu coração achou prazer em todo meu trabalho, e essa foi minha recompensa por todo meu trabalho. [11] Então eu considerei tudo o que minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu gastei ao fazê-lo, e eis que tudo era vaidade e esforço para o vento, e não havia nada a ganhar sob o sol.

O experimento com sabedoria como um fim em si provou a inadequação da sabedoria (1; 16-18). Agora Koheleth se volta para os prazeres sensíveis. Mais uma vez, ele usa o rei Salomão como um exemplo, já que ele teve a oportunidade de perseguir o prazer até certo ponto que cambaleava a imaginação do homem antigo.

Koheleth primeiro resume o segundo experimento e seus resultados (vv. 1-2). Ele se entregou a prazeres desenfreados. O experimento emitiu na conclusão de que o riso é uma loucura e o prazer não faz nada.

Em vv. 3-10 Koheleth descreve detalhadamente seu segundo experimento. Ele procurou sua mente guiada pela sabedoria. Ele não se entregou apenas à devastação. Em vez disso, ele prosseguiu um plano proposital para descobrir uma vida significativa. Sua sabedoria o guiava. Ele procurou saber o que era bom para os filhos dos homens fazerem sob o céu durante os poucos dias de sua vida. Os filhos dos homens e debaixo do céu (como "sob o sol" em 1: 3 *e passim*) indicam que Koheleth estava procurando uma solução para todos os homens em todos os lugares. O bem é equivalente a "lucro" em 1: 3 . Por alguns dias ele lembra novamente ao leitor que a vida é uma decepção.

Neste segundo experimento, ele tentou encontrar lucro em vinho, mulheres, canções e bens. O que ele se refere como loucura, o oposto da sabedoria que experimentou no experimento anterior (cf. 2: 12-13 ; 7:25 ; 10: 1 , 13).

Além da estimulação do vinho, ele tentou a excitação da construção. Entre suas ótimas obras foram casas, vinhas, jardins, parques e piscinas. Os parques, que continham todo tipo de árvores frutíferas, podem ser pensados como pomares, contendo frutas como azeitonas, figos, damascos, tâmaras e romãs. As piscinas seriam cisternas feitas para segurar a água da chuva durante todo o verão seco ou reservatórios construídos para receber a água de molas naturais. Uma vez que na Palestina não há chuvas de maio a outubro, esses reservatórios seriam necessários para a irrigação dos jardins e parques.

Além de seus escravos nascidos na casa, ele adquiriu outros escravos do sexo masculino e feminino. Os escravos seriam necessários para seus projetos de construção, para a plantação e manutenção de seus jardins e parques, e para o cuidado de seus grandes rebanhos e rebanhos. Ele também possuía grandes riquezas pecuniárias e pessoas para entretenimento e prazer sensual.

Esses prazeres ele perseguiu seus limites (vv 9-10). Ele provou a glória da grandeza e as alegrias dos prazeres desenfreados. Ele recebeu prazer dessas atividades, mas isso foi tudo o que ele recebeu. O bom que encontrou foi apenas um bem relativo. Quando ele considerou cuidadosamente esse bem relativo à luz do lucro que desejava, era inadequado. Ele só podia concluir que tudo era vaidade, um esforço para o vento **e** nada a ganhar.

Observe o egocentrismo do modo de vida de Koheleth nesta experiência. Suas operações de construção, escravos, cantores, concubinas e riqueza eram para seu prazer pessoal. O Novo Testamento também rejeita essa maneira de viver com base em que não dá nenhum lucro duradouro para esta vida e nenhum para o próximo (Lucas 12: 13-21). Tal prática contradiz os ensinamentos do amor para o próximo básico aos dois Testamentos (Levítico 19:18 ; Mateus 22:39 ; 1 Coríntios 10:24).

4. Morte, o Destruidor de Satisfação (2: 12-23)

12 Então me virei para considerar a sabedoria, a loucura e a loucura; Para o que o homem pode fazer quem vem depois do rei? Apenas o que ele já fez. 13 Então vi que a sabedoria superava a loucura, uma vez que a luz sobresale da escuridão. 14 O sábio tem os olhos em sua cabeça, mas o tolo caminha na escuridão; e, no entanto, percebi que um destino vem a todos eles. 15 Então eu disse a mim mesmo: "O que aconteceu com o tolo também acontecerá comigo; Por que, então, fiquei tão sábio? "E eu disse a mim mesmo que isso também é vaidade. 16 Pois, do sábio e do tolo, não há lembranças duradouras, visto que, nos dias vindouros, todos terão sido esquecidos por muito tempo. Como o homem sábio morre apenas como o tolo! 17Então odiava a vida, porque o que se faz sob o sol era penoso para mim; para tudo é vaidade e um esforço para o vento.

18 Eu odiava todo o meu trabalho em que eu trabalhava sob o sol, vendo que devo deixar para o homem que virá atrás de mim; 19 e quem sabe se ele será um sábio ou um idiota? No entanto, ele será o mestre de todos os que eu trabalhei e usei minha sabedoria sob o sol. Isso também é vaidade. 20 Então eu me virei e desviou meu coração para todo o trabalho de meus trabalhos sob o sol, 21 porque às vezes um homem que trabalhou com sabedoria, conhecimento e habilidade deve deixar todo para ser apreciado por um homem que não trabalhou por isso. Isso também é vaidade e um grande mal. 22 O que tem um homem de todo o trabalho e tensão com o qual ele trabalha sob o sol? 23Por todos os dias está cheio de dor, e seu trabalho é uma vexação; mesmo na noite em que sua mente não descansa. Isso também é vaidade.

Koheleth considera a sabedoria e seus opostos, loucura e loucura. Ele conclui que a sabedoria tem uma vantagem decidida em relação à loucura. O sábio entende a vida, enquanto o tolo não. No entanto, a vantagem que a sabedoria tem sobre a loucura desaparece quando ele considera duas coisas: (1) A morte vem ao homem sábio e ao tolo (v. 16). Portanto, ele odeia a vida. (2) Ele deve deixar o produto de seu trabalho para alguém depois que ele morre, e ele não sabe se esse homem será sábio ou tolo; em qualquer caso, o último não terá trabalhado para isso (v. 21). Portanto, ele se desespera

(v. 20). Ele novamente conclui que tudo é vaidade. Ele sabe que não receberá nenhum lucro permanente para seu trabalho doloroso.

Para o que o homem pode fazer quem vem depois do rei? Apenas o que ele já fez. Esta é uma passagem difícil. Foi transferido, por motivos puramente subjetivos, após 2:11 ou após v. 18 . Alguns comentaristas entendem a questão de se referir aos homens em geral, enquanto outros levam para se referir ao sucessor de Salomão, Roboam (ver v. 18). A afirmação que segue a questão também é suscetível a diferentes interpretações. O KJV traduz "o que já foi feito", ou seja, as pessoas das gerações posteriores simplesmente repetirão as ações que eles fizeram anteriormente. O RSV traduz "Somente o que ele já fez", ou seja, o sucessor de Salomão simplesmente repetirá seu vaivém atos. Em vista da versão 18 a última interpretação provavelmente é correta para ambas as partes do verso.

Gordis provavelmente está certo em sugerir que Koheleth em vv. 13 e 14 provas de provas que indicam a atitude convencional em relação à sabedoria entre os sábios. Um destino refere-se à morte e ao esquecimento (v. 16). Como Koheleth não tem crença na vida após a morte no sentido cristão, a morte é para ele a negação de todos os valores. O que é feito sob o sol é o trabalho duro e tedioso que a sabedoria exige para uma vida valiosa. Como a morte não vale a pena, Koheleth odeia a vida. É uma vaidade e um esforço para o vento. O pensamento da morte também levanta a questão de quem herdará tudo para o qual Koheleth trabalhou. Koheleth teme que seu herdeiro seja um idiota (v. 19). Em qualquer caso, ele não terá trabalhado para a herança, e Koheleth não mais aproveitará o ganho de seu trabalho duro (v. 22-23). Consequentemente, ele deixa seu coração desesperado (v. 20) e pronuncia toda a vaidade (v. 21).

5. Solução: Prazer da vida simples (2: 24-26)

24 Não há nada melhor para um homem do que ele deve comer e beber, e encontrar prazer em seu trabalho. Isso também, eu vi, é da mão de Deus; 25 para além dele quem pode comer ou quem pode ter prazer? 26 Porque para o homem que o agrada, Deus dá sabedoria, conhecimento e alegria; mas ao pecador ele dá o trabalho de reunir e acumular, apenas dar a um que agrada a Deus. Isso também é vaidade e um esforço para o vento.

Esta é a primeira das passagens em que Koheleth dá uma solução parcial ao problema de viver neste mundo onde a vida é vaidade (3: 12-13 , 22 ; 5: 18-20 ; 6: 12-7: 18 ; 8 : 15 ; 9: 7-10 ; 11: 9-12: 1). Em vista das ambigüidades da vida, ele só pode apontar para uma maneira melhor, não o melhor ou um modo de vida completamente satisfatório. Esta melhor maneira de viver, ele resume no v. 24 , coma e beba, e encontre prazer no trabalho.

Por comer e beber, aparentemente significa as atividades comuns da vida diária, comer e beber sendo meramente duas atividades representativas. Mesmo que Koheleth pense que é difícil e cansativo (2:22), ele, no entanto, tem prazer nisso (2:10). Ele não está defendendo uma vida de prazeres sensatos e excessos hedonistas. Ele examinou essa vida e a encontrou insatisfatória (2: 1-11). Ele não significa prazer como objetivo da vida. Em vez disso, porque ele não consegue encontrar uma solução absoluta, ele aprendeu a seguir a vida simples, aproveitando as rotinas comuns de vida. Esse modo de

viver é da mão de Deus, isto é, ordenado por Deus. É o próprio Deus quem dá sabedoria e conhecimento para ganhar riqueza e a capacidade de encontrar *alegria*nisso. Isso ele dá somente a quem o agrada (v. 26). O pecador trabalha apenas para ver seu produto dado finalmente àquele que agrada a Deus. Seu trabalho é vaidade e um vento que se esforça.

III. Limitações da Vida (3: 1-11: 6)

1. Soberania dos deuses (3: 1-15)

1 Para tudo, há uma estação, e um tempo para cada assunto sob o céu:
2 por nascer, e um tempo para morrer;
um tempo para plantar, e um tempo para arrancar o que é plantado;
3 um tempo para matar, e um tempo para curar;
um tempo para quebrar, e um tempo para construir;
4 um tempo para chorar, e um tempo para rir;
Um tempo para o luto e um tempo para a dança;
5 um tempo para afastar pedras, e um tempo para juntar pedras;
um tempo para abraçar, e um tempo para abster-se de abraçar;
6 um tempo para procurar, e um tempo para perder;
um tempo para manter, e um tempo para afastar;
7 uma vez para rasgar, e um tempo para costurar;
um tempo para manter o silêncio e um tempo para falar;
8 um tempo para amar, e um tempo para odiar;
um tempo para a guerra e um tempo para a paz.
9 Qual ganha o trabalhador do seu trabalho?
10 Eu vi o negócio que Deus deu aos filhos dos homens para serem ocupados. 11 Ele fez tudo lindo em seu tempo; também ele colocou a eternidade na mente do homem, ainda assim para que ele não possa descobrir o que Deus fez desde o início até o fim. 12 Eu sei que não há nada melhor para eles do que ser feliz e se divertir enquanto vivem; 13 também que é o presente de Deus para o homem que cada um coma, beba e aproveite todo o seu trabalho. 14 Eu sei que tudo o que Deus persiste para sempre; nada pode ser adicionado a ele, nem nada tirado dele; Deus fez isso assim, para que os homens tenham medo diante dele. 15O que é, já foi; o que deve ser, já foi; e Deus procura o que foi afastado.

Na busca do significado da vida, Koheleth observou "tudo o que é feito sob o sol" (1:11). Ele conclui que toda atividade humana tem seu próprio tempo apropriado (vv. 1-8), que é ordenado por Deus e que se repete infinitamente (v. 15). O homem não pode determinar esses eventos (vv. 10-11), mas sua vida é determinada por eles. Portanto, ele não recebe nenhum ganho satisfatório da vida (v. 9) e deve estar satisfeito com o gozo das atividades limitadas de sua rotina diária (v. 12-13). As limitações que Deus impõe à vida do homem o levam a temer a Deus (v. 14).

Uma temporada e uma hora não se referem à duração do tempo, mas ao período de tempo em que uma ação deve ocorrer. O pensamento é elaborado em um breve poema de grande beleza. Contém sete duplas, cada linha expressa duas ações opostas. Estas incluem as atividades mais características da vida de um indivíduo.

Nascer . . . morrer, expressar os limites da vida terrena. Para arrancar, provavelmente deveria ser traduzido "para colher", fazendo um melhor paralelo com a planta. Lançamos ... rir ... chorar ... dançar, expressar as dores e as alegrias da vida. A dança refere-se a saltar de alegria (Job 21 : 11). A frase eliminada ... e coletar pedras foi interpretada de várias maneiras: (1) Lançando pedras em um campo para torná-lo incultivável e remoção de pedras de um campo para torná-lo cultivável. (2) A ação matrimonial e abstinência disso. (3) espalhando pedras das ruínas de um antigo edifício e recolhe pedras para construir um novo. A segunda interpretação é aceita por muitos comentaristas (Levy, Gordis, Williams, Jones, Ryder e Rankin) e faz um bom paralelo com v. 5bSe o último se refere a abraços românticos. No entanto, nenhuma outra linha é metafórica; e uma vez que o v. 7 não é paralelo, não é certo que v. 5 seja. A última interpretação é mais provável correta, na medida em que entende as palavras no mesmo sentido literal que as outras palavras do poema. No entanto, pedras foram reunidas para construir muitas coisas no antigo Israel - paredes, edifícios, altares e monumentos - e é provável que a referência seja para a recolha de pedras para qualquer propósito.

A referência ao abraçamento (v. 5b) é muitas vezes considerada um abraço romântico. No entanto, provavelmente é melhor, como no v. 5a, levá-lo a um sentido mais geral. O abraço era uma maneira comum de cumprimentar amigos, como é o aperto de mão de hoje. A ausência física ou raiva causaria que uma pessoa se abstenha de abraçar.

Procurar . . . perder pode referir-se a aquisição e perda de negócios. Guarda . . . Rejeitar provavelmente alude a guardar bens e a jogar o que não é mais utilizável. Era costume *rasgar* a roupa como um sinal de luto ou profundo desgosto (2 Sam. 1:11 ; 2 Kings 5: 7 ; 22:19). Mais tarde, a roupa seria costurada novamente.

Todo este Koheleth afirma no poema de 14 linhas concisas (vv. 2-8). Em vv. 9-15 ele interpreta o poema em termos de sua própria experiência. O poema não mostra nenhum progresso, mas apenas uma série de atividades sem fim. Exprime bem a opinião de Koheleth de que o trabalho do homem não lhe proporciona ganho substancial e satisfatório (v. 9). O negócio que Deus dá ao homem apenas o mantém ocupado e isso é tudo. É simplesmente ocupado - ness (v. 10).

O significado do v. 11é bem expressado pelo NEB. "Ele fez tudo para se adequar ao seu tempo; Além disso, ele deu aos homens uma sensação de tempo e futuro, mas nenhuma compreensão da obra de Deus do começo ao fim ". A frase" Ele colocou a eternidade na mente do homem "é uma das partes mais difíceis de todo o livro para interpretar . Tem sido entendido como significando: (1) Deus colocou o conhecimento no homem, mas não o conhecimento de seus feitos. (2) Deus colocou o amor do mundo no homem, mas reteve o conhecimento de seu trabalho (3).) Deus colocou a ignorância no homem para que ele não compreenda os feitos de Deus. Provavelmente isso significa (4) que Deus colocou a eternidade (ou o desejo de entender o passado e o futuro) no homem, mas que lhe reteve o conhecimento que ele deseja, especialmente o conhecimento dos feitos de Deus. O homem não pode descobrir como Deus fixou as estações, e muito menos como

ele as controla, e se há um significado satisfatório em sua repetição sem fim ele não sabe disso. Desta forma, Koheleth ressalta a distância entre o homem e Deus e as limitações impostas à vida do homem.

Dadas essas limitações, o homem deve aceitá-las e encontrar sua felicidade (v. 12-13) no nível das atividades para as quais Deus oferece a estação (vv. 2-8), como já foi dito em 2:24 . Este é o presente dos deuses para o homem. O homem não pode mudar os feitos de Deus, incluindo os tempos que Deus em sua soberania determinou para as atividades humanas. Portanto, o homem teme a Deus (v.14). Essas atividades são constantemente repetidas (v. 15 , cf. 1: 1-11). Deus busca o que foi afastado significa que Deus traz cada atividade de volta ao ciclo interminável de eventos (ver 1: 4-8).

2. Injustiça do homem (3: 16-4: 3)

16 Além disso, vi sob o sol que, no lugar da justiça, havia perversidade, e no lugar da justiça, havia uma iniqüidade. 17 Eu disse em meu coração: Deus julgará os justos e os ímpios, porque ele designou um tempo para cada assunto e para toda obra. 18 Eu disse em meu coração em relação aos filhos dos homens que Deus os está testando para mostrar que eles são apenas animais. 19 Pois o destino dos filhos dos homens e o destino dos animais são os mesmos; como um morre, então o outro morre. Todos têm o mesmo suspiro, e o homem não tem vantagem sobre os animais; para tudo é vaidade. 20 Todos vão para um lugar; Todos são da poeira, e todos se voltam para o pó novamente. 21 Quem sabe se o espírito do homem vai para cima e o espírito da besta desce para a terra? 22 Então eu vi que não há nada melhor do que um homem deve apreciar o seu trabalho, pois isso é muito bom; quem pode levá-lo a ver o que será depois dele?

1 Mais uma vez eu vi todas as opressões praticadas sob o sol. E eis que as lágrimas dos oprimidos, e eles não tinham ninguém para confortá-los! Do lado de seus opressores havia poder, e não havia ninguém para confortá-los. 2 E pensei que os mortos que já estão mortos são mais afortunados que os vivos que ainda estão vivos; 3 mas melhor do que os dois é aquele que ainda não foi, e não viu as más ações que são feitas sob o sol.

Koheleth agora se volta para um argumento diferente para a vaidade de tudo. Ele procura mostrar que o homem não é superior aos animais (v. 18) porque (1) ele pratica uma ética semelhante a um animal no tribunal (v. 16-17) e (2) ele morre em morte animal (v. 19-21).

Local de justiça. . . e o lugar da justiça referem-se ao tribunal. O último não se refere, como sugere Barton (p. 108), ao "lugar da piedade". A justiça está aqui (como é frequente no Antigo Testamento, por exemplo, Lev. 19:15 , Isaías 11: 4), o padrão pelo qual a justiça é dispensada. A negação da justiça nos corredores da justiça incita Koheleth a lembrar ao leitor que Deus julgará os justos e os ímpios em algum momento no futuro. Ele permite que os homens continuem seu abuso de justiça no presente para mostrar que eles são apenas animais.

Koheleth então se volta para sua segunda razão para concluir que o homem está no nível dos animais - ambos são criaturas frágeis e morrem igualmente. Aqui parece claramente ter Gênesis 2 e 3 em mente. Como um criador, diz ele, é semelhante aos animais em três aspectos: (1) eles compartilham o mesmo destino-morte (v. 19a , ver Salmo 49: 16-20). Em 2: 14-15, ele usou a mesma razão para dizer que o sábio não tem vantagem sobre o tolo. Agora ele reduz o homem ao nível dos animais. (2) Eles compartilham a mesma respiração (*rûach*) (v. 19b). (3) Ambos retornam ao mesmo lugar na morte, isto é, ao pó (ver Gênesis 3:19). A questão no v. 21 implica uma resposta negativa. Não pode ser provado, diz ele, que o espírito do homem (*rûach* , a palavra traduzida "respiração" na v. 19) sobe na morte e que o espírito de um animal desce. No entanto, em 12: 7 ele afirma que sim. Por espírito (*rûach*), ele significa "respiração" como no v. 19b , não alma.

Parece claro que Koheleth não tem crença na vida após a morte, exceto uma existência muito sombria no Seol (9:10).

Por causa do status animal do animal, Koheleth reafirma sua tese de que tudo é vaidade (v. 19) e a melhor alternativa do homem para desesperar é aprender a aproveitar seu trabalho (v. 22), pois ele não verá o que será depois ele.

Em 4: 1-3 Koheleth ainda apoia a sua tese apontando para a opressão no mundo. O opressor está profundamente enraizado na estrutura de poder e os oprimidos não têm ninguém para confortá-los. Portanto, é melhor estar morto do que vivo e melhor ainda não ter nascido (6: 3-6 ; 7: 1 ; Jó 3: 3-19). Que este julgamento sombrio não é a avaliação final de Koheleth sobre a vida é clara de 9: 7-10 e 11: 7-10 .

3. Futilidade da luta (4: 4-16)

4 Então eu vi que todo o trabalho e toda a habilidade no trabalho são da inveja de um homem sobre o seu vizinho. Isso também é vaidade e um esforço para o vento.

5 O tolo dobra as mãos e come a própria carne.

6 Melhor é um punhado de calma do que duas mãos cheias de trabalho e um esforço para o vento.

7 Mais uma vez, eu vi a vaidade sob o sol: 8 uma pessoa que não tem ninguém, nem filho nem irmão, mas não há fim para todo o seu trabalho, e seus olhos nunca estão satisfeitos com riquezas, de modo que ele nunca pergunta: "Para Quem eu estou trabalhando e me privando de prazer? "Isso também é vaidade e um negócio infeliz.

9 Dois são melhores do que um, porque eles têm uma boa recompensa pelo seu trabalho. 10 Pois se eles caírem, alguém levantará o sujeito; mas ai daquele que está sozinho quando ele cai e não tem outro para levantá-lo. 11 Mais uma vez, se dois se encontram juntos, eles são calorosos; mas como se pode aquecer sozinho? 12 E, embora um homem possa prevalecer contra aquele que está sozinho, dois o resistirão. Um cabo triplo não está rapidamente quebrado.

***13** Melhor é um jovem pobre e sábio que um rei velho e tolo, que não tomará mais conselhos, **14** embora ele tenha ido da prisão ao trono ou no seu próprio reino tenha nascido pobre. **15** Vi todos os vivos que se moviam sob o sol, assim como aquela jovem, que deveria estar em seu lugar; **16** não havia fim de todas as pessoas; Ele estava sobre todos eles. No entanto, aqueles que vieram depois não se regozijarão com ele. Certamente isso também é vaidade e um vento que se esforça.*

De sua observação da humanidade Koheleth cita instâncias de luta humana que não produzem satisfação duradoura. Essas instâncias sustentam sua tese de que tudo é vaidade. Nesta passagem ele faz uso freqüente de provérbios para ilustrar seu assunto.

O trabalho e a habilidade em sua totalidade vêm do motivo indigno de inveja ou rivalidade. O KJV leva isso a significar que o vizinho tão inveja aquele que trabalha que a satisfação do seu trabalho está arruinada. O RSV entende o texto hebraico para dizer que a inveja de um homem sobre seu vizinho, ou seja, a busca de status, o motiva a trabalhar duro.

Em vv. 5 e 6 Koheleth introduz, por causa da comparação, dois provérbios contraditórios que mostram como os sábios diferiram sobre o assunto da cessação do trabalho. Alguns deles a consideravam como preguiça autodestruída (v. 5). Outros ensinaram que o homem sábio cessa de trabalhar depois que ele ganhou um punhado, ou seja, o suficiente para fornecer as necessidades da vida. Mais seria um esforço vazio após o vento (v. 6). Koheleth, que concorda claramente com o segundo provérbio vê isso em contraste com o trabalho excessivo dos invejosos (v. 4) e o avaro (v. 8-9). Concorda com o seu conselho de moderação (2: 24-26 ; 7: 1-22).

O avarento é viciado em trabalho. Ele não cessa de seu trabalho sem fim o suficiente para pedir para quem ele está acumulando tal excesso e se privando de prazer. O avarento e o invejoso trabalham sozinhos, cada um em uma competição egoísta com seu vizinho. Trabalhar em cooperação com outra pessoa traz uma melhor recompensa. Esta recompensa é ilustrada por três exemplos extraídos de experiências comuns no Próximo Oriente: (1) Se duas caírem, um levará seus companheiros (v. 10). (2) Se dois dormem juntos durante a noite fria, eles serão mais quentes do que se dorme sozinho (v. 11). (3) *Um* pode ser superado por um ladrão, mas dois **podem** resistir ele (v. 12a). O versículo 12b é claramente um provérbio usado para ressaltar as ilustrações emvv. 10-12a .

Finalmente Koheleth cita um exemplo de um jovem sábio que substitui um rei tolo. A juventude alcançou um excelente status e é melhor que o velho rei que ele substituiu. No entanto, sua sabedoria e realizações são inúteis, porque as gerações futuras não se regozijarão nele (1:11 , 9: 13-16).

Koheleth está profundamente consciente da natureza transitória dos triunfos e da glória de hoje. Sua perspectiva é necessária sempre que os homens ficam intimidados com suas próprias realizações.

4. Sinceridade em Adoração (5: 1-7)

[1] Guarda seus passos quando você vai para a casa de Deus; aproximar-se para ouvir é melhor do que oferecer o sacrifício de tolos; pois eles não sabem que estão fazendo o mal. [2] Não seja precipitado com a sua boca, nem se apresente seu coração para pronunciar uma palavra perante Deus, porque Deus está nos céus e você na terra; portanto, deixe suas palavras serem poucas.

[3] Para um sonho vem com muito negócio, e uma voz de tolo com muitas palavras.

[4] Quando você promete um voto a Deus, não demora em pagá-lo; pois ele não tem prazer em tolos. Pague o que você promete. [5] É melhor que você não devesse jurar do que você deve jurar e não pagar. [6] Não deixe sua boca levá-lo ao pecado, e não diga antes do mensageiro que foi um erro; Por que Deus deveria estar com raiva de sua voz e destruir o trabalho de suas mãos?

[7] Porque, quando os sonhos aumentam, palavras vazias crescem muitas: mas teme a Deus.

Esta seção sobre a necessidade de reverência e honestidade no culto expressa outra das limitações da vida - a necessidade de o homem ser cauteloso e sincero em adorar a Deus.

Proteger seus passos exprime a necessidade de discrição e cuidado, tanto na conduta geral quanto na realização dos atos de adoração. Este versículo não é mais uma rejeição do sacrifício do que 1 Samuel 15:22 . Na verdade, um voto (v. 4) freqüentemente implicava a oferta de um sacrifício (Números 15: 3). A Casa de Deus designa o Templo (como comumente em livros mais antigos do Antigo Testamento, por exemplo, 2 Crônicas 4:11 ; 5: 1 , Dan. 1: 2), em vez da sinagoga.

Ouvir significa ouvir, entender e obedecer. Alguns comentaristas introduziram uma falsa antítese definindo a palavra "para ouvir" como querendo ouvir ou então obedecer, excluindo a outra idéia. A palavra geralmente significa obedecer (por exemplo, Jeremias 7:23 ; 17:24 ; Deuteronômio 17:12), mas sempre em um contexto que envolve a audição. O tolo pode oferecer seu sacrifício com apatia mecânica, mas o sábio será receptivo e receptivo aos hinos e orações do serviço do templo e ao ensino dos sacerdotes. Este conselho é semelhante ao ensino dos profetas e outros homens sábios que a obediência, lealdade e justiça são mais importantes do que os rituais realizados na adoração (1 Sam. 15:22 ; Hos. 6: 6 ;Prov. 15: 8 ; 21: 3 ; cf. Jesus em Matt. 5: 23-24).

Utter uma palavra provavelmente se refere à oração (ver 1 Reis 8:59 e Mateus 6: 7). Assim como alguém exerce o maior cuidado ao falar diante de outro homem que tem uma posição exaltada na sociedade, então é preciso ter mais cuidado na presença do Deus exaltado. O versículo 3 contém um provérbio usado para ressaltar o ensinamento do versículo anterior. O negócio não se refere ao trabalho que traz sono reparador (5:12), mas está associado com vexação e preocupação (1:13; 2:23 , 26 ; 5:14). O provérbio pode ser traduzido melhor: "Como a preocupação traz sonhos inconvenientes, então uma infinidade de palavras indica um idiota".

Um homem sábio deve assistir suas palavras, especialmente em fazer votos (vv. 4-6). Koheleth refere-se aqui a Deuteronômio 23: 21-23 . A identidade do mensageiro diante de quem o adorador delinquente faz desculpas não é clara. Ele foi identificado como: (1) Deus, (2) um anjo, (3) um sacerdote que supervisiona os votos, ou (4) um servo do templo, cujo dever é supervisionar o pagamento dos votos. A evidência para cada uma dessas interpretações não é conclusiva. Muito provavelmente, o mensageiro refere-se a um sacerdote (ver Mal. 2: 7) ou a um servo do templo. A desculpa dada ao mensageiro é que o fracasso em cumprir o voto foi apenas um erro, ou seja, um erro menor. Longe de ser um erro insignificante, esse fracasso em cumprir uma promessa sagrada é um pecado que trará o julgamento de Deus (cf.Deut. 23:21).

A primeira parte do v. 7 é muito difícil de interpretar. Parece ser uma advertência contra uma religião que consiste em uma multidão de sonhos e palavras inúteis (ver margem RSV). Ao invés de praticar tal religião, o sábio deve reverenciar sinceramente a Deus.

5. Futilidade da riqueza (5: 8-6: 12)

***8** Se você vê numa província, os pobres oprimidos e a justiça e o direito levados violentamente, não se surpreenda com o assunto; pois o alto funcionário é observado por um maior, e ainda há mais altos sobre eles. Mas, em tudo, um rei é uma vantagem para uma terra com campos cultivados.*

***10** Aquele que ama o dinheiro não ficará satisfeito com o dinheiro; nem aquele que ama riqueza, com ganho: isso também é vaidade.*

***11** Quando os bens aumentam, eles aumentam quem os come; e que ganho tem seu dono, mas para vê-los com os olhos?*

***12** Doce é o sono de um trabalhador, ele come pouco ou muito; mas o excesso de riqueza não o deixa dormir.*

***13** Há um mal grave que eu vi sob o sol: as riquezas foram mantidas por seu dono em sua dor, **14** e essas riquezas foram perdidas em um empreendimento ruim; e ele é pai de um filho, mas ele não tem nada na mão dele. **15** Como ele veio do ventre de sua mãe, ele voltará, desnudo quando ele vier, e não tomará nada para o seu trabalho, que ele levará na mão dele. **16** Este também é um mal grave: assim como ele veio, assim ele irá; e que ganho ele ele trabalhou pelo vento, **17** e passou todos os dias na escuridão e tristeza, com muita vexação e doença e ressentimento?*

***18** Eis que o que eu vi ser bom e adequado é comer e beber e encontrar prazer em todo o trabalho com o qual se trabalha sob o sol os poucos dias de sua vida que Deus lhe deu, pois este é o seu lote . **19** Todos os homens, a quem Deus deu riqueza e bens e poder para apreciá-los, e aceitar o seu lote e encontrar gozo no seu trabalho - este é o dom de Deus. **20** Porque ele não se lembrará muito dos dias de sua vida porque Deus o mantém ocupado com alegria em seu coração.*

***1** Há um mal que eu vi sob o sol, e é pesado sobre os homens: **2** um homem a quem Deus dá riqueza, bens e honra, de modo que não tem nada de tudo o que deseja, mas Deus não dá ele poder para apreciá-los, mas um estranho os goza; isso é*

vaidade; é uma aflição dolorida. [3] ***Se um homem gera uma centena de filhos e vive muitos anos, de modo que os dias dos anos são muitos, mas ele não gosta das coisas boas da vida e também não tem enterro, digo que um nascimento prematuro está melhor do que ele .*** [4] ***Porque ele entra na vaidade e entra nas trevas, e nas trevas o nome está coberto;*** [5] ***, além disso, não viu o sol ou conhecido qualquer coisa; ainda assim, encontra descanso e não ele.*** [6]***Embora ele devesse viver mil anos duas vezes contados, ainda que não goste de nada - não todos vão para um só lugar?***

[7] ***Todo o trabalho do homem é para sua boca, mas seu apetite não está satisfeito.*** [8] ***Para que vantagem o sábio sobre o tolo? E o que o pobre homem tem quem sabe se comportar antes dos vivos?*** [9] ***Melhor é a visão dos olhos do que a errância do desejo; Isso também é vaidade e um esforço para o vento.***

[10] ***Tudo o que foi feito já foi nomeado, e é conhecido o que é o homem e que ele não é capaz de disputar com um mais forte do que ele.*** [11] ***Quanto mais palavras, mais vaidade, e o que o homem é melhor?*** [12] ***Pois quem sabe o que é bom para o homem enquanto ele vive nos poucos dias de sua vida vã, que ele passa como uma sombra? Para quem pode dizer ao homem o que será depois dele sob o sol?***

Koheleth retorna ao assunto da acumulação gananciosa de bens materiais (ver 4: 4-8). Ele dá uma série de razões pelas quais o acúmulo de riqueza como meta na vida é vã (5: 8-17 ; 6: 1-9) e novamente recomenda a vida simples (5: 18-20).

Koheleth dá seis razões pelas quais a posse de riqueza é inútil. Primeiro, a opressão dos pobres é causada pela avareza dos funcionários do governo. A situação é desesperada, porque acima de cada funcionário há um funcionário superior que o observa para uma oportunidade de extorquir dinheiro dele e assim por diante a pirâmide burocrática até o topo (5: 8). No entanto, apesar desse governo opressivo e pesado, uma monarquia é melhor para um país predominantemente agrícola (5: 9). Em segundo lugar, a falha trágica dos gananciosos é que eles nunca estão satisfeitos com o dinheiro que eles procuram (5:10). Em terceiro lugar, a riqueza sempre atrairá parasitas. Como o homem rico só pode consumir uma pequena quantidade de suas riquezas, Koheleth diz ironicamente que seu único ganho*é* vê-los consumidos por um grupo crescente de esponja (5:11). Em quarto lugar, embora seus trabalhadores desfrutem de um sono reparador, sua própria saciedade não lhe permitirá dormir (5:12). Em quinto lugar, tais posses causam a sua tristeza pelo possuidor (5: 13-17). Eles podem estar perdidos por um empreendimento ruim para que o antigo homem rico não tenha nada para dar a seu filho (5:14). Além disso, ele não pode levar sua riqueza com ele quando ele morrer (5: 15-16), e ele passará muitos anos em uma abnegação miserável para acumular sua riqueza (5:17).

Em contraste com a pessoa gananciosa e sua vida decepcionante, Koheleth recomenda mais uma vez o gozo das necessidades simples da vida. Deveria, diz ele, comer e beber e encontrar prazer em todo o trabalho com o qual trabalha sob o sol nos poucos dias de sua vida que Deus lhe deu (cf. 2: 24-26). Em vv. 19-20 ele aplica esse tipo de vida aos ricos que ganharam suas riquezas, não por ganância ou opressão, mas honestamente como um dom de Deus. Eles devem aprender a desfrutar os simples grampos da vida

também, pois Deus lhes dá a habilidade. É claro a partir destes versículos que Koheleth não condena a riqueza, como tal, mas sim condena uma vida vivida por causa da riqueza.

O sexto motivo é que a posse de riqueza não garante seu gozo (6: 1-12). Ele descreve um homem que tem tudo o que se pensaria necessário para a felicidade. Deus, ele diz, deu-lhe riquezas, bens e honra, de modo que não tem nada de tudo o que ele deseja. A riqueza, a posse e a honra eram bens altamente desejáveis no mundo antigo, como são hoje (2 Cron. 1:11). No entanto, esse homem não tinha a capacidade de desfrutar sua riqueza, mas um estranho que não trabalhou para a fortuna gostou. Aparentemente no v. 2Koheleth está pensando em um homem que não tem herdeiros naturais e, talvez, também morre jovem. As únicas pessoas que podem desfrutar de sua riqueza são pessoas fora de sua família que, por algum processo legal, recebem sua riqueza. No mundo antigo para morrer sem filhos que herdariam a propriedade de alguém, era considerada uma grande tragédia. Conseqüentemente, para este homem trabalhar duro para alcançar riqueza e honra e nunca aproveitar, foi uma vaidade. . . e uma aflição dolorida.

Em vv. 3-6 Koheleth torna o ponto de seu argumento mais forte ao introduzir uma situação hipotética. Nesse caso, o homem tem filhos - cem deles - e vive muitos anos, mas ele não gosta das coisas boas da vida, e também como nenhum enterro. Em v. 6, a ilustração é ainda mais fortalecida pela suposição de que o homem viveu mil anos duas vezes, ou seja, dois mil anos. Tanto a longa vida (Provérbios 3:16 ; 4:10) quanto muitos filhos (Salmos 127: 3-5 ; 128: 3-4 ; Prov. 17: 6) foram considerados grandes bençãos. O enterro adequado era muito importante, e negar que fosse uma grande maldição (Jeremias 16: 4 ; 1 Reis 14:11). Este homem tem riqueza, filhos e longa vida, mas ele não tem prazer enquanto vive e sem honra quando ele morre. Koheleth diz que um nascimento prematuro está melhor do que ele. Uma vez que o gozo da vida é o elemento que melhora essa existência vã, esse homem é pior do que um filho nascido antes de seu tempo e morto no nascimento (v. 3-5). Uma vez que todos vão para um lugar, ou seja, Sheol (v. 6 , cf. 9:10), o nascimento prematuro é melhor. O nascido prematuro chega lá por um curso mais direto e sem os sofrimentos desta vida.

Em v. 7 Koheleth cita um provérbio que ensina que as pessoas se esvaziam tentando se acumular o suficiente para satisfazer um apetite que, no final, se revela insaciável. As duas questões da v. 8 destinam-se a tirar conclusões óbvias do provador na v. 7 . Ambos implicam uma resposta negativa. O trabalho gasto para se tornar sábio e se comportar bem antes dos vivos não traz a vantagem de desejos satisfeitos (ver v. 7). A única solução é a cinco na visão dos olhos, ou seja, o prazer de qualquer um. A errância do desejo é o desejo de mais e mais posses ou conquistas maiores e maiores. É o apetite insaciável de v. 7. Esta contenção do apetite pertence à vida simples que é defendida primeiro em 2: 24-26 .

Em vv. 10-12 Koheleth apela novamente à soberania de Deus como fundamento para a vida que ele defende. O que quer que tenha vindo a ser refere-se a toda a criação. Já foi nomeado é uma maneira hebraica de expressar não só a existência de algo, mas também sua subordinação àquele que o nomeou (Isaías 40:26 ; Salmo 147: 4). Assim, diz Koheleth, todos - tanto as pessoas quanto a criação material - estão sujeitas a Deus. Sabe-se o que o homem é, ou seja, o homem é o que Deus o chamou há muito tempo. Como o homem é a criatura de Deus e, portanto, o sujeito dele, o homem não é

capaz de disputar com Deus - o mais forte do que ele. As palavras mais se referem aos esforços do homem para discutir com Deus. As questões na v. 12implica uma resposta negativa. O homem não sabe o que é bom para sua vida, porque ele não conhece o futuro. Portanto, ele não deve disputar com Deus; só aumentará a vaidade de sua já vã existência.

6. Reflexões sobre sabedoria (7: 1-22)

1 Um bom nome é melhor do que uma pomada preciosa;
e o dia da morte, do que o dia do nascimento.
2 É melhor ir à casa de luto
do que ir à casa de festa;
pois este é o fim de todos os homens,
e os vivos vão colocá-lo ao coração.
3 A tristeza é melhor do que a risada,
Pois por tristeza de semblante o coração se alegra.
4 O coração dos sábios está na casa do luto;
mas o coração dos tolos está na casa da alegria.
5 É melhor para um homem ouvir a repreensão do sábio
do que ouvir a música dos tolos.
6 Pois, como o crepitar de espinhos sob uma panela,
assim como o riso dos tolos;
isso também é vaidade.
7 Certamente a opressão torna o sábio tolo,
e um suborno corrompe a mente.
8 Melhor é o fim de uma coisa do que o seu início;
e o paciente em espírito é melhor que o espírito orgulhoso.
9 Não seja rápido para a raiva,
pois a raiva aloja no peito dos tolos.
10 Não diga: "Por que os primeiros dias foram melhores do que estes?"
Pois não é da sabedoria que você faz isso.
11 A sabedoria é boa com uma herança,
uma vantagem para aqueles que vêem o sol.
12 Para a proteção da sabedoria é como a proteção do dinheiro;
e a vantagem do conhecimento é que a sabedoria preserva a vida daquele que o tem.
13 Considere a obra de Deus;
quem pode corrigir o que ele fez torto?
14 No dia da prosperidade seja alegre, e no dia da adversidade considere; Deus criou o mesmo bem como o outro, para que o homem não descubra nada que seja depois dele.

15 Na minha vida vã, eu vi tudo; Há um homem justo que perece em sua justiça, e há um homem perverso que prolonga sua vida em seus feitos malignos. 16 Não seja justo sobretudo, e não se faça demais; Por que você deve se destruir? 17Não seja perverso demais, nem seja tolo; Por que você deveria morrer antes do seu tempo? 18 É bom que você tome conta disso, e disso não reteve sua mão; pois aquele que teme a Deus deve sair de todos eles.

19 A sabedoria dá força ao sábio mais de dez governantes que estão em uma cidade.

20 Certamente não há um homem justo na terra que faça o bem e nunca perdoa.

21 Não dê atenção a todas as coisas que os homens dizem, para que não ouça seu servo maldizer você; 22 seu coração sabe que muitas vezes você se amaldiçoou demais.

Esta seção é uma coleção de provérbios (7: 1-14 , 19-22) mais uma experiência pessoal (7: 15-18). O assunto é variado. Em geral, este capítulo ensina que, neste mundo, o bem não tem valor absoluto mas relativo. Consequentemente, é preciso viver com moderação.

Em vv. 1-6 Koheleth expressa a orientação da vida que ele recomenda aos sábios. Ele ensina essa orientação por meio de uma série de paradoxos proverbiais que só podem ser explicados como máximas hiperbólicas decorrentes do senso da natureza trágica da vida. A verdadeira compreensão, diz ele, não vem da alegria despreocupada do tolo, mas de uma contemplação sóbria do fim da existência terrena. Esta avaliação realista da vida em vista da sua falta de curto prazo deve levar a seu uso responsável.

O verso 1 contém um provérbio em duas partes. A primeira parte, que contém um jogo de palavras (*shem* -name; *shemen* -ointment), afirma a verdade óbvia de que uma boa reputação é de maior valor do que o unguento precioso. O último foi o óleo perfumado usado para ungir o corpo (Ester 2:12 , Canção de Sol. 1: 3). A segunda metade do verso, em um contraste abrupto, pronuncia o dia da morte melhor do que o dia do nascimento (cf. 6: 3-6). Koheleth segue isso com provérbios semelhantes, afirmando o valor superior de dar simpatia aos despedidos na casa do luto (uma casa particular onde houve uma morte, v. 2 , 4), de sofrer tristeza (v. 3), e de ouvir a repreensão dos sábios (v. 5 , ver Prov. 27: 6). Essas experiências são melhores do que passar o tempo em que há festa (sem dúvida com os excessos comuns de gula e embriaguez) e ouvir a música e o riso dos tolos (v. 6).

A casa do luto é, no final, melhor do que a casa da alegria, porque no primeiro, a vida aprenderá o significado da vida (cf. 12: 1-7 ; Salmo 90:12) e, como resultado, o coração irá seja feliz. O significado desta frase parece ser que a disciplina da tristeza leva a uma avaliação realista da vida que traz felicidade, enquanto os excessos de alegria levam à infelicidade. No v. 6, o riso dos tolos é comparado aos espinhos usados na tentativa de aquecer um pote. Em vez do calor silencioso e silencioso do carvão habitual, eles vagam rapidamente com um som crepitante e dão pouco calor. Assim, o riso de um tolo dá pouca satisfação real.

Koheleth também inclui provérbios em outros assuntos. A opressão, ou seja, a concessão de decisões legais erradas em troca de subornos, corrompe mesmo o sábio (v. 7). Uma vez que uma verdadeira avaliação de uma empresa só pode ser feita do

ponto de vista de sua conclusão, o fim é, segundo ele, melhor do que o começo (ver vv. 1-4). Mas o fim muitas vezes é lento para chegar, e um homem sábio deve ser paciente e não orgulhoso e rápido de raiva (vv. 8-9). Alguns são impacientes, não para o fim, mas para um início idealizado - os bons velhos tempos. Koheleth adverte que esta falha em viver no presente não é o caminho da sabedoria (v. 10). Em vv. 11-12 Ele afirma que é desejável ter sabedoria e riqueza. Cada um dá proteção de seu próprio tipo (ver Prov. 2: 9-19 ; 18:11). Além disso, a sabedoria preserva a vida, dando longevidade (ver Prov. 3: 16-18). Deus é todo-poderoso, e o homem não pode mudar o que Deus quis (v. 13 , cf. 1:15); portanto, o homem deve aprender a aproveitar ao máximo as boas e más experiências da vida, conscientes de suas próprias limitações (v. 14).

Em vv. 15-22 Koheleth observa que a fórmula limpa de longa vida para os justos e uma vida curta e perturbada para os ímpios nem sempre é fiel à experiência humana. Ele então aconselha moderação, pois ninguém é perfeito. A necessidade de moderação é ilustrada pelo exemplo do servo que revigora seu mestre.

Um homem justo que perece em sua justiça significa, é claro, um homem piedoso que, em contraste com a expectativa usual, morre jovem. O homem perverso que prolonga a vida também é uma contradição com os ensinamentos habituais dos sábios (Provérbios 2: 21-22 ; 11:19 ; Salmos 37: 25-29). Koheleth menciona essa mesma anomalia em 8:14 para mostrar a vaidade da vida. Aqui, ele usa isso para apresentar sua advertência contra os excessos de justiça e maldade em vv. 16 e 17.

A interpretação do vv. 16 e 17 é difícil. Koheleth significa que não se deve ser muito bom ou muito mau moralmente e, assim, ele deve fazer alguma justiça e alguma maldade (Barton)? Ou, ele quer dizer que isso deve evitar ser escrupuloso em manter a lei e se proteger contra o descarte total da lei (a maioria dos comentaristas)? É possível argumentar para qualquer alternativa do Eclesiastes. Mas e se alguém argumentar pela primeira alternativa? Que tipo de maldade o Eclesiastes aconselha uma pessoa a entrar? Em outro lugar ele rejeita a embriaguez (2: 3), a sensualidade (2: 8), a opressão (3: 16-17 ; 4: 1), a irreverência (5: 1-2), a falsidade (5: 4-6), a avareza (5: 11-12), raiva descontrolada (7: 9) e hipocrisia (8:10). Ele adverte explicitamente contra o pecado em geral (8: 12-13). Nas passagens onde ele dá conselhos sobre como viver, ele não consegue a maldade (por exemplo, 2: 14-16 ; 9: 7-9 ; 12: 1).

Portanto, é melhor concluir que ele pretende advertir contra uma atitude excessiva, por um lado, e seu oposto, um desdém antinomio da lei, por outro. Esta escrupulosidade excessiva em matéria de vida justa de acordo com a lei, juntamente com um cultivo excessivo de sabedoria, pode levar à autodestruição (v. 16). No outro extremo, o antinomianismo, a devassidão, a embriaguez - a vida do tolo - podem levar a uma morte precoce (v. 17). Segure-se disso e, por isso, não segure sua mão, aconselha o leitor a prestar atenção aos dois ensinamentos de vv. 16 e 17. O que teme a Deus escapará ambos os extremos.

Apesar das limitações que Koheleth coloca sobre a sabedoria, ele reconhece seu valor. No versículo 19 , leia: "A sabedoria vem em auxílio do sábio, mais de dez governantes que estão em uma cidade". Dix réguas se referem ao comitê de dez cidadãos proeminentes que governaram muitas das cidades helenísticas. Uma vez que Koheleth associa justiça e sabedoria, ele pode ter colocado esta declaração aqui para sublinhar sua advertência contra a maldade excessiva. A afirmação de que ninguém é

perfeitamente bom e nunca peca (ver 1 Reis 8:46) pode ter como objetivo fortalecer seu conselho no v. 16 para não ser muito sábio. Um corolário tanto para a proscrição da justiça excessiva na v. 16 como a negação teológica da falta de pecado na v. 20é a instrução para evitar uma atitude de detecção de falhas em relação aos outros (v. 21). Deve lembrar modestamente que também é pecador (v. 22).

7. Limites da Sabedoria (7: 23-29)

23 Tudo isso que testei pela sabedoria; Eu disse: "Eu serei sábio"; mas estava longe de mim. 24 O que é, está longe, e profundo, muito profundo; quem pode descobrir? 25 Eu girei minha mente para conhecer e procurar e buscar a sabedoria e a soma das coisas, e conhecer a maldade da loucura e a loucura que é loucura.

26 E achei mais amargo do que a morte, a mulher cujo coração é armadilha e redes, e cujas mãos são grilhões; Aquele que agrada a Deus escapa dela, mas o pecador é tomado por ela.

27 Eis o que eu encontrei, diz o Pregador, acrescentando uma coisa a outra para encontrar a soma, 28 que minha mente procurou repetidamente, mas não encontrei. Um homem entre mil que encontrei, mas uma mulher entre todos estes eu não encontrei. 29 Eis que, só isso, achei que Deus fez o homem reto, mas procuraram muitos dispositivos.

Koheleth afirma os resultados de seu inquérito. Tudo isso se refere à discussão anterior em 7: 15-22 e em um sentido maior a tudo o que ele disse desde 1:13 . Ele realizou seu teste, ou melhor, sua busca (v. 25), pela sabedoria como em 1:13 e 2: 3 . Ele significa que ele usou a sabedoria prática (v. 23) como um instrumento para buscar a sabedoria absoluta (v. 25), ou seja, a capacidade de viver sem vexação, para resolver os mistérios que limitam a humanidade e remodelar as contradições da vida (ver comente em 1: 13-15, 16-18). Sua busca resultou em falha. A sabedoria absoluta era muito remota e muito profunda para ele.

Koheleth procurou examinar a sabedoria e a sua maldade oposta (v. 25 , cf. 1:17). Ele havia aprendido pouco sobre a sabedoria. Sobre a maldade, ele aprendeu que é loucura. Como exemplo, ele escolhe a mulher má cuja atração é mais amarga ["mais forte"] do que a morte. Aquele que agrada a Deus, ou seja, ele "que busca a felicidade com sabedoria" (Gordis), escapará de suas artimanhas. Koheleth encontrou poucos homens e nenhuma mulher que corresponde ao seu ideal de sabedoria (v. 27-28). O pobre registro do homem é, no entanto, sua própria culpa, e não a de Deus (v. 29).

8. Necessidade de submissão (8: 1-9)

1 Quem é como o sábio? E quem sabe
a interpretação de uma coisa?
A sabedoria de um homem faz resplandecer o rosto,
e a dureza de seu semblante é alterada.

2 Mantenha o comando do rei, e por causa do seu juramento sagrado, não seja consternado; 3 vão da sua presença, não demorem quando o assunto é desagradável,

pois ele faz o que quiser. [4] Porque a palavra do rei é suprema, e quem pode dizer-lhe: "O que você está fazendo?" [5] O que obedece a um comando não irá prejudicar, e a mente de um sábio conhecerá o tempo e o caminho. [6] Pois cada assunto tem seu tempo e caminho, embora o problema do homem esteja pesado sobre ele. [7] Porque ele não sabe o que é ser, para quem pode dizer-lhe como será? [8]Nenhum homem tem poder para reter o espírito ou a autoridade durante o dia da morte; não há quitação da guerra, nem a maldade livra aqueles que são dadas a ela. [9] Tudo isso que observei enquanto aplicava minha mente a tudo o que se faz sob o sol, enquanto o homem lorde sobre o homem à sua dor.

Esses versículos ensinam como o sábio cortesão servirá um rei despótico. Ele reconhece que o rei deve ser obedecido, mas exerce sua sabedoria para escolher o tempo e o caminho para realizar os mandamentos do Rei de tal maneira que seu serviço do governo não entrará em conflito muito com sua consciência.

Koheleth começa com um par de declarações proverbiais que louvam a sabedoria para dar uma visão e um encanto (v. 1). Por causa de seu juramento de fidelidade (v. 2) e da autoridade do rei (v. 4, 5), o sábio que está no serviço do governo obedecerá aos mandamentos do rei. Ele mostrará essa obediência mesmo quando o comando lhe é pessoalmente desagradável. Sua sabedoria permitirá que ele escolha o melhor momento e modo de realizar a tarefa (vv. 5, 6a). Mas mesmo o homem sábio enfrenta limitações que dificultam essas escolhas. Os versículos 6b-7 devem ser traduzidos: "embora o homem esteja muito preocupado com a ignorância do futuro; quem pode dizer o que isso vai trazer? "(NEB).

O sábio deve lembrar que há muitas situações sobre as quais ele não tem poder. Ele não pode controlar o vento, nem o tempo da morte, nem pode obter uma descarga do exército enquanto uma guerra está sendo travada. Traduzir para reter o espírito como "restringir o vento" (NEB). A maldade deve ser traduzida como "riquezas". Assim, v. 8b significa que mesmo grandes riquezas não permitirão aos ricos desafiar essas limitações. O sábio deve viver com sabedoria e submissão em um tempo em que o homem lorde sobre o homem à sua dor.

9. Sucesso dos malvados (8: 10-15)

[10] Então vi os malvados enterrados; eles costumavam entrar e sair do lugar sagrado, e foram louvados na cidade onde eles tinham feito essas coisas. Isso também é vaidade. [11] Porque a sentença contra uma ação maligna não é executada rapidamente, o coração dos filhos dos homens está totalmente preparado para fazer o mal. [12] Embora o pecador faça o mal cem vezes e prolongue a vida, sei que será bom com aqueles que temem o bacalhau, porque temem diante dele; [13] Mas não será bom com os ímpios, nem prolongará os dias dele como uma sombra, porque ele não teme diante de Deus.

[14] Há uma vaidade que ocorre na terra, que há homens justos a quem acontece de acordo com as ações dos ímpios, e há homens perversos a quem acontece de

acordo com as ações dos justos. Eu disse que isso também é vaidade. [15] ***E recomendo o gozo, pois o homem não tem coisa boa sob o sol, mas para comer e beber, e se divertir, pois isso irá com ele no seu trabalho durante os dias de vida que Deus lhe dá sob o sol.***

Koheleth volta ao seu tema principal de que tudo é vaidade. Sua evidência é que os ímpios às vezes melhoram em vida e morte do que os justos. Ele então reitera o seu conselho para viver num mundo vã (v. 15).

O texto hebraico do v. 10 é difícil de ler e provavelmente corrompido. Esta dificuldade levou a várias interpretações diferentes. Todos, no entanto, concordam que Koheleth reclama que os ímpios foram tratados como se fossem justos. Eles freqüentavam o lugar sagrado ou o Templo e eram louvados como se não tivessem oprimido pessoas. O atraso da justiça os encorajou em sua iniqüidade. Koheleth conhece a regra geral de que aqueles que temem a Deus irão bem e viverão por muito tempo e que aqueles que não temem a Deus não (v. 12-13). No entanto, ele também conhece casos que não estão em conformidade com esta regra geral (vv.12a, 14). Por essa razão, ele pronuncia tudo para ser vaidade e novamente recomenda a vida de simples prazeres terrestres - o único bem com o qual se pode contar (ver 2: 24-26).

10. Incapacidade do homem (8: 16-9: 6)

16 ***Quando apliquei minha mente para conhecer a sabedoria e para ver o negócio que é feito na Terra, como nem o dia nem a noite os olhos vêem dormir;*** [17] ***Então eu vi todo o trabalho de Deus, que o homem não consegue descobrir o trabalho feito sob o sol. Por muito que o homem possa trabalhar na busca, ele não descobrirá; mesmo que um sábio afirma saber, ele não consegue descobrir.***

1 ***Mas tudo isso eu me acordei, examinando tudo, como os justos e os sábios e os seus feitos estão nas mãos de Deus; Se é amor ou odeio, o homem não sabe. Tudo antes deles é vaidade,*** [2] ***desde que um destino vem a todos, aos justos e aos ímpios, ao bem e ao mal, ao limpo e ao impuro, ao que sacrifica e ao que não se sacrifica. Como é o bom homem, também é o pecador; e aquele que jura é o que faz um juramento.*** [3] ***Este é um mal em tudo o que é feito sob o sol, que um destino vem a todos; também os corações dos homens estão cheios de maldade, e a loucura está em seus corações enquanto eles vivem, e depois disso eles vão para os mortos.*** [4]***Mas aquele que se junta com todos os vivos tem esperança, para um cão vivo é melhor do que um leão morto.*** [5] ***Pois os vivos sabem que eles vão morrer, mas os mortos não sabem nada, e eles não têm mais recompensas; mas a memória deles está perdida.*** [6] ***O amor deles, o ódio deles e a inveja já pereceram, e eles não têm mais para sempre parte de tudo o que é feito sob o sol.***

Na busca do significado da existência do homem, Koheleth conclui que esse significado é desconhecível (8: 16-17). Os homens não podem determinar seu próprio destino (9: 1). Em vez disso, as vidas de todos os homens terminam as mesmas (9: 2-3). Mesmo assim, é melhor estar vivo do que morto (9: 4-6).

Koheleth chama a atenção uma vez mais para a busca que anunciou em 1:13 . Ele observou o negócio que é feito na Terra (v. 16a) onde há atividade incessante (v. 16b). Ele achou este negócio impossível de entender, porque a atividade do homem está sob o controle de Deus (na mão de Bacalhau, 9: 1) e a *obra* de Deus é inescrutável (Romanos 11:33). Nem uma busca diligente nem uma grande sabedoria podem permitir que o homem penetre no mistério da obra providencial de Deus (8:17). Se é amor ou ódio, ou seja, como os caminhos de Deus são opacos, não se pode saber se as ações providenciais de Deus em relação a ele serão favoráveis ou desfavoráveis (9: 1).

Esta inscrutabilidade da vida humana mencionada em 8: 16-9: 1 afeta a pessoa individual no ponto de sua incapacidade de encontrar significado em sua própria vida. Um homem não pode escolher seu próprio destino por ser justo **ou** perverso. Um destino vem a todos, e esse destino é a morte (9: 2-3 ; cf. 8:14 ; 2: 14-16). Porque os homens acreditam que os justos não têm vantagem sobre os ímpios, eles se afastam da bondade e da sabedoria e enchem o coração do mal e da loucura.

A partir desta imagem sombria da morte como o equalizador de todas as desiguais, Koheleth se volta para a vida como a esperança do homem. É melhor estar vivo do que morto (contraste 4: 2-3). Aquele que está vivo ainda tem esperança de que ele tire algum prazer da vida (9: 7-10). Mesmo o cão humilde é melhor do que um leão morto. Koheleth dá a sua avaliação da vida um toque irônico quando ele define a vantagem da vida para consistir no conhecimento de que a morte virá (9: 5). Desta forma, ele ressalta sua avaliação de toda a existência como vaidade.

11. Solução: Prazer da vida terrestre (9: 7-10)

7 Vá, coma o seu pão com prazer e tome seu vinho com um coração alegre; porque Deus já aprovou o que você faz.

8 Deixe suas roupas serem sempre brancas; Não deixe o óleo faltar na sua cabeça.

9 Aproveite a vida com a esposa que você ama, todos os dias de sua vida vã, que ele lhe deu sob o sol, porque essa é a sua porção na vida e no seu trabalho ao qual trabalha sob o sol. 10 O que quer que sua mão ache, faça com seu poder; pois não há trabalho, pensamento ou conhecimento ou sabedoria no Sheol, para o qual você está indo.

Uma vez que as ações do homem estão nas mãos de Deus (9: 1) e a morte é certa (9: 2-3), Koheleth ensina o gozo da vida enquanto dura. Esta é uma penúltima solução para o problema da vaidade da vida (ver 2: 24-26). Ele adota isso porque todas as suas tentativas de ultrapassar essa solução para uma última foram frustradas (ver "Concursos" no Int \.).

Ao invés de languidecer no conhecimento das limitações de sua existência terrena, Koheleth escolheu saborear as alegrias circunscritas da vida. Ele já recebeu admoestações para aproveitar as atividades diárias da vida (v. 7) e trabalho (v. 10 , ver comentário em 2: 24-26). A isso, ele acrescenta o comando de vestir roupas brancas e ungir a cabeça com óleo temperado perfumado, símbolos de festividade e alegria

(Esther 8:15 ; Salmos 45: 7). Ele recomenda ainda mais o companheirismo de uma esposa amorosa para tornar a vida decepcionante viva (v. 9 , ver Prov. 5: 18-19).

A referência ao Seol no v. 10 mostra que Koheleth não tinha entendimento de uma vida futura na presença de Deus, como é ensinado em alguns lugares na tenda do Velho Testamento (Salmos 49:15 ; 73: 23-25 ; Dan. 12: 2-3) e ao longo do Novo Testamento (1 Tessalonicenses 4: 13-18). Em comum com a maioria das pessoas de seu tempo, ele ainda pensava em vida após a morte como uma existência pacífica, sem prazer, no submundo. Por essa única vida terrena oferecer a possibilidade do prazer, ele ensinou o dever de pleno gozo desses prazeres, enquanto a vida na Terra durou.

12. Limitações e Vantagens da Sabedoria (9: 11-18)

***11** Mais uma vez, vi que, sob o sol, a raça não é a velocidade, nem a batalha ao forte, nem o pão ao sábio, nem a riqueza aos inteligentes, nem o favor aos homens habilidosos; Mas o tempo e a chance acontecem com todos eles. **12**Pois o homem não conhece seu tempo. Como peixes que são tomados em uma rede maligna, e como pássaros que estão presos em uma armadilha, então os filhos dos homens são enrolados em um tempo maligno, quando de repente cai sobre eles. **13** Também vi esse exemplo de sabedoria sob o sol, e isso me parecia ótimo. **14** Havia uma pequena cidade com poucos homens; e um grande rei veio contra ele e sitiou, construindo ótimas cerimônias contra ele. **15**Mas lá foi encontrado um pobre sábio, e ele, por sua sabedoria, entregou a cidade. No entanto, ninguém se lembrou desse pobre homem. **16** Mas eu digo que a sabedoria é melhor do que o poder, embora a sabedoria do pobre seja desprezada e suas palavras não sejam atendidas.*

***17** As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, são melhores do que os gritos de um governante entre os tolos. **18 A** sabedoria é melhor que as armas de guerra, mas um pecador destrói muito bem.*

Depois de expor brevemente o caminho para encontrar o prazer nesta vida vã, Koheleth persegue novamente seu tema principal da vaidade da vida. Ele afirma que o sucesso não depende do esforço (vv. 11-12) e faz backup de sua afirmação com uma ilustração (vv. 13-16). Finalmente ele admite novamente que a sabedoria tem uma vantagem limitada (v. 17-18).

Nem força nem sabedoria traz resultados seguros (v. 11). O tempo e o acaso, ou seja, o tempo maligno e a calamidade, fazem todos os tipos de homens. A referência ao tempo (malvado) (v. 11) leva à afirmação de que o homem também é ignorante do tempo de sua própria morte, mas é tomado por ela abruptamente e sem a sensação de um peixe ou animal apanhado em uma armadilha (v. 12).

Os versículos 13-16 ilustram o fracasso da sabedoria para trazer uma vantagem pessoal duradoura para um homem sábio. O pobre sábio que salvou uma pequena cidade de um poderoso exército não foi honrado por sua ação. Na verdade, não houve lembrança duradoura dele (ver comentário em 1:11), nem o seu conselho continuou a ser atendido.

A sabedoria, com certeza, tem suas vantagens como os dois provérbios de vv. 17-18 indicam. No entanto, suas realizações são tão frágeis que podem ser destruídas por um pecador. Para Koheleth, há pouca diferença entre o pecador e o tolo.

13. Uma coleção de provérbios (10: 1-11: 6)

1 As moscas mortas fazem que a pomada do perfumista remova um mau odor;
então uma pequena loucura supera sabedoria e honra.
2 O coração de um sábio o inclina para a direita,
mas o coração de um tolo na direção da esquerda.
3 Mesmo quando o tolo caminha na estrada, ele não tem sentido,
e ele diz a cada um que ele é um idiota.
4 Se a ira do governante se levantar contra você,
não deixe o seu lugar, pois a deferência reparará as grandes ofensas.
5 Há um mal que eu vi sob o sol, como se fosse um erro que procede do governante: 6 a loucura é colocada em muitos lugares altos, e os ricos sentam-se em um lugar baixo. 7 Eu vi escravos em cavalos, e os príncipes andavam a pé como escravos.
8 Aquele que escava um poço cairá nele;
e uma serpente irá morder aquele que atravesse uma parede.
9 O que pedre pedras é ferido por eles;
e ele que divide registros está em perigo por eles.
10 Se o ferro é franco e não se afasta a borda,
ele deve colocar mais força; mas a sabedoria ajuda alguém a ter sucesso.
11 Se a serpente morde antes que ela seja encantada,
não há vantagem em um encantador.
12 As palavras da boca de um sábio o ganham favor,
Mas os lábios de um tolo o consumem.
13 O início das palavras de sua boca é loucura,
e o fim de sua conversa é uma loucura perversa.
14 Um tolo multiplica palavras,
embora nenhum homem saiba o que é ser,
e quem pode dizer-lhe o que será depois dele?
15 O trabalho do tolo o cansa,
para que ele não conheça o caminho para a cidade.
16 Ai de você, ó terra, quando seu rei é filho,
e os seus príncipes se deleitam de manhã!
17 Feliz você, ó terra, quando seu rei é filho de homens livres,
e os seus príncipes se deleitam no devido momento,
por força e não por embriaguez!
18 Através da preguiça, o telhado se afunda,

e com indolência a casa escapa.
19 O pão é feito para rir,
e o vinho alegre a vida,
e o dinheiro responde tudo.
20 Mesmo no seu pensamento, não amaldiçoes o rei,
nem na sua cama maldição o rico;
Para um pássaro do ar irá carregar sua voz,
ou alguma criatura alada conta o assunto.
1 Lança o teu pão sobre as águas,
pois você vai encontrá-lo depois de muitos dias.
2 Dê uma porção para sete, ou até oito,
pois você não sabe o que o mal pode acontecer na Terra.
3 Se as nuvens estiverem cheias de chuva,
eles se esvaziam na terra;
e se uma árvore cai para o sul ou para o norte,
No lugar onde a árvore cai, lá vai mentir.
4 Aquele que observa o vento não semeará;
e aquele que considera as nuvens não colherá.
5 Como você não sabe como o espírito vem aos ossos no ventre de uma mulher com criança, então você não conhece a obra de Deus que faz tudo.
6 Na manhã semeia sua semente, e à tarde não segure sua mão; pois você não sabe o que prosperará, isso ou aquilo, ou se ambos serão bons.

Esta coleção de provérbios em vários assuntos provavelmente representa a variedade de ênfases que Koheleth fez em seus ensinamentos. A maioria deles concorda com a sabedoria tradicional encontrada no livro de Provérbios. Alguns deles são tão claros que não exigem comentários.

Direita e esquerda (10: 2) simboliza o bem e o mal (cf. Mateus 25:33). Mesmo no simples ato de andar, o tolo revela seu verdadeiro eu (v. 3). Quando um oficial da corte dos reis se torna um objeto da ira do rei, ele pode deixar o seu lugar, ou seja, renunciar ao seu ofício, ou apaziguar a raiva do rei pelo respeito cortês dos desejos do rei. Koheleth aconselha o último (10: 4). Em tempos de liderança fraca, os indignos podem ganhar poder e prestígio (Provérbios 30: 21-22 , Isaías 3: 4-5). Este é um mal que o próprio autor testemunhou (10: 5-7). Não é apenas no emprego do rei que os perigos ocupacionais ameaçam a segurança. Tais riscos também existem em outros tipos de trabalho (10: 8-9). Will cairá é melhor traduzido "Pode cair" e, portanto, os outros verbos nestes dois versos.

Os versículos 10-11 ensinam as vantagens da preparação. Um homem que afia sua mente com sabedoria mais facilmente alcançará o sucesso. Se uma cobra já mordou, não há necessidade de chamar um encantador. Pode-se comparar o provérbio moderno sobre a loucura de fechar o portão depois que o cavalo escapou.

Os versículos 12-15 contêm provérbios sobre o tolo. Ambos os sábios e os tolos são conhecidos pelo discurso. O discurso do sábio encanta, enquanto o do tolo o consome ou o destrói (10:12). Ele progride da loucura para a loucura perversa (10:13) e abundantemente profusa, apesar do conhecimento limitado do homem (10:14). O que seria uma tarefa fácil para uma pessoa sábia é um trabalho cansativo para um tolo com suas maneiras tolas de fazer um trabalho, "para" (não para que, como em RSV) ele é tão estúpido que não pode seguir uma estrada claramente marcada (10 : 15).

A nação governada por um rei imaturo (Isaías 3: 4) e os príncipes decadentes são infelizes. A festa da manhã sugere líderes frívolos que passaram todo o seu tempo em alegria. Filho de homens livres significa que um nasceu um nobre e educado para liderança (10: 16-17).

Koheleth enfatizou muitas vezes que ninguém conhece o futuro e, portanto, deve aproveitar ao máximo o presente. Não é para concluir que ele está contra o planejamento para o futuro ou assumir riscos onde as chances de sucesso são boas. Em 11: 1 Ele aconselha a realização de empreendimentos comerciais. Lançar o seu pão sobre as águas provavelmente se refere ao comércio marítimo. Ao mesmo tempo, ele aconselha cautela. É preciso diversificar seus investimentos, para que não seja maligno, ou seja, calamidade, atacar e destruir todo o negócio. O princípio pode ser aplicado a outras fases da vida em que se deve comprometer-se a viver uma vida plena. Estes dois versos às vezes são interpretados como ensinando generosidade a outras pessoas. Esta interpretação, no entanto, ignora o significado do verbo traduzido. Significa "enviar" em vez de "jogar", como o KJV e o RSV sugerem erroneamente. O NEB traduziu corretamente: "Envie seu grão através dos mares, e com o tempo você receberá um retorno. Divida sua mercadoria entre sete empreendimentos, talvez oito, uma vez que você não sabe o que os desastres podem ocorrer na Terra ".

Continuando com cautela, v. 3 acrescenta que as causas inevitavelmente produzem efeitos. Talvez Koheleth significa que o "desastre" falado no v. 2 inevitavelmente virá e um deve se preparar para isso. No entanto, não se deve ser excessivamente cauteloso (11: 4). Ele não deve esperar até que ele entenda todas as causas (11: 5), mas deve seguir seu trabalho confiando que seu risco será recompensado (11: 6).

O ensino da prudente aventura pode ser aplicado a todas as áreas da vida aos negócios, à vida social e aos assuntos espirituais. Aqueles que trabalham na fé receberão a recompensa.

IV. Conclusão (11: 7-12: 14)

1. Vida Serena e Divina (11: 7-12: 8)

7 A luz é doce, e é agradável aos olhos contemplar o sol.

8 Pois, se um homem viver muitos anos, se alegrar com todos; Mas deixe-o lembrar que os dias da escuridão serão muitos. Tudo o que vem é vaidade.

9 Alegre-se, ó jovem, na sua juventude, e deixe seu coração te animar nos dias da sua juventude; caminhe nos caminhos do seu coração e a visão dos seus olhos. Mas saiba que, por todas estas coisas, Deus o levará a julgamento.

10 Retire a vexação da mente e remova a dor do seu corpo; Para a juventude e o alvorecer da vida são vaidade.

1 Lembre-se também do seu Criador nos dias da sua juventude, antes que venha os dias doentios, e os anos se aproximem, quando você dirá: "Não tenho prazer neles"; 2 antes do sol e da luz, da lua e das estrelas escurecidas e as nuvens retornam depois da chuva; 3 no dia em que os guardas da casa treme, e os homens fortes estão dobrados, e os trituradores cessam porque são poucos, e aqueles que olham através das janelas estão esmaecidos, 4 e as portas na rua estão fechadas; Quando o som da moagem é baixo, e um sobe à voz de um pássaro, e todas as filhas da música são baixas; 5eles temem também o que é alto, e os terrores estão no caminho; A árvore de amendoeiras floresce, o gafanhoto se arrasta e o desejo falha; porque o homem vai para sua casa eterna, e os lamentadores andam pelas ruas; 6 antes que o fio de prata seja encaixado, ou a tigela de ouro estiver quebrada, ou o jarro seja quebrado na fonte, ou a roda quebrada na cisterna, 7 e a poeira volte para a Terra como estava, eo espírito retorna a Deus quem deu isso. 8 Vaidade de vaidades, diz o Pregador; tudo é vaidade.

Nesta seção, Koheleth chega à conclusão de todo o seu argumento. Ele falou eloquentemente da vaidade da vida na Terra e aconselhou o gozo das atividades comuns da vida. Aqui ele ensina a necessidade de aproveitar a vida antes da velhice (11: 7-10) e acrescenta a admoestação para lembrar de Deus (12: 1). Esta admoestação ele segue com uma linda alegoria da velhice pela qual ele procura acrescentar força às suas exortações (12: 2-8).

O verso 7 funciona como uma introdução às admoestações de vv. 8-10 . Luz e sol permanecem na vida em sua plenitude, aqui descrita como doce e agradável. Seguem-se uma série de quatro admoestações, cada uma acompanhada de uma razão. Os três primeiros são admoestações para aproveitar a vida. Deve regozijar-se durante os muitos anos de sua vida, pois os dias da escuridão serão muitos. Os dias da escuridão podem significar existência no sheol (ver 9:10 ; Jó 10: 20-22), ou, mais provavelmente, o período de senilidade (ver 12: 1-2).

Na segunda admoestação, Koheleth diz que se deve regozijar enquanto ele ainda tem a juventude. Ele adverte o jovem a caminhar nos caminhos de **seu** coração e na visão de seus olhos. Com isso, ele significa o prazer dos prazeres normais e sensíveis da vida. Alguns comentaristas concluíram que ele se referia a um prazer sensual sem restrições e pronunciou v. 9b uma adição por um moralista. Esta interpretação, no entanto, é excluída pela rejeição de Koheleth de tais excessos em 2: 1-11 . A frase que Deus irá levá-lo ao julgamento lembra ao jovem que ele deve exercer a sua responsabilidade na busca do prazer (cf. 3:17).

A admoestação final é lembrar de Deus, o Criador. Deus muitas vezes se lembra das pessoas para abençoá-las (1 Sam. 1:11 ; Salmo 20: 3-4 ; Neh: 13:31). Aqui, o homem deve lembrar de Deus para reverenciar e adorá-lo. Isto é "um pedido para que uma fé religiosa forte seja fundada na juventude como uma salvaguarda na velhice". (Jones)

Os versículos 2-7 foram chamados de "Alegoria da Velhice". Eles contêm uma descrição pungente da senilidade, em parte metafórica e parcialmente literal. Eles dão um motivo para que o ensino se lembre de Deus e aproveite a vida, ou seja, que a oportunidade seja passada de forma irrevogavelmente. Eles também dão apoio móvel ao tema geral - a vaidade da vida (1: 2 ; 12: 8).

Na velhice, a vida assume as características de um inverno escuro e frio na Palestina quando a tempestade após a tempestade esconde os luminares (v. 2). A metáfora muda para a de uma casa com ajuda doméstica incontornável. Os guardas da casa descrevem os braços trêmulos dos idosos. Os homens fortes representam as pernas curvadas e cambojadas. Os trituradores (ou seja, grão de moagem de mulheres) são os poucos dentes que ainda estão no lugar. Aqueles que olham através das janelas (ou seja, as mulheres que olham ansiosamente para fora da casa) são os olhos. As portas que estão fechadas provavelmente representam a surdez que corta a pessoa idosa da sociedade. O som da moagem pode se referir à voz que fica baixa. Um levanta-se à voz de um pássaro sugere o sono leve dos idosos que é perturbado pelo canto de um pássaro para que ele se eleve com um começo. As filhas da música podem significar os sons que parecem fracos para as dificuldades de audição.

Os idosos têm medo de lugares altos e dos perigos de uma jornada. As flores brancas da amendoeira provavelmente se referem a cabelos brancos. O velho se arrastou como um gafanhoto tentando andar. O desejo sexual falha. Finalmente, ele vai para o túmulo ou casa eterna, e os mourers pagos e profissionais trabalham em espera para fazer seu trabalho em seu funeral.

O versículo 6 contém duas figuras - a lâmpada, que fornece luz, e o poço, que fornece água. O cabo de prata continha a tigela dourada ou a lâmpada. Quando o cabo quebrou a lâmpada caiu, apagando a luz. Broken, em referência à lâmpada, deve ser entendido como hipérbole. Quando a roda e o jarro no poço estão quebrados, não é possível tirar mais água. Luz e água são símbolos bíblicos comuns da vida. O corpo do homem, em seguida, molda em poeira, e o espírito ou o sopro da vida retorna a Deus que originalmente o deu (Jó 34: 14-15 , Gênesis 2: 7).

Os argumentos do Eclesiastes terminam com uma reafirmação de sua tese: tudo é vaidade (veja o comentário em 1: 2).

2. Epílogo (12: 9-14)

9 Além de ser sábio, o Pregador também ensinou ao conhecimento das pessoas, pesando e estudando e organizando provérbios com muito cuidado. 10 O Pregador procurou encontrar palavras agradáveis, e, com toda discrição, escreveu palavras de verdade.

11 As palavras dos sábios são como dentes, e, como as unhas firmemente fixas, são os ditos coletados que são dadas por um Pastor. 12 Meu filho, cuidado com algo além disso. De fazer muitos livros, não há fim, e muito estudo é um cansaço da carne.

13 O fim do assunto; tudo foi ouvido. Teme a Deus, e mantenha seus mandamentos; pois este é o dever total do homem. 14 Porque Deus trará toda ação em juízo, com toda coisa secreta, boa ou má.

A seção final elogia Koheleth e os ensinamentos dos sábios, em geral (v. 9-11), adverte contra o estudo excessivo (v. 12) e exorta o leitor a ser leal a Deus (v. 13-14).

Uma vez que Koheleth fala na primeira pessoa e dificilmente daria homenagem a ele mesmo, a maioria dos comentadores acredita que esses versos foram escritos por outra pessoa. Scott diz que eles foram escritos por outro homem sábio, que acrescentou o título e as palavras "diz o Pregador" em 1: 2 ; 7:27 e 12: 8 .

Koheleth é aqui identificado como um sábio que ensinou as pessoas através de provérbios que ele preparou com cuidado. Ele estava preocupado que eles fossem belos e verdadeiros. À medida que as dores e as unhas fixam firmemente os provérbios dos sábios, têm o poder de motivar e manter a mente e o coração. Eles são de Deus, o único Pastor, que é a fonte da sabedoria (Jó 28: 20-28 , cf. Tiago 3:17). Pastor é uma designação freqüente de Deus no Antigo Testamento (Gn 49:24 ; Salmos 23: 1 ; 80: 1 ; 95: 7).

Meu filho é um termo favorito dos sábios para se dirigir a um discípulo (cf Prov. 1: 8 , 10 , 15). Nunca é usado pelo próprio Koheleth. Talvez o aviso contra muito estudo tenha como objetivo desencorajar o leitor a ler a literatura pagã que estava cada vez mais disponível na Palestina na época em que Koheleth foi escrito.

O epílogo termina apontando o leitor para Deus como o próprio Koheleth fez (5: 1-7 ; 7:18 ; 8: 12-13 ; 12: 1).

Canção de Salomão

John T. Bunn

Introdução

I. História da Interpretação

Provavelmente nenhum livro do Antigo Testamento recebeu tentativas mais variadas de interpretação do que a Canção de Salomão. Este processo tem sido pouco mais do que uma série de tentativas de justificar sua presença no cânone. O livro não revela nenhum ato religioso profético ou sacerdotal. Não menciona nem o templo nem o recinto sagrado, nem contém legislação religiosa. A mutilação do livro sobre questões de tradição religiosa israelita é bastante impressionante.

Historicamente, surgiram cinco abordagens interpretativas.

1. Alegórico. A interpretação alegórica é uma maneira de tratar as narrativas bíblicas de maneira não literal. Um ignora o significado literal das palavras e deriva significados novos e ocultos para os termos nas narrativas.

Rabbinical.-O Midrash, Targum e os comentadores judeus medievais interpretaram o livro alegoricamente. Estudiosos de Philo de Alexander, um contemporâneo de Jesus, de Samuel ibn Tibban (*ca.* AD 1230) viu o amado pastor e donzela como representante

de Deus e Israel. Portanto, o livro relatou alegoricamente a união entre Deus e Israel como resultado da aliança do Sinai e os eventos históricos subsequentes desta aliança. Tal conceito, deduzido da antiga metáfora do casamento (Hb 2: 4 ; 21 ; Isaías 62: 5 ; Jeremias 2: 2 ; Ez. 16: 8), provavelmente teve sua origem no casamento sagrado culto.

Christian.-Os pais da igreja primitiva ajustaram ligeiramente a interpretação alegórica rabínica ao ver o amante e amado como símbolos para Deus e a igreja. Mesmo que Origen (ANÚNCIO DO século terceiro) interpretou o livro como uma música de casamento ou poema realizado no casamento de Salomão com uma princesa egípcia e, embora Jerônimo tenha louvado o trabalho de Orígenes, seu resultado interpretativo permaneceu alegórico.

O Conselho de Constantinopla (AD 553) reafirmou a interpretação alegórica como a posição oficial da igreja. Esta posição foi adotada pelos reformadores, especialmente Martin Luther. A influência fingering da interpretação alegórica é evidenciada por legendas editoriais na KJV.

2. Literal. O termo "literal" é aqui aplicado a esse tipo de interpretação que considera o livro como uma coleção de canções ou poemas de amor convencionais. Essa visão parece ser tão antiga, se não mais antiga, do que a interpretação alegórica. A exclusão ameaçada do livro no Conselho de Jamnia (ANÚNCIO 90-110), a injunção de Rabi Akiba contra aqueles que usariam partes do livro como canções descalças em vinhos e a declaração em Sanhedrin 101a, "Ele que recita qualquer dos versos como uma canção de vinho em uma festa traz mal para o mundo ", atestam uma interpretação literal generalizada.

Theodore de Mopsuestia (*ca.* AD 360-429) interpretou o livro em uma veia não-sagrado, e seus pontos de vista foram proibidos pelo Conselho de Constantinopla. O pai de Samuel ibn Tibban (*ca.* AD 1200) aceitou o livro como um poema de amor puro. Sebastian Castellio (*em* 1545) tornou-se o objeto da indignação de João Calvino quando assumiu a posição de que o tema da Canção de Salomão era amor sexual, e Luis de Leão (*em* 1567) foi entregue nas mãos da Inquisição para segurar para uma visão semelhante. Um dos mais ardentes expoentes da interpretação literal foi Goethe, que em 1776 traduziu o Cântico de Salomão e elogiou louvores sobre suas imagens de amor poético livres.

3. Ciclo do casamento. Herder (1778) reformulou a interpretação literal. Ele sugeriu que os poemas de amor fossem utilizados nas celebrações de casamento. Renan (1860) apontou a semelhança entre certas passagens nas Canções de Canção de Salomão e Síria. Wetzstein (1873) equiparou as passagens 4: 1-7; 5: 10-16; 6: 4-7; 7: 1b-9 para *isfs* sírios (ou seja, canções descritivas usadas para elogiar os encantos físicos de um casal durante as celebrações de casamento). Foi, no entanto, K. Budde (1894) que sistematizou e popularizou a teoria da celebração do casamento.

4. Drama. Devido à eficácia de estudos críticos superiores, a fortuna da interpretação alegórica diminuiu, e surgiu uma nova abordagem interpretativa, o drama pastoral. H. Ewald (*em* 1826) defendeu um drama de três personagens com os participantes sendo Salomão, a donzela e a amante do pastor. F. Delitzsch (1877) propôs um drama de dois personagens (Solomon e donzela). A abordagem de dois personagens maximizou a

felicidade do amor conjugal entre Salomão e a donzela, enquanto a abordagem de três caracteres enfatizava a fidelidade da donzela ao seu pastor, apesar dos incentivos de Salomão.

Aderentes à teoria do drama foram divididos em como o drama foi executado. Alguns consideraram uma leitura dramática, enquanto outros a conceberam para ser uma produção encenada. Uma das apresentações mais abrangentes da teoria do drama é a de Patterson, que vê o trabalho como um drama lírico para ser encenado como uma peça grega.

5. Cultic. TJ Meek, seguindo as sugestões anteriores de Erbt, apontou semelhanças impressionantes entre a Canção de Salomão e o mito e ritual do culto de Adonis-Tammuz.

Na abordagem do culto, o livro é considerado como um fundo primitivo, o culto à renovação personificado pelo pastor e donzela que tipificaria pares tão míticos como Baal e Anath ou Tammuz e Ishtar. Seus adeptos afirmam que o significado culto das unidades poéticas se perdeu quando o trabalho é humanizado (ou seja, considerado como expressão de amor humano). Embora essa abordagem seja pouco mais do que a interpretação alegórica do culto, sua influência é evidenciada na edição de Oxford Annotated de RSV.

II. Canonização

A canonização da Canção de Salomão foi vivamente contestada. Enquanto a escola rabínica palestina de Shammai se opunha à sua canonização, a escola liberal babilônica de Hillel defendeu sua causa.

A defesa do rabino Akiba do livro levou a sua retenção no cânone seguindo as conferências de Jamnia, AD 90-110.

III. Data, Autoria e Composição

Desde os tempos tardios do Novo Testamento até o florescimento das críticas superiores no século XIX, pouco esforço foi exercido para determinar a data e a autoria para a Canção de Salomão. As referências internas a Salomão (1: 1 , 5 ; 3: 7-9, 11 ; 8: 11-12), juntamente com a afirmação em 1 Reis 4:32 , foram consideradas autoritativas o suficiente para lhe atribuir o trabalho. No entanto, surgiu uma pergunta sobre quando Solomon compôs o livro. A racionalização rabínica resolveu a questão assumindo que Salomão escreveu o livro durante a juventude "porque é o caminho do mundo que, quando um homem é jovem, compõe canções de amor". Assim, a data da escrita teria sido pouco antes de 961BC .

Uma vez que foi razoavelmente estabelecido que o título "The Song of Songs, que é de Salomão", era uma inserção editorial potencialmente tardia e poderia ter um significado diferente, toda a questão da autoria foi profundamente debatida.

A Canção de Salomão parece ser uma coleção de diversas unidades poéticas centralizadas sobre um tema principal. A repetição de frases e numerosos fragmentos isolados apontam para uma colação editorial (ver 2-7 , 15 , 17 ; 3: 5 ; 4: 6 ; 5: 1 ; 6: 11-

12 ; 8: 4-5). Cerca de 20 a 30 unidades provavelmente foram combinadas para produzir o livro.

Embora muitos dos fragmentos poéticos anteriores a centenas de anos, o tempo de edição, a presença no livro das influências da língua aramaica, persa e grega indica uma data tardia para sua forma finalizada. Geralmente, uma data dentro do período do século III AC é atribuída à composição tal como está agora.

IV. Configuração

Uma vez que o livro é único na literatura bíblica em composição, caráter, conteúdo, estilo e vocabulário, qualquer tentativa de extrair das unidades poéticas a configuração imediata e, para desenvolver uma conta ordenada, é o melhor hipotético.

As referências geográficas são predominantemente norte-palestinianas e sírias (3: 9 ; 4: 1 , 4: 8 , 6: 4 ; 7: 5), mas os locais no Negev e na Transjordânia estão incluídos (1:14 ; 7: 4).

É, no entanto, a configuração imediata que influencia de maneira tão vital a interpretação. A reconstrução a seguir é uma das muitas opções viáveis.

O autor seleciona o harém de Salomão como o fundo imediato, com a virgem dizendo às mulheres do harém que sua história de amor não é feita. Os eventos se desenrolam da seguinte maneira.

A donzela foi criada em uma casa da aldeia com vários irmãos (2: 9 ; 1: 6 ; 6: 9). Ao se aproximar rapidamente da puberdade, ela, assim como seus irmãos, protegiam sua castidade (8: 9). Mas quando ela alcançou a maturidade feminina, ela se apaixonou por um pastor e se entregou a ele (8:10 ; 7: 2-12). Apesar da raiva dos irmãos e da desaprovação da comunidade, ela continuou o relacionamento (1: 6 ; 8: 1). Reuniões clandestinas foram efetuadas (1:16, 17 ; 3: 2-4 ; 5: 2-7), apesar dos esforços de separação.

A beleza excessiva da donzela chamou a atenção de Salomão, que a desejava pelo seu harém (ver comentário em 6:13). Chegou um acordo, um mais lucrativo para a família, e a donzela entrou no harém de Salomão (1: 4 ; 3: 6-11). Desconsiderando os incentivos da corte pródiga, ela desprezou a posição de harém favorito (8: 11-12) e continuou a ter reuniões furtivas com seu amante (1:12 ; 8:13). Ela ansiava por seu amante pastor, sabendo que possuía um amor impossível, que nunca poderia ser verdadeiramente cumprido (8: 6-7). Os lamentáveis lamentos da jovem destroem o coração (1: 7 ; 2: 6, 7 ; 3: 1, 5 ; 5: 6a , 8; 8: 1 , 3-4). Seu anseio, desespero e ciúmes destrutivos tornam este livro um trabalho assustadoramente trágico.

V. Tema

Com uma habilidade consumada, o autor centralizou a poesia de amor popular tradicional de Israel sobre um tema emocionante de amor não correspondido. Este era um amor condenado porque se atrevia a violar fronteiras sócio-religiosas estabelecidas e aceitáveis. À medida que o motivo se desenvolve com suas imagens poéticas terrosas e sensuais, pouco é deixado para a imaginação.

Isso, no entanto, deve ser antecipado. A franqueza da mente do Oriente Próximo na avaliação do caminho do homem e da mulher não deve ser considerada como sensualidade grosseira. Os costumes daquele dia aceitaram prontamente a discussão realista da paixão humana. No Antigo Testamento, as relações físicas entre os sexos estão relacionadas de forma aberta, mas não de modo a indicar sanção ou aprovação de atos ofensivos.

Ênfase sobre a atratividade física da donzela (4: 1-7 ; 7 : lb-9), a súplica do pastor à donzela para se juntar a ele em segredos secretos (1: 15-17 ; 2: 8-13) e referências Para o corpo da donzela como um jardim frutífero (4: 12-15 ; 5: 1 ; 6: 2-3) pode ser ofensivo para as sensibilidades ocidentais. Mas os pensamentos dos amantes honestamente traduzidos em linguagem poética não são grosseiros nem vulgares. Somente quando essa imagem é refabricada por uma mentalidade grosseira, o conteúdo torna-se grosseiro.

O impulso primário do livro afirma resolutamente que o amor, independentemente do compromisso mútuo e da confiança, está destinado ao fracasso, a menos que seja praticado dentro da moral religiosa aceitável da sociedade. Em uma série de lamentos (2: 7 ; 3: 5 ; 5: 8 , 8: 3), a donzela reconhece esse fato. Fortemente ela afirma que é mais imprudente despertar ânsias físicas e psicológicas pelo amor e antecipar gratificação significativa e duradoura em um caso ilícito.

Pode ser por esta razão que Rabi Akiba, considerando os outros livros do Antigo Testamento como santo, descreveu a Canção de Salomão como o "santo dos santos" e acrescentou que "o mundo inteiro alcançou seu valor supremo apenas no dia em que A Canção das Canções foi dada a Israel ".

Somente quando o amor abraçou a moral israelita tornou-se aceitável. E, nesse contexto, a relação sexual produziu uma experiência física e psicológica sagrada. Que um livro que fala tão abertamente e francamente dessa experiência humana particular e sua futilidade quando praticado ilicitamente deve encontrar o seu caminho para o cânon é mais apropriado.

Esboço

I. Declaração de título (1: 1)

II. A primeira declaração de arrependimento (1: 2-2: 7)

1. O amante ausente (1: 2-4)
2. O inquérito da donzela bonita (1: 5-8)
3. A memória das palavras e dos atos de amor (1: 9-2: 5)
    1. A reunião em um vale glaciar (1: 9-17)
    2. A reunião em uma vinha (2: 1-5)
4. O lamento (2: 6-7)

III. A segunda declaração de arrependimento (2: 8-3: 5)

1. O amante convoca a virgem (2: 8-17)

2. A donzela procura seu amante (3: 1-4)
3. A declaração (3: 5)

IV. A terceira declaração de arrependimento (3: 6-5: 8)
1. A procissão do rei (3: 6-11)
2. Uma descrição dos encantos da donzela (4: 1-15)
3. O eloquente pedido do pastor suscita uma resposta afirmativa (4: 16-5: 1)
4. A donzela procura seu amante (5: 2-7)
5. A declaração (5: 8)

V. A quarta declaração de arrependimento (5: 9-8: 4)
1. A defesa da donzela de seu amante (5: 9-6: 3)
    1. Os encantos do amante são descritos (5: 9-16)
    2. A afirmação da fidelidade mútua (6: 1-3)
2. A segunda descrição dos encantos da virgem (6: 4-10)
3. A donzela impulsiva (6: 11-13)
4. A terceira descrição dos encantos da virgem (7: 1-9)
5. O convite ao amor (7: 10-8: 2)
6. A declaração (8: 3-4)

VI. Os poderes únicos do amor (8: 5-14)
1. O despertar do amor físico é lembrado pela donzela (8: 5)
2. O custo do amor da virgem (8: 6-7)
3. O valor do amor da virgem (8: 8-10)
4. A intenção da donzela (8: 11-12)
5. A donzela aguarda seu amante (8: 13-14)

Bibliografia

GORDIS, ROBERT. *Song of Songs: um estudo, tradução e comentário de modem.* Nova York: Seminário Teológico Judaico da América, 1954.

HARPER, A. *Song of Songs.* ("Cambridge Bible".) Nova York: Macmillan Company, 1902.

KNIGHT, E. *Song of Songs.* ("Torch Bible Commentaries".) Nova York: Macmillan Company, 1955.

MARGOLIS, MONTGOMERY, Hyde, Edgerton, Meek, Schaff. *The Song of Songs: Um Simpósio.* Filadélfia: Museu Comercial, 1924.

MEEK, TJ "The Song of Songs", *A Bíblia dos Intérpretes,* Vol. V. Ed. GEORGE ARTHUR

BUTTRICK. Nashville: Abingdon Press, 1956.

ROWLEY, HH "A Interpretação da Canção das Canções", *O Servo do Senhor e Outros Ensaios sobre o Antigo Testamento.* Londres: Lutterworth Press, 1965, pp. 195-245.

RYLAARSDAM, JC *Provérbios, Eclesiastes, Canção de Salomão* ("Comentário bíblico de Layman"). Richmond: John Knox Press, 1964.

SEGAL, MH "The Song of Songs", *Vetus Testamentum*, XII (1962), 470-490.

Comentário sobre o texto

I. Declaração do título (1: 1)

1 O Cântico das Canções, que é de Salomão.

A duplicação do substantivo na declaração do título expressa o grau superlativo em hebraico. Outro exemplo do dispositivo é encontrado em Êxodo 29:37 . O título, portanto, afirma que esta é a melhor de todas as músicas.

A Vulgata, o RDV e *a Bíblia de Jerusalém* dão direito ao livro "Cânticos" do *cantico* latino *canticorum* ("cântico dos cânticos"), enquanto outros o dão "A Canção de Salomão" (RSV, ASV).

A atribuição do livro a Solomon foi provavelmente o trabalho de um compilador ou editor tardio. A frase que é Salomão contém uma preposição que pode ser traduzida "para", "para", "sobre" ou "referente". Assim, o título não deve ser pressionado de forma categórica para indicar a autoria solomônica.

II. A Primeira Declaração de arrependimento (1: 2-2: 7)

A donzela, no harém de Salomão, começa sua história de amor ingovernável. Ela fala pensativamente sobre o desejo do pastor de quem ela está separada. Ela deseja saber onde ele está. Enquanto ela fala, a lembrança assombradora de palavras e atos de amor gravemente gravados em suas emoções subiu à superfície. O estresse emocional do recall e a possibilidade de não cumprimento trazem uma lamentável lamentação.

1. The Absentee Lover (1: 2-4)

2 O que você me beijaria com os beijos de sua boca!
Para o seu amor é melhor do que o vinho,
3 seus óleos de unção são perfumados,
seu nome é derramado de óleo;
portanto, as donzelas te amam.
4 Desenhe-me depois de você, vamos nos apressar.
O rei me trouxe para as câmaras.
Vamos exultar e nos alegrarmos em você;
Vamos exaltar o seu amor mais do que o vinho;
Com razão, eles te amam.

O amor do pastor é considerado melhor do que o vinho. O amor substantivo tem conotação especial. Significa os atos de amor, como beijos ou carícias (cf. v. 4 ; 4:10 ; Ez. 16: 8 ; 23:17). Isso implica que as expressões do amor do pastor eram mais cabeçadas - mais intoxicantes, estimulantes e provocativas - do que o vinho.

A norma *almah* em hebraico (aqui donzelas) significa uma virgem de idade casada que pode ou não ser virgem. Tanto o ERV como o KJV traduzem "virgens". No entanto, neste versículo, a referência é às "filhas de Jerusalém" (2: 7 ; 3: 5 ; 5: 8) ou mulheres do harém (6: 8)). Isso milita contra a tradução de "virgens".

Uma palavra hebraica diferente para o amor é usada na v. 3 . Ele transmite a idéia de desejo, de respirar depois ou de desejar. A donzela infere que outras mulheres desejam seu amante, mas só ela possui seu amor.

O rei pode ser interpretado figurativamente como nojento significativo e é tão interpretado por expoentes do drama e da teoria do mito culto. Se o "rei" é interpretado como noivo, ele só tem significado se alguém aceita a música de casamento sírio ou a abordagem de culto de fertilidade. No último, o rei assumiu o papel do noivo para participar de um rito de fertilidade. No primeiro, o noivo era considerado um rei. Seria melhor interpretar o rei no sentido literal como se referindo a Salomão.

Nós somos uma identificação corporativa que significa toda a empresa ou especificamente todas as mulheres. Existe um motivo justificável para o desejo da solteira, a grandeza do pastor.

2. O inquérito de Comely Maiden (1: 5-8)

5 Eu sou muito escuro, mas bem,
Ó filhas de Jerusalém,
como as tendas de Kedar,
como as cortinas de Salomão.
6 Não olhe para mim porque eu sou moribundo,
porque o sol me chamuscou.
Os filhos de minha mãe estavam bravos comigo,
Eles me fizeram detentor das vinhas;
Mas, minha própria vinha não mantive!
7 Diga-me, você a quem minha alma ama,
onde você está passando seu rebanho,
onde você consegue se deitar ao meio dia;
por que eu deveria ser como aquele que vagueia
Ao lado dos rebanhos de seus companheiros?
8 Se você não sabe,
O mais justo entre as mulheres,
siga as trilhas do rebanho,
e pastoreie seus filhos

ao lado das tendas dos pastores.

A donzela diz às mulheres do harém por que ela está tão escura. Muito sombrio, literalmente, implica enxada. A impressão é que a sua pele ficou excessivamente enegrecida pela exposição ao sol e ao vento enquanto vigiava as vinhas.

Não se pode deixar de admirar o espírito da donzela que simplesmente declara sem altivez que ela pode ficar escura, muito assim, mas ainda adorável. Ela aceita o fato de que sua justiça não é igual à das filhas de Jerusalém, que estavam protegidas dos elementos.

Ela compara sua pele com tendas de Kedar e cortinas de Salomão. Os kedaritas eram uma tribo nómada do deserto ligada aos ismaelitas (cf. Gn 25: 12-18 , Isaías 42:11 ; 60: 7 , Jeremias 49: 29-32). Eles eram conhecidos por suas tendas tecidas dos cabelos da cabra preta. Assim, o símile é mais aparente. Segunda Crônicas 2: 3-16 contém uma descrição dos tecidos ricos e humos a serem usados no Templo e 3:14 especifica a cortina acabada. Percebevelmente as cores estão escuras. Seria bom tomar a primeira das frases paralelas, "tendas de Kedar", como referência à cor facial e a segunda, "cortinas de Salomão", como alusão à textura da carne.

Mesmo em seu infortúnio, a donzela não deseja ser vista pelas mulheres do harém com solicitude (v. 6). Seus irmãos estavam com fúria justificada e a tinham banido para as vinhas porque não guardava sua própria vinha. Isso se torna um versículo chave na compreensão da Canção de Salomão. Wrath, por parte dos irmãos, foi incorrida por não ter protegido sua castidade. Ela se entregou ao amante do pastor.

Por este ato erroneo, ela trouxe descrença sobre si mesma, danificou a imagem da família, quebrou a ética de Israel e impediu severamente as possibilidades de um contrato de casamento lucrativo. Não era de admirar que os irmãos ficassem irritados!

A redação de vv. 7-8 pode ser levado a implicar que tudo não estava bem com os amantes e que a donzela relatou uma disputa de amantes. A dificuldade básica em compreender esses versículos é a frase como aquele que vagueia. Embora a Septuaginta, a Síria, a Vulgata e a RSV sejam lidas, a palavra em hebraico significa literalmente "como uma coberta ou velada". O hábito, em certos casos, está relacionado à prática da prostituição (ver Gn 38: 14-19).

Há evidências de que a família da donzela se esforçou para manter os amantes separados e que apenas reuniões clandestinas poderiam ser organizadas. Se ela perguntou de um grupo de pastor para outro para a localização de seu amado, ela não só atrairia atenção indesejada, mas arriscaria ser marcada por fofocas como "uma coberta ou velada", ou seja, uma prostituta. O amante resolve o problema dizendo a ela para posa como uma pastora (v. 8). Ele instrui ela a seguir as trilhas dos rebanhos para o acampamento do pastor e lá o encontrará. Se ela trouxer um bando com ela, então ela parecerá inocentemente a todos os olhos como simples pastora.

3. A Memória das Palavras e dos Atos do Amor (1: 9-2: 5)

A donzela lembra duas reuniões específicas com seu amante: uma em um vale glaciar e outra em uma vinha.

(1) O encontro em um vale arborizado (1: 9-17)

9 Eu comparo você, meu amor,
para uma égua dos carros do faraó.
10 Suas bochechas são bonitas com ornamentos,
seu pescoço com cordas de jóias.
11 Vamos fazer você ornamentos de ouro,
tachado de prata.
12 Enquanto o rei estava no sofá,
meu nard deu sua fragrância.
13 Meu amado é para mim uma bolsa de mirra,
que fica entre meus seios.
14 Meu amado é para mim um conjunto de flores de henna
nas vinhas de Engedi.
15 Eis que és lindo, meu amor;
eis que você é linda; seus olhos são palomas.
16 Eis que você é linda, minha amada,
verdadeiramente adorável.
Nosso sofá é verde;
17 os feixes de nossa casa são cedros,
nossas vigas são pinheiros.

O termo meu amor é usado apenas uma vez fora do Canção de Salomão (Judg. 11:37), onde é traduzido "meus companheiros". Significa literalmente "meu amigo". A comparação não é entre a mulher e a égua. É entre as ornamentos ornamentados do arnês embellished do cavalo-carruagem de um rei e os adornos da donzela.

A donzela descreve seu amante quando se encontram em um retiro isolado (v. 12-14). O significado desses versículos depende em grande parte da interpretação dada à frase inicial enquanto o rei estava no sofá. Conforme observado anteriormente (ver 1: 4), o "rei" pode ser considerado como um sinônimo para o pastor ou como uma referência literal a Salomão. O último parece ser o mais apropriado e pode inferir que a donzela de alguma forma efetuou reuniões secretas com seu amante depois de entrar no harém.

O sofá é um sofá de jantar em que se reclina enquanto come. Pode sugerir que, enquanto o monarca se debruçava no sofá da sala de jantar, ela estava com um cuja companhia era preferida à do monarca.

Em termos comparativos, o amante é descrito (vv. 13-14). O termo amado pode ser rastreado em seu uso para uma apelação precoce de carinho para o deus da fertilidade. Ao traçar uma metáfora, a proximidade do amante com o amado é revelada (v.13). Ele estava tão perto dela como um saquinho de mirra que se encontrava no seu peito. A mirra foi uma resina de goma sangrada de certos arbustos indianos e árabes (ver Gênesis 37:25 ; Salmo 45: 8 ; Provérbios 7:17). As mulheres envolveriam um

pouco da resina pungente em um pedaço de pano, prenda um cordão, colocá-lo sobre o pescoço e soltar o saquinho no corpete da sua roupa.

Uma segunda comparação é a flores de henna. Uma flor extremamente branca perfumada a amarelo pastel com cachos de flores é produzida pela planta de henna. É bastante comum no Próximo Oriente e é cultivada em jardins na Planície Costeira e no Vale do Jordão.

En-gedi (primavera do filho) é um oásis exuberante abaixo de um planalto com vista para o Mar Morto ao norte de Masada. Sua beleza e vegetação é o dom de uma fonte de montanha de fluxo fenomenal.

Em vv. 15-16 o amante responde e fala da beleza da donzela. Embora a palavra hebraica *Rayati* , traduzida meu amor, possa ser "esposa" ou "companheira", não é conveniente fazê-lo neste contexto. O significado raiz da palavra é associar, e uma tradução preferível pode ser "meu companheiro".

Igualmente impressionante para a metáfora da v. 13 é a da v. 15, onde os olhos da donzela são comparados às pombas. A implicação poderia ser um par de pombas que significassem os olhos perfeitamente combinados. Uma alternativa seria interpretar a analogia como alusão ao suave sombreamento delicado e brilho dos olhos que irradiava ternura (ver 4: 1).

Em seguida, é o lugar de encontro dos amantes (v. 16-17). Em linguagem simbólica, um santuário arborizado é detalhado. Seu sofá de verde era um tapete de grama. As vigas de cedro e as vigas de pinheiros eram os troncos e os membros de cedro e abeto espalhados e protegidos que os encerravam como o telhado e as paredes de uma casa.

(2) A reunião em uma vinha (2: 1-5)

1 Eu sou uma rosa de Sharon,
um lírio dos vales.
2 Como um lírio entre as arvores,
assim é meu amor entre donzelas.
3 Como uma macieira entre as árvores da madeira
assim como meu amado entre os jovens.
Com grande prazer, sentei-me à sombra dele,
e seu fruto era doce a meu gosto.
4 Ele me levou para a casa de banquete,
e sua bandeira sobre mim era amor.
5 Sustente-me com passas,
me atualize com maçãs;
porque estou doente de amor.

A donzela lembra outro encontro com seu amante, mas em palavras mais íntimas. Sem falsa modéstia, ela se descreve como uma rosa de Sharon **, um** lírio dos vales. Esta

avaliação deve ser tomada em contraste com a descrição a seguir de seu amado (2: 3). Eu sou apenas uma flor selvagem que a donzela está dizendo; Por outro lado, meu amante é verdadeiramente magnífico.

A rosa é o açafrão selvagem que floresce na primavera ou no outono dependendo da espécie. Na planície de Sharon, que se estende de Joppa ao sul do Monte Carmelo, o açafrão floresce profusamente. As áreas elevadas da planície são coroadas com carvalhos e as praias exuberantes com vegetação. Lily dos vales pode se referir a qualquer espécie de flor selvagem que tenha a aparência de um lírio.

O pastor responde à avaliação de si mesma de si mesma (v. 2). A beleza de sua amada é incomparável, e apenas os contrastes mais marcantes são suficientes para descrever sua aparência. Ele não permitirá que ela se rebaixe subestimando sua beleza, em comparação com outras mulheres, ela é uma flor encantadora entre as ásperas esquisitas e espinhosas.

A donzela responde falando sobre a superioridade de seu amante sobre os outros homens e a alegria de ser amado por ele (v. 3-4). Como ele a comparou com um lírio entre espinhos, ela o compara com uma árvore de maçã em uma área arborizada (2: 3). Há alguma dúvida sobre a Apple (Heb \. , *Tappuach*). Pode aludir ao damasco de maçã ou marmelo (ver Joel 1:12 , Prov. 25:11). Se for a maçã verdadeira, o símile seria menos que impressionante. Esta árvore estava quase ausente nos antigos tempos bíblicos e produziu frutas extremamente pobres. No Antigo Testamento, especialmente no Cântico de Salomão, a macieira é caracterizada como uma que dá sombra, produz frutos doces e nutritivos, proporciona frescura ao respire e dá frutos de cor dourada (ver 7: 8 ; Prov. 25:11).

A donzela assim vê seu amante como uma árvore exuberante e frutífera entre as árvores sem brilho (ou seja, homens) da floresta. A diferença é aparente! A donzela afirma que o seu maior prazer é estar sob o abraço protetor do pastor e participar do fruto do seu amor.

O seu lugar de encontro era uma *casa de banquete, uma* melhor "casa do vinho" traduzida. Isso não implica necessariamente um lugar de banquete público e folhagem. Poderia ser o lugar da imprensa vitivinícola e das cubas, a casa dos vinhedos, onde os dois compartilhavam as intimidades dos amantes.

A tradução do *digelu* (banner) é mais difícil. Seria bom seguir a sugestão de Gordis e traduzir esta palavra como "olhar" ou "olhar", lendo assim "e seu olhar sobre mim era amoroso".

A lembrança e a relação desses eventos era muito tributária para a donzela. A memória trouxe ao clímax agudo a tensão emocional da separação. Ela apela às mulheres do harém para trazer comida (v. 5). Evidentemente, a donzela doente de amor, durante o período de separação, não tinha devidamente comido. Uma vez que voltou os passos da jornada do amor, ela foi drenada de toda energia e languida.

Importante para a dieta básica foram passas e referências freqüentes são encontradas para este alimento (ver 1 Sam. 25:18 ; 30:12 ; 2 Sam. 6:19 ; Hos. 3: 1). O ASV traduz

isso como "bolos de passas", o que transmite um significado mais literal. As pasas foram secas e pressionadas em empanadas e depois secas ao sol.

Os dois verbos sustentam e atualizam compartilham um significado básico comum que é suportar, sustentar ou arrasar. Assim, a donzela implora as mulheres para trazer comida porque o trauma emocional drenou todas as reservas corporais.

4. O Lamento (2: 6-7)

> *6 O que sua mão esquerda estava debaixo da minha cabeça,*
> *e que a mão direita me abraçou!*
> *7 Eu te ajudo, ó filhas de Jerusalém,*
> *pelas gazelas ou pelos galhos do campo,*
> *que você não agita nem desperte amor*
> *até que seja por favor.*

Das profundezas emocionais da donzela, há um lamento desconsolado. A voz de arrependimento é tocante (2: 6). Este apelo da donzela é lançado em imagens fortes. A frase sob minha cabeça pode ser melhorada "berço minha cabeça" porque a palavra em hebraico significa literalmente circundar.

A declaração de arrependimento (v. 7) é o primeiro de quatro vezes o refrão idêntico é expresso pela donzela (ver 3: 5 ; 5: 8 ; 8: 3). Com cada uso há uma ruptura definitiva de humor e movimento. Duas vezes segue a frase O que a mão esquerda estava debaixo da minha cabeça, e que a mão direita me abraçou! (2: 7 ; 8: 3). Em cada caso, o contexto anterior aborda o forte desejo físico e o sofrimento emocional desordenado devido à separação.

O que, então, implica o conselho da donzela das filhas de Jerusalém? Ela está afirmando que não se deve forçar o amor que só pode ser gratificante no devido período? Ela está insinuando o amor veio prematuramente? Ou ela quer dizer que o amor ilícito é autodestructivo, pré-condicionado ao fracasso?

Neste ponto, a questão ética do livro é encarregada. O amor, independentemente da sua simplicidade inerente, pureza, fidelidade e compromisso singular é condenado quando praticado fora de fronteiras sociais e religiosas aceitáveis. Torna-se uma afronta às normas admissíveis, e as pressões das instituições estabelecidas transformarão seus sonhos em poeira. Sage conselho é oferecido às filhas de Jerusalém. É uma loucura despertar as sombras adormecidas dos desejos físicos e psicológicos pelo amor e esperar uma gratificação significativa até que estes possam ser trazidos dentro dos limites de padrões éticos aceitáveis.

O substantivo hebraico para o amor (*ahab*) basicamente significa o amor humano para o objeto humano (v. 7). Pode ou não ter a conotação do amor físico. Contextualmente, esta passagem, como a de Provérbios 7: 10-20 , exige uma interpretação de *ahab* no sentido do amor sexual.

III. A Segunda Declaração de arrependimento (2: 8-3: 5)

A donzela continua a história de seu caso de amor. Ela fala do amante que a procura na primavera do ano e de sua busca por ele na noite.

1. O Amante Convoca a Donzela (2: 8-17)

8 A voz do meu bem-amado!
Eis que ele vem
pulando sobre as montanhas,
saltando sobre as colinas.
9 Meu amado é como uma gazela,
ou um jovem veado.
Eis que ele está
atrás da nossa parede,
olhando para as janelas,
olhando através da rede.
10 Meu amado fala e me diz:
"Levante-se, meu amor, meu justo,
e venha embora;
11 para Io, o inverno é passado,
A chuva acabou e se foi.
12 As flores aparecem na terra,
chegou a hora de cantar,
e a voz da tartaruga
é ouvido em nossa terra.
13 A figueira apresenta seus figos,
e as videiras estão em flor;
eles dão uma fragrância.
Levante-se, meu amor, meu justo,
e venha embora.
14 Ó minha pomba, nas fendas da rocha,
no encoberto do penhasco,
deixe-me ver seu rosto,
Deixe-me ouvir sua voz,
pois sua voz é doce,
e seu rosto é divertido.
15 Nos pegue as raposas,
as pequenas raposas
que estragam as vinhas,
pois nossas vinhas estão em flor ".
16 Meu amado é meu e eu sou dele,

Ele coloca seu rebanho entre os lírios.
17 Até o dia respirar
e as sombras fogem,
vire, meu amado, seja como uma gazela,
ou um jovem veado em montanhas acidentadas.

Com o passar do tempo incerto, a primavera proporcionou aos amantes uma fuga do escrutínio público. O clima severo e as injunções familiares proibidas os separaram. A redação indica que a donzela foi restrita à casa (v. 14). O pastor ansiava ver seu rosto e ouvir sua voz. Assim, ele a convida a se juntar secretamente a ele nos campos.

A consciência intensificada faz com que a donzela perceba a aproximação de seu amante (vv. 8-9). Ela descreve seus movimentos como os de uma gazela ou jovem veado, com certeza, coberto de terras tortuosas. Nenhum obstáculo frustrou sua vinda.

O verso 9 descreve o sigilo e os hábitos de alimentação da gazela. No início da manhã ou no final da noite durante a primavera, esses animais são irresistivelmente atraídos para os rebentos macios dos cultivos dos fazendeiros. Barreiras sobre campos e jardins são puladas pelas gazelas para que elas possam forragear. Assim, o amante como um jovem veado ou gazela com agilidade, rapidez e sigilo aproximou-se da casa buscando o seu amado.

O pastor implora a donzela para se juntar a ele nos campos. A estação precisa é detalhada (v. 11). As chuvas de inverno no final da Palestina em março e a temporada de crescimento começam. Entre abril e outubro, a terra é banhada por um sol brilhante e canopied com céus azuis, praticamente sem nuvens.

Mudanças radicais ocorrem na paisagem (v. 12). Ladras e vales erram em deslumbrantes mostras de cor. Flores selvagens como açafrão, calêndula amarela, papoula, lua-margaridas, phlox e lírios tapam a terra úmida. Oleander e henna explodiram em flor ao longo de córregos e ao lado de molas. Enquanto as flores dão cor e fragrância, a quietude é quebrada por chamadas de pássaros canção. A pomba (v. 12) foi um prenúncio da primavera (Jeremias 8: 7), e sua canção é referida nas Escrituras (Lv 12: 6 ; Isaías 38:14 ; 59:11 ; Ezequ . 7 : 16 ; Ná 2: 7). Turtledove é de um verbo que significa ir, arredondar, procurar, espiar ou explorar. Isto é particularmente descritivo do vôo errático, arrojado e circular da pomba migratória que chega na Palestina em abril.

Com ênfase, o amante pede que a donzela se afaste com ele (v. 13). Fig é o figo verde que cresce a partir dos galhos antes de folhear. Coloca, no início do hebraico, a intenção de fazer spicey ou embalsamar. Embora o embalsamamento possa parecer uma tradução estranha, a implicação é clara quando se entende que embalsamar é fazer com que o cadáver spicey. Uma tradução melhor pode ser: "A figueira torna seus figos espiceiros maduros".

A donzela, clausurada na casa, era tão inacessível como um pombo empoleirado entre penhascos rochosos. A pomba (v. 14) é o pombo da rocha cujo lugar de nidificação estava entre penhascos magros ao longo de vales de montanhas precipitadas (ver Jer. 48:28 ; Ez. 7:16).

Não há mais passagem enigmática na Canção de Salomão do que v. 15 . Parece estar totalmente fora de contexto. Juízes 15: 4 ; Ezra 13: 4; e Neemias 4: 3 , no entanto, se referem à ação prejudicial dos animais, raposa ou chacal, nas vinhas. Gordis leva a significar uma referência à donzela como uma vinha e as raposas como os jovens que a perseguem. Meek, por outro lado, vê a passagem como um remanescente de um ritual primitivo de fertilidade. Se alguém equiparasse as uvas macias da videira ao amor do par e as raposas destrutivas aos inimigos de seu amor, então v. 15 pode implicar que os amantes devem resistir às forças que seriam destruidoras de seu amor.

A virgem reafirma a reciprocidade do amor e deseja a presença de seu amante (v. 16-17).

Em pontos do relato, é claro que os companheiros do harém estavam desprezando o amor das donzelas e seu amante, sutilmente insinuando que ele não seria fiel na separação (cf. 5: 9 ; 6: 1). A maiden afirma, no entanto, que tal não é o caso. Ela afirma que está passando sua ovelha (isto é, tendo em mente seus negócios e sendo fiel).

As palavras Até o dia respirar e as sombras fugir têm uma inferência pontiaguda. Na Palestina, a brisa da noite dissipa o calor do dia. Assim, a noite foi o momento em que o dia respirou (ver Gênesis 3: 8). Ele também criou sombras de alongamento, literalmente fazendo com que elas fossem alongadas ou fugissem. Este foi o tempo de reunião acostumado para os amantes, e ela ansiava por outra reunião desse tipo.

2. A Donzela procura seu amante (3: 1-4)

1 Na minha cama de noite
Busquei aquele a quem minha alma ama;
Busquei-o, mas não o encontrei;
Liguei para ele, mas ele não respondeu.
2 "Eu vou me levantar agora e ir sobre a cidade,
nas ruas e nos quadrados;
Buscarei aquele a quem minha alma ama ".
Eu o procurei, mas não o encontrei.
3 Os vigias me encontraram,
como eles foram na cidade.
"Você viu aquele a quem minha alma ama?"
4 Pouco passava por eles,
quando eu encontrei aquele a quem minha alma ama.
Eu o segurei e não o deixei ir
até que eu o trouxei para a casa da minha mãe,
e na câmara dela que me concebeu.

A donzela continua sua conta relatando como ela procurou a noite por seu amante. É aqui que se sente a compulsão desordenada da donzela em seu caso de amor. Esta passagem e 5: 2-7 são geralmente interpretadas como seqüências de sonhos. Embora 3: 1 se refira a sonhos noturnos suportados por uma obsessão pelo amante do pastor, eles

se tornam pesadelos. Ela procura e chama seu amante, mas não consegue encontrá-lo! Os sonhos intensificam o medo mais temido, a perda de seu amante. Irresistivelmente impulsionado por emoções instáveis, ela procura dissipar o medo ao encontrar seu amante. A suspeita de que o sonho repetitivo era um sinal de realidade levou a donzela para a noite.

A busca a levou para as ruas e praças. Os quadrados eram caminhos amplos ou espaços abertos pelos portões da cidade ou nas interseções de rua. Estes serviram como locais de reunião para conversas ou transações de negócios.

Ela perguntou aos vigias se tivessem visto a sua amada. Os vigilantes eram de duas categorias, sentinelas e guardas de parede (ver 1 Sam. 14:16 ; 2 Sam. 18:24 ; 2 Reis 9: 7 ; Jeremias 51:12). Como os quadrados e os observadores estão relacionados, pode indicar que a donzela foi às áreas do portal se perguntando se o amante dela havia deixado a cidade. A consulta da donzela aos vigias Você viu aquele a quem minha alma ama? pressupõe seu conhecimento do caso de amor. Tal caso não poderia escapar ao anúncio público!

Uma vez que o amante foi encontrado, a donzela perturbada não o deixaria ir (v. 4). Ela o conduz à sua casa e ao quarto de sua mãe.

3. A Declaração (3: 5)

5 Eu te ajudo, ó filhas de Jerusalém,
pelas gazelas ou pelos galhos do campo,
que você não agita nem desperte amor
até que seja por favor.

De novo, o trágico lamento é expresso. A repetição das mesmas palavras aumenta sua força. Sua imoderação e licença no amor criaram um trauma emocional erosivo.

IV. A Terceira Declaração de arrependimento (3: 6-5: 8)

Com uma rápida mudança de ritmo, a conta do encontro da solteira com Salomão e sua posterior remoção para o harém está relacionada.

1. A Procissão do Rei (3: 6-11)

6 O que é que vem do deserto,
como uma coluna de fumaça,
perfumado com mirra e incenso,
com todos os pós perfumados do comerciante?
7 Eis que é a ninhada de Salomão!
Sobre isso são sessenta homens poderosos
dos poderosos de Israel,
8 todos com espadas
e especialista em guerra,
cada um com sua espada na coxa,

contra alarmes de noite.
9 O rei Salomão fez-se um palanquin
da madeira do Líbano.
10 Ele fez suas postagens de prata,
Sua parte de ouro, seu lugar de púrpura;
foi amorosamente forjado dentro
pelas filhas de Jerusalém.
11 Sair, ó filhas de Sião,
e eis o rei Salomão,
com a coroa com que sua mãe o coroou
no dia do casamento dele,
no dia da alegria de seu coração.

A descrição do cortejo que se move através da região selvagem, como uma coluna de fumaça é mais adequada. Áreas designadas como região selvagem são especificadas como países abertos que podem ou não conter água e pastagem. A coluna de fumaça, sem dúvida, era uma nuvem de poeira rodopiante que se elevava da cama da estrada seca, enquanto o séquito se movia.

Em preparação, o rei tinha rodoado com perfumes. Foram utilizados bálsamos líquidos e em pó. Mirra e incenso foram importados do sul da Arábia. Estes foram aplicados como um líquido, quando misturado com óleo, ou como um pó.

O transporte real é descrito em detalhes (vv. 7-10). Estava ricamente embelezada e elaboradamente forjada. Esta lixeira viajava na forma de um sofá móvel reclinado.

Uma descrição dos materiais utilizados na fabricação das ninhadas segue (vv. 9-10).

Decorações de interiores como cortinas, almofadas e cobertores foram desenhadas e executadas pelas mulheres da corte real, mais especificamente as mulheres do harém.

2. Uma descrição dos encantos da donzela (4: 1-15)

1 Eis que você é linda, meu amor,
Eis que você é linda!
Seus olhos são palomas
atrás do seu véu.
Seu cabelo é como um bando de cabras,
descendo as encostas de Gilead.
2 Seus dentes são como um bando de ovelhas decaídas
que surgiram da lavagem,
todos os quais têm gêmeos,
e nenhum deles está enlutado.
3 Seus lábios são como um fio escarlate,

e sua boca é adorável.
Suas bochechas são como metades de uma romã
atrás do seu véu.
4 Seu pescoço é como a torre de Davi,
construído para um arsenal,
sobre o qual pendem mil fanfarrões,
Todos eles protetores de guerreiros.
5 Seus dois seios são como dois corvos,
gêmeos de uma gazela, que se alimentam dos lírios.
6 Até o dia respirar
e as sombras fogem,
Eu irei até a montanha da mirra
e a colina do incenso.
7 Você é todo justo, meu amor;
não há falha em você.
8 Venha comigo do Líbano, minha noiva;
venha comigo do Líbano.
Saia do pico de Amana,
do pico de Senir e Hermon,
das covas de leões,
das montanhas dos leopardos.
9 Você violou meu coração, minha irmã, minha noiva,
você arrebatou meu coração com um olhar de seus olhos,
com uma jóia do seu colar.
10 Quão doce é o seu amor, minha irmã, minha noiva!
quanto melhor é o seu amor do que o vinho,
e a fragrância de seus óleos do que qualquer tempero!
11 Seus labios destilam néctar, minha noiva;
O mel e o leite estão debaixo da sua língua;
o cheiro de suas roupas é como o aroma do Líbano.
12 Um jardim trancado é minha irmã, minha noiva,
um jardim trancado, uma fonte selada.
13 Seus rebentos são um pomar de romãs
com todas as frutas mais elegantes,
henna com nard,
14 nard e açafrão, calamus e canela,
com todas as árvores de incenso,
mirra e aloés,

com todos os principais especiarias -
15 uma fonte de jardim, um poço de água viva,
e (fluxos baixos do Líbano.

A visão da vista era a beleza requintada do rosto da virgem (v. 1-3). Os olhos lustrosos são comparados às pombas e aos trilhos que fluem para bandos de cabras movendo-se em formação ondulante nas encostas de Gilead.

Os dentes de neve da donzela reforçaram a beleza. Eles são comparados às ovelhas recém-lavadas antes de cortar. Além disso, eles são perfeitamente combinados, cada um é o duplicado exato do outro sendo um gêmeo, e nenhum deles está faltando, ou seja, enlutado.

Atenção é dada aos lábios da donzela. A primeira metade do v. 3 é bastante clara, enquanto a segunda metade é bastante confusa. Suas bochechas . . . Como as metades de uma romã podem ser mais claras por uma tradução diferente. "Cheek" tem um significado básico de clivagem, divisão ou fatia de *palach* (para *clave*). A palavra significado e o paralelismo poético neste verso permitiriam uma tradução alternativa: "Sua clivagem (ie, os lábios) são como metades de uma romã". A fruta de romã possui uma polpa avermelhada interna cheia de sementes vermelhas brilhantes. Assim, os lábios não eram apenas como um fio escarlate, mas como uma "separação de romã"

O pescoço da donzela é descrito como uma torre de citadela. Como a torre *de* David é considerada no texto Masoretic e na Septuaginta como um nome próprio, pode indicar um marco bem conhecido. O significado exato está perdido para a erudição moderna. A torre embelezou com mil. . . escudos é um símile preciso que denotou o colar de discos metálicos que adornavam o pescoço majestoso (1 Reis 10:16, 17).

Os seios da donzela foram perfeitamente proporcionados (v. 5) e nomes simbólicos dados (v. 6). A comparação com a mirra e o incenso, os dois mais importantes iniqüidades do dia, é compreensível.

A importação de toda a seção é que o amante espera alcançar a união com a donzela (ou seja, eu vou me obrigar a ...). À medida que a passagem termina, o pastor afirma que o seu amado não tem defeito; ela é o epítome da perfeição física (v. 7).

Novamente, o pastor exorta a donzela a se juntar a ele (v. 8). Este versículo pode ser interpretado do ponto de vista do simbolismo poético e das imagens. A alusão não é o Líbano literal, Amana, Senir ou Hermon. Estes, mas simbolizam a reclusão. A donzela foi interrompida, remissão para casa ou harém. Quando o amante anteriormente chamou a donzela (2:10 ss.) Ele falou dela como inacessível (2:14). Leões e leopardos podem, portanto, referir-se a predadores humanos ou destruidores, aqueles que os separariam. A implicação poderia, portanto, ser que o tribunal de Salomão ou a família da donzela eram animais de presa!

Com um zelo renovado, o pastor invoca seu caso para a virgem (vv 9-15). Ela o cativou totalmente com um único olhar (v. 9). O humor intensivo da frase violou meu coração é significativo. Uma vez que o coração em hebraico significa homem interior,

mente ou vontade, isso poderia implicar que, por um olhar, a donzela o privara de razão. Ela o despojou da mente ou da vontade!

Um armazém de doçura é a donzela do amante (vv. 10-11). Mais uma vez, o amor físico da menina é comparado ao vinho (ver comentário em 1: 2) e comparado a unguentos preciosos. Seus beijos eram mais doces, o gato escorria do pente e suas roupas emitiam a fragrância de cedro, Chipre e ervas selvagens (v. 11).

O corpo da virgem é retratado como um jardim deliciosamente frutífero e ainda bem defendido. um jardim trancado **, ... uma** fonte selada. Os jardins eram parcelas protegidas por sebes ou paredes. Esses recintos foram utilizados para cultivar vegetais, ou como retiros agradáveis onde flores, arbustos, árvores e videiras cresciam. Freqüentemente eles continham uma piscina para se banhar (ver Deuteronômio 11:10 ; Neh. 3:15 ; Ester 7: 7-8 ; Jer. 39: 4).

A imagem da fonte selada é tirada de um costume antigo, o de cobrir uma fonte de água para evitar que os intrusos usem ou despoquem seu conteúdo (2 Reis 20:20). A implicação é clara. A donzela se entregou apenas a seu amante. Seu jardim (isto é, seu corpo) foi proibido a todos os outros que possam tentar invadir.

São oferecidos louvores à donzela que, como um jardim delicioso, produz frutos exquisitos, ervas exóticas e especiarias de escolha (v. 13, 14). Finalmente, a donzela é epitomizada como um jardim de fertilidade ilimitada saturada de água, bem de água viva e córregos fluidos. Estas são as melhores palavras para transmitir o significado de fertilidade sem fim como os "fluxos de água" do Salmo l.

3. O Sentido Elocuente do Pastor provoca uma resposta afirmativa (4: 16-5: 1)

16 acordado, vento norte,
e venha, o vento sul!
Explodir meu jardim,
Deixe sua fragrância ser lançada no exterior.
Deixe meu amado chegar ao seu jardim,
e coma seus melhores frutos.
1 Eu venho ao meu jardim, minha irmã, minha noiva,
Eu coloco minha mirra com meu tempero,
Eu como meu favo de mel com meu mel,
Bebo meu vinho com meu leite.
Coma, ó amigos e beba:
Beba profundamente, ó amantes!

A passagem anterior representava a menina como um jardim de especiarias escolhido. Este tema é apanhado pela donzela que espera que a doçura de suas especiarias seja levada para o amante dela. Ela deseja que ele seja seduzido para vir e apreciar os frutos de seu jardim (v. 15). O pastor reage ao visitar o jardim onde ele reúne seus frutos mais doces (v. 16). Este convite e resposta relacionam ainda outro encontro clandestino entre os amantes.

4. A donzela procura seu amante (5: 2-7)

[2] Eu dormi, mas meu coração estava acordado.
Hark! meu amado está batendo.
"Abra para mim, minha irmã, meu amor,
minha pomba, minha perfeita;
pois minha cabeça está molhada com orvalho,
meus bloqueios com as gotas da noite ".
[3] Eu tinha afugentado minha roupa,
Como eu poderia colocar isso?
Eu tinha banhado meus pés,
Como eu poderia sujar-los?
[4] Meu amado colocou a mão no trinco,
e meu coração estava emocionado dentro de mim.
[5] Eu me levantei para abrir minha amada,
e minhas mãos pingaram com mirra,
meus dedos com mirra líquida,
sobre as alças do parafuso.
[6] Eu abri para o meu amado,
mas meu amado se virou e se foi.
Minha alma falhou comigo quando falou.
Busquei-o, mas não o encontrei;
Liguei para ele, mas ele não respondeu.
[7] Os vigias me encontraram,
enquanto andavam na cidade;
eles me bateram, eles me feriram,
eles tiraram meu manto,
aqueles vigias das paredes.

Como em uma ocasião anterior (3: 1-4), a donzela procurou seu amante de noite. Vainly ela tentou dormir. Devido aos pensamentos de amor, ela entrou e saiu da consciência.

A donzela, ao descrever este episódio, disse, eu dormi, mas meu coração estava acordado. Adormecido, mas não está dormindo! (5: 2). Portanto, esse não era um estado de sonho, em vez disso, uma descida de um lado para o outro na fronteira da plena consciência.

Quando o amante chegou à sua porta, seu cabelo estava úmido de orvalho. . . gotas da noite. Durante a última metade da noite na Palestina, os ferros de verão intensos ocorrem. Frequentemente, tais névoas matinais são de volume suficiente para serem acumuladas em covas e usadas para irrigação de culturas. A inferência é que o amante veio às primeiras horas da manhã.

Quando o amante chegou, a donzela já havia abandonado a roupa. Literalmente, a donzela preparou-se para a cama (Gênesis 9:23 ; Êm 22:26 ; Deuteronômio 24:13 ; Jó 22: 6). Pode-se supor que durante a estação quente um dormiu desnudado usando uma peça de vestuário usada por dia como uma cobertura. A roupa implica uma mudança de linho leve.

Sua amada tentou abrir a porta - colocou a mão no trinco. As portas tiveram uma abertura através da qual a mão foi inserida do lado de fora para libertar a captura. Dispositivos especiais na forma de pinos ou barras foram encaixados nas travas à noite para evitar intrusões. Assim, a entrada só poderia ser obtida com a ajuda do ocupante.

Quando isso aconteceu, o coração da donzela ficou emocionado. Coração (*meyeh*) indica partes internas ou vísceras abdominais, como estômago, intestino, fígado e rins. Estes foram considerados o lugar das emoções. Emocionado significa estar em comoção, mexer, estar no tumulto. Essas palavras revelam as emoções tumultuadas da donzela quando ela percebeu que seu amante havia chegado.

A ausência de seu amante, quando abriu a porta para admitir, impeliu a donzela a correr para as ruas. Na ocasião anterior, os vigias não tomaram nenhuma ação contra ela (3: 3). Desta vez, no entanto, ela foi abusada pelos guardas (v. 7). Esse tratamento pode ter sido ocasionado pela perturbação resultante da solteira vagando pelas ruas chamando seu amante. Por outro lado, os vigias podem ter agido com base em edital de família ou palácio. Seja qual for a causa, o episódio foi trágico. Para este estado triste, a donzela foi trazida por seu amor irrestrito.

5. A Declaração (5: 8)

> [8] *Eu te ajudo, ó filhas de Jerusalém,*
> *se você encontrar meu amado,*
> *que você diga a ele*
> *Estou doente de amor.*

A donzela, depois de relatar a tentativa abortiva de encontrar seu amante, pede ajuda a seus companheiros. Se o encontrarem, ele deve ser informado de que está doente de amor. Doente denota neste caso uma condição intensa. Basicamente, a palavra significa ser fraca ou doente. A força da palavra aqui é importante para entender a condição da donzela. Ela languidece como alguém que perdeu força, vitalidade e vontade devido ao luto ou doença aguda. Novamente, a incapacidade da donzela de controlar seu envolvimento emocional é atestada com força.

V. A Quarta Declaração de arrependimento (5: 9-8: 4)

1. A Defesa da Donzela do Amante (5: 9-6: 3)

Quando os companheiros começam a enquadrar as perguntas satíricas, derrubando não só o pastor, mas a donzela, ela defende seu amante (v. 9). Ela constrói uma imagem sobre outra e conclui suas desculpas com uma soma clássica (vv. 10-16).

(1) Os encantos do amante são descritos (5: 9-16)

9 O que é seu amado mais do que outro amado,
O mais justo entre as mulheres?
Qual é o seu amado mais do que outro amado,
para que você nos ajude?
10 Meu amado é todo radiante e corado,
Distinguido entre dez mil.
11 Sua cabeça é o melhor ouro;
suas fechaduras são onduladas,
preto como um corvo.
12 Seus olhos são como pombas
ao lado de fontes de água,
banhado em leite,
ajustado
13 Suas bochechas são como camas de especiarias,
produzindo fragrância.
Seus lábios são lírios,
destilando a mirra líquida.
14 Seus braços são arredondados de ouro,
conjunto com jóias.
Seu corpo é trabalho de marfim,
incrustado com safiras.
15 Suas pernas são colunas de alabastro,
colocado sobre bases de ouro.
Sua aparência é como o Líbano,
escolha como cedros.
16 Seu discurso é mais doce,
e ele é completamente desejável.
Este é meu amado e este é meu amigo,
Ó filhas de Jerusalém.

Na v. 10, ela dá uma avaliação abrangente descrevendo o pastor como radiante e corado, aquele que seria imediatamente separado por sua aparência se ele estivesse entre dez mil. O termo radiante significa deslumbrante, brilhante ou claro. É usado como descritivo do calor (Isaías 18: 4) e do vento (Jeremias 4:11). Certamente isso não se aplica a uma característica física. Em vez disso, implica uma personalidade extremamente brilhante, literalmente radiante. Pode-se obter alguma ajuda de Lamentations 4: 7 , que usa imagens semelhantes. Em ambos os casos, as referências podem ser de caráter.

Sua cabeça é descrita como o melhor ouro, o brilho dourado do pescoço e tecido facial, e seus olhos com íris cercados de branco claro estavam perfeitamente espaçados. Sua

boca é retratada como um dispensador de especiarias e mirra (ver comentário em 3: 3). A comparação dos lábios com os lírios não se refere à cor, mas à flor do lírio aberto que dispensa seu néctar às abelhas. O verso inteiro faz referência à doçura dos beijos do pastor.

A imagem descritiva utilizada para detalhar os braços, o corpo e as pernas do pastor raramente é superada na literatura bíblica. Para a donzela, ele é tão comandante e majestoso, que o compara com o monte Hermon, a montanha mais proeminente e detonante do litoral palestino (v. 15). Não só o amante dela era o caráter e o físico impressionante, mas ele exercia a linguagem do amor com doçura eloqüente (v. 16). Assim, a donzela informa às mulheres que ele é absolutamente desejável.

(2) A Asserção de fidelidade mútua (6: 1-3)

1 Para onde o seu amado foi,
O mais justo entre as mulheres?
Para onde o seu amado se virou,
para que possamos buscá-lo com você?
2 Meu amado foi ao seu jardim,
para as camas de especiarias,
para passar seu rebanho nos jardins,
e para reunir lírios.
3 Eu sou amado e meu amado é meu;
Ele coloca seu rebanho entre os lírios.

Cortando as mulheres do harém provocam a donzela apaixonada. Com sinceridade simulada, eles inferem que, uma vez que agora conhecem o extraordinário patrimônio do pastor, ajudarão pessoalmente a donzela a encontrá-lo (v. 1). A réplica da virgem é uma afirmação de confiança. Ela tem a certeza da fidelidade de seu amante para ela, como é para ele (v. 3o). Na verdade, ela está dizendo às donzelas que não lhe servirá de bom se você o encontrar: ele é meu e eu sou dele.

As duas frases passam seu rebanho nos jardins e juntam lírios (v. 2b , 3b) não têm qualquer significado, a não ser que sejam tomadas com a frase *ao seu jardim.* Uma vez que eles são tão entendidos, é evidente que as imagens implicam gratificação sexual (ver comentário 4: 12-15).

2. A segunda descrição dos encantos da donzela (6: 4-10)

4 Você é linda como Tirzah, meu amor,
agradável como Jerusalém,
terrível como um exército com bandeiras.
5 Afaste seus olhos de mim,
porque eles me perturbam -
Seu cabelo é como um bando de cabras,
descendo as encostas de Gilead.

6 Seus dentes são como um rebanho de ovelhas,
que surgiram da lavagem,
Todos eles têm gêmeos,
nenhum deles está enlutado.
7 Suas bochechas são como metades de uma romã
atrás do seu véu.
8 Há sessenta rainhas e oitenta concubinas,
e donzelas sem número.
9 Minha pomba, minha perfeita, é apenas uma,
o querido de sua mãe,
impecável para ela que a aborrecia.
As donzelas a viram e a chamaram de feliz;
As rainhas e as concubinas também, e eles a elogiaram.
10 "Quem é isso que parece como o amanhecer,
justo como a lua, brilhante como o sol,
terrível como um exército com bandeiras? "

Como a donzela é singularmente adorável para o pastor, ele a compara a Tirzah e Jerusalém (v. 4). O nome próprio de Tirzah significa prazer ou prazer (ver 1 Reis 15:21 ; 16: 6 , 8-9 , 15 , 17 , 23). Jerusalém, de acordo com Lamentações 2:15 , foi vista pelo antigo Israel como o epítome da beleza. Assim, a donzela é comparada em beleza com as mais belas cidades. A última frase terrível como um exército com bandeiras torna-se mais uma vez mais inteligível se traduzido "inspirador como essas ótimas vistas" (Gordis, *citação local).*

O restante da passagem é uma repetição de 4: 1-3 .

A beleza total de todo o harém é eclipsada pela da donzela obscura (v. 8-10). São indicadas três classificações de harém: rainhas, concubinas e donzelas. Os reis eram aqueles aliados aos tronos através de casamentos reais geralmente como resultado de alianças políticas, militares ou econômicas. As concubinas eram escravas compradas, negociadas, tomadas como cativas de guerra ou, em certos casos, contavam como bens móveis no pagamento de dívidas. Certas concubinas alcançaram alta estação, especialmente se eles aborreciam os filhos do sexo masculino para seus mestres (Gênesis 21:10 ; Ex. 23:12). Maidens eram atendentes pessoais de rainhas que foram trazidas ao harém por suas amantes. Estes também eram o domínio do rei.

Embora o rei possuísse um harém ilimitado, o único perfeito,. . . impecável foi o amado do pastor (v. 9). Ela era verdadeiramente única e do útero de sua mãe sem defeito. Mesmo as mulheres do palácio admitiram sua preeminência na beleza. Sua beleza era tão inspiradora quanto o amanhecer, a lua, o sol (ver comentário 6: 4 para o significado e tradução da última frase do v. 10).

3. A Donzela Impulsiva (6: 11-13)

11 Fui ao pomar da porca,

para observar as flores do vale,
para ver se as vinhas brotaram,
se as romãs estavam em flor.
12 Antes de eu estar ciente, minha fantasia me colocou
Em uma carruagem ao lado do meu principe.
13 Retorno, retorno, O Shulammite,
retorno, retorno, para que possamos olhar para você.
Por que você deveria olhar para a Shulammite ,
como em uma dança antes de dois exércitos?

A interpretação do vv. 11-13 está cheio de extrema dificuldade. Parece que a donzela na primavera do ano visitou os campos e, enquanto se juntava com outros. O pedido de retorno, retorno, O Shulammite pode indicar que ela partiu (v.12) deixando para trás aqueles com quem ela originalmente pretendia estar. Só se pode especular sobre o significado. O versículo 12 pode implicar que a virgem uniu-se impulsivamente com o rei e seu séquito deixando o amante pastor e seus companheiros. Assim, seria o grupo de pastor que implorou que ela voltasse.

A designação *Shulammite* pode indicar que a donzela era de Shulem (ou seja, uma variante de Shunem), uma aldeia na planície de Esdraelon. Este era o lar de Abishag, a mulher mais linda de seu tempo (ver 1 Reis 1: 1-4 , 15 ; 2: 17-22). Há referências adicionais em 2 Reis 4:11 , 25-26 para uma mulher *Shunammite* rica .

A frase uma dança antes de dois exércitos é traduzida como um nome próprio, "Mahanaim", no KJV e ERV. A Septuaginta lê "ela vem dançando como os campos", enquanto a Vulgata a torna "danças de campos". é um nome de local, então provavelmente se refere à cidade da Transjordânia onde Davi buscou refúgio (2 Sam. 17:24). Gênesis 32: 2 , no entanto, fornece uma base para interpretar a palavra para significar dois exércitos. Se Mahanaim é interpretado como "exércitos" ou "acampamento duplo", então o significado pode ser o seguinte. O pastor e seus companheiros pedem o retorno da donzela. Por que ela deveria dançar e ser vista pela companhia do monarca como uma Seguidor do campo que dançava antes dos olhos lascivos das tropas?

4. A Terceira Descrição dos Encantos de Maidens (7: 1-9)

1 Quão graciosos são seus pés em sandálias,
O queenly maiden!
Suas coxas arredondadas são como jóias,
o trabalho de uma mão mestra.
2 Seu umbigo é uma tigela arredondada
que nunca carece de vinho misto.
Sua barriga é uma pilha de trigo,
cercado de lírios.
3 Seus dois peitos são como dois corvos,

gêmeos de uma gazela.
4 Seu pescoço é como uma torre de marfim.
Seus olhos são piscinas em Heshbon,
pelo portão de Bathrabbim.
Seu nariz é como uma torre do Líbano,
com vista para Damasco.
5 Sua cabeça coroa você gosta do Carmelo,
e seus bloqueios fluídos são como roxos;
um rei é preso nos tranças.
6 Quão justo e agradável você é,
Ó amada, deliciosa donzela!
7 Você é majestoso como uma palmeira,
e seus seios são como seus clusters.
8 Eu digo que vou escalar a palmeira
e segure seus galhos.
Ah, que seus seios sejam como cachos da videira,
e o aroma de sua respiração como maçãs,
9 e seus beijos gostam do melhor vinho
Isso cai suavemente,
deslizando sobre os lábios e os dentes.

Primeiro, há uma descrição dos pés e das coxas da donzela. Ela caminha com pés graciosamente arqueados em sandálias. As coxas são descritas como arredondadas (do verbo *chamah* , para girar, para girar de um lado para o outro, girar, girar, ondular). O significado aqui é curvar as coxas. Literalmente, suas coxas eram como ornamentos de metal (não jóias, que são enganosas) moldadas curvamente pelas mãos de um mestre artesão.

Uma representação da barriga é impressionante (v. 2). O umbigo pode denotar a parte inferior do abdômen, e em árabe a palavra veio a significar "parte secreta". Existem interpretações alternativas do vinho misto. Os vinhos foram misturados para alcançar mudanças sutis no gosto. Também o vinho foi atado com ervas para aumentar a potência. Outra explicação possível é encontrada no Talmud. Dá uma fórmula exata para cortar a força do vinho com água: duas partes de água, uma parte de vinho. A escolha entre as duas primeiras possibilidades parece melhor. Para o pastor, seu jardim privado possuía nuances ilimitadas de prazer.

A barriga é descrita como uma pilha de trigo, cercada de lírios. O símile "pilha de trigo" pode denotar a cor da pele (ou seja, a âmbar do trigo colhido) ou a aparência física (ou seja, um montículo saliente). Qualquer aspecto, contorno ou cor, seria para a mente antiga do Oriente Próximo o epítome da atratividade feminina. Quanto ao encerramento de lírios isso implica a cobertura do mons veneris.

Mais uma vez, os seios são comparados a jubilosas gêmeas (ver comentário em 4: 5), e o pastor continua com uma descrição do pescoço, rosto e cabeça da donzela (vv. 4-5). O pescoço é comparado a uma torre de marfim. Isso pode referir-se a estruturas específicas embelezadas com incrustação de marfim (ver Salmos 45: 9 ; 1 Reis 22:39 ; Amós 3:15). Poderia ser uma imagem semelhante à de 4: 4 e inferir que seu pescoço estava adornado com jóias preciosas, uma vez que uma torre estava decorada com requintado marfim.

Seus olhos eram como piscinas em Hesbon, pelo portão de Bath-rabbim. Hesbon era uma cidade transjordaniana a oeste de Amã, que desempenhou um papel proeminente na história israelita primitiva.

O nome do portão Bath-rabbim significa literalmente "filha de multidões", o que pode indicar que este era o principal portão da cidade através do qual passavam as multidões. Os nomes dos portões da cidade geralmente estavam ligados ao propósito para o qual o portão era usado (ver 2 Reis 14:13 , 2 Crônicas 9:18 ; 2 Crônicas 23: 5 ; Neh 2: 13-15 ; Jeremias 19: 2). Pode ser que a antiga cidade de Hesbom tenha duas piscinas encantadoras portão Bath-rabbim, piscinas de beleza incomum.

A descrição do nariz como uma torre do Líbano parece um pouco ridícula, mas a metáfora implica pouco mais do que o fato de possuir um nariz prominente observado pelos semitas como verdadeiramente belo.

A cabeça da donzela era tão bem definida como o majestoso Monte Carmelo, que coroava o litoral da Palestina (ver Isaías 35: 2 , Jeremias 46:18), enquanto seus cabelos fluidos de brilho profundo eram de beleza suficiente para cativar um rei (v. 5).

A comparação do cabelo com o roxo não é uma alusão à cor. Isso parece ser uma referência ao pano roxo Tyrian produzido pelo tratamento de tecido com um tintura extraído do murex marisco das águas costeiras. O material tratado com este agente era dispendioso, muito procurado e considerado como o sumário da suntuosidade. Assim, seu cabelo fluido era tão atraente e adorável quanto o pano roxo de Tyrian.

A palavra hebraica traduzida tresses é incerta no sentido. Em Gênesis 30:38 , 41 ; Êxodo 2:16 é usado em um sentido literal e traduzido "calhas". Pode inferir que o cabelo pendia em ondas fluídas, mas profundas, como cavidades.

Contido em 7: 6-8 é uma descrição da estatura da donzela. Ela era como uma palmeira (Heb \. , *Tarnar*). Isso distingue entre as diferentes espécies de palmeiras para a palavra significa data palm. Tamar era um nome comum para as mulheres no Antigo Testamento (ver Gn 38: 6 ; 2 Samuel 13: 1 ss.). Isso implica que a figura da donzela era majestosa como a palmeira.

Como o pastor descreve assim o seu amado, de repente fala em linguagem simbólica do amor antecipado (7: 8-9). Ele ousadamente afirma suas intenções e antecipações.

5. O Convite ao Amor (7: 10-8: 2)

10 Eu sou o meu amado,

e seu desejo é para mim.

11 Venha, meu amado,
vamos para o campo,
e hospeda-se nas aldeias;
12 deixe-nos sair cedo para as vinhas,
e veja se as vinhas cresceram,
se as flores de uva se abriram
e as romãs estão em flor.
Lá vou te dar meu amor.
13 As mandrágoras dão fragrância,
e sobre nossas portas são frutas de toda escolha,
novo e velho,
que eu tenho guardado para você, ó meu amado.
1 O que você era como um irmão para mim,
Isso cuidou do peito da minha mãe!
Se eu conhecesse você lá fora, eu te beijaria,
e nenhum me desprezaria.
2 Eu o guiaria e traria você
na casa da minha mãe,
e na câmara dela que me concebeu.
Eu lhe daria vinho temperado para beber,
o suco das minhas romãs.

A donzela agora convida seu amante a receber seu amor (7: 10-13). Ela reconhece que ela pertence a seu amante e acredita que seu desejo é apenas para ela. Afirmações recorrentes tendem a indicar que a donzela teve dúvidas quanto à fidelidade de seu amante (cf. 2:16 ; 6: 3). Ela o convida a participar nos campos onde eles podem compartilhar a satisfação mútua no amor.

Desejo significa atração física, impulsionando o desejo ou anseio na relação entre os sexos. Aqui implica tal desejo pelo pastor para a donzela (v. 10). Ela o convida a hospedar-se (iluminado, para passar a noite) com ela nos campos. As *aldeias*substantivas também poderiam ser traduzidas como "henna flores" de *koper* (henna). O paralelismo poético hebraico pode ser melhor servido traduzindo a frase, "e passar a noite entre flores de henna".

Ela promete cumprir se ele se juntar a ela e fala das delícias que serão dele (vv 12-13). Os frutos novos e antigos podem implicar que ela tenha reservado para seu amante, não apenas todas as delícias anteriormente compartilhadas, mas novas delícias suportadas pelo desejo por ele.

Incluído nesta passagem no cumprimento é uma referência às mandrágoras. Em apenas um outro lugar no Antigo Testamento, esta planta é aludida (Gênesis 30: 14ss). Os antigos consideraram que ele era um poderoso afrodisíaco que estimulava o desejo sexual e o aumento da fertilidade.

A importação da proposta pesava fortemente sobre a donzela. Ela diz que a impossibilidade avassaladora da situação desejava não ser necessário exercitar tal amor fora de limites aceitáveis. Ela anseia pela remoção de todos os obstáculos à sua relação (8: 1-2).

A convenção social, religiosa e familiar, bem como a opinião pública, estavam em oposição ao seu caso de amor. Ela queria que seu amante fosse como um irmão para que eles pudessem escapar à condenação. Se ele fosse um irmão, então ela poderia abraçá-lo publicamente e levá-lo para sua própria casa. Estes versículos afirmam novamente o momento ético do livro: um caso de amor ilícito traz apenas estresse desordenado e falta de realização total.

6. A Declaração (8: 3-4)

3 O que sua mão esquerda estava debaixo da minha cabeça,
e que a mão direita dela abraçou conheceu
4 Eu te ajudo, ó filhas de Jerusalém,
que você não agita nem desperte amor até que por favor.

Apesar da oposição, a donzela anseia por seu amante e cobiça as expressões de seu amor (v. 3). Mais uma vez, o refrão assustador não agita nem desperta amor até que por favor.

VI. Os Poderes Únicos do Amor (8: 5-14)

Nesse sentido, o clímax do livro, a força total de suas implicações éticas torna-se clara. O autor mostra delicadamente, mas com força, a natureza destrutiva do amor que contorna a dimensão da moral religiosa Israelita aceitável.

1. O despertar do amor físico é recatado pela donzela (8: 5)

5 Quem é aquele que vem do deserto,
apoiando-se em seu amado?
Sob a macieira eu o despertei.
Lá, sua mãe estava trabalhando com você,
Aquele que o aborrecia estava com trabalho.

Os eventos dos 8: 5 parecem ser flashbacks ao momento em que os amantes tiveram sua experiência inicial na solidão do deserto. Este foi o advento do amor físico para a donzela.

2. O Custo do Amor da Donzela (8: 6-7)

6 Coloque-me como um selo sobre o seu coração,
como um selo sobre seu braço;
pois o amor é forte como a morte,
o ciúme é cruel como o túmulo.
Seus flashes são flashes de fogo,

uma chama mais veemente.

7 Muitas águas não podem apagar o amor,

nem as inundações podem afogar-se.

Se um homem ofereceu amor

toda a riqueza de sua casa,

seria totalmente desprezado.

O poder desordenado do amor, quando domina totalmente as emoções e se torna uma obsessão, causa estragos numa vida. Este conhecimento é passado da donzela para seus companheiros.

Toda a fidelidade do pastor é desesperadamente defendida pela donzela (v. 6). Ao entregar-se a ela, comprometeu a reputação pessoal e familiar. Ela sente o atormentante atormentamento do ciúme e sucumbe ao medo de ser abandonada. Ela tinha sido seduzida e atraída por seu próprio desejo, e uma armadilha inextricável de amor a escravizara. Não houve escapatória! Ela implora que seu amante a colocou como ... um selo. . . coração . . . sobre. . . braço. . . . Essas figuras se aplicam ao selo usado sobre o pescoço em um cordão ou no dedo na forma de um anel (ver Gn 38:18 , 25 ; Jeremias 22:24 e s.).

Este símile tem uma importação forte. A donzela deseja que o pastor indelevelmente impressione o amor por ela, de maneira vinculativa, em seu coração. Como a impressão de um selo se torna parte do vaso, tijolo ou documento, então ela deseja se tornar na vida de seu amante.

Tal amor como ela possui, afirma a solteira, é tão forte quanto a morte. Como a morte é um ponto inflexível de não retorno, o amor também é para o pastor. É selado! Ela não pode escapar! Ela ficou apaixonada por uma finalidade irresistível.

Este tema é intensificado pelas palavras ciúmes. . . cruel como o túmulo. O significado básico do verbo em hebraico, a partir do qual o ciúme é derivado é "ser vermelho com chama". O ciúme inflamado da donzela é tão consumidão como o túmulo (isto é, o Seol) e os flashes de ciúme como raios abrasadores irregulares de relâmpago (Deuteronômio 32:24 ; Jó 5: 7 ; Salmos 78:48).

Enquanto ela continua os pedidos de fidelidade, a donzela indica que tal amor não pode ser extinto e está além do preço, superando toda a riqueza (v. 7).

3. O Amor do Vale da Donzela (8: 8-10)

8 Temos uma pequena irmã,

e ela não tem seios.

O que devemos fazer para a nossa irmã,

no dia em que é falada?

9 Se ela é uma parede,

Vamos construir sobre ela uma batalha de prata;

mas se ela é uma porta,

Vamos colocá-la em placas de cedro.

10 Eu era uma parede,

e meus seios eram como torres;

então eu estava em seus olhos

como alguém que traz paz.

A donzela compartilha com as mulheres do harém sua nova compreensão sobre por que seus irmãos a tinham cuidadosamente guardado. Eles procuraram protegê-la precisamente sobre o que ocorreu. A oportunidade de um arranjo conjugal aceitável e lucrativo baseou-se no intacto da reputação e da virtude da irmã, uma vez que possuía a outra qualidade e beleza indispensáveis.

Os irmãos estavam decididos a protegê-la até ela se casar, desde que exerceu o autocontrole (vv. 8-9). E a donzela afirma que ela exerceu auto-restrição, ela era uma parede. Ela manteve por um momento sua virtude intacta, mas quando chegou a maturidade madura, com seios. . . como torres, então ela se tornou o pastor *como alguém que traz paz.* Ou seja, ela se entregou a ele.

4. O Intenção da Donzela (8: 11-12)

11 Salomão tinha uma vinha em Baalhamon;

Ele soltou a vinha para os guardas;

cada um trazia para o seu fruto mil pedaços de prata.

12 Minha vinha, minha própria, é para mim;

você, ó Salomão, pode ter os mil,

e os detentores do fruto duzentos.

Apesar de suspeitas, dúvidas, medos e todos os padrões sociais e religiosos, a solteira reafirma sua intenção de continuar o assunto.

O harém de Salomão é comparado a uma grande vinha com muitos detentores, ou seja, os eunucos que mantiveram ordem entre as mulheres do harém. Embora Salomão tenha seu harém (isto é, vinhedo) e seus lucros, sua vinha (ou seja, seu corpo) era apenas para o amante dela.

5. A Donzela Aguarda Seu Amante (8: 13-14)

13 Ó vós que habitais nos jardins,

meus companheiros estão ouvindo sua voz;

deixe-me ouvi-lo.

14 apressa-se, meu bem-amado

e seja como uma gazela

ou um jovem veado

sobre as montanhas de especiarias.

A conta termina quando começou, com o chamado do amante para a virgem (v. 13) e a resposta da virgem (v. 14), uma conclusão contundente e dramática.

Isaías

Página H. Kelley

Introdução

No livro de Isaías, encontra-se a palavra de Deus que "permanecerá eternamente" (40: 8). Ao longo dos séculos, Deus falou através dela tanto para admoestar e consolar o seu povo. O gênio de Isaías - do outro Os profetas hebreus - se debruçaram na sua capacidade de olhar de maneira realista o pecado e a rebelião de sua nação, sem, no entanto, desesperar do seu futuro. Mesmo quando ele pronunciou juízo sobre Israel, portanto, ele permaneceu firme em sua convicção de que Deus ainda levantaria um remanescente justo por meio de quem seus objetivos se cumprirão. A mensagem de julgamento e redenção do profeta é tão relevante hoje quanto no século VIII AC .

I. Isaías e a Canon

O livro de Isaías é o primeiro dos livros proféticos na Bíblia hebraica, também conhecido como o Texto Massorético. Seguem-se Jeremias, Ezequiel e os doze "profetas menores". A versão grega do Antigo Testamento, habitualmente referida como a Septuaginta, segue a mesma ordem que o Texto Massorético, exceto que coloca o livro das Lamentações entre Jeremias e Ezequiel. Isso explica o presente arranjo desses livros em versões inglesas da Bíblia.

Não é de modo algum certo que os livros proféticos sempre se destacaram nessa mesma seqüência. Evidências em contrário são encontradas nos escritos do antigo Talmud judeu. Na seção conhecida como Baba Bathra 14b, é relatado: "Nossos rabinos ensinaram: A ordem dos profetas é Josué, Juízes, Samuel, Reis, Jeremias, Ezequiel, Isaías e os Doze".

A explicação que o Talmud deu para esse arranjo foi teológica em vez de cronológica. Colocou Isaías após Jeremias e Ezequiel porque a mensagem de consolo em Isaías 40-66 formou uma sequência apropriada das profecias de julgamento e destruição nesses dois livros. Os antigos rabinos costumavam organizar materiais proféticos de tal maneira que oráculos de julgamento fossem seguidos por oráculos de redenção. Esta explicação, no entanto, dificilmente justifica a adoção da ordem do Talmud em preferência à do Texto Massorético ou da Septuaginta. O texto Masoretic tem a vantagem distinta de apresentar os "principais profetas" em sua ordem cronológica e, portanto, ser preferido.

II. A vida pessoal do Profeta

O livro traz o nome do profeta Isaías. Este nome aparece tanto como *y ᵉ sha'yahu* e, de uma forma ligeiramente abreviado, como *y ᵉ sha'yah* . Em ambos os casos, o significado é o mesmo: "O Senhor é salvação". É semelhante em origem e significado a outros nomes hebraicos como Josué, Jesus e Oséias. Outras pessoas, além do profeta Isaías foram nomeados *y ᵉ sha'yahu ou y ᵉ sha'yah* , mas este fato tem sido obscurecida por

tradutores ingleses. Desde a aparição da versão King James, apenas o profeta do século VIII foi chamado Isaiah. Todos os outros indivíduos com esse nome foram designados como Jesaías (1 Crônicas 3:21 ; 25: 3, 15 ; 26:25).

Muito pouco se sabe sobre a vida pessoal de Isaías. De acordo com 1: 1 , ele profetizou sobre Judá e Jerusalém durante os dias de Uzias (783-742 AC), Jotão (742-735), Acaz (735-715) e Ezequias (715-687). Isaías compartilhou o palco com outros três conhecidos profetas do século VIII, Amós e Oséias no reino do norte de Israel e Miquéias em Judá.

O pai de Isaías foi nomeado Amoz. Ele não deve ser confundido com o profeta Amós, no entanto, pois, embora seus nomes tenham uma semelhança impressionante na tradução inglesa, eles são escritos de maneira bem diferente em hebraico. O Talmud Babilônico lista Amoz como o irmão do Rei Amazias (cf. 2 Reis 14: 1 e s.). Esta tradição parece não ter outra base além do fato de que tanto Amoz quanto Amaziah são derivados da mesma raiz verbal.

Assume-se que Isaías nasceu em Jerusalém entre 770 e 760 AC . Se esta suposição estiver correta, ele teria entre 20 e 30 anos de idade quando ele começou seu ministério profético. Isso, obviamente, baseia-se na suposição adicional de que a visão descrita no capítulo 6 como ocorrida no ano em que o rei Uzias morreu foi, de fato, a visão inaugural de Isaías. As opiniões daqueles que discordam desta última hipótese serão discutidas no comentário.

Isaías foi casado, e sua esposa é referida como "a profetisa" (8: 3). O ofício da profetisa não era incomum no Antigo Testamento, e outros que possuíam esse título incluíam Miriam (Ex. 15:20), Deborah (Judg 4: 4), Huldah (2 Reis 22:14) e Noadiah (Neh 6:14). A maioria dos estudiosos acredita que a esposa de Isaías foi chamada de profetisa apenas porque ela estava casada com um profeta. No entanto, não é impossível que ela tenha sido uma profetisa por direito próprio, exercendo um ministério independente do de seu marido. Esta parece ser a interpretação mais natural do título que lhe foi dada em 8: 3 .

Isaías teve dois filhos a quem ele, como Oséias, deu nomes simbólicos. O primeiro foi chamado Shearjashub, que significa "um remanescente retornará" (7: 3). O segundo foi nomeado Maher-shalal-hash-baz, traduzido "as velocidades do esvaziamento, o destino da presa" (8: 3). Por causa de seus nomes simbólicos, esses dois filhos do profeta serviram de sinal para Acaz e o povo de Judá durante a crise sírio-efraimítica de 735-734 AC .

O ministério de Isaiah durou pelo menos 40 anos. Suas últimas profecias datadas provêm do reinado de Ezequias. Manas-seh, que sucedeu a Ezequias como rei de Judá em 687 AC , foi fortemente pro-assírio na sua política externa. Do ponto de vista religioso, seu reinado foi caracterizado como o pior período de apostasia na história de Judá (2 Reis 21). De acordo com uma tradição preservada em escritos judeus e cristãos primitivos, Isaiah foi cortado durante as perseguições religiosas que ocorreram durante o reinado deste rei perverso.

Depois que Ahaz rejeitou o conselho de Isaías e concluiu uma aliança com a Assíria na crise de 735-734 AC , o profeta anunciou sua retirada da vida pública. É impossível

apontar com certeza qualquer enunciado público feito por ele entre este encontro e a morte de Acaz em 715. No intervalo, Isaías parece ter reunido um grupo de discípulos sobre ele e se dedicou a suas instruções (8: 16- 20). Estamos em dívida com esses discípulos por colecionar, editar e preservar as mensagens do profeta.

III. O Histórico Histórico

1. A crise assíria

Nenhum profeta estava mais relacionado aos eventos históricos de seu tempo do que Isaías. Ele serviu como conselheiro espiritual aos reis de Judá durante a segunda metade do século VIII AC . Talvez mais do que qualquer outro profeta, ele merece ser chamado de "político de Deus". O livro de Isaías só pode ser entendido apenas quando é interpretado à luz dos acontecimentos que se passaram de meados do século VIII até o final do século VI.

Isaiah nasceu durante o reinado de Uzias (783-742 AC). O longo e próspero reinado deste rei em Judá coincidiu com o de Jeroboão II (786-746) em Israel. No início do século oitavo, Israel e Judá tinham esquecido suas rivalidades anteriores e estavam dispostos a trabalhar em conjunto para seu bem-estar e prosperidade mútuos. Um vácuo de poder temporário nos grandes reinos do norte e sul deles aliviou-os da ameaça de interferência externa. O resultado foi uma era de prosperidade e esplendor sem paralelo na história de Israel, exceto talvez durante o reinado de Salomão.

As realizações de Uzias são descritas em 2 Crônicas 26: 1-23 . É creditado com a modernização do seu exército e com a conquista dos filisteus, dos árabes e dos amonitas. Essas conquistas lhe deram controle sobre as principais rotas comerciais entre a África e a Ásia e permitiram que ele taxasse as caravanas que usavam essas rotas. Ele reconstruiu a antiga cidade de Elath, um centro para a fabricação de cobre e ferro. Ele também desenvolveu os recursos agrícolas de seu país, pois ele "amava o solo".

Parece axiomático que quando uma nação goza de prosperidade material, ela cai na decadência moral e espiritual. Judah não era exceção. Um meio século de paz e bem-estar econômico desperdiçou as pessoas para uma falsa sensação de segurança. Eles estavam trabalhando sob quatro falsas suposições: (1) que a aliança de Deus com Israel era indissolúvel; (2) que Israel estava cumprindo plenamente as obrigações de sua aliança observando o ritual de culto e sacrifício; (3) que o dia do Senhor seria um dia de triunfo para Deus e para Israel; (4) que, não importa o quão difícil os assuntos possam se tornar, Deus nunca permitiria que Jerusalém fosse capturada ou destruída. Havia - assim pensaram - um círculo mágico em torno da cidade, e seus habitantes levaram vidas encantadas.

Isaiah impugnou esses pressupostos. Ele lançou um vigoroso ataque contra os males sociais e morais que ele encontrou, falando contra a opressão dos líderes dos pobres, o aborto espontâneo da justiça, o desejo insaciável de riqueza e poder e sua total indiferença com as exigências morais e éticas de Deus. Isaías sabia que uma sociedade como Judá havia gerado já carregava dentro dela as sementes de sua própria destruição.

A última metade do século VIII foi um dos períodos mais decisivos da história bíblica. Assistiu ao surgimento do Império Assírio e à rápida queda do Reino do Norte de Israel.

A ascensão da Assíria começou com seriedade quando Tiglath-pileser III (745-727 AC), também conhecido como Pulu ou Pul, tomou o trono. Ele logo provou ser um governante extremamente vigoroso e capaz. Primeiro ele subjugou os reinos vizinhos de Babilônia e Urartu, e então voltou sua atenção para o oeste. Talvez já em 743, e certamente em 738, ele fez uma expedição de sucesso contra vários estados ocidentais, incluindo Síria, Israel, Tiro e Judá. De seus governantes, ele exigiu submissão e um tributo anual pesado. A referência a esta expedição é encontrada nos anais de Tiglath-pileser, e também em 2 Reis 15: 19-20: "Pul, o rei da Assíria, veio contra a terra; e Menahem deu a Pul mil talentos de prata, para que ele pudesse ajudá-lo a confirmar seu domínio real. ... Então o rei da Assíria voltou e não ficou ali na terra.

Sob Tiglath-pileser, o exército assírio tornou-se uma formidável força de ataque. Sua velocidade e eficiência são descritas vividamente em 5: 27-29 : "Nenhum é cansado, nenhum tropeça, / nenhum sono ou dorme, / não um tecido de cintura é solto, / não uma tanga de sandália quebrada; / suas flechas são afiadas, / todos os seus arcos curvados, / os cascos de seus cavalos parecem pederneira, e suas rodas como o turbilhão. / O seu rugido é como um leão, ou como leões jovens rugem; / eles grunhem e apanham sua presa, / eles carregam isso, e nenhum pode resgatar ".

Ao contrário dos governantes mundiais anteriores que haviam invadido a Palestina, Tiglath-Pileser não se contentava em merecer a tributação e a partida. Em vez disso, estava decidido a manter essas terras sob seu controle. O pesado tributo que ele exigiu forneceu os fundos necessários para manter seu exército e operar seu governo. Aqueles que voluntariamente se submeteram a ele receberam um tratamento relativamente suave, embora tenham sido fortemente tributados. Aqueles que resistiram foram implacavelmente esmagados. O pior destino de todos foi reservado para aqueles que primeiro juraram fidelidade e depois quebraram seu juramento e se rebelaram. Eles foram destruídos com uma fúria que a descrição dos mendigos como um aviso para outros que estavam contemplando a rebelião.

Menahem (745-738 AC) continuou a prestar tributo ao longo de seu reinado sobre Israel. Seu filho e sucessor, Pekahiah (738-737), seguiram seu exemplo, mas se encontraram com uma oposição crescente de seus súditos. Eles desejavam estar livres da pesada responsabilidade de aumentar o tributo anual. A rebelião logo estourou, liderada por Peká, filho de Remalias, um oficial do exército que imediatamente matou Pekahiah.

Uma vez no trono, Pekah organizou uma aliança anti-assíria em uma coalizão com Re-zin, rei da Síria. Naquele momento, Tiglath-pileser estava envolvido em uma campanha contra o reino de Urartu. Portanto, o tempo parecia estar pronto para tirar o jugo assírio. Pekah e Rezin imediatamente tentaram atrair Judá para sua aliança. Eles aparentemente fizeram aberturas em direção a Jotham (742-735 AC), filho e sucessor de Uzias, mas suas propostas foram rejeitadas. Jotham preferiu seguir um curso independente. Isso resultou em uma invasão de seu território, para o registro de seu reinado afirma que "naqueles dias o Senhor começou a enviar Rezin, o rei da Síria, e Peká, filho de Remalias, contra Judá" (2 Reis 15:37).

Neste momento, Jotham morreu e foi sucedido por seu filho de 20 anos, Ahaz (735-715 AC). Acaz chegou assim ao trono num momento muito crucial na história de

Judá. Pekah e Rezin decidiram invadir o país, depolem Ahaz e substituí-lo por "o filho de Tabeel" (7: 6).

Entretanto, Edom aproveitou a situação de Judá para lançar um ataque no sul, conduzindo as tropas de Ahaz de Elath (2 Reis 16: 6). De acordo com o Cronista, Acaz também foi atacado no ocidente pelos filisteus (2 Crônicas 28:18).

Não é de admirar que a ameaça de um ataque de todos os lados tenha levado o pânico a conquistar o rei e seu povo (ver 7: 2). Era talvez, neste momento, que Açaz recorresse a extrema medida de oferecer ao próprio filho uma oferta bruta (2 Reis 16: 3), com a esperança de garantir o favor e a proteção de Deus.

Isaiah recusou-se a sentir-se indignado pela ameaça de invasão. Ele viu a loucura de **j** o curso de ação tomada por Peca e Rezim. Ele aconselhou Ahaz a não ter medo desses dois "tocos fumegantes de armas de fogo" (7: 4). Deus lida com ambos no devido período de tempo. Enquanto isso, ele advertiu, Ahaz deve evitar todos os emaranhados estrangeiros e confiar firmemente em Deus. Caso contrário, seu trono não seria estabelecido (7: 9).

Acaz não conseguiu, ou pelo menos não quisesse, seguir o conselho de Isaías. Em vez disso, ele resolveu apelar diretamente para Tiglath-pileser para vir em sua ajuda (2 Reis 16: 7-9). Isaías viu isso como tolo e desnecessário. Tiglath-pileser puniria os rebeldes assim que ele fosse livre, mesmo sem a intervenção de Ahaz. O movimento contemplado por Ahaz só asseguraria que Judá também viria sob o domínio político e religioso da Assíria. Eventos subsequentes mostraram que Isaías estava certo. Tiglath-pileser rapidamente destruiu a coalizão, como a Bíblia e suas próprias inscrições indicam. Damasco foi destruído em 732 AC , e Samaria provavelmente teria sofrido um destino semelhante se o seu povo não tivesse se levantado em revolta contra Peká, que foi morto e substituído por Hoshea (732-724; cf.2 Reis 15: 29-30). Após a destruição de Damasco, Tiglath-pileser convocou Ahaz para encontrá-lo e resolver os termos de seu acordo. Embora o registro bíblico de seu encontro esteja longe de ser completo, ele indica, no entanto, que o rei assírio fez demandas radicais (ver 2 Reis 16: 10-18). Para todos os efeitos práticos, Judá tornou-se um vassalo cheio da Assíria.

Isaías reagiu à obstinada recusa de Acaz em seguir seu conselho retirando-se do ministério público durante o restante do reinado do rei (8: 16-18). O próximo oráculo datado para aparecer entre suas profecias é atribuído ao ano em que Acaz morreu (14:28 e depois). Enquanto isso, Isaías e seus dois filhos serviram como sinais vivos das mensagens que já havia proclamado (cf. 8:18).

No Reino de Israel, enquanto isso, Hoshea continuou como um assunto fiel da Assíria até a morte de Tiglath-Pileser em 727 AC. Tiglath-pileser foi sucedido por Shalmaneser V (727-722). Pensando que o momento oportuno havia chegado e que ele poderia contar com o apoio egípcio, Hoshea decidiu se revoltar. Este foi o seu erro fatal. Tom por conflitos internos, o Egito foi incapaz de defender-se e muito menos para sustentar Judah. Shalmaneser lidou com a rebelião tão decisivamente quanto o pai teria feito. Em 724 ele lançou seu ataque contra Israel. Hoshea foi trazido antes dele e jogado na prisão, e toda a terra de Israel, com exceção da cidade de Samaria, logo caiu em suas mãos. As defesas de Samaria foram tão fortemente construídas que resistiram ao ataque do

exército assírio por quase três anos. Perto do fim do cerco, houve uma mudança de governantes na Assíria, e Shalmaneser foi deslocado pelo Sargão II (722-705 AC.).

O novo rei completou a conquista da cidade em 721 AC . Sua própria conta de sua capitulação lê o seguinte: "Assedi e conquistei Samaria (*Sa-me-ri-na*), levado como um saque, 27, 290 habitantes. Eu formei entre eles um contingente de 50 carros e os restantes (habitantes) assumem suas posições (sociais). Instalei sobre eles um oficial meu e lhes impusesse o tributo do ex-rei ".

Isaiah estava vitalmente interessado nos eventos relacionados à queda de Samaria. O oráculo em 9: 1-7 provavelmente foi ocasionado pela conquista de Zebulun e Naphtali por Tiglath-Pileser em 734-732 AC . Isaías parece ter esperado uma derrota antecipada dos assírios e a reunião dos reinos de Israel e Judá sob um príncipe davídico. Mais tarde, advertiu com fervor do desastroso fim que aguardava o Reino do Norte (9: 8-10: 4 ; 5: 25-30). Quando chegou a notícia desse fim, ele certamente estava entre aqueles que o receberam com o luto.

Ahaz morreu em 715 AC . Seu reinado foi lembrado pelas gerações posteriores como um dos piores períodos de apostasia que Judá conheceu. Ele foi condenado não só por seus erros políticos, mas também por preencher sua terra com práticas idólatras (2 Crônicas 28: 1-4 , 22-25). Tanto Isaías quanto Micah falaram contra as injustiças sociais que acompanharam a apostasia religiosa do seu reinado (cf. 1: 21-23 ; 5: 20-23 ; Mic. 3: 1-4 , 9-11).

Acaz foi sucedido por seu filho Ezequias (715-687 AC), cuja adesão ao trono provocou uma onda de expectativa messiânica em toda a terra. As esperanças corriam alto, que Deus havia finalmente visitado seu povo e criado um príncipe ideal da linha de Davi, aquele que seria ungido com o Espírito de Deus e cujo reino de justiça e paz estenderia até os confins da terra (ver 9 : 1-7 ; 11: 1-9 ; Mic. 5: 2-6). Ezequias inverteu completamente as políticas políticas e religiosas de seu pai. Ele tentou jogar fora o jugo assírio e purgar a religião de seus elementos pagãos. Nas suas reformas religiosas, ele foi influenciado por Isaías e Miquéias (cf. Jer. 26: 17-19).). Estas passagens são escritas em forma hinnia, e é possível que elas sejam escritas pela primeira vez para serem cantadas nas cerimônias de coroação de Ezequias ou algum rei judeu.

As reformas religiosas foram tornadas possíveis por uma mudança na situação política. Quando Sargon chegou ao trono na Assíria, Merodach-baladã se revoltou e se instalou como rei da Babilônia no Dia de Ano Novo da Babilônia em 721 AC. Assim, Sargon perdeu o controle da Babilônia e não recuperou até aproximadamente uma dúzia de anos depois. Em algum momento durante esse intervalo, Merodach-Baladan enviou uma embaixada a Jerusalém, presumivelmente para felicitar Ezequias após sua recuperação de uma doença grave, mas mais provável que assegure seu compromisso com uma aliança contra a Assíria (ver Isa. 39: 1-8). A posição de Sargon era tão precária que ele não conseguiu montar uma grande campanha militar contra a Palestina depois de 721.

O Egito, entretanto, teve uma mudança de dinastias e conseguiu recuperar parte de seu antigo poder e prestígio. A nova dinastia (25) era de origem etíope e durou de 715 até 663 AC . Uma vez estabelecido no controle de todo o Egito, seus faraós começaram a incitar os estados fronteiriços a norte a se revoltarem contra seus senhores

assírios. Embora esses estados tenham recebido ajuda em caso de ataque, as promessas raramente foram mantidas. O Egito estava simplesmente usando-os como peões no jogo da política de poder.

A primeira revolta de qualquer consequência ocorreu no pequeno reino de Ashdod. Começou quando o rei de Ashdod retete tributo dos assírios, ao mesmo tempo que despachava mensageiros para os reinos vizinhos, instando-os a se juntarem à revolta.

Uma vez que a rebelião, que durou três anos, foi esmagada em 711 AC , deve ter começado pelo menos tão cedo quanto 713. Ezequias estava entre aqueles que foram instados a se rebelar contra a Assíria. A informação para este efeito é encontrada não só na Bíblia, mas também nos registros de Sargon (ANET , pp. 286 f.). O povo de Judá estava fortemente dividido sobre o assunto. Um forte partido pro-egípcio instou o rei a aproveitar a oportunidade para descartar o domínio assírio. Isaías, por outro lado, aconselhou-se contra este curso de ação. Ele acreditava que a revolta estava condenada ao fracasso. Ele, portanto, argumentou contra qualquer envolvimento com o Egito. Para dramatizar sua mensagem, ele caminhou sobre Jerusalém desnudada e descalça por um período de três anos (20: 1-6). Esta era sua maneira de dizer que tanto Ashdod quanto o Egito seriam conquistados e seu povo levado na garganta dos prisioneiros de guerra. Seu aviso parece ter sido atendido, pois Judah escapou de dano quando Sargon esmagou a revolta em 711.

A neutralidade de Ezequias durante a rebelião de Ashdod o deixou livre para realizar suas reformas religiosas. Uma dessas ações envolveu a destruição de vários objetos de culto associados à adoração de Deus, incluindo uma serpente de bronze chamada Nehushtan (2 Reis 18: 4). Depois de ter purificado a adoração em Judá, o rei convidou os habitantes do antigo território de Israel a se juntarem a celebrar a Páscoa em Jerusalém (2 Crônicas 30: 1-12). Este movimento tinha significado político e religioso, pois ele aparentemente esperava forjar uma reunião política e religiosa dos dois territórios, como nos dias de Davi. Talvez essa esperança tenha sido inspirada por oráculos proféticos, como 9: 1-7 . Seu plano não teve sucesso, no entanto, de acordo com 2 Crônicas 30:10, seus mensageiros riam de desprezar quando passaram por todo o território de Israel.

Sargon morreu em 705 AC , e foi sucedido por seu filho Sennacherib (705-681). Essa mudança de reis foi o sinal de uma revolta generalizada em todo o Império Assírio. O sujeito afirma que, com tonturas, Sennacherib não poderia controlar seu vasto império. Antes da virada do século, no entanto, eles aprenderam o quanto eles tinham subestimado sua força e determinação.

Prodigado pelo partido pro-egípcio, Hezekiah decidiu fazer uma oferta pela liberdade. Antecipando retaliação da Assíria, ele tomou medidas para fortalecer as defesas de Jerusalém. Um túnel foi cortado através de 1, 700 pés de rocha sólida para trazer as águas da Primavera de Gihon para o grupo superior de Siloé, no bairro sudeste da cidade (2 Reis 20:20 ; 2 Cron. 32: 3-4), assegurando a cidade de um abastecimento de água protegido no caso de um cerco.

Isaías ficou implacável em criticar esse curso de ação. Ele ridicularizou aqueles que defendiam a confiança no Egito (30: 1-7 ; 31: 1-3). Sua atitude em relação às alianças

estrangeiras não mudou desde a crise sírio-efraimítica de 735-734 AC ; Ele considerava a dependência das potências estrangeiras como o abandono da aliança com Deus. Seu conselho para Ezequias se resume nestas palavras: "Ao retornar e descansar você será salvo; em quietude e em confiança, será sua força "(30:15).

Sennacherib não perdeu tempo em se mudar contra os rebeldes. Ele primeiro derrotou Merodach-baladã, que recuperou temporariamente o controle de Babilônia e depois entrou na Palestina. Sua rota de conquista levou-o pela Fenícia e na Filostia. Um exército egípcio marchando para o alívio de Ekron foi interceptado e derrotado profundamente em Eltekeh nos contrafortes judeus.

Outra divisão do exército de Senaqueribo se mudou por Samaria e aproximou-se de Jerusalém do norte. É possível que 10: 27c-34 descreva o rápido avanço deste exército. Em seu relato da campanha, Senaquerib afirmou ter destruído 46 das cidades fortificadas de Judá e ter fechado Ezequias na sua cidade real "como um pássaro em uma gaiola" (ANET , p.228). Ele exigiu a Ezequias um tributo anual aumentado, que os enviados de Ezequias posteriormente lhe entregaram (2 Reis 18: 14-16). Toda a terra de Judá foi devastada, e Jerusalém foi deixada "como uma cabine em uma vinha, como uma pousada em um campo de pepino, como uma cidade sitiada" (1: 8).

Não contente com ter exigido tributo de Ezequias, os assírios exigiram, além disso, a capitulação completa e a rendição de Jerusalém (2 Reis 18:17 e seguintes). Ezequias se recusou a ceder a essas exigências. Ele foi apoiado em sua resistência pelo profeta Isaías (cf. 29: 1-8 ; 30: 27-33 ; 31: 4-9 ; 37: 33-35). A história desses acontecimentos e da inesperada evolução dos acontecimentos é encontrada em 2 Reis 18-19 e na conta paralela em Isaías 36-37 . Os assírios deixaram tão repentinamente quanto chegaram. A Bíblia afirma que 185.000 de suas tropas morreram em uma noite (2 Reis 19:35). Esta conta é apoiada por uma declaração em Heródoto, repetida por Josefo, de que o exército de Senaqueribo foi invadido por uma praga de ratos na fronteira do Egito. Pode ser que o exército tenha sido vítima de um ataque da praga bubônica. Seja qual for o meio concebido, Deus interveio para entregar seu povo.

Jerusalém escapou da destruição, mas sua vitória foi uma vazia. A situação levou Isaías a dizer: "Se o Senhor dos exércitos não nos deixasse alguns sobreviventes, deveríamos ter sido como Sodoma e nos tornarmos como Gomorra" (1: 9). Isaiah 22: 1-14 pode ter vindo deste mesmo período. Se assim for, nos dá uma descrição da celebração da vitória que seguiu o levantamento do cerco de Jerusalém. Em meio a todos os gritos, Isaías ficou sozinho lágrimas lágrimas, como ele disse, "para a destruição da filha do meu povo".

Capítulo 10 de Isaíastambém pertence ao período da invasão assíria. Nele, o profeta luta com o enigma da história em um mundo supostamente governado por Deus. Ao fazê-lo, ele dá expressão clássica à proposição de que Deus está dirigindo toda a história de acordo com seu propósito de estabelecer seu domínio na Terra. Embora os assírios parecem ser invencíveis, eles ainda estão sob o escrutínio do Todo-Poderoso. Deus é, mas usá-los como uma vara para castigar suas pessoas rebeldes. Uma vez que este trabalho tenha sido realizado, a haste será quebrada e descarta. Isaías sabia que a história não era governada pelo capricho nem pela nação que possuía os maiores batalhões. Em vez disso, estava firmemente sob o controle de Deus com o resultado

final nunca em dúvida. Em contra dos reinos deste mundo, estava o reino de Deus, e ele era invencível.BC .

Não temos evidências de que Isaías continue a profetizar depois de 701. Há alguma indicação de que a persistência da teimosia de seu povo o fez fazer uma segunda e última retirada do ministério público (ver 30: 8-11). Se assim for, ele provavelmente dedicou seus últimos anos à instrução de seus discípulos. Alguns atribuiriam suas mensagens de esperança a este último período de sua vida. Em poemas de beleza imortal, ele falou aos seus discípulos da época de ouro a vir, quando um rei ideal governaria a terra em justiça e justiça, quando as guerras cessariam, e quando o conhecimento do Senhor cobriria a terra à medida que as águas cobrem mar (2: 1-4 ; 9: 1-7 ; 11: 1-9 ; 32: 1-8 , 15-18 , 20).

2. A crise da Babilônia

O histórico que temos traçado até agora cobre apenas os eventos relacionados aos capítulos 1-39 de Isaiah . Os capítulos 40-66 são definidos no contexto do período exilic e pós-exilatório tardio. Resta para nós examinar os acontecimentos que incidem sobre estes últimos capítulos em Isaías. Ao fazê-lo, devemos evitar entrar em uma discussão da unidade e autoria do livro, uma vez que esses problemas serão tratados em uma seção posterior da introdução. Mesmo aqueles que se inscrevem na visão de que Isaías escreveu a profecia inteira reconhecem que os capítulos 40-66 devem ser interpretados no contexto do exílio babilônico.

A morte de Josiah em 609 AC . marcou o início do fim para Judá. Embora os últimos anos de seu reinado testemunharam a queda do poderoso Império assírio, Judá não conseguiu alcançar a paz e a liberdade. Em vez disso, ela simplesmente mudou de tarefa, pois os babilônios rapidamente assumiram o papel anteriormente desempenhado pelos assírios. No final, Judah soube que o novo jugo era ainda mais pesado do que o antigo.

Josiah foi morto pelos egípcios em Megiddo quando ele aparentemente tentou evitar que marchassem para o norte para ajudar na luta dos assírios contra a força combinada dos medos e dos babilônios. Seu filho Joachaz o sucedeu, mas foi removido do trono e exilado para o Egito após um reinado de apenas três meses. Um segundo filho, Eliakim, foi colocado no trono como o vassalo de Faraó Neco, e seu nome foi mudado para Jeoiaquim (609-598 AC). Em 605, os babilônios derrotaram decisivamente os egípcios em Carchemish, acabando com a tentativa do Egito de controlar a Palestina. Pouco tempo depois, Joaquim foi forçado a transferir sua fidelidade para Nabucodonosor e a se tornar seu vassalo (ver 2 Reis 24: 1).

Em 601 AC . Nabucodonosor foi infrutífero em sua tentativa de invadir o Egito, e muitos de seus vassalos se aproveitaram de seu recuo temporário para reter o pagamento de tributo. Contra o conselho do profeta Jeremias, Joaquim se juntou à revolta. Este foi o seu erro fatal, pois os babilônios lançaram um contra-ataque em 598 sob a direção do próprio Nabucodonosor. Joaquim morreu durante a batalha que se seguiu e foi substituído por seu filho Joaquim. Dentro de três meses, a cidade de Jerusalém se havia rendido, e 3 000 de seus cidadãos, incluindo o rei, a rainha mãe e os principais funcionários da cidade, foram deportados para a Babilônia. Este foi o primeiro cativeiro.

Nabucodonosor deixou Zedequias (597-587 AC) para governar Judá. Ele imediatamente caiu sob a influência de um forte partido pro-egípcio que instou a rebelião contra a Babilônia com a força da ajuda prometida do Egito. Jeremiah reconheceu a natureza suicida deste curso de ação e fez um esforço valente, mas mal sucedido, para detê-lo. O primeiro cativeiro privou a terra de seus mais altos estadistas, e Zedequias era muito fraco para suportar as seduções do Egito. A bandeira da revolta foi criada em 589 quando ele reteve o tributo anual exigido pela Babilônia.

Retaliação veio rapidamente. O exército babilônico chegou no início de 588 e rapidamente atravessou a terra de Judá e sitiou Jerusalém. A tentativa do Egito de ajudar a cidade sitiada não teve êxito. Depois de sofrer privações e dificuldades indescritíveis, a cidade foi finalmente capturada e destruída no outono de 587. Milhares mais de seus principais cidadãos foram exilados para a Babilônia, onde se juntaram às fileiras daqueles do primeiro cativeiro.

Tendo apanhado Sedequias, Nabucodonosor nomeou Gedalias para servir como governador de Judá. Gedaliah era um judeu de nascimento nobre. Seu pai, Ahikam, salvou a vida de Jeremias (Jeremias 26:24), e seu avô Shaphan estava intimamente associado às reformas de Josias (2 Reis 22: 3). A nomeação de Gedaliah não conseguiu trazer a paz para a terra, no entanto, ele logo foi assassinado por um elemento radical que se recusou a aceitar a derrota. Depois de descrever esse assassínio fútil e sem sentido, o registro interrompe, e não sabemos praticamente nada do que aconteceu em Judá nos próximos 50 anos. Uma terceira deportação de judeus em 582 AC . é relatado em Jeremiah 52:30. Isso pode ter sido em represália pelo assassinato de Gedaliah, ou pode resultar de algum transtorno adicional.

Nabucodonosor governou o Império da Babilônia de 605 a 562 AC . Sua morte marcou o início do declínio e queda da Babilônia. Seu filho e sucessor, Amel-marduk (562-560), conhecido no Antigo Testamento como Evil-merodach, é lembrado por ter libertado Joaquim da prisão (2 Reis 25: 27-30). Amel-marduk foi assassinado em uma revolta de palácio, e seu cunhado, Nergal-shar-usur, às vezes identificado com o oficial da Babilônia Nergal-sharezer mencionado em Jeremias 39: 3, 13 , tomou o trono. Nergal-shar-usur morreu quatro anos depois, deixando apenas um filho menor, Labashi-marduk, para governar em seu lugar. Nabonidus (556-539 AC.) imediatamente aproveitou esta situação e tomou o trono. Ele não era nativo de Babilônia, mas veio de Harã no noroeste da Mesopotâmia, onde sua mãe tinha sido sacerdotisa do Deus da lua. Ele é mencionado pela primeira vez em registros babilônicos como oficial sob Nabucodonosor em 585. Por razões que não são inteiramente claras, Nabonidus tomou o oásis de Teima no deserto árabe no sudeste de Edom e tornou praticamente sua segunda capital. Ele se retirou para esta fortaleza do deserto em 552 e permaneceu lá por cerca de oito anos, deixando assuntos na Babilônia nas mãos de seu filho Bel-shar-usur, também conhecido no Antigo Testamento como Belsazar (Dan. 5: 1).

A ausência prolongada de Nabonidus de Babilônia causou ressentimento profundo, especialmente entre os sacerdotes de Marduk, o Deus patrão da terra. Esperava-se que o rei da Babilônia "tome as mãos de Marduk" no Festival do Ano Novo da Babilônia, o ritual anual que comemora a vitória de Marduk sobre as águas caóticas e aclamando a renovação de sua realeza. A ausência de Nabonidus da cidade, portanto, foi atribuída a sua negligência deliberada de Marduk a favor do Deus da lua, pecado. Sentia-se que, se

ele pudesse ter tido o caminho, ele teria estabelecido o pecado como o deus principal no panteão da Babilônia.

Há evidências de que Nabonidus se alienou também dos judeus em todo o seu império. Parece que a fortuna dos exilados judeus, que até então gozavam de uma grande liberdade e prosperidade, sofreu uma reviravolta severa na última parte do seu reinado. Sua queda, portanto, foi saudada com igual alegria pelos judeus que desejavam retornar à sua pátria e por aqueles que escolheram permanecer na Babilônia.

No início de seu reinado, Nabonidus, com medo do poder dos medos, se aliou com o pequeno reino de Anshan, também conhecido como Pérsia. Até agora, os persas haviam sido sujeitos aos medos, mas agora seu ambicioso jovem governante, Ciro II (558-530 AC), decidiu se revoltar contra seus senhores da Mediana. Foi nessa ocasião que Nabonidus lhe emprestou seu apoio. A revolta foi tão bem sucedida que, em 550 Cyrus, não só derrotou Astyages, o rei dos meios de comunicação, mas também anexou o território do vasto Império da Mediana. Ao fazê-lo, ele lançou as bases de um novo império, o império dos medos e dos persas, que duraria até as conquistas de Alexandre, o Grande.

A aliança entre Cyrus e Nabonidus foi dissolvida logo que a mídia deixou de ser seu inimigo comum. Nabonidus, agora mais temeroso de Ciro do que tinha sido dos medos, aliou-se em vez disso com Lydia e o Egito. Cyrus respondeu a este desafio lançando um ataque contra a Lydia. Cruzando as Halys no inverno de 546 AC , ele pegou Croesus, o rei da Lídia, completamente surpresa, capturou a capital em Sardes e incorporou Lydia em seu reino.

A notícia das vitórias de Cyrus eletrificou os povos sujeitos do Império Babilônico. O seu progresso aparentemente irresistível levantou a esperança de que ele também conquistaria Babilônia e os libertara da escravidão. Esta esperança foi especialmente forte entre os exilados judeus, como evidenciado em Isaiah 40-55 , onde Cyrus é aclamado como aquele que "pisoteia os reis debaixo de pé; Ele os faz como pó com a espada, como barba conduzida com seu arco "(41: 2). Ele foi chamado não apenas o pastor do Senhor (44:28), mas também seu ungido (45: 1), e sua missão designada era restaurar Israel para a sua antiga glória. Encorajado pelas conquistas anteriores de Ciro, o profeta previu com confiança que conquistaria também Babilônia (48: 14-15) e libertar Israel (48:20).

Tudo o que o profeta anunciou aconteceu. Cyrus logo organizou suas forças para um confronto final com a Babilônia. Sua tarefa foi bastante facilitada pela dissidência interna dentro do próprio Império Babilônico. Muitos babilônios eram, de fato, simpatizantes de sua causa, e o reino caiu em suas mãos como um pedaço de fruta madura. Ele foi considerado mais como um libertador do que como um conquistador.

Cyrus capturou a Babilônia por uma estratégia muito inteligente. O rio Eufrates fluiu sob as paredes fortemente fortificadas da cidade. Com o conselho e assistência de Gobryas, um oficial do exército babilônico que desertava Nabonidus, Cyrus reduziu o fluxo do rio acima da cidade, permitindo que suas tropas entrassem na cidade por meio do leito do rio. Seu exército completou a conquista da cidade em 13 de outubro de 539 AC .

Era a política de Cyrus tratar os povos conquistados com preocupação benevolente. Portanto, tendo conquistado Babilônia, ele imediatamente restaurou para as outras cidades do império babilônico seus deuses, que Nabonidus trouxera para a capital. Além disso, ele apazou os sacerdotes da Babilônia "tomando a mão de Marduk" no Festival do Ano Novo da Babilônia, uma cerimônia que também o proclamou oficialmente como o novo rei da Babilônia.

A vitória de Cyrus sobre Babilônia deu-lhe títulos sobre as terras anteriormente governadas pelos babilônios, que incluíram a Palestina. Em 538 AC , portanto, ele emitiu seu famoso decreto, permitindo que os exilados judeus retornassem à sua pátria e reconstruissem seu Templo (Ezra 1: 1-11 ; 6: 3-5). Este ato estava de acordo com sua política de dar aos povos conquistados uma grande autonomia local e liberdade religiosa, mantendo o controle sobre seus assuntos políticos. À luz de suas políticas humanitárias, é fácil entender os termos brilhantes em que o autor de Isaiah 40-55 fala dele.

Seria um erro para nós imaginar que todos os judeus estavam ansiosos para deixar a Babilônia e retornar a Jerusalém. Muitos dos prisioneiros originais morreram e foram sepultados na terra de seu exílio, e surgiu uma nova geração que não tinha memória da região montanhosa de seus pais. Além disso, muitos deles se tornaram relativamente prósperos durante os últimos anos de seu exílio e não estavam ansiosos para desistir de sua segurança para um futuro incerto na terra quebrada pela guerra de Judá. Eles estavam dispostos a se contentar com um sucesso fácil ao invés de arriscar um grande fracasso. Isso pode explicar por que Isaías 40-55 contém muitos apelos urgentes aos exilados para abandonar a Babilônia, juntamente com uma descrição supertimista do que seria o retorno a Jerusalém (ver 41: 17-20 ; 48: 20-21; 52: 7-12 ; 55: 1-13). Nunca entenderemos completamente o autor desses capítulos, a menos que o vejamos um pouco como um sargento de recrutamento no exército do Senhor. Sua tarefa era persuadir seus exilados companheiros a realizar a viagem difícil, mas gloriosa, de volta a Sião.

A Bíblia relata que Ciro confiou a tarefa de reconstruir o Templo em Jerusalém para "Shesbazar, o príncipe de Judá" (Ezra 1: 7-11), a quem muitos se identificam com Shenazzar, filho do Rei Joaquim (ou Jeconias), mencionado em 1 Crônicas 3:18 . Este retorno inicial provavelmente ocorreu em 537 AC .

Sheshbazzar logo desaparece da conta em Ezra, e seu lugar é tirado por Zorobabel. Confusão considerável envolve o relacionamento e a identidade desses dois homens. Ambos recebem o título de governador (Ezra 5:14 ; Hag 1: 1), e ambos são creditados por terem iniciado o trabalho de reconstrução do Templo (Ezra 3: 2-3 , 8-11 ; 5: 14-16).

A dificuldade de correlacionar as atividades de Sheshbazzar e Zorobabel levou alguns historiadores a concluir que são apenas dois nomes para a mesma pessoa. Outra solução para o problema, proposta por Bright, é supor que o historiador bíblico simplesmente tenha telescópado as carreiras de dois homens diferentes para que pareçam ser um. De acordo com essa interpretação, Sheshbazzar liderou um pequeno grupo de exilados de volta a Jerusalém em 537 AC , onde, depois de uma tentativa mal sucedida de reconstruir o Templo, ele morreu. Enquanto isso, Zorobabel, o sobrinho de Sasbazar (cf. 1 Crônicas 3: 17-19 ; Hag 1: 1), chegou a Jerusalém com um contingente maior de

exilados, talvez a tempo de participar da tentativa inicial de estabelecer as bases do Templo. Quando Sheshbazzar morreu, ele foi sucedido como governador da terra por Zorobabel. O trabalho de reconstrução do Templo, adiado por aproximadamente 18 anos, foi finalmente concluído sob a liderança de Zerobabel em 515.

Muitos estudiosos do Velho Testamento acreditam que a maior parte do material em Isaías 56-66 está posta no contexto do período pós-xilado inicial, ou seja, entre o primeiro retorno sob Sheshbazzar (537 AC) e a conclusão do templo (515). A familiaridade com os principais eventos e movimentos descritos acima permitirá, portanto, interpretar esses capítulos com maior compreensão.

IV. Unidade e Autoria

Ao tentar examinar o problema da unidade e da autoria de Isaías, não estamos de modo algum a questionar a inspiração de qualquer parte do livro. Também não sugerimos que as seções julgadas mais tarde que Isaías contenham menos da verdade revelada de Deus. Na verdade, é precisamente nesses capítulos cuja autoria é mais amplamente debatida que somos levados ao próprio coração do Antigo Testamento. Seja qual for o autor ou autor humano, este livro, tanto na sua totalidade como nas suas várias partes, pertence à palavra duradoura de Deus (40: 8).

Quando se volta do capítulo 39 para o capítulo 40 de Isaiah, ele cobre um período de um século e meio. É quase como se ele tivesse fechado um livro e tivesse aberto outro. Ele é conduzido desde o final do século VIII até o meio do século VI AC , e é transportado de Jerusalém para a Babilônia.

Um busca em vão por quaisquer outras referências a Isaías nos capítulos 40-66 . Mudanças catastróficas ocorreram desde que ele caminhou pelas ruas de Jerusalém. O centro do poder mundial deslocou-se da Assíria para a Babilônia, e o exílio que ele previu (39: 5-8) aconteceu (40: 2 ; 42: 24-25 ; 47: 6). Jerusalém agora estava em ruínas (44:26 , 28 ; 49:19 ; 51: 17-20 ; 52: 9 ; 60:10), e seu Templo tinha sido queimado pelo fogo (63:18 ; 64: 10-11) .

No entanto, a noite escura do exílio estava prestes a terminar, pois Deus criou um novo conquistador do mundo que logo quebraria o poder da Babilônia e libertaria os judeus do cativeiro. Esse homem era Ciro, saudado como pastor do Senhor (44:28) e seu ungido (45: 1). Quando Babilônia caiu, os cativos libertados marchariam pelo deserto em um segundo grande êxodo (41: 17-20 ; 43: 1-7 , 14-21 ; 48: 20-21 ; 45: 8-13 ; 55:12 -13). Os resgatados do Senhor retornariam a Sião com alegria eterna em suas cabeças, e a tristeza e os suspiros fugiriam (51:11). Os guardas das muralhas de Jerusalém cumprimentariam o seu retorno com gritos de alegria, e os locais perdidos da cidade irromperiam para cantar (52: 8-9).

Sugeriu-se que uma boa regra geral para namorar uma passagem bíblica é considerá-la mais tarde do que o que ela pressupõe, mas antes do que ela prevê. Em nenhum dos capítulos 40-66, o exílio babilônico está previsto; é pressuposto, e apenas a libertação do exílio está prevista. Muitos, portanto, concluíram que os capítulos 40-66 foram escritos muito mais tarde do que o século VIII e que deveriam ser atribuídos aos discípulos de Isaías. A atribuição dos capítulos aos discípulos do profeta explicaria o fato de que, apesar de serem colocados em um cenário histórico inteiramente diferente

do dos capítulos anteriores, são, no entanto, completamente isaiânicos em espírito e caráter.

A distinção entre Isaiah 1-39 e 40-66 baseia-se não apenas nos argumentos da história, mas também nas diferenças de linguagem e estilo e na perspectiva teológica. Essas diferenças foram anotadas no ANÚNCIO .1167, em um comentário do rabino Ibn Ezra, que negou a autoria isaiânica dos capítulos 40-66 . Mais de 600 anos depois, dois estudiosos alemães, Eichhorn, em 1783, e Döderlein, em 1789, tomaram posição semelhante. Eles designaram o autor desconhecido dos capítulos 40-66 como "Deutero-Isaiah" ou "Segundo Isaías". A distinção entre Primeiro Isaías (p . 1-39) e Segundo Isaías (capítulos 40-66) é quase universalmente aceito hoje.

Em um comentário de época publicado em 1892, Bernhard Duhm sugeriu que os capítulos 56-66 pertenciam à última metade do século V AC , e que eles foram escritos por um segundo autor anônimo, que ele designou como Trito-Isaiah, ou Terceiro Isaías. O argumento mais pesado contra a unidade dos capítulos 40-66 é a diferença na configuração histórica entre os capítulos 40-55 e 56-66. Na seção anterior, os judeus estão no exílio na Babilônia; Na seção posterior, eles estão de volta a Jerusalém, lutando com os problemas da era pós-exílica.

A questão aqui é o quanto de Isaías 40-66 pode atribuir com confiança ao Segundo Isaías. Uma vez que os capítulos 56-66 não mostram a mesma unidade interna como os capítulos 40-55 , a maioria dos estudiosos abandonou a visão de que eles foram escritos por um autor, seja o segundo Isaías ou o terceiro Isaías. A visão predominante no presente é que os capítulos 56-66 devem ser datados no período pós- xilado inicial - não antes de 537 AC e, o mais tardar, 445 - e que devem ser atribuídos aos discípulos do Segundo Isaías.

Esta posição não foi desafiada. Torrey desenvolveu uma elaborada teoria da unidade dos capítulos 40-66 , juntamente com os capítulos 34-35 , todos os quais ele atribuiu ao período persa tardio, embora isso implique excluir do texto todas as referências a Ciro e à Babilônia.

A teoria de Torrey foi revivida recentemente, embora de alguma forma modificada, por James D. Smart. A posição de Smart é que os capítulos 35 e 40-66 constituem uma unidade, que seu autor viveu e trabalhou na Palestina entre 587 e 538 AC, que ele estava preocupado não apenas com a libertação de alguns cativos babilônicos, mas com a preparação de judeus dispersos de todas as partes da terra, e que todas as referências a Ciro e Babilônia foram mais adiós ao seu trabalho.

Outros também defenderam a unidade dos capítulos 40-66 , mas sem recorrer às medidas extremas de Torrey e Smart. Depois de pesar cuidadosamente os argumentos com base na história, estilo e teologia, Francisco afirmou sua posição assim: "Depois de um estudo dos capítulos 40-66 o escritor desta tese concluiu que eles foram escritos por Deutero- Isaiah, chs. 40-56 na Babilônia e os chs. 57-66 na Palestina após o retorno sob Zorobabel. . . . A necessidade de um Trito-Isaiah é infundada, e todas as alusões que Duhm disse serem aplicáveis à era de Neemias referem-se mais consistentemente aos anos 536-520 AC . . . . Portanto, o escritor assume a posição de que Deutero-Isaiah escreveu chs. 57-66 depois de ter retornado com os exilados da Babilônia e antes da reconstrução do Templo ".

Mais recentemente, a Bright expressou uma visão semelhante. Quanto aos capítulos 56-66 , ele escreveu: "A maior parte deste material é melhor datado nas décadas logo após 538, com pouco disso depois de ca. 515. ... eu sinto que os capítulos contêm palavras de Segundo

Isaiah falou após o retorno, completado por enunciados de discípulos. O grande profeta certamente teria feito o retorno - ele tinha sido capaz de rastejar "

Mais duvidas sobre a unidade dos capítulos 40-55 surgiram como resultado do trabalho de críticos de forma. A visão predominante da forma crítica nos últimos 50 anos tem sido que esses capítulos consistem em 50 ou mais oráculos e poemas originalmente independentes que foram entregues pela primeira vez e apenas depois comprometidos com a escrita. Essas pequenas unidades, ou pericopes, dizem estar em uma relação lógica perceptível uns com os outros. De acordo com Sigmund Mowinckel, um dos defensores mais fortes deste ponto de vista, o único princípio evidente no arranjo dessas unidades separadas é o princípio do catchword.

Recentemente, houve uma reação contra a redução do Segundo Isaías para uma série de fragmentos isolados. Tanto Muilenburg quanto McKenzie argumentaram que uma unidade básica está subjacente a esses capítulos. McKenzie sustenta que existe uma unidade básica no Segundo Isaías que torna ainda mais difícil isolar palavras separadas do que nos anteriores livros proféticos. Os oráculos individuais foram arranjados "de modo que um flui para outro". Muilenburg acredita que, em sua estrutura, o segundo Isaías evidencia "uma fusão de tipos literários, uma combinação de várias formas para fazer um todo". Ele sugeriu que as unidades são muitas vezes mais extensas do que se supõe, e que o que é interpretado como poemas independentes são na realidade estrafas ou unidades subordinadas em poemas mais longos.

Questionar as conclusões dos críticos da forma não é negar a validade de sua busca pelos tipos e formas literários no Segundo Isaías. Alguns rejeitariam a visão de que esses capítulos consistem em muitas pequenas unidades reunidas pelos discípulos posteriores do Segundo Isaías em favor da visão de que constituem um poema cuidadosamente construído pelo próprio profeta, substancialmente na forma em que agora o temos. A verdadeira compreensão da forma literária e estrutura desses capítulos provavelmente está em algum lugar entre essas duas visões extremas.

Enquanto alguns estudiosos continuam a debater a questão da unidade e da autoria dos capítulos 40-66 , uma pequena mas franca minoria ainda defenderia a autoria isaiânica de todos os 66 capítulos. Os principais porta-vozes americanos deste grupo de estudiosos foram Edward J. Young e Oswald T. Allis. Young expressou sua posição básica nestas palavras: "O próprio profeta Isaías era o autor de todo o livro; ele mesmo cometeu tudo para escrever, e ele foi responsável por colecionar suas mensagens e colocá-las no presente livro que tem seu nome ".

Em apoio a esta posição, Young apontou que todo o livro foi atribuído a Isaías pelo menos tão cedo quanto 180 AC , como evidenciado pelo depoimento de Ben Sirach em Eclesiástico 48: 17-25 . Isto foi recentemente confirmado pela descoberta entre os Pergaminhos do Mar Morto de um manuscrito completo de Isaiah, que foi atribuído ao século II ou primeiro século AC . Este manuscrito não mostra evidências de divisão entre os capítulos 1-39 e 40-66.

Em resposta a Young, outros observaram que há uma ruptura aparente no Rolo do Mar Morto de Isaías entre os capítulos 33 e 34 . Na parte inferior da folha de couro contendo o capítulo 33 estão três linhas vazias, um fenômeno que não ocorre em nenhum outro lugar no pergaminho de Isaías. Os estudiosos afirmam há muito tempo que, em vista da sua marcada semelhança de estilo e conteúdo aos capítulos 40-66 , os capítulos 34 e 35 também devem ser atribuídos ao Segundo Isaías. Além disso, todos reconhecem que os capítulos 36-39 constituem um bloco de material emprestado e adaptado de 2 Reis. É mais viável, portanto, esperar uma pausa após o capítulo 33 do que depois do capítulo 39. É aparentemente o que se encontra no pergaminho de Isaías.

Um segundo argumento utilizado em apoio à teoria da autoria isaiânica é o testemunho do Novo Testamento. Nove passagens de Isaías 40-66 são citadas no Novo Testamento e atribuídas ao profeta Isaías. Isso prova que os discípulos de Jesus simplesmente assumiram que Isaías era o autor de toda a profecia. Outras evidências para fundamentar isso são encontradas em João 12: 38-41 , que cita de Isaías 53: 1 e Isaías 6:10 , e atribui ambos ao profeta Isaías. Há estudiosos devotos que acreditam sinceramente que o testemunho dos escritores do Novo Testamento resolve a questão da autoria de uma vez por todas. Eles, portanto, vêem a sugestão de que alguém escreveu os capítulos 40-66 como um ataque à inerrância da Bíblia.

Pode-se dizer em resposta a este argumento, no entanto, que nunca se pretendia que o Novo Testamento se tornasse um primário da crítica bíblica. Mesmo que Jesus tenha acreditado em um "Segundo Isaías", é duvidoso que ele tenha tentado ilustrar seus discípulos sobre este assunto. Ele revelou a todos o que era necessário para seu crescimento espiritual, mas ele não os tornou oniscientes. era natural que eles considerassem Isaías como o autor de toda a profecia, pois esta era a visão compartilhada por todos os seus contemporâneos. Como Francisco observou, a descoberta de um Deutero-Isaiah aguardava uma data posterior. As referências do Novo Testamento a Isaías , portanto, não deve ser usado como evidência para ou contra a autoria Isaianic.

Um outro argumento usado para apoiar a visão de que Isaías escreveu toda a profecia é a semelhança notável no vocabulário entre os capítulos 1-39 e 40-66. Por exemplo, Deus é chamado "o Santo de Israel" 12 vezes na primeira seção e 14 vezes no segundo, embora o título apareça apenas cinco ou seis vezes no resto da Bíblia. Outro exemplo é o uso de Rahab como designação para o Egito, que ocorre em 30: 7 e em 51: 9 . Existem outros exemplos que podem ser citados.

Aqueles que respondem a este argumento admitem prontamente que há semelhanças entre o vocabulário dos capítulos 1-39 e 40-66. Eles se aprestam a adicionar, no entanto, que existem também diferenças impressionantes entre o estilo eo vocabulário das duas seções. A teoria da autoria isaiânica poderia explicar as semelhanças, mas não as diferenças. Apenas a teoria de que havia um Segundo Isaías, um discípulo posterior de Isaías que conhecia bem o estilo e o vocabulário de seu mestre, poderia explicar as diferenças e as semelhanças.

Um argumento final usado em favor da autoria isaiânica dos capítulos 40-66 é que parece altamente improvável que o autor de um trabalho tão excelente tenha permanecido desconhecido. Este argumento não é tão formidável quanto parece, no entanto, há muitas razões pelas quais um profeta do Exílio poderia ter desejado esconder

sua identidade. Como ele profetizou a queda da Babilônia e a libertação dos cativos judeus, ele temeu se dar a conhecer aos oficiais da Babilônia. Ele também falou de seus companheiros exilados como cegos e surdos (42: 18-20), para que ele tenha sofrido perseguição de seu próprio povo. Ou pode ser que ele simplesmente não quis se identificar, preferindo, em vez disso, permanecer "uma voz que chora no deserto".

Green, que prefere falar do livro de Isaías como uma antologia, faz esta observação significativa: "O que realmente importa sobre qualquer livro na Bíblia não é quem escreveu, mas se a voz de Deus é ouvida nela. A autoria ea data são significativas, mas não centrais. É a palavra do Deus vivo? Isso é primordial. No que me diz respeito, não há dúvida quanto à resposta em relação à profecia inspirada de Isaías ".

Em resumo, note-se que há evidências que sugerem que o livro de Isaías foi composto de uma coleção de materiais que vão do oitavo ao século VI AC . A formação do livro começou com Isaías de Jerusalém e foi continuada por sua discípulos, dos quais o maior era o segundo Isaías. À medida que os discípulos posteriores colecionavam, editaram e expandiram os materiais de Isaías, eles estavam confiantes de que falavam não apenas em seu nome, mas também em seu espírito. Foi esse fluxo vivo de tradição que deu ao livro sua unidade interior e sua coesão.

V. O Servo do Senhor em Isaías 40-55

A expressão plena "o servo do Senhor" ocorre apenas uma vez em Isaiah 40-55 , ou seja, em 42:19 , onde se refere incontestavelmente a Israel. Em outros lugares do Antigo Testamento, ocorre um total de 19 vezes, sem contar duas referências a Davi como serva do Senhor nos títulos dos Salmos 18 e 36 . Das 19 ocorrências, 17 referem-se a Moisés e dois a Josué. Moisés é referido também como "o servo de Deus" em quatro passagens do Antigo Testamento.

As expressões mais curtas "meu servo" e "seu servo" são encontradas com maior freqüência ao longo do Antigo Testamento. Como a expressão "servo do Senhor", eles também descrevem aqueles que, em algum sentido especial, são servos de Deus. Em todos os casos, exceto um, a referência a Nabucodonosor, rei de Babilônia (Jeremias 25: 9 ; 27: 6 ; 43 : 10), essas expressões são aplicadas apenas aos israelitas.

O termo "meu servo" aparece 14 vezes em Isaías 40-55 (41: 8, 9 ; 42: 1 , 19 ; 43:10 ; 44: 1, 2 , 21 [duas vezes]; 45: 4 ; 49: 3 , 6 ; 52:13 ; 53:11), enquanto "seu servo" é encontrado quatro vezes (44:26 ; 48:20 ; 49: 5 ; 50:10). A única ocorrência de qualquer um desses termos nos capítulos 56-66 é em 63:11 , onde Moisés é mencionado como "seu servo". Por outro lado, os capítulos 56-66 freqüentemente empregam a forma plural de "servos" para designar o povo de Deus (56: 6 ; 63:17 ; 65: 9 , 13, 14, 15 ; 66:14). A única ocorrência deste formulário nos capítulos 40-55 é em 54:17 .

Um exame de todas as referências do Antigo Testamento revelará que os indivíduos mais freqüentemente designados como servos do Senhor são Abraão, Jacó, Moisés e Davi. Esse fato sozinho deve nos alertar contra a interpretação deste termo somente em um sentido servil. Nos tempos do Velho Testamento, um dos mais altos funcionários da terra era um conhecido como "o servo do rei". Ele era um amigo confiável nomeado pelo rei para administrar seus assuntos e servir como seu representante pessoal. Da

mesma forma, para que um se chamasse "o servo do Senhor" significava que ele havia sido levado a um lugar de honra e responsabilidade. Para que a nação que Israel fosse designada, significa que Deus escolheu Israel de entre todas as nações para ser sua própria possessão especial (cf. 41: 8-10).

Um dos comentários mais influentes embora polêmicos sobre Isaías é escrito por Bernhard Duhm e publicado em 1892. Além de dividir os capítulos 40-66 em um Deutero e um Trito-Isaiah, Duhm também isolou quatro poemas do resto de Isaiah 40-55 e os rotularam de "Canções Servas". São 42: 1-4 ; 49: 1-6 ; 50: 4-9 ; e 52: 13-53: 12. Duhm observou um contraste marcado entre o personagem ea missão do Servo individual retratado nas canções e no servo Israel como retratado em outros capítulos 40-55. Disto concluiu que as canções eram escritas por alguém que não o segundo Isaías, e depois incorporadas no texto do Segundo Isaías. Eles foram vistos um pouco como colunas independentes, sem relação com os contextos em que se encontravam. Duhm identificou o servo das quatro canções como um rabino judeu leproso que se tornou o agente da redenção de Deus através do sofrimento e da morte.

O trabalho de Duhm preparou o caminho para uma avalanche de literatura sobre esse assunto. A existência das quatro Canções Servas passou a ser aceita como um dos resultados comprovados da crítica bíblica. A opinião acadêmica difere amplamente, no entanto, sobre questões como a autoria das músicas, a extensão das músicas no texto, a relação das músicas com seu contexto e entre si, a identidade do servo e a natureza de sua missão .

O Segundo Isaías foi o autor dessas músicas, ou eles foram escritos por outra pessoa? Aqueles que os atribuem a outro autor fazem isso com o argumento de que eles não estão relacionados com o contexto e que o conceito de servo que eles incorporam contrasta fortemente com o do servo fora das canções. Muitos estudiosos acham que as diferenças de vocabulário, estilo e teologia entre o Servant Songs e o restante Second Isaiah exigem uma teoria da dupla autoria.

Um exame cuidadoso desses argumentos foi feito pelo norte. Ele examina a visão de Gressmann de que o Segundo Isaías consiste em uma série de oráculos curtos independentes, uma visão agora amplamente aceita pelos estudiosos do Antigo Testamento e conclui que a aceitação de tal visão diminui a força do argumento de que as músicas não estão relacionadas ao seu contexto. Se não houver unidade básica nos capítulos 40-66 , então as músicas não são mais uma interrupção do contexto em que resistem do que os muitos outros oráculos independentes que compõem o Segundo Isaías. Eles representam apenas um dos muitos temas recorrentes que caracterizam o trabalho deste profeta.

Quanto às alegadas diferenças de estilo e vocabulário entre as músicas e o restante do Segundo Isaías, North conclui que estas são superadas pelas semelhanças próximas. Após um exame detalhado do idioma, do estilo e das formas métricas das músicas, ele afirma que estes "não são apenas consistentes com, mas, na verdade, apontar para uma autoria comum com o corpo principal de Deutero-Isaiah".

De um significado muito maior é o contraste acentuado entre o retrato do servo do Senhor nas canções e o retrato do servo Israel fora das canções. É difícil evitar a conclusão de que o servo dentro das músicas é descrito como um indivíduo, enquanto as

passagens de servos fora das músicas se referem a Jacob / Israel. Além disso, o servo do Senhor e o servo Israel são basicamente diferentes em seu caráter e na natureza de sua missão. O servo Israel é desanimado e fraco e deve ser admoestado uma e outra vez para confiar em Deus (40: 27-31 ; 41: 8-10 , 14-16 ; 42: 18-19 , etc.); O servo do Senhor, por outro lado, confia implícita no Deus da sua salvação (50: 7-9). O servo Israel é pecador e foi severamente castigado por seus pecados (40: 1-2 ; 42: 22-25 ; 43: 22-28 ; 47: 6 ; 50: 1 ; 54: 4-8); O servo do Senhor, enquanto inocente de qualquer culpa própria, teve que sofrer pelos pecados dos outros (50: 5-6 ; 53: 4-6 , 9 , 11-12). O servo do Senhor sofre pacientemente (53: 7); O servo Israel se queixa amargamente contra os desconfortos do exílio (40:27 ; 49:14 ; 50: 1-2). Finalmente, o servo do Senhor realiza um ministério não só em nome das nações, mas também em nome de Israel (49: 5-6); O servo Israel é descrito com a maior precisão, não como aquele que ministra, mas como aquele que é ministrado.

O reconhecimento das diferenças entre os dois retratos do servente não implica necessariamente a aceitação da teoria da dupla autoria. O mesmo autor poderia ter escrito sobre dois servos, prosseguindo nas quatro Canções do Servo uma visão religiosa que diferisse em alcance e caráter de qualquer outra coisa encontrada nos capítulos 40-55 . As diferenças entre as músicas e seu contexto talvez sejam uma indicação de que elas foram escritas depois do resto da profecia. A progressão do pensamento dentro das próprias músicas, chegando ao clímax na quarta canção (52: 13-53: 12), sugere que o profeta talvez tenha apenas apreendido gradualmente a verdade com a qual ele foi confrontado e que tenha escrito as músicas sobre um período considerável de tempo.

Existe também a possibilidade de que as músicas estejam mais relacionadas ao contexto do que a maioria dos estudiosos tem querido admitir. Muilenburg, em particular, argumentou que as músicas são parte integrante de toda a varredura de Deutero-Isaiah. Eles se encaixam naturalmente na estrutura dos capítulos circundantes, e sua remoção criaria mais problemas do que resolveria. Mesmo McKenzie, que adota a posição de que as músicas não estão relacionadas ao contexto, tem que reconhecer que existe uma estreita relação entre os três primeiros e as respostas que os seguem (42: 5-9 ; 49: 7-13 ; 50 : 10-11). É claro que ele atribui não só as músicas, mas também as respostas a outra pessoa além do segundo Isaías. Isso parece estar implorando a questão, no entanto, e até mesmo ele é sincero em admitir que sua opinião é ", em última instância, um julgamento crítico baseado no gosto subjetivo".

É seguro dizer que nenhum outro problema relacionado com o estudo do Antigo Testamento foi tão amplamente discutido como o da identidade do servo. As discussões, no entanto, não levaram a nenhum consenso entre os estudiosos. O campo pode ser dividido aproximadamente entre aqueles que defendem uma interpretação individual e aqueles que defendem uma interpretação coletiva.

Aqueles que pertencem ao primeiro grupo insistem que a figura do servo, tal como apresentada nas quatro Canções dos Servos, é tão altamente individualizada que uma interpretação coletiva está fora de questão. A atenção é chamada ao contraste nítido entre o servo e Israel em Isaías 49: 5-6 , onde o servo ministros para a nação, mas é distinto disso. O suporte adicional para esta interpretação é fornecido pela quarta música (52: 13-53: 12), onde o tratamento é inteiramente individualista.

A interpretação individual recentemente ganhou apoio inesperado de estudiosos judeus. Morgenstem vê o servo como um indivíduo de descendência davídica - talvez um filho de Zorobabel - que sofreu o martírio em uma revolta infrutífera contra os persas por volta de 486 AC . Apesar de o nome de Israel ter sido aplicado ao servo (49: 3)), este estudioso rejeita a noção de que o servo do Senhor deve ser identificado com o povo de Israel.

Em um trabalho mais recente, Orlinsky afirmou que "Israel não pode ser a personagem central em Isaías 53 ". Ele analisa a evidência de que a figura central neste capítulo é um indivíduo que não se queixou apesar de ter que sofrer sofrimento e humilhação . Então ele ressalta que tudo isso veio sobre o servo sem culpa ou transgressão própria. Orlinsky conclui que a afirmação da inocência do sofredor por si só exclui o povo Israel de uma consideração mais aprofundada. Ele cita com aprovação a observação de Smart: "Algum profeta de Israel digno do nome faria a afirmação de que Israel não tinha feito violência, nem havia engano em sua boca?" . . . O escritor de Isa. 40-66 não tinha tais delírios sobre o seu povo. Ele os lembra dos pecados do passado e os ataca pelos pecados do presente. . "A conclusão de Orlinsky é que o servo não deve ser identificado como o povo de Israel nem como o rei Ciro, mas como o segundo Isaías.

Como nossa discussão já mostrou, aqueles que defendem a interpretação individual ainda enfrentam o espinhoso problema de decidir qual indivíduo o profeta teve em mente quando escreveu essas músicas. "Sobre quem, ora, o profeta diz isso, sobre si mesmo ou sobre outro?" A questão do eunuco etíope, dirigida a Philip e registrada em Atos 8:34 , expressa a perplexidade que muitos leitores sentiram quando confrontados com este problema.

Antes do início da crítica bíblica moderna, os escritores cristãos eram quase unânimes em interpretar as Canções Servas, especialmente Isaías 53 , como profecias messiânicas. Na era pré-cristã, como Muilenburg observou, os rabinos também identificaram o servo com o Messias, embora, ao fazê-lo, eliminaram todas as referências ao seu sofrimento. A controvérsia com os primeiros cristãos fez com que eles abandonassem essa interpretação e adotassem a visão de que o servo era a nação Israel.

Se pelo "Messias" se entende um descendente de Davi que restabelecesse o reino e a dinastia davídica como a realização concreta do domínio de Deus na terra (cf. 9: 1-6 ; 11: 1-9 ; Jeremias 23: 5-6 , Mic. 5: 2-4), então é preciso perguntar se as músicas são realmente messiânicas. Em outras palavras, é o servo das canções apresentadas como uma figura real, ou o modelo de sua vida e ministério é derivado de outra fonte?

Há alguns estudiosos que buscariam apoio para a interpretação messiânica, fazendo uma analogia entre o Servo do Sofrimento e o papel desempenhado pelo rei da Babilônia no festival anual do Ano Novo. Eles vêem no servo os traços do rei divino como ele aparece nos salmos reais e em outros lugares no Antigo Testamento. Com base em passagens como Salmos 2 ; 18 ; 89 ; e 118: 5 ss.Aubrey R. Johnson conclui: "O rei davídico é o servo de Jahweh; mas ... no Festival do Ano Novo ele é o servo sofredor. Ele é o Messias de Javé; Mas nesta ocasião ele é o Messias humilhado. O fato é que estamos aqui lidando com uma humilhação ritual do rei davídico que, em princípio, não é diferente da que sofreu o rei babilônico no análogo Festival do Ano

Novo. " A celebração do Festival do Ano Novo da Babilônia se centrou em torno do recital ritual e reconstituição da morte e ressurreição do deus da vegetação, e envolveu a humilhação ritual do rei dominante, que desempenhou o papel do deus moribundo e crescente.

A analogia de Johnson parece estar baseada no tipo de evidência mais tênue. Uma vez que o autor de Isaiah 40-55 era tão hostil à religião babilônica, é altamente improvável que ele preste um tema diretamente do Festival do Ano Novo da Babilônia. Além disso, não há provas conclusivas de que tal festival já tenha sido celebrado em Israel. Se esta é a única base para o argumento de que o servo é uma figura real, então parece ser um argumento bastante nebuloso.

Rowley parece estar muito mais perto da verdade quando afirma que não há evidências sérias de que os conceitos do Servo Sofredor e do Messias Davidico fossem fundidos antes da era cristã. Pelo contrário, há evidências tangíveis e positivas no Novo Testamento que refuta essa visão. Sobre esta evidência, ele escreve: "Os Evangelhos nos dizem que os discípulos sempre ficaram confusos e confusos quando Jesus falou de Sua missão em termos de sofrimento. Eles estavam pensando em termos do Messias davídico, e é claro que eles não traziam a idéia de sofrimento e morte em relação a esse conceito. ... É igualmente claro que os discípulos não conheciam nenhuma equação dos termos Filho do Homem e do Servo Sofredor, uma vez que se diz que Jesus falou de si mesmo como Filho do Homem desde o início de Seu ministério,

A conclusão que a evidência parece ditar é que o Servo do Sofrimento e o Messias Davidico eram dois conceitos inteiramente distintos no próprio Antigo Testamento, e que eles foram primeiro reunidos nos ensinamentos de Jesus ao expressar sua auto-compreensão. Não devemos identificar o servo com o Messias, a menos que estejamos preparados para definir o último em um sentido estranho ao resto do Antigo Testamento. A única outra alternativa seria excluir do retrato do servo todas as referências a seu sofrimento e humilhação, o que o judaísmo antigo escolheu fazer. Do ponto de vista judaico, um Messias sofredor era uma contradição em termos, de modo que a pregação de Cristo (Messias) crucificado tornou-se aos judeus "uma pedra de tropeço" (1 Cor. 1:23).

A questão que procuramos responder é se o profeta e aqueles que o ouviram pela primeira vez entenderam que o servo era uma figura real ou messiânica. Responder a esta pergunta negativamente não é negar que a comunidade cristã primitiva identificou Jesus como servo e Messias, ou que essa identificação voltou ao próprio Jesus. Mowinckel expressou a visão de que as Canções Servas, como tantas outras profecias do Antigo Testamento, são apenas indiretamente cristológicas. Sobre a maneira pela qual a igreja sempre viu sua verdadeira realização em Jesus Cristo, ele escreve: "Em Jesus Cristo eles se realizam de maneira além de qualquer coisa que o profeta jamais tenha imaginado. É um *novo*cumprimento que vem acontecendo. Deus cria algo novo, uma nova realidade, que cumpre a profecia em um senso superior ao que os profetas e seus contemporâneos conheciam. Deus, que inspirou seu pensamento e expressão, viu mais longe do que eles; mas isso só pode ser realizado quando a maior satisfação veio. Na sua luz, podemos ver que os pensamentos de Deus eram superiores aos dos profetas ".

Além daqueles que favorecem uma interpretação messiânica, existem outros individualistas que identificariam o servo com uma figura histórica do passado. Quase todos os candidatos concebíveis foram nomeados para essa honra em um momento ou outro. Um erudito, Ernst Sellin, mudou de idéia no mínimo quatro vezes, defendendo sucessivamente Zorobabel (1898), Joaquim (1901), Moisés (1922) e, finalmente, o próprio Segundo Isaías (1930). Outros nomes sugeridos incluem Ezequias, Uzias, Jeremias, Ciro, Eleazar, Ezequiel, Mesulão, filho de Zorobabel, e um mártir anônimo desde os Macabeus.

Pode-se dizer que essas tentativas de identificar o servo só resultaram em um maior caos e confusão. O Norte observou que a maioria dessas teorias foi abandonada ou morreu com seus autores. Eles são "curiosidades no museu da exegese", em vez de contribuições permanentes para a solução do problema. Além disso, nada é obtido sugerindo, como alguns fizeram, que o servo seja identificado de diversas maneiras nas diferentes músicas, que ele é uma pessoa em uma canção e outra em outra. Nenhum indivíduo pode ser encontrado, antes de Cristo, que se encaixa na descrição do servo em qualquer das Canções Servas.

A maioria dos estudiosos do Velho Testamento, tanto cristãos como judeus, rejeitaram a abordagem individual da identidade do servo. Eles favorecem a visão de que o servo é uma entidade coletiva e deve ser identificado com Israel. Esta teoria também tomou muitas formas diferentes, sendo o servo identificado como Israel real, Israel ideal, um núcleo fiel dentro de Israel, a companhia dos profetas ou uma combinação desses vários elementos.

A interpretação coletiva baseia-se principalmente no fato de que, no contexto maior dos capítulos 40-55, Israel é repetidamente referido como o servo do Senhor. O servo também é identificado como Israel em uma das Canções Servas (49: 3), e não há motivo para duvidar da autenticidade dessa leitura. Como regra, portanto, aqueles que apoiam a interpretação coletiva insistem na unidade das Canções Servas com o contexto maior em que se encontram.

Um dos que mais protesta contra o isolamento das Canções Servas do resto de Deutero-Isaiah é NH Snaith. Ele escreve: "Não há canções Servant em nenhum sentido exclusivo. ... Se não há canções Servant distintas e separadas, então o Servidor das chamadas Canções é o Servo do resto do livro. Quem é o servo do Senhor? . . . Nossa proposição é, portanto: O Servo do Senhor é principalmente os 597 exilados, mas, gradualmente, ele tende a se alargar na concepção para incluir todos os exilados babilónicos ".

Muilenburg também defende a interpretação coletiva do servo em seu comentário sobre Isaiah 40-66 . Ele lista os pontos de semelhança entre as Canções do Servo e o resto do Segundo Isaías e conclui dizendo que "se as canções do servo são a obra do Segundo Isaías e parte integrante de suas composições poéticas, então o servo do Senhor é certamente Israel ".Em resposta àqueles que dizem que a caracterização do servo é tão pessoal e concreto que a referência a uma comunidade é improvável, Muilenburg afirma que os orientais não falam de uma comunidade como nós, como o próprio Velho Testamento testifica. Assim, no Segundo Isaías, Israel é constantemente abordado pelo pronome singular da segunda pessoa, "você". Um também encontra uma

individualização aumentada fora das Canções Servas em passagens como 44: 1-4 ; 46: 3-4 ; 47: 1-3 , 5 , 7, 8 ; e 54: 1-8 .

Além disso, afirma-se que a missão de Israel e o servo são um e o mesmo; ambos foram chamados a ser uma luz para as nações e proclamar a lei, ou revelação, de Deus até os confins da terra. Ambos devem sofrer no cumprimento de sua missão. O desânimo temporário supera os dois, mas no final, ambos são coroados de vitória e alegria eterna. Mesmo que a interpretação coletiva seja aplicada à quarta canção (52: 13-53: 12), a morte e a ressurreição de Israel podem ser explicadas à luz da visão de Ezequiel sobre o vale dos ossos secos (Eze. 37: 1-14).

No entanto, existem algumas objeções bastante formidáveis para a visão coletiva. Em primeiro lugar, o servo das canções é descrito em termos altamente individualistas: ele é ungido com o Espírito de Deus (42: 1); Ele é chamado do ventre de sua mãe (49: 1); ele dá as costas aos ferrões e às suas faces para aqueles que tiram a barba (50: 6); Seu túmulo é com os ímpios (53: 9). Mesmo aqueles estudiosos que identificam o servo com Israel são obrigados a admitir que o servo é apresentado como se ele fosse um indivíduo. Assim, Lindblom escreve: "O servo das Canções é pensado como um indivíduo (pertenço decididamente aos" individualistas "entre os alunos deste problema, não aos" coletivistas "), mas ele simboliza alegoricamente uma comunidade, a saber, Israel. "

Outra objeção séria à visão coletiva é o contraste que se faz entre o servo e Israel em 49: 5-6 . Se o servo é Israel, então, somos apresentados com a estranha perspectiva de que Israel seja enviado em uma missão a Israel. Mesmo Muilenburg, que favorece a interpretação coletiva, tem que admitir que esta passagem constitui "o argumento mais forte para a interpretação individualista".

Uma objeção final à visão coletiva é uma que já foi aludida, ou seja, que o Segundo Isaías não vê os sofrimentos de Israel como devidos aos pecados dos outros, mas sim como resultado do juízo justo de Deus sobre sua própria rebelião e apostasia . Como o mesmo autor pode ter escrito Isaías 42: 24-25 e Isaías 53: 7-9 , se ambos devem ser interpretados como se referindo a Israel? Aqueles que negariam que o Segundo Isaías escreveu o Servant Songs simplesmente estão tentando evadir o problema. O contraste entre o servo dentro dos poemas e fora dos poemas não pode ser ignorado, no entanto, e na realidade ele constitui o calcanhar de Aquiles da interpretação coletiva.

Nos últimos anos, foi apresentada uma outra teoria que tende a aliviar a tensão entre as interpretações individuais e coletivas. Sua origem e desenvolvimento estão associados principalmente com Pedersen, Eissfeldt, Wheeler Robinson e Rowley. Baseia-se no conceito de "personalidade corporativa", segundo o qual um grupo, visto como uma entidade contínua, pode funcionar como um único indivíduo através de qualquer membro representativo do grupo. Assim, o servo pode ser visto tanto como um indivíduo que representa o a nação e a nação cuja missão própria está sendo cumprida apenas através do servo. Por causa de sua natureza inclusiva, essas teorias são descritas por Rowley como "teorias fluidas".

À luz desta abordagem, somos livres para reconhecer que existem algumas características nas Canções Servas que sugerem claramente que o servo representa a nação Israel, enquanto há outras características que, bem como indicam claramente que

ele é um indivíduo. A teoria da "personalidade corporativa" é uma tentativa de harmonizar essas características aparentemente contraditórias. Assim, foi dito de Wheeler Robinson que, até certo ponto, ele deve ser classificado com os teóricos coletivos, ele também deve ser classificado com os individualistas.

Embora tal teoria possa tender a aliviar a tensão entre as interpretações coletivas e individuais, não altera o fato de que a preponderância da evidência parece ser do lado da interpretação individual. Esta é a posição que será defendida neste comentário.

Quem, então, é o servo das Canções Servas, se ele não é o Segundo Isaías, nem o Messias da expectativa judaica, nem um indivíduo histórico do passado, nem uma personificação de Israel? O fato de ele compartilhar alguns traços com todos esses torna ainda mais difícil identificá-lo. Por exemplo, ele, como Segundo Isaías, é uma figura profética, e o modelo para sua vida e ministério é o do profeta em vez do rei. No entanto, como o Messias, ele é uma figura escatológica cuja aparência sinaliza a consumação dos tempos. Além disso, como Israel, ele é chamado e escolhido para ser uma luz para as nações e para mediar o conhecimento de Deus até os confins da terra. Mas enquanto ele se parece com tudo isso, ele não deve ser equiparado a nenhum deles.

Em última análise, o servo deve ser visto como aquele que é *sui generis* e, portanto, diferente de qualquer outra figura retratada em outro lugar no Antigo Testamento. Na sua visão do servo, o Segundo Isaías viu o que ninguém antes dele tinha visto. A figura que ele imaginava era muito mais do que apenas a extensão e a culminação de um conceito já presente no Antigo Testamento, seja ele de Israel, ou do rei messiânico, ou dos profetas. Por meio da figura do servo, uma dimensão inteiramente nova foi adicionada às perspectivas escatológicas do Antigo Testamento. A partir desse momento, Israel poderia procurar a aparição de um líder radicalmente diferente, cuja missão seria soteriológica e não política.

O padrão do servo era admiravelmente adequado à vida e ao ministério de Jesus, pois ele constantemente descrevia seu messiahship em termos soteriológicos e não políticos. Ele recusou-se firmemente a ser o tipo de Messias que Israel queria que ele fosse. Em vez disso, ele escolheu o conceito de servo como o modelo apropriado para o que ele tinha vindo e fazer. Nele, portanto, dois fluxos do Antigo Testamento fluíam juntos e se tornaram um. Se Israel tivesse apenas olhos para ver, ela teria visto alguém que era Messias e servo sofredor. Certamente, não foi por acaso que ele foi proclamado rei em uma cruz. Ele não só via seu caminho pela luz que essas músicas derramaram em seu caminho, mas também nele a intenção do Autor de toda a Escritura alcançou sua suprema realização.

Referindo-se à visão inicial do profeta sobre o servo, Smart escreveu: "Ele não sabia quão perfeitamente suas palavras descreveriam um dia o evento crucial de toda a história quando outro e maior Servo se tornaria uma oferenda para o pecado e por sua pausa de obediência o poder do mal sobre a humanidade, estabelecendo o domínio de Deus na terra e trazendo o perdão, a paz e a cura de Deus para a porta de todo homem ".

VI. A Mensagem do Livro de Isaías

Se houver alguma validade para a afirmação de que o livro de Isaías consiste em três unidades separadas, mas relacionadas, de material escrito durante um período de aproximadamente dois séculos, torna-se necessário examinar a mensagem de cada uma dessas unidades separadamente. Nós, portanto, revisaremos os ensinamentos dos capítulos 1-39 , de 40-55 e de 56-66.

1. A Mensagem dos Capítulos 1-39

É nesses capítulos que encontramos as palavras de Isaías, filho de Amoz. Ele era um profeta de tal desafio e exigia que um comentarista escreveu sobre ele: "Se você o ouvir, você fica confuso, porque ele perturba suas noções, se você for com ele, você está com problemas porque você está empurrando contra a multidão, se Você negou que você se sente culpado porque sabe que ele está certo ".

Isaías fez muitas contribuições importantes para a religião de Israel. De forma notável, a maioria das ênfases de sua teologia já estão presentes de forma abreviada no relato de seu chamado. O capítulo 6 , portanto, foi apropriadamente referido como sua "página mais reveladora". Através desta experiência, ele veio a uma nova compreensão dos conceitos de santidade, pecado, julgamento, arrependimento, perdão, fé e o remanescente. Isso não significa , é claro, que se pode esperar encontrar aqui ou em outro lugar em Isaías um tratado sobre teologia sistemática. Os profetas não eram teólogos sistemáticos, nem mesmo pensadores sistemáticos. Eles eram bastante proclamadores de uma palavra divina que lhes foi enviada como a situação exigia.

Através deste primeiro episódio em sua longa carreira profética, Isaías chegou a uma nova compreensão da santidade de Deus. Não é exagero dizer que, como resultado dessa experiência, uma nova dimensão foi adicionada ao conceito de santidade do Antigo Testamento. Antes disso, os homens haviam pensado na santidade de Deus em termos de sua "alteridade", isto é, sua exaltação transcendente acima de todas as coisas criadas. O significado radicular da santidade é a separação, e dizer que Deus era sagrado significava antes que ele era Deus e não homem (cf. Hos. 11: 9). Isaías viu uma nova visão da santidade de Deus como foi proclamada no grito dos serafins alados (6: 1-3)). Enquanto ele estava na incrível presença do Deus três vezes santo, ele não estava tão consciente da sua criatividade quanto de sua impureza. Ele não estava aterrorizado porque era um homem, mas porque ele era um homem pecador. "Ai de mim", ele chorou, "porque eu sou um homem de lábios impuros". Aqui a santidade adquiriu um significado moral que não tinha tido antes. A santidade de Deus foi assim entendida como sua perfeita pureza moral, em combinação com sua exaltação transcendente. Daqui a pouco, a designação favorita de Isaías para Deus seria "o Santo de Israel", um título que aparece umas trinta vezes ao longo do livro.

Uma nova visão do significado da santidade trouxe uma nova visão também para o significado do pecado e do julgamento. Nenhum profeta falou mais sem medo que Isaías contra o orgulho de Judá, sua indulgência egoísta e sua insidiosa injustiça para com os pobres. Ele estava convencido de que sua hora de julgamento havia chegado. A dependência dos sacrifícios e dos sentimentos externos da religião não remediou a situação, mas apenas piorou a situação. Isaías acreditava que o julgamento estava próximo e que viria na forma de invasão dos exércitos da Assíria.

Isso nos leva a outro aspecto importante do ensino do profeta: a crença de que Deus estava dirigindo toda a história de acordo com seu propósito de estabelecer seu domínio na Terra. A declaração clássica desta crença está no capítulo 10 , que pertence ao tempo da invasão da Palestina em 701 ACQuando os assírios alcançaram o zênite de seu poder e pareciam ser invencíveis. Eles possuíam uma atitude de auto-suficiência arrogante que Kilpatrick descreveu como "o ateísmo da força". Fora da crise assíria, Isaías desenvolveu os rudimentos de uma filosofia da história, pois ele veio a ver que uma e a mesma nação poderiam seja um instrumento do propósito de Deus e um rebelde contra Deus. A Assíria, portanto, não era mais a vara com a qual Israel estava sendo castigado, e quando o castigo acabou, o orgulho da Assíria também seria punido. Aqui, então, era a chave para o significado interno da história: não era governado pelo capricho ou pela nação com os maiores batalhões, mas estava firmemente sob o controle do Santo de Israel, com o resultado final nunca em dúvida.

Isaías foi o primeiro dos profetas hebreus a apresentar fé em Deus como uma demanda religiosa central. Um escritor até se arrisca a sugerir que foi ele quem inventou o conceito bíblico de fé. Em todas as crises da vida política de seu povo, ele aconselhou a fé em Deus como a única alternativa à frustração e à derrota. Ele opôs fortemente à dependência do poder militar, da diplomacia ou das relações políticas. Isso explica por que ele reagiu como fez com as crises de 735 e 701 AC . Seu conselho para Ahaz e depois para Ezequias foi que nem o fortalecimento de suas defesas nem a forja de alianças militares proporcionariam segurança nacional. Isso só pode ser alcançado através de uma fé resoluta somente em Deus (cf. 7: 4, 9 ; 28:16; 30:15). Isaías acreditava que tal fé tornaria possível ao Senhor intervir em nome de seu povo angustiado. O profeta, portanto, não se opunha ao esforço humano como tal, mas sim à atitude em que o esforço humano estava sendo realizado. A atividade febril e a ansiedade sobre as defesas de Jerusalém, juntamente com os intermináveis apelos às potências estrangeiras para ajuda, indicaram uma atitude de incredulidade arrogante. Os reis de Judá foram culpados de colocar o poder do homem acima do poder de Deus.

Outro ponto saliente na mensagem de Isaías é a doutrina do remanescente. Esta doutrina deve ter tomado forma no início de seu ministério, talvez já em seu chamado, embora a última cláusula em Isaías 6:13 - "A sementes sagradas é seu jumento" - não está presente na Septuaginta. Certamente, no momento do nascimento de seu primeiro filho, ele formulou os rudimentos desta doutrina, pois ele chamou seu filho Shear-jashub, que significa "um remanescente retornará". Em primeiro lugar, seu nome parece ter uma importação sinistra, sugestiva do fato de que *apenas* um remanescente sobreviveria ao julgamento seguinte (cf. 6:13 ; 10: 22-23). Mais tarde, no entanto, tornou-se o veículo pelo qual o profeta expressou sua confiança de que a nação nunca seria completamente destruída ou as promessas divinas retiradas. Um remanescente, limpo nos fogos do juízo, herdaria as antigas promessas (cf. 10: 20-21 ; 11:11 , 16). A doutrina de Isaías do remanescente deu um otimismo básico ao seu ministério, sem comprometer sua mensagem de julgamento inevitável contra a maldade. A doutrina foi de tremendo significado na história subseqüente tanto do judaísmo como do cristianismo.

Uma ênfase final na pregação de Isaiah continua a ser considerada: sua contribuição para o desenvolvimento da esperança messiânica do Antigo Testamento. Ele foi um dos primeiros profetas a proclamar a vinda de um Messias pessoal e o advento de uma era ideal de justiça e paz. Bewer atribui as passagens messiânicas em Isaías até a última parte do ministério do profeta, isto é, para o período final de semi-aposentadoria após

701 AC , quando o profeta antigo "buscou cada vez mais com saudade para o futuro. Em poemas de apelo imortal, ele disse a seus discípulos do tempo em que as guerras não seriam mais e a idade ideal começaria, com um rei ideal e verdadeiros funcionários em um mundo de justiça e paz universal (9: 1-7 ; 11: 1 -9 ;32: 1-8 , 15-18 , 20 ; 2: 1-4) "

A expectativa messiânica de Isaías nasceu em grande parte de sua intensa angústia de alma quando Acaz (7: 10-13 ; 8: 5-8) e, em menor grau, Ezequias (capítulo 39) provou ser governantes infiéis. Na trilogia familiar das profecias encontradas nos capítulos 1-12 , Isaiah fala sobre o nascimento do Messias (7:14), a sua adesão ao trono (9: 2-7) e a sua justa regra (11: 1-9)). A impressão primordial que emerge de um estudo dessas passagens é que o profeta esperava plenamente que essas coisas acontecessem em seu próprio dia e idade. Ele não tinha como saber que sua realização seria adiada por mais sete séculos. Quando, na plenitude dos tempos, o Messias veio, as glórias de seu reino ultrapassaram, em muito, as mais profundas expectativas do profeta.

Ao resumir as contribuições de Isaías para a religião de Israel, Fleming James escreveu estas palavras memoráveis: "Para o cristão moderno, Isaías faz um apelo singular. A majestosa impetuosidade e a beleza penetrante de sua dicção, suas imagens de palavras brilhantes e sempre em mudança, sua trombeta de fé, seus desafios, suas demandas inexoráveis, sua pureza branca, seu desprezo de todas as coisas básicas, sua defesa de os pobres, suas garantias ternas, sua visão clara da era messiânica, devem ser encontrados em seu brilho agrupado em nenhum outro lugar da Bíblia ".

2. A Mensagem dos Capítulos 40-55

O autor dos capítulos 40-55 era o poeta laureado do Antigo Testamento. Seus oráculos poéticos foram descritos como "a essência destilada da linguagem". . . "O mais importante monumento literário que nos foi legado da antiguidade semítica". . . "O coração do Antigo Testamento". Ele, mais do que qualquer outro profeta, dirigiu-se às emoções dos homens e conseguiu mexer e mover seus corações. Se alguma nota predominasse em sua pregação, era a nota da vitória. Ele estava tão cheio de confiança na vitória final de Deus que dificilmente podia conter-se. Uma e outra vez, ele invadiu hinos de louvor alegre e alegre. Ele empregou a forma híbrida não porque tivesse um apelo estético, mas porque era a única forma adequada para a expressão de sua mensagem. Não é de admirar que Handel tenha atraído tão fortemente esses capítulos quando escreveu *The Messiah*. Este profeta ajudou a tornar a religião do Antigo Testamento uma religião cantora.

Muilenburg descreveu Isaiah 40-55 como "um drama escatológico em que a criação, a história e a redenção constituem os temas centrais", e em que "Deus é a figura central do começo ao fim". Os dois pontos básicos desta descrição que chamam para maior esclarecimento são a centralidade e singularidade do deus de Israel e a visão escatológica do exilic Isaiah.

Os capítulos 40-55 contêm as expressões mais claras e apaixonadas da natureza incomparável do Deus de Israel para ser encontrado em qualquer parte do Antigo Testamento. O contexto histórico de que essas expressões surgiram torna-os ainda mais significativos. A esmagadora derrota de Jerusalém na mão dos babilônios em 587 AC levou a muitos israelitas a concluir que o deus babilônico Marduk havia

triunfado sobre Javé. Alguns até declararam que teriam melhorado se tivessem adorado e queimado incenso aos deuses dos seus conquistadores (ver Jer. 44: 15-19). Os prolongados anos de exílio só acentuaram o problema, pois pareceu aos cativos que Yahweh era tão incapaz de livrá-los da escravidão como tinha impedido sua queda.

Foi contra esse contexto de desespero e desespero que esses oráculos foram proferidos. O profeta estava bem ciente de que Israel estava no exílio parecia indicar que seu Deus não tinha podido resistir aos deuses da Babilônia. Ele não hesitou em afirmar, no entanto, que esta interpretação dos acontecimentos estava errada. O exílio não sinalizou a derrota do deus de Israel, mas sim a expressão de seu julgamento sobre seus pecados.

A passagem que mais claramente expressa a filosofia da história do profeta é 42: 24-25 : "Quem desistiu de Jacó para o espetáculo, e Israel para os ladrões? / Não foi o Senhor, contra quem pecamos, de quem não andariam, e a quem eles não obedeceriam? / Então ele derramou sobre ele o calor de sua ira / e o poder da batalha; / O incendiou em volta, mas ele não entendeu; / Ele queimou ele, mas ele não tomou isso em consideração. "

Em uma passagem relacionada, o profeta considera a Babilônia como sendo apenas o agente do julgamento de Deus contra o seu povo. Isto é trazido para fora na acusação que Deus fez contra Babilônia: "Eu estava com raiva do meu povo, eu profanava minha herança; Deixei-os em sua mão, você não mostrou nenhuma misericórdia; Ao envelhecer, você fez seu jugo extremamente pesado "(47: 6). Há, aliás, uma semelhança marcada entre o pensamento desta passagem e o de 10: 5-19 , onde em uma configuração anterior a assíria é descrita como o agente do julgamento de Deus.

O profeta acreditava que, quando o castigo de Israel fosse realizado, Babilônia, como a Assíria antes dela, experimentaria o julgamento de Deus. Essa crença é expressa sob a forma de uma promessa entregue aos povos oprimidos de Israel: "Eis que tirei da sua mão / o copo de assombração; / A tigela da minha ira / não beberás mais; / e vou colocá-lo na mão de seus atormentadores, / que disseram a você: "Incline-se para que possamos passar" (51: 22-23).

Um dos propósitos de controle do profeta era demonstrar a superioridade de Javé sobre ídolos. A expressão clássica é dada a este tema em 41: 21-29 . Aqui, o profeta envolve um desafio para os ídolos para provar sua divindade por três testes. Eles podem dar uma interpretação significativa da história passada? Eles podem prever o futuro? Podem intervir na história, seja para o bem como para o mal? Quando faltam todos esses testes, o profeta declara desdenhosamente: "Eis que não és nada, e a tua obra é nada; uma abominação é quem o escolhe "(v. 24).

O profeta prossegue para mostrar que o que os ídolos não podiam fazer, o Senhor tem cumprido abundantemente. Ele forneceu as provas de sua soberania levantando Ciro para livrar seu povo da escravidão. Seus propósitos estão sendo anunciados de antemão por alguém que foi enviado para ser um heraldo de boas novas para Jerusalém. Nenhum ídolo é capaz de combinar esses feitos.

Além das polêmicas contra deuses ídolos, há declarações positivas sobre o Deus incomparável de Israel. Ele é o único Deus, além do qual não há outro (44: 6-8 ; 45: 5, 6 , 21). Relacionado com este é o uso repetido da afirmação "Eu sou ele", o que

equivale a dizer "Eu sou o único Deus verdadeiro" (41: 4 ; 46: 4 ; 48:12). Yahweh é "o primeiro e o último "(41: 4 ; 44: 6 ; 48:12), que deve ser interpretado não como uma expressão da eternidade de Deus, mas como uma afirmação de seu senhorio sobre a história. Sua atividade precedeu o início da história e se estenderá além da história.

Mais do que qualquer outro profeta, o segundo Isaías aumentou o Senhor como Criador. O verbo "criar" aparece 16 vezes nos capítulos 40-55 (ver 40:26 , 28 ; 43: 1 ; 45:18). Significativamente, esse verbo ocorre apenas uma vez em Isaiah 1-39(4: 5), e apenas 11 vezes em todo o Gênesis. Onde quer que ocorra, Deus é sempre seu sujeito. Desta forma, descreve um ato criativo único que ele sozinho pode realizar.

Porque eles se originaram durante a última parte do exílio da Babilônia, as referências a Deus como Criador são importantes por duas razões. Em primeiro lugar, os babilônios possuíam um mito de criação elaborado em que a criação era atribuída a Marduk. Os exilados judeus haviam sido expostos a esse mito durante seus longos anos de cativeiro. O profeta refutou as reivindicações deste mito, como ele afirmou repetidamente que somente o Senhor criou os céus e a terra. Em segundo lugar, essas referências são importantes porque forneceram prova aos exilados de que seu Deus era um Deus de poder e, portanto, capaz de livrá-los de seus inimigos. Esta era uma palavra de segurança que os exilados precisavam ouvir.

O segundo ponto enfatizado por Muilenburg tem a ver com a visão escatológica do exílio Isaías. "Eschatology", como usado aqui, tem como referência o fim decisivo da era, que o profeta acreditava estar perto. Ao longo desses capítulos, há uma intensa saudade e expectativa escatológica. Sentiu-se que o tempo do cativeiro de Israel chegou ao fim. A noite do cativeiro estava passando e um novo dia estava prestes a amanhecer. Em qualquer momento, Deus apareceria no poder e na glória para restaurar o seu povo na sua pátria e estabelecer o seu domínio universal de justiça e paz.

É possível reconstruir a ordem dos eventos que deve levar à idade escatológica. O primeiro foi o grande dia da aparição de Deus, quando sua glória seria revelada e toda a carne a veria juntar. Isso deveria ser seguido pela reunião de israelitas de todas as nações onde eles haviam sido dispersos. A restauração não só seria física, mas também espiritual. Os pecados do passado seriam perdoados, e Deus restabeleceria a aliança com Israel. A dupla promessa de terras e descendentes dada em convênios anteriores seria agora cumprida. A era escatológica atingiria o clímax na extensão da aliança de Deus para incluir Israel e todas as nações da humanidade. Israel, restaurado e perdoado, tornaria-se uma luz para as nações e um testemunho da singularidade de seu Deus.

A esperança escatológica do profeta levanta uma questão séria. Como nenhuma transformação como ele esperava já aconteceu, como podemos interpretar esses capítulos? Embora seja verdade que a conquista de Biron de Cyrus permitiu que os judeus retornassem a Jerusalém, eles, no entanto, não retornaram como pessoas livres, mas como sujeitos de Ciro. Eles simplesmente trocavam um soberano por outro. Uma vez que chegaram a Jerusalém, esperaram que Yahweh cumprisse as promessas feitas pelo segundo Isaías, mas os anos passaram a décadas e nada aconteceu. Basta ler o livro de Malachi para ver a desilusão que resultou. As expectativas há muito adiadas fizeram com que os corações das pessoas adoçassem. Ao invés de ver Zion se tornar uma coroa de beleza e um diadema real, eles se viram completamente ignorados no turbilhão do militarismo que surgiu em torno deles.

Qualquer tentativa de resolver esse problema deve levar em conta o fato de que se encontra o mesmo problema, em menor ou menor grau, em toda a escatologia bíblica. As promessas em relação ao futuro serviram um propósito vital na experiência religiosa de Israel, mesmo que não fossem cumpridos assim que o profeta esperasse ou na maneira como ele havia predito. Os judeus que viveram em antecipação ao cumprimento das promessas constituíram uma comunidade de espera, que por sua própria experiência experimentou o poder transformador de Deus para mudar sua fraqueza em força. Aprendeu assim que a própria fé é a vitória e não apenas o instrumento pelo qual a vitória é alcançada.

Os cristãos acreditam que a era escatológica predita pelo profeta foi iniciada quando Jesus Cristo nasceu e será consumado no final da era. É altamente significativo que as palavras de 40: 3 estavam nos lábios de João Batista quando ele começou seu ministério público e proclamou a vinda do reino de Deus (Mateus 3: 3 ; Marcos 1: 3 ; Lucas 3: 4 - 6 ; João 1:23). Um estudo cuidadoso sugere que tanto João Batista como Jesus foram fortemente influenciados em seus pontos de vista escatológicos pelo Segundo Isaías.

Um corolário direto da fé do profeta na singularidade essencial do deus de Israel foi sua preocupação missionária. Como havia apenas um Deus, então seu propósito incluía toda a humanidade. Esta verdade implicou um novo papel e uma nova missão para Israel. A declaração mais clara da responsabilidade de Israel é dada em 43: 10-13 , onde a nação é designada como testemunha da unicidade de Deus. Muil-enburg observou o significado desta passagem nestas palavras: "Ele, ele sozinho - é Deus, e Israel é seu testemunho. Aqui, o motivo missionário, uma característica tão forte de outros poemas, torna-se quase incandescente em sua intensidade ".

O profeta imaginava o dia em que todo joelho se curvaria diante de Deus e toda língua juraria fidelidade a ele (45: 22-24). Isto seria realizado não só pelo ministério de Israel, mas também pelo do servo do Senhor. A primeira das canções servas retrata o servo que traz a justiça às nações e estabelece a justiça na terra, enquanto as costas esperam por sua lei (42: 1 , 4). A justiça tem sido frequentemente interpretada neste contexto como significando verdadeira religião.

A segunda Canção do Servo atinge seu clímax em uma afirmação divina sobre a missão ampliada do servo: "É muito claro que você seja meu servo para levantar as tribos de Jacó e restaurar os preservados de Israel; Eu lhe darei luz para as nações, para que a minha salvação chegue até o fim da terra "(49: 6). Na quarta e última Canção do Servo, afirma-se que muitas nações serão assustadas e os reis fecharão a boca por causa do que vêem e ouvem sobre o servo (52:15). Isso implica claramente que os efeitos de seu ministério serão sentidos além das fronteiras de Israel.

A lista das contribuições do Segundo Isaías para a religião de Israel seria incompleta sem mais referência ao seu conceito de servo do Senhor. Como as Canções do Servant já foram discutidas com algum detalhe, não será necessário repetir a discussão aqui. No entanto, deve-se ressaltar que o conceito do Servo do Senhor ajudou a moldar a teologia não só de Israel, mas também da comunidade cristã primitiva. Ao formular o conceito, o profeta fez um contributo inestimável para a compreensão de Israel de sua missão, para a compreensão discípula da pessoa e missão de Jesus, para a compreensão da igreja de sua missão de servo-pessoas de Deus e para a solução do problema do sofrimento.

Este último ponto foi sublinhado por John Paterson. Ele apontou três etapas no desenvolvimento da compreensão do sofrimento durante o tempo do Antigo Testamento. O primeiro estágio foi caracterizado pela visão de que *todos os sofredores eram pecadores*, uma visão dada expressão clássica nos discursos dos amigos de Jó. O segundo estágio foi alcançado quando os homens começaram a entender que *alguns sofredores eram santos*. Isso proporcionou uma explicação mais adequada para o sofrimento dos homens, como Jó e Jeremias, cujo sofrimento não poderia ser atribuído ao seu pecado. O terceiro e mais alto estágio na compreensão do sofrimento foi alcançado nas Canções Servas de Deutero-Isaiah, especialmente na quarta canção (52: 13-53: 12). Aqui, pela primeira vez, foi claramente revelado que *alguns sofredores eram salvadores.* A visão de que o sofrimento pode ser vicária, que o inocente pode sofrer em nome do culpado, não está em nenhum lugar tão claramente como aqui.

Por causa da declaração clara deste profeta sobre a idéia de sofrimento vicário, seu ensinamento sobre o propósito universal de Deus e sua idéia do amor e compaixão de Deus, ele foi chamado de Evangelista do Antigo Testamento. A adequação deste título também pode ser demonstrada linguisticamente, pois ele freqüentemente empregou o verbo *basar* , que significa "dar notícia, pregar ou proclamar boas novas" (ver 40: 9 ; 41:27 ; 52: 7 ; 60: 6 ; 61: 1). Este verbo, através do meio da Septuaginta, foi a base da *euangelizeína* do Novo Testamento"Para proclamar o evangelho (boas novas)". O evangelho, tanto no Segundo Isaías como no Novo Testamento, foi a boa notícia de que Deus havia vindo ao seu povo em seu pecado e angústia, perdoou-os pelo sacrifício dele Servo, e tinha iniciado seu governo sobre as nações, uma regra que seria consumada na criação de novos céus e uma nova terra.

3. A Mensagem dos Capítulos 56-66

Como indicamos acima, esses capítulos refletem um cenário palestino e devem ser datados no período imediatamente posterior ao retorno dos judeus do exílio babilônico. Eles provavelmente foram escritos pelo Segundo Isaías ou por um ou mais de seus discípulos. Em qualquer caso, eles refletem um estágio posterior no desenvolvimento teológico do livro de Isaías. Eles fornecem informações inestimáveis sobre a vida religiosa de Israel nas décadas que se seguiram a 538 AC .

Uma das primeiras coisas que se observa nesses capítulos é um renovado interesse pela vida de adoração da comunidade judaica. A idolatria é condenada em um idioma remanescente dos profetas preexilicos (ver 57: 3-13 ; 65: 1-12 ; 66:17). As pessoas estão prescritas para guardar o sábado (56: 1-2 ; 58: 13-14), e grande estresse é colocado sobre a eficácia da oração (56: 6-7 ; 64: 1-12).

Isso não implica, no entanto, que o autor endossasse o ritual por causa do ritual. Pelo contrário, em nenhum lugar do Antigo Testamento há uma condenação mais forte do ritual divorciado da vida justa do que o encontrado aqui. De acordo com as melhores tradições dos profetas preexilicos, ele condena o jejum que se tornou um substituto da justiça social (58: 1-12). Suas reflexões sobre o Templo e seus serviços estão entre as mais notáveis no Antigo Testamento. Ele insiste que o eunuco e o estrangeiro não devem ser excluídos de participar de sua adoração (56: 6-8) e, de acordo com uma interpretação, propõe que os estrangeiros sejam escolhidos para servir como sacerdotes e levitas (66:18). -21).

Esses capítulos enfatizam fortemente a natureza pastoral do ministério profético. A passagem que expressa isso mais claramente é 61: 1-3 : "O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para trazer boas novas aos aflitos; ele me enviou para atacar os corações do coração, proclamar a liberdade aos cativos e a abertura da prisão aos que estão presos; . . "O profeta não só mostra preocupação para os oprimidos de seu próprio povo (58: 6-7), mas também fala em defesa dos direitos dos estrangeiros (56: 6-8). Muitas vezes ora por Israel, e uma notável oração de intercessão foi preservada em 63: 15-64: 12 .

O pecado e o julgamento, temas que dificilmente ocorrem nos capítulos 40-55 , recebem atenção proeminente nesses capítulos. O julgamento geralmente é descrito em termos apocalípticos. É definitivo, e questões na criação de novos céus e uma nova terra (65: 17-25). Como se aplica a Israel, é um julgamento seletivo: os fiéis serão poupados, mas os ímpios serão punidos (65: 13-25); 66: 22-24). A cena final no livro está estabelecida em Jerusalém e representa os adoradores reunidos que vão para ver os cadáveres dos condenados, comeu sempre por vermes, mas nunca devorados e queimados por incêndios eternos, mas nunca consumidos (66:24). É compreensível que os antigos rabinos costumam ser repetidos v. 23após v. 24 , para que o livro não termine com uma nota tão pessimista.

VII. O Texto do Livro de Isaías

Isaías está incrivelmente livre de problemas de texto. O texto massorético como um todo é extremamente bem preservado e é apoiado pelos textos de Qumran. Até agora, dois manuscritos de Isaías foram descobertos entre os Pergaminhos do Mar Morto. O primeiro destes (Iqis ^{um}) está completa, e as suas diferenças em relação ao texto Masorético consistem principalmente de variações de ortografia. Os tradutores do RSV adotaram apenas 13 de suas leituras de preferência às do Texto Massorético, e mesmo isso não alterou substancialmente a interpretação.

O outro pergaminho (IQIs ^{b}) é fragmentado, mas onde ele sobreviveu segue o texto Masoretic quase palavra por palavra. Isso significa que o texto hebraico do livro de Isaías foi praticamente fixado em sua forma atual pelo menos tão cedo quanto o início da era cristã. Poucos estudiosos teriam se atrevido a fazer essa declaração antes da descoberta dos textos de Qumran.

Esboço

Parte 1: Capítulos 1-39

I. Oracles sobre Judá e Israel (1: 1-12: 6)

1. Caso de Deus contra o seu povo (1: 1-31)

1. Favor sem gratidão (1: 1-3)
2. Punição sem arrependimento (1: 4-9)
3. Religião sem ética (1: 10-17)
4. Um apelo à decisão (1: 18-20)
5. A decadência moral de Jerusalém (1: 21-23)

6. Julgamento purificador de Deus (1: 24-26)
7. Os justos e os ímpios (1: 27-31)

2. Jerusalém, presente e futuro (2: 1-4: 6)
    1. Uma visão de paz universal (2: 1-5)
    2. O dia do Senhor (2: 6-22)
    3. A desintegração da sociedade da Judéia (3: 1-15)
    4. As altivas mulheres de Jerusalém (3: 16-4: 1)
    5. A restauração de Jerusalém (4: 2-6)
3. Pecado e julgamento (5: 1-30)
    1. A parábola da vinha (5: 1-7)
    2. Seis aflições contra os ímpios (5: 8-25)
    3. O invasor de longe (5: 26-30)
4. O chamado de Isaías (6: 1-13)
    1. Visão e resposta (6: 1-5)
    2. Purificação e comissão (6: 6-13)
5. Uma crise nacional (7: 1-9: 7)
    1. O sinal de Immanuel (7: 1-17)
    2. As consequências da descrença (7: 18-25)
    3. O signo de Maher-shalal-hash-baz (8: 1-4)
    4. O oráculo dos dois rios (8: 5-8)
    5. Temendo a Deus e não ao homem (8: 9-15)
    6. Um tempo de retirada (8: 16-22)
    7. O rei messiânico (9: 1-7)
6. A mão estendida de Deus (9: 8-10: 4)
    1. O castigo infrutífero de Deus de Israel (9: 8-17)
    2. O fogo da ira de Deus (9: 18-21)
    3. Roubo legalizado (10: 1-4)
7. Oracles contra Assyria (10: 5-34)
    1. Assíria, a vara da ira de Deus (10: 5-11)
    2. Punição do orgulho da Assíria (10: 12-19)
    3. Incentivo ao remanescente de Israel (10: 20-276)
    4. A invasão assíria (10: 27c-34)
8. A idade messiânica (11: 1-16)

1. O rei messiânico (11: 1-9)
2. Reunião no reino messiânico (11: 10-16)

9. Duas canções de louvor (12: 1-6)
    1. Uma música de libertação (12: 1-2)
    2. Uma música de ação de graças (12: 3-6)

II. Oracles dirigidos a nações estrangeiras (13: 1-23: 18)

1. A doom da Babilônia (13: 1-14: 23)
    1. O dia do Senhor contra a Babilônia (13: 1-22)
    2. O retorno dos exilados (14: 1-2)
    3. Uma canção de provocação contra o rei da Babilônia (14: 3-21)
    4. A vassoura de destruição de Deus (14: 22-23)
2. A destruição da Assíria (14: 24-27)
3. Atenção à Filostia (14: 28-32)
4. O destino de Moab (15: 1-16: 14)
    1. Distress in Moab (15: 1-9)
    2. Um pedido de refúgio (16: 1-5)
    3. Negação do pedido (16: 6-7)
    4. Lamentação sobre o infortúnio de Moab (16: 8-14)
5. Oraculos de ameaça e promessa (17: 1-14)
    1. A desgraça de Damasco e Efraim (17: 1-6)
    2. A restauração da adoração verdadeira (17: 7-8)
    3. A futilidade da idolatria (17: 9-11)
    4. A fúria das nações (17: 12-14)
6. Oracles sobre Etiópia e Egito (18: 1-20: 6)
    1. Oracle dirigiu-se aos enviados da Etiópia (18: 1-7)
    2. A doom do Egito (19: 1-15)
    3. A conversão do Egito e da Assíria (19: 16-25)
    4. Um sinal contra o Egito e a Etiópia (20: 1-6)
7. A queda da Babilônia (21: 1-10)
8. O futuro incerto de Edom (21: 11-12)
9. O destino de Dedan e Kedar (21: 13-17)
10. Revelar na véspera do desastre (22: 1-14)
    1. Uma cidade tumultuada (22: 1-4)

2. Uma cidade sitiada (22: 5-11)
3. Um chamado não arrebatado ao arrependimento (22: 12-14)

11. Denúncia de um político ambicioso (22: 15-25)
12. Oracles sobre Tire e Sidon (23: 1-18)
    1. A queda de Tiro e Sidon (23: 1-12)
    2. Restauração futura de Tire (23: 13-18)

III. Profecias de julgamento e redenção (24: 1-27: 13)
1. Um anúncio de julgamento (24: 1-20)
    1. O destino iminente (24: 1-3)
    2. A aliança quebrada (24: 4-13)
    3. Alegria prematura (24: 14-16)
    4. Julgamento inescapável (24: 17-20)
2. Uma liturgia de louvor e promessa (24: 21-27: 1)
    1. A entronização do Senhor no Monte de Sião (24: 21-23)
    2. Uma música de ação de graças (25: 1-5)
    3. A festa de entronização do Senhor (25: 6-9)
    4. O destino de Moab (25: 10-12)
    5. A segurança dos justos (26: 1-6)
    6. Uma oração para reivindicação (26: 7-19)
    7. A espada do Senhor (26: 20-27: 1)
3. Os planos do Senhor para o seu povo (27: 2-13)
    1. A nova música da vinha (27: 2-6)
    2. Um povo sem discernimento (27: 7-11)
    3. A criação de Israel (27: 12-13)

IV. Sabedoria divina e loucura humana (28: 1-32: 20)
1. Oracles sobre Efraim e Judá (28: 1-29)
    1. Líderes bêbados do povo do Senhor (28: 1-13)
    2. Segurança verdadeira e falsa (28: 14-22)
    3. A parábola do fazendeiro (28: 23-29)
2. Oráculos de julgamento e redenção (29: 1-24)
    1. A angústia e libertação de Jerusalém (29: 1-8)
    2. Cegueira espiritual e hipocrisia (29: 9-14)
    3. Conselheiros astutos de Judá (29: 15-16)

4. A transformação da natureza e da sociedade (29: 17-24)

3. A rejeição da segurança da fé (30: 1-31: 9)

1. A futilidade de depender do Egito (30: 1-7)
2. Um testemunho escrito (30: 8-17)
3. A paciência ea misericórdia de Deus (30: 18-26)
4. Juízo divino sobre a Assíria (30: 27-33)
5. Misplaced trust (31: 1-3)
6. A queda da Assíria (31: 4-9)

4. Orações de admoestação e promessa (32: 1-20)

1. Um reino de justiça (32: 1-8)
2. O derramamento do Espírito de Deus (32: 9-20)

V. Aforo presente e benção futura (33: 1-35: 10)

1. As tribulações e o triunfo de Jerusalém (33: 1-24)

1. Condenação de um implacável conquistador (33: 1)
2. Oração congregacional de súplica (33: 2-4)
3. A resposta reconfortante do profeta (33: 5-6)
4. Um lamento sobre a terra angustiada (33: 7-9)
5. O destino iminente dos opressores (33: 10-12)
6. Quem pode morar com Deus? (33: 13-16)
7. O rei em sua beleza (33: 17-24)

2. O julgamento das nações (34: 1-17)

1. A fúria do Senhor contra as nações (34: 1-4)
2. O terrível desgraça aguardando Edom (34: 5-17)

3. O dia da redenção para Zion (35: 1-10)

1. A transformação do homem e da natureza (35: 1-7)
2. A estrada dos redimidos (35: 8-10)

VI. Suplemento histórico (36: 1-39: 8)

1. A invasão de Judá de Senaqueribe (36: 1-37: 38)

1. Mensagem de Senaqueribe a Ezequias (36: 1-20)
2. Apelo de Ezequias e resposta de Isaías (37: 1-7)
3. Uma segunda mensagem de Senaquerib (37: 8-13)
4. A oração de Hezelaah e a profecia de Isaías (37: 14-35)
5. O cumprimento das previsões de Isaías (37: 36-38)

2. Doença de Ezequias e recuperação (38: 1-8)
3. Hino de Ezequias de ação de graças (38: 9-22)
4. A embaixada de Merodach-Baladan (39: 1-8)

Segunda parte: Capítulos 40-55

I. Libertação da Babilônia (40: 1-48: 22)

1. "Eis o teu Deus!" (40: 1-11)
    1. O perdão de Deus (40: 1-2)
    2. A glória de Deus (40: 3-5)
    3. A palavra de Deus (40: 6-8)
    4. A força e a gentileza de Deus (40: 9-11)
2. O Deus incomparável (40: 12-31)
    1. Criador e Senhor do universo (40: 12-26)
    2. Sustentador dos cansados (40: 27-31)
3. Deus que age (41: 1-29)
    1. O conquistador do leste (41: 1-4)
    2. O ridículo dos deuses feitos pelo homem (41: 5-7)
    3. Assalto para Israel (41: 8-20)
    4. Um desafio para as nações (41: 21-29)
4. O servo do Senhor (42: 1-43: 7)
    1. A missão do servo (42: 1-9)
    2. Uma nova canção de redenção (42: 10-17)
    3. Israel, servo cego (42: 18-25)
    4. Promessa de redenção (43: 1-7)
5. Testemunho de Israel para o Redentor (43: 8-13)
6. Redenção pela graça (43: 14-44: 5)
    1. O novo êxodo (43: 14-21)
    2. Apenas castigado, mas livremente perdoado (43: 22-28)
    3. Israel renovado pelo Espírito de Deus (44: 1-5)
7. Deus e os deuses (44: 6-23)
    1. Nenhum Deus senão o Senhor! (44: 6-8)
    2. A estupidez da idolatria (44: 9-20)
    3. O Redentor de Israel (44: 21-23)
8. Ciro e a salvação do mundo (44: 24-45: 25)

1. O propósito soberano de Deus (44: 24-28)
2. A comissão de Cyrus (45: 1-8)
3. O oleiro e a argila (45: 9-13)
4. A conversão das nações (45: 14-25)

9. Impotência e onipotência (46: 1-13)
    1. Os duendes pesados da Babilônia (46: 1-2)
    2. O apoio incondicional de Deus a Israel (46: 3-4)
    3. O absurdo da idolatria (46: 5-7)
    4. Exortação aos incrédulos (46: 8-13)
10. Dia de censura da Babilônia (47: 1-15)
    1. A filha caída da Babilônia (47: 1-4)
    2. Uma cidade sem compaixão (47: 5-7)
    3. Orgulho e auto-idolatria (47: 8-9)
    4. Uma falsa sensação de segurança (47: 10-11)
    5. Salvação por adivinhação e magia (47: 12-13)
    6. Julgamento pelo fogo (47: 14-15)
11. Exortações aos exilados na Babilônia (48: 1-22)
    1. Falha moral e espiritual de Israel (48: 1-8)
    2. Tentei no forno da aflição (48: 9-11)
    3. O soberano Criador e Redentor (48: 12-16)
    4. O alto custo da rebelião (48: 17-19)
    5. Invoca para deixar a Babilônia (48: 20-22)

II. O futuro glorioso de Israel (49: 1-55: 13)
1. Do desespero atual à futura glória (49: 1-26)
    1. O endereço do servo às nações (49: 1-6)
    2. O encorajamento de Deus para o Israel cativo (49: 7-13)
    3. A repovoamento de Sião (49: 14-21)
    4. O resgate e o retorno dos exilados (49: 22-26)
2. Israel sem fé e servo fiel (50: 1-11)
    1. A responsabilidade de Israel pela sua situação (50: 1-3)
    2. A garantia de vindicação do servo (50: 4-9)
    3. As consequências da crença e da incredulidade (50: 10-11)
3. O consolo de Sião (51: 1-52: 12)

1. Incentivo aos crentes fracos (51: 1-8)
2. O pedido do profeta e a resposta de Deus (51: 9-16)
3. O copo da ira de Deus (51: 17-23)
4. Redeemed sem dinheiro (52: 1-6)
5. A boa notícia do reinado de Deus (52: 7-10)
6. A proclamação de emancipação de Sião (52: 11-12)

4. O trabalho e o triunfo do servo (52: 13-53: 12)
    1. Da humilhação à exaltação (52: 13-15)
    2. O improvável começo do empregado
    3. O sofrimento vicário do servo (53: 4-6)
    4. A morte sacrificial do servo (53: 7-9)
    5. O último triunfo do servo (53: 10-12)
5. A canção dos redimidos (54: 1-17)
    1. O alargamento de Sião (54: 1-3)
    2. A reconciliação de Sião com Deus (54: 4-8)
    3. Uma aliança eterna (54: 9-10)
    4. A herança de paz e prosperidade de Sião (54: 11-17)
6. O grande convite (55: 1-13)
    1. A generosidade de Deus (55: 1-5)
    2. Um apelo ao arrependimento (55: 6-9)
    3. Palavra infalível de Deus (55: 10-11)
    4. Homeward bound! (55: 12-13)

Parte III: Capítulos 56-66

I. Oráculos de julgamento e redenção (56: 1-59: 21)
    1. O estatuto de estrangeiros e eunucos (56: 1-8)
    2. Problemas da comunidade restaurada (56: 9-57: 13)
        1. Líderes cegos (56: 9-12)
        2. Adoração corrompida (57: 1-13)
    3. O juízo e a misericórdia de Deus (57: 14-21)
    4. Verdadeira religião (58: 1-14)
        1. Verdadeiro e falso jejum (58: 1-12)
        2. Cerimônia de sabedoria verdadeira (58: 13-14)
    5. O retorno de Deus a um povo penitente (59: 1-21)

1. A alienação de Deus de Deus (59: 1-8)
2. Confissão de culpa de Israel (59: 9-15a)
3. A intervenção de Deus para salvar (59: 15b-21)

II. A proclamação da salvação a Sião (60: 1-66: 24)

1. A gloriosa restauração de Sião (60: 1-22)
    1. A vinda dos gentios à luz (60: 1-14)
    2. A inversão da humilhação de Sião (60: 15-22)
2. Novidades de grande alegria (61: 1-11)
    1. O arauto ungido da salvação (61: 1-4)
    2. Um povo abençoado do Senhor (61: 5-9)
    3. Um hino de alegria (61: 10-11)
3. Suplicando as promessas de Deus (62: 1-12)
    1. Beulah land (62: 1-5)
    2. A vigília de oração dos vigias de Sião (62: 6-9)
    3. A estrada dos redimidos (62: 10-12)
4. O vingador divino (63: 1-6)
5. Um salmo de intercessão (63: 7-64: 12)
    1. Lembrança das misericordias passadas (63: 7-14)
    2. Um pedido de ajuda atual (63: 15-64: 12)
6. Profecias de julgamento e salvação (65: 1-66: 24)
    1. Aviso de Deus a um povo apóstata (65: 1-16)
    2. Novos céus e uma nova terra (65: 17-25)
    3. Desaprovação de Deus do culto corrupto (66: 1-4)
    4. A voz do julgamento (66: 5-6)
    5. O renascimento de Sião (66: 7-14)
    6. O julgamento das nações (66: 15-16)
    7. Condenao do culto pagão (66:17)
    8. A reunião das nações no monte de Sião (66: 18-23)
    9. O castigo eterno dos rebeldes (66:24)

Bibliografia selecionada

DUHM, BERNHARD. "Das Buch Jesaia", *Gotten-ger Handkommentar zum alten Testament.* Gottengen: Vandenhoeck & Ruprecht, 4a edição, 1922.

CINZA, GEORGE BUCHANAN. *O Livro de Isaías, I-XXXIX.* ("The International Critical Commentary".) Edimburgo: T. e T. Clark, 1912.

VERDE, JAMES LEO. *Deus reina.* Nashville: Broadman Press, 1968.

JONES, DOUGLAS RAWLINSON. *Isaías 56-66 e Joel.* ("Torch Bible Commentaries".) Londres: SCM Press, Ltd., 1964.

KISSANE, EDWARD J. *O livro de Isaías,* vol. II. Dublin: Brown & Nolan, 1943.

CAVALEIRO, GEORGE AF *Deutero-lsaiah.* Nashville: Abingdon Press, 1965.

LESLIE, ELMER A. *Isaiah.* Nashville: Abingdon Press, 1963.

MAUCHLINE, JOHN. *Isaiah 1-39* . ("Torch Bible Commentaries".) London: SCM Press, Ltd., 1962.

MCKENZIE, JOHN L. *Segundo Isaías.* ("The Anchor Bible".) Garden City: Doubleday & Company, Inc., 1968.

MCNAMARA, M. "O LIVRO DE ISAÍAS, CAPÍTULOS 1-39 ," *Guia de Leitura do Antigo Testamento.* Col-legeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1966.

MUCKLE, J. YEOMAN. *Isaiah, Capítulos 1 - 39.* ("Epworth Preacher's Commentaries".) Londres: The Epworth Press, 1960.

MUILENBURG, JAMES. "O LIVRO DE ISAÍAS, CAPÍTULOS 40-66 ," *A Bíblia do Intérprete,* Vol. V. Ed. George Arthur Buttrick. Nashville: Abingdon Press, 1956.

NORTE, CHRISTOPHER R. *O Segundo Isaías.* Oxford: The Clarendon Press, 1964.

-. *O Servidor do Sofrimento em Deutero-lsaiah.* Londres: Oxford University Press, 1948.

ORLINSKY, HARRY M. E SNAITH, NORMAN H. "ESTUDOS SOBRE A SEGUNDA PARTE DO LIVRO DE ISAÍAS", *Suplementos para Vetus Testamentum,* Vol. XIV. Leiden: EJ Brill, 1967.

PRITCHARD, JAMES B., ED. *Antigos textos do Oriente Próximo relacionados ao Antigo Testamento.* Princeton: University Press, 1950.

SCOTT, RBY "O LIVRO DE ISAÍAS, CAPÍTULOS 1-39 ," *A Bíblia dos Intérpretes,* Vol. V. Nashville: Abingdon Press, 1956.

SKINNER, JOHN. "O LIVRO DO PROFETA ISAÍAS", *Cambridge Bible.* Cambridge: University Press, 1915.

SMART, JAMES D. *História e Teologia em Segundo Isaías.* Filadélfia: The Westminster Press, 1965.

STUHLMUELLER, CARROLL. "O LIVRO DE ISAÍAS, CAPÍTULOS 40-66 ," *Guia de Leitura do Antigo Testamento.* Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 1965.

THEXTON, S. CLIVE. *Isaías, Capítulos 40 - 66.* ("Epworth Preacher's Commentaries".) Londres: The Epworth Press, 1959.

WARD, JAMES M. *Amos e Isaiah.* Nashville: Abingdon Press, 1969.

WESTERMANN, CLAUS. " ISAIAH 40-66 ", TRANS. DAVID MG STALKER, *The Old Testament Library.* Filadélfia: The Westminster Press, 1969.

WRIGHT, G. ERNEST. *O Livro de Isaías.* ("The Layman's Bible Commentary", Vol. 11.) Richmond: John Knox Press, 1964.

YOUNG, EDWARD J. *O Livro de Isaías,* Vols. I, II e III. Grand Rapids: Wm. B. Eerd-mans Publishing Company, 1965.

Comentário sobre o texto

Parte 1: Capítulos 1-39

Os motivos para tratar os capítulos 1-39 como uma unidade separada foram apresentados na Introdução. Esta parte de Isaías às vezes é designada como a seção preexilica, uma vez que contém todos os oráculos atuais do Isaías do século VIII. Caia naturalmente nas seguintes divisões: os primeiros oráculos sobre Judá e Israel (1: 1-12: 6); oráculos contra nações estrangeiras (13: 1-23: 18); o chamado "Isaiah Apocalypse" (24: 1-27: 13); oráculos relacionados à crise de Sennacherib de 701 AC (28: 1-32: 20); uma coleção de oráculos escatológicos (33: 1-35: 10); e um apêndice histórico (36: 1-39: 8).

I. Orações sobre Judá e Israel (1: 1-12: 6)

Estes capítulos cobrem o período mais antigo no ministério de Isaías, estendendo-se através dos reinados de Jotham (742-735 AC) e de Ahaz (735-715). Por causa da grande quantidade de material biográfico e autobiográfico encontrado aqui, a seção às vezes foi referida como "as memórias de Isaías". O destaque do período inicial no ministério do profeta foi seu choque com Acaz durante a crise sírio-efraimítica de 735-733 AC . A rejeição de Ahaz do conselho de Isaías para confiar em Deus resultou na retirada temporária do profeta do ministério público (ver 8: 16-20).

1. Caso de Deus contra o Seu povo (1: 1-31)

O primeiro capítulo consiste em uma coleção de breves oráculos reunidos de diferentes períodos do ministério de Isaías. Ele forma uma seção transversal representativa de seu ensino e foi colocado aqui para servir como uma introdução ao livro inteiro. Os oráculos separados parecem ter sido reunidos com base em um tema comum e, em alguns casos, com base em certas palavras-chave ou palavras-chave, como "filhos" na vv. 2 e 4, e "Sodoma" e "Gomorra" em vv. 9 e 10. O tema que corre ao longo do capítulo é a controvérsia de Deus com seus apóstatas. Também aparecem temas menores, como a inutilidade da religião sem moral, a demanda de arrependimento, a ameaça de julgamento e a promessa de redenção.

(1) Favor sem gratidão (1: 1-3)

1 ***A visão de Isaías, filho de Amoz, que ele viu sobre Judá e Jerusalém nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Hezelda, reis de Judá.***

2 *Ouve, ó céus, e ouve, ó terra;*

porque o Senhor falou:
" Filhos eu criei e criei,
mas eles se rebelaram contra mim.
3 O boi conhece seu dono,
e o berço do berço do seu mestre;
mas Israel não sabe,
meu povo não entende ".

Conforme se encontra agora, o título editorial no v. 1 apresenta o livro inteiro de Isaías. Talvez tenha estado originalmente na cabeça de uma coleção mais curta de oráculos preocupados principalmente, senão exclusivamente, com Judá e Jerusalém. O fato de que títulos semelhantes são encontrados em 2: 1 e 13: 1 sugere que várias coleções de materiais isaianicos provavelmente circularam de forma independente antes de serem incorporadas no presente livro. Quando este processo foi concluído, o verso do título da coleção inicial, talvez com alterações ligeiras, foi permitido como o título para todo o livro. O título já era conhecido pelo autor de 2 Crônicas 32:32, que se refere às ações de Ezequias como tendo sido registrado na "visão de Isaías, o profeta, filho de Amoz".

O título chama a atenção para a visão de Isaías que ele viu. Outros profetas cujas mensagens são visões designadas são Obadiah (Obad 1) e Nahum (Ná 1: 1). O significado da visão é esclarecido quando 1: 1 é comparado com 2: 1 , pois o último faz referência à "palavra" que Isaiah "viu". Aqui "palavra" e visão parecem ser sinônimas e ambas são designações da mensagem que foi revelada ao profeta. Juntos, eles sugerem que a revelação de Deus para Isaiah era visual e auditiva, embora o verbo usado em ambos os casos seja traduzido "ele viu". Neste contexto, ver claramente significa perceber ou entender.

Isaías pode significar quer "o Senhor salvará" ou "o Senhor é a salvação". Seu pai Amoz não deve ser confundido com o profeta Amós, já que seus nomes foram escritos de maneira bem diferente em hebraico. Eles foram confundidos por alguns escritores cristãos primitivos, mas isso se deveu ao fato de que a Septuaginta não fazia distinção entre eles.

De acordo com o Talmud da Babilônia, Amoz era o irmão do rei Amazias (2 Reis 14: 1), o pai de Uzias. No entanto, não há suporte bíblico para tal reivindicação, e parece ter sido baseado unicamente no fato de que os dois nomes Amoz e Amaziah foram derivados da mesma raiz verbal. Portanto, a teoria de que Isaías era de sangue real se baseia em evidências muito tênues.

O verso do título não só identifica o profeta e o localiza geograficamente, mas também fornece uma cronologia relativa para o seu ministério, datado de acordo com os reis da Judéia que governaram durante a segunda metade do século VIII AC. A inclusão de Uzias na lista às vezes foi interpretado como significando que Isaías já havia começado a profetizar antes da morte do rei.

Esta interpretação levanta uma questão interessante sobre a visão registrada no capítulo 6 . Uma vez datado do ano em que o rei Uzias morreu (6: 1), era a visão inaugural do

profeta, ou já havia começado a profetizar antes disso? Embora a evidência disponível não forneça uma resposta definitiva a essas questões, a visão prevalecente é que o capítulo 6 descreve o chamado inicial de Isaías para o ministério profético e que o chamado veio logo após a morte do rei Uzias.

Ouve, ó céus, e ouve, ó terra é a fórmula introdutória para uma forma literária do Antigo Testamento, conhecida como o processo da aliança. Este é um dispositivo concebido para restaurar uma violação da aliança e, portanto, deve ser distinguido da cerimônia de renovação da aliança (ver Josué 24). Exemplos do processo da aliança ocorrem em quase todos os profetas preexilicos (cf. 3:13 ff.; 5: 1-7 ; Jeremias 2: 1 ff .; Hos. 2: 2 ff .; 4: 1 ss .; Amos 3: 1 ff.; 4: 1 ff .; Mic. 6: 1 ff.).

Os processos da aliança diferem um do outro em detalhes menores, mas eles têm certas características em comum. Dependendo da sua integridade, eles incluirão alguns ou todos os seguintes elementos: um apelo às testemunhas para dar ouvidos; uma declaração introdutória do juiz divino ou seu profeta; um recital dos graciosos atos de Deus em nome de seu povo; a acusação específica; e a frase.

O papel dos profetas nesses processos foi altamente significativo. Eles literalmente acreditavam que eram oficiais da corte celestial enviados para anunciar que a aliança de Deus tinha sido violada e que o julgamento radical estava acontecendo. Depois de anunciar a frase divina, que geralmente era muito breve, eles às vezes explicavam isso, categorizando os pecados das pessoas em maior detalhe. Outras vezes, eles se envolvem em lamentação e intercessão pelo acusado, demonstrando assim que no Antigo Testamento o ofício de intercessor não pertence tanto ao sacerdote quanto ao profeta.

A acusação feita contra o povo de Judá era que eles haviam se rebelado contra Deus, apesar de ter cuidado com eles como *filhos.* Deus fala aqui como um pai compassivo que foi profundamente ferido pela obstinação e ingratidão de seus filhos. A noção popular de que o conceito de paternidade de Deus não se originou até os tempos do Novo Testamento é totalmente refutada por passagens como esta. Deus é o mesmo, seja no Antigo Testamento ou no Novo Testamento, e quando ele dirige seu povo, ele fala como seu pai.

Este boi conhece seu dono. . mas Israel não sabe. O pensamento aqui expresso é semelhante ao de Jeremias 8: 7 : "Mesmo a cegonha nos céus / conhece os tempos dela; / e a tartaruga, a andorinha e o guindaste / mantenha o tempo de sua chegada; / mas meu povo não conhece a ordenança do Senhor ". Cada uma dessas passagens enfatiza a antinaturalidade da rebelião de Israel. Os pássaros dos céus sabem quando migrar, e o boi e o burro, quando desviados, encontram instintivamente o caminho de volta ao berço do seu mestre. Não é assim com o povo de Israel, pois eles deixam Deus e nunca mais retornam. Eles não são tão agradecidos nem tão inteligentes como o boi ou o burro.

A verdade deste verso é vividamente ilustrada em uma notícia que se originou em Haifa, Israel. Um policial, ao ler esta passagem de Isaías, concebeu uma maneira de descobrir os proprietários de uma caravana de jumentos carregados de contrabando, os proprietários haviam fugido. Os jumentos foram mantidos sem comida por vários dias, depois liberados e seguidos; Eles foram direto para a cova de seus donos, que foram presos por seu crime.

(2) Punição sem arrependimento (1: 4-9)

4 Ah, nação pecadora,
um povo carregado de iniqüidade,
descendentes de malfeitores,
filhos que lidam corruptamente!
Eles abandonaram o Senhor,
desprezaram o Santo de Israel,
eles estão totalmente afastados.
5 Por que você ainda será ferido,
que você continua a se rebelar?
Toda a cabeça está doente,
e todo o coração desmaia
6 Da planta do pé até a cabeça,
não há solidez nela,
mas contusões e feridas
e feridas sangrando;
eles não estão pressionados ou ligados,
ou amaciado com óleo.
7 Seu país está desolado,
suas cidades são queimadas com fogo;
na sua presença
alienígenas devoram sua terra;
Está desolado, como derrubado por alienígenas.
8 E a filha de Sião fica
como um estande em uma vinha,
Como uma pousada em um campo de pepino,
como uma cidade sitiada.
9 Se o SENHOR dos Exércitos
não nos deixou alguns sobreviventes,
devemos ter sido como Sodoma,
e se tornar como Gomorra.

Embora alguns agrupem vv. 2-3 com 4-9, parece melhor tratar a última passagem como um oracle separado e autônomo. Considerando que o Senhor foi o falante na seção anterior, aqui está o profeta. A exclamação inicial, Ah (Heb \. , *Hoy* , talvez melhor traduzida " *Woel* " ou "Alas!"), Também marca o início de um novo oráculo. Além disso, o oráculo em vv. 4-9 pressupõe uma devastação profunda da terra de Judá. Por isso, reflete uma situação histórica concreta, enquanto os versículos precedentes se estabelecem em um contexto mais geral e inclusivo.

Duas datas foram propostas para o oráculo. Uma possibilidade é que pertence ao tempo da devastação da terra de Judá durante a invasão síro-efraimítica de 735 AC (cf. 7: 1-2 ; 2 reis 16: 5-9). Mais provável, ele se refere à invasão assíria de 701 (ver 36: 1-37: 38 ; 2 Reis 18: 13-19: 37), realizada por Senaquerib, que em uma inscrição se vangloria de que, sob seu comando, o exército assírio destruiu 46 cidades muradas de Judá, deportaram mais de 200 000 de seus cidadãos e fecharam o rei Ezequias em Jerusalém "como um pássaro em uma gaiola" (ANET , p.228).

O endereço quádruplo na v. 4-nação, pessoas, descendentes, filhos - é uma maneira progressivamente pessoal de mostrar o relacionamento de Deus com Judá e de enfatizar a enormidade dos pecados do povo. Eles abandonaram o Senhor **e**desprezaram o Santo de Israel.

Isaías é geralmente creditado por ter cunhado a frase o Santo de Israel como designação para Deus. Ocorre algumas vezes 26 vezes no seu livro (cf. 5:19 , 24 ; 10:20 ; 12: 6 ; etc.), mas apenas seis vezes no restante do Antigo Testamento (2 Reis 19:22 ; Salmos 71: 22 ; 78:41 ; 89:18 ; Jeremias 50:29 ; 51: 5). Sua compreensão da santidade de Deus foi enraizada em sua experiência de chamada (capítulo 6). Através dessa experiência, ele aprendeu o significado da santidade divina e do pecado humano. Ele também aprendeu que o abismo que estava entre o homem pecador e o Deus santo só poderia ser unido por um ato de misericórdia divina.

O resultado do comportamento perverso de Israel era que ela se havia tornado completamente afastada de Deus. Para entender a força total desta afirmação, é preciso observar como o verbo *zur* é usado em outros lugares no Antigo Testamento. Seu significado básico é ser um estranho ou se tornar alienado de outro. Assim, o particípio *zar* é comumente usado para designar estranhos ou estrangeiros (ver 1: 7 ; Ex. 29:33 ; Levítico 22:10 ; Jó 19:15 ; Lam. 5: 2). O próprio verbo é usado para descrever o processo de alienação, separação ou alienação (ver Jó 19:13 ; Salmos 58: 3 ; 69: 8 ; Eze. 14: 5). Dizer que o povo de Israel se tornou completamente estranho significava que haviam violado a aliança que os unia a Deus e, assim, virtualmente se tornaram alienígenas e estranhos.

As palavras de abertura do v. 5 foram interpretadas de várias maneiras. A questão é se eles devem ser renderizados: "Por que você ainda será ferido?" Ou "Onde, ou seja, em que parte do corpo, você ainda será ferido?" Segundo a última representação, a nação é representada como uma indivíduo tão machucado e maltratado da cabeça aos pés que não existe um ponto sonoro onde uma nova ferida possa ser infligida. Ambas as interpretações são possíveis do ponto de vista do hebraico. Em ambos os casos, o significado é essencialmente o mesmo. As palavras expressam a consternação de Deus e a perplexidade diante da persistente rebelião de Judá. O que mais ele poderia fazer para levar seus povos a seus sentidos?

A metáfora do corpo machucado e batido continua na v. 6 e depois se aplicou especificamente a Judá e Jerusalém em vv. 7-9 . O seu castigo assumiu a forma de uma invasão. A gravidade da investida contra a terra é descrita com efeito staccato por uma série de frases curtas. Suas terras ficam destruídas; suas cidades foram queimadas com fogo. Eles se tornaram alienados de Deus, e agora os alienígenas estavam derrubando e devorando suas terras.

O castigo de Jerusalém é descrito vividamente em uma série de metáforas tiradas da vida cotidiana no antigo Israel. A cidade é personificada como uma donzela e referida como a filha de Sião. Este é um caso em que a relação de construção em hebraico seria mais exatamente traduzida como "filha Zion". A cidade, uma vez justo e adorável, agora foi deixada como um estande em uma vinha ou como uma pousada em um campo de pepino. A prática referida aqui é uma que ainda é conhecida no Oriente Médio: pousadas temporárias ou estandes são construídos nos campos de vinhas e pepinos durante a época de colheita e depois abandonados quando a colheita acabou. Esta figura de fala descreve a total solidão e o isolamento de Jerusalém enquanto exércitos alienígenas a cercam, cortando-a do resto de Judá.

O Senhor dos Exércitos é uma forma abreviada do título mais longo "Senhor Deus dos Exércitos". É uma designação antiga para Deus que enfatiza seu poder e majestade. A natureza majestosa do título está claramente refletida na Septuaginta, onde é habitualmente representada como *kurios pantokrator* , "o Senhor [Deus] Todo-Poderoso", um título que reaparece em certas passagens do Novo Testamento (2 Coríntios 6:18 ; Rev 4: 8 ; 11:17 ; 15: 3 ; 19: 6).

A palavra hebraica para os *anfitriões* pode referir-se à congregação de Israel (ver Ex. 7: 4 ; 12:41 , 51 , Núm. 31:48), aos combatentes dentro da congregação (Josué 5:14, 15 , 2 Sam. 2: 8 , 3:23), ao sol, à lua e às estrelas (cf. 34: 4 ; Gênesis 2: 1 ; Deut. 4:19), ou às hostes angélicas do céu (cf. cf. 1 Reis 22:19 ; Salmo 103: 21). É usado pela primeira vez em combinação com Javé (Senhor) em 1 Samuel 1: 3 .Sua aparência nesta conjuntura na história sugere que sua função original era designar o Senhor como o Deus dos exércitos de Israel. Mais tarde, seu significado foi ampliado para incluir os anfitriões do céu, astral e angélicos. É um título que enfatiza o Senhor soberano de Deus em todas as coisas criadas, tanto no céu como na Terra.

Se não fosse pela misericórdia de Deus, Jerusalém teria morrido completamente - como Sodoma e Gomorra (Gênesis 19:24 f.). Como era, tinha ficado com apenas alguns sobreviventes. As profecias de Isaías contêm inúmeras referências à sobrevivência de um remanescente (4: 2 ; 6:13 ; 10:20 f .; 17: 6 ; 28: 5), e seu primeiro filho possuía o nome simbólico Shear-jashub, traduzido "um O remanescente retornará "(7: 3). No entanto, a palavra usada aqui não é *cisalhamento* , a palavra normal para remanescente, mas *saríca* , que não ocorre em nenhum outro lugar em Isaías. Isso sugere que o profeta não considerou os sobreviventes da catástrofe de 701 ACcomo o restante purificado de Israel, mas como um remanescível dizmicamente digno do nome. No entanto, o próprio fato de que alguns sobreviventes haviam sido poupados era uma demonstração da graça de Deus em direção a uma cidade que merecia destruição completa.

(3) Religião sem Ética (1: 10-17)

10 Ouça a palavra do Senhor,
Vocês governantes de Sodoma!
Dê ouvidos ao ensinamento de nosso Deus,
vocês, pessoas de Gomorra!
11 "O que para mim é a multidão de seus sacrifícios?
diz o Senhor;

Eu já tive o suficiente de ofertas queimadas de carneiros
e a gordura dos animais alimentados;
Eu não me deleito no sangue de touros,
ou de cordeiros, ou de caprinos.
12 *"Quando você aparece para mim antes de mim,*
quem precisa de você
este pisoteio dos meus tribunais?
13 *Não ofereçam mais ofertas vãs;*
O incenso é uma abominação para mim.
Lua nova e sabá e o chamado das assembléias -
Não posso suportar iniqüidade e assembléia solene.
14 *Suas novas luas e suas festas nomeadas*
minha alma odeia;
eles se tornaram um fardo para mim,
Estou cansado de suportá-los.
15 *Quando você expande suas mãos,*
Esconderá meus olhos de você;
mesmo que você faça muitas orações,
Não vou ouvir;
suas mãos estão cheias de sangue.
16 *Lave-se; tornar-se limpo;*
remova o mal das suas ações
de diante dos meus olhos;
deixar de fazer o mal
17 *aprender a fazer o bem;*
procure justiça
opressão correta;
defender o órfão,
invocar a viúva.

Este oráculo é claramente definido a partir do que o precede por sua configuração histórica diferente. Jerusalém é descrita não como uma cidade sob cerco, mas como uma cidade pacífica para a qual peregrinações religiosas poderiam ser feitas. Isaías provavelmente entregou esta mensagem durante uma das grandes festas religiosas, quando o Templo estava lotado de adoradores e os altares foram empilhados com sacrifícios. O contexto sugere uma data no início de seu ministério, talvez já no reinado de Jotham. O oráculo foi, evidentemente, unido ao precedente com base no princípio da palavra-chave. A ligação entre os dois é a referência a Sodoma e Gomorra em ambos os vv. 9 e 10.

Foi dito que poucas coisas determinam as atitudes dos homens em relação à religião com mais clareza do que a afirmação do que eles consideram essencial para uma relação correta com Deus. Os homens de Judá estavam confiantes de que compreenderam completamente a natureza das exigências de Deus sobre eles. Eles acreditavam que, para permanecer a seu favor, eles deveriam aparecer regularmente em seu Templo, oferecer os sacrifícios prescritos e repetir as orações apropriadas. Isso foi até a compreensão deles, e eles não viram necessidade de uma aplicação prática dos princípios da justiça e da justiça em suas vidas diárias.

A posição de Isaiah era diametralmente oposta à deles. Ele não atacou a religião como tal, mas sim a dicotomia de credo e conduta que ele testemunhou na vida de seus contemporâneos. Ele declarou que, em tais circunstâncias, os sacrifícios, as orações e as assembléias solenes de seu povo eram pior do que inúteis; eles eram um insulto a Deus. O culto que não penetrou nas duras realidades da vida cotidiana foi considerado por ele como nada além de uma fraude piedosa. A sua posição em relação a esses assuntos era semelhante à de outros profetas preexilicos (cf. Jer. 7: 21-22 , Hos. 6: 6 ; Amós 5: 21-27 ; Mic. 6: 6-8).

O oráculo é dirigido aos governantes de Sodoma e ao povo de Gomorra, termos figurativos para os reis e povo comum de Judá e Jerusalém. O profeta não poderia ter escolhido termos mais caluniosos com os quais abordar o público. A perversidade de Sodoma e Gomorra se tornou proverbial. A palavra dada aos *governantes* ocorre apenas cinco vezes nos profetas (1:10 ; 3: 6 f .; Mic. 3: 1 , 9) e, em cada caso, é usada em um sentido depreciativo.

O paralelismo no v. 10 indica que a lei deve ser equiparada *à palavra do Senhor*. *A Torá* , a palavra hebraica para a lei, é derivada de um significado do verbo para atirar. Nos tempos antigos, freqüentemente disparou uma flecha para indicar direção (ver 1 Sam. 20: 20-22 , 35-40). O verbo para atirar, portanto, veio a ser usado em um sentido figurado que significa apontar, mostrar o caminho, instruir ou ensinar. *A Torá* , derivada deste verbo raiz, tem um significado muito mais rico do que a lei de tradução parece indicar. Seria mais adequadamente processado como ensino, instrução, direção ou revelação. Neste contexto, refere-se ao ensino religioso e ético dado ao povo através dos profetas.

A questão de abertura no v. 11 poderia ser traduzida: "De que uso para mim é a abundância de seus sacrifícios?" As ofertas queimadas eram aquelas em que todo o sacrifício foi consumido sobre o altar (Lv 1: 3 e seguintes) . Em outros tipos de sacrifícios, como a oferta de paz (cf. Lv 3: 1 ss.), Aqueles que fizeram os sacrifícios, juntamente com os sacerdotes oficiantes, foram autorizados a comer certas porções dos animais sacrificados, desde que, claro, que a gordura e o sangue estavam reservados para Deus.

É implícito que os homens de Judá e Jerusalém estavam empilhando os altares com holocaustos e com a gordura eo sangue das suas ofertas pacíficas. Sua generosidade excedeu as exigências da lei. Eles naturalmente assumiram que Deus estava satisfeito com a prodigalidade de suas dádivas. Deve ter sido chocante para eles, portanto, ouvir o profeta anunciando que Deus estava ofendido por seus sacrifícios, que ele tinha tido o suficiente e não queria mais.

A questão apresentada na v. 12, "Quem exige de você este pisoteamento de meus tribunais?", Foi interpretado por alguns como um completo repúdio a todo o culto de Jerusalém. Tal interpretação postula um fosso quase incompreensível entre o profeta e seus ouvintes. É mais provável que suas palavras fossem dirigidas não contra o próprio Templo, mas contra aqueles que freqüentavam o Templo quando o tempo todo suas vidas estavam cheios de iniqüidade. Ele rejeitou a religião que ele encontrou em Jerusalém porque se divorciou da vida justa e da conduta ética e, portanto, constituiu uma barreira para, em vez de um meio de, a comunhão com Deus. Existe sempre o perigo de que a religião organizada se tornará nada mais do que o esforço organizado de homens não regenerados para manipular Deus e garantir a si mesmos as recompensas da prosperidade temporal e da segurança espiritual.

As ofertas das pessoas são descritas como vãs, ou seja, vazias, sem valor e sem propósito. Seu incenso, talvez uma referência ao fumo acre subindo de seus altares, fosse uma abominação para Deus. A palavra abominação foi usada no Antigo Testamento para descrever o que estava grotescamente fora de harmonia com a vontade revelada e o caráter do Deus de Israel.

As festas religiosas que foram condenadas incluíram lua *nova* , sabá e as assembléias chamadas. A lua nova **é** referida duas vezes (vv. 13 f .). Este festival marcou o início de cada novo mês e foi, como o sábado, um dia de descanso (cf. Números 28: 11-15). A declaração final no v. 13significa que Deus considerou a iniqüidade e a assembléia solene como entidades diferentes. Que ninguém imagine, portanto, que eles possam praticar a iniqüidade e ainda participar de forma significativa na assembléia solene. Os dois eram totalmente incompatíveis. Deus considerava a combinação de opostos tão intoleráveis e insuportáveis. Suas novas luas e festas nomeadas não eram mais uma fonte de alegria para ele, mas sim um fardo cansado que ele era obrigado a suportar.

A oração também foi incluída na lista de atos de culto que perderam seu significado por causa do pecado. Deus indicou sua rejeição das orações de Israel ao esconder os olhos e parar as orelhas. Ele se recusou a olhar para as mãos estendidas na oração, pois essas mesmas mãos estavam cheias de sangue. Isso não significa que eles simplesmente foram manchados de sangue, pois estar cheio de sangue significa gotejar com sangue (ver 34: 6). A acusação é tornada ainda mais vigorosa pelo uso do plural para o sangue (lit., bloods), uma forma que geralmente sugere sangue que foi derramado violentamente, como em guerra (1 Cron. 22: 8 ; 28: 3) ou em assassinato (ver Gênesis 4:10 ; 2 Reis 9:26). É interessante notar que o Pergaminho do Mar Morto de Isaías (lqi ^{a}) completa o v. 15 , adicionando a frase paralela, "e seus dedos com iniqüidade", um final que obviamente foi emprestado de 59: 3 .

A acusação é seguida de exortação. Nove imperativos no vv. 16-17 prescrevem um curso de ação para os homens de Judá. O primeiro instrui-os a lavar-se. O verbo *rachats* ocorre 72 vezes no Antigo Testamento e, em todos os casos, exceto um refere-se à lavagem da carne, seja de homens (Gênesis 24:32 ; Ex 2: 5 ; 40:12 ; 2 Sam. 12 : 20 ; 2 Reis 5:10) ou de animais sacrificados (ver Ex. 29:17 ; Levítico 8:21 ; 9:14). Sua única outra ocorrência em Isaías está em 4: 4, onde fala de um dia "quando o Senhor lavará a imundície das filhas de Sião e purificasse as manchas de sangue de Jerusalém".

É absurdo argumentar, como alguns fizeram, que os homens de Judá eram assassinos e, portanto, incapazes de se lavar. É inconcebível que Deus lhes tenha ordenado que façam o que não puderam fazer. A lavagem exigida deles era um ato simbólico que significava um espírito de arrependimento verdadeiro. Além disso, como 4: 4 indica claramente, foi na realidade o próprio Deus que efetuou a limpeza. O que ele exigiu, que ele também deu.

O comando negativo "deixar de fazer o mal" é equilibrado pelo positivo "aprender a fazer o bem". Aqui, como em outros lugares nos profetas, o bem tem uma orientação social. Um demonstra sua bondade quando busca justiça, corrige a opressão e defende o órfão e a viúva. O bom homem, portanto, não é meramente o homem religioso, nem o homem temperado, nem o homem moral; ele deve ser também o homem que faz amizade com os pobres e os necessitados; que não aproveitará o infortúnio de outro, mas levanta a voz em protesto quando outros o fazem; que faz tudo o que estiver ao seu alcance para corrigir a opressão e construir uma sociedade justa e duradoura. Isaías estava dizendo: "Isto é o que Deus exige de você. Faça isso, e você viverá, ignore isso, e o resultado será caos e ruína".

O KJV aparentemente segue a Septuaginta em vez do texto hebraico na v.17, traduzindo incorretamente a terceira injunção para ler: "aliviar os oprimidos". Mesmo o RSV enfraquece a força do original com sua renderização: "opressão correta". Uma leitura mais precisa seria: "definir o direito do opressor" ou "endireitar o opressor ". A injunção direciona os homens de Judá para lidar com as causas da opressão em vez de simplesmente tratar os sintomas. Um exemplo da aplicação deste princípio em uma configuração de modem é o fornecido pelo teólogo e mártir alemão, Dietrich Bonhoeffer, que na justificativa de sua oposição ao nazismo declarou: "Não é só minha tarefa cuidar das vítimas de loucos que conduzir um automóvel em uma rua lotada, mas fazer tudo no meu poder para parar de dirigir ".

(4) Uma Chamada à Decisão (1: 18-20)

> *18 "Venha agora, considere juntos,*
> *diz o Senhor:*
> *embora seus pecados sejam como escarlate,*
> *eles devem ser tão brancos como a neve;*
> *embora sejam vermelhas como carmesim,*
> *eles devem se tornar como lã.*
> *19 Se você está disposto e obediente,*
> *Você comerá o bem da terra;*
> *20 Mas se você se recusar e se rebelar,*
> *Você será devorado pela espada;*
> *porque a boca do Senhor falou ".*

A convocação de Deus aos pecadores para vir antes dele, a fim de que eles possam raciocinar juntos, talvez possa ser entendida no sentido de resolver um caso judicial. O verbo *de* razão pertence ao vocabulário jurídico do Antigo Testamento e é usado em outros lugares para significar repreender (ver 29:21 ; 37: 4 , Gen. 31:42), apresentar

uma queixa (ver Gênesis 21: 25 , Mic. 6: 2), para argumentar o caso de alguém (ver Jó 13: 3 ; 23: 7), para tomar uma decisão (ver 11: 3, 4 ; Gênesis 31:37), e ser reivindicado (ver Gênesis 20:16). Este versículo, portanto, pede aos pecadores que não entrem em debate com Deus, mas que fiquem atentos a ele enquanto ele resuma seu caso contra eles e explica a alternativa aberta a eles.

Esta interpretação questiona a tradução da segunda metade do v. 18 como aparece tanto na KJV quanto no RSV. Para considerar as palavras do profeta como uma promessa incondicional de perdão - um comentarista descreveu isso como "esse concurso, esse incrível evangelismo" - é ignorar tanto o contexto em que se encontra como o tenor geral da pregação de Isaías.

Desde a partícula *'im* , traduzido no entanto, por vezes, serve para introduzir uma sentença interrogativa (cf. 10:15 ; 29:16 ; 1 Reis 01:27 ; Job 06:12 ; 39:13), alguns traduzidos as cláusulas v. 18b como perguntas indignadas: "Se seus pecados são como escarlate, eles também podem ser tão brancos como a neve? Se eles são vermelhos como carmesim, eles podem ser como lã? "Segundo essa interpretação, Isaías considerou tal possibilidade como impensável. Ele pretendeu essas questões retóricas, portanto, para servir como uma repreensão para aqueles que consideravam o sistema sacrificial como uma solução fácil para o problema do pecado.

Outros sugeriram que as frases deveriam ser tratadas como sentenças condicionais e que os verbos nas cláusulas principais deveriam ser traduzidos como jussives, ou seja, como expressando um desejo ou comando. A segunda metade do v. 18 , portanto, constituirá o desafio de Deus aos pecadores em Judá: "Embora seus pecados sejam como escarlate, que ele seja tão branco como a neve; embora eles sejam vermelhos como carmesim, que eles se tornem como lã ".

Esta interpretação não impede a possibilidade de perdão, mas tampouco sugere que o perdão seja dado automaticamente ou incondicionalmente. "Deixe-os tornar-se como lã" baseia-se na suposição prévia de que "eles podem tornar-se como lã", mas essa possibilidade aberta de perdão divino só será traduzida na realidade pela resposta voluntária das pessoas.

Uma declaração clara das alternativas abertas aos homens de Judá é dada em vv. 19-20 . Isaías estava convencido de que um horrível julgamento aguardava aqueles que persistiam no pecado. Por outro lado, o perdão e a prosperidade seriam a recompensa daqueles que obedeceram voluntariamente à palavra do Senhor. Um jogo impressionante sobre palavras é encontrado nestes versos, embora esteja obscurecido em traduções inglesas. Para afiar o contraste entre as alternativas enfrentadas pela nação, o profeta declara: "Se você está disposto e obediente, você deve comer. . . Mas se você se recusar e se rebelar, você será devorado. . As formas traduzidas "você deve comer" e "você deve ser devorado" são derivadas da mesma raiz verbal hebraica. O profeta estava dizendo em efeito: "Se você obedecer, você comerá; Se você desobedecer, você será comido. "

(5) A Decadência Moral de Jerusalém (1: 21-23)

21 Como a cidade fiel

tornou-se uma prostituta,
Ela estava cheia de justiça!
A justiça alojada nela,
mas agora assassinos.
22 Sua prata tornou-se escória,
seu vinho misturado com água.
23 Os teus príncipes são rebeldes
e companheiros de ladrões.
Todo mundo ama um suborno
e corre após presentes.
Eles não defendem os órfãos,
e a causa da viúva não os conecta.

Estes versos constituem um lamento sobre a ascensão e queda de Jerusalém. O primeiro verso está escrito no medidor de *Qinah* , um dispositivo literário usado para expressar tristeza e lamentação. Produz um ritmo desequilibrado, às vezes referido como um ritmo "mancando", por meio de uma sucessão de sílabas acentuadas em um padrão de 3 mais 2. Este lamento, como muitos outros no Antigo Testamento, começa com o "Howl" plaintive (ver 2 Sam. 1:19 ; Salmo 137: 4 ; Lam. 1: 1 ; 2: 1 ; 4: 1 ; Hos. 11 : 8).

A fidelidade passada de Jerusalém contrasta fortemente com sua infidelidade atual. O profeta descreve a cidade como era uma vez e como é agora. Ele não estava tentando idealizar o passado para mostrar a diferença entre o passado eo presente. O passado que ele tinha em mente era talvez o período do reinado de Davi.

No passado, Jerusalém tinha sido uma cidade fiel, o lugar da hospedagem da justiça e da justiça. Como as palavras são conhecidas não só por suas origens, mas também pela empresa que eles mantêm, é instrutivo notar que a justiça e a justiça são muitas vezes ligadas entre si no uso do Antigo Testamento (cf. 5: 7 , 16 ; 9: 7 ; 16: 5 ; 28:17 ; 32: 1 , 16 ; 33: 5 ; 1 Reis 10: 9 ; Salmos 72: 1, 2 ; 89:14 ; Provérbios 21: 3 ; Amós 5:24). No pensamento hebraico, a justiça representava o princípio da retidão, como se refletia na própria pessoa do próprio Deus. A justiça era a expressão prática do princípio da justiça em relação com os outros.

A cidade onde a justiça costumava hospedar se tornou o lugar de hospedagem dos assassinos. A única vez que era fiel tornou-se uma prostituta. O contexto mostra que a acusação foi contra ela, não porque ela fosse idólatra, mas porque tolerava a injustiça social. A acusação, portanto, era séria, pois significava não apenas que ela deixara de amar a Deus, mas, mais importante, que ela deixara de se preocupar com o bem-estar dos homens.

Foi sugerido que o adultério de Jerusalém resultou em sua adulteração. Sua deterioração moral é descrita sob duas metáforas, a de prata que se tornou escória e de vinho enfraquecido com água. O versículo seguinte indica que essas metáforas se referiam especialmente aos governantes das pessoas.

Os príncipes não se referem aos membros da família real, mas às várias classes de funcionários e líderes governamentais, nomeadamente os juízes, que ficaram contaminados por sua concupiscência de ganhos materiais. O verso abre com um trocadilho que é difícil de reproduzir na tradução. O texto transliterado seria o seguinte: *sarayik sor ᵉ rim* . Em um esforço para reproduzir o significado do original, bem como para preservar o jogo nas palavras, alguns renderam a frase para ler, "Seus príncipes são sem princípios", enquanto outros preferiram a renderização, "Seus governantes são indisciplinados." Um também pode sugerir que seja traduzido: "Seus governantes se tornaram patifes". A ocorrência de um ditado semelhante em Oséias 9:15 sugere que pode ter sido uma expressão proverbial.

Isaías retrata a situação dos membros indefesos da sociedade, cuja única reivindicação para consideração era o infortúnio deles. Porque os funcionários adoravam os subornos e correram após os presentes, recusaram as petições de quem não podia pagar. A justiça foi dispensada por um preço, e as queixas de viúvas e órfãos nem sequer foram consideradas.

(6) Julgamento Purificador de Deus (1: 24-26)

24 Portanto, o Senhor diz:
o SENHOR dos anfitriões,
o Poderoso de Israel
"Ah, vou respirar a minha ira contra os meus inimigos,
e vingar-me dos meus inimigos.
25 Vou virar a mão contra você
e vai cheirar sua escória como com lixívia
e remova toda a sua liga.
26 E restaurarei seus juízes como primeiro,
e seus conselheiros como no início.
Depois, você será chamado a cidade da justiça,
a cidade fiel ".

O oráculo precedente trata do passado e do presente de Jerusalém; Este enfoca seu futuro. Sua profunda impureza exige ação drástica; A limpeza superficial não servirá no caso. Deus terá que lidar com ela com dureza antes que ele possa lidar com ela gentilmente.

Deus se dirige a ela em primeira pessoa, anunciando sua intenção de visitá-la com seu julgamento purificador e redentor. Como resultado, ela será refinada como metal precioso, e sua escória e liga serão retiradas. Deus removerá os rebeldes que governaram sobre ela, substituindo-os por homens justos. Quando o processo de refinação for concluído, ela novamente será chamada de "a cidade da justiça, a cidade fiel" (v. 21).

Se os v. 24 fossem tomados sozinhos, sugeriria que o julgamento fosse concebido de forma totalmente punitiva, em vez de redentor. Os comentadores chamaram a atenção

para a acumulação incomum de nomes divinos no início do verso. Aquele que julga Jerusalém é chamado de "O Senhor, o Senhor dos exércitos, o poderoso de Israel". Sempre que o título "Senhor" (' *adhon*) ocorre em Isaías com o artigo definido (*ha'adhon*), ele sempre apresenta uma ameaça ou um aviso (cf. 3: 1 ; 10:16 , 33 ; 19: 4). O significado geralmente aceito *de'abhir*, Traduzida como "Poderoso ", é touro, ou dirigir "The Bull de Jacó (Israel) ", portanto, é um título metafórico descrevendo grande poder de Deus e poder (cf.. 49:26 ; 60:16 ; Gn 49: 24 ; Salmo 132: 2 , 5). O Poderoso de Israel está pronto para libertar sua ira contra seus inimigos, que neste caso não são as nações estrangeiras, mas o próprio Israel (cf. 63:10 , Lam. 2: 5).

Em vv. 25-26 surge o pensamento que somente os ímpios irão perecer nos incêndios do juízo. O bem e o mal devem sofrer; Mas, no final, o bem virá como prata pura, enquanto os maus serão afastados como escória sem valor. A passagem, portanto, incorpora o conceito de Isaiah do remanescente, embora a palavra atual para o remanescente não ocorra até mais tarde.

A referência ao uso de lixívia no processo de refinação foi interpretada de diversas maneiras. Alguns sugeriram que a lixívia, um álcali obtido a partir de uma espécie de planta que crescia nas marismas ao redor do Mar Morto, foi usado como agente de limpeza no processo de fundição. Tal uso é desconhecido, no entanto, e em outros lugares na cápsula do Antigo Testamento é associado com sabão e mencionado como agente de limpeza na lavagem (ver Jeremias 2:22 , Mal. 3: 2). O KJV interpreta a palavra como um adjetivo usado adverbialmente e torna-o "puramente". As consoantes na palavra hebraica traduzida como "com *lixão* " são *kbr* . Alguns estudiosos defenderam o rearranjo destes para ler o *bkr*, uma palavra que significa "na fornalha". Assim, a Goodspeed traduz: "E [eu] sentirei sua escória no forno". Embora essa leve emenda produza uma leitura atrativa, ela não possui suporte de nenhum dos primeiros manuscritos ou versões .

Esta passagem é significativa para a luz que derrama sobre a escatologia de Isaías. O profeta, aparentemente, esperava que a purificação e restauração de Jerusalém ocorressem no futuro próximo. Ele descreveu a idade da restauração em termos gerais, além de qualquer referência a um rei. Ele imaginou uma cidade restaurada que seria governada por juízes justos e conselheiros sábios. Em reconhecimento de seu novo personagem, receberia um novo nome, a cidade da justiça.

(7) Os justos e os ímpios (1: 27-31)

> *27 Sion será redimido pela justiça,*
> *e aqueles naquela que se arrependem, por justiça.*
> *28 Mas os rebeldes e os pecadores serão destruídos juntos,*
> *e os que abandonarem o Senhor serão consumidos.*
> *29 Pois você se envergonhará dos carvalhos*
> *em que você se deliciava;*
> *e você deve corar pelos jardins*
> *que você escolheu.*

30 Para você deve ser como um carvalho
cuja folha seca,
e como um jardim sem água.
31 E os fortes se tornarão reboçados,
e seu trabalho uma faísca,
e ambos ficarão juntos,
sem que ninguém os extinguisse.

Uma mudança da terceira para a segunda pessoa ocorre entre vv. 27-28 e 29-31 do texto hebraico, embora a Septuaginta tenha a terceira pessoa em toda parte. Por causa da mudança de pessoas no texto hebraico, alguns concluíram que os versos contêm os restos de duas composições originalmente distintas; no entanto, tal mudança de pessoas não é incomum nos livros proféticos do Antigo Testamento.

O tema da passagem é o destino dos justos e dos ímpios. Os primeiros são identificados como aqueles que se arrependeram em Sião. Eles serão redimidos pela justiça e *pela* justiça. Isso não deve ser interpretado para significar que eles se qualificarão para a salvação por causa de sua justiça e justiça, mas sim que serão salvos por meio dos julgamentos justos do Senhor.

Resgatar (*padah*) é uma palavra rara em Isaías, ocorrendo apenas aqui e em 29:22 ; 35:10 ; e 51:11 . O significado original da palavra era resgatar uma pessoa ou animal da morte por meio de um substituto ou pagamento de dinheiro (ver Ex. 13:13). A Septuaginta, portanto, quase sempre foi feita por alguma forma do verbo *lutroomai* , um termo técnico derivado do direito comercial. Conforme usado no contexto atual, significa simplesmente salvar ou entregar (cf. Salmos 25:22 ; 119: 134 ; 130: 8).

A acusação específica contra os ímpios era a da idolatria, que tomara a forma de adoração de árvores. O significado mais provável de v. 29 é que as pessoas estavam envolvidas em ritos idólatras sob carvalhos ou terebinths; Alguns comentaristas, no entanto, interpretam o versículo como uma alusão aos ricos e aos seus países. Se a referência é para alguma forma de adoração de árvores, pode ter envolvido a participação no culto da fertilidade cananéia, que geralmente foi praticada nas covas e sob grandes árvores (ver 2 Reis 16: 4 ; Jeremias 2:20 ; Hos. 4:13). Os jardins eram provavelmente bosques de árvores tão sagradas.

Há um jogo de palavras em vv. 29-30 . Os adoradores escolheram carvalhos e jardins; então perecerão como carvalhos - com folhas secas! - e como jardins - sem água! Em outras palavras, seu destino e o dos objetos que eles adoravam seria o mesmo.

O pecado da idolatria traz seu próprio castigo, conforme v. 31 . O forte é um termo raro que ocorre apenas aqui e em Amós 2: 9 , onde também está em relação às árvores. É um termo usado para designar os pecadores em Zion. Devem tornar-se como o reboque, a fibra de linho e outras plantas similares que foram utilizadas para iniciar os incêndios. Seu trabalho, isto é, seus atos idólatras, fornecerá a faísca que acende o reboque. Será como se estivessem cobertos de materiais inflamáveis e estivessem

brincando com fogo; de repente, eles explodiram em uma chama ardente que nenhum homem pode saciar. Esta é a maneira de Isaías de dizer que o pecado traz seu próprio castigo.

2. Jerusalém, presente e futuro (2: 1-4: 6)

Os três capítulos incluídos neste título consistem em uma combinação de oráculos de julgamento e de redenção, todos os quais são dirigidos a Judá e a Jerusalém. A seção abre e fecha com passagens escatológicas que prevêem a futura glorificação de Jerusalém (ver 2: 1-5 ; 4: 2-6). Entre esses oráculos de esperança, são oráculos de julgamento que tratam do presente pecador da cidade. Aqueles que atribuem os oráculos de esperança a Isaías geralmente datam deles na última parte de seu ministério. O julgamento oráculos, por outro lado, são geralmente considerados como os primeiros exemplos de sua pregação profética.

(1) Uma Visão da Paz Universal (2: 1-5)

1 A palavra que Isaías filho de Amoz
viu sobre Judá e Jerusalém.
2 Acontecerá nos últimos dias
que a montanha da casa do SENHOR
deve ser estabelecido como o mais alto das montanhas,
e serão levantados acima das colinas;
e todas as nações fluirão para ela,
3 e muitos povos virão e dizem
"Venha, vamos até a montanha do SENHOR ,
para a casa do deus de Jacó;
para que ele nos ensine seus caminhos
e que possamos andar nos seus caminhos ".
Pois, de Sion, seguirá a lei,
*e a palavra do SENHOR de Jerusalém **
4 Ele julgará entre as nações,
e decidirá por muitos povos;
e eles devem bater suas espadas em arados,
e suas lanças em ganchos de poda;
a nação não levantará espada contra a nação,
Também não aprenderão mais a guerra.
5 O casa de Jacob,
venha, vamos caminhar
à luz do Senhor.

O verso de abertura não pertence à visão, mas é o título de uma coleção maior de materiais proféticos. Alguns acreditam que a maior coleção pode incluir os capítulos 2-

12 , com a possível exceção dos oráculos não dirigidos a Judá e Jerusalém. Outros limitariam a coleção aos capítulos 2-4 , a que o capítulo 5 talvez fosse anexado posteriormente. Na verdade, não é mais possível descobrir os limites da coleção a que este título foi originalmente afixado.

A profecia de Isaiah da paz universal é repetida em uma forma ligeiramente mais longa em Miquéias 4: 1-4 . Também é referido de forma invertida em Joel 3:10 . Esses fatores servem para complicar a questão da autoria. Estas palavras são atribuídas a Isaías, ou a Micah? Ou eles não devem ser atribuídos a nenhum deles, mas sim considerados como uma profecia anônima, um tipo de "oráculo flutuante", que foi introduzido tanto em Isaías como em Micah pelos próprios profetas ou por editores posteriores. Cada uma dessas alternativas teve sua advogados.

A posição aqui colocada é que Isaías foi o criador deste oráculo e que Micah tomou emprestado dele. A objeção de que tal visão de paz universal era muito avançada para o século VIII AC é invalidada por um exame de 9: 2-7 e 11: 1-9 , onde também se encontra o conceito de um eterno reinado de paz . A forma ligeiramente mais longa do oráculo em Micah pode ser explicada com base na expressão "porque a boca do Senhor dos exércitos falou" (Mic. 4: 4). Isso marca a única ocorrência da expressão fora do livro de Isaías. Como aparece em três passagens em Isaías (1:20 ; 40: 5 ; 58:14), pode ser considerado como genuinamente de origem isaiânica. A conclusão a partir dessa evidência é que Miquéias 4: 4 preservou o final do que era originalmente um oráculo isaiânico, mas que, por alguma razão desconhecida, o fim foi perdido do livro de Isaías. Também está faltando no Rolo do Mar Morto de Isaiah.

Às vezes, foi feita uma distinção entre a escatologia messiânica e a teocêntrica do Antigo Testamento. O primeiro é representado por passagens que visam um futuro em que o rei é o portador ou executor da salvação de Javé (cf. 9: 2-7 ; 11: 1-9 ; Mic. 5: 2-4 ; Zacarias 9: 9 -10). O último está relacionado a passagens nas quais Yahweh trabalha sozinho sem assistência humana na realização de seu propósito. A visão de Isaiah sobre a paz universal pertence à segunda categoria, uma vez que não contém referência a um governante messiânico.

Muitas escatologias teocêntricas também são apocalípticas, mas este não é o caso com 2: 1-5 . Não apontou para um fim catastrófico para a história mundial, nem para o fracasso de uma nova ordem mundial, mas sim num tempo dentro da história, quando todas as nações virão a Sião para aprender os caminhos de Deus e caminhar em seus caminhos. A visão é definida nos últimos dias, uma expressão que significa simplesmente no futuro ou nos próximos dias. É completamente provável que o profeta tenha esperado a atualização de sua visão dentro de sua própria vida.

O templo do Senhor, aqui designado como a casa do Senhor, está no centro da visão. No entanto, serve uma função diferente da do Templo de Jerusalém no tempo de Isaías. As nações são retratadas como transmitidas para não colocar sacrifícios sobre o altar, mas para receber a *lei* (*torah*) e a palavra (*dabhar*) do Senhor. O propósito central do templo, portanto, é profético em vez de sacerdotal.

A montanha sobre a qual a casa do Senhor está levantada deve ser levantada para que ela se alardee sobre todas as outras montanhas. Esta é, é claro, uma hipérbole poética e não deve ser interpretada literalmente. Na verdade, a colina sobre a qual o Templo

estava não era nem a mais alta colina nas imediações de Jerusalém, muito menos em todo o mundo. Para dizer que a montanha da casa do Senhor será exaltada acima de todas as outras montanhas, significa simplesmente que a glória e a majestade do Senhor serão claramente reveladas a todos os homens em todos os lugares. Quando isso ocorre, todas as nações convergerão em Jerusalém como se estivessem atraídas por uma força magnética.

O propósito declarado de sua peregrinação a Sião é que eles possam aprender os caminhos de Deus e caminhar em seus caminhos. É significativo que a lei do Senhor sai de Sião e não do Sinai. Isaías não tinha praticamente nada a dizer sobre Sinai ou o Êxodo, mas ele se mostrou especialmente interessado em Sião. O próprio nome ocorre 29 vezes nos capítulos 1-39 e 17 vezes nos capítulos 40-66 . O interesse de Isaías em Sião como o lugar da revelação de Javé é paralelo com uma preocupação com as promessas de Javé à dinastia davídica. Essas duas ênfases estavam talvez associadas às antigas tradições de jerusalos pré-israelitas dos jebuseus.

Se esta visão deve ser datada na última parte do ministério de Isaías, como muitos estudiosos acreditam ser verdadeiros, deve ser interpretado como refletindo sua desilusão com assuntos estrangeiros por 40 anos de crises. Conflitos prolongados e derramamento de sangue fizeram com que ele desejasse o dia em que as nações da Terra renunciassem ao conflito armado e apresentassem suas diferenças a Yahweh para sua arbitragem. Ele não imaginava um mundo em que não houvesse tensões ou interesses conflitantes, mas sim um mundo em que os homens resolvessem suas tensões e conflitos sem recorrer a armas.

De especial interesse neste poema é o conceito de que a guerra é "aprendida". O significado básico disso, é claro, é que o soldado deve ser ensinado as habilidades de guerra. Assim, a expressão "especialista em guerra" do Velho Testamento (1 Crônicas 5:18 ; Canção de Sol 3: 8) significa literalmente "aprendido na guerra". Em uma passagem anterior nos Juízes 3: 1 f. É dito que o Senhor poupou certas nações cananeus para que ele "ensinasse a guerra" às gerações de israelitas que não a conheciam antes. Da mesma forma, os reis de Israel atribuíram seu sucesso na batalha ao fato de que o Senhor "ensinou suas mãos à guerra" (2 Sam. 22:35 ; Salmos 18:34 ; 144: 1). Todas essas passagens refletem o conceito do Antigo Testamento da guerra santa.

As palavras de Isaiah constituem um desafio ao conceito moderno de que é a natureza das coisas estar em guerra. Ele teria rejeitado a noção de que o conflito eterno entre nações e aulas é inevitável, se não for desejável. Ele também teria desafiado a visão de que a revolução violenta é o único caminho para a justiça social e política. Ele viu uma solução melhor para os problemas do mundo. Sua visão é que a guerra não é um fator inevitável nos assuntos humanos, mas que se desenvolveu a partir de um corpo de hábitos adquiridos que poderiam ser substituídos por outro conjunto de hábitos que atenda melhor os interesses da humanidade. As palavras desta tremenda visão foram apropriadamente inscritas nos muros da Praça das Nações Unidas em Nova York: "As nações devem bater suas espadas em arados e suas lanças em ganchos de poda:

A conclusão para o oráculo, que falta em Isaías, mas foi preservada em Miquéias 4: 4 , afirma que o desarmamento das nações resultará na eliminação da pobreza e do medo :. . Sentam-se cada um debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e ninguém os assusta; . . Esta é a maneira do Antigo Testamento de dizer que a única *guerra*

verdadeiramente efetiva contra a pobreza é uma guerra contra a guerra. Somente quando os homens converteram suas espadas em arados e suas lanças em ganchos de poda, eles poderão habitar segurança em meio a suas próprias vinhas e pomares.

Traduzido para o idioma de uma sociedade tecnológica, o oráculo significa que devemos cuidar de que devemos dedicar nossas habilidades tecnológicas a fins destrutivos. Nossas próprias espadas e lanças são nossos mísseis guiados com suas ogivas atômicas. O mundo nunca conhecerá a paz e a segurança até que essas armas de destruição tenham sido convertidas em projetos benéficos para a humanidade. Se isso nunca acontecer, ele deve ser precedido por um giro mundial para o Senhor, como o previsto pelo profeta.

Isaías claramente entendeu a dificuldade de traduzir a visão em realidade, e ele, portanto, exortou a casa de Jacó a vir e andar na luz do Senhor (v. 5). A luz pode ser um símbolo da lei do Senhor (Salmo 119: 105 ; Prov. 6:23) ou da salvação do Senhor (Salmo 27: 1). Em ambos os casos, este versículo exorta Israel a começar a viver no presente como se a era da paz já tivesse chegado (ver v. 3).

(2) O Dia do Senhor (2: 6-22)

6 Porque rejeitaste o teu povo,
a casa de Jacob,
porque eles estão cheios de adivinhadores do leste
e de adivinhos como os filisteus,
e eles atacam os estrangeiros.
7 A terra deles está cheia de prata e ouro,
e não há fim para seus tesouros;
Sua terra está cheia de cavalos,
e não há fim para seus carros.
8 A sua terra está cheia de ídolos;
eles se inclinam para o trabalho de suas mãos,
para o que seus próprios dedos fizeram.
9 Então o homem é humilde,
e os homens são trazidos para baixo-
Perdoe-lhes não!
10 Entre na rocha,
e esconda-se na poeira
antes do terror do SENHOR ,
e da glória de sua majestade.
11 Os olhares altivos do homem serão trazidos baixos,
e a soberba dos homens será humilhada;
e o Senhor sozinho será exaltado
Naquele dia.

12 Porque o SENHOR dos exércitos tem um dia
contra tudo o que é orgulhoso e elevado,
contra tudo o que é levantado e alto;
13 contra todos os cedros do Líbano,
alto e elevado;
e contra todos os carvalhos de Basã;
14 contra todas as altas montanhas,
e contra todas as colinas altas;
15 contra cada torre alta,
e contra cada parede fortificada;
16 contra todos os navios de Tarsis,
e contra todas as belas artesanato.
17 E a altivez do homem será humilhada,
e a soberba dos homens será baixa;
e o Senhor sozinho será exaltado naquele dia.
18 E os ídolos passarão completamente.
19 E os homens entrarão nas cavernas das rochas
e os buracos do chão,
antes do terror do SENHOR ,
e da glória de sua majestade,
quando ele levanta para aterrorizar a Terra.
20 Naquele dia, os homens vão lançar
seus ídolos de prata e seus ídolos de ouro,
que eles fizeram para adorar,
para as toupeiras e para os morcegos,
21 para entrar nas cavernas das rochas
e as fendas dos penhascos,
antes do terror do Senhor,
e da glória de sua majestade,
quando ele levanta para aterrorizar a Terra.
22 Afaste-se do homem
em cujas narinas é respiração,
de que conta é ele?

O tema da passagem é o próximo dia do julgamento contra o orgulho humano e a idolatria. O "dia do Senhor é um termo que ocorre frequentemente no Antigo Testamento, especialmente nos livros proféticos. Às vezes é abreviado como "o dia" (Eze. 7:12 ; 30: 2 f.) Ou "naquele dia" (ver 2:11 , 17 , 20 ; 4: 1 ; 11:10). Sua principal referência é o dia do triunfo do Senhor sobre seus inimigos, e provavelmente tem suas raízes na tradição da guerra santa. Ele designa aqueles tempos e estações da história

quando Deus intervém para julgar os ímpios e entregar os justos. Quando todas as referências ao dia do Senhor são colocadas juntas, no entanto, o aspecto do juízo supera o da salvação e da libertação (cf. Zeph 1:15).

Uma característica interessante desta passagem é a repetição, com pequenas variações, de duas refrações, uma na vv. 10 , 19 , 21 e outro em vv. 9 , 11 , 17 . Mais problemas textuais são encontrados aqui do que em talvez qualquer outra passagem em Isaías. O verso 22 está ausente da Septuaginta e vv. 9b-10 faltam no Scroll do Mar Morto de Isaiah.

A passagem começa com uma acusação contra a casa de Jacó, uma designação do Reino do Norte ou, como é mais provável, de toda a família de Israel. Os israelitas são primeiro condenados por terem encher suas terras com os costumes corruptos emprestados de seus vizinhos pagãos. O principal entre estes é a arte do adivinho (v. 6), um dos meios supersticiosos pelos quais os antigos procuraram descobrir o conhecimento secreto, especialmente no que diz respeito ao futuro. O adivinho e todas as outras práticas similares foram consideradas totalmente inapropriadas para o povo de Deus (ver Deut. 18: 9-14). Se Deus quisesse transmitir conhecimento sobre o futuro, ele faria isso através dos seus servos, os profetas.

A segunda acusação contra o povo de Israel é que eles preencheram suas terras com riqueza e com instrumentos de guerra (v. 7). A implicação é que eles depositaram sua confiança nas posses materiais e não em Deus. A referência a uma terra cheia de prata e ouro sugere que o oráculo pertence à parte mais antiga do ministério de Isaías, quando a nação ainda se beneficia dos prósperos anos do reinado de Uzias. Eles deixaram o esplendor de seu reinado os cegar ao julgamento iminente.

Israel também é encarregado de ter preenchido sua terra com ídolos, de modo que ela se inclina e adora o que seus próprios dedos formaram (v. 8). Ao fazê-lo, ela violou o primeiro dos Dez Mandamentos que Deus lhe deu. Sua punição, portanto, é inevitável. Os versículos 9-11 fornecem uma descrição vívida do julgamento ineludível contra o povo por causa de seus próprios pecados.

O verso 9 apresenta o intérprete com uma série de problemas. Os verbos referem-se ao presente ou ao futuro? Eles devem ser entendidos de forma reflexiva ou passiva? De acordo com uma interpretação, eles se referem ao tempo do profeta e seu significado é que todos, grandes e pequenos, se inclinam diante dos deuses artificiais. Por causa da enormidade dos pecados do povo, portanto, o profeta pede a Deus para reter o perdão deles. Outros interpretam os verbos como descrevendo a humilhação futura das pessoas por causa de sua idolatria. O significado, de acordo com essa visão, é que, quando Deus surge para julgar a terra, os homens arrogantes e pecadores serão humilhados e baixados. O peso da evidência parece favorecer a primeira interpretação.

A gravidade do acórdão é refletida na v. 10 . Os pecadores são avisados para entrar nas cavernas e se esconder no pó para escapar do terror do Senhor. A Palestina estava cheia de cavernas de pedra calcária que proporcionavam esconderijos naturais em tempos de perigo (1 Samuel 13: 6 ; 14:11 ; 22: 1 ; 1 Reis 18: 4 ; Hos. 10: 8). Embora a natureza do julgamento não seja indicada, a referência ao esconder em cavernas sugeriria uma invasão estrangeira. Pode ser que o profeta pensasse em termos da invasão assíria.

O conceito de pecado dos profetas hebreus era rico e variado. Amos percebeu isso como uma injustiça social, a escassa exploração dos fracos pelos fortes. Para Oséias era infidelidade, ou prostituição espiritual. Isaías viu a raiz de todo o mal no orgulho e rebelião do homem, sua inveterada tendência a viver como se o Senhor não fosse rei. Ele, portanto, anunciou um dia em que o orgulho e a altivez dos homens seriam baixos, e o Senhor sozinho seria exaltado (v. 10).

A cena da ação de Yahweh é ampliada na última parte da passagem para incluir não apenas Israel, mas toda a humanidade. Entre os profetas, Isaías foi o primeiro a proclamar um julgamento universal. Ele subscreveu a visão de que Javé era o soberano governante de todas as nações e que sua lei não podia ser desconsiderada com impunidade. A lei da colheita aplicava tanto às nações como aos indivíduos; tudo o que uma nação semeou que também colheria.

Os principais alvos da ira de Javé são orgulho humano (v. 12-17) e idolatria (v. 18-22). O orgulho é representado por uma série de metáforas tiradas da natureza (v. 13-14) e do domínio do esforço humano (v. 15-16). A passagem tem uma semelhança impressionante com a história da torre de Babel em Gênesis 11: 1-9 , para ambos tratar com o orgulho e a autoadulação ofensivos do homem.

As metáforas da natureza incluem os cedros do Líbano, os carvalhos de Basã, as altas montanhas e as colinas altas. Por causa da força e da grandeza desses fenômenos naturais, eles serviram como símbolos adequados do orgulho e vaivência do homem. As altas torres, os muros fortificados, os navios de Tarshish e o belo artesanato representavam as próprias obras do homem em que se orgulhava. Os navios de Tarshish estão incluídos na lista porque eram navios pesados de minério, como os que operavam no porto do Mar Vermelho de Ezion-geber (ver 1 Reis 9: 26-28 ; 2 Cron. 20:36).

A mensagem de Isaías é que o Senhor dos exércitos tem um dia em que julgará todos os símbolos do orgulho do homem. Só o Senhor será exaltado naquele dia. A ênfase é sobre a palavra sozinha (v. 17). Os homens muitas vezes cometem o erro de conferir às obras de suas próprias mãos uma grandeza que pertence apenas a Deus. Eles esquecem que as obras desse homem - mesmo suas obras mais elevadas - não são eternas, mas transitórias e perecíveis. Em um mundo de mudança e decadência, somente Deus é eterno.

Os versículos 18-22 descrevem a próxima destruição de todos os ídolos e a total consternação de todos os idólatras. Seu grito será: "De volta às cavernas!" Em vão, eles tentarão encontrar um esconderijo da fúria do Senhor. O versículo 18afirma enfaticamente que seus ídolos desaparecerão completamente. O jogo de palavras no final do v. 19 é difícil de reproduzir na tradução. As duas palavras hebraicas traduzidas para aterrorizar a Terra são *la'arots ha'arets* . Se pudermos emprestar uma palavra estrangeira, podemos traduzir isso para ler "quando ele se levanta para aterrorizar as regiões terrestres abaixo". A mesma peça de palavras é repetida no v. 21 , e a Septuaginta prova que este versículo já foi acompanhado v. 10 .

Os profetas se opõem à idolatria, não só no campo teológico, mas também moral, pois a adoração dos ídolos inevitavelmente leva a uma redução dos padrões morais e éticos (cf. Hos. 9:10). É fácil para nós condenar a idolatria no antigo Israel e, no entanto, desconhecer nossas próprias formas de idolatria. Um ídolo foi definido como qualquer

conceito filosófico ou objeto material que se torne um substituto de Deus. A essência da idolatria, portanto, é o cenário de algo menos do que Deus no lugar de Deus. É a negação da reivindicação de Deus ao senhorio absoluto sobre a própria vida. Não nos enganemos em pensar que podemos segurar Deus com uma mão e com algum ídolo acalorado com o outro. No próprio coração das Escrituras está a injunção: "Escolha você neste dia a quem você servirá".

A total futilidade da idolatria é apresentada em vv. 20-21 . É no dia da calamidade, quando o homem precisa desesperadamente de ajuda, que a impotência dos ídolos é mais claramente revelada. Eles não oferecem assistência e nenhuma proteção, mas devem ser depositados em cavernas habitadas por toupeiras e morcegos.

O versículo final no capítulo 2 está faltando na Septuaginta, o que pode indicar que representa o comentário de um escriba posterior sobre a situação humana. O autor vê a fragilidade do homem simbolizada pela respiração nas narinas. O conceito do homem do Antigo Testamento é que ele é apenas uma criatura de poeira animada pelo sopro de Deus (Gênesis 2: 7 ; Salmos 104: 29 ; 146: 4 ; Eccl 12: 7). A questão no final da versão 22 é retórica e significa que o homem deve ser considerado como sem conta. A questão deve ser entendida, é claro, no contexto da visão pessimista de Isaías dos homens de seu tempo (ver Jeremias 17: 5).

(3) A Desintegração da Sociedade da Judéia (3: 1-15)

1 Pois, eis que o Senhor, o Senhor dos exércitos,
está tirando de Jerusalém e de Judá
ficar e pessoal
Toda a estadia do pão,
e toda a estada da água;
2 o poderoso e o soldado,
o juiz e o profeta,
o adivinho e o ancião,
3 o capitão de cinquenta
e o homem de posto,
o conselheiro e o mago hábil
e o especialista em encantos.
4 E farei meninos seus príncipes,
e os bebês devem governar sobre eles.
5 E o povo se oprime um ao outro,
cada um seu companheiro
e cada um seu vizinho;
a juventude será insolente para o ancião,
e o companheiro de base para o honorável.
6 Quando um homem se apodera de seu irmão
na casa de seu pai, dizendo:

"Você tem um manto;
você deve ser o nosso líder,
e este monte de ruínas
estará sob sua regra ";
7 naquele dia ele vai falar, dizendo:
"Eu não serei um curador;
na minha casa não há manto de pão;
você não deve me fazer
líder das pessoas ".
8 Porque Jerusalém tropeçou,
e Judá caiu;
porque seu discurso e suas ações são contra o Senhor,
desafiando sua gloriosa presença.
9 Sua parcialidade testemunha contra eles;
eles proclamam seu pecado como Sodoma,
eles não o escondem.
Ai deles!
Porque eles trouxeram o mal sobre si mesmos.
10 Diz ao justo que ficará bem com eles,
porque comerão o fruto das suas obras.
11 Ai dos perversos! Deve estar doente com ele,
O que as mãos dele fizeram será feito para ele.
12 Meu povo - as crianças são seus opressores,
e as mulheres dominam sobre eles.
Ó meu povo, seus líderes o enganam,
e confunda o curso de seus caminhos.
13 O SENHOR tomou seu lugar para lutar,
Ele está para julgar seu povo.
14 O SENHOR entra em julgamento
com os anciãos e os príncipes de seu povo:
"É você que devorou a vinha,
O despojo dos pobres está em suas casas.
15 O que você quer dizer com esmagar meu povo,
triturando a face dos pobres? ", diz o SENHOR Deus dos exércitos.

A seção cai naturalmente em três divisões: (a) vv. 1-7 , caos social e anarquia; (b) vv. 8-12 , um povo arruinado; (c) vv. 13-15 , o juízo de Deus contra os governantes de Judá. A passagem descreve um momento em que Judá experimentará uma crise de liderança, e a administração do país cairá nas mãos de fracos inimigas. Muitos interpretaram a crise como a ocorrida na unção de Acaz, que conseguiu o trono quando

tinha apenas 20 anos de idade (2 Reis 16: 2). A evidência interna, no entanto, é muito vaga e geral para que a passagem seja datada com certeza.

O profeta atribui a remoção de todos os líderes competentes da sociedade e do governo ao Senhor de Judá, cujo poder soberano é enfatizado pelo título formal em v. 1 : *"O* Senhor, Javé dos exércitos". Ele remove da estrutura da sociedade judaica tanto " ficar e pessoal ". A aliteração," permanência e pessoal ", se aproxima da do texto hebraico, onde a mesma palavra se repete em suas formas masculina e feminina. Incluído na frase são todos aqueles que servem como apoios ou pilares da estrutura social e política de Judá. Sua remoção resultará no colapso total da lei e da ordem.

Uma lista representativa daqueles que devem ser removidos de suas posições de responsabilidade é dada em vv. 2 e 3. O fato de que o rei e os sacerdotes são omitidos na lista indica que não deveria ser exaustivo. Uma vez que não há artigos definitivos no texto hebraico, a tradução deve ler: "homem poderoso, homem de guerra, juiz, profeta, adivinho, ancião", etc. Os líderes militares estão listados primeiro porque eram a primeira linha de defesa do país nos dias difíceis em que Isaías viveu. Os líderes civis são representados pelo juiz, ancião e conselheiro; profeta, adivinho, mago hábil e especialista em encantos tipificam os líderes religiosos. O fato de que Isaías incluísse em seu punho de líderes religiosos o adivinho, o mago e o especialista em encantos não significava que ele tolerasse as atividades desses;

Quando os pilares da sociedade foram removidos, seu lugar será tomado por meros meninos e bebês, jovens em anos e sem sabedoria e experiência. Com as restrições removidas, a violência e a opressão se tornarão a ordem do dia (v. 5). Os jovens serão insolentes para com os mais velhos e basear os companheiros em relação aos honoráveis. Esta é uma imagem terrível de uma sociedade desfeita e sem liderança.

Os versículos 6 e 7 descrevem os esforços desesperados, mas inúteis, dos homens para encontrar um líder em tal tempo de caos. Eles se apegam a uma cuja única qualificação aparente é que ele possui uma peça de vestuário exterior. Eles tentam persuadi-lo a assumir a responsabilidade de restaurar a ordem. Ele declina, no entanto, alegando que ele é tão pobre quanto todos os outros.

A ruína de Jerusalém e Judá é elaborada em vv. 8 e 9. Que a ruína inevitavelmente acontecerá é mostrada pelo uso do profeta da forma perfeita do verbo ao longo desses versículos. Conforme estabelecido no vv. 1-7 , a destruição de Judá virá como resultado de sua rejeição do governo de Deus em sua vida. Tanto em seu discurso como em suas ações, ela manifestou um espírito rebelde.

A cláusula de abertura no v. 9 admite duas interpretações, como refletido nas traduções do RSV e da KJV. O primeiro diz: sua parcialidade testemunha contra eles. Aqueles que preferem essa tradução vêem nela uma referência à inconsistência de Judá na administração da justiça (ver Deuteron 1:17 ; 16:19). A implicação é que seus juízes mostraram favor aos ricos, mas roubaram os pobres da justiça devido. A representação da KJV, "A exibição de seu semblante ambos testemunham contra eles", pode ser interpretada como significando que sua culpa está escrita em seus próprios rostos. Uma vez que esta é a única ocorrência dessa expressão particular no Antigo Testamento, é é difícil determinar qual dessas traduções se aproxima mais do seu significado original.

Os versículos 10 e 11 fornecem um contraste entre o destino dos justos e os ímpios semelhantes aos encontrados no Salmo 1 . Uma vez que esses versículos se distinguem de seu contexto, muitos os consideram como uma adição posterior às profecias de Isaías.

Javé fala no v. 12 , duas vezes se referindo aos habitantes de Judá como meu povo. A repetição da frase lembra as pessoas de sua posição privilegiada como a comunidade convidada de Deus. Porque eles desprezaram sua herança espiritual, a confusão os ultrapassou. A primeira parte do versículo tem um significado completamente diferente na Septuaginta. Com base em uma mudança das vogais de *nashim* (mulheres) para *noshim* (credores), ele lê: "Ó meu povo, seus cobradores de impostos estão tirando você e credores [empréstimo-tubarões!] Senhor sobre você." Nesta instância A leitura da Septuaginta parece preferível à do hebraico, uma vez que preserva o paralelismo.

Em vv. 13-15 O Senhor assume sua posição para servir a ambos como juiz e acusador no julgamento dos líderes de Judá. A acusação trazida contra eles é que eles correram sobre os membros mais fracos da sociedade. Em vez de cuidar da vinha do Senhor, eles a destruíram. O Antigo Testamento enfatiza o dever dos funcionários públicos de cuidar dos pobres e dos oprimidos. Os funcionários de Judá não conseguiram fazer isso. O versículo 15 é uma acusação mordaz dirigida a eles na forma de uma pergunta. Sua única resposta é um silêncio culpado, pois seu crime é muito óbvio para ser negado e ser demais para ser desculpado.

(4) As mulheres infrutíferas de Jerusalém (3: 16-4: 1)

16 O SENHOR disse:
Porque as filhas de Sião são altivas
e anda com os pescoços estendidos,
olhando incrivelmente com os olhos,
perseguindo ao longo,
tilintando com os pés;
17 o Senhor vai ferir com uma sarna
os chefes das filhas de Sião,
e o SENHOR lançará suas partes secretas.
18 Naquele dia, o Senhor tirará a caldeira das tornozeleiras, as tiras e os crocodilos; 19 os pingentes, as pulseiras e os lenços; 20 os tocados, as armaduras, as caixilhos, as caixas de perfume e os amuletos; 21 os anéis de sinalização e anéis de nariz; 22 as vestes do festal, os mantos, as capas e as bolsas; 23 as roupas de gaze, as roupas de linho, os turbantes e os véus.
24 Em vez de perfume, haverá podridão;
e em vez de um cinto, uma corda;
e em vez de cabelos bem definidos, calvície;
e em vez de uma rica roupinha, uma cegueira de saco;
Em vez de beleza, vergonha.

25 Seus homens caírem à espada
e seus valentes na batalha.
26 E as suas portas se lamentarão e llorarão;
devastada, ela deve sentar-se no chão.
1 E sete mulheres se apoderarão de um homem naquele dia, dizendo: "Comeremos o nosso pão e vestiremos as nossas roupas, somente nos chamemos pelo seu nome; tire a nossa censura ".

Deve ter sido no início de seu ministério que Isaías decidiu levar à tarefa as mulheres orgulhosas de Sião. Zion era a designação oficial para a acrópole de Jerusalém, a parte superior fortificada da cidade situada ao sul da área do Templo. Aqui vivia o rico e o aristocrático, e era para as mulheres dessas famílias que Isaiah dirigia suas palavras. Ele usou linguagem ousada para censurá-los por seu comportamento imodê e escandaloso. Este era um assunto sobre o qual, aparentemente, tinha opiniões muito fortes.

Isaías não foi o único profeta que invejou contra a sensualidade das mulheres. Amós entregou uma mensagem semelhante às mulheres de Samaria (4: 1-3). Esses profetas sentiram que o destino de uma nação era em grande parte determinado pela qualidade de sua feminilidade. Seu bem-estar foi ameaçado quando se tornou vulgar e auto-indulgente. As mulheres de Jerusalém compartilhavam a responsabilidade pelo colapso moral de sua nação e deveriam ser punidas em conformidade.

O destino dessas belas mulheres é representado graficamente pelo profeta. Em breve serão despojados de suas roupas suaves, seus cosméticos e suas jóias. A passagem dá o catálogo mais extenso de elegância feminina que se encontra no Antigo Testamento. Não menciona menos de 24 itens vestidos pelas mulheres de Sião. A antiguidade da lista torna praticamente impossível identificar todos os itens, embora muitos tenham sido identificados por arqueólogos, e alguns ainda estão sendo usados hoje no Próximo Oriente.

Isaías tem uma certa satisfação selvagem ao descrever a ostensiva vulgaridade dessas mulheres. Eles vão pelas ruas de Zion com a cabeça erguida e com os olhos vagabundos, torcendo os braceleiros para atrair a atenção dos homens.

A forma de sua humilhação será projetada para se adequar ao seu crime. Os objetos que alimentam sua vaidade serão transformados em vergonha. As cabeças agora seguras serão cobertas com crostas e feridas com calvície (v. 17). A frase final no v. 17 aparece no RSV como suas partes secretas, embora também possa ser traduzida como "suas frentes". Segundo aqueles que preferem a última representação, a referência não é violar, mas a perda de cabelo, que era para os antigos hebreus um sinal de profunda vergonha (cf. 7:20).

Em vez de um odor doce, haverá o cheiro da decadência; em vez do cinto na moda, a corda do cativo; em vez de cabelo trançado, calvície; e em vez da rica roupinha, um embrulho de saco (v. 24). A última parte do v. 24 intérpretes confusos até a descoberta do Pergaminho do Mar Morto de Isaías. Há uma lacuna óbvia no Texto Massorético, que diz: "Para (*ki*) em vez de beleza. . "Os tradutores tentaram resolver o problema ao

tomar a conjunção *ki* (para) ser um nome raro que significa" branding "ou" burning ". Assim, o KJV lê:" e queimando em vez de beleza ". Quando o Scroll do Mar Morto de Isaiah apareceu, no entanto, os estudiosos observaram que forneceu a palavra faltando no Texto Massorético. Essa palavra era*Bosheth* (vergonha), e a tradução resultante diz: "Pois, em vez de beleza, haverá vergonha".

O pior destino das mulheres de Jerusalém era que os homens da cidade caíssem pela espada. Os versículos 25-26 descrevem uma cidade desprovida de cidadãos do sexo masculino. Estes versículos não são dirigidos às filhas de Sião, como são os versículos precedentes, mas à filha de Sião, isto é, a Jerusalém. A cidade fica sentada como uma viúva solitária que chora sobre seus mortos. A passagem pressupõe uma invasão da terra, embora o invasor não seja chamado.

O desejo desesperado das mulheres de Jerusalém de encontrar maridos é descrito em 4: 1 . O número sete não deve ser tomado literalmente, mas implica um grande número de mulheres. No mundo antigo, os arranjos de casamento eram geralmente feitos por pais ou responsáveis legais. Em sua angústia, no entanto, as mulheres de Jerusalém abandonam toda reserva e aderência ao costume e tomam a iniciativa de se aproximar dos poucos homens restantes com uma proposição de casamento. Eles imploram aos homens que os levem como esposas e que os deixem ter filhos, removendo assim a desgraça de sua falta de filhos. Tão desesperados são eles que estão dispostos a se auto-suportar, renunciando ao seu direito legal de serem sustentados por seus maridos (ver Ex. 21:10). Nesta nota sombria, os oráculos de julgamento nesta seção chegam ao fim.

(5) A Restauração de Jerusalém (4: 2-6)

2 Naquele dia, o ramo do SENHOR será belo e glorioso, e o fruto da terra será o orgulho e a glória dos sobreviventes de Israel. 3 E o que é deixado em Sião e permanecerá em Jerusalém, será chamado de santo, todo aquele que foi gravado para vida em Jerusalém; 4 quando o Senhor lavará a imundície das filhas de Sião e purificasse as manchas de sangue de Jerusalém de no meio de um espírito de julgamento e por um espírito de queima. 5 Então o SENHORcriará sobre todo o lugar do monte Sião e sobre as suas assembléias uma nuvem de um dia, e fuma e o brilho de um fogo flamejante de noite; Por toda a glória haverá um dossel e um pavilhão. 6Será para a sombra do dia do calor, e para um refúgio e um abrigo da tempestade e da chuva.

Este é o oráculo final na seção que compreende 2: 1-4: 6 . Como o oráculo inicial (2: 1-5), seu tema é a futura glorificação de Jerusalém. Ele descreve a era escatológica e o estado feliz daqueles que sobrevivem aos julgamentos que devem varrer Jerusalém. Aqueles que permanecem em Jerusalém após os julgamentos terem passado serão chamados santos e experimentarão a presença do Senhor como um poderoso dossel protegendo-os de todo dano e perigo. Esta é uma das melhores passagens escatológicas do Antigo Testamento, e sua brevidade aumenta sua beleza. Aqui, Isaías dá expressão clássica à sua doutrina de um remanescente purificado, uma doutrina que aparece frequentemente em todos os seus escritos (6:13 ; 10: 20-21 ; 11:11; 28: 5).

Muitos atribuiriam essa passagem ao período pós-xilic. Eles citam seu estilo prosy, seu vocabulário e suas idéias teológicas, que afirmam ser depois do tempo de Isaiah. Pode-se argumentar, no entanto, que, embora não se possa provar que Isaías escreveu a passagem, tampouco é possível, com base nos argumentos acima citados, provar que não o fez. Observou-se que a passagem se assemelha bastante a 37: 30-32 , que os cientistas geralmente reconhecem serem de caráter isaiânico. É possível, portanto, que ambos os oráculos sejam designados para a última parte do ministério de Isaías.

O ramo da palavra foi interpretado de pelo menos três maneiras. À luz do seu uso em outro lugar no Antigo Testamento para descrever o rei messiânico que vem do estoque de Davi (ver Jeremias 23: 5 ; 33:15 ; Zacarias 3: 8 , 6:12), alguns interprete-o como uma referência ao Messias. Uma segunda sugestão é que se refere ao remanescente justo que emergirá do julgamento iminente. Uma terceira possibilidade é que esta palavra (*tsemach*), cujo significado literal é "o que brota", deve ser tornado "o crescimento do Senhor". De acordo com aqueles que favorecem uma interpretação literal do termo, portanto, não se refere ao Messias nem a um remanescente justo, mas para a fertilidade da terra na era escatológica. Isso tornaria paralelo ao fruto da terra na segunda metade do verso. Aqueles que defendem esse ponto de vista apontam que um dos temas recorrentes da escatologia do Antigo Testamento é o milagroso transformação da natureza, resultando no retorno da terra a um estado paradisíaco (ver 11: 6-9 , Hos. 2: 21-23 , Amós 9: 13-15).

A palavra sobrevivente ocorre em quatro outros versículos em Isaías (10:20 ; 15: 9 ; 37:31, 32), e em todos os casos se refere àqueles que mal escapam de um desastre ameaçador. Embora a natureza precisa do desastre não seja explicada na passagem, a sua severidade é, no entanto, indicada pela referência a um espírito de julgamento e a um espírito de queima.

O julgamento ardente destruirá os pecadores, mas purificará os santos. Três coisas são ditas sobre o último. Primeiro, eles recebem um novo nome. Eles são chamados de santo, um nome que em outro lugar em Isaías é dado a Deus sozinho. Em segundo lugar, seus nomes estão registrados no livro de censos de Deus. Na cláusula, todo aquele que foi gravado para a vida em Jerusalém, há uma alusão ao livro da vida em que Deus grava os nomes dos que são dele (ex. 32:32 f .; Dan. 12: 1; Mal. 3:16 ; Rev. 20:12 , 15). A terceira distinção daqueles que sobrevivem ao julgamento é que sua imundície é lavada e suas manchas de sangue são limpas. Assim, o profeta declara com força que as qualificações para a cidadania no reino escatológico são morais e éticas.

As muitas obscuridades em vv. 5-6 pode ser facilmente visto quando se compara o texto hebraico com outras versões antigas. A Septuaginta, por exemplo, lê: "E ele virá, e com respeito a todo lugar do monte Sião, sim, toda a região ao redor dela, uma nuvem irá escuridão de dia, e haverá como se fosse a fumaça e luz de fogo ardendo de noite; e sobre toda a glória será uma defesa. E será para uma sombra do calor, e como um abrigo e um esconderijo da inclemência do clima e da chuva ".

Apesar das diferenças entre as versões, no entanto, o significado da passagem é bastante claro. Na era escatológica, todo o território do monte Sião se tornará uma espécie de santo dos santos, e a glória do Senhor ofuscará protetoramente o povo aqui como nos dias da errância do deserto (Ex. 13:21 f .; 40: 34-38). As palavras traduzidas como "dossel" e "pavilhão" significam "tenda de noivas" (cf. Salmo 19: 5 ; Joel 2:16) e

"cabine", respectivamente. O significado é que a presença protetora de Deus será estendida sobre os habitantes de Jerusalém como uma tenda de noivas ou como uma cabine criada para proteger os trabalhadores da colheita. O povo de Deus será protegido de todos os danos imagináveis , simbolizado aqui pelo calor do sol e pela fúria da tempestade.

3. Sin e julgamento (5: 1-30)

Uma parábola abre esta seção (vv. 1-7), que é continuada com uma série de seis oráculos contra os ímpios (vv. 8-25) e concluiu com uma ameaça de invasão (v. 26-30). Enquanto a parábola e os oráculos da desgraça provavelmente pertencem aos primeiros anos do ministério de Isaías, não se deve supor que todos foram entregues na mesma ocasião. É mais provável que eles tenham sido falados pela primeira vez em ocasiões separadas e apenas depois reunidos pelos discípulos do profeta. Eles parecem ter sido agrupados por causa de seu tema comum de pecado e julgamento. A ameaça de invasão estrangeira (vv. 26-30) é pensada por muitos como a conclusão errada do complexo oráculo que fica em 9: 8-10: 4 .

(1) A parábola da vinha (5: 1-7)

1 Deixe-me cantar para minha amada
uma canção de amor sobre sua vinha:
Meu amado tinha uma vinha
em uma colina muito fértil.
2 Ele cavou e limpou-o de pedras,
e plantou-o com vides escolhidos;
ele construiu uma torre de vigia no meio dela,
e abriu uma cuba de vinho;
e ele procurou por produzir uvas,
mas produziu uvas selvagens.
3 E agora, oh habitantes de Jerusalém
e homens de Judá,
juiz, peço-lhe, entre mim
e minha vinha.
4 O que mais havia para fazer pela minha vinha,
que eu não fiz nisso?
Quando eu procurei para produzir uvas,
Por que produziu uvas silvestres?
5 E agora vou te contar
o que vou fazer na minha vinha.
Vou retirar sua cobertura,
e será devorado;
Vou derrubar a sua parede,

e será pisoteado.
6 Farei um desperdício;
não deve ser podada nem ferrada,
e crescerão espinhas e flores;
Também irei com as nuvens
que não chove chuva nele.
7 Para a vinha do Senhor dos Exércitos
é a casa de Israel,
e os homens de Judá
é o seu agradável plantio;
e ele procurou a justiça,
mas eis, derramamento de sangue;
para a justiça
mas eis um grito!

Esta bela música de vinhas é realmente uma parábola, um dos exemplos mais marcantes deste gênero literário que se encontra no Antigo Testamento. Pertence a uma classe apropriadamente descrita como parábolas de "cavalo de Tróia", em que o falante disfarça sua intenção até o fim, levando seus inquebráveis ouvintes a julgarem a si mesmos. A mesma técnica foi usada de forma mais eficaz por Nathan em sua repreensão de David (2 Sam. 12: 1-12).

A parábola da vinha, lançada na forma de uma canção de amor, provavelmente foi cantada pelo profeta em uma das festas da colheita em Jerusalém. Ele pode ter aparecido sob a aparência de um minstrel apresentando uma nova música, uma maneira mais eficaz de capturar a atenção das multidões

Templo. Ele propôs cantar uma música sobre o seu amado e sua vinha. "Amado" neste contexto significa simplesmente amigo. A música imediatamente se desenvolve em uma história do cuidado solícito de seu amigo para sua vinha e dos resultados decepcionantes. Somente no final da surpresa é o amigo identificado como o Senhor dos anfitriões e a vinha como a casa de Israel.

Foi dito que cinco coisas são essenciais para a agricultura bem-sucedida: a escolha de bons solos, o cultivo cuidadoso do solo, a seleção de boas sementes, a proteção da cultura enquanto se encontra no campo e uma preparação adequada para colher e armazenar o solo. colheita. O profeta descreve seu amigo como tendo atendido a todos esses requisitos.

Uma colina muito fértil foi escolhida como o local da vinha. A língua hebraica, que é quase completamente desprovida de adjetivos, expressa a idéia de fertilidade através do uso de uma frase que, se traduzida literalmente, é "um chifre, o filho do petróleo". Isso indica que o campo estava localizado na cimeira de uma colina muito fértil.

O segundo passo adotado pelo agricultor envolveu a preparação do campo para plantação. O solo tinha que ser cavado e desmatado de pedras. O último ponto era

particularmente importante na Palestina, onde os campos estavam abundantemente repletos de pedras de todos os tamanhos. Mesmo hoje, depois de séculos de cultivo intensivo, o solo ainda está cheio de pedras. Sua super abundância deu origem a uma antiga lenda rabínica que, na criação, Deus despachou um anjo com uma bolsa de pedras para espalhar sobre toda a terra; Mas quando ele passou sobre a Palestina aconteceu uma coisa terrível: o saco explodiu e todas as pedras derramadas!

Depois que o solo foi preparado, a vinha foi plantada com a escolha das videiras. Sua escolha de natureza é indicada pelo uso do profeta da palavra *soreq em* vez da palavra comum para videira, *gephen* . Derivando seu nome de uma raiz que significa "ser vermelho", as videiras *soreq* produziram um vinho que era famoso por sua rica cor e gosto agradável. Para cêntimos, essas videiras de escolha floresciam em um vale descansando no sopé oeste de Jerusalém que veio a ser conhecido como o Vale de Sorek (ver Judg. 16: 4). A seleção desta espécie de videira revelou o cuidado solícito do fazendeiro por sua vinha.

Também foi feita uma preparação adequada para a proteção da vinha contra ladrões e mocassins. Uma cerca e uma parede foram construídas em torno dela, e uma torre de vigia foi construída no meio dela. A torre do relógio era um montículo de pedras sobre o qual um guarda estava estacionado quando as uvas começaram a amadurecer. A tarefa do guarda era proteger a cultura até que ela fosse colhida.

Confiante de que ele colheria uma colheita rica, o fazendeiro tirou um vaso de vinho no meio da sua vinha. Tal tábua geralmente consistia em dois poços quadrados cortados na superfície de um afloramento de pedra calcária. O poço superior, onde as uvas foram pisadas, era grande e rasa. Uma trincheira levou a um poço mais baixo e mais profundo, onde o suco pressionado acumulou até ser armazenado em frascos e odres. A preparação de tal tanque de vinho era uma grande empresa.

Tendo completado todas essas tarefas, o agricultor esperava esperar uma colheita de uvas finas. Ele ficou desapontado, no entanto, em vez de uvas, a vinha produziu frutas amargas e apimentadas.

Nessa ocasião, ao contar sua parábola, Isaiah fez uma pausa e, voltando-se para o público, pediu-lhes que julguem entre ele e sua vinha. Ele perguntou a eles: "O que mais havia para fazer pela minha vinha, que eu não fiz nela?" Embora sua resposta não seja registrada, eles provavelmente gritaram o apoio do profeta ao condenarem ruim a vinha traiçoeira. Eles também eram proprietários e cultivadores de vinhas, e assim poderia se identificar com ele em sua decepção.

Tendo assim preparado o cenário para a posterior aplicação de sua parábola, Isaías procede a dizer aos homens de Judá e de Jerusalém o que o Senhor pretende fazer à sua vinha. À primeira vista, as medidas que ele propõe tomar contra ele parecem relativamente suaves. Ele poderia cortar as videiras e arrancar suas raízes, mas sim ele simplesmente deixa de se importar com isso. O porão é retirado da vinha; a sua parede é quebrada; as videiras não são mais podadas ou abatidas; As nuvens são obrigadas a reter suas chuvas. Na natureza do caso, no entanto, estas foram medidas drásticas, pois, como todos os agricultores sabem, a maneira mais eficaz de destruir uma vinha é abandoná-la.

Isso diz algo sobre a doutrina bíblica da ira de Deus. Embora às vezes seja retratado como ativo e virulento, como quando Deus feriu o perverso com seu poderoso braço estendido, muitas vezes cai sobre o pecador de uma forma aparentemente mais suave. Não lhe ocorre nada drástico; Deus simplesmente o deixa em paz. No final, no entanto, isso prova ser a pior punição de todos. Quando todas as restrições divinas são removidas, o pecador certamente destruirá sua própria vida. Um escritor observou que o dia mais triste na vida de qualquer homem é o dia em que Deus diz a ele: "Tua vontade será feita!" Que terrível foi quando Deus retirou sua presença de Israel! Quando isso ocorreu, seu nome tornou-se novamente "Ichabod" (ver 1 Sam. 4:21).

A conclusão para a parábola de Isaiah deve ter provocado as pessoas como um trovão. Ele identificou a vinha do Senhor dos exércitos como a casa de Israel. Sobre a nação, Deus havia concedido anos de carinho, esperando que seus trabalhos produzissem uma colheita de justiça e justiça. Em vez disso, houve derramamento de sangue e um grito de angústia das vítimas da opressão israelita.

Aqui o profeta expressa seu pensamento através de um jogo de palavras que desafia a tradução. Em vez de justiça (*mishpat*), houve derramamento de sangue (*mispach*); Em vez da justiça (*tsedhaqah*), um grito (*tse'aquah*). A palavra *tse'aqah* é um termo legal técnico que descreve o clamor daqueles que sofreram uma grave injustiça (Gênesis 27:34 ; Ex. 3: 7 , 9 ; 1 Sam. 9:16 ; Jó 34:28). Foi com tanto grito de ajuda que o ferido apelou para as autoridades para corrigir os erros cometidos para eles. Onde a justiça e a justiça prevaleceram, os gritos dos afligidos foram atendidos. Sempre que foram ignoradas pelas autoridades, eles subiram aos ouvidos do Senhor dos exércitos, o campeão de todos os pobres indefesos da Terra.

(2) Seis Combates contra os Iníquos (5: 8-25)

8 Ai daqueles que se juntam a casa,
quem adiciona campo ao campo,
até que não haja mais espaço,
e você é feito para habitar sozinho
no meio da terra.
9 O SENHOR dos exércitos jurou na minha audiência:
"Certamente muitas casas serão desoladas,
Casas grandes e bonitas, sem habitante.
10 Por dez acres de vinhas, devolverá apenas um banho,
e um homer de semente deve render, mas um efa ".
11 Ai daqueles que se levantaram cedo pela manhã,
que eles podem correr depois de beber forte,
que demoram até a noite
até que o vinho os inflame!
12 Eles têm lira e harpa,
Timbrel e flauta e vinho em suas festas;
mas eles não consideram as ações do SENHOR ,

ou veja o trabalho de suas mãos.
13 Portanto, meu povo vai para o exílio
por falta de conhecimento;
seus homens honrados estão morrendo de fome,
e sua multidão está cheia de sede.
14 Portanto, o Sheol aumentou o apetite
e abriu a boca além da medida,
e a nobreza de Jerusalém e a sua multidão desce,
sua multidão e aquele que exulta nela.
15 O homem é curvado, e os homens são levados baixos,
e os olhos dos altivos são humildes.
16 Mas o SENHOR dos exércitos é exaltado na justiça,
e o Deus santo se mostra santo em justiça.
17 Então os cordeiros pastarão como no seu pasto,
Fatlings e crianças devem alimentar-se entre as ruínas.
18 Ai dos que atraem a iniqüidade com cordas de falsidade,
que atraem o pecado como com as cordas do carrinho,
19 que dizem: "Deixe-o apressar-se,
deixe-o acelerar seu trabalho
para que possamos vê-lo;
que o propósito do Santo de Israel se aproxime,
e deixe-o vir, para que possamos saber disso! "
20 Ai daqueles que chamam mal de bem
e bom mal
que colocou a escuridão para a luz
e luz para a escuridão,
quem ficou amargo por doce
e doce por amargo!
21 Ai daqueles que são sábios aos seus próprios olhos,
e perspicaz em sua visão!
22 Ai daqueles que são heróis em beber vinho,
e homens valentes em misturar bebida forte,
23 que absolveram o culpado por um suborno,
e privar o inocente do seu direito!
24 Portanto, como a língua do fogo devora o talho,
e enquanto a grama seca cai na chama,
então sua raiz será como a podridão,
e a sua flor subiu como pó;

porque rejeitaram a lei do SENHOR dos exércitos,
e desprezou a palavra do Santo de Israel.
25 Por isso, a ira do Senhor se acendeu contra o seu povo,
e ele estendeu a mão contra eles e os feriu,
e as montanhas tremiam;
e seus cadáveres eram como recusas
no meio das ruas.
Por tudo isso, sua raiva não é afastada
e a mão ainda está esticada.

A palavra introdutória *hoy* é encontrada seis vezes nesta passagem (v. 8 , 11 , 18 , 20, 21, 22). Foi várias vezes interpretado como uma maldição (ai), uma censura (por vergonha) e um lamento (infelizmente). A última visão foi defendida com força por G. Ernest Wright, que acredita que o profeta estava proferindo um lamento fúnebre para o povo de Judá. Wright pensa que o profeta realmente desculpe por eles, já que o julgamento de Deus logo cairá sobre eles.

O comprimento desigual dos seis problemas levou à especulação sobre a sua forma original. Muitos consideram vv. 14-17 como material que mais tarde foi adicionado ao segundo uáculo do oráculo. No entanto, é impossível determinar o contexto em que esses versículos originalmente se encontravam. Eles podem simplesmente representar uma expansão redacional do texto original. A atenção também foi chamada ao fato de que a embriaguez é o sujeito do segundo e do sexto ai, embora os vícios que os acompanham não sejam os mesmos.

O primeiro ato é dirigido aos escravos gananciosos. Estes foram os que adquiriram casa após casa e campo após o campo até serem deixados sem vizinhança em suas grandes propriedades. Antes do século oitavo, a sociedade palestina era predominantemente agrícola e as terras eram pequenas. Agora, no entanto, a propriedade estava concentrada nas mãos de alguns, e as massas desarraigadas estavam sendo reduzidas à pobreza. Enquanto Isaías não especifica que os ricos estavam adquirindo terras por meios desonesto, seu Micah contemporâneo, no entanto, indica que tal era o caso (ver Mic. 2: 1-2 , 8-9).

Existe um problema semelhante até hoje. Em algumas partes do nosso país, por exemplo, a aquisição de grandes extensões de terra por indivíduos, instituições e corporações ricas alcançou proporções sérias. Muitas comunidades rurais diminuíram acentuadamente, já que a população local foi em grande parte deslocada. O governo, às vezes, incentivou a propriedade de ausentes da terra através de lacunas em suas leis tributárias.

As massas sem terra da América Latina estão se reunindo em torno do slogan da "Reforma Agrária". Desapontados com o fracasso dos governos em encontrar uma solução para seus problemas, eles se organizaram para exigir uma parcela justa da riqueza e recursos de sua nação. Sua agitação é dirigida principalmente contra os *latifundiários* , os donos ricos de grandes países, que vivem de luxo enquanto seus trabalhadores são mantidos num estado de escravidão virtual. Foram situações como

essa que fizeram com que os profetas levantem a voz com indignação justa. América do Norte e outras partes do mundo têm como situações - pelo menos em princípio - de injustiça semelhante.

Em vv. 9-10 Isaiah pronuncia uma "maldição de futilidade" nos camponeses. Eles podem construir mansões, mas estas ficarão vazias e desoladas, e seus campos perderão sua produtividade. Dez acres de vinhas produzirão apenas um banho (aproximadamente cinco ou seis galões de vinho), e um homer de semente (dez bushels) produzirá apenas um ephah (um alqueireiro). Nenhum fanner poderia sobreviver por muito tempo a um desastre como este.

O segundo sofrimento é dirigido aos bebedores pesados de Judá. Embora a Bíblia, em nenhum lugar, prescreva especificamente abstinência total, contudo, condena aqueles que bebem até serem intoxicados. Os profetas freqüentemente advertem contra o vício da embriaguez (cf. Hos. 4:11 ; 7: 5 ; Amós 4: 1 ; 6: 6). Os sábios também condenam o consumo excessivo, porque leva à pobreza (Provérbios 21:17 ; 23:20 f.), À ira e às brigas (Provérbios 20: 1), à perda de decência (Prov. 23:29 -35), e à negligência de seus deveres para com os outros (Prov. 31: 4 f.).

Os homens de Judá são condenados por seu insaciável desejo de vinho e bebida forte. Eles são descritos como subindo cedo e ficam acordados até tarde para colocar um dia inteiro de beber. Suas festas não são mais que ocasiões para se tornarem bêbadas na música. No final, suas mentes estão inflamadas e seus discípulos são prejudicados.

Em seu estupor bêbado, eles são totalmente inconscientes de que Deus está trabalhando em seus dias. Eles não consideram os feitos do Senhor, nem vêem o trabalho de suas mãos. As ações do Senhor podem se referir ao seu julgamento sobre os pecados individuais ou à sua destruição da nação como resultado de sua culpa corporativa. Em qualquer caso, a obra de Deus é uma obra de julgamento e destruição. Como poderia ser de outra forma quando eles estão tão inclinados a satisfazer seus próprios apetites e desejos?

O versículo 13 contém uma previsão do exílio, cuja vinda é descrita em hebraico por um perfeito profético. O profeta está tão certo da sua chegada que ele descreve como se já tivesse chegado. A causa imediata do exílio vindouro é a falta de conhecimento das pessoas (cf. Hos. 4: 1 , 6). Isso não significa que eles são ignorantes no sentido geral do termo, mas que eles não têm conhecimento de Deus e de seus caminhos, como os bêbados descritos na v. 12 . Quando o exílio chegar, homens honrados morrerão de fome e grandes multidões de sede.

Sheol, a morada sombria dos mortos, é retratado no v. 14 como um monstruo voraz que abre a garganta para receber os mortos da terra. Para este mundo inferior de líderes de novilhos e solteros de novidade. Sua exultação barulhenta em breve não será ouvida mais. Verso 17 , que é como um postscript para vv. 13-16 , afirma que depois que Jerusalém foi julgada, bandos pastarão entre suas ruínas. Isto significa o retorno do país para um estado pastoral (ver 7: 23-25).

Os versículos 15-16 , que parecem interferir nessa passagem, são paralelos em linguagem e em pensamento a 2: 6-22 , aos quais eles originalmente podem ter sido associados. Eles enfatizam o contraste entre o abasamento e a humilhação do homem e

a exaltação de Deus. Ele é exaltado e sua santidade é revelada através da justiça e justiça, das qualidades que faltam em Israel (ver v. 7). Aqui, como em outros lugares do Antigo Testamento, justiça e justiça não se referem tanto ao que Deus *é* quanto ao que ele *faz*. Ele é o Deus que age, que nas vicissitudes da história revela quem ele é através do que ele faz.

A terceira ai (vv 18-19) é dirigida aos que trabalham no pecado e zombam de Deus. Com base em um texto cananeu da antiga cidade de Ras Shamra (49: 2: 28-30), os estudiosos propuseram que o versículo 18 deveria ser traduzido: "Ai daqueles que arrastam a iniqüidade com as ovelhas e pecam com um calaf-halter. "Esta é uma descrição daqueles que são aproveitados para o seu pecado, transportando-o por trás deles como um carrinho. Ao mesmo tempo, desafiam desafiadormente a Deus para provar-se por seus atos poderosos, para que eles estejam convencidos de que ele é realmente Deus. Eles não acreditam que ele pode ou não. Este é o ateísmo prático, a negação de que Deus está trabalhando em seu mundo. Outros profetas, além de Isaías, tiveram que enfrentar o mesmo problema (cf. Jr 17:15 ;Zeph. 1:12 ; Mal. 2:17 ; 3: 13-15).

O quarto ai (v. 20) é destinado a quem perdeu o poder da discrição moral. Quão vigorosa esta palavra fala com nossa geração, com sua relatividade moral e sua ética situacional! Pense na pessoa que, quando mostrada uma porta, dirá: "Não, isso é uma parede!", Mas, quando mostrado um muro, responderá: "Não, isso é uma porta!" As diretrizes morais que serviram aos outros já não são válidas para ele. Seus amigos são considerados inimigos e seus inimigos como amigos. Completamente confuso, ele não pode mais distinguir entre o bem eo mal, entre a luz e a escuridão, entre amargo e doce. Ele está afligido com uma consciência que já não acusa e uma vontade que já não responde. Certamente, esta é a última etapa da depravação moral.

Os dois últimos problemas são muito breves. O primeiro (v. 21) é dirigido aos homens sábios autodenominados de Israel. Estes são homens que, em sua autoconfiança, não sentem necessidade de Deus. Eles desconhecem o fato de que eles são cortados da fonte da verdadeira sabedoria, que de acordo com as Escrituras é encontrada somente em Deus. Em última análise, portanto, o auto sábio é o maior idiota do mundo.

A última desgraça, como a segunda, trata do problema da embriaguez. É dirigido a quem é especialista em misturar bebidas e perverter a justiça. Estes eram os "homens de distinção" de Israel, seus "heróis da taça de vinho". Eles não só sabiam como misturar bebidas fortes, mas também sabiam como obter veredictos favoráveis de juízes sem escrúpulos. Isso resultou em um erro de justiça que Os inocentes foram geralmente condenados enquanto o culpado era livre. Essas práticas estavam prejudicando a estrutura social nos dias de Isaiah.

No presente arranjo do texto vv. 24-25 parecem aplicar-se a todos os mencionados nos precedentes oráculos de desgraça. Esses versos, portanto, constituem uma conclusão para toda a seção. Aqui, os pecadores são comparados a plantas cujas raízes e flores estão apodrecidas e decaídas. No julgamento seguinte, eles serão queimados como erva seca e restolho. Eles também são acusados de ter rejeitado a lei do Senhor e ter desprezado a palavra do Santo de Israel (cf. Amós 2: 4).). Aqui, como em outros lugares em Isaías, a lei não se refere à legislação mosaica, mas à revelação da vontade de Deus comunicada pelos profetas. Por causa da gravidade dessas ofensas, a ira de Deus cai

sobre Judá de maneira temível. Seu tremor das montanhas diante de sua mão estendida, e os cadáveres dos mortos são como lixo nas ruas de suas cidades.

O refrão de conclusão no v. 25 é repetido quatro vezes no poema bastante demorado em 9: 8-10: 4 . Isso levou à sugestão de que vv. 24-25 pode ter estado originalmente após as 9:21 , constituindo assim uma estrofe desse poema. O problema textual é ainda mais complicado pelo fato de que 10: 1-4 também é um "mau oráculo", o que sugere que talvez tenha estado em relação às 5:23 , fornecendo assim uma lista de sete problemas. Essa especulação é interessante , mas, como criticaram recentemente as críticas da redação, isso não altera o fato de que devemos lidar de forma responsável com o texto, como agora o temos.

(3) O invasor de Afar (5: 26-30)

26 Ele levantará um sinal para uma nação de longe,
e apito para ele desde os confins da terra;
e e, rapidamente, rapidamente vem!
27 Nenhum está cansado, nenhum tropeça,
nenhum sono ou dorme,
não é um casaco de cintura,
não uma tanga de sandália quebrada;
28 suas flechas são afiadas,
todas as curvas dobradas,
os cascos de seus cavalos parecem pederneira,
e suas rodas como o redemoinho.
29 O seu rugido é como um leão,
Como jovens leões, eles rugem;
eles rugem e apanham sua presa,
Eles carregam isso, e ninguém pode resgatar.
30 Eles rugirão sobre isso naquele dia,
como o rugido do mar.
E se alguém olha para a terra,
Eis, escuridão e angústia;
e a luz é escurecida por suas nuvens.

A previsão de invasão estrangeira é considerada por muitos como a conclusão errada do complexo oráculo que aparece em 9: 8-10: 4 . Foi descrito como "um dos pedaços mais vívidos do verso descritivo no Antigo Testamento". O efeito staccato de suas frases curtas sugere a velocidade do relâmpago dos exércitos invasores. Embora o inimigo não seja nomeado, é evidente que o profeta está pensando nos assírios.

O Senhor associa uma nação de longe, e vem rapidamente a seu comando. O profeta considera a invasão de Judá de Assíria, portanto, não como um evento fortuito na história, mas como uma ocorrência ordenada por Deus. Suas opiniões sobre este assunto

estão mais desenvolvidas no capítulo 10 , onde ele se refere à Assíria como "a vara da ira de Deus".

Os versículos 27-30 descrevem vividamente o terror causado pelo rápido avanço do inimigo invencível. Seu rugido é como o rugido do leão enquanto ele pula sobre sua presa, ou como a fúria do mar em um dia tormentoso. A escuridão e o sofrimento cobrem a terra e o sol é obscurecido pelas nuvens. Mauchline comenta que, na descrição do profeta do dia do julgamento, é "como se os próprios céus tivessem vestido de luto".

4. O chamado de Isaías (6: 1-13)

Quando se examina o livro de Isaías, certos capítulos se destacam como altos montes. Certamente, o Matterhorn da primeira metade do livro é o capítulo 6 , que fala do chamado e da comissão do profeta.

(1) Visão e Resposta (6: 1-5)

1 No ano em que o rei Uzias morreu, vi o Senhor sentado sobre um trono, alto e levantado; e seu trem encheu o templo. 2 Acima dele estava o serafim; cada um tinha seis asas: com dois ele cobriu o rosto, e com dois ele cobriu os pés, e com dois ele voou. 3 E um chamou para outro e disse:

"Santo, santo, santo é o SENHOR dos exércitos;

Toda a terra está cheia de sua glória ".

4 E os fundamentos dos limiares abalaram a voz do que chamou, e a casa estava cheia de fumaça. 5 E eu disse: "Ai de mim! Pois estou perdido; Pois sou homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de lábios impuros; Pois os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos exércitos! "

É significativo que o chamado de Isaías para o ministério profético seja datado no ano em que o rei Uzias morreu. Uzias governou Judá por aproximadamente 40 anos. Isaiah nasceu e cresceu até a masculinidade durante os anos de seu reinado; ele nunca tinha conhecido outro rei. O esplendor do reinado de Uzias é descrito em detalhes em 1 Reis 15: 1-7 e 2 Crônicas 27 . Essas contas contam como ele modernizou o exército, conquistou o território da filisteia, estendeu suas atividades comerciais à Arábia, reconstruiu as obras de cobre e ferro em Elath e tomou um interesse esclarecido na agricultura. Seu reinado trouxe paz e prosperidade como a nação não sabia desde os dias de Salomão.

Como a realeza é mais ou menos estranha à nossa experiência, é difícil para nós compreender o significado do rei na sociedade antiga. Ele era para a nação o que o patriarca era para o clã. Sua presença inspirou as pessoas com uma sensação de força e segurança. Mas sua morte os encheu de consternação, pois eram como ovelhas sem pastor. A situação foi agravada pela fraqueza de seu filho Jotham e a sombra ameaçadora da Assíria.

No ano em que o rei Uzias morreu, Isaías viu outro rei sentado num trono. O trono de Judá estava vazio, mas o trono do céu estava ocupado pelo Rei da Glória. Os reis de

Judá podem vir e ir em uma interminável procissão, mas este Rei reinará para todo o sempre. Ele era *o* rei (*hammelekh* , v. 5), e seu trono era exaltado acima de todos os tronos terrestres.

Não devemos minimizar o significado do que Isaías viu. Embora a visão tenha chegado até ele no Templo de Jerusalém, ele viu muito mais do que se podia ver no Templo de Jerusalém. Por um breve momento, o véu foi retirado e ele foi autorizado a olhar para o templo celestial, a realidade espiritual de que o templo terrenal era apenas um símbolo.

Isaías viu o Senhor sentado num trono, atendido pelas hostes do céu. Esta não era uma ocasião comum na corte celestial, pois o caso de Judá deveria ser julgado. Deus convocou o conselho celestial a sentar-se em julgamento sobre a nação pecadora.

A evidência de que os escritores bíblicos acreditava que tal conselho existia é encontrada em numerosas passagens do Antigo Testamento (Gênesis 1:26 ; 3:22 ; 11: 7 ; 1 Reis 22: 19-22 ; Jó 1: 6-12 ; 2: 1-6 ; Salmos 82: 1 ; 89: 5 , Jeremias 23:18 , 22). Assim, enquanto o Antigo Testamento é estritamente monoteísta, nunca apresenta Deus como um ser solitário, mas como alguém que é constantemente atendido por seus mensageiros e ministros celestiais. Para mais informações sobre o conselho celestial, veja James F. Ross, "O Profeta como Mensageiro de Javé" , *Patrimônio Profético de Israel,* ed. Bern-hard W. Anderson e Walter Harrelson (New York: Harper and Brothers, 1962), pp. 102-105. Isaías realmente testemunhou apenas os momentos finais dessa assembléia solene. Quando ele foi autorizado a examinar os procedimentos, um veredicto já havia sido proferido e a nação tinha sido declarada culpada. No entanto, Deus ainda não havia designado um mensageiro para relatar o veredicto à nação e pronunciar sentença sobre isso. O desenvolvimento mais surpreendente foi a escolha de Isaiah para ser este mensageiro.

Em torno do trono do Senhor havia um número não especificado de serafins. O termo que designa esses seres celestiais é derivado de uma raiz que significa "queimar". Em outros lugares do Antigo Testamento é usado para descrever serpentes ou serpentes ardentes, talvez descritas por causa da sensação de queimação causada por suas mordidas (ver 14: 29 ; 30: 6 ; Números 21: 4-9 ; Deut. 8:15). A derivação do termo, portanto, levou à especulação de que os serafins na visão de Isaías podem ter a forma de "serpentes estendidas", semelhantes aos encontrados esculpidos nos tronos dos faraós.O mínimo que se pode dizer é que eles eram seres compostos estranhos, combinando as características de cobras, pássaros e seres humanos. Em angelologia judaica e cristã posterior, os serafins e os querubins foram classificados como os "coros" mais elevados dos anjos.

Na visão de Isaías, cada um dos serafins tinha seis asas, duas com as quais cobrir o rosto em sinal de sua reverência, duas para cobrir os pés (um eufemismo para os órgãos genitais) em sinal de sua modéstia e duas para Fly, um símbolo de sua prontidão para servir. Enquanto se encontravam sobre o trono celestial, os serafins cantavam em antologia para louvar a glória de Deus. Sua tripla repetição de santo (*qadhosh*) serviu para enfatizar a singularidade do deus de Israel. A última parte de sua música traduz literalmente significa: "a plenitude de toda a terra é a sua glória". Em outras palavras, o profeta estava experimentando uma "consciência total" de Deus. Tudo na ordem criada falou com ele da glória de Deus. Ele estava completamente rodeado pela presença

divina, para que ele não pudesse escapar, independentemente de onde ele se virasse (Salmo 139: 1-18).

Holy é derivado de uma raiz que significa separar, cortar. Para dizer que Deus é santo significa antes de tudo que ele é Deus e não homem. Ele é completamente separado de tudo o que é criativo ou pecaminoso. Nas palavras de Rudolf Otto, ele é "o Outro Completamente". Isso não significa, é claro, que ele está afastado de sua criação; Ele é *diferente* do homem, mas não *distante* dele. Oséias expressou isso melhor do que qualquer outro: "Porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de você" (Êxodo 11: 9).

Como resultado dessa experiência, a santidade de Deus tornou-se um dos temas dominantes na pregação de Isaías. Seu termo favorito para Deus era "o Santo de Israel", um termo que aparece cerca de 30 vezes em seu livro. Ele sabia que a própria existência de Judá dependia de sua atitude em relação à santidade de Deus.

Tendo encontrado Deus como o Santo, Isaías foi imediatamente ferido com a consciência de seu próprio pecado e impureza. Sua experiência representou uma nova dimensão na compreensão do homem sobre o conceito de santidade. Até então, alguém levado a uma consciência da santidade de Deus tinha sido ferido com uma sensação de sua própria criatividade; Isaías estava ciente apenas de sua pecaminosidade. Ele temia a Deus não porque ele era um homem, mas porque ele era um homem pecador. A santidade, portanto, assumiu uma qualidade moral que não possuía antes disso.

A resposta de Isaías à visão de Deus foi a de um homem encarado com a morte. De seus lábios estourou um grito agonizante de desespero, ai é eu! Pois eu estou perdido! A palavra traduzida "perdido" significa ser cortada, cortada ou destruída. Isaías pensou que, para um tal como ele, olhar para o rosto de Deus, significava morte certa. No entanto, ele não conseguiu permitir a misericórdia de Deus.

Isaías nunca tinha percebido a profundidade de seu pecado e sua depravação até ficar de acordo com a luz reveladora da santidade de Deus. Ele logo percebeu a impureza de seus lábios e dos lábios de seu povo. Seus lábios eram imundos, como a carne de um leproso (cf. Levítico 13:45). Por que sua consciência de impureza foi focada aqui e não em outros lugares não é clara. Talvez a melhor explicação seja que ele já tenha percebido que Deus queria que ele se tornasse um profeta, um mensageiro da corte celestial. Um pouco como Moisés, embora por razões diferentes, ele se sentiu indigno de empreender tal tarefa. Observou-se que os profetas acadianos e egípcios tinham que se submeter a certos ritos de purificação da boca antes de serem autorizados a falar os oráculos dos deuses.Da mesma forma, a comissão de Isaías foi adiada até que seus labios tenham sido limpos.

(2) Purificação e Comissão (6: 6-13)

6 Então voei um dos serafins para mim, tendo em sua mão um carvão ardente que ele tirou com o tongs do altar. 7 E ele tocou minha boca e disse: "Eis que isto tocou os teus lábios; sua culpa é tirada, e seus pecados perdoados. " 8 E ouvi a voz do Senhor dizendo:" A quem enviarei, e quem irá por nós? "Então eu disse:" Aqui estou eu! Envie-me. " 9 E ele disse:" Vá, e diga a este povo:

"Ouça e ouça, mas não entenda;
veja e veja, mas não perceba.
10 Faça o coração desse povo gordo,
e seus ouvidos pesados,
e fecharam os olhos;
para que não vejam com os olhos deles,
e ouça com os ouvidos,
e entende com seus corações,
e vire e fique curado ".
11 Então eu disse: "Quanto tempo, Senhor?" E ele disse:
"Até as cidades mentirem
sem habitante,
e casas sem homens,
e a terra está completamente desolada,
12 e o Senhor remove homens longe,
e os lugares abandonados são muitos no meio da terra.
13 E, embora um décimo permaneça nele,
será queimado novamente,
como um terebinth ou um carvalho,
cujo toco permanece em pé
quando é derrubado ".
A semente sagrada é o seu coto.

A maneira como os labios do profeta foram purificados é altamente significativa. Um dos serafins voou para ele com um carvão ardente que tirou do altar com um par de pinças. Ele pressionou isso nos lábios de Isaías, simbolizando a remoção de sua culpa. Esta parte da visão sugere que não existe uma cura indolor para o pecado. O perdão sempre foi garantido ao preço do sofrimento e da morte.

Quando o seraph tocou os lábios de Isaías, ele declarou sua culpa removida e seu pecado perdoado. Rowley descreveu vividamente a mudança que veio sobre o profeta nesse instante. Ele escreve: "Aquele que um momento antes sentiu que, na presença do Deus santo, o pecado não poderia existir, e que, portanto, ele deve perecer com seu pecado, agora sentiu que ele estava separado do seu pecado para que ele só pudesse perecer, e ele poderia viver ".

O clímax da visão de Isaías vem na v. 8 . O toque do carvão ardente o transformou em um homem novo. Para sua visão de Deus, de si mesmo e da graça redentora, agora foi adicionada uma visão adicional, a visão do mundo que necessita de seu ministério. A conseqüência de ser purificado e perdoado era algo único na experiência dos profetas. Em vez de implorar sua inadequação, como Moisés e Jeremias fizeram, ele se ofereceu para ser enviado, mesmo antes de conhecer a natureza de sua missão. Ele estava tão surpreso com um sentimento de gratidão que ele estava disposto a colocar-se

completamente nas mãos de Deus. Deus cuidou de seu passado; ele poderia ter seu futuro.

As palavras Aqui estou eu! Me envie. aparecem apenas duas palavras em hebraico. Eles foram a resposta de Isaías à indagação de Deus, a quem devo enviar e quem irá por nós? A questão parece ter sido dirigida não ao profeta, mas aos membros do conselho celestial, que explicariam o uso do pronome plural da primeira pessoa. Deus havia reunido o conselho para julgar Judá. Um messenger agora era necessário para entregar o veredicto do conselho à nação pecadora e rebelde. Isaiah, que já se injetou no processo do conselho com seu grito de confissão, agora fez isso novamente, com um grito não menos urgente. Ele pediu que ele fosse enviado como porta-voz do conselho. A urgência de sua resposta sugere que ele estava preocupado para que outra pessoa fosse escolhida em vez dele.

Como ele não conhecia a natureza de sua missão, ele estava simplesmente se disponibilizando. Ele iria para onde Deus o enviasse. Só depois de se ter oferecido para o serviço, Deus o comissionou. Só depois de ter dito: "Mande-me!", Deus disse: "Vá!" Claus Westermann expressou bem quando disse: *"Isaías é enviado,* pois este não é um evento entre Deus e a alma", mas entre Deus e o seu pessoas e, portanto, entre Deus e o mundo. A santidade de Deus não está lá apenas para Deus, e a purificação do homem não é apenas para a bem-aventurança do homem, mas para que, como resultado desse encontro, algo possa surgir no mundo. Não há um encontro genuíno com Deus sem o seu terceiro aspecto, sem que isso envie aos outros ".

Do ponto de vista humano, a missão de Isaiah deve ter parecido impossível. Ele foi ordenado a fazer o coração de seu povo gordo, fazer seus ouvidos pesados e fechar os olhos, para que não vejam com os olhos, ouviram com os ouvidos, compreendam com o coração e se voltem e sejam curados. Isso não deve ser interpretado como o resultado pretendido de sua pregação. Em vez disso, em vista da natureza rebelde de seus ouvintes, esse era o resultado *inevitável* . O significado do versículo é que a palavra profética servirá para cristalizar o personagem e selar o destino daqueles que a ouviram (2 Coríntios 2: 15-16).

Isaiah ficou tão assustado com a divulgação da natureza de sua missão que ele gritou: Quanto tempo, Senhor? Este grito, familiar em salmos de lamentação (Salmos 13: 2 ; 74:10 ; 79: 5 ; 89:46), era a expressão angustiada de uma alma perturbada. Isaías estava angustiado porque ele não havia sido mais rápido aliviado de seu fardo de pecado do que ele tinha uma preocupante preocupação com pessoas rebeldes.

A resposta de Deus ao lamento de Isaías não foi encorajadora. Nenhum limite de tempo foi estabelecido em seu ministério; Foi-lhe dito simplesmente que ele deveria continuar até que o Israel existente tivesse sido aniquilado. O versículo 13 foi interpretado de várias maneiras. Tradicionalmente, considerou-se que estabeleceu a doutrina do profeta de um remanescente salvo que surgir como um milagre divino. Ele acreditava que, mesmo após a nação ter sido destruída, ainda conteria uma centelha da vida. Como uma árvore derrubada retém a vida em seu toco e começa a crescer de novo, mesmo assim a nação caída daria à luz um resíduo purificado por meio do qual os propósitos eternos de Deus seriam realizados.

Se alguém perguntar sobre quais os motivos que o remanescente estarão preparados para cumprir, os propósitos de Deus, a resposta é sugerida pela referência à queima no v. 13 . Como Ward apontou, uma correlação direta entre vv. 6-7 e 11-13 é fornecido pelo motivo de queima. Assim como a culpa de Isaías foi queimada simbolicamente pelo carvão retirado do altar, também o povo de Judá deve ser submetido a uma purificação pelo fogo. Nada basta disso seria suficiente. Somente através de tal processo, eles seriam suficientemente humildes e penitentes para experimentar o perdão e a reconciliação de Deus. O símbolo de seu futuro como o povo de Deus, portanto, seria um arbusto que crescia de um coto queimado. Com isso, eles seriam constantemente lembrados do custo e condição de sua reconciliação.

5. Uma crise nacional (7: 1-9: 7)

O contexto histórico desta seção é o de 735-732 AC , quando os pequenos estados do Próximo Oriente foram submetidos a uma severa pressão dos assírios, liderados por Tiglath-pileser III (745-727). Os oráculos colecionados aqui provavelmente representam apenas uma seção transversal da pregação de Isaías durante esse período de crise.

Ably liderado por Tiglath-pileser III, Assyria atingiu o zênite de seu poder em 735 AC. Os exércitos constituíram a força de combate mais eficiente que o mundo já havia visto. Isaías 5: 27-30 provavelmente contém uma descrição vívida da precisão com que marcharam e lutaram. Por sua crueldade ao lidar com povos conquistados, eles foram chamados de "os nazistas do século VIII AC ". Eles fizeram da guerra sua indústria nacional. Durante o período abrangido por esta passagem, eles conseguiram trazer Israel e Judá sob seu controle.

(1) O Sinal de Immanuel (7: 1-17)

1 Nos dias de Acaz, filho de Jotão, filho de Uzias, rei de Judá, Rezin, rei da Síria, e
Peká, filho de Remalias, rei de Israel, subiram a Jerusalém para fazer guerra contra
ele, mas não podiam conquistá-lo . 2 Quando a casa de Davi foi informada: "A Síria
está em liga com Efraim", seu coração e o coração de seu povo tremiam quando as
árvores da floresta tremem diante do vento.

3 E o SENHOR disse a Isaías: "Sai ao encontro de Acaz, tu e Shearjashub, seu
filho, no final do canal da piscina superior na estrada até o campo de Fuller, 4 e dize-
lhe:" Toma cuidado, seja tranqüila, não tenha medo e não deixe seu coração desmaiar
por causa desses dois tocos ardentes de armas de fogo, com a feroz raiva de Rezin e
Síria e o filho de Remalias. 5 Porque a Síria, com Efraim e o filho de Remalias, tem
inventou o mal contra você, dizendo: 6 "Subamos contra Judá e assustá-lo, e vençamos
por nós mesmos, e criei o filho de Tabeel como rei no meio disso". 7 Assim diz
o SENHOR Deus:

Não deve resistir,
e não acontecerá.
8 Pois a cabeça da Síria é Damasco,
e o chefe de Damasco é Rezin.

(Dentro de sessenta e cinco anos Ephraim será quebrado em pedaços para que ele não seja mais um povo.)

[9] E a cabeça de Efraim é Samaria,
e a cabeça de Samaria é o filho de Remaliah.
Se você não acreditar,
certamente você não deve ser estabelecido. '"
[10] Novamente, o SENHOR falou com Acaz, [11] "Peça um sinal do SENHOR, seu Deus; Deixe-o ser profundo como o Seol ou alto como o céu " .[12] Rut Ahaz disse:" Não pedirei, e não vou colocar o SENHOR à prova ". [13] E ele disse:" Ouvi, ó casa de Davi! É muito pequeno para vocês homens cansados, que você cansou meu Deus também? [14] Portanto, o próprio Senhor lhe dará um sinal. Eis que uma jovem conceberá e levará um filho, e chamará o nome de Emanuel. [15] Ele comerá coalhada e mel quando ele souber recusar o mal e escolher o bem. [16]Para antes que a criança saiba recusar o mal e escolher o bem, a terra diante de quem dois reis você tem medo estará deserta. [17] O SENHOR trará sobre vós e sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai, dias que não vieram desde o dia em que Efraim partiu de Judá, o rei da Assíria.

Para se proteger contra a ameaça da Assíria, certas nações pequenas formaram uma coalizão antes de 735 AC . Os líderes no movimento eram Rezin de Damasco e Peká de Samaria. A pressão foi exercida para forçar o rei Acaz de Judá a se juntar à coalizão, mas quando ele se recusou a fazê-lo, ele foi atacado por Peká e Rezin. Seu objetivo aparentemente era substituí-lo por um rei fantoche que cooperaria com eles. Por sua juventude e inexperiência, Acaz ficou aterrorizado com a presença de tropas invasoras no solo. Foi talvez nesta época que ele recorreu à extrema medida de sacrificar um de seus próprios filhos (2 Reis 16: 3), na esperança de evitar a ira de Deus.

No meio desses eventos importantes, Ahaz teve seu primeiro encontro gravado com Isaías. O rei tinha ido para inspecionar o abastecimento de água de Jerusalém, talvez antes da cidade estar sob cerco. Isaiah saiu ao encontro dele, acompanhado por seu filho, Shear-jashub. O encontro ocorreu no final do canal da piscina superior na rodovia para o Fuller s Field.

O principal abastecimento de água de Jerusalém veio da primavera de Gihon, uma fonte forte e intermitente localizada no declive oriental da colina em que a cidade foi construída. É mais conhecido hoje como a Primavera da Virgem. Os jebuseus e mais tarde reis da Judéia construíram várias condutas para levar a água de Gihon para a cidade. A água em uma dessas condutas é referida em 8: 6 como "as águas de Shiloah que fluem suavemente". Pouco antes de 700 AC . Ezequias teve um túnel escavado pela colina de Jerusalém para levar a água de Gihon com mais segurança em a cidade (2 Reis 20:20). Ele então fechou a piscina superior que Ahaz tinha ido para inspecionar, uma vez que a água de Gihon poderia ser mais seguramente armazenada no oeste, ou piscina "inferior", mais tarde conhecido como o grupo de Siloé (2 Cron. 32:30) .

Como Gihon parece ter sido associado à coroação de reis (ver 1 Reis 1:33 , 38 , 45), a aparência de Isaías teria trazido significado adicional. Este foi um momento crucial na

história de Judá. Deus realmente prometeu que Davi nunca teria um filho para se sentar em seu trono, mas agora a própria existência da casa de Davi estava sendo ameaçada. Pekah e Rezin pretendiam destronar Ahaz e substituí-lo por Ben Tabeel, que de outra forma é desconhecido, e cujo nome provavelmente significa "bom para nada".

O nome do filho de Isaías, Shearjashub, significava que "um remanescente retornaria". Sua presença nesta ocasião talvez tenha sido uma advertência para Ahaz de que, se ele não dependesse de Deus nessa crise, sua nação seria severamente julgada, de modo que apenas uma O resto do seu povo escaparia.

Isaías tentou convencer Acaz a confiar em Deus para livrá-lo. O conselho do profeta era boa religião e boa política. Era uma boa religião porque a resposta apropriada à crise era fé, não atividade febril e ansiedade sobre as defesas de Jerusalém. Foi uma boa política porque se baseou em uma sólida avaliação da situação política. O profeta conhecia a fraqueza de Pekah e Rezin, e chamou sua ameaça de blefar. Ele se referiu a eles desdenhosamente como esses dois tocos queimados de armas de fogo, o que significava que todos eles eram fumaça e sem fogo.

Isaiah reforçou seu apelo a Ahaz com um jogo em palavras que provavelmente se perderão no leitor inglês. Ele disse: Se você não acreditar (*taaminu*), certamente você não deve ser estabelecido (*te'amenu*). "Para acreditar e ser estabelecido são derivados do mesmo verbo hebraico. Um tradutor tentou preservar o jogo do profeta nas palavras com uma paráfrase: "Se a sua fé não tem certeza, seu trono não será seguro". Outro sugeriu esta renderização: "Se você não se segura rapidamente, certamente não deve permanecer velozes."

Ahaz aparentemente ouviu o conselho de Isaías em silêncio pedregoso, já que nenhuma resposta é registrada. Em outros lugares, aprendemos que ele já havia se estabelecido em um curso de ação. Ele resolveu fortalecer suas próprias defesas e enviar a Assíria ajuda adicional (2 Reis 16). Isaías foi amargamente oposto a este plano. Ele considerou o apelo de Acaz a Tiglath-pileser como sinônimo de orgulho e incredulidade arrogantes; Estava ajustando o poder do homem acima do poder de Deus. Isaías acreditava que Deus poderia lidar com Peká e Rezin sem qualquer ajuda de Judá ou Assíria. Ele também temeu que a aceitação da ajuda assíria custaria a Judá sua independência política e sua integridade espiritual, teme que os eventos subseqüentes se revelassem bem fundamentados (ver 2 Reis 16: 10-18).

Há todas as indicações de que vv. 10-17 descrevem um encontro posterior entre Isaías e o rei Acaz. Uma tradução literal do versículo 10 iria ler: "E o Senhor acrescentou para falar com Acaz". Quanto tempo decorrido entre esse encontro e o primeiro é uma questão de especulação.

Para o rei recalcitrante, o profeta agora oferece um sinal. Na verdade, o rei é desafiado a solicitar um sinal em qualquer lugar das alturas do céu até as profundezas do *Seol* , e Deus o executaria. O signo da palavra é usado 79 vezes no Antigo Testamento, dos quais 25 referem-se às pragas do Egito. Um sinal foi definido como "algo comum ou extraordinário, conforme o caso, considerado como significativo de uma verdade além de si mesmo, ou impressionado com um propósito divino".

No Antigo Testamento, os sinais nunca ficam sozinhos, mas estão sempre intimamente ligados a uma palavra de Deus. O objetivo deles é confirmar a verdade e o poder da palavra falada. Comentando Deuteronômio 18:19 , com a promessa de uma sucessão contínua de profetas, o Talmud afirma: "Se um profeta que começa a profetizar dá um sinal e um milagre, ele deve ser escutado, caso contrário ele não deve ser atendido "Quando Moisés empregava sinais do Egito, era para tornar a apresentação de seu mensagem mais efetiva, para que Faraó pudesse estar completamente convencido de que a palavra que ele falara era verdadeira. Os sinais, portanto, foram dados para impressionar os céticos e para fazer crentes dos escarnecedores.

Ahaz recusou piedosamente pedir um sinal. Fazer isso teria implicado sua aceitação da avaliação de Isaiah sobre a situação. Se ele tivesse pedido um sinal e o sinal tivesse sido concedido, ele teria sido obrigado a alterar seus planos e políticas. Esta foi a última coisa que ele queria fazer. Porque ele se recusou a pedir um sinal, ele foi acusado de cansar Deus e o homem. Sua atitude desafiadora era uma afronta tanto para o profeta quanto para o Senhor.

Isso prepara o cenário para o anúncio de nascimento no v. 14 . Antes de entrar na interpretação do verso, seria aconselhável investigar o anúncio do nascimento como forma literária. Felizmente, existem outros anúncios semelhantes de nascimento em fontes bíblicas e não-bíblicas. Gênesis 16:11 , por exemplo, conta como Agar deve conceber por Abraão e deve chamar seu filho Ismael. Judges 13: 5 , 7 diz o anúncio do nascimento de Samson, e mais uma vez é a mãe que nomeia a criança (v. 24). Em 1 Samuel 1:20 é registrado que Ana concebeu e deu um filho e chamou Samuel de seu nome. Um paralelo ainda mais próximo às 7:14foi observado em um texto ugarítico de Ras Shamra. Em uma história intitulada “O casamento de Nikkal eo Deus da lua” não há um anúncio do nascimento que começa assim: “Eis que a jovem (*glmt* , o equivalente Ugaritic do hebraico *'almah*) levará (gerou?) Um filho. . . É evidente a partir destes exemplos que a forma básica do anúncio de nascimento em 7:14 foi emprestado de fontes tradicionais.

A maioria das discussões sobre este versículo centrou-se em torno de seu uso de *ha'almah* para designar a mãe da criança que deveria servir de sinal para Ahaz. A palavra hebraica foi traduzida como "virgem" na KJV e uma jovem no RSV. Este substantivo é derivado de uma raiz verbal que significa "estar maduro". Portanto, denota uma jovem que passou a idade da puberdade e é presumivelmente capaz de ter filhos.

A *palavra'mah* não afirma nem nega a virgindade por parte da pessoa a quem se refere. O termo técnico hebraico para virgem é *bethulah* , um termo que é usado em outros lugares em Isaías, mas não nesta passagem (23: 4 , 12 ; 37:22 ; 47: 1 , 62: 5). A natureza equívoca *de'almah* pode ser claramente vista quando se examina suas outras ocorrências no Antigo Testamento. Em Gênesis 24:43 , por exemplo, Rebecca é chamado de ' *súbaco'* , mas é no v. 16 que está inequivocamente informado de que ela também é virgem (*Bethulah*). Quanto à irmã de Moisés em Êxodo 2: 8 , há apenas o argumento do silêncio; presumivelmente ela é virgem, mas isso não é um fato declarado. No canto de Salomão 1: 3 e 6: 8 , por outro lado, o contexto parece implicar que as jovens em questão são virgens, uma vez que pertencem ao harém do rei, mas não

são rainhas nem concubinas. A única outra ocorrência deste termo é em Provérbios 30:19 , que é tão ambíguo quanto Isaías 7:14.

A sugestão, portanto, de que a jovem mulher referida por Isaías era uma virgem surgiu não da Bíblia hebraica, mas do grego. Em todos, mas dois lugares os tradutores da Septuaginta prestados *'almah* pelas evasivas *neanis* (jovem). As duas exceções foram Gênesis 24:43 e Isaías 7:14 , onde *parthenos* (virgem) foi usado. A decisão dos tradutores de chamar Rebecca a *parthenos* foi, sem dúvida, devido à declaração muito explícita sobre sua virgindade em Gênesis 24:16 . Por que a mãe em Isaías 7:14 também foi descrita como *parthenos* nunca foi explicado de forma satisfatória. Era, é claro, a versão grega deste versículo que foi citado por Mateus (Mt. 1:23).

Uma regra particularmente importante para lembrar na exegese é que nenhum versículo da Escritura pode ser devidamente compreendido além do seu contexto. Neste caso, o contexto exige, sem dúvida, que a criança prometida sirva de sinal ao rei Acaz, descartando a possibilidade de que Isaías estivesse olhando para o futuro distante. O nascimento e a primeira infância de Immanuel foram relacionados a eventos que ocorreram na segunda metade do século VIII AC . Os eventos específicos em questão foram a derrota de Israel e Síria (v. 15-16) e a invasão de Judá pelos assírios (vv. 17-25). Ignorar esses fatos é perder o ponto inteiro da passagem.

Isaiah previu que a jovem que já estava gravida iria dar à luz um filho a quem chamaria Immanuel. Como Immanuel significa "Deus está conosco", muitas vezes foi inferido que o profeta estava prediciendo o nascimento de um filho divino. No entanto, dois argumentos militam contra tal inferência. Em primeiro lugar, como foi mostrado acima, o profeta esperava que Emmanuel nascesse durante o reinado de Acaz no século VIII AC . Parece altamente improvável, portanto, que ele esperasse que ele fosse divino. Além disso, o simples fato de que um nome do Antigo Testamento era composto pelo nome de Deus (' *El*) em nenhuma divindade atribuída àquele que o aborreceu. Na verdade, no Velho Testamento 113 nomes pessoais são compostos *por'El - por exemplo*,Elijah, Elimelech, Elnatã, e mais de 150 são compostos por Javé (Senhor), Jeorão, Joel, Joaquaz, Obadias. Nunca houve a ninguém sugerir que aqueles que carregavam esses nomes eram, em qualquer sentido, divinos.

Dito isto, é preciso acelerar-se para acrescentar que o nome simbólico da criança era uma parte significativa do sinal para Ahaz. O nome era um símbolo da permanente presença de Deus com o seu povo, mesmo nos dias sombrios da crise sírio-efraimítica. A atenção foi chamada ao paralelo íntimo entre este versículo e Êxodo 3:12. Moisés também pediu um sinal, e a resposta de Deus para ele era quase idêntica à dada a Acaz: "Mas eu estarei com você; e isso será um sinal para você, que eu lhe enviei. "Um período deve seguir esta declaração. O signo de Moisés foi incorporado na promessa: "Eu estarei com você". O profeta Isaías oferece o mesmo sinal para Acaz, o sinal da presença permanente de Deus. Esta é realmente a única promessa que Deus nunca dá a seus seguidores. Não lhes prometeu sucesso, riqueza, fama ou uma estrada fácil. A única garantia que eles têm é que, se forem obedientes ao chamado divino, nunca andarão sozinhos (Mt 28, 19-20).

O sinal de Immanuel era ser para Acaz um sinal de promessa e de ameaça. Foi uma promessa porque sinalizou a queda dos dois reis que o ameaçavam. Acaz foi informado

especificamente antes que a criança soubesse recusar o mal e escolher o bem, isto é, antes de atingir a idade de responsabilidade moral - talvez para ser entendido como 12 anos de idade - os reis da Síria e de Israel seriam levados a fugir. A profecia foi cumprida de maneira muito notável, pois em 732 AC. O pedreiro III não só destruiu Damasco, mas também obrigou Samaria a render-se a ele.

O aspecto ameaçador do sinal consistia em uma advertência a Acaz de que Assíria também invadira a terra de Judá (v. 17). A ameaça provavelmente foi adicionada depois que Ahaz se recusou obstinadamente a pedir o sinal ou a acreditar nisso uma vez que havia sido dado.

O versículo 8b parece inferir que a destruição de Efraim será adiada por 65 anos. Uma vez que o v. 8b quebra as sequências s entre v. 8a e v. 9a , é tratado como uma declaração entre parênteses no RSV. *A Bíblia de Jerusalém,* seguindo a sugestão anterior de Kissane, coloca v. 8b após v. 9a e o emite para ler: "Seis ou cinco anos mais e um Ephraim quebrado não deve; mais tempo seja um povo ". Como a afirmação agora está, isso desafia a interpretação.

Acaz foi ainda informado de que a criança prestes a nascer comeria coalhada e mel quando atingisse a idade de responsabilidade moral. A declaração desconcertou os intérpretes, que não conseguiram determinar se descreve uma dieta de abundância ou de pobreza. Isso depende se pertence à ameaça ou ao aspecto de promessa do sinal. A referência igualmente obscura ao comer de coalho e mel em vv. 21-22 faz pouco para esclarecer o problema, embora pareça sugerir uma dieta abundante.

Desde o nascimento de Immanuel deveria ser um sinal para Ahaz da inminente derrota dos dois reis que o atacaram, ficamos com o espinhoso problema de decidir quem era Immanuel. Aqui, a opinião acadêmica está fortemente dividida, mas duas visões têm o maior apoio.

De acordo com uma visão, Immanuel era o próprio filho de Isaías. Esta visão foi defendida mais recentemente por James M. Ward, que escreveu: "De acordo com a narrativa, Isaiah estava certo de que o sinal seria dado, que uma criança nasceria, seria nomeado um nome particular, de um número infinito de possibilidades, e seria alimentado com uma dieta particular durante os primeiros meses (ou anos) de sua vida, isso de um número limitado, mas ainda considerável, de possibilidades. Como ele poderia ter tanta certeza de que este nome seria dado e essa dieta seria mantida? Ele tinha certeza porque a mulher grávida era sua esposa, e porque ele próprio escolheria o nome e a comida ".

A outra visão considera Immanuel como uma criança real prometida a Acaz e sua rainha. De acordo com esta visão, o artigo definido anexado à *palavra'almah* (*a* jovem) é prova de que a mãe da criança era bem conhecida por Ahaz e, portanto, provavelmente sua esposa. Uma vez que Ahaz sacrificou seu filho (2 Reis 16: 3), e como Israel e a Síria decidiram remover Ahaz do seu trono, a própria existência de sua dinastia estava sendo ameaçada. O profeta, portanto, procurou tranquilizá-lo com a promessa do nascimento de um herdeiro real. Os estudiosos judeus tradicionalmente identificaram a criança com Ezequias, embora seja difícil harmonizar essa visão com a cronologia de 2 Reis 18: 2 .

Se 7:14 é uma previsão do nascimento de um príncipe herdeiro e, portanto, no sentido estrito da palavra, uma profecia messiânica, então deve ser vinculada com outras profecias semelhantes em 9: 1-7 e 11: 1-9 (ver Mic. 5: 2-6 ; Zacarias 9: 9-10). Estas três passagens juntas constituem uma trilogia de profecias messiânicas que tratam do nascimento do Messias, da sua adesão ao trono e do seu justo reinado.

Em reconhecimento à infidelidade de Acaz, Isaiah apontou para a crise que vem como um tempo em que Deus criaria um herdeiro digno do trono de Davi. O fato de que ele esperava que isso ocorresse durante sua própria vida não deveria ser uma surpresa - o apóstolo Paulo também não acreditava que Cristo retornaria enquanto ainda vivia? Isaías não tinha como saber que o cumprimento final de sua esperança seria adiada por vários séculos. Na plenitude do tempo, portanto, esta profecia antiga foi transposta para uma chave superior, e o reinado messiânico foi inaugurado no nascimento de Jesus Cristo. A promessa da presença de Deus com o seu povo (Immanuel) foi cumprida de forma única no advento de seu Filho.

(2) As Consequências da incredulidade (7: 18-25)

18 Naquele dia, o SENHOR assobiará a mosca que está nas fontes dos rios do Egito e da abelha que está na terra da Assíria. 19 E todos virão e se instalam nas ravinas íngremes, nas fendas das rochas, e em todos os espinhos e em todas as pastagens.

20 Naquele dia, o Senhor se barbará com uma navalha que é contratada além do rio - com o rei da Assíria - a cabeça e os cabelos dos pés, e também varrerá a barba.

21 Naquele dia, um homem manterá viva uma jovem vaca e duas ovelhas; 22 e por causa da abundância de leite que eles dão, comerá coalhada; pois cada um que fica na terra comerá coalhada e mel.

23 Naquele dia, todo lugar em que costumava haver mil videiras, no valor de mil siclos de prata, se tornaria espinhos e espinhos.

24 Com arco e flechas, homens virão lá, pois toda a terra será brotes e espinhos; 25 e quanto a todas as colinas que costumavam ser roubadas com uma enxada, você não virá por medo de espinhas e espinhas; mas eles se tornarão um lugar onde o gado é solto e onde a ovelha pisa.

Esta passagem dá uma descrição vívida da tribulação em armazém para a terra de Judá em conseqüência da política obstinada de Ahaz. Em uma série de quatro oráculos, cada um introduzido pela frase "Naquele dia", o profeta descreve a devastação da terra na mão dos assírios.

Os dois primeiros oráculos são surpreendentemente metafóricos. O Senhor é representado como assobiando por moscas do Egito e por abelhas da Assíria (cf. 5:26). Fontes dos fluxos do Egito referem-se aos vários braços do Nilo na região do delta. Os insetos picantes cobrem completamente a terra de Judá, instalando-se nas ravinas íngremes, nas fendas das rochas, nos espinhos e em todas as pastagens. Qualquer um que tenha visto as abelhas pululando pode apreciar a vivacidade da metáfora.

O segundo oráculo emprega a metáfora de uma navalha usada usada pelo Senhor para raspar seu povo. Uma navalha contratada significa uma que é contratada por um período de tempo especificado. A lâmina vem de além do *rio* , isto é, o Eufrates (Gênesis 31:21 , Êxodo 23:31 , Jeremias 2:18), e não é outro senão o rei da Assíria. Com uma máquina de barbear tal, o Senhor arruinará completamente a terra, tirando o cabelo da cabeça, os cabelos dos pés e até a barba. O cabelo dos pés é um eufemismo para o cabelo dos órgãos genitais (cf. 6: 2 ; Judg 3:24 , Heb .; 1 Sam. 24: 3 , Heb.).

Os dois últimos oráculos são menos metafóricos e mais literais. É difícil determinar se o primeiro descreve uma condição de pobreza ou de luxo. À primeira vista, parece que um homem com apenas uma vaca jovem e duas ovelhas dificilmente poderia subsistir. Abundância pode significar simplesmente quantidade ou quantidade. O oráculo pode significar, portanto, que Judá deve ser reduzido a um estado pastoral e que seus cidadãos serão forçados a subsistir com uma dieta magra de coalhada e mel selvagem.

Por outro lado, este oráculo tem sido interpretado por muitos como significando que a terra deve retornar a um estado paradisíaco, onde apenas uma vaca jovem e duas ovelhas forneceriam um homem com toda a comida que ele e sua família poderiam comer. Se esta é a interpretação correta, então o oráculo é o único nesta seção com uma perspectiva otimista.

O quarto oráculo descreve incontestavelmente os efeitos devastadores da invasão assíria sobre a terra e seu povo. Aqueles que sobrevivem à invasão serão reduzidos a uma vida de simplicidade total, vivendo como nômades do deserto. Suas vinhas preciosas e campos cultivados voltarão a macios de espinhas e espinhas, cabem apenas como um lugar para caçar ou como o solo de pastagem para gado e ovelha perdidas.

(3) O Sinal de Maher-shalal-hash-baz (8: 1-4)

[1] Então o SENHOR me disse: "Tome uma grande mesa e escreva sobre ela em caracteres de comanh," Pertence a Mahershalalhashbaz ". " [2] E recebi testemunhas confiáveis, Urias, o sacerdote, e Zacarias, filho de Jeberechia, para atestar por mim. [3] E fui à profetisa, e ela concebeu e deu à luz um filho. Então o SENHOR disse-me: "Ligue para o nome Mahershalalhashbaz; [4] para antes que a criança saiba lutar "Meu pai" ou "Minha mãe", a riqueza de Damasco e o despojo de Samaria serão levados para diante do rei da Assíria ".

Este oráculo também pertence ao período da crise sírio-efraimítica. O profeta novamente prediz a destruição da Síria e de Israel nas mãos dos assírios. A predição é dada em dois estágios, representados pelo desempenho do profeta de dois atos simbólicos.

O primeiro ato consistiu em escrever em um selo de argila cilíndrica a expressão enigmática, pertencente a Maher-shalal-hash-baz. "Selo de argila" é uma tradução melhor do que o tablet. Esses selos cilíndricos foram usados pelos assírios e pelos babilônios para selar frascos de barro com o nome do proprietário. *Maher-shalal-hash-baz* significa "as velocidades do esvaziamento, o destino da presa".

Não há indícios de que Isaías soubesse quando gravou o nome ameaçador que mais tarde ele seria ordenado a dar a um de seus filhos. O fato de ele garantir testemunhas confiáveis para atestar a gravação do nome pode significar que ele simplesmente considerou isso como um ato simbólico roubando o destino da Síria e de Israel. Eles eram as vítimas que seriam saqueadas e saqueadas, e Assíria seria o saqueador. Quando essas coisas aconteceram, ele queria que as testemunhas verificassem que ele realmente as havia predito de antemão. Ele parece estar preocupado, portanto, com o estabelecimento de sua confiabilidade como profeta.

Pouco depois da inscrição do selo, a esposa de Isaías engravidou e deu à luz um filho. Então o Senhor ordenou-lhe que realizasse um segundo ato simbólico; foi-lhe dito para nomear a criança Maher-shalal-hash-baz. Ele também foi informado de que antes que a criança tivesse idade suficiente para pronunciar até as palavras mais simples - palavras como "Papai" e "Mamãe" - tanto a Síria como Israel estariam em ruínas. Isso, portanto, era uma mensagem de desgraça para a Síria e Israel , mas uma mensagem de esperança para Judá.

As semelhanças entre esta passagem e a passagem de Immanuel (7: 10-17) são notáveis. Em cada passagem, uma mensagem é dirigida ao povo de Judá, e particularmente à casa de Davi. Em cada um, o nascimento de uma criança e seu nome incomum servem como um sinal do favor de Deus em relação ao seu povo e ao seu derrube de seus inimigos. Ambas as passagens foram concebidas para inspirar Acaz e seu povo a confiar em Deus na hora da crise, em vez de confiar em sua própria sabedoria e força. Em ambos os casos, no entanto, a exortação à fé caiu sobre ouvidos surdos. Por mais fervorosamente que o profeta implorasse com seu povo, eles pareciam determinados a seguir seu próprio conselho.

(4) O Oracle dos Dois Rios (8: 5-8)

5 O SENHOR me falou novamente: 6 "Porque este povo recusou as águas de Shiloah que fluem suavemente, e derretem-se com medo diante de Rezin e do filho de Remalias; 7 Portanto, eis que o Senhor criou contra eles as águas do rio, poderosas e muitas, o rei da Assíria e toda a sua glória; e ele se elevará sobre todos os seus canais e examinará todos os seus bancos; 8 e ele irá varrer em Judá, ele irá transbordar e passar, chegando até o pescoço; e suas asas abertas preencherão a largura de sua terra, ómanuel.

Este oráculo tem a forma de uma parábola. Nele, o profeta contrasta as águas calmas de uma corrente de Jerusalém com as turbulentas águas do Eufrates na maré de inundação. O fluxo de Jerusalém é identificado como as águas de Shiloah que fluem suavemente. Shiloah nunca mais é mencionado no Antigo Testamento, mas provavelmente era o nome de um pequeno canal aberto que levava da primavera Gihon para um reservatório dentro da cidade. Alguns o identificaram com "o canal do pool superior" mencionado anteriormente em 7: 3 .

A parábola dos dois rios foi interpretada de diversas maneiras. O principal problema relacionado com a sua interpretação diz respeito à identificação dos destinatários e à determinação da natureza exata da infração.

De acordo com a interpretação usual, a parábola é dirigida a Ahaz e ao povo de Judá. São eles que recusaram as águas de Shiloah que fluem suavemente, e que derretem com medo diante dos reis da Síria e de Israel (cf. 7: 1-9). As águas de Shiloah são vistas como um símbolo da presença protetora de Deus em Jerusalém. O pecado de Acaz e seu povo era que eles haviam recusado a ajuda oferecida por Deus e, em vez disso, apelaram para ajuda de Assíria (ver 2 Reis 16: 7). O resultado seria algo para o qual não haviam negociado. Os assírios não só despojavam a Síria e Israel, mas também varreriam a terra de Judá como um rio poderoso em uma fúria. As águas de inundação chegariam até os pescoços das pessoas infelizes. A aliança que eles esperavam trazia alívio, em vez disso, levaria miséria e ruína.

Uma variação significativa desta interpretação foi sugerida por Ward. Ele interpreta a recusa das pessoas das águas de Shiloah não como o fracasso em confiar em Deus, mas como sua recusa "para suportar a ameaça de Aram e Israel", resultando no pedido de intervenção assíria contra Damasco e Samaria por parte de Ahaz. As águas de Shiloah, Na opinião de Ward, não simbolizem o poder silencioso de Deus, no qual Judá deveria confiar, mas o poder inofensivo de Rezin e Pekah, que não devia temer.

As interpretações dadas acima são todas baseadas em uma emenda do texto do v. 6 . No entanto, a segunda metade do verso deve ser lida, "e se *alegrar* em Rezin e o filho de Remaliah". A maioria das traduções modernas, incluindo o RSV, emendem isso para ler, "e *derretem-se com medo* (ou seja, tremem) antes de Rezin e o filho de Remaliah ". Não há suporte para a emenda proposta, nem nos Rolos do Mar Morto nem na Septuaginta. O último torna o texto, "e [esse povo] quer que Rezin e o filho de Remalias sejam rei de você".

À luz do suporte, o texto hebraico recebe de outras versões antigas, portanto, parece não haver justificativa para emitir o texto. As palavras de Isaías têm bom senso quando entendidas no contexto da conspiração de Peká e Rezin, cujo propósito declarado era destronar Ahaz e substituí-lo por Tabeel (7: 1-6). Evidentemente, havia um grupo dentro de Jerusalém em si que prestou seu apoio à conspiração. Foi principalmente para este grupo que o profeta estava se dirigindo na parábola dos dois rios.

Foram eles que recusaram as águas de Shiloah e que desejavam que Rezin e Pekah governassem sobre eles. Seguindo a sugestão de Slotki, as águas de Shiloah devem, portanto, ser interpretadas como um símbolo para a casa de Davi. Como Gihon parece ter sido associado à coroação dos reis da Judéia (ver 1 Reis 1:33 , 38 , 45), este era um símbolo inteiramente apropriado.

Isaías previu que, como conseqüência da trama para expulsar Acaz, a terra de Judá seria invadida pelos exércitos da Assíria. Duas metáforas descrevem o espantoso ataque do inimigo: o de um rio furioso na maré de inundação e de uma ave de rapina descendo sobre a terra com asas estendidas. O símbolo comum para os reis assírios era a figura da cabeça de um homem flanqueado de cada lado pelas asas de águias.

A última parte do v. 8 parece indicar que o profeta esperava que a invasão assíria ocorresse durante o reinado de Immanuel. Isso apoiaria a visão de que Immanuel era um filho real e, portanto, herdeiro do trono de Judá.

Alguns dissociariam a última parte da v. 8 da passagem precedente e ligariam-na em vez de vv. 9-10 . São duas razões para esta transposição. Primeiro, a imagem de asas estendidas sugere a idéia de proteção (ver Salmos 17: 8 ; 91: 4) e, portanto, vv. 8b-10 pertencem juntos como um poema litúrgico curto que comemora o poder de Yahweh para salvar. A segunda razão é que "Emmanuel" (Deus conosco) aparece duas vezes no texto hebraico, em vv. 8b-10 . Supõe-se, portanto, que esses versículos originalmente estavam juntos. Apesar da força desses argumentos, no entanto, parece melhor reter v. 8bcomo a conclusão para o oráculo dos dois rios, e para considerar vv. 9-10 como um oráculo separado.

(5) Temendo a Deus e não ao homem (8: 9-15)

9 Quebrados, vossos povos, e se assustem;
dar ouvidos, todos os países distantes;
cingir-se e se assustar;
cingir-se e ser assustado.
10 Pegue o conselho em conjunto, mas isso vai acabar;
fale uma palavra, mas não aguenta,
porque Deus está conosco.
11 Porque o SENHOR me falou com sua mão forte sobre mim e me avisou para não andar no caminho desse povo, dizendo: 12 "Não convocemos a conspiração tudo o que este povo chama de conspiração e não temais o que temem nem estar com medo. 13 Mas o SENHOR dos exércitos, ele o considerará santo; Deixe ele ser seu medo, e deixe ele ser seu medo. 14 E ele se tornará um santuário, e uma pedra de ofensa, e uma pedra de tropeço para ambas as casas de Israel, uma armadilha e uma armadilha para os habitantes de Jerusalém. 15 E muitos tropeçarão sobre ele; eles cairão e serão quebrados; eles devem ser enrolados e pegos ".

Os versículos 9-10 são escritos em forma poética e, portanto, possuem todas as características de um poema ou hino litúrgico. Eles celebram a fé de Israel na presença protetora de seu Deus e em seu abundante poder de entregar. Salmo 46 , com seu refrão recorrente, "O Senhor dos exércitos está conosco", é um bom comentário sobre esses versículos.

O hino é dirigido a povos e países distantes. Eles presumivelmente incluem a Síria e Israel, que estão próximos, e a Assíria, que está longe. Todos os que se atrevem a conspirar contra o povo escolhido de Deus ficarão consternados e quebrados. No final, suas parcelas habilmente planejadas irão contra-virar, e elas mesmas serão as vítimas.

As palavras finais do hino têm um significado que muitas vezes é obscurecido na tradução. O hebraico lê, "fale uma palavra, mas não vai ficar parado por causa de Immanuel". Esta passagem está paralelamente à passagem de Immanuel em 7: 10-17 . Nos dois, o sinal de Immanuel é o sinal da esperança e a garantia da vitória final. Isaías acreditava que Deus estava firmemente encarregado da história. Mesmo quando ele julgou seu povo, ele não abandonou seu controle sobre eles.

Os versos de prosa que seguem o hino (versos 11-15) são peculiares na medida em que contêm admoestações dirigidas ao próprio profeta. Nos dias cheios de pânico da crise sírio-efraimítica, ele precisava ter sua fé fortalecida. Ele é admoestado para esquecer os medos dos homens e ser preenchido com o medo de Deus.

Deus falou com o profeta com sua mão forte, isto é, ele o advertiu bruscamente. Ele advertiu-o a suportar a onda de medo e medo de varrer a nação. Ele não deve se juntar a outros homens em suas conspirações nem temer o que temiam. Se ele temesse a Deus, ele não teria motivo para temer o homem.

Deus é descrito na v. 14 tanto como **um** santuário como como uma pedra da ofensa (cf. Lucas 20:17 f.). Para aqueles que o temem, ele se tornará um santuário; Mas para aqueles que sucumbem aos temores dos homens, ele se tornará uma pedra de tropeço ... uma armadilha e uma armadilha. O ponto enfatizado aqui é a responsabilidade do homem de fazer a resposta correta à revelação da presença de Deus e seu poder.

(6) Um tempo de retirada (8: 16-22)

16 Vinte o testemunho, selar o ensinamento entre os meus discípulos. 17 Esperarei pelo SENHOR , que esconde o rosto da casa de Jacó, e espero nele. 18 Eis que eu e os filhos que o SENHOR me deu são sinais e sinais em Israel do SENHOR dos exércitos, que habita o monte de Sião. 19 E quando eles dizem a você: "Consultem os médiuns e os feiticeiros que chilreiam e murmuraram", não deveria um povo consultar seu Deus? Eles deveriam consultar os mortos em prol dos vivos? 20 Ao ensino e ao testemunho! Certamente por esta palavra que eles falam, não há amanhecer.

21 Passarão pela terra, muito angustiada e com fome; e quando tiverem fome, ficarão furiosos e amaldiçoarão seu rei e seu Deus, e virarão o rosto para cima; 22 e eles olharão para a terra, mas eis que a angústia e as trevas, a escuridão da angústia; e eles serão empurrados para uma escuridão espessa.

A principal importância desta passagem é que ela nos informa sobre a relação entre Isaías e seus discípulos, e ilumina o papel e a função dos discípulos. O fato de que Isaiah tenha reunido sobre ele, uma banda de discípulos não precisa ser uma surpresa, pois, no mundo antigo, esse foi o método de honra pelo qual os professores passaram suas instruções. O fato surpreendente é que tão pouco é contado no Antigo Testamento sobre as atividades dos discípulos dos profetas.

O verso 16 talvez seja traduzido: "Eu vou ligar. . . e selo, etc. "É geralmente acordado que a passagem deve ser datada de cerca de 734-733 AC , isto é, durante a crise sírio-efraimítica. Porque as palavras de Isaiah caíram sobre ouvidos surdos, e talvez porque ele tivesse encontrado perseguição, ele resolveu retirar-se temporariamente do ministério público. Ele provavelmente fez um anúncio público de suas intenções. Nesta ocasião, o profeta realizou um ato simbólico altamente significativo: entregou aos discípulos um pergaminho escrito, amarrado com um cordão e selado com cera. Tal rolo, é claro, não podia ser lido até que o comando fosse dado para que ele fosse aberto (ver Dan. 12: 9 ; Rev. 5: 1-5).

Não há motivo para especular sobre a natureza do conteúdo do rolo selado. A importância da ação do profeta era que não haveria uma palavra aberta do Senhor, enquanto Judá continuasse em seu curso rebelde. Ela experimentaria uma "fome" da palavra do Senhor semelhante àquilo que Amós havia previsto em Israel (Amós 8: 11-12).

Esta interpretação ajuda a esclarecer a afirmação de Isaías de que, entretanto, ele esperaria o Senhor, que esconde o rosto da casa de Jacó. O mesmo verbo é repetido em Habacuque 2: 3 , onde se refere à expectativa do profeta por uma visão. Em ambos os casos, portanto, descreve o paciente do profeta à espera de uma visão, quando a visão foi temporariamente atrasada.

Enquanto a palavra do Senhor permanecer selada, Isaías e seus filhos servirão como "epístolas vivas" para o povo de Judá (v. 18). No entanto, estes últimos receberão pouco conforto, pois os filhos de Isaías têm nomes ameaçadores (cf. 7: 3 ; 8: 3). A sua presença entre as pessoas é um sinal de julgamento e um presságio do mal a vir. Alguns consideram as crianças não como uma referência aos filhos de Isaías, mas aos seus discípulos. No entanto, a palavra certamente deve se referir a seus filhos, embora também possa incluir seus discípulos.

A situação descrita em vv. 16-18 representou uma ameaça para o povo de Judá. Eles estavam acostumados a buscar a palavra do Senhor em relação às suas decisões pessoais e corporativas (ver 1 Sam. 23: 2 ; 28: 6 ; 1 Reis 22: 5 f.). Enquanto o profeta permanecesse em silêncio, portanto, não havia um canal de comunicação aberto entre eles e seu Deus. Em sua extremidade, apelaram para que os discípulos do profeta buscassem a Palavra do Senhor por meio da adivinhação e necromancia (v. 19). O profeta advertiu severamente seus discípulos para ignorar tais pedidos, pois eles envolveram meios ilícitos de se aproximar de Deus (Lv 19:31 ; Deut. 18: 9-15).

Se as pessoas desejassem ouvir a palavra do Senhor, que os discípulos os direcionem ao ensinamento e ao testemunho. Caso contrário, a escuridão e o sofrimento os ultrapassariam. Os versos finais do capítulo aparentemente são uma descrição do desespero total dos judeus enquanto vagavam por suas terras devastadas.

(7) O rei messiânico (9: 1-7)

1 Mas não haverá melancolia para ela que estava em angústia. Na época anterior,
ele desprezou a terra de Zebulom e a terra de Naftali, mas no último tempo ele fará
glorioso o caminho do mar, a terra além do Jordão, a Galiléia das nações.
2 As pessoas que andaram na escuridão
tem visto uma grande luz;
aqueles que moravam em uma terra de profunda escuridão,
neles iluminou-se a luz.
3 Tu multiplicaste a nação,
aumentaste a sua alegria;
eles se regozijam antes de ti
como com alegria na colheita,

como os homens se regozijam quando dividem o despojo.
4 Pelo jeito de seu fardo,
e a equipe do ombro dele,
a vara do seu opressor,
Você quebrou como no dia de Midiã.
5 Para cada arranque do guerreiro de tramping no tumulto de batalha
e toda peça de roupa rolou em sangue
será queimado como combustível para o fogo.
6 Para nós, uma criança nasce,
para nós é dado um filho;
e o governo estará sobre o ombro dele,
e seu nome será chamado
"Maravilhoso Conselheiro, Deus poderoso,
Pai Eterno, Príncipe da Paz ".
7 Do aumento do seu governo e da paz
não haverá fim,
sobre o trono de Davi e sobre o seu reino,
para estabelecê-lo e para mantê-lo
com justiça e justiça
a partir deste momento e para sempre.
O zelo do Senhor dos exércitos fará isso.

É bom começar o estudo desta passagem observando que v. 1 está escrito em prosa e vv. 2-7 em poesia. É importante determinar o relacionamento, se houver, entre essas duas seções. A v. 1 é a conclusão do oráculo que a precede? É apenas um link editorial entre vv. 2-7 e o oráculo anterior? Ou é o começo do poema messiânico em vv. 2-7 ? A última visão é apoiada por Mateus 4: 15-16 e tem a vantagem de permitir que se estabeleça o poema em seu contexto histórico.

O verso 1 nos informa que uma terrível calamidade ultrapassou Zebulun e Naftali. Estas duas tribos mais setentrionais de Israel suportaram o peso das campanhas de Tiglath-pileser contra o norte de Israel em 734-732 AC (cf. 2 Reis 15:29). Isto é o que se entende pela afirmação de que "no tempo anterior" Deus havia "desprezado a terra de Zebulom e a terra de Naftali".

O profeta esperava que uma reversão da situação fosse efetuada no último tempo, uma referência à idade messiânica, que aparentemente era vista como próxima. O termo Galiléia das nações talvez seja tornado "círculo das nações", caso em que representaria toda a área situada a oeste, norte e a leste de Efraim.

Alt argumentou que o oráculo não era originalmente destinado a uma recitação pública em Judá, mas foi enviado por um arauto para ser proclamado nos territórios ocupados de Zebulom e Naftali. O propósito de Deus ao enviar o arauto era assegurar aos povos sitiados que os assírios logo fossem expulsos de suas terras, e que coincidem com a

partida da Assíria, um novo rei davídico viria ao trono em Judá. Sua regra se estenderia mesmo ao território de Israel. De acordo com Alt, portanto, o profeta esperava a reunião das tribos de Israel sob um rei davídico cujo reinado duraria para sempre.

Uma questão crucial diante do intérprete do hino em vv. 2-7 é se é o nascimento do novo rei davídico que se celebra ou a sua adesão ao trono. A primeira alternativa foi defendida por Lindblom, que sustenta que o profeta compôs o hino imediatamente após o nascimento do filho real referido em 7:14 . Scott (p. 231), por outro lado, considera isso como um oráculo dinástico proferido por ocasião da unção de um novo rei.

O peso da evidência parece apoiar a última visão. Nos nomes do trono, dado o recém-coroado rei (v. 6), não há nada que não possa ser explicado no contexto do oráculo de Nathan para David em 2 Samuel 7: 11b-16 . Há também um paralelo entre a linguagem exuberante deste hino da coroação e os salmos reais, especialmente Salmos 2 , 72 e 110 . Na linguagem altamente metafórica, os profetas e os salmistas descreveram o rei como tendo sido gerado por Javé no dia da sua unção (2 Sam. 7:14 ; 1 Crônicas 28: 6 ; Salmos 2: 7 ; 89: 26-27 ; Isa 9: 6). É, portanto, provável, portanto, que o oráculo de Isaías foi composto para celebrar a adesão de um verdadeiro rei da Judéia. Embora seja impossível estabelecer a identidade positiva do rei, os intérpretes judeus o identificaram tradicionalmente com Hezelaah.

Os verbos em todo o hino são quase todos em tempo perfeito, indicando que as ações descritas já ocorreram. Isso aumenta a probabilidade de o profeta se referir a um rei contemporâneo em vez de um rei ideal do futuro.

O hino abre com um anúncio de que aqueles que caminham na escuridão viram uma grande luz. A luz que sobe sobre a escuridão é como a primeira luz da criação. Com a chegada da luz, a antiga angústia do povo se transforma em pura alegria. Há uma contradição na tradução do KJV do v. 3 , que diz: "Você multiplicou a nação e não aumentou a alegria". "Não" (*lo'*) deve ser alterado para "seu" (*lo*) ou ser combinado com as letras hebraicas da nação para formar uma nova palavra, "alegria" (*haggailah*). A última alternativa deve ser preferida, uma vez que dá uma tradução mais suave e restaura o paralelismo: "Tu multiplicaste a alegria, aumentaste a alegria".

Duas metáforas são usadas para descrever o trabalho dos israelitas; Eles se regozijam como aqueles que colhem uma colheita abundante e como aqueles que dividem o despojo no campo de batalha (v. 3). A primeira causa por sua alegria é que a vara do seu opressor foi quebrada e que não devem mais suportar o jugo da servidão. A figura aqui é a de um animal engasgado em um fardo grave e exortado pela vara impiedosa do opressor. Deus destruiu o poder do opressor, como fez no dia de Midiã. Isto refere-se ao assassinato de Gideão dos midianitas nos dias dos juízes (Judg 6-8). Assim como aquela libertação antiga foi forçada por Deus sem considerar o número de homens que servem sob Gideão, então, Deus trará uma poderosa vitória a Israel, apesar de sua fraqueza e desamparo.

A segunda causa da alegria de Israel é que sua guerra terminou e a engrenagem da batalha foi reunida para ser queimada como combustível. O versículo 5 antecipa o que se diz sobre o reinado da paz na última parte do hino.

O clímax do hino vem em v. 6 , pois todos esses atos poderosos se baseiam na unção de um novo rei. Que o verso não se refere ao nascimento real do rei, mas o início do seu reinado é evidente a partir do contexto. Deve-se lembrar que os reis israelitas poderiam ser descritos como divinamente gerados no dia da sua adesão (cf. Salmo 2: 7). A ênfase em hebraico é sobre as palavras "filho" e "filho" em vez de sobre a frase "para nós".

Assim como os reis e os faraós antigos receberam títulos exaltados quando assumiram o cargo, então este novo rei recebe uma série de nomes de trono. Os nomes que Deus lhe confere refletem a singularidade de sua pessoa e de seu ofício. Existem quatro nomes, como indicado no RSV. O primeiro, Wonderful Counselor (lit., wonder of a counselor) significa "wonder-counselor" ou "wonder-planner" e enfatiza sua capacidade administrativa. O segundo, Deus poderoso (lit., Deus de um guerreiro, ou seja, um guerreiro poderoso) enfatiza sua supremacia sobre seus inimigos. O terceiro, Pai Eterno (lit., pai da eternidade, ou seja, pai para sempre) aponta para o cuidado constante com seu povo. O quarto e último nome, Príncipe da Paz, enfatiza a vida rica e harmoniosa que seus súditos irão apreciar. Moriarty observou corretamente que a este rei ideal são atribuídos "a sabedoria de Salomão,Deve-se acrescentar que ele possui essas qualidades em maior grau do que qualquer um que já tenha vivido antes dele.

O versículo final no hino enfatiza o domínio justo e justo do rei que vem. Talvez a palavra mais significativa em todo o verso seja a palavra paz (*shalom*). Derivado de um verbo que significa "ser completo" ou "estar completo", descreve um estado de bem-estar, de totalidade, de prosperidade. A palavra paz transmitiu ao hebraico antigo o que a palavra sucesso em seu sentido mais amplo transmite ao homem moderno. Está relacionado ao significado da palavra inglesa "saúde", que é derivada da antiga " *conquista* " anglo-saxônica . A paz neste contexto, portanto, significa a vida rica, harmoniosa e alegre dos privilegiados para viver no reino do Messias.

A partir deste momento e para sempre sugere que o profeta esperava que o rei ideal fosse o último representante da linha de Davi, não apenas um em uma sucessão contínua de reis. Seu reinado inauguraria a era escatológica, uma era de justiça e justiça. Mais uma atenção é dada a essa idade ideal no oráculo messiânico em 11: 1-9 .

Quem foi esse rei tão dotado de divina? Certamente, nenhum rei histórico de Judá jamais se deu conta de suas esperanças. Enquanto alguns puderam ter esperado que Ezequias fosse um conselheiro maravilhoso e um príncipe de paz, ele era este em apenas um sentido muito limitado. As esperanças messiânicas de Israel foram plenamente realizadas em Jesus, que foi proclamado "Messias" e "Rei dos judeus". A profecia de Isaías, portanto, foi cumprida muito além das suas mais altas expectativas.

6. A mão estendida de Deus (9: 8-10: 4)

Esta seção foi chamada de "canção de refrão" (Lindblom), uma vez que é dividida em quatro seções, cada uma das quais termina com o refrão: "Por tudo isso, sua raiva não é afastada e sua mão ainda está esticada" (cf . 09:12 , 17 , 21 ; 10: 4). Alguns acrescentariam 5: 25-30 até o final do capítulo 9 , tornando-se uma quinta estrofe da canção de refrão.

As primeiras três estrofes (9: 8-21) são dirigidas ao Reino do Norte, chamado Israel e Jacob. Eles são de natureza condenatória e descrevem os golpes progressivamente

severos que Deus havia chovido sobre a nação perversa e rebelde. A quarta estrofe (10: 1-4) é dirigida a Judá, que deveria ter sido prevenido pelos julgamentos visitados em Israel. É difícil determinar a data precisa para esta passagem; Os estudiosos concordam apenas que pertence ao período entre a morte de Pekahiah (737 AC) e a queda de Samaria (722).

(1) O castigo infrutífero de Deus de Israel (9: 8-17)

8 O Senhor enviou uma palavra contra Jacó,
e isso irá iluminar Israel;
9 e todas as pessoas saberão,
Efraim e os habitantes de Samaria,
que dizem com orgulho e arrogância de coração:
10 "Os tijolos caíram,
mas vamos construir com pedras vestidas;
os sicômoros foram cortados,
mas vamos colocar cedros em seu lugar ".
11 Então o Senhor levanta adversários contra eles,
e agita seus inimigos.
12 Os sírios ao oriente e os filisteus no oeste
devorem Israel com a boca aberta.
Por tudo isso, sua raiva não é afastada
e a mão ainda está esticada.
13 O povo não se voltou para aquele que os feriu,
nem busque o Senhor dos exércitos.
14 Então o SENHOR cortou de Israel cabeça e cauda,
ramo de palmeiras e cana em um dia -
15 o homem mais velho e honrado é a cabeça,
e o profeta que ensina mentiras é a cauda;
16 para aqueles que lideram esse povo os desviaram,
e aqueles que são liderados por eles são engolidos.
17 Portanto, o Senhor não se regozija sobre os seus jovens,
e não tem compaixão de seus órfãos e viúvas;
pois cada um é Deus e um malfeitor,
e toda boca fala loucura.
Por tudo isso, sua raiva não é afastada
e a mão ainda está esticada.

Essas duas primeiras estrofes são definidas no contexto de uma série de calamidades que aconteceu no Reino do Norte (v. 10). A natureza precisa dos desastres não é explicada, mas eles não foram suficientemente severos para destruir o orgulho ou para agitar a confiança das pessoas. Eles podem estar relacionados aos eventos que

acompanharam a revolta contra Pekahiah em 737 AC , liderada por Peká, talvez ajudada e encorajada pelos sírios e filisteus (ver v. 11-12). Este é o único exemplo conhecido quando se poderia dizer que a Síria e a Filistia estavam devorando Israel "com a boca aberta".

Por causa da obstinação de Israel, a divina palavra de julgamento caiu sobre ela (v. 8). Os profetas concebem a palavra do Senhor como carregada de poder e capaz de produzir benção e julgamento (Jeremias 1: 9-10 , Zacarias 5: 1-4).

O castigo de Deus de Israel, no entanto, foi em vão. Ela ainda é orgulhosa e auto-suficiente. Sua atitude cocksure reflete-se na resposta que ela fez aos desastres já sofridos (v. 10). As palavras de Israel podem ter sido emprestadas de um provérbio comum. Tijolos e árvores de sicômoros, ou seja, figueiras, eram materiais de construção comuns. Israel faz com que ela se vangloria de que ela reconstruirá suas ruínas com pedras vestidas e madeira de cedro.

O significado do refrão no v. 12b é que Deus visitará a nação com uma destruição ainda maior. O paralelismo entre as duas partes do refrão indica que a mão estendida é símbolo da ira e do juízo e não da misericórdia (cf. 14:26 f., 23:11 ; Ex. 6: 6 , Jeremias 21: 5) .

Os versículos 13-17 mostram a total confusão daqueles que recusaram ser corrigidos pelos castigos do Senhor. Cabeça e cauda, ramo de palmeiras e palha são figuras de discurso para os líderes políticos e religiosos da comunidade que serão todos cortados em um dia. A acusação contra eles é que eles ensinaram as mentiras do povo e as desviaram. A nação inteira, portanto, tornou-se tão ateu e corrupto que Deus não mais terá compaixão sobre isso. Mesmo viúvas e órfãos, muitas vezes recomendadas à misericórdia no Antigo Testamento, não serão mais poupadas.

(2) O fogo da ira de Deus (9: 18-21)

18 Pois a maldade bum como um fogo,
Consome ramos e espinhos;
Ele acende os mato da floresta,
e eles rolam para cima em uma coluna de fumaça.
19 Através da ira do SENHOR dos Exércitos
a terra é queimada,
e as pessoas são como combustível para o fogo;
Nenhum homem poupa seu irmão.
20 Eles roubam à direita, mas ainda estão com fome,
e eles devoram à esquerda, mas não estão satisfeitos;
Cada um devora a carne de seu vizinho,
21 Manassés, Efraim e Efraim Manassés,
e juntos estão contra Judá.
Por tudo isso, sua raiva não é afastada
e a mão ainda está esticada.

Estes versos refletem o caos social e a anarquia política que caracterizaram a vida dentro do Reino do Norte durante os últimos anos de sua existência. Da morte de Jeroboão II em 746 AC, até a queda de Samaria em 722, Israel não tinha menos que seis reis, apenas um dos quais morreu de morte natural. Os anos foram descritos como um tempo ", quando ninguém depois se apoderou do trono sem a pretensão de legitimidade".

A nação estava sendo devorada por uma conflagração dupla. Por um lado, sua própria maldade estava queimando como um fogo da floresta fora de controle (v. 18). Ela estava aprendendo que o pecado inevitavelmente traz seu próprio julgamento. Por outro lado, o fogo da ira de Deus se acendeu contra ela, devorando a terra e o povo.

O poder destrutivo do mal não é descrito mais vividamente do que em vv. 19b-21 . O profeta fala de um irmão que se volta contra o irmão e dos homens que, em sua terrível fome, se destroem como canibais (2 Reis 6: 24-31). O fratricídio eo canibalismo são acompanhados por conflitos tribais e guerras seccionais; as tribos de efraim e de manassés lutam entre si e estão unidas apenas no seu ódio mútuo a Judá. A referência é para as guerras civis que atingiram Israel entre 745 e 737 AC (cf. 2 Reis 15: 8-26), bem como a hostilidade de Israel contra Judá durante a crise sírio-efraimítica (735-734 AC).

O pecado de Israel, portanto, provocou acidente vascular cerebral após acidente vascular cerebral, mas o pior ainda está por vir. Esta é a inferência a ser retirada do refrão no final do v. 21 . Muitos estudiosos acreditam que 5: 25-30originalmente era a conclusão desse oráculo contra Israel, uma vez que repete as palavras ameaçadoras do refrão e descreve o avanço implacável de um exército invasor. Embora o invasor não seja nomeado, ele geralmente é identificado como Assíria, cujas tropas destruíram Samaria em 722 AC .

(3) Roubo legalizado (10: 1-4)

1 ***Ai daqueles que decretam decretos iníquos,***
e os escritores que continuam escrevendo opressão,
2 *para afastar os necessitados da justiça*
e para roubar os pobres do meu povo da sua direita,
que viúvas podem ser seu despojo,
e que eles possam tornar os órfãos suas presas!
3 *O que você fará no dia da punição,*
na tempestade que virá de longe?
A quem você vai fugir por ajuda,
e onde você vai deixar sua riqueza?
4 *Nada resta senão se agachar entre os prisioneiros*
ou cair entre os mortos.
Por tudo isso, sua raiva não é afastada
e a mão ainda está esticada.

Esta estrofe final da canção de refrão começa com ai (cf 5: 8-25) e termina com o mesmo refrão que as três estrofes no capítulo anterior. Ao contrário das outras estrofes, no entanto, é dirigido a Judá em vez de a Israel, como indicado pela referência do profeta aos oprimidos como meu povo.

O castigo de Deus de Israel não produziu reforma em Judá. Em vez disso, os juízes e os escribas estão ocupados a formular leis que dêem uma aura de legalidade aos seus iníquos feitos. Aqueles que carregam o peso desta chicanalidade jurídica são os necessitados, os pobres, as viúvas e os órfãos (v. 2). Isaiah dirige três perguntas de sondagem para aqueles que se tornaram ricos através da exploração dos pobres (v. 3). Então, sem esperar uma resposta, ele responde suas próprias perguntas (v. 4). A única opção que terão no dia da punição será agachar-se entre os prisioneiros ou cair entre os mortos.

7. Oracles Against Assyria (10: 5-34)

A maioria dos estudiosos acredita que esta passagem deve ser interpretada no contexto de eventos que aconteceram no final do século VIII AC . Quando Sargon morreu em 705 e foi sucedido por seu filho Sennacherib (705-681), uma onda de revolta se espalhou ao longo da imenso Império Assírio. Este foi o sinal para Ezequias (715-687) para elevar o padrão de sevolt em Judá. Isaiah aconselhou contra este movimento, mas sem sucesso.

As retaliação de Sennacherib vieram rápida e decisivamente. Ele invadiu Judá e, de acordo com seus próprios registros, destruiu 46 cidades fortificadas. Ele afirma ter fechado Ezequias em Jerusalém como um pássaro em uma gaiola. O registro desses eventos é encontrado em 2 Reis 18-19 , bem como nas contas paralelas em Isaías 36-37 e 2 Crônicas 32 .

Com a turbulência da crise de Sennacherib, Isaiah desenvolveu uma notável filosofia da história. Ele chegou a acreditar que uma nação poderia ser um rebelde contra Deus e um instrumento de seu propósito. Embora Assíria tenha alcançado o ápice de seu poder e parecido invencível, o profeta a viu como um mero peão na banda de Deus. O poder e a sabedoria dominantes de Deus eram tais que ele poderia controlar sua concupiscência brutal de sangue e pilhagem, fazendo com que sirva seu propósito justo no castigo de seu povo. A vontade de Assíria para o poder, portanto, estava sob seu controle, e sua ascensão ao poder era apenas um episódio menor na história em curso de seus negócios com seu povo escolhido.

A base da posição de Isaías era a crença de que o poder - o tipo de poder representado pela Assíria - não era a chave da vida. A chave estava em serviço para Deus. Muito tempo depois de os orgulhosos assírios terem desaparecido da história, os servos de Deus - conversados e restaurados - ainda permaneceriam.

Nada nas circunstâncias externas dos tempos teria levado Isaías a tal filosofia da história. Sua crença em Deus como o Senhor da história não foi uma dedução lógica tirada da evidência disponível. Era mais um salto de fé, um conceito inspirado, uma palavra de Deus.

(1) Assíria, a Vara da Raiva de Deus (10: 5-11)

5 Ah, a Assíria, a vara da minha ira,
O pessoal da minha fúria!
6 Contra uma nação ímpia, mandei-o,
e contra as pessoas da minha ira eu o ordeno,
para pegar despojo e apanhar o saque,
e pisá-los como o lama das ruas.
7 Mas ele não pretende tanto,
e sua mente não pensa assim;
mas está em sua mente destruir,
e para cortar as nações não são poucas;
8 pois ele diz:
"Não são meus comandantes todos os reis?
9 Não é Calno como Carchemish?
Hamath não é como o Arpad?
Samaria não é Damasco?
10 Como minha mão atingiu os reinos dos ídolos
cujas imagens esculpidas foram maiores do que
os de Jerusalém e Samaria,
11 não devo fazer a Jerusalém e seus ídolos
como fiz com Samaria e suas imagens?

No mundo antigo, os homens supunham que conflitos entre nações eram realmente conflitos entre seus respectivos deuses. Quando uma nação conquistou outra, foi tomada como uma indicação de que os deuses do vencedor eram superiores aos dos vencidos.

Uma conclusão lógica, portanto, era que a conquista de Judá de Assíria provara a superioridade de seus deuses sobre o Deus dos hebreus. Os assírios, de fato, usaram esse mesmo argumento em seu desafio para os defensores de Jerusalém (ver 36: 18-20).

Isaías, no entanto, considerou uma noção tão falsa. Ele viu a Assíria como nada mais do que a vara da ira de Deus e a equipe de sua fúria. A vara e a equipe são ferramentas do pastor e são usadas em outros lugares no Antigo Testamento para sugerir o cuidado protetor de Deus sobre o povo (ver Salmo 23: 4). Que eles são referidos no contexto atual como instrumentos de disciplina e correção não devem ser interpretados como significando que Deus deixou de cuidar de Israel momentaneamente. O mesmo amor que a abençoou quando era fiel também a puniu quando estava desobediente. Teria sido algo diferente do amor se tivesse agido de outra forma.

Deus significa ser alienado de Deus. A mesma palavra aparece em 9:17 e em 33:14 , aplicando-se em cada caso aos habitantes de Judá e Jerusalém. O nome do filho de Isaías, Maher-shalal-hash-baz, é ecoado na frase traduzida para "pegar despojo e apanhar o saque" (Heb. *Lishlol shalal w e laboz baz*).

Enquanto Isaías viu os assírios como instrumentos nas mãos de Deus para o castigo de Judá, ele estava bem consciente de que eles não aceitavam isso como sua missão (v. 7). Eles estavam inclinados a conquistar simplesmente por causa da riqueza e da auto-glória. Eles teriam zombado da idéia de que eles estavam de alguma forma sob o controle de Deus.

Para os assírios, portanto, todas as nações eram iguais. Uma lista parcial daqueles que já conquistaram é dada na v. 9 . Carchemish era uma cidade na parte superior do rio Eufrates. Calno e Arpad ficavam a cerca de 50 milhas a sudoeste de Carchemish. Hamath estava no rio Orontes a mais cem milhas a sul. Uma vez que a *Samaria* também está listada aqui, a passagem deve ser datada após 722 AC . Os assírios estavam confiantes de que Jerusalém em breve seria adicionada a esta lista.

(2) Punição do Orgulho da Assíria (10: 12-19)

12 Quando o Senhor tiver terminado toda a sua obra no monte Sião e em Jerusalém, punirá a jactância arrogante do rei da Assíria e seu arrogante orgulho. 13 Pois ele diz:

"Com a força da minha mão, eu fiz isso,
e pela minha sabedoria, pois tenho entendimento;
Eu removi os limites dos povos,
e saquearam seus tesouros;
Como um touro, tirei os que estavam sentados nos tronos.
14 Minha mão encontrou como um ninho
a riqueza dos povos;
e quando os homens juntam ovos que foram abandonados
então reuni toda a terra;
e não havia nenhum que movesse uma asa,
ou abriu a boca, ou chilreou ".
15 Será que o machado se vence sobre o que escora com ele,
ou a serra se magnifica contra aquele que o exerce?
Como se uma haste exercesse o poder,
ou como se uma equipe levante ele que não é madeira!
16 Portanto, o Senhor, o SENHOR dos exércitos,
enviará perda de doença entre os seus fortes guerreiros,
e, sob sua glória, uma queima se acenderá,
como a queima de fogo.
17 A luz de Israel se tornará um fogo,
e seu Santo uma chama;
e queimará e devorará
seus espinhos e espinhas em um dia.
18 A glória da sua floresta e da sua terra frutífera

O Senhor destruirá, alma e corpo,
e será como quando um homem doente desperdiçou.
19 O remanescente das árvores de sua floresta será tão pequeno
que uma criança pode anotá-los.

O verso 12 mostra que o Senhor também estava mantendo uma lista. Em sua lista, o nome de Jerusalém ficou em primeiro lugar; Mas ao lado disso estava o da Assíria. Como ele puniu a impiedade de um, então ele puniria a arrogância eo orgulho do outro.

A vaivém da Assíria está ilustrada nos versículos que se seguem. Este é um exemplo clássico da idolatria essencial daqueles que vivem pelo poder militar. Um escritor descreveu tal atitude de auto-suficiência arrogante como "o ateísmo da força". O rei da Assíria se vangloriou de que, por sua própria força e sabedoria, ele havia removido as fronteiras e reunido a riqueza das nações. Para ilustrar a facilidade com que conseguiu isso, ele usou a metáfora de um ovo de encontro ao ninho de um pássaro abandonado. Perseguindo ainda mais a metáfora, ele se vangloriou de que nenhum dos povos saqueados "moveu uma asa, abriu a boca, ou chilreou".

Para Isaías, a alegria do rei conquistador era absurda; Era como se uma ferramenta devesse se vangloriar de que controlasse quem a usava (v. 15). O castigo de Deus sobre o orgulho da Assíria é descrito na vv. 16-19 com as figuras de um incêndio florestal e uma doença que desperdiça. O fogo seria aceso pela luz de Israel, que, como o paralelismo do v. 17 mostra, era outra designação para Deus. Varreria a terra, destruindo não só espinhos e arbustos, mas também florestas e terras cultivadas. As árvores sobreviventes seriam tão poucas que até uma criança poderia contar com elas. O "remanescente" de Assíria, portanto, seria escasso mesmo!

(3) Incentivo ao Remanescente de Israel (10: 20-27b)

20 Naquele dia, o remanescente de Israel e os sobreviventes da casa de Jacó não se apoiarão mais no que os feriu, mas se encaminhará sobre o SENHOR , o Santo de Israel, na verdade. 21 Um remanescente retornará, o remanescente de Jacó, ao Deus poderoso. 22 Pois, embora seu povo Israel seja como a areia do mar, somente um remanescente deles retornará. A destruição é decretada, transbordando de justiça. 23 Porque o Senhor, o SENHOR dos exércitos, fará um fim completo, conforme decretado, no meio de toda a terra.

24 Portanto, assim diz o Senhor, SENHOR dos exércitos: "Ó meu povo, que habita em Sião, não tenha medo dos assírios, quando ferirem a vara e levantem o seu corpo contra você, como fizeram os egípcios. 25 Pois, em pouco tempo, minha indignação chegará ao fim, e minha ira será direcionada à sua destruição.

26 E o SENHOR dos exércitos exercerá contra eles um flagelo, como quando feriu Madián na rocha de Oreb; e sua vara estará sobre o mar, e ele a levantará como ele fez no Egito. 27 E naquele dia o seu peso se afastará do seu ombro, e seu jugo será destruído do seu pescoço ".

A natureza escatológica da passagem é claramente demonstrada pela frase de abertura naquele dia. O profeta apresenta a visão de que um remanescente arrependido sobreviverá ao julgamento e, nos próximos dias, se apoiará no Senhor, e não sobre o que os feriu. A última frase provavelmente se refere a Assíria, que primeiro prestou assistência a Judá, mas depois a atacou violentamente.

É ainda afirmado que o remanescente de Jacó (isto é, Israel) retornará ao Deus poderoso. O hebraico lê *para'El gibbor* , o mesmo nome que aparece em 9: 6 como um dos títulos dados ao rei messiânico. Talvez, como sugeriu Bright, há conhecimentos messiânicos na passagem. Talvez o profeta estivesse designando o rei Davidico ideal como o governante do remanescente.

Um remanescente retornará é a tradução de duas palavras hebraicas, *jashub de cisalhamento* , que, como mencionado acima, é também o nome que Isaías deu a um de seus filhos (ver 7: 3). O nome pode ser interpretado como promessa ou ameaça, o que explica o duplo sentido em que é usado aqui. Na v. 21 , é como uma mensagem de esperança ("um remanescente retornará"); no v. 22 , constitui uma ameaça (*"apenas* um remanescente retornará"). Este duplo uso levou alguns a concluir que vv. 22-23 pertencem a um estágio inicial no ministério de Isaías, antes que a doutrina do remanescente se tornasse proeminente, enquanto vv. 20-21 representam uma etapa posterior em sua reflexão sobre esse assunto.

O tema do vv. 24-27b é a libertação segura do povo de Deus dos assírios. A libertação será como a dos israelitas que escaparam do Egito. Ao longo do Antigo Testamento, o Êxodo é considerado o protótipo de todos os atos subseqüentes de libertação. O Senhor expulsará os assírios enquanto expulsou os midianitas antes de Gideão (Judg 6-8). Deixe Israel tomar o coração porque ela logo estará livre de seu fardo e seu jugo de opressão.

A esperança de Isaías foi reivindicada quando os assírios se retiraram de Jerusalém tão abruptamente quanto chegaram. De acordo com 2 Reis 19:35 , seu exército foi dizimado em uma noite. O historiador grego Heródoto observa que eles foram invadidos por uma praga de ratos. Sua partida repentina de Jerusalém, portanto, pode ter sido causada por um surto da peste bubônica.

(4) A invasão assíria (10: 27c-34)

Ele subiu de Rimmon,
28 ele veio a Aiath;
ele passou por Migron,
Em Michmash, ele armazena sua bagagem;
29 eles cruzaram o passe,
em Geba eles alojam para a noite;
Ramah treme,
Gibeah de Saul fugiu.
30 Grite em voz alta, ó filha de Gallim!

Ouça, O Laishah!
Responda-a, O Anathoth!
31 Madmenah está em vôo,
Os habitantes de Gebim fogem por segurança.
32 No mesmo dia ele parará no Nob,
ele vai apertar o punho
no monte da filha de Sião,
o monte de Jerusalém.
33 Eis que o Senhor, o SENHOR dos Exércitos
Lop os ramos com poder aterrorizante;
O grande em altura será cortado,
e o elevado será reduzido.
34 Ele cortará os matois da floresta com um machado,
e o Líbano com suas árvores majestosas cairá.

Em um sentido, esta passagem é uma recapitulação dos oráculos anteriores no capítulo. Reitera a ameaça que Assíria representará para Jerusalém e prevê a libertação final deste último através da intervenção divina. A passagem geralmente é datada antes da invasão de Judá em Sennacherib em 701 AC .

O profeta dá uma descrição vívida do rápido avanço do inimigo, que ocupam a aldeia após a aldeia no norte se aproxima de Jerusalém até chegarem nos arredores da própria cidade. Alguns objetaram que Senaquerib não seguiu de fato essa rota quando invadiu Judá, mas que ele primeiro atravessou a estrada costeira até a Filistia e depois se dirigiu para a terra em direção a Jerusalém. A passagem, portanto, foi interpretada por alguns como uma descrição da invasão de Judá pelas forças combinadas da Síria e Israel em 734 AC .

Em resposta a essas objeções, deve-se notar que o editor dos materiais obviamente identificou o invasor com a Assíria, senão ele não teria colocado a passagem em seu contexto atual. Além disso, muito pouco se sabe sobre a invasão de Senaquerib para que alguém seja dogmático sobre a rota que ele seguiu. Uma vez que Samaria já era uma província assíria em 701 AC , ele poderia ter montado um ataque em duas pontas contra Jerusalém, enviando uma força para baixo da serra central que correu de Samaria a Jerusalém, enquanto ele próprio liderou outra força contra a cidade a partir do sudoeste .

A maioria dos nomes de lugares mencionados na passagem foram identificados; eram aldeias israelitas que se alongavam ao longo de uma linha de norte a sul. Rimmon - se a emenda de RSV é aceita - estava situada a cerca de cinco milhas a leste de Betel (ver Judg 20:45). Aiath, talvez outro nome para Ai (ver Josué 7: 8), modem e-Tell, deite-se ligeiramente a leste de Betel. O site de Migron não foi identificado, embora 1 Samuel 14: 2 dê a impressão de que estava ao sul e não ao norte do passe de Michmash. Michmash, o modem Mukhmas, estava a duas milhas e meia ao sul de Betel (ver 1 Sam. 14: 1-5). Perto de Michmash, ao sul, passava uma passagem estreita, onde os assírios eram forçados a armazenar sua bagagem para passar sem ser enganado. Geba (cf.1 Sam. 14: 5) fica ao sul do passe, a cerca de seis milhas a nordeste de

Jerusalém. Ramah, modem *er-Ram,* deitou-se ao norte de Gibeá (ver Judg. 19: 13-14), perto da fronteira entre Israel e Judá. Gibeah de Saul, moderno. *Diga a El-Ful,* antes da capital do reino de Saul, estava a apenas três milhas ao norte de Jerusalém. Entre ele e Jerusalém estavam as outras aldeias - Gallim, Laishah, Anathoth, Madmenah, Gebim e Nob. Pensa-se que Nob estava situado nas encostas do monte Scopus, com vista para a cidade de Jerusalém, a partir do nordeste. A partir daí, o assírio podia apertar o punho na cidade sitiada.

O sucesso da Assíria será de curta duração, no entanto, para o Senhor cortá-la, como um poderoso moinho de bois cai nas árvores de uma floresta. Alguns consideram vv. 33-34 como um oráculo separado dirigido não contra a Assíria, mas contra Israel ou Judá. Parece melhor, contudo, reter os versos como parte integrante do oráculo anterior. Eles não só formam uma conclusão apropriada para o oráculo, mas também preparam o caminho para a referência ao coto de Jesse no início do próximo oráculo.

8. A Era Messiânica (11: 1-16)

(1) O rei messiânico (11: 1-9)

1 Aparecerá um tiro do jumento de Jessé,
e um ramo deve crescer de suas raízes.
2 E o Espírito do SENHOR descansará sobre ele,
o espírito de sabedoria e compreensão,
o espírito de conselho e poder,
o espírito de conhecimento e o medo do Senhor.
3 E a sua alegria será no temor do SENHOR .
Ele não deve julgar pelo que seus olhos vêem,
ou decidir pelo que seus ouvidos ouvem;
4 Mas, com justiça, ele julgará o pobre,
e decidir com equidade para os mansos da terra;
e ele ferirá a terra com a vara da sua boca,
e com o sopro de seus lábios ele matará os ímpios.
5 A justiça deve ser o cinto da cintura,
e fidelidade o cinto de seus lombos.
6 O lobo habitará com o cordeiro,
e o leopardo se deitará com o garoto,
e o bezerro e o leão e o gordo juntos,
e um filho pequeno deve liderá-los.
7 A vaca e o urso devem alimentar;
seus jovens se deitarão juntos;
e o leão comerá palha como o boi.
8 O filho sugador deve jogar sobre o buraco do asp,
e a criança desmamada colocará a mão na guarida do adutor.

[9] *Não devem machucar ou destruir*
em toda a minha montanha sagrada;
pois a terra estará cheia do conhecimento do Senhor
como as águas cobrem o mar.

A passagem contém a delimitação mais completa das características pessoais do rei messiânico a ser encontrado no Antigo Testamento. Isaías profetiza que ele virá como "um atirar do jumento de Jessé", isto é, ele será da casa e da linhagem de Davi, filho de Jessé.

A palavra processada toca é derivada de uma raiz que significa cortar. A mesma palavra aparece no Job 14: 8 , onde descreve o toco que permanece depois que uma árvore foi cortada. Alguns, portanto, namorariam a passagem após a catástrofe de 587 AC. Quando a casa de David foi cortada. Outros colocariam isso no tempo da crise de Senaquerib quando a existência da casa de Davi estava apenas ameaçada. Bright sugeriu que o oráculo pode significar apenas "que um galho novo crescerá da casa de David", caso em que uma data do século VIII seria possível.

Mais importante do que a origem do rei é a sua doação com o Espírito do Senhor. Sempre que no Antigo Testamento o Espírito do Senhor é dado aos homens, é para que eles estejam divinamente equipados para alguma tarefa exigente. Basicamente, o Espírito do Senhor connota o poder, e aqueles sobre os quais o Espírito repousa atuam com sabedoria e força sobre-humanas, ao executar uma variedade de tarefas (Gênesis 41:38 ; Ex. 31: 3 ; Números 11: 25 ; Juízes 6:34 ; Isaías 61: 1 ; Joel 2:28 £.).

O rei é dotado com o Espírito, para que ele possa saber como governar seus assuntos no medo do Senhor. Deve-se enfatizar que é *um* Espírito que repousa sobre ele. O restante do v. 2 simplesmente descreve o outworking do Espírito em sua vida.

As virtudes que lhe são transmitidas são organizadas em três pares, que enfatizam primeiro sua sabedoria, sua capacidade administrativa e, finalmente, sua piedade. A justaposição da *Sabedoria, a compreensão* e o conselho e significa que ele não tem apenas a visão para ver o que é certo, mas também a capacidade de fazê-lo. O "espírito de conselho e poder" é paralelo aos dois primeiros nomes dados ao rei messiânico em 9: 6 .

A característica mais importante no equipamento do rei é o conhecimento e o medo do Senhor. O conhecimento como os hebreus entendeu significava mais do que possuir certas informações sobre alguém; significava entendimento que só poderia ser obtido com base em um relacionamento pessoal próximo. Temer que o Senhor quisesse ser reverente diante de sua majestade e santidade. Para conhecer e temer, o Senhor, portanto, expressou a essência da fé do Antigo Testamento. Mowinckel descreveu adequadamente essa virtude como "a verdadeira coroa do futuro rei".

Os versículos 3b-4a dão uma descrição da maneira pela qual o rei aplicará o espírito de sabedoria e entendimento em seu julgamento do povo. Sua capacidade de ver abaixo da superfície permitirá que ele julgue com equidade os pobres e mansos da terra. Seu poder de tomar decisões, isto é, "o espírito de conselho e poder", é ilustrado em sua luta contra os implacáveis (*lendo'arits* , implacável, *para'erets* , terra ') com a vara de sua boca e em

matar os perversos com a sopro de seus lábios. Tanto o julgamento (ou seja, a entrega) dos pobres (o inocente) e o assassinato dos ímpios (o culpado) devem ser entendidos como atos judiciais, atos praticados pelo rei na administração da justiça.

O Messias, portanto, será um juiz justo e justo, entregando o inocente e punindo os ímpios. Significativamente, a principal ênfase é colocada sobre os aspectos sociais e éticos do seu reinado, não apenas aqui, mas também nos profetas (cf. 9: 7 ;16: 5 ; 32: 1 ; Jer. 23: 5). Isto é trazido de forma mais clara no v. 5 , onde a justiça é dito ser "o cinto de sua cintura" e a fidelidade "o cinto de seus lombos".

Os versículos 6-9 dão uma descrição altamente simbólica e poética da completa harmonia e paz que prevalecerá com a vinda da era messiânica. O motivo do paraíso, que figura de forma proeminente no Antigo Testamento (ver 32:15 ; 41: 17-19; Ez. 34: 25-28 ; 47: 1-12 ; Joel 3:18 ; Amós 9: 13-15 ; Zech. 14: 4-11) e em outra literatura antiga do Oriente Próximo, reaparece aqui. A regra justa do rei messiânico resultará na restauração da harmonia para a ordem natural. O Antigo Testamento considerava o pecado como a causa da desarmonia que existia na ordem natural (ver 24: 4-7 ; Gen. 3: 14-19; Jer. 4: 23-26 ; 12: 4). A natureza, portanto, estava destinada a compartilhar a redenção de

Povo de Deus. Com a vinda da era messiânica, homens e animais iriam cinco juntos em um relacionamento paradisíaco, e nenhuma criatura viva iria doer ou destruir outro.

O clímax do oráculo é alcançado na afirmação de que o conhecimento do Senhor irá preencher a terra à medida que as águas cobrem o mar. A ênfase é sobre a influência universal e permeante desse conhecimento. Nesta passagem, portanto, o conhecimento do Senhor começa como um atributo do Messias (v. 2) e termina como um atributo de todos os seus sujeitos (v. 9).

(2) Reunião no Reino Messiânico (11: 10-16)

10 Naquele dia, a raiz de Jessé permanecerá como uma bandeira para os povos; Ele as nações buscarão, e as suas habitações serão gloriosas.

11 Naquele dia, o Senhor estenderá sua mão uma segunda vez para recuperar o restante que é deixado do seu povo, da Assíria, do Egito, de Pathros, da Etiópia, de Elão, de Shinar, de Hamate e das terras costeiras do mar.

12 Ele levantará uma bandeira para as nações,
e reunirá os marginalizados de Israel,
e reunir o disperso de Judá
dos quatro cantos da terra.

13 O ciúme de Efraim partirá,
e os que assediam a Judá serão cortados;
Efraim não ficará com ciúmes de Judá,
e Judá não deve assediar Efraim.

14 Mas eles descerão sobre o ombro dos filisteus no ocidente,
e juntos eles saquearão o povo do oriente.

Devolverão a mão contra Edom e Moab,
e os amonitas devem obedecer-lhes.
15 E o SENHOR destruirá completamente
a língua do mar do Egito;
e vai acertar sua mão sobre o rio
com seu vento abrasador,
e feche-o em sete canais
que os homens podem atravessar o dryshod.
16 E haverá uma rodovia da Assíria
para o resto que é deixado de seu povo,
como havia para Israel
quando vieram da terra do Egito.

A seção consiste em dois oráculos, cada um introduzido pela frase naquele dia (vv. 10 e 11). A maioria dos estudiosos atribui os oráculos ao período pós-xilico, principalmente com base na situação histórica posterior que refletem. Aqui, a palavra restante (v. 11 , 16) não é para os judeus que sobrevivem ao julgamento em sua própria terra natal (ver 10: 20-21), mas para aqueles que foram exilados para terras estrangeiras. A dispersão dos judeus como descrito aqui é muito maior do que seria de esperar no final do século VIII AC. Todas as indicações apontam para uma data pós-xilica para a passagem, embora, como afirma Bright, uma data anterior não é inconcebível.

A palavra raiz (v. 10) aparece em sua forma plural no v. 1 , onde não se refere ao rei messiânico, mas à dinastia davídica. Quando o oráculo no v. 10 foi escrito, talvez se tornasse um termo técnico para o Messias. A mesma palavra é usada em 53: 2- "uma raiz de chão seco" - para descrever o Servo do Senhor (cf. Apocalipse 22:16). Aqui, a raiz de Jesse fica como um tapete ou bandeira em torno do qual as nações da terra se reúnem. O domínio mundial do Messias é um conceito que aparece freqüentemente no Antigo Testamento (cf. Salmos 18: 43-45 ; 72: 8-11 ; Mic. 5: 4 ; Zacarias 9:10).

O motivo Exodus é particularmente forte em vv. 11-16 . A referência ao resgate do Senhor por segunda vez pressupõe a primeira libertação no Mar Vermelho. Além disso, as nações mencionadas na versão 14 são as mesmas que tentaram bloquear a entrada de Israel em Canaã nos dias de Moisés e Josué. Os versículos 15-16 descrevem a estrada que o Senhor preparará para o retorno do remanescente disperso de seu povo. Ele secará a língua do mar do Egito, talvez o golfo de Suez, e ferirá o rio, isto é, o Eufrates, em sete ribeirinhos rasos, para que os homens possam atravessá-lo.

9. Duas Canções de Louvor (12: 1-6)

Quando Israel atravessou com segurança o Mar Vermelho ao sair do Egito, ela fez uma pausa para cantar uma canção louvando a Deus por sua grande salvação (Ex 15: 1-18). A perspectiva de uma libertação ainda maior exige o canto de novas canções de louvor. Os dois breves hinos no capítulo 12 , portanto, formam uma conclusão apropriada para a primeira divisão das profecias de Isaías (capítulos 1-12).

(1) Uma Canção de Libertação (12: 1-2)

[1] Você dirá naqueles dias
"Eu darei graças por você, Ó SENHOR ,
pois você estava com raiva de mim,
sua raiva se afastou,
e você me consolou.
[2] "Eis que Deus é a minha salvação;
Eu confiarei e não terá medo;
Porque o Senhor Deus é a minha força e a minha música,
e ele se tornou minha salvação ".

Existem dois breves hinos no capítulo 12 , cada um dos quais é introduzido pela frase "você diria naquele dia" (v. 1 , 4). É provável, portanto, que v. 3 pertence à primeira canção, contrariamente à divisão indicada no RSV.

O verbo para dizer é singular na forma na v. 1 e plural na v. 4 . Isso sugere que a primeira música seja uma canção de ação de graças individual e a segunda uma música de ação de graças da comunidade. A estrutura da primeira música se assemelha às canções de ação de graça individual no Saltério (por exemplo, Salmo 116). O motivo do Êxodo é proeminente nesta música, como evidenciado pelo fato de que v. 2b é uma repetição de Ex. 15: 2 .

A primeira música celebra a libertação do cantor de uma grande angústia. Ele agradece a Yahweh porque (*ki*) sua raiva, uma vez direcionada para ele, agora foi afastada dele. Deus tornou-se agora a sua salvação, que é a primeira vez que esta importante palavra é usada em Isaías (cf. 25: 9 ; 26: 1 , 18 ; 33: 2 , 6 ; 49: 6 , 8 ; 51: 6 , 8 ; 52: 7 , 10 ; 56: 1 ; 59:11 , 17 ; 60:18 ; 62: 1). Porque a salvação é derivada de uma raiz verbal que significa "ser amplo, espaçoso", ela conhece a idéia de libertação de tudo o que frustraria ou prejudicaria a paz e a prosperidade. Há, é claro, uma referência velada ao nome de Isaiah na repetição tripla desta palavra nos v. 2 e 3, uma vez que Isaías significa "o Senhor é a salvação".

O primeiro hino termina com a metáfora da congregação de Israel, tirando alegremente a água dos poços da salvação. A metáfora tinha um significado especial para aqueles cujas vidas dependiam de poços e fontes. Tirar água dos poços da salvação significa continuar a compartilhar a boa vida que o Senhor providenciou para o seu povo (cf. João 4: 7-14).

(2) Uma canção de ação de graças (12: 3-6)

[3] Com alegria, você tirará água dos poços da salvação. [4] E você vai dizer naquele dia:
"Dê graças ao Senhor,
invocar o nome dele;
Conheça suas ações entre as nações,
proclamar que seu nome é exaltado.

[5] *"Canta louvores ao SENHOR , porque ele fez gloriosamente;*
Deixe isso ser conhecido em toda a terra.
[6] *Grita e canta de alegria, ó habitante de Sião,*
Pois grande em seu meio é o Santo de Israel ".

Seguindo as divisões de parágrafo do RSV, v. 3 é impresso aqui, mas foi interpretado como pertencente à vv. 1-2 , por razões acima mencionadas.

Nesta música, Israel faz saber entre as nações as maravilhas de Javé. A fraseologia da canção é em grande parte emprestada dos Salmos (por exemplo, Salmos 66: 2 ; 67: 2 ; 105: 1 ; 148: 13). O Senhor é louvado não só por seus atos poderosos em favor de Sião, mas também por sua presença permanente em seu meio. A conclusão da música mostra que não há conflito entre a santidade de Javé e sua proximidade com o seu povo (cf. Hos. 11: 9).

II. Oracles dirigidos às nações estrangeiras (13: 1-23: 18)

Uma das áreas mais negligenciadas dos estudos do Antigo Testamento é a dos oráculos proféticos contra as nações. Exemplos de tais oráculos são encontrados em quase todos os livros proféticos, sendo os oseus uma exceção notável. Alguns são dirigidos contra as nações em geral, mas a maioria é dirigida a nações específicas. Estes incluem o Egito

(19: 1-15 , Jeremias 46 , Etiópia (18), Elão (Jeremias 49: 34-39), Babilônia (13; 21: 1-10 ; Jer. 50: 1-51: 58), Kedar (Jer. 49: 28-33), Philistia (14: 28-32 ; Ez. 25: 15-17), Edom (34; Ez. 25: 12-14), Moab (15-16; Jer. 48), Ammon (Jeremias 49: 1-6 ; Ez. 25: 1-7), Tire (Ez. 26: 1-28: 19), Sidon (Ez. 28: 20-26) e Nínive (Nah.).

Em todos os oráculos estrangeiros, as nações são consideradas inimigas de Israel. Os oráculos são dirigidos *contra* as nações. Por esta razão, eles são freqüentemente introduzidos pela palavra *massa '* , que significa carga ou carga. Quando usado para introduzir um oráculo profético, essa palavra enfatiza sua natureza condenatória e ameaçadora. Como uma nuvem escura pesada com fúria reprimida, essas profecias estão prontas para derramar seus terríveis conteúdos sobre aqueles contra quem são dirigidos. De acordo com este termo, dez dos oráculos estrangeiros em Isaías são introduzidos por este termo (13: 1 ; 14:28 ; 15: 1 ; 17: 1 ; 19: 1 ; 21: 1 , 11 , 13 ;22: 1 ; 23: 1). Scott descreveu isso como "oráculos da desgraça".

Gottwald é de opinião que o oráculo contra a nação estrangeira "foi uma das primeiras formas, se não a mais antiga, da profecia hebraica". A origem desse tipo de oráculo provavelmente deve ser buscada no antigo ritual da guerra santa. Era costume para um rei ou comandante militar, antes de lutar, procurar um profeta para pronunciar uma maldição sobre seus inimigos. Essa maldição foi considerada como uma arma secreta potente, garantindo a queda do inimigo. Um exemplo clássico de um rei tentando colocar uma maldição profética sobre seus inimigos é encontrado em Números 23-24 na história de Balaque e Balaão.

O fato de que os oráculos estrangeiros são encontrados em tantos livros proféticos levanta algumas questões interessantes. Era costume que os profetas canônicos

empregassem esses oráculos como maldições rituais contra os inimigos de sua nação? Em caso afirmativo, quais foram as ocasiões em que eles pronunciariam tais maldições? Infelizmente, a maioria dos oráculos estrangeiros agora aparecem em coleções completamente separadas de qualquer contexto histórico específico. É, portanto, impossível ter certeza de seu cenário original ou de sua função na vida e no culto hebraicos.

Alguns dos oráculos de Isaías contra nações estrangeiras são preservados em contextos maiores que revelam o cenário histórico. Isto é verdade, por exemplo, dos oráculos contra a Síria e Israel entregues em 735-734 AC (7: 3-9, 10-16 ; 8: 1-4), e daquelas faladas contra a Assíria em 701 (cap. 37). Os oráculos agrupados nos capítulos 13-23 , no entanto, não fornecem dados relativos às datas ou circunstâncias de sua entrega. Esses dados devem ser determinados unicamente com base em evidências internas, que muitas vezes não são conclusivas.

Esta é a única coleção de oráculos estrangeiros no livro de Isaías. Daí, esses oráculos cobrem todo o período do livro. Alguns pertencem ao século VIII AC , e podem ser confiados com Isaías de Jerusalém com confiança; outros, no entanto, surgiram durante o exílio, ou pouco depois, e devem ser atribuídos a editores posteriores. Isso não significa que as passagens anteriores sejam mais importantes do que a posterior, mas sim que a compreensão da importância de ambas as passagens precoce e tardia depende em grande medida de serem colocadas em seu próprio cenário histórico. Todos os oráculos estrangeiros são extremamente importantes e merecem maior atenção do que geralmente foi dado a eles.

1. A Perdição de Babilônia (13: 1-14: 23)

Nenhum poder nos tempos antigos afetou a fortuna de Israel de uma maneira mais catastrófica do que Babilônia. É compreensível, portanto, que muitos judeus vieram a considerá-la como o mesmo inimigo do povo de Deus. O nome "Babilônia" tornou-se sinônimo de tirania e opressão, tanto que no Novo Testamento foi usado simbolicamente por Roma (1 Pedro 5:13 ; Apocalipse 14: 8 ; 16:19 ; 17: 5).

Esta é uma das seções nos oráculos contra as nações que devem ser datadas mais tarde do que o profeta Isaías. A situação histórica refletida aqui não é a do século VIII, mas do século VI AC . O governante do mundo não é a Assíria, como nos dias de Isaías, mas a Babilônia. O ponto de viragem na fortuna da Babilônia veio em 626 AC quando Nabopolassar derrotou os assírios; Antes disso, Babilônia, como todos os países do oeste, tinha sido um vassalo da Assíria. Depois que ganhou sua independência, ela governou o mundo com uma mão de ferro, até que ela, por sua vez, foi conquistada por Ciro o Persa em 539. A passagem presente pertence ao período de ascendência da Babilônia, pois é descrita como "a glória dos reinos, a Esplendor e orgulho dos caldeus "(13:19).

(1) O Dia do Senhor contra a Babilônia (13: 1-22)

1 O oráculo sobre a Babilônia, que Isaías, filho de Amoz, viu.
2 Em uma colina nua, levante um sinal,
chore em voz alta para eles;

acender a mão para que entrem
as portas dos nobres.
3 Eu mesmo ordenei aos meus consagrados,
convocaram meus homens poderosos para executar minha raiva,
meus orgulhosos exultantes.
4 Hark, um tumulto nas montanhas
como de uma grande multidão!
Hark, um tumulto de reinos,
de nações reunidas!
O SENHOR dos Exércitos está reunindo
um anfitrião para a batalha.
5 Eles vêm de uma terra distante,
do fim dos céus,
o Senhor e as armas de sua indignação,
para destruir toda a terra.
6 Wail, porque o dia do Senhor está próximo;
Como destruição do Todo-Poder, ela virá!
7 Portanto, todas as mãos serão fracas,
e o coração de cada homem vai derreter, e eles ficarão consternados.
Pangs e agonia os apanharão;
Eles estarão angustiados como uma mulher em trabalho de parto.
Eles ficarão horrorizados um com o outro;
os seus rostos ficarão em chamas.
9 Eis que vem o dia do SENHOR ,
cruel, com ira e feroz raiva
para tornar a Terra desolada
e destruir os seus pecadores.
10 Para as estrelas dos céus e suas constelações
não dará luz;
o sol ficará escuro ao subir
e a lua não derramará sua luz.
11 Eu punirei o mundo por seu mal,
e os ímpios por sua iniqüidade;
Vou pôr fim ao orgulho dos arrogantes,
e desceu a altivez dos implacáveis.
12 Farei os homens mais raros do que o ouro fino,
e a humanidade do que o ouro de Ophir.
13 Por isso, farei tremer os céus,

e a terra será abalada do seu lugar,
na ira do Senhor dos Exércitos
no dia de sua ira feroz.
14 E, como uma gazela caçada,
ou como ovelhas com nenhuma para reuni-las,
Todo homem se voltará para o próprio povo,
e todo homem fugirá para sua própria terra.
15 Quem for encontrado será empurrado,
e quem for pego cairá pela espada.
16 Seus bebês serão divididos em pedaços
diante de seus olhos;
suas casas serão saqueadas
e suas mulheres violadas.
17 Eis que estou agitando os medos contra eles,
que não tem respeito pela prata
e não se deleitam com o ouro.
18 Seus arcos matarão os jovens;
eles não terão piedade do fruto do útero;
seus olhos não terão piedade de crianças.
19 E a Babilônia, a glória dos reinos,
o esplendor e o orgulho dos caldeus,
será como Sodoma e Gomorra
quando Deus os derrubou.
20 Nunca será habitada
ou habitou por todas as gerações;
nenhum árabe lançará sua barraca lá,
Nenhum pastor fará seus rebanhos se deitarem lá.
21 Mas animais selvagens se deitarão ali,
e suas casas estarão cheias de criaturas uivantes;
há avestruzes morarão,
e os sátiros vão dançar.
22 Hyenas vai chorar em suas torres,
e chacais nos palácios agradáveis;
o tempo está próximo
e seus dias não serão prolongados.

Esta passagem consiste em um título editorial (v. 1), um oráculo que descreve o dia do Senhor em imagens apocalípticas (v. 2-16) e um oráculo final descrevendo a derrota de Babilônia pelos medos (v. 17-22). O oráculo no dia do Senhor pode ter sido

originalmente um oráculo independente sem conexão direta com a queda da Babilônia, embora no presente contexto tenha sido combinado com este evento.

Como visto acima, a palavra traduzida "oráculo" significa carga ou carga e refere-se a um oráculo doom (ver Jer. 23: 34-40). O verso 1 provavelmente deve ser entendido como o título editorial para todos os oráculos incluídos em 13: 2-14: 23 .

O oráculo no dia do Senhor (v. 2-16) abre com uma descrição da reunião do exército do Senhor (v. 2-5). O sinal que chama as tropas juntas é dado a partir do topo de um monte nu, *para* que todos possam vê-lo. Eles são convocados para que eles possam entrar nas portas dos nobres, possivelmente uma referência velada a Babilônia, já que o nome Akkadiano para a cidade, *Bab-ili* , significava "o portão de Deus".

O versículo 3 é uma reminiscência da instituição da guerra santa. Aqueles que são reunidos pelo Senhor são chamados de consagrados. Os soldados que marcharam para lutar no antigo Israel foram considerados santos e obrigados a manter-se ritualmente limpos (ver Deut. 23: 9-14 ; 1 Sam. 21: 4 ; 2 Sam. 11:11).

A ênfase é colocada sobre o tamanho incomum do exército que está sendo montado pelo Senhor. Inclui reinos e nações de terras distantes e das extremidades dos céus, isto é, do horizonte ao horizonte. Seu som é como um tumulto poderoso nas montanhas. Estas são as "nações em agitação, preparadas para a guerra de Sião".

Os terrores do dia do Senhor são vividamente descritos em vv. 6-16 . O dia vem como destruição do Todo-Poderoso (v. 6), uma tradução de uma frase que em hebraico lê *kᵉshod mishshaddai* . A coragem falha e os homens estão em agonia, como a de uma mulher em trabalho de parto. Os seus rostos estão em chamas, com vergonha ou com consternação (v. 8).

O profeta emprega imagens apocalípticas para descrever como esse dia afetará todo o cosmos. A terra se torna uma desolação (v. 9), e é sacudida do seu lugar (v. 13). Há cataclismos nos céus, também, como o sol, a lua e as estrelas estão escurecidas (v. 10) e os céus tremem (v. 13).

Os efeitos desse dia sobre os pecadores serão ainda mais devastadores. É um dia destinado a destruir os ímpios, os arrogantes e os implacáveis (v. 9 , 11). A destruição será tão generalizada que os homens se tornarão mais raros do que o ouro fino (v. 12). Eles fugirão do vingador como animais caçados e serão espalhados como ovelhas sem pastor (v. 14). Os horrores da guerra a serem visitados sobre eles são vividamente descritos em vv. 15-16 .

Em vv. 17-22 o oráculo anterior no dia do Senhor é aplicado especificamente à Babilônia. O agente da vingança do Senhor contra ela é identificado como Medes, um povo indo-ariano que no início do século VII estabeleceu um poderoso reino na parte noroeste do que é agora o Irã. Este reino, com a sua capital em Ecbatana, continuou a exercer uma forte influência no antigo Oriente Próximo até chegar a Ciro, o Persa, cerca de 550 AC .

Babilônia foi conquistada em 539 AC não pelos medos, como se esperava neste oráculo, mas por Ciro. Além disso, a sua captura não resultou no abate e destruição aqui

retratados. Na verdade, era uma capitulação muito pacífica, com Cyrus recebeu mais como libertador do que como conquistador. Ele tratou indulgentemente da cidade, e continuou a existir como um importante centro cultural ao longo do período persa. Começou a declinar durante o período helenístico e finalmente foi capturado e destruído pelos partos em 127. No início da era cristã, ele era habitado apenas por um pequeno grupo de astrônomos e matemáticos.

Este oráculo prevê que Babilônia será destruída com uma fúria que desafia a descrição. Seus conquistadores serão impermeáveis aos subornos (v. 17). Eles não pouparão nenhum dos habitantes da cidade (v. 18). A própria cidade compartilhará o destino das antigas cidades de Sodoma e Gomorra (v. 19).

A imagem em vv. 20-22 é uma desolação absoluta. Após a destruição da cidade, suas ruínas tornam-se o habitat de bestas e sátiros selvagens. A palavra sátiro (lit., uma peluda) refere-se a um demônio com a forma de um bode. Tais demonios foram pensados para freqüentar as ruínas das cidades desertas (ver 34:14).

(2) O Retorno dos Exilados (14: 1-2)

1 O SENHOR terá compaixão de Jacó e novamente escolherá Israel, e os colocará na sua própria terra, e alienígenas se juntarão a eles e se unirão à casa de Jacó. 2 E os povos os levarão e os levarão ao seu lugar, e a casa de Israel os possuirá na terra do SENHOR como escravos e escravas; Eles levarão cativos aqueles que foram seus captores, e governarão aqueles que os oprimiram.

Estes versos, juntamente com vv. 3-4a , constituem uma introdução à prosa para a canção da provocação que se segue. Quando Babilônia caiu, o Senhor novamente elegerá Israel como seu próprio povo e a levará de volta à sua terra. Muitos estrangeiros também se juntarão às suas filas para compartilhar seus benefícios. Aqueles que anteriormente a oprimiram encontrarão seus papéis respectivos invertidos, com Israel agora governando sobre eles. Quando essas coisas aconteceram e Israel descansou do seu árduo serviço (ver Ex. 1:14), ela tomará uma canção de provocação contra o rei da Babilônia. Os léxicos hebraicos definem *mashal* (taunt) como "uma comparação burlona, um provérbio ou uma parábola".

(3) Uma canção de provocação contra o rei da Babilônia (14: 3-21)

3 Quando o SENHOR te deram descanso da sua dor e tumulto e do serviço difícil com que você foi feito para servir, 4 você tomará essa provocação contra o rei da Babilônia:

"Como o opressor cessou,
A fúria insolente cessou!
5 O SENHOR quebrou o pessoal dos ímpios,
o cetro dos governantes,
6 que feriram os povos na ira
com pancadas incessantes,

que governou as nações com raiva
com perseguição implacável.
7 Toda a terra está em repouso e silencioso;
Eles começam a cantar.
8 Os ciprestes se regozijam com você,
os cedros do Líbano, dizendo:
"Desde que você foi demitido,
nenhum líder é contra nós.
9 Sheol abaixo é agitado
para conhecê-lo quando você vier,
desperta as sombras para cumprimentá-lo,
todos os que eram líderes da terra;
ele levanta dos seus tronos
Todos os que eram reis das nações.
10 Todos falarão
e diga a você:
"Você também se tornou tão fraco quanto nós!
Você se tornou como nós!
11 Sua pompa é trazida para o Sheol,
o som de suas harpas;
as larvas são a cama abaixo de você,
e os vermes são sua cobertura.
12 "Como você está caído do céu,
O Day Star, filho de Dawn!
Como você é cortado no chão,
você que deixou as nações baixas!
13 Você disse em seu coração,
'Eu irei para o céu;
acima das estrelas de Deus
Colocarei o meu trono no alto;
Eu vou sentar no monte da montagem
no extremo norte;
14 Subirei acima das alturas das nuvens,
Farei de mim como o Altíssimo.
15 Mas você é levado para o Sheol,
até as profundezas do poço.
16 Aqueles que vêem você olharão para você,
e ponderar sobre você:

"Este é o homem que fez tremer a terra,
que abalou reinos,
17 que fizeram do mundo como um deserto
e derrubou suas cidades,
Quem não deixou seus prisioneiros voltarem para casa?
18 Todos os reis das nações estão na glória,
cada um em seu próprio túmulo;
19 mas você é expulso, longe do seu sepulcro,
como um nascimento prematuro incoerável
vestidos com os mortos, os que foram perfurados pela espada,
que descem às pedras do poço,
como um corpo morto pisou debaixo do pé.
20 Você não se unirá com eles no enterro,
porque você destruiu sua terra,
Você matou seu povo.
"Que os descendentes de malfeitores
Nunca mais seja nomeado!
21 Prepare o abate de seus filhos
por causa da culpa de seus pais,
para que não se levantem e possuam a terra,
e preencha a face do mundo com as cidades ".

De acordo com a introdução da prosa (v. 4a), este notável poema celebra a morte de um rei babilônico. Não há nada dentro do próprio poema, no entanto, para identificar a pessoa sobre quem foi originalmente escrita, além da afirmação de que, durante sua vida, ele era um governante poderoso. Consequentemente, muitos estudiosos estão convencidos de que o poema foi originalmente composto para celebrar a morte de um rei assírio, talvez Sargon II (d. 705 AC), e que um editor posterior emprestou o poema original, forneceu-o com uma introdução em prosa e fez Aplica-se ao rei da Babilônia. Também foi sugerido que o autor original do poema não tinha nenhum rei particular em mente, estava dando uma descrição que poderia ser aplicada a todos os governantes despóticos.

A divisão de Scott do poema em cinco estrofes foi aceita pela maioria dos estudiosos modernos. A primeira estrofe (vv.4b-8), escrita no medidor coxo do *cume* , o medidor de *Qinah* , descreve a alegria eo alívio que preenche a terra na notícia da morte do tirano. Toda a terra entra em um estado de calma e repouso, interrompido apenas pelo som do canto. Até as árvores da floresta se juntam à celebração de sua morte, já que ele não mais virá para derrubá-las.

Na segunda estrofe (v. 9-11), a cena muda para o Seol, a morada eterna dos mortos fantasmagóricos. A palavra "Sheol" ocorre 65 vezes no Antigo Testamento e, em 61 casos, é traduzida para o grego como "Hades". O KJV faz 31 vezes como "inferno", 31

vezes como "o túmulo" e 3 vezes como "o poço" "O RSV lê" o túmulo "em 1 Reis 2: 9 e" Sheol "em outros lugares.

A descrição do rei da Babilônia entrando no Sheol reflete o conceito hebraico do pós-vida, um conceito simples, mas deprimente. Pensava que, na morte, todos os homens, independentemente da sua posição e posição na vida, desciam para as regiões sombrias do Seol. Lá, eles continuaram a existir apenas como "sombras" (ver v. 9), ou seja, como imagens espectrales do seu eu anterior (ver Jó 3: 17-19 ; 21: 23-26 ; Salmo 6: 5 ; Eccl. 9: 3-6). Nesta democracia dos mortos, toda a glória anterior foi posta de lado.

Embora os reis fantasmagóricos ainda se assentassem sobre tronos fantasmáticos, todo o poder foi tirado deles. Os Maggots tornaram-se suas camas e derramaram sua cobertura (ver v. 11).

Uma das cenas mais inesquecíveis no Antigo Testamento é essa descrição do comitê de acolhimento real de Shed que se elevou fracamente para cumprimentar outro rei quando ele entrou no mundo inferior. Em contraste com a vida paralisada estagnada aqui, o Novo Testamento coloca diante de nós uma esperança viva, que está ancorada em Jesus Cristo, que por sua morte e ressurreição "aboliu a morte e levou a vida e imortalidade a luz através do evangelho" (2 Tim. 1:10). Nós fomos libertados do medo da morte e da espantosa perspectiva de uma eternidade no galpão.

A terceira estória (v. 12-15) especifica o orgulho como a principal causa da queda do tirano. O orgulho é condenado no Antigo Testamento como o mais odioso de todos os pecados (cf. 2: 6-22 ; Gênesis 11: 1-9 ; Ez. 16: 48-50 ; 28: 1-10 ; 31: 1-14). Na lista tradicional dos sete pecados capitais, o orgulho é o primeiro. Em seu arrogante orgulho, o rei da Babilônia procurou ascender ao céu, colocar seu trono sobre as alturas das nuvens e se tornar o Altíssimo. De repente, no entanto, ele foi levado para a vertente, até as profundezas do poço.

Os estudiosos estão convencidos de que o profeta usou uma história mitológica da religião cananeia para ilustrar a queda do rei da Babilônia. A história, preservada em forma fragmentada na literatura ugarita de Ras Shamra, conta como uma divindade *cananeita* menor, *Helal ben Shahar* (Estrela do Dia, filho de Amanhecer), procurou ascender aos céus, sentar-se no monte da assembléia de os deuses no extremo norte (Monte *Zaphon)*, e fazer-se como " *Elyon (Altíssimo)*, o deus principal no panteão cananeu. O orgulho de *Helal ben Shahar* foi frustrado, no entanto, e ele foi derrubado dos céus até as profundezas do Seol.

A inspiração original para esta história veio da própria natureza. Os cananeus observavam como todas as manhãs o planeta Venus se erguia bravamente no leste, apenas para se extinguir mais tarde nos brilhantes raios do sol nascente. Eles viram neste fenômeno natural uma reconstituição diária da luta cósmica entre *Helal* e *'Elyon* .

O escritor profético tomou esta história antiga e retrabalhou-a em sua canção taunt. O rei da Babilônia ainda é referido como "A Estrela da Manhã, filho da Aurora", e Deus é referido como "O Altíssimo". Como o mítico *Helal* , o rei da Babilônia procurou ascender ao céu, para alcançar o status de um ser divino, e até mesmo fazer-se como o Altíssimo. Mas agora ele foi trazido para o Seol, até as profundezas do Poço.

Como Childs apontou, o quadro em que a antiga história cananita foi colocada teve o efeito de historicizar ou "desmistificar". A história de *Helal* tornou-se apenas uma ilustração da queda de um tirano terrestre. No entanto, quando a Vulgata traduziu *Helal* como "Lúcifer", um conceito completamente novo foi introduzido na passagem. Certos comentaristas cristãos primitivos (por exemplo, Tertuliano, Gregório Magno, etc.) interpretaram a passagem à luz de Lucas 10:18 como aplicando-se à prehistoria e à queda de Satanás, o príncipe dos demônios. Esta interpretação recebeu apoio adicional do Inferno de *Dante* e do *Paraíso Perdido de* Milton .Poucos cristãos modernos aceitam essa interpretação, apesar da falta de base bíblica. Como Childs argumentou, fazer isso é reviver uma mitologia já superada no Antigo Testamento. Enquanto o Antigo Testamento leva o pecado a sério e chega ao problema existencial do mal, é singularmente livre de qualquer tentativa de explicar a origem do pecado e do mal, exceto talvez na história de Adão e Eva. Usar esta passagem para identificar a origem do pecado, portanto, é usar mal as Escrituras.

Na quarta strophe (vv. 16-19c), a cena novamente se desloca para a Terra, onde os espectadores curiosos contemplam o corpo do tirano caído e ponderam seu destino. Eles acham absolutamente incrível que alguém que exercesse tal poder na Terra venha a um fim tão ignominioso. Normalmente, quando os reis morreram, foram enterrados com pompa e cerimônia; No entanto, o enterro foi negado a este, e seu corpo foi deixado para apodrecer onde havia caído. A frase que descem às pedras do Poço (v. 19) provavelmente se refere à prática de dar enterro precipitado aos mortos no campo de batalha, lançando pedras sobre seus cadáveres. Este não é o tratamento que deve ser concedido a um rei.

A estória final (v. 19d-21) descreve o legado de ódio que o tirano caído deixa atrás dele. Os homens colocam uma maldição sobre seus filhos para que não sigam os passos do pai. Que legado terrível para um pai legar a seus filhos! Ele alcançou sucesso externo, mas a que custo! Não é de admirar que o mundo tenha celebrado sua morte com ação de graças?

(4) A vassoura de destruição de Deus (14: 22-23)

22 "Eu me levantarei contra eles", diz o SENHOR dos exércitos, "e cortará do nome de Babilônia e remanescente, prole e descendência", diz o SENHOR . 23 E farei dele uma possessão do ouriço e grupos de água, e eu a varrei com a vassoura da destruição, diz o SENHOR dos exércitos ".

Esta conclusão de prosa provavelmente pertence à introdução de prosa do capítulo, ambos foram projetados para mostrar que o poema interveniente deve ser aplicado a Babilônia. A conclusão reitera as ameaças feitas no poema e as aplica especificamente à Babilônia. Deus destruirá completamente a cidade orgulhosa, fazendo com que ele volte para um pantano habitado apenas por ouriços, ou como alguns o renderam, "um assombro de buzinas". O próprio Senhor varrará a cidade com a vassoura da destruição.

2. A Destruição da Assíria (14: 24-27)

Este breve oráculo pertence ao século VIII AC , e pode ser confiado com o próprio Isaías. É tão estreitamente relacionado em estilo e conteúdo ao oráculo anti-assírio

no capítulo 10 que muitos estão convencidos de que os dois foram originalmente unidos, com 14: 24-27 em pé como a conclusão para o oráculo anterior.

O oráculo começa com o Senhor, fazendo um juramento de destruir os assírios na terra de Judá. A provável ocasião para o oráculo foi a invasão de Judá em Sennacherib em 701 AC (cf. Isa. 36-37).

A destruição da Assíria proporcionará alívio não só para Judá, mas também para todas as nações da terra (v. 26). O fardo do oráculo é que a história está sob o controle de Javé, não da Assíria. Esta verdade é enfatizada pela repetição do verbo *ya'ats* , "para o propósito", e seu substantivo derivado'etsah ' , "propósito" ou "conselho" (ver 24 , 26, 27). Como Yahweh planejou e propôs, então será.

3. Atenção à Filostia (14: 28-32)

24 O Senhor dos exércitos jurou:
"Como planejei,
assim será,
e como eu tenho proposto,
assim será,
25 que vou quebrar o assírio na minha terra,
e as minhas montanhas o atropelam debaixo de pé;
e seu jugo se afastará deles,
e seu fardo de seus ombros ".
26 Este é o propósito proposto
sobre toda a terra;
e esta é a mão que está esticada
sobre todas as nações.
27 Porque o SENHOR dos exércitos se propôs,
e quem irá anulá-lo?
Sua mão está esticada,
e quem vai voltar?
28 No ano em que o rei Acaz morreu, veio este oráculo:
29 "Não se alegra, ó Philistia, todos vocês,
que a haste que te feriu está quebrada,
pois da raiz da serpente aparecerá um somador,
e sua fruta será uma serpente voadora.
30 E o primogênito dos pobres se alimentará,
e os necessitados deitam-se em segurança;
mas vou matar sua raiz com fome,
e seu remanescente vou matar.
31 Wail, O gate; chore, cidade de O;

derreta com medo, ó Philistia, todos vocês!
Porque a fumaça sai do norte,
e não há nenhum retardatário em suas fileiras ".
32 O que alguém responderá aos mensageiros da nação?
"O SENHOR fundou Sion,
e nela o afligido de seu povo se encontra em um refúgio ".

A nota editorial no início do oráculo coloca no ano em que o rei Acaz morreu. A data tradicionalmente atribuída à sua morte é de 715 AC , embora alguns tenham argumentado que ocorreu tão cedo quanto 727. A última data coincide com a morte de Tiglath-Pileser III da Assíria. Uma vez que o v. 29 parece implicar que um rei assírio morreu recentemente, mas que seu sucessor ainda não afirmou sua autoridade, a cronologia anterior se torna mais atraente. A única outra vez durante este período em que o trono assírio mudou de mãos foi quando Sargon II conseguiu Shalmaneser V em 722 AC .

Gottwald propôs outra solução para o complicado problema da data. Ele sugere que o oráculo pode ter sido escrito durante o reinado de Shalmaneser ou pouco depois de sua morte e depois usado novamente pelo profeta durante a revolta contra os filisteus contra a Assíria em 715 AC , em que foi recebida a nota sobre a morte de Ahaz .

A rebelião dos filisteus foi liderada pelo governante de Ashdod, auxiliado pelos egípcios. Pouco depois que Ezequias chegou ao trono em Judá, uma tentativa foi feita para persuadi-lo também a se juntar à revolta. O profeta Isaías se opunha amargamente a este curso de ação e expressou expressamente sua oposição caminhando descalço e nu pelas ruas de Jerusalém por três anos (20: 1-6). Sua oposição também é o assunto deste oráculo. Ele não apenas prevê que a revolta falhará (v. 29-31), mas também aconselha Ezequias a dizer aos mensageiros enviados para alistar sua ajuda que Yahweh fundou Sion e será sua defesa certa (v. 32). A clara implicação da passagem é que Judá não precisa depender de segurança em relação a alianças estrangeiras.

4. A Perdição de Moab (15: 1-16: 14)

Esta passagem é difícil de interpretar. A maior parte dele (15: 1-16: 12) descreve uma invasão de Moab por um inimigo sem nome. A descrição da devastação da terra é seguida por um epílogo (16: 13-14), no qual o oráculo anterior é definido como uma profecia anterior contra Moab que deve ser cumprida no espaço de três anos.

A tarefa do intérprete é determinar a configuração, data e autoria do oráculo anterior e do epílogo, e verificar a relação entre os dois. Porque é tão pouco conhecido sobre a história de Moab, isso se torna uma tarefa quase insuperável. A situação é ainda mais complicada pelo fato de que muito de 15: 1-16: 12 reaparece em Jeremias 48: 28-39 , o que sugere que estas podem ser duas recensões do mesmo oráculo.

É possível atribuir o epílogo a Isaías e considerar 15: 1-16: 12 como uma profecia anterior falada por ele ou por algum outro profeta. Alguns consideram esta passagem como uma profecia anônima escrita cerca de 770 AC e lidando com a derrota de Moab por Jeroboão de Israel (2 Reis 14:25). Neste caso, o apelo dos refugiados Moabitas

(16: 1-5) teria sido dirigido ao rei Uzias de Judá. Pensa-se que Isaías subseqüentemente adotou essa profecia anônima, acrescentou um post-script, e aplicou-se à destruição de Moab pelos assírios. A destruição prevista, de acordo com essa visão, foi a que ocorreu sob Sargon em 715.

Uma teoria alternativa foi proposta por Albright, que liga 15: 1-16: 12 com a incursão de tribos árabes no território de Moab entre 652 e 648 AC . De acordo com Albright, portanto, o oráculo foi composto depois do tempo de Isaías, mas antes do de Jeremias. Por causa de seu caráter anônimo e por causa da contínua hostilidade dos judeus em relação aos Moabitas, foi posteriormente incluído entre os oráculos de Isaiah e Jeremiah.

Outra proposta alternativa merece consideração. É possível que o próprio Isaías compôs a maior parte de 15: 1-16: 12 pouco depois de 715 AC , depois que Moab foi invadido por Sargon da Assíria. Seu propósito teria sido expressar seu profundo e genuíno sofrimento sobre a devastação da terra e a situação de seu povo (ver 15: 1-9 ; 16: 8-11). É mesmo possível, como Gottwald sugeriu, que o profeta instou Ezequias a conceder asilo aos infelizes refugiados do ataque assírio (cf. 16: 1-5). O epílogo (16: 13-14) talvez seja entendido como uma nota de papelão adicionada antes da destruição de Moab pelos nabateanos em 650 AC. Também é possível que em uma data posterior certas porções do oráculo de Isaías foram incorporadas no livro de Jeremias (ver Jer. 48: 28-39).

(1) Distress in Moab (15: 1-9)

1 Um oráculo sobre Moab.
Porque Ar é destruído em uma noite
Moab está desfeito;
porque Kir é desperdiçado em uma noite
Moab está desfeito.
2 A filha de Dibon subiu
para os lugares altos para chorar;
sobre Nebo e sobre Medeba
Moab lamenta.
Em cada cabeça é a calvície,
toda barba é despojada;
3 nas ruas, eles se apegam ao saco;
nos telhados e nos quadrados
Cada um lamenta e derrete em lágrimas.
4 Heshbon e Elealeh clamam,
sua voz é ouvida até Jahaz;
portanto, os homens armados de Moab gritam em voz alta;
sua alma treme.
5 Meu coração clama por Moab;

seus fugitivos fogem para Zoar,
para Eglath-shelishiyah.
Para a subida de Luhith
eles vão chorando;
na estrada para Horonaim
eles levantam um grito de destruição;
[6] *as águas de Nimrim*
são uma desolação;
a grama está seca, o novo crescimento falha,
o verdura não é mais.
[7] *Portanto, a abundância que eles ganharam*
e o que eles colocaram
eles carregam
sobre o Brook of the Willows.
[8] *Para um grito se foi*
em volta da terra de Moab;
os gemidos chegam a Eglaim,
Os gemidos chegam a Beer-Elim.
[9] *Porque as águas de Dibon estão cheias de sangue;*
No entanto, vou trazer sobre Dibon ainda mais,
um leão para aqueles de Moab que escapam,
para o resto da terra.

Este breve capítulo consiste em um cântico sobre a queda de Moab. Uma característica notável do dirge é o número extraordinário de nomes de lugares que contém, tornando-se um soma inestimável da geografia de Moabite. É impossível localizar todos os locais mencionados, embora muitos deles sejam conhecidos de outras fontes.

Ar era uma cidade fortificada situada ao sul do rio Amon (Nm 21:15). Kir, também chamado Kir-hareseth (16: 7) e Kir-heres (16:11), e conhecido hoje como el-Kerak, fica no extremo sul de Moab (ver 2 Reis 3:25). A notícia da destruição destas duas cidades espalhadas para o norte através do rio Amon até Dibom, modem Dhiban, onde a Pedra Moabita foi descoberto em AD 1868; a *Nebo,* o site tradicional da morte de Moisés (Deuteronômio 32:49); para Madeba, Medabah moderno, cerca de 15 quilômetros a nordeste de Dibon (Num. 21:30); a Hesbom, a antiga capital do rei Sihon (Núcleo 21: 21-30), e o site do modem Hesban, que fica a cinco quilômetros a nordeste de Nebo; para *Elealeh* , modem *El'al,* cerca de duas milhas ao norte de Hesbbon; e a Jahaz, de localização desconhecida, mas talvez perto de Dibon (Nm 21:23). À medida que as notícias se espalham de cidade em cidade, as pessoas expressaram sua dor de maneira típica oriental, indo até os lugares altos (v. 2) e telhados (v. 3) para chorar, raspando a cabeça e a barba e colocando no saco. Mesmo os homens armados de Moab participaram da lamentação (v. 4).

A parte final do dirge (v. 5-9) conta o vôo apressado dos fugitivos para Zoar, uma cidade situada perto do extremo sul do Mar Morto. A maioria dos lugares mencionados aqui - Eglath-shelishiyah, Luhith, Horonaim, Nimrim, Eglaim e Beer-elim - não podem ser localizados com certeza. O Brook of the Willows (v. 7) foi identificado como o Brook Zered, o modem Wadi el-Hesa, que formou a antiga fronteira entre Moab e Edom. A maioria dos estudiosos acredita que 16: 2 foi extraviado, e que ele pertence diretamente após 15: 9 . Descreve o desamparo das filhas de Moab nos vales do Arnon; eles são comparados com jatos tímidos de repente espalhados de seus ninhos e forçados a voar prematuramente.

(2) Um pedido de refugo (16: 1-5)

1 Eles enviaram cordeiros
ao governante da terra,
de Sela, por meio do deserto,
para o monte da filha de Sião.
2 Como pássaros vibrantes,
como morangos dispersos,
assim como as filhas de Moab
nos vales do Arnon.
3 "Dê conselhos,
conceder justiça;
faça a sua sombra como a noite
ao meio do meio dia;
esconder os marginais,
Não trate o fugitivo;
4 deixe os marginalizados de Moab
permaneça entre vocês;
seja um refúgio para eles
do destruidor.
Quando o opressor não é mais,
e a destruição cessou,
e aquele que pisoteia os pés
desapareceu da terra,
5 então um trono será estabelecido em amor firme
e nela se sentará com fidelidade
na tenda de David
quem julga e busca justiça
e é rápido para fazer justiça ".

Pausando em Sela, uma fortaleza edomita também conhecida como Petra (2 Reis 14: 7), os refugiados moabitas enviaram mensageiros ao governante de Judá em Jerusalém,

solicitando asilo em sua terra. Os mensageiros levaram consigo o presente habitual de cordeiros (v. 1 , ver 2 Reis 3: 4).

A maioria dos estudiosos concorda com os tradutores do RSV que vv. 3-5 contêm o apelo falado dos mensageiros moabitas ao rei de Judá. O versículo 5 , com seus fortes conhecimentos messiânicos, é geralmente considerado como uma tentativa de sua parte de se congratular com o rei ao prever a permanência da dinastia davídica. Outros consideram o versículo como completamente estranho a esse contexto. A posição de Gottwald é única em que ele considera vv. 3-5 como a demanda de Isaías por Judá para receber os refugiados moabitas. Ele vê v. 5 como uma citação de um hino de entronização, que o profeta usou para lembrar a Ezequias que foi através da realização de atos de misericórdia como a concessão de asilo a refugiados políticos que a dinastia davídica seria estabelecida.

(3) Negação da Solicitação (16: 6-7)

6 Nós ouvimos falar do orgulho de Moab,
quão orgulhoso ele estava;
de sua arrogância, seu orgulho e sua insolência -
Suas habilidades são falsas.
7 Portanto, Moabe gagueie,
Deixe cada um lamentar por Moab.
Lamento, totalmente atingido,
para os passarinhos de Kirhareseth.

Estes versículos sugerem que o pedido dos refugiados Moabitas a serem concedidos na terra de Judá foi rejeitado por causa do seu notório orgulho e arrogância. Os bolos de passas referidos no v. 7 foram feitos de uvas prensadas e foram utilizados em festivais religiosos (ver Hos. 3: 1). A implicação é que os deuses de Moabe foram impotentes para libertar a terra da opressão.

(4) Lamentação sobre o Infortúnio de Moab (16: 8-14)

8 Pois os campos de Hesbheim languideceram,
e a videira de Sibmah;
os senhores das nações
derrubaram seus galhos
que chegou a Jazer
e desviou-se para o deserto;
seus brotos se espalham para o exterior
e passou pelo mar.
9 Portanto, eu choro com o choro de Jazer
para a videira de Sibmah;
Eu te enjoo com minhas lágrimas,

O Heshbon e Elealeh;
para o seu fruto e sua colheita
o grito de batalha caiu.
10 E alegria e alegria são tiradas
do campo frutífero;
e nas vinhas não são cantadas músicas,
nenhum grito é levantado;
nenhum treader pisa o vinho nas prensas;
O grito do vintage está silenciado.
11 Portanto, minha alma geme como uma lira para Moab,
e meu coração para Kirheres.
12 E quando Moab se apresenta, quando se cansa no alto, quando ele vem ao seu santuário para rezar, ele não prevalecerá.
13 Esta é a palavra que o SENHOR falou sobre Moab no passado. 14 Mas agora o SENHOR diz: "Em três anos, como os anos de um mercenário, a glória de Moabe será desprezada, apesar de toda a sua grande multidão, e aqueles que sobrevivem serão muito poucos e fracos".

Os versículos 8-11 , como 15: 1-9 , constituem uma fúria sobre a desolação de Moab. O poeta expressa genuína tristeza sobre o estrago das vinhas de Moab. Seu coração responde a sua angústia como as cordas da lira ao toque do músico (v. 11). Moab era famoso por sua viticultura, e a videira de Sibmah aparentemente se tornou um símbolo proverbial de excelência. Com o uso da hipérbole, o profeta descreve a videira de Sibmah como cobrindo toda a terra com suas raízes e galhos e se espalhando para os territórios vizinhos (v. 8). Então, de repente, é ferido (v. 9), e a alegria e a alegria da colheita desaparecem da terra (v. 10). O pathos da passagem é insuperável em toda a poesia do Antigo Testamento.

O versículo 12 é uma nota sombria para o canto profético. Declara que Moab gastará sua força nos lugares altos em uma oração inabalável (ver 15: 2).

A passagem conclui com um epílogo de prosa (v. 13-14), referindo-se ao lamento anterior como uma revelação passada do Senhor e fazendo uma nova previsão de destruição contra Moab. Conforme mencionado acima, o epílogo pode ser datado apenas antes da destruição de Moab pelos Nabateus em 650 AC . A referência a três anos, como os anos de um mercenário, deve ser entendida à luz do costume de contratação contratou trabalho por um determinado período de tempo (ver Deuteronômio 15:18 , Isaías 21:16). Esta é uma maneira apontada de dizer que Moab será reduzido a um resíduo fraco dentro de precisamente três anos.

5. Orações de Ameaça e Promessa (17: 1-14)

O capítulo 17 é composto de oráculos fragmentários com pouca relação aparente um com o outro. É difícil descobrir um tema unificador no capítulo, a menos que seja o tema do julgamento.

(1) A Perdição de Damasco e Efraim (17: 1-6)

1 Um oráculo sobre Damasco.
Eis que Damasco deixará de ser uma cidade,
e se tornará um monte de ruínas.
2 Suas cidades serão desertas para sempre;
eles serão para bandos,
que se deitará, e ninguém os amedrontará.
3 A fortaleza desaparecerá de Efraim,
e o reino de Damasco;
e o restante da Síria será
como a glória dos filhos de Israel,
diz o Senhor dos exércitos.
4 E naquele dia
a glória de Jacob será reduzida,
e a gordura de sua carne crescerá magra.
5 E será como quando o ceifador reúne grãos em pé
e seu braço colhe as orelhas,
e como quando se espalha as orelhas de grão
no Vale de Rephaim.
6 Gleanings serão deixados nele,
como quando uma oliveira é batida -
duas ou três bagas
no topo do galho mais alto,
quatro ou cinco
nos galhos de uma árvore frutífera,
diz o SENHOR Deus de Israel.

A passagem é dirigida apenas a Damasco, mas também está preocupada com o destino de Israel, aqui referido como Efraim (v. 3) e Jacó (v. 4). A maioria dos estudiosos concorda que a passagem é genuinamente isaiânica e que tem como base a aliança síro-efraimítica contra Judá em 735-734 AC . (ver 7: 1-8: 4 ; 9: 8-21). Como esses dois reinos haviam sido parceiros no crime, também seriam parceiros em punição.

O profeta declara que Damasco deixará de existir (v. 1-2) e que a fortaleza desaparecerá de Efraim (v. 3). A última referência, aparentemente, é a fortaleza da cidade de Samaria, a capital do Reino do Norte. A tradução do v. 2 no RSV, que segue a Septuaginta, deve ser preferida à da KJV, uma vez que nenhuma cidade chamada Aroer é conhecida por ter existido na Síria ou em Israel.

A declaração de que o remanescente da Síria será como a glória dos filhos de Israel é explicada no v. 4 , que fala da glória de Jacó (isto é, Israel) sendo reduzida. A morte de Jacob é descrita por três figuras do discurso. Será como uma doença debilitante (v.

4); como a colheita de grãos no vale de Rephaim, um vale apenas a sudoeste de Jerusalém (v. 5); e como as colheitas da colheita de azeitona, quando apenas algumas bagas são deixadas nos galhos superiores (v. 6). A ênfase em toda a seção é sobre a totalidade do julgamento contra a Síria e Israel.

(2) A Restauração do Culto Verdadeiro (17: 7-8)

7 Naquele dia os homens considerarão o seu Criador, e os olhos deles olharão para o Santo de Israel; 8 eles não terão em conta os altares, o trabalho de suas mãos, e eles não olharão para o que seus próprios dedos fizeram, nem o Asherim, nem os altares do incenso.

Talvez o propósito desses versículos seja mostrar os efeitos purificadores e purificadores do julgamento. É declarado que, nos dias seguintes, os homens abandonarão a adoração daquilo que seus próprios dedos fizeram e procurarão ao seu Criador, o Santo de Israel.

De particular interesse é a declaração de que os homens não olharão mais para os Asherim (v. 8). A palavra Aserim é a forma plural do nome de uma deusa amorita ou cananeia adorada em várias partes do antigo Oriente Próximo. Muitos detalhes sobre seu lugar no panteão foram fornecidos pelos Textos Ras Shamra, onde ela figura proeminentemente como a mãe-deusa, amante de El e mãe de setenta deuses, incluindo Baal.

Contando formas singulares e plurais, esta palavra ocorre um total de 40 vezes no Antigo Testamento. O KJV o torna consistente como "arvoredo" ou "bosque", enquanto o RSV o transcreve como "Asherah", "Asher-ahs", "Asheroth" e "Asherim". Nem sempre é possível distinguir entre referências ao Asherah como uma deusa e como um objeto culto. Como objetos cultuais, os Aserim consistiam em postos de madeira erguidos ao lado de um altar (ver Deuteronômio 16:21 , Judg. 6: 25-26). Parecem ter representado a divindade feminina, enquanto que a *massa* , os pilares de pedra, representavam a deidade masculina. A prevalência deste tipo de idolatria é bastante evidente no Antigo Testamento (ver 1 Reis 14:23 ; 2 Reis 17:10 ;23: 4 , 15).

(3) A Futilidade da Idolatria (17: 9-11)

9 Naquele dia, suas cidades fortes serão como os lugares desertos dos heveus e dos amorreus, que desertaram por causa dos filhos de Israel, e haverá desolação.

10 Porque você se esqueceu do Deus da sua salvação,
e não se lembrou da Rocha do seu refúgio;
portanto, você planta plantas agradáveis
e estabeleceu limas de um deus alienígena,
11 embora você os faça crescer no dia em que você os planta,
e faça florescer na manhã que você semeia;
ainda assim a safra fugirá
em um dia de dor e dor incurável.

A grande diferença entre a renderização de v. 9 no KJV e no RSV é devido ao fato de que o último segue a Septuaginta em vez do hebraico. Os heveus e os amorreus estavam entre os habitantes pré-israelitas da terra de Canaã (Êxodo 3: 8). De acordo com o verso 9 , as cidades de Judá tornar-se-ão tão desoladas quanto as dos povos pagãos que eles deslocaram. Uma vez que Judá se tornou como Canaã em sua religião, também se tornará como Canaã em seu destino.

O significado de vv. 10-11 é que o povo de Judá está participando da adoração do deus babilônico Tamuz (cf. Eze. 8:14), também conhecido como Adonis, o deus da vegetação. O culto a esse deus moribundo e crescente incluiu o plantio de jardins cerimoniais, às vezes denominados "jardins Adonis". Em preparação para a festa de Tamuz, realizada na primavera do ano, as mulheres plantariam sementes de rápido crescimento em potes ou cestas. Eles acreditavam que, através da magia simpática, o surgimento das sementes tornaria a vida o deus da vegetação morta. O fato de que as plantas se marchiram logo que surgiram é usado como um lembrete para Judá de que suas esperanças também desaparecerão. A única colheita que ela colherá será uma colheita de dor e dor incurável.

(4) O Raging das Nações (17: 12-14)

12 Ah, o trovão de muitos povos,
Eles tropeçam como o trovão do mar!
Ah, o rugido das nações,
Eles rugem como o rugido de águas poderosas!
13 As nações rugem como o rugido de muitas águas,
mas ele vai repreendê-los, e eles vão fugir longe,
perseguido como palha nas montanhas antes do vento
e poeira girando antes da tempestade.
14 À noite, eis, terror!
Antes da manhã, eles não são mais!
Esta é a porção daqueles que nos despojar,
e muito daqueles que nos saqueiam.

O tema da passagem é a libertação maravilhosa do povo de Deus a partir de um ataque de inimigos hostis. Alguns chegaram à passagem antes de 734 AC , identificando assim as nações atacantes como Síria e Israel (ver 7: 1-2). A maioria dos estudiosos, no entanto, prefere colocar a passagem logo após 701 e identificar o inimigo como o exército assírio, juntamente com contingentes de tropas de nações vassalos (ver 10: 24-34 ; 14: 24-27 ; 37: 21- 36).

Embora as nações reunidas rugam como o trovão do mar, elas são completamente subjugadas à repreensão do Deus de Israel. Eles são perseguidos como palha diante do vento e espalhados como poeira antes da tempestade. À noite, sua presença inspira terror, mas na parte da manhã eles não são vistos mais. A passagem encerra com a afirmação da fé do profeta que sempre será assim com aqueles que buscam despojar e saquear o povo de Deus (Salmo 46).

6. Oraculos relativos à Etiópia e ao Egito (18: 1-20: 6)

O livro de Isaías refere-se à Etiópia e ao Egito quase como se fossem sinônimos. Isso ocorreu porque o Egito foi governado por uma dinastia etíope (a vigésima quinta dinastia) de 715 a 663 AC. NA liderança etíope, o Egito experimentou um ressurgimento do poder e, aparentemente, entretinha esperanças de poder vingar o controle do Oriente Médio dos assírios. Todos os esforços para realizar essas esperanças acabaram em fracasso, no entanto, e a vigésima quinta dinastia chegou ao fim quando os assírios invadiram o Egito e destruíram a capital de Tebas em 663 (ver n . 3: 8-10).

(1) Oracle dirigido aos enviados da Etiópia (18: 1-7)

1 Ah, terra de asas zumbindo
que está além dos rios da Etiópia;
2 que envia embaixadores pelo Nilo,
em vasos de papiro sobre as águas!
Vá, seus rápidos mensageiros,
para uma nação, alta e lisa,
para um povo temido próximo e distante,
uma nação poderosa e conquistadora,
em cuja terra os rios se dividem.
3 Todos vocês habitantes do mundo,
vocês que habitam na terra,
Quando um sinal é levantado nas montanhas, olhe!
Quando uma trombeta é explodida, ouça!
4 Pois assim o Senhor me disse:
"Eu vou olhar silenciosamente da minha morada
como calor claro ao sol,
como uma nuvem de orvalho no calor da colheita ".
5 Para antes da colheita, quando a flor acabou,
e a flor se torna uma uva amadurecida,
ele cortará os rebentos com ganchos de poda,
e os galhos espalhados que ele enlouquecerá.
6 Eles devem ser todos deixados
para as aves de rapina das montanhas
e aos animais da terra.
E as aves de rapina verão sobre elas,
e todos os animais da terra invernarão sobre eles.
7 Naquele tempo, os presentes serão trazidos ao SENHOR dos Exércitos
de um povo alto e liso,
de um povo temido próximo e distante,

uma nação poderosa e conquistadora,
cuja terra os rios se dividem,
para o Monte de Sião, o lugar do nome do
SENHOR dos anfitriões.

O cenário para este oráculo foi a chegada em Jerusalém de um grupo de embaixadores etíopes enviados para alistar a ajuda do rei da Judéia em uma coalizão contra a Assíria. Várias datas foram sugeridas para o oráculo. Gottwald colocaria isso antes de 720 AC , assumindo que apenas naquele momento "o Egito pressionou ativamente a revolta, enquanto que nos levantamentos posteriores sob Sargon e Senaquerib foram os estados sírio-palestinos que imploraram o Egito por ajuda".Esta visão parece ignorar o fato de que os etíopes não tomaram o poder no Egito até 715. A visão de Bright, portanto, parece muito mais defensável. Ele data do oráculo em 714, "logo após a conquista etíope do Egito e antes de seus recuos nas mãos da Assíria". Uma data menos provável seria o período entre 705 e 701, quando Ezequias foi encorajado pela intriga egípcia para se revoltar contra Senaquerib .

Uma característica notável do oráculo é a deferência com que Isaías dirigiu-se aos enviados etíopes. Na linguagem educada da diplomacia, ele os elogia por seus utensílios de papiro, sua aparência física impressionante e sua proeza militar (v. 2). Ao mesmo tempo, ele informou firmemente que eles deveriam deixar Jerusalém e retornar para a terra de onde eles tinham vindo. Ele se opunha claramente à participação de Judá na coalizão que eles propunham.

Ele dá a base da sua oposição na vv. 3-6 , uma seção dirigida não apenas aos etíopes, mas a todos os habitantes da terra. Os homens em todos os lugares são exortados a prestar atenção quando um sinal é levantado nas montanhas e a ouvir quando uma trombeta é explodida. Quando essas coisas acontecerem, o Senhor surgirá para infligir um julgamento súbito e inexorável sobre seus inimigos (v. 5-6). Embora não esteja claro se o inimigo referido é Etiópia ou Assíria, o último parece mais provável.

O coração da mensagem do profeta é encontrado na v. 4 . Em linguagem altamente simbólica, ele pinta uma imagem da serenidade e auto-contenção do Deus de Israel. Em contraste com os etíopes, que se propuseram a progredir de uma só vez e a qualquer custo, a queda da Assíria, ele se aproxima calmamente de seu tempo - "desapontante, despreocupado e silencioso como leve". Dois símiles são usados para descrever sua calma imperturbável. Ele é como um calor claro ao sol, uma referência ao olhar intolerável do sol de verão ao meio-dia; e ele é como uma nuvem de orvalho no calor da colheita, uma descrição das nuvens brancas imponentes que enchem o céu palestino no verão, transmitindo a impressão de altura infinita. Não há mais uma descrição vívida da transcendência de Deus em toda a literatura do Antigo Testamento.

O verso 7 às vezes foi considerado como uma adição posterior ao oráculo, embora os motivos citados em apoio desta visão sejam altamente subjetivos. O versículo repete a descrição dos etíopes dada em v. 2 , e prediz que, após o tempo do julgamento, eles chegarão ao monte de Sião para prestar homenagem ao Senhor dos exércitos. Há alguma indicação de que o versículo pode ter influenciado os esforços mais recentes dos judeus no proselitismo (cf. Atos 8:27 f.).

(2) A Perdição do Egito (19: 1-15)

1 Um oráculo sobre o Egito.
Eis que o SENHOR está andando em uma nuvem rápida
e vem para o Egito;
e os ídolos do Egito tremerão diante de sua presença,
e o coração dos egípcios se derreterá dentro deles.
2 E agitaremos egípcios contra egípcios,
e eles vão lutar, cada homem contra seu irmão
e todo homem contra o próximo,
cidade contra cidade, reino contra reino;
3 e o espírito dos egípcios dentro deles será esvaziado,
e eu vou confundir seus planos;
e eles vão consultar os ídolos e os feiticeiros,
e os médiuns e os feiticeiros;
4 e eu darei sobre os egípcios
na mão de um mestre duro;
e um rei feroz governará sobre eles,
diz o Senhor, o Senhor dos exércitos.
5 E as águas do Nilo serão secas,
e o rio estará seco e seco;
6 e seus canais ficarão sujos,
e os ramos do Nilo do Egito diminuirão e secarão,
juncos e juncos vão apodrecer.
7 Haverá lugares nuas pelo Nilo,
à beira do Nilo,
e tudo o que é semeado pelo Nilo vai secar,
ser afastado e não ser mais.
8 Os pescadores lamentarão e lamentarão,
Todos os que criaram o Nile;
e eles vão languir
que espalhou redes sobre a água.
9 Os trabalhadores do linho penteado estarão desesperados,
e as tecelãs de algodão branco.
10 Aqueles que são as colunas da terra serão esmagados,
e todos os que trabalham para contratar serão sofridos.
11 Os príncipes de Zoan são totalmente tolos;
os sábios conselheiros do faraó dão conselhos estúpidos.
Como você pode dizer ao faraó,

"Eu sou um filho do sábio,
um filho de reis antigos "?
12 Onde então são os homens sábios?
Deixe-os dizer-lhe e dar a conhecer
o que o SENHOR dos exércitos se propôs contra o Egito.
13 Os príncipes de Zoan tornaram-se tolos,
e os príncipes de Memphis são enganados;
aqueles que são as pedras angulares de suas tribos
desviaram o Egito.
14 O Senhor se misturou dentro dela
um espírito de confusão;
e eles fizeram o Egito cambalear em todas as suas ações
Enquanto um homem bêbado cambaleia em seu vômito.
15 E não haverá nada para o Egito
que cabeça ou cauda, ramo de palmeira ou cana, podem fazer.

Este oráculo poético com sua flagrante condenação do Egito pode ser confiado com o próprio Isaías. Um dos temas recorrentes em sua pregação foi a loucura de confiar na ajuda do Egito (cf. 20: 1-6 ; 30: 1-7 ; 31: 1-3).

Em três breves strophies, o profeta descreve a completa dissolução da nação traiçoeira. A primeira estrofe (v. 1-4) começa com uma descrição do Senhor que anda sobre uma nuvem rápida quando ele vem para julgar o Egito (cf. Salmos 18: 10-11 ; 68: 4 , 104: 3). À sua aproximação, a consternação aproveita os ídolos da terra e os que os adoram (v. 1). O verso 2 refere-se às guerras civis que arrasaram a terra antes do estabelecimento da vigésima quinta dinastia (etíope) em 714 AC . A resposta dos egípcios à crise nacional consistiu em um esforço frenético, mas inútil, para obter ajuda, consultando o ídolos, feiticeiros; os médiuns e os feiticeiros (v. 3). No final, no entanto, os egípcios foram entregues na mão de um mestre duro. Isso pode referir-se ao Piankhi etíope, que conquistou o Egito em 714 AC , ou ao Assyriano Esarhaddon, que invadiu o Egito e ocupou Memphis em 671. Por outro lado, Isaías pode não ter tido qualquer pessoa em particular quando falou essas palavras.

A segunda estrofe (vv. 5-10) descreve o desastre mais terrível que poderia ultrapassar a terra do Egito, a saber, a secagem do rio Nilo. Com exceção das águas do Nilo, o Egito não seria mais do que uma extensão para o leste do grande deserto do Saara. O profeta retrata o colapso completo da economia da terra com a secagem do rio. Um odor nocivo enche o ar como juncos e corre apressado (v. 6). As plantas semeadas à margem do rio secam e são destruídas (v. 7). As indústrias de pesca e têxtil estão paralisadas (vv. 8-9). O texto da versão 10 sofreu muito na transmissão e não é facilmente traduzido. Parece, no entanto, referir-se ao desemprego generalizado com as suas misérias.

A terceira estória (v. 11-15) descreve o fracasso dos sábios venerados do Egito para dirigir a nação em um caminho direto.

Em vez disso, eles dão um conselho estúpido, de modo que os governantes são enganados e a terra é desviada. Sob tais circunstâncias, a nação serpenteia e cambaleia como um homem bêbado (v. 14). A situação é tão irremediavelmente confusa que nem alta nem baixa são capazes de remediar (v. 15).

O profeta designa duas cidades egípcias como sendo sob o domínio de príncipes singularmente estúpidos. O primeiro, Zoan, também conhecido como Tanis e como Raamses (Ex 1:11), estava localizado na região do delta perto da fronteira oriental (ver Números 13:22 ; Ezequiel 30:14). O segundo, Memphis, também conhecido como Noph (ver Jeremias 2:16 ; Ezequiel 30:13 ; Hos. 9: 6), estava situado na margem esquerda do Nilo, perto do local do Cairo moderno. Sua necrópole incluiu as famosas pirâmides de Gizeh. Ambas as cidades tiveram a honra de servir como capital do Egito.

(3) A conversão do Egito e da Assíria (19: 16-25)

16 Naquele dia, os egípcios serão como as mulheres, e tremerão de medo diante da mão que o SENHOR dos exércitos tem sobre eles. 17 E a terra de Judá se tornará um terror para os egípcios; Todo aquele a quem se menciona temerá por causa do propósito que o SENHOR dos Exércitos se propôs contra eles.

18 Naquele dia haverá cinco cidades na terra do Egito, que falam a língua de Canaã e juram fidelidade ao SENHOR dos exércitos. Um deles será chamado de Cidade do Sol.

19 Naquele dia haverá um altar ao SENHOR no meio da terra do Egito, e uma coluna ao SENHOR na sua fronteira. 20 Será sinal e testemunho do SENHOR dos exércitos na terra do Egito; Quando clamam ao SENHOR por causa dos opressores, ele os enviará um salvador, e os defenderá e os livrará. 21 E o SENHOR SE dará a conhecer aos egípcios; e os egípcios conhecerão o SENHOR naquele dia e adorarão com sacrifícios e holocaustos, e farão votos ao SENHOR e executá-los- ão . 22 E o SENHORvai ferir o Egito, ferir e curar, e eles voltarão para o SENHOR , e ele ouvirá as suas súplicas e as curará.

23 Naquele dia haverá uma estrada do Egito para a Assíria, e os assírios irão para o Egito, e os egípcios na Assíria, e os egípcios adorarão com os assírios.

24 Naquele dia, Israel será o terceiro com o Egito e a Assíria, uma benção no meio da terra, 25 a quem o SENHOR dos exércitos abençoou, dizendo: "Bendito seja o Egito, meu povo, e Assíria, obra das minhas mãos, e Israel minha herança ".

Esta seção é composta por cinco breves oráculos, cada um dos quais começa com a fórmula nesse dia. A maioria dos estudiosos é de opinião de que esses oráculos se originaram no período pós-xilico, talvez até 300 AC . Esta opinião baseia-se na forma de prosa em que os oráculos são moldados, juntamente com as diferenças de estilo, linguagem e assunto entre eles e seu contexto. Esta visão não foi incontestada, no entanto, e Gottwald argumentou que seria difícil imaginar que eles tenham sido escritos depois da destruição do Império Assírio em 609 AC. Gottwald propõe que os nomes

Egito e Assíria sejam tomados em seu literal sentido histórico e não como palavras de código apocalípticas para poderes posteriores.

O primeiro oráculo (v. 16-17) é de natureza condenatória, descrevendo o medo abjecto que irá conquistar os egípcios quando o Senhor apertar sua mão sobre eles (ver 11:15 ; Zacarias 2: 9). A própria menção da terra de Judá atingirá terror em seus corações, por causa do propósito que o Senhor dos exércitos projetou contra o Egito (v. 17 , ver v. 12).

O versículo 18 prediz que naquele dia haverá cinco cidades no Egito que falam a língua de Canaã (ou seja, Heb \.) E jurar lealdade a Javé. Uma das cidades é chamada de Cidade do Sol. Em vez de "sol" (*querido*), o texto Masoretic lê "destruição" (*heres*). A maioria dos estudiosos acredita que o "sol" foi a leitura original, indicando talvez Heliópolis, uma das cidades mais antigas do Egito, situada perto do extremo sul do delta do Nilo, e que isso foi deliberadamente alterado para ler "destruição" por escribas palestinos que eram opor-se ao reconhecimento de qualquer culto culto de Javé além das fronteiras de Israel. A Septuaginta lê a Cidade da Justiça.

O problema crucial na interpretação do v. 18 é se se refere aos egípcios que se voltam para a língua e a religião dos judeus ou para os judeus que, ao viverem no Egito, continuam a falar sua língua materna e adoram o Deus de seus pais . A posição aqui colocada é que a primeira alternativa é preferida. Este oráculo, portanto, reflete o espírito missionário do Antigo Testamento no seu melhor. Em tons ousadamente universalistas, anuncia o dia em que haverá um giro significativo para Yahweh na terra do Egito.

O terceiro oráculo (v. 19-22) afirma inequivocamente que Yahweh será adorado no Egito pelos egípcios. Já antecipa a criação de um altar para Yahweh e a participação egípcia completa no culto de Yahweh.

Este oráculo está mergulhado na terminologia da aliança, embora a própria palavra aliança não apareça. Uma coluna colocada na fronteira do Egito torna-se um sinal e um testemunho do Senhor (v. 19 f .), Sugerindo os sinais que normalmente acompanhavam o estabelecimento formal de uma aliança (ver Gn 9:12 f .; 17 : 11 ; 31:44). A promessa de que, quando os egípcios sejam oprimidos e clamem ao Senhor, ele enviará um salvador para os livrar, lembra a libertação de Israel no Êxodo e nos dias dos juízes (ver Ex. 3: 7-10 ; Juízo 2 : 16-19). A comunicação do conhecimento do Senhor, como prometeu ao Egito (v. 21), também geralmente ocorre dentro de uma relação de aliança (ver Jeremias 31:34 , Hos. 2:20). A própria maneira pela qual o Senhor se propõe lidar com o Egito, golpeando-a e curando-a (v. 22) é uma reminiscência da maneira pela qual ele lidou com Israel rebelde. Para todos os propósitos práticos, portanto, o profeta está descrevendo uma relação de aliança entre o Egito e o Senhor.

A característica mais surpreendente da passagem é a sua proposta de que haja um altar para o Senhor no meio da terra do Egito (v. 19). A teoria de que o profeta tinha em mente o estabelecimento de um santuário onde os judeus que viviam no Egito para adorar a Javé é contrariada pela v. 21 , que especifica que os adoradores são egípcios. Além disso, é duvidoso que o profeta tenha defendido o estabelecimento de um santuário onde os judeus possam adorar fora da terra de Canaã.

O fato de que uma guarnição de mercenários judeus em Elefantina no Alto Egito tivesse erguido um templo para Yahweh já em 525 AC. Parece não estar relacionado com a interpretação da presente passagem, pois seu templo era destinado somente para judeus e não para egípcios . Josefo nos informa que um segundo templo também foi construído em Leontopolis em 160 pelo exilado sumo sacerdote Onias IV, que procurou justificar sua ação apelando para a previsão em 19:19 . Este templo também era destinado apenas para judeus.

O quarto oráculo (v. 23) menciona uma estrada que se estende do Egito para a Assíria, permitindo assim que os dois vizinhos mais poderosos de Israel tenham relações interpessoais um com o outro e se juntem ao culto de Yahweh. Esta rodovia intercontinental passaria, necessariamente, pela terra de Israel, como as estradas entre a Ásia e a África sempre fizeram. Aqueles que se recusam a reconhecer qualquer ênfase missionária nessa série de oráculos interpretam este versículo para significar que uma rodovia será construída para permitir que os judeus que vivem no Egito e na Assíria façam peregrinações religiosas a Jerusalém.

O oráculo final (v. 24 f .) Foi descrito como "a palavra mais universal na profecia". Sublimemente, diz-se que o Egito e a Assíria ocuparão seu lugar ao lado de Israel como os povos de Deus. Quando esse dia chegar, Israel será uma benção no meio da terra ou, como o NEB lê, "no centro do mundo". Isso não deve ser interpretado como significando que Israel será considerado superior ao Egito ou Assíria. Em vez disso, isso significa que a promessa antiga de Deus de que, em Abraão e sua semente, todas as famílias da terra sejam abençoadas (Gênesis 12: 1-3) serão agora cumpridas.

O tema da bênção continua no v. 25 . O Senhor abençoa cada membro da nova confederação das nações ao conferir-lhe um nome especial. O Egito é chamado meu povo, Assíria, o trabalho de suas mãos, e Israel, minha herança. Não há indícios de que esses títulos estejam listados "em uma ordem ascendente de afeição divina", como um comentarista judeu afirmou. Na verdade, todos os títulos são aplicados em outros lugares exclusivamente a Israel (ver Ex. 3:10 ; 5: 1 ; Salmo 74: 2 ; . Is 1: 3 ; 10: 1 ; 60:21 ; 64: 8 ; Joel 3: 2). O caráter revolucionário do oráculo torna-se ainda mais evidente quando se lembra que o Egito e a Assíria eram as duas nações mais temidas e odiadas pelos antigos israelitas.

(4) Um sinal contra o Egito e a Etiópia (20: 1-6)

1 No ano em que o comandante em chefe, enviado por Sargom, rei da Assíria, veio a Ashdod e lutou contra ele e aceitou: 2 naquele tempo o SENHOR falou por Isaías, filho de Amoz, dizendo: " Vá, e solte o saco de seus lombos e tire seus sapatos de seus pés ", e ele fez isso, andando nu e descalço. 3 O SENHOR disse:" Como meu servo Isaías andou nu e descalço por três anos como um sinal e um presságio contra o Egito e a Etiópia, 4 assim o rei da Assíria levará os egípcios cativos e os exilados etíopes, jovens e velhos, nus e descalços, com nádegas descobertas, para a vergonha do Egito. 5Então ficará consternado e confundido. causa da Etiópia, sua esperança e do Egito, jactânios. 6 E os habitantes desta costa-terra dirão naquele dia: "Eis que é o

que aconteceu com aqueles em quem esperávamos e a quem fugimos para obter ajuda do rei da Assíria! E nós, como devemos nós escapamos? '"

A palavra do Senhor no Antigo Testamento é comunicada não apenas pelas palavras dos profetas, mas também pelos seus atos simbólicos. Os profetas às vezes sentiram-se constrangidos a realizar algumas ações bastante estranhas, cuja realização constituía uma categoria de profecia promulgada ao lado e servindo para reforçar a profecia falada.

Um dos exemplos mais marcantes deste tipo de profeção promulgada foi a caminhada de Isaías pelas ruas de Jerusalém, nua e descalça pelo espaço de três anos (v. 2). O profeta fez isso para dramatizar o destino que aguardava o Egito e a Etiópia nas mãos dos assírios (v. 3-4), e também para convencer Ezequias e o povo de Judá da futilidade de confiar no Egito (vv. 5 -6).

Por uma combinação afortunada de circunstâncias, é possível fechar a passagem com precisão. O versículo 1 menciona o fato de que o ato simbólico do profeta foi interpretado para o povo de Judá no ano em que Ashdod caiu nas mãos do comandante em chefe de Sargão, o rei da Assíria. Este evento é conhecido por ter ocorrido em 711 AC , como evidenciado pelas próprias inscrições de Sargon (ANET , p. 286 f.).

O registro de Sargon conta como a cidade filisteu de Ashdod se engajou em uma longa série de atos rebeldes que finalmente levaram à captura e à deportação de seus cidadãos. Foi encorajado em sua revolta pela promessa de apoio do Egito, que estava então sob o domínio dos faraós da Vigésima quinta dinastia (etíope) (19: 1-15). O início da revolta geralmente está datado em 714 AC.Assumir que Isaiah começou seu estranho "sermão andante" ao mesmo tempo, ele teria conseguido completar seus três anos antes de Ashdod ter caído. O propósito por trás de sua ação simbólica era impedir ou desencorajar a participação de Judá na revolta. Seus esforços aparentemente se encontraram com sucesso, pois Sargon não menciona que medidas punitivas foram tomadas contra Jerusalém. A destruição que Isaías previu para o Egito não aconteceu até 663, muito depois da morte do profeta.

7. A Queda de Babilônia (21: 1-10)

[1] O oráculo sobre o deserto do mar.
À medida que os redemoinhos no Negeb varrem,
Ele vem do deserto,
de uma terrível terra.
[2] Uma visão severa é contada para mim;
o saqueador saqueia
e o destruidor destrói.
Suba, O Elam,
sitiar o O Media;
todos os suspiros que ela causou
Eu acabei.
[3] Portanto, meus lombos estão cheios de angústia;

as dores me apreenderam,
como as dores de uma mulher em trabalho de parto;
Estou inclinado para que eu não possa ouvir,
Estou com raiva de modo que não consigo ver.
4 Minha mente revolve, horror me horrorizou;
o crepúsculo que desejei
foi virado para mim em tremores.
5 Eles preparam a mesa,
eles espalharam os tapetes,
eles comem, eles bebem.
Levante-se, ó príncipes,
Elimine o escudo!
6 Pois assim o Senhor me disse:
"Vá, defina um vigia,
Deixe-o anunciar o que vê.
7 Quando ele vê cavaleiros, cavaleiros em pares,
pilotos em asses, cavaleiros em camelos,
deixe-o ouvir diligentemente,
muito diligentemente. "
8 Então o que viu gritou:
"Em cima de uma torre de vigia, eu fico de pé, ó Senhor,
continuamente de dia,
e na minha postagem eu estou estacionado
noites inteiras.
9 E, eis aqui, venha cavaleiros,
cavaleiros em pares! "
E ele respondeu:
"Caído, caído é Babilônia;
e todas as imagens de seus deuses
ele caiu no chão ".
10 O meu trançado e vomitado,
O que ouvi do Senhor dos exércitos,
Deus de Israel, eu te anuncio.

A passagem é lançada sob a forma de uma visão dramática anunciando a queda de Babilônia (v. 9) antes das forças combinadas de Elam e Media (v. 2). Geralmente é interpretada como de origem pós-látil e como se referindo à captura de Babilônia por Cyrus em 539 AC .

O fato de que o profeta está aparentemente cheio de angústia sobre o anúncio da queda de Babilônia (v. 3-4) levou alguns a buscar uma data alternativa para a visão. Crucial para a interpretação da visão é a questão de saber se um profeta israelita do período exilic teria expressado um sofrimento sobre a queda esperada desse antigo inimigo. Aqueles que negam que ele teria feito, tentam namorar a visão no período preexilic, numa época em que a derrota de Babilônia colocaria a nação judaica em séria ameaça.

Bright sugeriu que tal situação existisse em 689 AC , momento em que Senaquerib tomou a Babilônia, devastou-a e levou a estátua de Marduk para a Assíria. De acordo com a visão de Bright, o destruidor deve ser identificado como a Assíria, contra a qual Babilônia e seus aliados, os elamitas e os medos, estão em revolta (v. 2). Os governantes de Judá, portanto, têm esperança de que Babilônia surja o vencedor e que o poder da Assíria seja quebrado, mas o profeta sabe que suas esperanças estão condenadas ao desapontamento. Para ele, revelou-se que o destruidor (Assíria) continuará destruindo (v. 2). Portanto, ele considera que qualquer celebração da vitória da Babilônia é prematura (v. 5). Quando os caravanas itinerantes trazem finalmente a trágica notícia da queda de Babilônia (v. 9), ele está cheio de angústia (v. 3-4). Torna-se muito útil para aconselhar as pessoas sitiadas de Judá que seu aliado foi esmagado e que não há nenhum alívio à vista para eles (v. 10).

Embora esta interpretação permita atribuir o oráculo a Isaías, e não a um profeta anônimo do período exilic, isso, no entanto, levanta uma série de problemas. Identifica o destruidor de v. 2 como Assíria, e ignora a última parte do verso, o que aparentemente promete que os suspiros causados pelo destruidor logo serão levados ao fim. Além disso, como Wrightdemonstrou recentemente, é concebível que um profeta possa pronunciar uma sentença de juízo sobre uma nação estrangeira, ao mesmo tempo que mostra "profundidade real de sentimento, mesmo de compaixão", em relação a ela. O peso da evidência, portanto, apoia a ver que a visão pressupõe o surgimento da Babilônia como potência mundial, a subjugação do povo judeu pelos babilônios e a queda iminente da Babilônia antes das forças combinadas de Elam e Media. Isso indicaria uma data em torno de 539 AC

Lindblom classificou o oráculo como uma visão dramática, ou seja, em que várias pessoas aparecem e representam suas partes, como em um drama. À medida que a visão começa, o profeta ouve um barulho, como o barulho dos redemoinhos que varrem o deserto (v. 1). Uma visão é então conhecida por ele, uma visão severa (v. 2 , ver Ex. 1:14 ; 6: 9 ; 18:26 ; 1 Reis 12: 4 ; Isaías 14: 3 ; 19: 4 ; 27 : 1 ; 8 ; 48: 4). Foi talvez a maneira pela qual a visão foi dada em vez da mensagem que transmitiu, que encheu o profeta com medo e tremor (vv. 3-4).

O profeta vê o constante estrago causado por alguém que é identificado apenas como o saqueador e o destruidor (v. 2). Ele então ouve uma voz que comanda Elam e Media para ir no ataque. À medida que a cena muda, ele vê um salão de banquete real, talvez na Babilônia, onde o banquete é de repente interrompido por um apelo às armas (v. 5 , cf. Dan 5).

Neste ponto, encontra-se uma visão secundária dentro da visão principal. A visão secundária está aparentemente estabelecida em Jerusalém. O profeta é informado para postar um vigia para aguardar um importante anúncio (vv. 6-7). É evidente a partir do

contexto que o vigia não é outro senão o próprio profeta, que em seu estado de êxtase pode falar de si mesmo como se fosse outra pessoa. O sinal que ele deve aguardar é a chegada de caravanas itinerantes (v. 7). Ele cuida para eles dia e noite (v. 8), e quando eles finalmente aparecem, ele proclama ao povo sitiado de Judá a boa notícia de que Babilônia caiu (versos 9-10) , Apocalipse 14: 8 ; 18 : 2). O oráculo termina com a solene afirmação do profeta de que a palavra que ele falou é uma palavra autêntica do Senhor.

8. Futuro incerto de Edom (21: 11-12)

11 O oráculo sobre Dumah.
Um está me chamando de Seir,
"Vigia, qual a da noite?
Vigia, qual a da noite?"
12 O vigia diz:
"A manhã vem, e também a noite
Se você perguntar, pergunte;
volte novamente."

Este breve oráculo é dirigido a Dumah, um nome usado em outro lugar no Antigo Testamento para designar uma tribo árabe descendente de Ismael (cf. Gn 25:14 ; 1 Crônicas 1:30). Em vez de Dumah, a Septuaginta lê "Edom". Esta identificação é indubitavelmente correta, pois é apoiada pela referência adicional a Seir, que é outra designação para a nação edomita (ver Gênesis 32: 3 ; Josué 24: 4).).

Não há nada dentro do próprio oráculo para indicar sua data precisa, embora geralmente seja atribuído ao mesmo período que o oráculo anterior, ou seja, antes da queda da Babilônia. As fortunas de Edom estiveram intimamente ligadas com as da Babilônia desde os dias pré-existentes. Ela havia apoiado as tropas de Nabucodonosor em seu ataque contra Jerusalém em 587 AC (cf Obad 10-14). Em troca de seu apoio, ela tinha sido concedida parte do território que antigamente pertencia a Judá e a Israel (cf. Eze. 35: 10-12 , 15 ; 36: 5). Ela naturalmente teria ficado apreensiva com seu próprio futuro, pois os relatos da queda iminente da Babilônia ficaram mais generalizados.

Assume-se que o oráculo atual foi entregue no contexto da ameaçada derrota da Babilônia. O profeta, que é descrito como se fosse um observador colocado sobre uma muralha da cidade, recebe um pedido urgente de Edom para um relatório sobre o estado atual dos assuntos mundiais. Como os assuntos surgiram de seu ponto de vista? Vigia, qual a da noite?

A resposta do profeta era obscura e ambivalente. Ele relatou sinais da manhã, mas também da noite. Isso sugere que ele não recebeu nenhuma palavra clara do Senhor no que diz respeito ao que o futuro poderia ter para Edom. Tudo o que ele podia fazer era sugerir que eles voltassem mais tarde e perguntem novamente.

9. A condenação de Dedan e Kedar (21: 13-17)

13 O oráculo sobre a Arábia.
Nos macios da Arábia você abriga,

O caravanas de Dedanitas.
14 Para os sedentos trazem água,
conheça o fugitivo com pão,
O habitantes da terra de Tema.
15 Pois eles fugiram das espadas,
da espada desenhada,
do arco curvado
e da imprensa de batalha.
16 Pois assim, o Senhor me disse: "Dentro de um ano, de acordo com os anos de um mercenário, toda a glória de Kedar chegará ao fim; 17 e o restante dos arqueiros dos valentes dos filhos de Kedar será pequeno; Porque o SENHOR , o Deus de Israel, falou ".

Não há como determinar a data precisa deste oráculo ou identificar os eventos a que se refere. Alguns sugeriram que pertence ao período das invasões assírias do Oriente Médio na última parte do século VIII. Outros relacionariam isso com as invasões árabes que ocorreram cerca de 650 AC. Outros citam Jeremias 49: 28-30 como evidência de que pertence ao período das incursões de Nabucodonosor na área.

Os Dedanitas eram uma importante tribo nómada de comerciantes que percorriam o deserto árabe a cerca de 250 milhas a sudeste do Mar Morto (Gênesis 10: 7 ; 25: 3 ; Jeremias 25:23 ; Ez. 25:13 ; 27:20 ; 38:13). Neste oráculo, eles são descritos como tendo sido forçados a fugir do assentamento de seus oásis e se refugiarem no deserto devido à invasão de seus territórios (v. 13 , 15). Os habitantes de Tema, uma importante estação de caravanas localizada a cerca de 50 quilômetros a nordeste de Dedan, na estrada de Damasco (ver Gênesis 25:15 ; Jó 6:19 ; Jeremias 25:23)são convidados a ajudar os Dedanitas fugitivos com pão e água (v. 14).

A conclusão da prosa para a passagem (v. 16-17) fala da destruição que vem de Kedar, outra tribo do deserto intimamente associada a Dedan e Tema (Gênesis 25:13 ; Isaías 42:11 ; 60: 7 ; Jer 49: 28-33 ; Ez. 27: 20-21). O tempo da destruição é definido como um ano a partir do momento da entrega do oráculo, "de acordo com os anos de um mercenário" (ver 16:14). Isso define o limite de tempo precisamente um ano, uma vez que um mercenário não funcionaria mais do que o contrato exigido. Não há razão para a palavra de julgamento contra Kedar. Sugeriu-se que ela talvez fosse responsável pela situação dos Dedanitas. Os kedaritas foram derrotados primeiro pelos assírios e mais tarde pelos babilônios. Não está claro para qual dessas destruições a passagem tem referência.

10. Revelry on Eve of Disaster (22: 1-14)

O contexto da passagem deve ser buscado na crise assíria de 701 AC (cf. 1: 5-9 ; 36: 1-37: 38). Esta seção talvez represente a última mensagem gravada de Isaiah antes de sua morte. É expressado a desilusão que sentiu quando se aproximou do fim de seu ministério (cf. 6: 9-12). Por causa da convicção expressa de que os habitantes de Jerusalém, finalmente, pecaram além de toda possibilidade de perdão (v. 14), a passagem foi denominada "a mais pessimista de todas as profecias de Isaías".

(1) Uma Cidade Tumultuosa (22: 1-4)

1 O oráculo sobre o vale da visão.
O que você quer dizer que você subiu,
todos vocês, para os telhados,
2 vocês que estão cheios de gritos,
Cidade tumultuada, cidade exultante?
Os mortos não são mortos com a espada
ou morto na batalha.
3 Todos os seus governantes fugiram juntos,
Sem o arco foram capturados.
Todos vocês que foram encontrados foram capturados,
embora tenham fugido muito longe.
4 Por isso, eu disse:
"Olhe para longe de mim,
Deixe-me chorar lágrimas amargas;
não trabalhe para me consolar
pela destruição da filha do meu povo ".

Esses versos descrevem a reação do profeta à celebração turbulenta que aconteceu em Jerusalém logo após Senaquerib levantar o cerco da cidade em 701 AC . Os homens de Jerusalém subiram até os telhados, cheios de gritos. Isaiah testemunhou seu abandono selvagem com um coração pesado. Ele lembrou-lhes que a sua conduta durante o cerco era um pouco menos do que louvável. Os mortos não caíram na batalha, mas foram capturados e executados enquanto tentavam escapar.

O profeta ficou desapontado com o fato de que a retirada dos assírios não conseguiu impressionar o povo de Jerusalém pela necessidade do arrependimento e da vida justa. Apesar das dificuldades que sofreram, ainda eram insensíveis às verdadeiras exigências de Deus. No meio de suas festas ligeiras, portanto, ele pediu para ser deixado em paz para que ele pudesse chorar lágrimas amargas por sua destruição.

(2) Uma cidade sitiada (22: 5-11)

5 Porque o SENHOR Deus dos exércitos tem um dia
de tumulto e pisoteio e confusão
no vale da visão,
uma batida de paredes
e um grito para as montanhas.
6 E Elam sopra a aljava
com carros e cavaleiros,
e Kir descobriu o escudo.
7 Seus vales mais elegantes estavam cheios de carros,

E os cavaleiros se posicionaram na porta.
[8] Ele tirou a cobertura de Judá.
Naquele dia, você olhou para as armas da Casa da Floresta, [9] e você viu que as violações da cidade de Davi eram muitas, e você reuniu as águas da piscina inferior, [10] e você contou as casas de Jerusalém, e Você quebrou as casas para fortalecer a parede. [11] Você fez um reservatório entre as duas paredes para a água da piscina antiga. Mas você não olhou para aquele que o fez, ou tenha em conta o que o planejou há muito tempo.

Estes versos foram aparentemente falados em retrospectiva. Neles, o profeta analisa os acontecimentos que aconteceram durante o cerco de Jerusalém. O cerco é descrito por uma série de sons hebraicos semelhantes como um dia de tumulto (*m[e]humah*) e pisoteio (*m[e]busah*) e confusão (*m'bukah*). O vale da visão pode se referir a Jerusalém ou a um dos vales que se aproximam, talvez o vale de Hinnom, já que as palavras Hinnom e visão são bastante semelhantes em hebraico. Elam e Kir (2 Reis 16: 9 ; Amós 1: 5 ; 9: 7) são mencionados porque suas tropas lutaram ao lado dos assírios durante o cerco de Jerusalém. Os exércitos atacantes cercaram a cidade e assim expuseram sua indefesa (vv 7-8a). O profeta repreende os habitantes de Jerusalém e seu rei por terem respondido à crise trabalhando febrilmente para fortalecer as defesas da cidade, mas sem tomar conselho de Deus (v. 8b-ll).

Em preparação para o cerco, as pessoas armazenaram armas, repararam e fortificaram o muro da cidade, e tomaram medidas para proteger seu abastecimento de água. A Casa da Floresta era um arsenal construído em Jerusalém por Salomão, cujo nome era derivado do fato de que seu telhado era apoiado por fileiras de pilares de cedro (ver 1 Reis 7: 2 ; 10:17). Este armazém foi aparentemente reabastecido com armas. Para fortalecer as muralhas da cidade, as pessoas derrubaram várias casas e reutilizaram suas pedras para esse fim. O abastecimento de água foi assegurado pela construção de um reservatório entre as duas paredes para receber a água da piscina antiga, uma referência aparente ao túnel que Heze-kiah causou cortar a rocha sólida de Ophel por quase um terço de uma milhas para levar as águas de Gihon a um reservatório dentro da cidade (2 Reis 20:20).

O profeta parece não ter condenado a preparação militar como tal, mas sim o espírito em que foi empreendida. Os homens de Jerusalém haviam agido como se o resultado da luta dependesse unicamente de seus próprios planos e manobras. Para o profeta, tal atitude não era senão outro exemplo do ateísmo da força, a substituição do poder do homem pelo poder de Deus (cf. 37: 23-29).

(3) Uma Chamada Não Reclamada para o Arrependimento (22: 12-14)

[12] Naquele dia, o SENHOR Deus dos Exércitos
chamado a chorar e luto,
à calvície e cintura com saco;
[13] e eis alegria e alegria,
matando bois e matando ovelhas,

Comendo carne e bebendo vinho.
"Vamos comer e beber,
pois amanhã morremos ".
14 O SENHOR dos exércitos se revelou nos meus ouvidos:
"Certamente esta iniqüidade não será perdoada por você
até você morrer ",
diz o Senhor Deus dos exércitos.

Tudo o que as esperanças de Isaías terem mantido que a libertação de Jerusalém pode levar ao arrependimento foi destruído. Em vez de atender ao chamado de Deus para o luto e a contrição, seus habitantes se envolveram em uma orgia de festa e alegria. Com um hedonismo que rivalizava com o de seus vizinhos pagãos, eles deixaram de lado todas as restrições, gritando: "Coma e beba, porque amanhã morremos". A mensagem do Senhor ao profeta era que eles realmente morreriam e que sua iniqüidade nunca ser perdoado.

11. Denúncia de um político ambicioso (22: 15-25)

15 Assim diz o SENHOR Deus dos exércitos: "Vem, vá a este mordomo, a Sebna, que está sobre a casa, e dize-lhe: 16 O que você tem a fazer aqui e quem é que você está aqui, que você criou aqui? túmulo para você, você que segura um túmulo no alto e esculpe uma habitação para você na rocha? 17 Eis que o SENHOR te lançará violentamente, ó homem forte. Ele vai se apoderar de você, 18 e girar e rodar e jogá-lo como uma bola em uma grande terra; Aí morrereis, e haverá seus carros esplêndidos, você é vergonhoso da casa do seu senhor. 19 1 o levará do seu escritório, e você será derrubado da sua estação. 20Naquele dia, eu chamarei o meu servo Eliaquim, filho de Hilquias, 21 e vesti-lo-ei com a sua túnica, e amarrei o seu cinto sobre ele e cometerá sua autoridade na sua mão; e ele será pai dos habitantes de Jerusalém e da casa de Judá. 22 E colocarei no ombro a chave da casa de Davi; Ele abrirá, e ninguém se fechará; e ele deve fechar, e nenhum abrirá. 23 E vou apertá-lo como um clipe em um lugar seguro, e ele se tornará um trono de honra para a casa de seu pai. 24 E eles pendurarão sobre ele todo o peso da casa de seu pai, a prole e a questão, todo pequeno vaso, desde os copos até todos os flagoles. 25 Naquele dia, diz o SENHORdos anfitriões, o peg que foi preso em um lugar seguro cederá; e será cortado e cair, e o peso que foi sobre ele será cortado, pois o SENHOR falou ".

Nesta passagem, Isaías denunciou veementemente um funcionário público chamado Shebna. Quando a denúncia foi entregue, Shebna serviu como mordomo sobre a casa do rei, uma posição que lhe deu um poder e um prestígio consideráveis (ver Gn 45: 8). Como o Antigo Testamento nunca menciona seu pai (2 Reis 18:37 ; 19: 2 ; Isaías 36: 3 , 11 , 22 ; 37: 2), e como a forma do nome sugere uma influência aramaica, alguns têm supôs que ele era uma servidora de arama sob o rei Ezequias, e que sua principal responsabilidade era a de tratar a correspondência diplomática estrangeira.

Evidências mais recentes, consistindo de impressões de focas de Lachish e outros locais palestinos, indicam que seu nome era completamente judeu e que ele provavelmente pertencia a uma família de funcionários que se estendeu ao longo de várias gerações. Sugerir como alguns fizeram, que Isaías era hostil a ele principalmente porque era estrangeiro atribuir aos propósitos motivos que não eram dignos dele. Uma interpretação mais provável é que a oposição do profeta a ele se baseou não só em seu espírito de arrogância e vaivência, mas também em seu apoio ao partido pró-egípcio em Jerusalém e em seus esforços para persuadir Ezequias a se revoltar contra a Assíria, políticas que levaram-no a um forte conflito com o profeta. Se houver alguma verdade nessa interpretação,

O profeta deve ter surpreendido a Shebna quando ele apareceu sem aviso prévio no local do túmulo da rocha, que o último estava tendo para si mesmo em uma altura prominente com vista para Jerusalém. Isaías o censurou por seu orgulho e presunção e previu que o Senhor o tiraria do escritório e o substituiria por Eliakim, um homem mais digno de sua posição. O versículo 22 é importante para o intérprete cristão pela luz que lança sobre o fundo da declaração de Jesus registrada em Mateus 16:19 (Mt. 18:18 ; João 20:23), sugerindo que Jesus estava nomeando Pedro para ser Steward sobre a casa de Deus no reino messiânico.

Tanto Shebna quanto Eliakim são mencionados mais tarde em Isaías (36: 3 , 22 ; 37: 2) e nas passagens paralelas em 2 Reis (18:18 , 37 ; 19: 2). Todas essas referências devem ser datadas durante a crise asiria de 701 AC . Naquele tempo, uma parte da predição anterior de Isaías tinha sido cumprida, pois Eliakim tinha sucedido a Shebna como o principal mordomo da casa real. Por outro lado, Shebna adquiriu um novo título, o de secretário (36: 3), que, embora possa ter representado uma rejeição, foi, no entanto, um título de honra. É possível que o seu castigo tenha vindo mais tarde, embora não haja registro de que isso tenha ocorrido.

A conclusão da passagem (v. 24-25) descreve a queda subsequente de Eliakim. Ele caiu de seu lugar como uma cavilha sobre a qual muito peso havia sido colocado. O peso neste caso resultou de ter dado emprego a muitos membros de sua própria família (v. 24). Ele provavelmente não foi o primeiro e certamente não o último político a praticar o nepotismo. A maioria dos comentaristas concorda que a profecia da rejeição de Eliakim foi adicionada à passagem após 701 AC , seja por Isaías ou por um de seus discípulos.

12. Oracles Concerning Tire e Sidon (23: 1-18)

Este capítulo consiste em um lamento sobre a destruição de Tire (vv. 1-12), seguido de uma previsão de sua restauração final (vv. 13-18). O lamento deve ser atribuído a um momento em que a cidade estava sendo sitiada por um invasor estrangeiro. Se fosse composto por Isaías, como parece provável, a data mais adequada para sua composição seria 701 AC , momento em que Senaquerib avançou contra a cidade, fazendo com que seu rei fuja para Chipre (ver v. 12) e substituindo Ele com outra régua. A cidade mais tarde sobreviveu a um cerco de 13 anos (585-572 AC) nas mãos dos babilônios (ver v. 13 ; Ezequiel 29: 18-20). Foi finalmente destruído por Alexandre o Grande em 332, depois de um cerco de sete meses. Não há razão para atribuir o lamento a uma dessas invasões posteriores, mesmo que um editor tenha obviamente tentado fazer isso na v.

13 . A previsão da restauração da cidade, por outro lado, provavelmente pertence a um período posterior ao tempo de Isaías.

(1) A queda de Tiro e Sidon (23: 1-12)

1 O oráculo sobre Tire.
Wail, O navios de Tarsis,
Para Tire é destruído, sem casa ou paraíso!
Do país de Chipre
é revelado a eles.
2 Fique quieto, ó habitantes da costa,
Ó comerciantes de Sidon;
seus mensageiros passaram pelo mar
3 e estavam em muitas águas;
sua receita foi o grão de Shihor,
a colheita do Nilo;
você era o comerciante das nações.
4 Tenha vergonha, ó Sidon, porque o mar falou,
a fortaleza do mar, dizendo:
"Eu não tive parade nem nascia,
Eu não tenho homens jovens criados
nem criou virgens ".
5 Quando o relatório chegar ao Egito,
eles estarão angustiados com o relatório sobre o Tire.
6 Passe para Tarsis,
lamento, oh habitantes da costa!
7 Esta é sua cidade exultante
cuja origem é de dias de idade,
cujos pés a levavam
para se estabelecer de longe?
8 Quem se propôs isso
contra Tire, o dono das coroas,
cujos comerciantes eram príncipes,
cujos comerciantes eram honrados da terra?
9 O SENHOR dos exércitos tem proposto,
para contaminar o orgulho de toda a glória,
para desonrar todos os honrados da terra.
10 Desbotar sua terra como o Nilo,
Ó filha de Társis;
já não há restrições.

[11] Ele esticou a mão sobre o mar,
ele abalou os reinos;
O SENHOR deu o comando sobre Canaã
para destruir suas fortalezas.
[12] E ele disse:
"Você não vai mais exultar,
Ó virgem filha opada de Sidon;
surgir, passar para Chipre,
até lá você não terá descanso ".

O povo de Tiro e Sidom e os seus arredores foram chamados fenícios pelos gregos e pelos cananeus pelos hebreus (ver v. 11 ; Marcos 7:25 ; Mateus 15:22). Na verdade, o termo grego para a Fenícia e o termo hebraico para Canaã significam exatamente o mesmo, isto é, corante roxo ou roxo. O corante foi obtido a partir de moluscos do Mediterrâneo e foi utilizado principalmente para colorir lã e outros materiais tecidos. As roupas roxas eram consideradas pelos povos antigos como um sinal de distinção e de realeza. Os fenícios monopolizaram a fabricação e venda de pano roxo durante uma parte considerável do período do Antigo Testamento.

Embora tanto o Tire quanto o Sidon sejam mencionados na passagem, a primeira atenção é dada ao primeiro. Isso reflete o fato de que a maioria dos contatos anteriores de Israel tinha sido com Tiro em vez de Sidon (ver 2 Sam. 5:11 ; 1 Reis 5: 1-18 ; 9: 26-28 ; 16:31). Além disso, quando o oráculo atual foi composto, Tire tornou-se a principal cidade da Fenícia, tanto que o nome era usado para designar toda a Fenícia.

Depois que os cananeus foram cortados de seu antigo interior pelos hebreus invasores, eles foram forçados a recorrer ao mar para buscar seu sustento. Eles se tornaram o primeiro grande poder marítimo do mundo e, no início do primeiro milênio AC, estabeleceram colônias comerciais na Sicília, Sardenha, África do Norte e Espanha. Aparentemente, várias dessas colônias distantes foram chamadas Tarshish, o que significa uma fábrica de fundição ou refinaria. Assim, "navios de Tarshish" eram navios especialmente concebidos para o transporte de metal fundido.

O oráculo abre com um apelo aos navios de Tarsis para lamentar a destruição de Tiro. As notícias de sua destruição chegaram a eles quando eles pararam em Chipre em sua jornada de casa. A notícia foi aparentemente trazida para Chipre por fugitivos fenícios que haviam escapado por mar (v. 12).

Em vv. 2-4 o autor volta sua atenção para os habitantes de Sidon. Na história fenícia adiantada, Sidon tinha ofuscado Tyr em importância, de modo que os habitantes da região eram frequentemente conhecidos simplesmente como "Sidonianos" (ver Deuteronômio 3: 9 ; Jos. 13: 4 ; 6 ; Judg. 3: 3 ; 10 : 12 ; 1 Reis 5: 6 ; etc.). Os versículos 2-3 refletem as empresas comerciais distantes dos sidonianos. Seus navios estavam em muitas águas, trazendo receitas de lugares tão distantes quanto os campos de cereais do Nilo. A cidade passou a ser conhecida como "o comerciante do? nações. "No v. 4 O mar é personificado como a mãe dos sidonianos, que agora rejeitam seus filhos, falando deles como se nunca tivessem saido.

A última parte do lamento (v. 5-12) descreve a consternação que apreendeu as nações quando ouviram falar da queda de Tire. Os efeitos foram especialmente sentidos nas terras que tinham relações comerciais com ela, como Egito (v. 5), Tarsis (v. 6 , 10) e Chipre (v. 12). Isaías viu a causa da queda de Tire em seu orgulho desordenado (v. 8-9), um vício que ele freqüentemente condenou em sua pregação (cf. 2: 11-17 ; 9: 8-12 ; 10: 12-15 ; 14 : 12-15).

(2) Pneus Restauração futura (23: 13-18)

13 Eis a terra dos caldeus! Estas são as pessoas; não era Assíria. Eles destinavam Tiro para animais selvagens. Eles ergueram suas torres de cerco, arrasaram seus palácios, eles fizeram dela uma ruína.

14 Wail, O navios de Társis,
pois a sua fortaleza é destruída.

15 Naquele dia, Tire será esquecido por setenta anos, como os dias de um rei. No final de setenta anos, acontecerá a Tiro como na canção da prostituta:

16 "Pegue uma harpa,
ir sobre a cidade,
Ora esquecida!
Faça melodia doce,
cantar muitas músicas,
para que você possa ser lembrado ".

17 No final de setenta anos, o SENHOR visitará Tire, e ela retornará a ela para contratar, e fará a prostituição com todos os reinos do mundo sobre a face da terra. 18 A sua mercadoria e a sua contratação serão dedicadas ao SENHOR ; não será armazenado ou acumulado, mas sua mercadoria fornecerá abundante comida e roupas finas para aqueles que habitam antes do SENHOR .

O verso 13 apresenta muitos problemas de tradução. A melhor maneira de entender o verso estranho, que parece quebrar a conexão entre vv. 12 e 14, é considerá-lo como uma nota inserida na profecia original para que ela se aplique a uma situação muito posterior. Ele transfere a responsabilidade pela execução da ameaça de Isaías contra Tiro dos assírios para os caldeus. Provavelmente foi escrito como um post-scriptum para a profecia original em torno de 585 AC .

O versículo 14 foi talvez a conclusão original do lamento na vv. 1-12 . De acordo com o v. 15 , a desolação de Tiro duraria apenas 70 anos, como os dias de um rei. A última frase provavelmente faz referência ao período normal da vida de um homem (ver Salmo 90:10). Depois de 70 anos se passaram, Tire voltaria ao seu comércio como uma prostituta esquecida tentando recuperar seus antigos clientes cantando canções que eles reconheceriam. A canção da prostituta no verso 16 é um modelo clássico de composição poética hebraica, com suas tríadas em 2'2 'metros.

A metáfora da prostituição continua em vv. 17-18 . O uso da metáfora não significa que os homens de Tire sejam culpados de imoralidade; A ênfase é em vez de seu caráter

mercenário. Eles retornam a seus empreendimentos comerciais quando uma prostituta pode retornar ao seu comércio. O profeta sai do seu caminho para dizer que é o Senhor quem visita Tire e permite que ela "retorne à sua contratação" e "faça a prostituta com todos os reinos do mundo" (v. 17). Ele mesmo afirma que os lucros de sua "prostituição" serão dedicados ao Senhor para o benefício de seu povo (ver 45:14 ; 60: 4-14 ; Hag. 2: 6-9). Ele pode ter esperado que a própria cidade se converta no Senhor, embora ele não diga isso. A profecia da restauração de Tire provavelmente pertence ao século VI AC .

III. Profecias do Juízo e da Redenção (24: 1-27: 13)

Esses oráculos foram o ponto focal de um longo e inconclusivo debate entre estudiosos do Antigo Testamento. O debate centrou-se em torno dos problemas de unidade, data, autoria e forma literária. No que diz respeito a cada um desses problemas, foram apresentadas muitas propostas, mas nenhum consenso foi alcançado.

A maioria dos estudiosos considera os capítulos 24-27 como uma coleção de oráculos originalmente independentes de natureza diversa que foram reunidos por um autor desconhecido para formar um todo unificado. Bernhard Duhm argumentou que o quadro básico da coleção consiste em um apocalipse que predica o fim do mundo e o estabelecimento do domínio divino no monte Sião (24: 1-23 ; 25: 6-8 ; 26: 20-21; 27: 1 , 12-13). No quadro foi inserida uma série de canções celebrando a queda de uma cidade hostil (25: 1-5 , 9-12; 26: 1-19), além de uma coleção de materiais secundários (27: 2-11). Duhm atribuiu o apocalipse ao período dos Macabeus (134-104 AC), mas colocou as músicas em um período um pouco mais tarde.

Duhm correu na designação de certas partes dos capítulos 24-27 como um apocalipse? Aqueles que respondem afirmativamente fazem isso com base na presença nos capítulos de certos traços proeminentes do apocalíptico, incluindo o julgamento universal, o banquete escatológico, a prisão de membros do hospedeiro celestial e a ressurreição dos mortos.

Outros estudiosos afirmam que os capítulos não podem ser chamados de apocalipse, pelo menos não no sentido em que o termo é aplicado a livros como Daniel. Eles apontam que o autor omite muitos dos principais motivos do apocalíptico, como, por exemplo, o pseudonimitamento, o uso de visões e números crípticos, as potências mundiais simbolizadas como bestas temíveis, a reinterpretação de profecias anteriores e o dualismo teológico. Devido à forte ênfase escatológica dos capítulos, e por sua estreita afinidade com outras passagens proféticas, muitos preferem classificá-los como "profecia escatológica". Um autor observou que, embora não sejam apocalípticos no sentido mais estrito da palavra No entanto, eles contêm o "material" do qual o apocalíptico é feito.

A maioria dos estudiosos rejeitou a data que Duhm atribuiu à composição dos oráculos, embora haja pouco acordo quanto a uma data alternativa. Kaufmann é representativo daqueles que defendem uma data do século VIII e uma autoria isaiânica por estes oráculos. Lindblom, por outro lado, adotou a posição de que os capítulos 24-27 não devem ser chamados de apocalipse, mas uma "cantata". Ele acredita que um profeta de culto anônimo de Jerusalém compôs a "cantata" a ser realizada no Templo em comemoração de o derrube da Babilônia por Xerxes em 485 AC. A tendência entre

aqueles que recentemente trataram desse problema, por exemplo, Bright e Scott, tem sido aceitar uma data pós-exílica para o passagem, mas resistir a qualquer tentativa de relacioná-lo com circunstâncias históricas particulares.

1. Um anúncio de julgamento (24: 1-20)

O tema desta seção é o julgamento mundial que vem. A palavra-chave na passagem é "terra", que ocorre um total de 16 vezes.

Março sugeriu que a forma literária da passagem se baseia em um familiar modelo cultual conhecido como lamento comunal, que envolveu o anúncio, a lamentação e a segurança (cf. Salmo 12: 5 ; Jer. 14: 1-10 ; Hos. 14 : 1-7). Neste caso, no entanto, o anúncio (vv. 1-3) e a lamentação (v. 4-15) são seguidos não por uma palavra de segurança, mas por uma nova palavra de julgamento (v. 16-20). Esta alteração significativa da forma familiar adicionou um elemento de surpresa à pregação do profeta. Ele usou o formulário para assegurar uma audiência, mas em vez de dar a palavra de graça esperada, ele emitiu uma palavra de desgraça.

(1) The Impending Doom (24: 1-3)

[1] Eis que o Senhor desperdiçará a terra e a deixará desolada,
e ele torcerá sua superfície e espalhará seus habitantes.
[2] E será, assim como com o povo, com o sacerdote;
como com o escravo, então com seu mestre;
como com a empregada, então com sua amante;
como com o comprador, então com o vendedor;
como com o credor, então com o mutuário;
como com o credor, então com o devedor.
[3] A terra será devastada e despojada;
porque o Senhor falou esta palavra.

Esses versos pintam uma imagem de devastação total em escala mundial. A agitação estende-se tanto à ordem física (v. 1) quanto à ordem social (v. 2). Nem alto nem baixo estão isentos de suas trágicas conseqüências. O anúncio sumário do julgamento está concluído com a mesma nota sombria com a qual começou. Todo o anúncio é reforçado pela afirmação de que "o Senhor falou esta palavra", uma afirmação que enfatiza a importância e a confiabilidade da palavra profética.

(2) A Aliança quebrada (24: 4-13)

[4] A terra chora e murcha,
o mundo languidece e murcha;
os céus languidecem com a terra.
[5] A terra está poluída
sob seus habitantes;
pois transgrediram as leis,

violou os estatutos,
quebrou a aliança eterna.
6 Portanto, uma maldição devora a terra,
e seus habitantes sofrem por sua culpa;
portanto, os habitantes da terra são queimados,
e poucos homens são deixados.
7 O vinho chora,
a videira languidece,
todo o suspiro de coração alegre.
8 A alegria dos timbrels é acalmada,
o ruído do júbilo cessou,
A alegria da lira é acalmada.
9 Não mais bebem vinho com cantar;
A bebida forte é amarga para aqueles que a bebem.
10 A cidade do caos é quebrada,
Toda casa está fechada para que ninguém possa entrar.
11 Há um protesto nas ruas por falta de vinho;
Toda alegria alcançou seu parto;
A alegria da terra é banida.
12 Desolação é deixada na cidade,
As portas são arruinadas.
13 Pois assim estará no meio da Terra
entre as nações,
como quando uma azeitona é batida,
como no momento em que a vindima é feita.

Esta seção descreve a lamentação e o choro daqueles que testemunham a desolação grossista de suas terras. O profeta descreve pungentemente a situação como uma época em que "toda alegria chegou ao seu parto" (v. 11). A terra em si chora e languidece, e o seu sofrimento é compartilhado pelos céus acima (v. 4). A gravidade do julgamento é tal que poucos homens são deixados (vv. 6 , 13), e mesmo os poucos que permanecem diante de um futuro sombrio e desolado (v. 7-12).

O problema central na interpretação da passagem é se descreve o julgamento do Senhor sobre a terra de Israel sozinho ou sobre toda a terra. Aqueles que a vêem como se referindo apenas a Israel interpretam a referência à aliança eterna (v. 5) como se aplicando ao pacto do Sinai. Outros referem a frase à aliança noachica feita entre Deus e toda a raça humana após o dilúvio (ver Gn 9:16). Sob a aliança de Noachic, todos os homens estavam sujeitos a certas leis morais, uma das quais era a proibição do assassinato (ver Gênesis 9: 5-6). Por ter sido violada esta lei, a terra ficou poluída, como nos dias de Noé (v. 5 , cf. Números 35: 33-34). A proeminência do motivo da inundação durante esses capítulos (ver 24:18 ; 26:20) empresta peso à visão de que o profeta estava pensando em um julgamento universal.

A referência à destruição da cidade do caos (v. 10) foi interpretada de diversas maneiras. Duhm identifica a cidade como Samaria, Lindblom como Babilônia, Eissfeldt como a capital de Moab e março como Jerusalém. Bright compartilha a visão de que a passagem está falando de uma cidade alienígena hostil e não de Jerusalém, mas ele observa que é ocioso especular sobre a identidade da cidade. Esta e as outras referências à queda de uma cidade hostil (ver v. 12 ; 25: 2 , 26: 5 ; 27:10), talvez sejam interpretadas como significando a destruição certa de todas as potências mundiais que desafiam Deus e oprimem o seu povo.

(3) Regocijo Precoce (24: 14-16)

14 Eles levantam suas vozes, eles cantam de alegria;
Sobre a majestade do Senhor, eles gritam do oeste.
15 Portanto, no Oriente, da glória ao SENHOR ;
nas terras do mar, ao nome do SENHOR , o Deus de Israel.
16 Dos fins da terra ouvimos canções de louvor,
de glória ao Justo.
Mas eu digo: "Eu abotoei,
Abaixei-me. Ai é eu!
Para o acordo traiçoeiro traiçoeiramente,
o trágico trato muito traiçoeiro.

A relação exata entre esses versículos e a passagem anterior é difícil de determinar. O pronome enfático com o qual o v. 14 começa, sugere que as canções de louvor são cantadas pelos poucos sobreviventes que escaparam do julgamento (v. 6 , 13). Isso ainda deixa sem resposta a questão de sua identidade. Eles são judeus que foram dispersos entre as nações, ou são gentios? Parece melhor à luz do contexto maior para considerá-los como judeus da diáspora. Estes cantam para o Senhor em antecipação da sua libertação vencedora da tirania mundial.

No entanto, o seu otimismo não é compartilhado pelo profeta. À medida que ele vê a situação mundial, ele está enojado com a visão de homens traiçoeiros que ainda exercem o poder (v. 16h). Outros podem levantar as vozes em canção, mas ele só pode levá-lo a lamentar.

(4) Julgamento inescapável (24: 17-20)

17 Terror, o poço e a armadilha
estão sobre você, ó habitante da terra!
18 Aquele que foge ao som do terror
cairá no poço;
e aquele que sai do poço
deve ser pego na armadilha.
Pois as janelas do céu são abertas,
e os fundamentos da terra tremem.

19 A terra está completamente quebrada,
a terra está arrumada,
A terra está violentamente abalada.
20 A terra se cambaleia como um homem bêbado,
balança como uma cabana;
sua transgressão é pesada sobre isso,
e cai, e não se levantará de novo.

Este oráculo é escrito em imagens escatológicas. O profeta prevê mudanças drásticas ao longo da ordem cósmica. O oráculo abre com uma maldição que é talvez proverbial, especialmente porque é usada em outro lugar em relação a Moab (v. 17-18 , ver Jer. 48: 43-44).

As janelas do céu são abertas e os fundamentos da terra tremem (v. 18h). A referência à abertura das janelas do céu, se interpretada para além do seu contexto, pode significar qualquer benção (2 Reis 7: 2 , 19 , Mal 3:10) ou maldição (Gn 7:11; 8: 2). No contexto atual, no entanto, só pode significar maldição. O profeta, aparentemente, significa dizer que Deus novamente julgará o mundo como ele fez nos dias de Noé. Antes da investida de sua ira, a terra será quebrada e se arruinará. Vai cambalear como um homem bêbado e balançar como uma cabana de palha em um campo aberto. Ele entrará em colapso sob o peso de sua transgressão, nunca mais se levantará.

2. Uma liturgia de louvor e promessa (24: 21-27: 1)

Março mostrou que o motivo principal desenvolvido ao longo desta seção é o motivo da realeza de Yahweh. Os materiais que compõem a seção foram organizados em um padrão definido projetado para honrar a Javé e para oferecer a promessa de seu domínio universal a Israel e a todos os povos.

(1) O Entorimento do Senhor no Monte Sião (24: 21-23)

21 Naquele dia, o SENHOR castigará
o exército do céu, no céu,
e os reis da terra, na terra.
22 Eles serão reunidos
como prisioneiros em um poço;
eles ficarão calados na prisão,
e depois de muitos dias eles serão punidos.
23 Então a lua será confundida,
e o sol envergonhado;
porque o SENHOR dos anfitriões reinará
no monte de Sião e em Jerusalém
e diante de seus anciãos, ele manifestará sua glória.

A nota de julgamento é soada aqui como na passagem anterior, mas com uma diferença importante; enquanto que na passagem precedente foi dirigida contra os habitantes da terra, aqui é expandida para incluir o exército dos céus. O anfitrião do céu foi identificado como as estrelas, os anjos ou outros seres celestiais. Porque o sol e a lua são especificamente mencionados na v. 23 , o anfitrião do céu provavelmente tem referência às estrelas. A adoração astral era comum no mundo antigo, embora Israel fosse estritamente proibido participar dessa adoração (ver Deuteronômio 4:19 ; 2 Reis 17:16 ; Jeremias 19:13).

A passagem é concluída com uma nota de triunfo. Depois que o Senhor acabou de julgar os governantes da terra e o exército do céu, ele será entronizado como rei no monte Sião, e diante de seus anciãos, ele manifestará a sua glória. Aqui, como em outros lugares do Antigo Testamento, a revelação da glória do Senhor é o sinal e o selo de sua presença real e duradoura com o seu povo (ver Ex 40: 34-35 ; 1 Reis 8:10 ; Eze. 43: 1-5).

(2) Uma canção de ação de graças (25: 1-5)

1 Ó SENHOR , és meu Deus;
Eu te exaltarei, eu louvarei o teu nome;
porque você fez coisas maravilhosas,
planos formados por antigos, fiéis e seguros.
2 Porque fizeste uma pilha de cidade,
a cidade fortificada uma ruína;
o palácio dos alienígenas não é mais uma cidade,
nunca será reconstruído.
3 Portanto, os povos fortes te glorificarão;
cidades de nações implacáveis terão medo de ti.
4 Porque tens sido uma fortaleza para os pobres,
uma fortaleza para os necessitados em sua angústia,
um abrigo da tempestade e uma sombra do calor;
Para a explosão dos implacáveis é como uma tempestade contra uma parede,
5 como o calor em um local seco.
Você subjuga o barulho dos alienígenas;
como calor pela sombra de uma nuvem,
então a música dos implacáveis é acalmada.

Esta seção é claramente definida a partir do seu contexto por sua estrutura e conteúdo. Na forma, pertence à categoria de canções comunitárias de ação de graças. Exulta a Javé por seus atos poderosos realizados contra os implacáveis e em favor dos pobres e necessitados. No final, mesmo os implacáveis são feitos para temê-lo (v. 3).

O versículo 2 menciona a queda de uma cidade estrangeira fortificada. Alguns argumentaram que esta música foi originalmente escrita para comemorar a destruição de

uma cidade particular que era hostil em relação a Israel. Embora isso possa ser verdade, a identidade da cidade não é mais aparente. Parece melhor, portanto, interpretar a música em seu contexto atual como a celebração da vitoria de Javé sobre todos os seus inimigos, cujo poder implacável simbolizou suas cidades (ver 2:15 , Gênesis 11: 4).

A canção também enfatiza o cuidado que Yahweh se estendeu ao seu povo. Para os pobres e carentes, ele se tornou uma fortaleza em tempo de angústia, um abrigo da tempestade e uma sombra do calor (v. 4). A tempestade e o calor são senão símbolos dos implacáveis e de suas inúmeras tentativas de subjugar os pobres e necessitados. No final, eles mesmos serão subjugados e sua música ficará acalmada. Naquele dia, somente a música do povo do Senhor será ouvida, comemorando seus atos poderosos.

(3) A festa do Entendimento do Senhor (25: 6-9)

6 Sobre este monte, o SENHOR dos exércitos fará para todos os povos uma festa de coisas gordas, um banquete de vinho à margem, de coisas gordas cheias de medula, de vinho às fileiras bem refinado. 7 E ele destruirá nesta montanha a cobertura que é lançada sobre todos os povos, o véu que está espalhado por todas as nações. 8 Ele engolirá a morte para sempre, e o SENHOR Deus apagará as lágrimas de todos os rostos, e a opróbria do seu povo tirará de toda a terra; porque o SENHOR falou.

9 Será dito naquele dia: "Eis, este é o nosso Deus; Nós esperamos por ele, para que ele possa nos salvar. Este é o SENHOR ; nós o esperamos; Deixe-nos ser feliz e alegrar-se em sua salvação ".

A expressão fundamental nesta e na seção a seguir é a expressão nesta montanha (ver v. 6, 7 , 10), uma referência óbvia ao Monte Sião (ver 24:23). O Senhor prepara um banquete no monte de Sião em comemoração da sua entronização como rei. Esta é uma das primeiras referências conhecidas a um banquete escatológico, um conceito que pode ter se originado em conexão com a celebração anual do festival do Ano Novo. Este foi posteriormente desenvolvido no conceito de um banquete messiânico, a que se faz referência nos escritos apcryfales (ver 2 Baruch 29: 4; 4 Esdras 6: 49-52), nos textos de Qumran (ver *Manual de Disciplina* 2 : 18-22) e no Novo Testamento (cf. Lucas 22: 28-30 ; Rev. 19: 9).

O versículo 6 fala não só da natureza suntuosa do banquete que o Senhor fornece, mas também do caráter ecumênico de seu convite, que é estendido a *todos os povos.* O profeta acreditava que os judeus e os gentios partilhariam as bênçãos do reino escatológico. Esta passagem, portanto, deve ser identificada com o fluxo da tradição que enfatiza o lugar de todos os povos dentro do plano positivo de Deus (cf. 19: 19-25 ; 56: 3-8 ; 66: 18-21 ; Zech. 2:11 ; 8: 20-23 ; 14:16).

Os versículos 7-8 mencionam três dos atos poderosos que o Senhor realizará quando ele for instalado como rei no Monte Sião. Em primeiro lugar, ele irá destruir a cobertura. . . lançar todos os povos. Alguns interpretaram isso como significando a remoção de todos os símbolos do luto (2 Sam. 15:30 ; 19: 4 ; Ester 6:12 ; Jeremias 14: 3-4). Outros afirmam que a remoção do véu simboliza a transmissão da revelação de

Deus aos gentios. Parece mais provável, no entanto, que a cobertura e o *véu* defendem a tirania e a opressão a que Israel e outras nações pequenas foram submetidas periodicamente. O fato de que a destruição do véu se realize "nesta montanha" sugere que o profeta esperava que a vitória decisiva sobre a tirania acontecesse em Jerusalém.

O segundo grande ato do Senhor envolve sua vitória sobre a morte, após o qual não haverá mais causa de lágrimas (1 Cor. 15:26 , 54 ; Apocalipse 21: 4). Exatamente o que se entende com a declaração de que ele vai encharcar a morte para sempre não é claro. Lindblom interpretou isso não como uma negação categórica de que a morte estará presente na era a vir, mas como uma promessa de que ninguém morrerá antes de viver sua completa extensão de anos (ver 65:20). Esta interpretação parece ser muito restritiva, no entanto, especialmente à luz de 26:19. O profeta aparentemente se refere à remoção final da morte como uma ameaça para o povo do Senhor. Este é talvez um desses casos em que ele proferiu uma verdade inspirada maior do que ele mesmo conseguiu compreender.

A terceira realização do Senhor será a remoção do opróbrio do seu povo. O reproche que o profeta tinha em mente era provavelmente a humilhação de Israel ao ser submetido à dominação estrangeira. Quando o Senhor se tornou rei em Jerusalém, nenhum outro rei governará novamente o seu povo.

Tudo isso significa que, para Israel, o tempo de espera terminará e o tempo de realização terá começado. Naquele dia, dia do grande festival de entronização, ela proclamará o Senhor como seu Deus e exultará em sua salvação. É pelo menos implicado que sua alegria será compartilhada por outros povos e nações que se juntaram ao Senhor.

(4) Doom of Moab (25: 10-12)

10 Porque a mão do SENHOR descansará nesta montanha, e Moab será pisado no seu lugar, como a palha é pisada num poço de vala. 11 E ele estenderá as mãos no meio dela enquanto um nadador espalha as mãos para nadar; Mas o SENHOR deixará seu orgulho com a habilidade de suas mãos. 12 E as altas fortificações dos seus muros derrubarão, deitaram-se, e lançaram-se no chão, até ao pó.

A maioria dos estudiosos considera o breve oráculo contra Moab como material posterior derivado do período após a destruição de Jerusalém em 587 AC , quando os moabitas uniram forças com os babilônios para roubar e saquear a cidade (ver 15: 1-16: 14) . Aqueles que datam da passagem desta vez indicam que a menção de um inimigo específico por nome não ocorre em nenhum outro lugar nos capítulos 24-27 . Além disso, todo o tenor do oráculo contra Moab inverte o espírito benevolente da passagem precedente. Por que o profeta deve se virar de sua nobre visão do reino universal de Deus para descrever em tão inegável linguagem o miserável destino de Moab?

Março, no entanto, argumenta que vv. 10-12 são parte integrante do contexto maior, como evidenciado pela recorrência dentro deles da expressão nesta montanha. Para dizer que a mão do Senhor descansará "nesta montanha" significa que Zion

permanecerá sob seu cuidado protetor. A destruição de Moab é reconhecidamente descrita em linguagem que é mais forte do que elegante. Seu destino será como aquele de alguém que é jogado nas águas sujas de um poço de vala. Todos os seus esforços para nadar serão infrutíferos. Seus altos muros serão derrubados no chão, tornando-a totalmente indefesa.

(5) A segurança dos justos (26: 1-6)

> [1] ***Naquele dia, esta canção será cantada na terra de Judá:***
> *"Temos uma cidade forte;*
> *ele cria salvação*
> *como paredes e baluartes.*
> [2] *Abra os portões,*
> *que a nação justa que mantém a fé*
> *pode entrar.*
> [3] *O guarde em paz perfeita,*
> *cuja mente ficou em ti,*
> *porque ele confia em ti.*
> [4] *Confie no SENHOR para sempre,*
> *para o SENHOR Deus*
> *é uma pedra eterna.*
> [5] *Pois ele trouxe baixo*
> *os habitantes do alto,*
> *a cidade alta.*
> *Ele estabelece-o baixo, coloca-o baixo no chão,*
> *joga no pó.*
> [6] *O pé pisoteia,*
> *os pés dos pobres,*
> *as etapas dos necessitados ".*

Este hino de louvor é composto por duas estrafeiras de três linhas (vv. 1-3 , 4-6), o primeiro louvando a Javé pela proteção e segurança que ele fornece para os justos e o segundo declarando sua humilhação do arrogante perverso e dele exaltação dos pobres e necessitados. O motivo da "cidade", tão proeminente em todos os capítulos 24-27 , está presente em ambas as estrofes, embora usado em um sentido diferente em cada uma. É perfeitamente possível que um festival de entronização forneça os antecedentes do hino. A primeira strophe talvez inclua porções de uma "música de entrada" mais antiga (Salmos 15 : 24). O objetivo principal do hino é celebrar o triunfo de Javé e a segurança daqueles que confiam nele.

De acordo com março, a primeira linha deve ser dada "Nossa força é uma cidade", uma tradução que pode ser justificada com base na pontuação do texto hebraico. A declaração assim interpretada não se referirá à inexpugnabilidade de Jerusalém, mas a A

confiabilidade de Yahweh. A cidade seria entendida em um sentido metafórico, como se os cantores dissessem: "Yahweh nos protege como uma cidade fortificada".

Duas coisas dizem descrever aqueles que pertencem ao Senhor: são uma nação justa que mantém a fé (v. 2); suas mentes permanecem no Senhor porque confiam nele (v. 3). Aqui como em outros lugares em Isaías, a fé e a fidelidade são inseparáveis. Os justos são recompensados ao receber a proteção do Senhor (v. 1), ao serem autorizados a entrar em sua presença (v. 2), sendo mantidos em perfeita paz (v. 3 ; Heb *Shalom Shalom* , paz e paz) , e compartilhando seu triunfo sobre os ímpios (v. 6).

Por causa da referência a Moab em 25:10 e seguintes, alguns tentaram identificar a cidade alta em 26: 5 como Dibon, a capital de Moab. A visão de Lindblom, no entanto, é que se refere a Babilônia. Parece improvável que as palavras do hino sejam limitadas a uma determinada cidade. A probabilidade é que descreve a queda de todas as cidades que se exaltam contra o Senhor. A natureza tradicional da v. 5 pode ser claramente vista quando comparada com 25:12 .

(6) Uma Oração para a Vindicação (26: 7-19)

7 O caminho do justo é nível;
Você faz o caminho dos justos.
8 No caminho dos teus juízos,
Ó SENHOR , esperamos por ti;
seu nome memorial
é o desejo de nossa alma.
9 Minha alma anseia por ti na noite,
Meu espírito dentro de mim o busca com fervor.
Porque quando os teus juízos estão na terra,
os habitantes do mundo aprendem a justiça.
10 Se o favor é mostrado aos ímpios,
ele não aprende a justiça;
Na terra da retidão, ele trata perversamente
e não vê a majestade do Senhor.
11 Ó SENHOR , as tuas mãos são levantadas,
mas não vêem isso.
Deixe-os ver o seu zelo pelo seu povo, e se envergonharão.
Deixe o fogo para os seus adversários consumi-los.
12 Ó SENHOR , ordenarás paz para nós,
Você trabalhou para nós todos os nossos trabalhos.
13 Ó SENHOR nosso Deus,
Outros senhores, além de ti, governaram sobre nós,
Mas só o seu nome reconhecemos.

14 Eles estão mortos, eles não viverão;
são sombras, elas não surgirão;
Para esse fim, você os visitou com destruição
e aniquilou toda lembrança deles.
15 Mas tu aumentaste a nação, ó SENHOR ,
Você aumentou a nação; Você é glorificado;
Você ampliou todas as fronteiras da terra.
16 Ó SENHOR , em perigo, eles te buscaram,
eles derramaram uma oração
quando o seu castigo estava sobre eles.
17 Como uma mulher com criança,
que se contorce e chora em suas dores,
quando ela está perto de seu tempo,
assim como nós por causa de ti, ó SENHOR ;
18 Estávamos com criança, nos retorcimos,
nós produzimos o vento.
Não produzimos libertação na Terra,
e os habitantes do mundo não caíram.
19 Os teus mortos viverão, os seus corpos se elevarão.
Ó moradores na poeira, acordados e cantam de alegria!
Porque o seu orvalho é um orvalho de luz,
e na terra das sombras você vai deixar cair.

A oração é definida no contexto de uma época de angústia e angústia nacionais. É lançado sob a forma de um lamento da comunidade, de que há muitos exemplos no Antigo Testamento (cf. Salmos 44 : 60 ; 74). À medida que os adoradores rezam e meditam sobre o enigma dos deuses nos atos da história, estão repletos de modos alternativos de esperança e de desespero.

A primeira estória do lamento da oração (v. 7-10) desenha um contraste entre os justos e os ímpios. A verdade central nessa estória é que os julgamentos de Deus são enviados para o mundo para realizar um propósito didático ou tutorial (ver Salmos 119: 67 , 71). Os justos sabem disso e aguardam ansiosamente que o Senhor se revele do meio de seus atos de julgamento (vv 7-9a). De especial importância é a idéia de que a justiça é aprendida somente quando os juízos de Deus estão no exterior na Terra (v. 9b). Quando o favor é mostrado aos perversos, eles não aprendem nada além de continuar a lidar perversamente e ignorar a majestade do Senhor (v. 10).

A segunda estória (v. 11-15) expressa a confiança dos adoradores de que o Senhor preservará os justos e destruirá os ímpios. Era inconcebível para eles que os ímpios finalmente ganhassem a vantagem no mundo de Deus. A mão do Senhor já foi criada contra os ímpios, mas não o vêem. Os adoradores rezem para que os ímpios vejam e se envergonhem. Que o fogo venha sobre eles, mas a paz sobre Israel. A petição é seguida por uma notável confissão de que todas as ações significativas na história de Israel

foram realizadas pelo Senhor (v. 12b). Outros mestres governaram sobre eles, mas possuem lealdade ao Senhor sozinho.

O significado do v. 14 é que a morte dos ímpios será definitiva e irrevogável. Eles são sombras, e nunca mais voltarão a subir. A palavra sombras ocorre apenas oito vezes no Antigo Testamento, e sempre se refere aos que desceram ao Seol, a habitação comum de todos os mortos (ver 14: 9 ; 26:14 , 19 ; Jó 26: 5 ; Salmo 88:10 ; Provérbios 2:18 ; 9:18 ; 21:16).

A estória termina com o anúncio de que as fronteiras de Israel foram ampliadas (v. 15). Alguns interpretaram isso como uma referência a um evento recente na história de Israel. Mesmo que essa interpretação seja correta, a incerteza quanto à data desses capítulos torna impossível identificar o evento.

A estória final no lamento (v. 16-19) contém o choro de Israel e a resposta do Senhor. Israel pede que o Senhor interveja em seu nome (v. 16-18), e ele responde a sua ligação (v. 19). A dor e a fraqueza de Israel são expressas sob a figura de uma mulher no parto. Ela trabalhou duro, mas trouxe apenas vento, um símbolo vívido de total futilidade. A libertação está longe dela, e seus opressores não caíram (v. 18).

O clímax da passagem vem na resposta de Deus ao lamento de Israel. Em contraste com os mortos perversos, que nunca mais viverão (v. 14), os justos mortos se levantarão do pó e cantarão de alegria (v. 19). Por um maravilhoso ato do Senhor, eles sairão do túmulo e repovoarão a terra de Israel.

O caráter revolucionário desta afirmação não deve ser ignorado. É a referência mais antiga na Bíblia para a ressurreição e a única referência na literatura profética, uma vez que Daniel 12: 2 deve ser classificado como apocalíptico. Isso representa um grande salto para a frente, uma verdadeira mutação no entendimento teológico de Israel, pois, antes disso, sua futura esperança havia sido expressada em termos de destino nacional e não individual.

Comentando este avanço significativo no entendimento de Israel, David S. Russell escreveu: "Por fim, os escritores bíblicos encontraram esse molde, por assim dizer, no qual eles podiam derramar suas esperanças e anseios e que sozinhos poderiam dar forma real à crença a morte do homem com Deus não seria quebrada pela morte ".

A última parte do v. 19 sugere que os mortos são ressuscitados quando o orvalho do céu cai sobre eles. O orvalho da luz pode ser interpretado quer como o orvalho da manhã ou como o orvalho das regiões celestes da luz (cf. Hs 14: 5 ; Zacarias 8:12). Em ambos os casos, vem de Deus e dá vida aos que caem.

(7) A Espada do Senhor (26: 20-27: 1)

20 Venha, meu povo, entre em suas câmaras,
e feche suas portas atrás de você;
esconda-se por um tempo
até que a ira seja passada.
21 Pois eis que o Senhor está saindo do seu lugar

para punir os habitantes da terra por sua iniqüidade,
e a terra revelará o sangue derramado sobre ela,
e não vai mais cobrir seus mortos.

[1] Naquele dia, o SENHOR, com a sua espada dura e grande e forte, punirá Leviatã, a serpente que foge, Leviatã, a serpente torção, e matará o dragão que está no mar.

O tema do julgamento mundial é levado ao clímax nesta passagem. À medida que o Senhor marcha para lutar contra as forças do mal, ele adverte seu povo a entrar em suas casas e fechar as portas até a ira passar (v. 20). O fechamento das portas foi interpretado como uma referência ao dilúvio (ver Gênesis 7:16) ou à Páscoa (ver Ex. 12: 21-23). Quando o Senhor vier, castigará os habitantes da terra por suas iniqüidades, e nenhum assassinato que tenham cometido escapará da sua atenção (v. 21).

Três adjetivos são usados em 27: 1 para descrever a espada do Senhor - é difícil (cruel), grande (poderoso) e forte (poderoso). Com esta espada ele atacará e matará Leviatã, também conhecido como a serpente e o dragão. O leviatã, um monstro marinho mítico, também aparece no folclore cananês de Ugarit, onde é descrito como "a serpente que foge". De acordo com o mito cananeu, este monstro primitivo foi morto por Baal na criação do mundo. Os escritores do antigo testamento mais tarde atribuíram sua morte a Javé (ver 51: 9 ; Jó 26:12 ; Salmo 74: 13-14 ; 89:10). Esta é a única instância no Antigo Testamento onde o seu abate é projetado para o futuro. O profeta usa este antigo símbolo do caos e do mal para enfatizar a natureza decisiva da vitória de Deus sobre todos os seus inimigos. Sua derrota de Leviatã significa que, doravante, ele reinará sem um rival.

3. Os planos do Senhor para o seu povo (27: 2-13)

March considera esta seção como consistindo de materiais secundários que foram anexados às profecias escatológicas anteriores em uma data posterior, talvez perto do fim do cativeiro babilônico. É difícil determinar se ou não este *é* um julgamento correto, embora estes oráculos são reconhecidamente fragmentária e parecem ter pouca relação com o outro ou para os oráculos em capítulos anteriores.

(1) A Nova Canção da Vinha (27: 2-6)

[2] Naquele dia:
"Uma vinha agradável, cante!
[3] Eu, o Senhor, sou goleador;
Cada momento eu regador.
Para que ninguém não prejudique isso,
Guardo-a noite e dia;
[4] Eu não tenho nenhuma ira.
Será que eu tinha espinhos e espinhas na batalha!
Eu partiria contra eles,

Eu os queimaria juntos.
5 Ou deixá-los apoderar-se da minha proteção,
Deixe-os fazer a paz comigo,
Deixe-os fazer a paz comigo ".
6 Nos dias seguintes, Jacob deve enraizar-se,
Israel florescerá e colocará brotos,
e enche todo o mundo com frutas.

Esta música foi obviamente escrita para contrabalançar a música anterior em 5: 1-7 . Ali, Israel foi descrito como uma vinha sem valor; aqui é chamada de vinheira agradável (v. 2). Lá ela não deu frutos; aqui ela enche o mundo inteiro com a fruta dela (v. 6). Lá, o Senhor anunciou sua intenção de abandoná-la à destruição; aqui ele fala dela como sua possessão zelosamente guardada (v. 3). O objetivo da música, portanto, é mostrar que, desde que o julgamento proclamado no capítulo 5 foi executado, o favor do Senhor retornará ao seu povo.

Os espinhos e os briars mencionados no v. 4 são figurativos dos inimigos do Senhor. O profeta se entrega a uma hipérbole ao descrever o Senhor como desejando que algum inimigo ataque Israel para que ele possa defendê-la. Se isso ocorrer, o atacante teria que processar por termos de paz ou então ser completamente destruído.

(2) Um povo sem discernimento (27: 7-11)

7 Ele os feriu quando feriu aqueles que os feriram?
Ou eles foram mortos quando seus matadores foram mortos?
8 Medida por medida, pelo exílio, você lidou com eles;
Ele os removeu com sua explosão feroz no dia do vento do leste.
9 Portanto, por isso, a culpa de Jacó será expiada,
e esse será o fruto da remoção do seu pecado:
quando ele faz todas as pedras dos altares
como pedras de pedras esmagadas em pedaços,
nenhum altar de Asherim ou incenso permanecerá parado.
10 Pois a cidade fortificada é solitária,
uma habitação deserta e abandonada, como o deserto;
lá o bezerro queima,
lá, ele se deita e tira seus galhos.
11 Quando seus ramos estão secos, eles estão quebrados;
As mulheres vêm e fazem fogo contra elas.
Pois isso é um povo sem discernimento;
portanto, quem os criou não terá compaixão deles,
Aquele que os formou não lhes mostrará nenhum favor.

Esta é uma das passagens mais obscuras no livro de Isaías. A opinião acadêmica difere amplamente em relação à sua tradução e à sua interpretação. É geralmente considerado como uma reflexão sobre o significado do sofrimento passado de Israel. Embora haja pouca indicação de data precisa, a maioria atribui-lo ao período pós-xilic.

O oráculo começa por perguntar se Israel tinha sido punido tão severamente quanto seus opressores. A implicação é que ela melhorou melhor do que eles. A Assíria, por exemplo, foi apagada em 605 AC e Babilônia em 539 AC. Israel, com certeza, teve que suportar o castigo do Senhor (v. 8), mas havia esperança para o futuro dela. Se ela destruísse os altares pagãos em sua terra, seu castigo seria suspenso e seu relacionamento com o Senhor restaurado (v. 9).

O problema mais crucial relacionado à interpretação da passagem é a identificação da cidade fortificada cuja desolação é descrita na v. 10 . Refere-se a Jerusalém ou a uma cidade pagã não especificada (ver 24:10 ; 25: 2 ; 26: 5)? Tendo em vista o fato de que o versículo seguinte parece descrever em termos tradicionais a desobediência e apostasia contínuas do povo judeu (cf. Hos. 2: 4 ; 4: 1 , 6), a cidade pode ser cuidadosamente identificada como Jerusalém. Neste caso, o propósito da passagem seria explicar por que a restauração de Jerusalém foi adiada. A explicação do profeta é que é porque o povo ainda é idólatra e sem entender. A última parte do v. 11 sugere que novos castigos estão prestes a cair sobre eles.

(3) A colheita de Israel (27: 12-13)

12 Naquele dia, do rio Eufrates até o ribeiro de Egito, o SENHOR trará o grão, e você será ajuntado um a um, ó povo de Israel. 13 E naquele dia uma grande trombeta será soprada, e os que se perderam na terra da Assíria e os que foram expulsos da terra do Egito virão e adorarão o SENHOR no monte sagrado de Jerusalém.

Estes versículos fornecem um final feliz para os capítulos 24-27 . Eles descrevem a reunião dos dispersos de Israel sob a dupla figura da colheita (v. 12) e a chamada da trombeta (v. 13). Como o bom grão é separado da palha, assim o Senhor trará-os e os reunirá um por um. Ao som da trombeta, os perdidos na terra da Assíria e na terra do Egito se reúnem em Jerusalém para adorar o Senhor na sua montanha sagrada. Esta é a primeira referência na Bíblia ao sopro da trombeta em conexão com o início da era escatológica (Mateus 24:31 ; 1 Coríntios 15:52 ; 1 Tessalonicenses 4:16 ; Rev. 8: 2 ff.).

IV. Sabedoria Divina e Folhagem Humana (28: 1-32: 20)

Como esses capítulos são constituídos em grande parte por mensagens que Isaías dirigiu a Israel e a Judá durante a crise assíria, algumas vezes foram referidas como "o ciclo assírio das profecias". O arranjo do material em uma série de complexos, cada um introduzido por A palavra "ai" (28: 1 , 29: 1 , 15 , 30: 1 ; 31: 1 ; 33: 1), resultou em ser conhecido também como "o livro dos maldades". está preocupado, consistem em uma mistura de mensagens de julgamento e redenção, de ameaça e consolo.

1. Oráculos relativos a Efraim e a Judá (28: 1-29)

(1) Líderes embriagados do povo do Senhor (28: 1-13)

1 Ai da orgulhosa coroa dos bêbados de Efraim,
e à flor desbotada de sua gloriosa beleza,
que está na cabeça do vale rico daqueles vencido com vinho!
2 Eis que o Senhor tem um poderoso e forte;
como uma tempestade de granizo, uma tempestade destruidora,
como uma tempestade de águas poderosas e transbordantes,
Ele vai se lançar à terra com violência.
3 A soberba coroa dos bêbados de Efraim
será pisado debaixo de pé;
4 e a flor desbotada de sua gloriosa beleza,
que está na cabeça do vale rico,
será como uma figueira madura antes do verão:
Quando um homem vê isso, ele come
assim que estiver na mão dele.
5 Naquele dia, o SENHOR dos exércitos será uma coroa de glória,
e um diadema de beleza, ao remanescente de seu povo;
6 e um espírito de justiça para aquele que se sente em julgamento,
e força para aqueles que voltam a batalha no portão.
7 Estes tambem rolam com vinho
e cambalear com bebida forte;
o sacerdote e o profeta reel com bebida forte,
eles estão confusos com o vinho,
eles cambaleiam com bebida forte;
eles erram na visão,
eles tropeçam em julgar.
8 Para todas as mesas estão cheias de vômito,
nenhum lugar é sem imundície.
9 "A quem ele ensinará conhecimento,
e a quem ele irá explicar a mensagem?
Aqueles que são desmamados do leite,
aqueles tirados do peito?
10 Porque é preceito sobre preceito, preceito sobre preceito,
linha por linha, linha por linha,
aqui um pouco, um pouco.
11 Não, mas por homens de lábios estranhos
e com uma língua estrangeira
o Senhor falará com o seu povo,

12 a quem ele disse,
"Isto é descanso;
Dê descanso ao cansado;
e isso é repouso ";
ainda não ouviram.
13 Portanto, a palavra do Senhor será para eles
preceito sobre preceito, preceito sobre preceito,
linha por linha, linha por linha,
aqui um pouco, um pouco;
para que eles possam ir e caírem para trás,
e seja quebrado, e snared, e tomado.

O oráculo de abertura (v. 1-4) é dirigido a Efraim, isto é, a Israel, e talvez seja datado apenas antes da queda de Samaria em 722 AC . Os homens de Efraim são descritos como vivendo em uma atmosfera de carnaval, felizmente ignorante do julgamento que está prestes a ultrapassá-los.

O julgamento virá pela mão de alguém poderoso e forte, uma referência óbvia ao rei da Assíria. Ele pisoteará a "coroa orgulhosa dos bêbados de Efraim". Isso geralmente é interpretado como significando a cidade de Samaria, uma fortaleza-cidade aparentemente inexpugnável com vista para um vale amplo e fértil. Quando o rei da Assíria vê-lo, ele o devorará tão ansiosamente quanto alguém devoraria frutas maduras (v. 4).

Os versículos 5-6 interrompem a mensagem do julgamento e tratam as glórias da era escatológica que seguirão a invasão assíria. A posição atual do breve oráculo da esperança provavelmente deve-se à sua descrição do Senhor como uma coroa. Ao contrário da coroa desbotada na cabeça de Efraim (vv. 1 , 4), no entanto, ele será uma eterna coroa de glória e uma diadema de beleza para o resto do seu povo (v. 5). Na gloriosa futura, ele concederá sabedoria aos juízes e força de Israel para seus defensores (v. 6). A implicação é que a era escatológica será uma era de justiça e de paz (cf. 2: 4 ; 9: 6-7 ; 11: 1-9).

Os versículos 7-13 descrevem um encontro entre Isaías e os profetas embriagados e os sacerdotes de Judá. Isaías diz que os profetas estão muito bêbados para receber uma visão e os sacerdotes também estão confusos para fazer um julgamento (v. 7). As mesas são cheias de vômito, e a imundície está em toda parte (v. 8). Os líderes religiosos entupidos e confrontos de Judá imediatamente se dirigem contra o profeta com raiva. A sua resposta mal-humorada a sua acusação está registrada em vv. 9-10 . A quem ele ensinará conhecimento? Eles indagam sarcasticamente. "Ele acha que somos filhos no jardim de infância e que é sua responsabilidade nos ensinar o nosso ABC?"

A citação em v. 10 provavelmente é tirada de um abecedário hebraico cedo, um livro de exercícios destinado a ensinar as letras do alfabeto às crianças. Esta cita particular trata de *tsadhe* e *qoph* , as letras do século XVIII e XIX do alfabeto hebraico, transliteradas como *ts* e *q* . Os opositores do profeta fingem imitá-lo como dizem: "Pois é *tsab la-tsab,*

tsab la-tsab; qab la-qab, qab la-qab ; aqui um pouco, um pouco ". A expressão final pode significar" um pouco de cada vez ", ou pode referir-se à ordem em que o professor invoca seus alunos para recitar -" o pequeno aqui, o pequeno lá ".

A resposta de Isaiah é um exemplo clássico do uso da ironia. Como os líderes de Judá recusaram a instrução dada em sua própria língua, serão ensinados na língua da Assíria (v. 11). Naquele dia, a palavra do Senhor será para eles *"tsab la-tsab, tsab la-tsab; qab la-qab, qab la-qab* ; aqui um pouco, lá um pouco "(v. 13). A ameaça final em v. 13 é paralela às 8:15 .

O versículo 12 é cheio de rico significado. Define a intenção de Deus para o seu povo como que eles possam encontrar repouso e repouso. Declara ainda que o caminho para a realização dessa intenção é o caminho da autodidata sacrificial, ou seja, só se *encontra o* descanso, *dando* descanso ao cansado. Existe um paralelo entre este versículo e 30:15 . Em ambos os casos, as boas intenções de Deus para o seu povo são frustradas por causa de sua obstinada desobediência (cf. Lucas 19: 41-42).

(2) Segurança verdadeira e falsa (28: 14-22)

14 Portanto, ouça a palavra do Senhor, seus escarnecedores,
Quem governa esse povo em Jerusalém!
15 Porque você disse: "Nós fizemos uma aliança com a morte,
e com o Sheol temos um acordo;
quando o flagelo avassalador passa
não virá até nós;
pois fizemos mentiras nosso refúgio,
e na falsidade nos abrigamos ";
16 Portanto, assim diz o SENHOR Deus,
"Eis que estou deitado em Sião por uma fundação
uma pedra, uma pedra testada,
uma pedra angular preciosa, de uma base segura:
"Aquele que acredita não vai apressar".
17 E farei justiça a linha,
e a justiça despenca;
e o granizo irá varrer o refúgio de mentiras,
e as águas dominarão o abrigo ".
18 Então a sua aliança com a morte será anulada,
e seu acordo com o Sheol não resistirá;
quando o flagelo avassalador passa
Você será espancado por isso.
19 Com a frequência em que passa, você irá levá-lo;
de manhã em manhã passará,

de dia e de noite;
e será puro terror entender a mensagem.
[20] Pois a cama é muito curta para se esticar sobre ela,
e a cobertura muito estreita para envolver-se nela.
[21] Porque o SENHOR se levantará como no monte Perazim,
ele se envergonhará como no vale de Gibeão;
para fazer sua ação - estranho é a sua ação!
e para trabalhar seu trabalho - alienígena é o seu trabalho!
[22] Agora, portanto, não esqueça,
para que seus laços não sejam fortes;
pois ouvi um decreto de destruição
do Senhor Deus dos exércitos sobre toda a terra.

O rei assírio Sargon II morreu em 705 AC e foi sucedido por seu filho Sennacherib (705-681). Essa mudança de governantes desencadeou uma onda de rebelião que se espalhou por todo o Império Assírio. Judá foi atraído para a rebelião quando Ezequias (715-687) tentou derrubar o jugo assírio (ver 2 Reis 18: 7). Ao tomar este curso de ação, ele foi influenciado por um forte partido pro-egípcio em Jerusalém, um grupo de líderes influentes que acreditavam que o Egito poderia ser contado para ajudar seu país em sua tentativa de independência.

Isaiah reservou alguns dos seus mais fortes ridículos para este grupo. Ele considerou sua confiança no Egito como um ato de blasfêmia, pois colocou o poder dos homens acima do poder de Deus. Ele também viu isso como um exercício de inutilidade, pois como o Egito poderia prestar ajuda aos outros quando era fraca demais para defender-se?

Este oráculo é dirigido aos líderes políticos de Jerusalém que criaram a aliança com o Egito. Eles se gabavam de que sua aliança com a morte e com o Seol (ou seja, sua aliança com o Egito) lhes proporcionaria proteção quando o flagelo esmagador (ou seja, o exército assírio) passou. O seu falso otimismo levou-os a dizer: "Não pode acontecer aqui".

Em contraste com a falsa segurança de que os políticos de Judá se vangloriam, Isaías aponta o caminho para a verdadeira segurança e para a verdadeira grandeza (v. 16-17a). Esses versos estão cheios de metáforas tiradas dos negócios de construção, como o profeta fala de "fundação", "pedra angular", "linha" e "despencar". Deus anuncia que está deitado em Sião por uma pedra fundada. Esta pedra é testado e precioso, e fornece uma base segura.

De acordo com Koehler-Baumgartner, a palavra traduzida "testada" (*bochan*), que ocorre apenas aqui no Antigo Testamento, é um empréstimo egípcio descritivo de um tipo especial de pedra fina usada para escultura de estátuas, inscrições, etc. Sua aparência Aqui, sugere que Isaías pode ter pensado em uma pedra fundamental sobre a qual se inscreveria uma mensagem especial, talvez até as próprias palavras que ficam próximas do v. 16 : "Aquele que acredita não estará apressado".

Esta declaração concisa é o núcleo em torno do qual o resto da passagem gira. Ele encarna a convicção de Isaías de que não pode haver uma comunidade de convivência duradoura sem um fundamento sólido de fé em Yahweh e na confiabilidade de sua palavra (7: 9 ; 30:15). As várias traduções que foram dadas a esta declaração crucial servem para amplificar o seu significado: "Aquele que tem fé não deve vacilar" (NEB); "Aquele que acredita não deve estar preocupado" (Boa velocidade); "Aquele que tem fé não ficará frenético" (JA Sanders); "Um povo que mantém fé não tem causa de pânico" (EA Leslie).

A demanda por fé, no entanto, não esgota os requisitos de Deus. Não basta que uma nação estabeleça seus fundamentos em confiança em Deus; também deve elevar seus muros na justiça e na justiça. Como um bom construtor sempre testa seu trabalho com a linha e o decréscimo, então Deus mede a vida de seu povo com a multa da justiça e com a queda da justiça (v. 17a). Esses versículos contêm os dois elementos mais essenciais na pregação de Isaías, pois durante todo o ministério ele exortou o povo a confiar em Deus ea praticar justiça e justiça.

Os versículos 17b-22 descrevem a falência da política externa de Judá e prevêem o julgamento que deve ultrapassá-la. O julgamento virá como uma tempestade de granizo e como uma inundação, varrendo seu refúgio de mentiras e demolindo seu abrigo de falsidade (v. 15b , 17b). Sua aliança com a morte e seu acordo com o Seol não a salvará do flagelo implacável quando ele passa. Os assírios assediarão a terra pelo dia e a noite, e os meros relatos de suas atividades atacarão o terror dos homens (v. 19).

O profeta faz uso de um provérbio para descrever a miserável condição em que a política externa de Judá a levou. Sua cama é muito curta para se esticar sobre ela, e sua cobertura muito estreita para que ela se envolva nele (v. 20). Para apreciar o provérbio, é preciso lembrar que as noites palestinas, mesmo no verão, são frias e úmidas. Imagine a situação de quem tenta dormir nas circunstâncias descritas aqui! Se ele se estende, ele se estende além do pé da cama; Se ele se desenha, ele tem dificuldade em se cobrir. Simplesmente não há como dormir com conforto. Isaiah está dizendo, em efeito, que Judá fez sua cama, e agora ela deve mentir nele.

O versículo 21 contém uma alusão ao deus dos filisteus de Davi, primeiro no monte Perazim (2 Sam. 5: 17-21 ; 1 Crônicas 14: 8-12) e mais tarde em Gibeão (2 Sam 5:22) -25 ; 1 Cron. 14: 13-17). Naqueles dias, o Senhor lutou ao lado do seu povo; agora ele é forçado a lutar contra eles! Este último curso de ação, no entanto, é tão contrário à sua natureza básica que só pode ser descrito como sua "ação estranha" e seu "trabalho alienígena". O Senhor se deleita com a misericórdia; O julgamento é de fato o seu estranho trabalho.

A passagem fecha com uma advertência aos escarnecedores que, a menos que deixem de zombar, seus títulos serão fortalecidos. O aviso é baseado no decreto da destruição que o profeta ouviu do Senhor dos exércitos contra toda a terra. Pode-se supor que este decreto tenha sido ouvido no conselho celestial (ver Jeremias 23:18). Isso tornaria a mensagem do profeta duplamente autoritativa.

(3) A parábola do fazendeiro (28: 23-29)

> [23] *Dê ouvidos e ouça a minha voz;*

escute e ouça meu discurso.
24 Aquele que arado semeia arado continuamente?
Ele abriu continuamente e arrasou o chão?
25 Quando ele nivelou sua superfície,
ele não dispersa aneto, semeia cummin,
e colocar trigo em fileiras
e cevada no seu devido lugar,
e soletrado como a fronteira?
26 Pois ele é instruído corretamente;
seu deus o ensina.
27 Dill não é trilhado com um trenó de trilha,
nem uma roda de carrinho rola sobre cummin;
mas o aneto é batido com uma vara,
e cummin com uma haste.
28 Algum grão de pão?
Não, ele não o detrói para sempre;
quando ele dirige a roda do carrinho sobre ela
com seus cavalos, ele não a esmaga.
29 Isto também vem do Senhor dos exércitos;
ele é maravilhoso em conselho,
e excelente em sabedoria.

A parábola do fazendeiro é contada no estilo do professor da sabedoria (v. 23 ; ver Prov. 1: 8 ; 3: 1 ; 4: 1-2 , 10). Nele, o profeta expressa sua admiração pela sabedoria e habilidade exemplificadas pelo fazendeiro. Como ele observou o último no trabalho durante as sucessivas estações do ano, ele ficou impressionado com o grau de conhecimento e habilidade exigidos por ele. Ele deve saber como preparar o solo (v. 24), como plantar as sementes (v. 25) e como colher as culturas (v. 27-28). O fato de ele ter sido capaz de fazer essas coisas com sucesso significou que ele havia sido ensinado por Deus, que era maravilhoso em conselho e excelente em sabedoria (vv. 26 , 29).

Quais foram as expressões práticas da sabedoria divina na vida do fazendeiro? Em primeiro lugar, ele não lavou seu campo continuamente (v. 24), nem atinja seu grão para sempre (v. 28), caso contrário o campo e o grão teriam sido destruídos. Isso significa que ele fez tudo na temporada e com moderação. Em segundo lugar, ele tratou cada colheita de forma diferente e de forma adequada às suas características individuais, tanto no momento do plantio (v. 25) quanto no momento da colheita (v. 27-28).

Muitas tentativas diferentes foram feitas para explicar o significado da parábola. É proposto aqui que a chave para o seu entendimento reside na proeminência dada nela às idéias de arar e de debulhar. Tanto a palavra para arar (*charash*) ea palavra para a debulha (*dush*) são por vezes usados no Antigo Testamento para descrever atos de

julgamento ou de vingança (cf. 41:15 ; Salmo 129: 3 ; . Jer 26:18 ; Amos 1: 3). O contexto em que a parábola é colocada (ver v. 21-22) e a maneira como ele é dito sugerem que havia escarnecedores em Judá que se queixavam de que os julgamentos do Senhor sobre eles tinham sido muito severos e que ele não parecia saber quando parar de puni-los. Na verdade, eles pensaram que ele parecia estar empenhado em destruí-los completamente.

A resposta do profeta à sua queixa foi que a atividade de Deus na história foi infundida com uma sabedoria pelo menos compatível com a do fazendeiro. Se o último soubesse quando parar de arar e quando começar a semear, e se ele soubesse quando parar de debulhar o grão para que não fosse esmagado, então o Senhor sabia quando parar de punir o povo. Seu propósito, como o do fazendeiro, não era esmagar o grão, mas apenas para separá-lo da palha. De acordo com essa interpretação, a parábola do fazendeiro foi projetada para expressar a convicção de Isaías de que o julgamento era uma atividade necessária, mas temporária, de Deus; Seu propósito final era a redenção de seu povo.

2. Oracles of Judgment and Redemption (29: 1-24)

(1) A destruição e libertação de Jerusalém (29: 1-8)

1 Ho Ariel, Ariel,
A cidade onde David acampou!
Adicionar ano a ano;
Deixe as festas correrem a sua rodada.
2 Contudo, eu afligirei Ariel,
e haverá gemidos e lamentações,
e ela será para mim como um Ariel.
3 E vou acampar contra você ao redor,
e irá sitiá-lo com torres
e eu levarei assédio contra você.
4 Então, do fundo da terra, você deve falar,
De baixo no pó, as suas palavras virão;
sua voz virá do chão como a voz de um fantasma,
e seu discurso deve sussurrar do pó.
5 Mas a multidão de seus inimigos será como pó pequeno,
e a multidão dos implacáveis como palha passageira.
E, num instante, de repente,
6 você será visitado pelo Senhor dos Exércitos
com trovões e com terremoto e grande barulho,
com turbilhão e tempestade, e a chama de um fogo devorador.
7 E a multidão de todas as nações que lutam contra Ariel,
todos os que lutam contra ela e sua fortaleza e a afligem,
deve ser como um sonho, uma visão da noite.

[8] *Como quando um homem com fome sonha ele está comendo*
e acorda com sua fome não satisfeita,
ou como quando um homem sedento sonha, ele está bebendo
e acorda desmaiar, com a sede não apagada,
assim será a multidão de todas as nações
que luta contra o Monte de Sião.

Este oráculo provavelmente pertence ao período compreendido entre 705 e 701 AC . Ele prova que foi entregue durante uma das festas religiosas em Jerusalém. Caia naturalmente em duas divisões, a primeira (vv. 1-4) descrevendo a angústia da cidade sob o seige e a segunda (vv. 5-8) a súbita desconfiança de seus inimigos. Na primeira divisão, o Senhor aparece como inimigo de Jerusalém, mas, através de um turnabout completo em eventos, ele aparece no segundo como seu defensor. Isso provavelmente reflete a transição abrupta através da qual a cidade passou durante a crise de Sennacherib de 701.

A cidade é referida não pelo seu nome usual, mas como *Ariel* (vv. 1, 2 , 7). Este nome estranho vem do *arallu* Akkadiano , que significa "submundo", "fantasma" ou "montanha dos deuses". A palavra hebraica *ariel* também ocorre em Ezequiel 43: 15-16 , onde é traduzida "lares de altar". *Ariel* provavelmente deve ser interpretado, portanto, como "altar de Deus", um nome especialmente apropriado para Jerusalém por causa da presença nele do Templo de Salomão.

O fato de que a cidade tem um templo e um culto bem organizado, no entanto, não o salvará da destruição iminente. Não importa quão fiel as pessoas possam comparecer às suas festas religiosas, o julgamento ainda é inevitável (ver v. 1b).

Há uma peça de teatro sobre os diferentes significados do termo *Ariel* na v. 2 . Ariel (altar de Deus) será submetido a uma angústia tão profunda que se tornará como um Ariel (fantasma). O próprio Senhor colocará seige na cidade (v. 3), e será tão baixo que sua voz soará como se fosse do próprio Seol, aquela terra empoeirada dos mortos (v. 4).

Neste ponto, há **uma** transição súbita e inexplicável de palavras de ameaça para palavras de conforto. O Senhor fala para tranquilizar Ariel, prometendo-lhe que aqueles que lutam contra ela logo se derrubarão em poeira e serão destruídos como palha (v. 5). Ela não vai mais se lembrar deles, exceto talvez como se lembrem de um sonho ruim ou de um pesadelo (v. 7). Seu inimigo, que vem contra ela com visões de conquistar e saquear, vai embora tão vazio quanto um homem com fome que sonha com que ele está comendo e bebendo, e depois acorda ao descobrir que era apenas um sonho (v. 8).

(2) Cegueira Espiritual e Hipocrisia (29: 9-14)

[9] *Stupefy você mesmo e estar em um estupor,*
cegue-se e fique cego!

Seja bebado, mas não com vinho;
cambaleie, mas não com bebida forte!
10 Porque o Senhor derramou sobre vós
um espírito de sono profundo,
e fechou os olhos, os profetas,
e cobriu suas cabeças, os videntes.
11 E a visão de tudo isso tornou-se para você como as palavras de um livro que é selado. Quando os homens o dão a alguém que pode ler, dizendo: "Leia isso", ele diz: "Não posso, porque está selado". 12 E quando eles dão o livro a um que não pode ler, dizendo: "Leia isto" ele diz: "Não consigo ler".
13 E o Senhor disse:
"Porque este povo se aproxima com a boca
e honre-me com os lábios,
enquanto seus corações estão longe de mim,
e seu medo de mim é um mandamento de homens aprendidos por rote;
14 então, eis que voltarei a
faça coisas maravilhosas com esse povo,
maravilhoso e maravilhoso;
e a sabedoria dos seus sábios perecerá,
e o discernimento de seus homens discernidores deve estar escondido ".

Esta passagem descreve a condição espiritual do povo de Jerusalém antes das 701 AC . Eles eram pessoas cegas (v. 9-12), cujo único serviço a Deus era o serviço dos lábios (v. 13-14). A descrição de sua cegueira lembra uma das palavras que foram faladas ao profeta no momento de seu chamado (ver 6: 9-10).

O fato de que, em ambos os casos, a cegueira das pessoas é atribuída direta ou indiretamente a Deus é um testemunho do monoteísmo completo dos escritores do Antigo Testamento, que, com pouca exceção, considerou Deus como a principal causa de tudo o que aconteceu na mundo (ver 45: 7 ; ex. 10:20 ; 1 Sam. 16:14 ; 2 Sam. 24: 1). Esses escritores também acreditavam na liberdade e responsabilidade do homem e, aparentemente, não via contradição entre esses dois pontos de vista. Israel, portanto, foi responsabilizado por sua cegueira, mesmo que Deus permitiu que isso acontecesse.

A condição das pessoas é como a de um homem atordoado, cego e intoxicado - tudo ao mesmo tempo. Sua letargia moral é comparada a um sono profundo, uma espécie de sono hipnótico como o de Adão (Gênesis 2: 21), de Abrão (Gn 15:12), de Saul (1 Sam. 26:12), ou de Jonas (Jonas 1: 5).

A última parte do v. 10 refere-se aos profetas e videntes como os olhos e os chefes da comunidade. Esta leitura fala imediatamente de uma grande responsabilidade e de um grande fracasso. Em verdade, os profetas eram os olhos de Israel, pois sobre eles descansava a responsabilidade de ver e declarar a palavra do Senhor. O fechamento dos olhos e a cobertura das cabeças resultariam, portanto, em uma escassez de visão

profética, produzindo uma fome da palavra do Senhor, como a previsão anterior de Amós (cf. Amós 8: 11-12).

Toda visão profética tornou-se para os homens de Jerusalém como um pergaminho enrolado e selado com cera (v. 11 , cf. Dan 5:12 , 15 ; Rev. 5: 1-9). A incapacidade de entender a palavra do Senhor afetou os educados e os não educados (vv. 1 lb-12).

O versículo 13 descreve o culto de Jerusalém como exibição de labios e ritual vazio. O NEB torna a frase final no versículo para ler, "e sua religião não é senão um preceito dos homens, aprendida por rote". Sua religião tornou-se uma mera formalidade, um eco sem sentido do passado (Mt. 15: 8) -9 ; Mark 7: 6-7).

O "porque" do v. 13 é seguido pelo "portanto" do v. 14 . Deus anuncia que ele novamente intervirá na história de Judá, realizando obras muito maravilhosas para que seus homens sábios compreendam ou explicem (1 Coríntios 1:19).

(3) Judel's Crafty Counselors (29: 15-16)

15 Ai daqueles que escondem o Senhor do seu conselho,
cujos atos estão no escuro,
e quem diz: "Quem nos vê? Quem nos conhece? "
16 Você transforma as coisas de cabeça para baixo!
O ceramista deve ser considerado como a argila;
que o que se faz deveria dizer do seu criador,
"Ele não me fez";
ou a coisa formada diz daquele que a formou,
"Ele não tem entendimento"?

Este breve oráculo condena os líderes de Judá que estavam tentando formar uma aliança secreta com o Egito (cf. 28: 7-22 ; 30: 1-7 ; 31: 1-3). Eles se vangloriaram de que seus planos haviam sido planejados e executados com tanto sigilo que nem mesmo o próprio Senhor sabia o que tinham feito. Eles pensaram que, por uma vez, eles haviam superado e superado ele e seu profeta intrometido. Isaiah lembrou-lhes que, dando expressão a pensamentos tão arrogantes, estavam negando a sua própria criatividade e lançando aspersões sobre a inteligência de seu Criador (ver 45: 9 , Romanos 9:20).

(4) A Transformação da Natureza e da Sociedade (29: 17-24)

17 Ainda não é muito pouco
até que o Líbano seja transformado em um campo frutífero,
e o campo frutífero deve ser considerado como uma floresta?
18 Naquele dia, os surdos ouvirão
as palavras de um livro,
e fora de sua escuridão e escuridão
os olhos dos cegos devem ver.

19 Os mansos obterão nova alegria no SENHOR ,
e os pobres entre os homens se exultariam no Santo de Israel.
20 Pois os implacáveis vão desanimar e o escarnecedor cessar,
e todos os que observam fazer o mal serão cortados,
21 que por uma palavra faz um homem ser um ofensor,
e coloque uma armadilha para aquele que repreende no portão,
e com um pedido vazio, desvie o que está à direita.
22 Portanto, assim diz o SENHOR , que redimiu a Abraão, sobre a casa de Jacó;
"Jacó não deve mais ter vergonha,
O rosto dele ficará mais pálido.
23 Pois, quando ele vê os filhos dele,
o trabalho das minhas mãos, no meio dele,
eles santificarão meu nome;
Santificarão o Santo de Jacó,
e admirará o Deus de Israel.
24 E aqueles que erram em espírito virão a entender,
e aqueles que murmurarão aceitarão a instrução ".

Alguns estudiosos consideram o v. 17 como pertencentes ao precedente oráculo de julgamento e interpretam-no como se referindo não à restauração da terra, mas à sua devastação. O NEB, por exemplo, adota esta interpretação e faz o verso: "O tempo é curto antes que o Líbano volte para as pastagens e a pastagem não seja melhor do que esfregar". Os tradutores do RSV, por outro lado, entendem o verso como uma promessa de restauração da terra, com as florestas do Líbano tornando-se um campo fértil e os campos férteis uma floresta.

A maioria dos estudiosos modernos considera esta passagem como tendo sido escrita durante o mesmo período que os capítulos 40-66 . Esta opinião baseia-se nas semelhanças de pensamento e linguagem que existem entre as duas seções. Outros observam que a evidência citada em apoio desta posição é altamente ambígua, e pode ser usada para provar que o próprio Isaías escreveu a passagem. É inquestionavelmente verdade que a esperança era um ingrediente essencial na sua pregação.

O versículo 18 promete que, na idade dourada a vir, haverá uma reversão da situação anteriormente descrita em vv. 9-12 . O povo do Senhor, conhecido como os mansos e os pobres da terra, encontrará nova alegria nele (v. 19). Os implacáveis e arrogantes, por outro lado, deixarão de ser, juntamente com todos aqueles que pervertem a justiça (v. 20-21).

Os versículos 22-24 descrevem a transformação interior que ocorrerá entre os povos de Israel na era a vir. A vergonha e o desânimo de Jacó acabarão quando ele verá seus filhos, o trabalho das mãos de Deus, reunidos ao seu redor. Naquele dia, todos santificarão o Santo de Jacó e admirarão o Deus de Israel. Mesmo os confusos em mente e os rebeldes entre eles chegarão a uma compreensão do significado da verdadeira religião.

3. A Rejeição da Segurança da Fé (30: 1-31: 9)

(1) A Futilidade de Dependendo do Egito (30: 1-7)

1 "Ai dos filhos rebeldes", diz o SENHOR ,
"Quem executa um plano, mas não o meu;
e quem faz uma liga, mas não do meu espírito,
para que possam adicionar pecado ao pecado;
2 que partiram para ir ao Egito,
sem pedir meu conselho
refugiar-se na proteção do faraó,
e procurar abrigo à sombra do Egito!
3 Portanto, a proteção do faraó se voltará para a sua vergonha,
e o abrigo à sombra do Egito para sua humilhação.
4 Pois, apesar de seus funcionários estarem em Zoan
e seus enviados chegam a Hanes,
5 cada um vem envergonhar
através de um povo que não pode aproveitá-los,
que não traz ajuda nem lucro,
mas vergonha e desgraça ".
6 Um oráculo sobre os animais do Negeb.
Através de uma terra de problemas e angústia,
de onde vem a leoa e o leão,
a víbora e a serpente voadora,
eles carregam suas riquezas nas costas dos jumentos,
e seus tesouros nas corcundas dos camelos,
para um povo que não pode aproveitá-los.
7 Porque a ajuda do Egito é inútil e vazia,
então eu liguei para ela
"Rahab, que fica sentado".

Existem dois oráculos nesta seção (vv. 1-5 , 6-7), que enfatizam a futilidade de depender do Egito para proteção. A circunstância que chamou esses oráculos foi o envio de uma embaixada de Judá ao Egito com o objetivo de organizar um tratado entre os dois países. Judah, aparentemente, tomou a iniciativa neste empreendimento, pois seus enviados receberam presentes caros para atrair os egípcios para unir forças com eles. Nesta conjuntura particular da história, o Egito estava sob o domínio de um rei capaz chamado Shabako (710-696 AC), o que inspirou os homens de Judá a acreditar que eles estariam seguros se tivessem o Egito do seu lado.

Isaiah deu dois motivos para sua oposição à tentativa de alistar a ajuda do Egito. Em primeiro lugar, os homens de Judá fizeram os seus planos sem consultar o Senhor ou

procurar o seu conselho (v. 1-2). Havia uma tradição estabelecida em Israel de que todas essas decisões de alto nível seriam adiadas até que a palavra do Senhor fosse buscada por meio de um dos profetas (ver 1 Reis 22). O partido pró-egípcio, no entanto, ignorou essa tradição e atuou por sua própria autoridade. O profeta considerou isso não como uma afronta pessoal, mas como uma afronta para o próprio Deus.

O segundo motivo para a oposição de Isaías à aliança proposta foi sua convicção de que a ajuda do Egito seria absolutamente inútil (v. 3-5). Este é também o tema do segundo oráculo (v. 6-7), que descreve a perigosa e tortuosa jornada que os enviados tiveram que fazer quando atravessaram o deserto do Sinai no caminho para o Egito. A tragédia de tudo era que era um exercício de futilidade, pois a ajuda do Egito **era** inútil e vazia (v. 7). O profeta, desdenhosamente, o apelidou de "Rahab, que fica sentado". Rahab era mais um nome para o dragão primitivo, também conhecido como Leviatã (ver 27: 1). Por muito que o Egito possa ter parecido com um dragão, tudo o que ela fez foi sentar-se quieto!

(2) Um testemunho escrito (30: 8-17)

8 E agora, vá, escreva antes deles em uma mesa,
e inscreva-o em um livro,
que pode ser para o tempo que virá
como uma testemunha para sempre.
9 Pois são pessoas rebeldes,
filhos mentirosos
filhos que não ouvirão
a instrução do Senhor;
10 que dizem aos videntes: "Veja não";
e aos profetas: "Profetiza não para nós o que é certo;
fale conosco coisas suaves,
profetiza ilusões
11 deixe o caminho, desvie do caminho,
Não vamos ouvir mais o Santo de Israel ".
12 Portanto, assim diz o Santo de Israel,
"Porque você despreza essa palavra,
e confiar na opressão e perversidade,
e confiar neles;
13 , esta iniqüidade será para você
como uma quebra em um muro alto, abaulando, e está prestes a entrar em colapso,
cujo choque vem de repente, em um instante;
14 e é quebrar é como o de um vaso de oleiro
que é esmagado tão implacavelmente
que entre os seus fragmentos não é encontrado um sherd

com o qual tirar fogo da lareira,
ou para extrair a água da cisterna ".
15 Pois assim disse o SENHOR Deus, o Santo de Israel,
"Ao retornar e descansar você será salvo;
Em silêncio e em confiança, será sua força ".
E você não, 16 , mas você disse:
"Não! Vamos acelerar em cavalos,
"Portanto, você deve acelerar;
e "Andaremos sobre os rápidos steeds,
"Portanto, seus perseguidores devem ser rápidos.
17 Mil devem fugir da ameaça de um,
com a ameaça de cinco, você fugirá,
até você ficar
Como um bastão na parte superior de uma montanha,
como um sinal em uma colina.

Em face da recusa teimosa do povo para atender a palavra falada de Deus, Isaías foi informado de cometer sua mensagem para escrever (v. 8 , cf. 8: 16-18). O recorde escrito era servir de testemunho para todos os tempos vindos de que as pessoas haviam sido rebeldes e desleais (v. 9) e que tentaram silenciar seus profetas e videntes através da intimidação e da coerção (v. 9-11) . Esses arquitetos da política externa de Israel queriam apoio dos profetas, não críticas. Eles estavam particularmente cansados de ouvir Isaías se referir a Deus como o Santo de Israel, pois cada referência assim os lembrou de sua própria iniqüidade.

Isaías, no entanto, recusou-se a ser coagido no silêncio. Falando no próprio nome do Santo de Israel, ele anunciou o julgamento seguinte sob duas figuras familiares para seus ouvintes. Sua queda seria como o colapso repentino de uma parede alta e abaulada (v. 13). As muralhas em torno de cidades antigas serviram não só como linhas de defesa, mas também como muros de contenção. Eles geralmente eram preenchidos com uma profundidade considerável no lado superior com sujeira e detritos. Uma vez que eles foram construídos com pedras desembarcadas unidas pela lama, elas poderiam ser facilmente prejudicadas por inundações ou debilitadas por deslizamentos de terra. As paredes salientes deveriam ser reparadas imediatamente, ou então eles levariam para destruir as casas construídas acima delas (ver Mateus 7: 26-27).

A segunda figura usada pelo profeta era a de um vaso de oleiro que destruiu implacavelmente que, entre os seus fragmentos, não era possível encontrar um escorredor suficientemente grande para ser usado para tirar um fogo de fogo do fogo ou para tirar água da cisterna (v. 14). Normalmente, foram utilizados potsherds para estes e para uma variedade de outros fins semelhantes (ver Job 2: 8). O uso do profeta das figuras do muro abaulamento e do vaso do oleiro esmagado enfatizava a certeza e a minuciosidade da destruição que se aproximava.

O oráculo final na seção (vv. 15-17) apresenta o verdadeiro e o falso caminho para a segurança nacional. O versículo 15 , um dos textos mais conhecidos e mais amados no

livro de Isaías, declara que a verdadeira segurança de Judá reside em retornar a Deus em penitência, confiando calmamente em sua ajuda prometida e descansando de seus febris esforços para garantir Sua própria segurança. Se ela tivesse escolhido esse caminho, ela teria encontrado uma verdadeira segurança e uma verdadeira estabilidade.

Os líderes de Judá não estavam dispostos, no entanto, a seguir o caminho da fé, mas escolheram o caminho do militarismo. Eles estavam confiantes de que um exército fornecido com cavalos, talvez adquirido do Egito (ver 31: 3), seria invencível no campo de batalha. O profeta respondeu com desprezo que seus cavalos não servem de propósito útil, além de permitir que eles fugissem mais rapidamente de seus perseguidores (v. 16). Ele também afirmou que um soldado inimigo poderia perseguir milhares de tropas de Judá e que, com a ameaça de cinco, a nação inteira seria levada a fugir. Quando o pó da batalha se instalou, ela seria deixada como um mastro de bandeira em um topo de montanha ou como uma placa em uma colina (v. 17). A imagem desenhada pelo profeta é de um isolamento absoluto e de uma solidão. A situação aqui descrita corresponde aos acontecimentos de 701 AC , quando Jerusalém foi a única cidade da Judéia a escapar da destruição nas mãos dos assírios (ver 1: 7-9).

(3) A paciência e a misericórdia de Deus (30: 18-26)

18 Portanto, o SENHOR espera ser misericordioso com você;
portanto, ele se exalta para mostrar misericórdia de você.
Porque o SENHOR é um Deus de justiça;
abençoados são todos aqueles que esperam por ele.

19 Sim, ó pessoas em Sião que habitam em Jerusalém; você não deve chorar mais. Ele certamente será gracioso com você ao som do seu clamor; Quando o ouvir, ele irá responder-lhe. 20 E, embora o Senhor lhe dê o pão da adversidade e a água da aflição, o seu Maestro não se esconderá mais, mas os seus olhos verão o seu Mestre. 21 E os teus ouvidos ouvirão uma palavra atrás de ti, dizendo: "Este é o caminho, anda nela", quando você virar para a direita ou quando você se virar para a esquerda. 22 Então você contaminará suas imagens de grava cobertas de prata e suas imagens fundidas em ouro. Vocês as dispersarão como coisas impuras, você irá dizer-lhes: "Begone!"

23 E dará chuva para a semente com a qual semeiras a terra, eo grão, o produto da terra, que será rico e abundante. Naquele dia, seu gado pastará em grandes pastagens; 24 e os bois e os jumentos que, até o chão, comerão provado salgado, que foi batido com pá e garfo. 25 E sobre todo monte alto e toda colina alta haverão ribeiros correndo com água, no dia da grande matança, quando as torres cairem. 26 Além disso, a luz da lua será como a luz do sol, e a luz do sol será sete vezes, como a luz de sete dias, no dia em que o SENHOR unir a dor do seu povo e curar o feridas infligidas por seu golpe.

Esta passagem é geralmente considerada como uma adição inspirada ao livro de Isaías, feita no período exilic ou pós-xilic. Foi escrito para inspirar esperança nos corações do

povo de Jerusalém em um momento em que eles estavam sofrendo grande adversidade (ver v. 19-20).

O atraso na libertação do povo não indicou uma relutância por parte de Deus para abençoá-los. Pelo contrário, ele espera ser misericordioso com eles; Deixe-os também esperá-lo, e sua bênção retornaria a eles (v. 18). O verbo traduzido "ele se exalta" também pode ser representado "ele deseja ou anseia", como em árabe, daí a tradução do NEB, "contudo ele anseia ter piedade de você".

O povo de Sião é consolado com a certeza de que o seu cansaço acabará em breve, pois o Senhor ouvirá o som de seu choro torturado e será gracioso com eles (v. 19). Por um breve período de tempo, foi necessário que ele lhes desse o pão da adversidade e a água da aflição (v. 20 , cf. 1 Reis 22:27), mas a situação em breve será corrigida.

A opinião acadêmica é fortemente dividida em relação à tradução e interpretação corretas da última parte do v. 20 . A questão é se se refere ao profeta de Israel, isto é, a Deus, ou a seus professores, isto é, aos profetas. O texto Masoretic tem um assunto plural (professores) seguido por um verbo singular (se esconde). O Pergaminho do Mar Morto de Isaías, no entanto, tem um assunto plural e um verbo plural. Uma vez que é dito que os israelitas verão seus professores (plural) com seus próprios olhos - uma declaração pouco aplicável a Deus (ver Ex 33:20 ;

É um. 6: 5 ; João 1:18) - a probabilidade é que isto não se refere a uma aparência de Deus, mas à renovação da profecia. Os profetas de Israel, agora escondidos por causa da perseguição, reaparecerão em breve; e quando isso acontecer, a fome da palavra profética chegará ao fim. Sempre que as pessoas se desviem, seja para a direita ou para a esquerda, ouvirem uma voz atrás delas, dizendo: Este é o caminho, ande nele (v. 21). Como resultado da orientação profética dada a eles, eles contaminarão suas imagens esculpidas e as expulsarão como coisas a serem detestadas (v. 22).

A restauração de Sião será acompanhada por uma transformação no reino da natureza (v. 23-26). Deus abençoará o seu povo com abundantes chuvas e colheitas abundantes (v. 23), de modo que mesmo os animais do trabalho serão alimentados com silagem salgada e grãos de vômito, uma dieta geralmente reservada para animais engordados para abate (v. 24). Mesmo as montanhas e colinas normalmente secas serão regadas por brooks fluentes, tornando-as tão férteis quanto as planícies e os vales (v. 25). A referência ao dia do grande abate, quando as torres caem, talvez seja interpretada em um sentido escatológico como se referindo ao julgamento final de todos os inimigos do povo do Senhor. O dia do abate dos gentios será um dia de cura para Israel (v. 26). Naquele dia, o brilho do sol e da lua será aumentado, de modo que a luz de um dia seja igual a sete.

(4) Julgamento Divino sobre Assíria (30: 27-33)

> *27 Eis que o nome do SENHOR vem de longe,*
> *queimando com a ira dele e na grossa fumaça crescente;*
> *seus lábios estão cheios de indignação,*
> *e sua língua é como um fogo devorador;*
> *28 sua respiração é como um fluxo transbordante*

que atinge o pescoço;
para peneirar as nações com a peneira de destruição,
e colocar sobre as mandíbulas dos povos um freio que se desvia.
29 Você deve ter uma música como na noite
Quando uma santa festa é mantida; e alegria de coração, como quando se propõe ao som da flauta para ir ao monte do SENHOR , para a Rocha de Israel. 30 E o SENHOR fará ouvir sua voz majestosa, e o golpe descendente de seu braço para ser visto, com raiva furiosa e fogo de fogo devorador, com uma nuvem, tempestade e pedras de granizo. 31 Os assírios ficarão assustados com a voz do SENHOR , quando ferir com a vara. 32 E todo golpe da equipe de castigo que o SENHOR coloca sobre eles será ao som dos timbres e liras; lutando com o braço brandido, ele lutará com eles. 33Para um local em chamas há muito tempo preparado; sim, porque o rei está pronto, a pira é profunda e larga, com abundância de fogo e madeira; O sopro do SENHOR , como um fluxo de enxofre, o acende.

Scott é de opinião que a passagem como agora representa representa o agrupamento de duas composições originalmente independentes. O primeiro (vv. 27-28, 30-32a, 33) foi um oráculo de julgamento contra a Assíria; O segundo (v. 25de, 29, 32b) foi uma canção a ser cantada pelos habitantes de Judá em comemoração da sua libertação. Scott avança a teoria de que, numa fase inicial da transmissão do texto, vv. 25de, 29, 32b foram escritos na margem de um manuscrito e posteriormente foram copiados mecanicamente em sequência com os versos opostos aos quais foram escritos. Se essa teoria pudesse ser verificada, simplificaria grandemente a interpretação desta difícil passagem.

A vinda do Senhor para julgar a Assíria assume a forma de uma tempestade de teofania (ver v. 27-28, 30-32a, 33), de que há muitos exemplos no Antigo Testamento (ver Judg. 5: 4-5 , 20 -21 ; Salmo 18: 7-15 ; Hab. 3: 3-15). O nome de Javé (v. 27) é uma circunstância para o próprio Javé (ver Deuteronômio 12: 5 , 11 ; 1 Crônicas 29:16 ; Salmos 8: 1); representa tanto a sua presença como o seu poder, ao aproximar o homem da sua "natureza real, mas nunca totalmente revelada". O nome de Yahweh teria vindo de longe, talvez para ser entendido como uma referência ao Monte Sinai (cf . Deut. 33: 2). Ele vem queimando de raiva contra as nações, e sua raiva causa seus lábios, sua língua e sua respiração (v. 27-28).

Os seguintes versos, como estão agora, (29-33) descrevem a matança dos assírios como se estivesse ocorrendo em Jerusalém durante a celebração real de um festival religioso, que alguns se identificam como Páscoa e outros como Tabernáculos. À medida que o Senhor feriu os Assírios assustadores pelo terror, a força de sua fúria é igualada apenas pela alegre exuberância de seu povo. É o abate preparado para a música, pois cada golpe de sua haste cai ao ritmo dos pandeiros e das harpas (v. 32).

O versículo 33 menciona um altar de sacrifício, isto é, um lugar ardente, preparado pelo Senhor. A palavra traduzida como "um lugar ardente" (*Topheth* , um coração) aparece em outro lugar como o nome de um lugar fora de Jerusalém no Vale de Hinnom, onde sacrifícios **i** foram feitos geralmente a Molech (cf. 2 Reis 23:10 ; Jr. 7: 31-32). Molech,

o nome de uma divindade pagã, é apenas uma maneira burlona de escrever a palavra hebraica para o rei, *melek* . Por meio desse jogo bastante engenhoso sobre as palavras, o profeta está afirmando que o sacrifício a ser feito sobre o *Topheth* de Javé não será oferecido a Molech; Em vez disso, o grande *melek*Ele mesmo, ou seja, o rei da Assíria, será a vítima sacrificial. O sopro do Senhor, como um fluxo de enxofre, surgirá e inflamará sua pira funerária.

(5) Misplaced Trust (31: 1-3)

[1] Ai daqueles que vão ao Egito para pedir ajuda
e confiar em cavalos,
Quem confia nos carros porque eles são muitos
e em cavaleiros porque são muito fortes,
mas não olhe para o Santo de Israel
ou consulte o Senhor!
[2] E, no entanto, ele é sábio e traz desastre,
ele não recorre suas palavras,
mas surgirá contra a casa dos malfeitores,
e contra os ajudantes daqueles que trabalham iniqüidade.
[3] Os egípcios são homens, e não Deus;
e seus cavalos são carne e não espírito
Quando o SENHOR esticar a mão,
o ajudante tropeçará, e quem é
ajudou a cair,
e todos irão morrer juntos.

Como eventos construídos para a crise de 701 AC , os homens de Judá olharam cada vez mais para o Egito para obter ajuda. Eles ficaram fascinados com o tamanho e a eficiência do seu exército e decidiram que uma aliança com ela lhes oferecia sua maior esperança de segurança.

Isaías leva-os a tarefa por ter embarcado neste curso de ação sem olhar para o Santo de Israel ou procurar o seu conselho (cf. 30: 1-2). Ele lembra-lhes que eles não têm monopólio da sabedoria; Deus também é sábio (v. 2). Além disso, suas palavras de julgamento já foram pronunciadas contra a casa dos malfeitores **e** os que praticam a iniqüidade (Judá) e contra os seus ajudantes (Egito), e não será lembrado (ver 55: 10-11). Não haverá maneira de escapar do julgamento da Palavra falada de Deus.

O versículo 3 é um dos verdadeiros verdadeiros textos do Antigo Testamento. Nele, o profeta confrontou os homens de Judá com uma escolha. Eles devem escolher entre homens e deus, entre carne e espírito. Os egípcios e os seus cavalos de carne representam o poder material, a força bruta dos homens e dos cavalos de guerra. Contra isso, o poder espiritual é o poder que pertence exclusivamente a Deus. Escolher o material e não o poder espiritual é escolher o fracasso. Quando o Senhor esticar a mão, tanto os que oferecem ajuda (Egito) quanto aquele que recebe ajuda (Judá) cairão

juntos. Nenhuma nação ou grupo de nações é forte o suficiente para resistir ao seu poder.

(6) A queda da Assíria (31: 4-9)

4 Pois assim o Senhor me disse:
Quando um leão ou um jovem leão grunhiu sobre sua presa,
e quando uma banda de pastores é convocada contra ele
não está aterrorizado com os seus gritos
ou assustado pelo barulho deles,
então o SENHOR dos anfitriões descerá
para lutar sobre o Monte de Sião e sobre a sua colina.
5 Como os pássaros pairando, então o SENHOR dos Exércitos
protegerá Jerusalém;
ele irá protegê-lo e entregá-lo,
Ele vai poupar e resgatá-lo.
6 Volte-se para aquele de quem você se revoltou profundamente, ó povo de Israel. 7 Pois, naquele dia, cada um lançará os seus ídolos de prata e os seus ídolos de ouro, que as tuas mãos pecaram pecaminosamente.
8 "E o assírio cairá pela espada, não do homem;
e uma espada, não do homem, deve devorá-lo;
e ele fugirá da espada,
e seus jovens devem ser colocados em trabalho forçado.
9 A sua rocha passará com terror,
e seus oficiais abandonam o padrão em pânico ",
diz o SENHOR , cujo fogo está em Sião,
e cuja fornalha está em Jerusalém.

É difícil determinar se o v. 4 foi originalmente destinado como uma promessa a Jerusalém ou como uma ameaça. Ele expressa a determinação do Senhor de defender Jerusalém contra os assírios? Se assim for, reverte o significado normal do símile do leão e dos pastores, pois retrata o leão como protegendo sua presa e os pastores como procurando destruí-lo!

A interpretação mais natural é que o versículo é uma expressão da determinação do Senhor de manter Jerusalém firmemente ao seu alcance (talvez através dos assírios), mesmo que um leão abrace sua presa, não importa o quão difícil os pastores (talvez sejam identificados como os egípcios) poderiam tentar assustá-lo. A interpretação de que o Senhor vai atacar Sião é suportado pelo facto de que o verbo raros “para combater” (*tsaba'*), quando seguido pela preposição *'al* , significa sempre “para lutar contra” (cf. 29: 7, 8 ; Nm. 31: 7 , Zacarias 14:12).

No v. 5, a figura muda para uma proteção para Jerusalém, embora alguns tenham interpretado a metáfora do Senhor protegendo (*ganan* , cercando) a cidade como pássaros pairando (' *uph* , para voar) como significando que apenas alguns de seus habitantes serão arrancados para a segurança. A interpretação mais provável é a que se reflete na tradução do NEB: "Assim, o Senhor dos exércitos, como um pássaro que paira sobre os seus jovens, será um escudo para Jerusalém; ele a protegerá e a livrará, estendendo-se sobre ela e entregando-a. "A promessa da libertação de Zion de seus inimigos refletidos nesta tradução é paralela à dada em 29: 1-8 .

O versículo 6 contém as únicas citações diretas ao arrependimento a ser encontrado em Isaiah 1-39 (ver 44:22 ; 55: 7). Isso contrasta forte com a freqüência com que a chamada ocorre em outros livros proféticos. Ao dar o chamado, o profeta enfatiza a magnitude do pecado de Judá ao se ter revoltado tão fortemente contra Deus. Um dos resultados de sua volta a ele será o abandono de suas ídolos de prata e ouro (v. 7 , cf. 2:20 ; 30:22).

Os versículos 8-9 abordam o tema da derrota da Assíria, um tema familiar ao longo da pregação de Isaías. A espada pela qual os assírios são mortos não é a espada do homem, mas a espada do Senhor. Esta profecia provavelmente deve ser lida como um reflexo dos eventos reais de 701 AC , quando os assírios foram forçados a se retirar de Jerusalém sem terem capturado (ver 37: 21-38). A última parte de V. 9 sugere que qualquer nação que se atreva a atacar Jerusalém perecerá no forno de fogo do Senhor.

4. Orações de Admoestação e Promessa (32: 1-20)

(1) Um Reino da Justiça (32: 1-8)

1 Eis que um rei reinará em justiça,
e os príncipes governarão a justiça.
2 Cada um será como um esconderijo do vento,
um encoberto da tempestade,
como córregos de água em um lugar seco,
como a sombra de uma grande rocha em uma terra cansada.
3 Então os olhos daqueles que vêem não serão fechados,
E ouvirem os ouvidos daqueles que ouvem.
4 A mente da erupção cutânea terá bom juízo,
e a língua dos balbuciantes falará pronta e distintamente.
5 O tolo não será mais chamado de nobre,
nem o maldito disse ser honrado.
6 Pois o tolo fala loucura,
e sua mente traça a iniqüidade:
para praticar a impiedade
para pronunciar erro em relação ao Senhor,
para deixar o desejo da fome insatisfeito,

e privar o sedento de bebida.
7 Os knaveries do knave são maus;
ele planeja dispositivos perversos
para arruinar os pobres com palavras mentirosas,
mesmo quando o apelo do necessitado é certo
8 Mas aquele que é nobre concebe coisas nobres,
e por coisas nobres que ele está.

Alguns sugeriram que o rei mencionado no v. 1 é o futuro Messias, mas a evidência não parece justificar essa interpretação. Scott observou, por exemplo, que o anúncio da regra conjunta de um rei e seus príncipes é sem paralelo em outras profecias messiânicas. O versículo 2 indica que o profeta não fala de um governante, mas de muitos. O tema geral da passagem, portanto, é que os futuros governantes de Judá serão homens de integridade.

A passagem é um tributo nobre ao bom governo. Ele descreve o que a vida poderia ser como se os governantes de uma nação fossem homens justos. O versículo 2 emprega quatro belas metáforas tiradas da vida cotidiana em um ambiente desértico para ilustrar a maneira pela qual os bons governantes protegem seu povo. Quando os justos têm regra, os olhos e os ouvidos dos homens estão abertos à verdade (v. 3). A erupção cutânea aprende a restrição; e gaguejais aprendem a falar (v. 4). Finalmente, os tolos e os knaves, em vez de serem confundidos com os sábios e nobres, são conhecidos pelo que realmente são (v. 5).

Os versículos 6-8 têm a natureza de um comentário sobre o v. 5 . Eles contam como o tolo pode ser distinguido de alguém que é nobre. O tolo é conhecido pela loucura de seu discurso, pela iniqüidade de seus pensamentos e pela iniqüidade de suas ações. A marca mais distintiva do tolo, no entanto, é o seu maltrato aos pobres e necessitados, privando-os não apenas do pão e da água de que necessitam (v. 6), mas também da justiça que merecem (v. 7). Em contraste com o tolo, aquele que é nobre pensa nobres pensamentos e permanece firme em seus nobres atos (v. 8).

Esses versos são escritos no estilo da literatura de sabedoria, e alguns, portanto, negariam sua autoria isaiânica. No entanto, o movimento de sabedoria originou-se muito antes do tempo de Isaías, e há evidências consideráveis em suas profecias para sugerir que ele tenha subido sua influência (ver Prov. 25: 1). A maneira pela qual a sabedoria é casada com a justiça aqui é eminentemente digna do grande profeta.

(2) O derramamento do espírito dos deuses (32: 9-20)

9 Levante-se, mulheres que estão à vontade, ouça a minha voz;
Você filhas complacentes, dê ouvidos ao meu discurso.
10 Em pouco mais de um ano
você vai estremecer, você mulher complacente;
pois o vintage falhará,
A colheita de frutos não virá.

[11] Treme, mulheres que estão à vontade,
estremece, você é complacente;
tira, e fique desnudo,
e cinge saco sobre seus lombos.
[12] Bata sobre seus seios para os campos agradáveis,
para a videira frutífera,
[13] para o solo da minha gente
crescendo em espinhos e sarças;
sim, para todas as casas alegres
na cidade alegre.
[14] Porque o palácio será abandonado,
a cidade populosa desertava;
a colina e a torre de vigia
tornar-se-ás para sempre,
uma alegria de jumentos selvagens,
uma pastagem de rebanhos;
[15] até que o Espírito seja derramado sobre nós de cima,
e o deserto se torna um campo frutífero,
e o campo frutífero é considerado uma floresta.
[16] Então a justiça habitará no deserto,
e a justiça permanece no campo frutífero.
[17] E o efeito da justiça será paz,
e o resultado da justiça, quietude e confiança para sempre.
[18] Meu povo permanecerá em uma habitação pacífica,
em habitações seguras, e em lugares de repouso silenciosos.
[19] E a floresta descerá completamente,
e a cidade estará completamente baixa.
[20] Feliz você é quem semeia ao lado de todas as águas,
que deixaram os pés do boi e da faixa de galinha livres.

O RSV apresenta esta passagem como uma peça contínua, embora consista em dois oráculos que lidam com temas contrastantes. O primeiro (vv 9-14 , cf. 3: 16-4: 1) é uma condenação das mulheres de Jerusalém por sua frivolidade e complacência diante da iminente destruição da cidade e suas terras adjacentes. Uma vez que a previsão é feita que a destruição ocorrerá em breve, ou seja, em pouco mais de um ano (v. 10), o oráculo provavelmente deve ser datado durante as cirsis de 705-701 AC., contrariamente à opinião de quem colocaria isso anteriormente. A data posterior explicaria mais adequadamente sua posição atual no livro de Isaías. É possível, como alguns propuseram, que o profeta falou esta mensagem em uma festa vintage, que teria dado mais peso às suas palavras de advertência.

O segundo oráculo (vv. 15-20) descreve a reversão dos julgamentos previstos em vv. 9-14 . O versículo 19 parece estar fora de sua ordem original e talvez seja lido após v. 14 , pois ambos falam da destruição da cidade. Os versos restantes falam em termos superlativos da transformação que acontecerá no mundo quando o Espírito do Senhor for derramado em seu povo (v. 15 , ver 44: 3 ; Joel 2: 28-29 ; Zacarias 12 : 10 ; Atos 2: 1-21). O derramamento do Espírito resultará no aumento da fertilidade da terra (v. 15), e no estabelecimento da justiça e justiça em todo o mundo (v. 16 , cf. 61:11 ; Salmos 85: 10-12). A prática generalizada da justiça, por sua vez, produzirá paz e tranquilidade para sempre (v. 17 , ver 30:15; 54:14). Uma atmosfera de segurança e tranqüila restrição permeará a terra (v. 18 , ver 33:20). Então, os homens semearão suas colheitas ao lado de todos os fluxos, não temendo o fracasso ou a destruição de nenhum (v. 20a). Até será seguro que eles deixem seu estoque livre (v. 20b). É nesta nota positiva que o ciclo assírio de profecias chega ao fim.

V. Exposição atual e angústia no futuro (33: 1-35: 10)

A inclusão desses três capítulos sob um título não pretende sugerir que eles surgiram necessariamente durante o mesmo período ou foram escritos pelo mesmo autor. Eles simplesmente foram agrupados por conveniência de manipulação. As questões de data e autoria serão examinadas em relação ao estudo de capítulos e pericopes individuais.

1. Tribulações e triunfo de Jerusalém (33: 1-24)

Este é um dos capítulos verdadeiramente excelentes do livro de Isaías. A maioria dos estudiosos está convencida de que pertence ao período pós-xilic e que representa uma reflexão posterior sobre a invasão assíria de 701 AC . O uso de formas literárias alternadas, incluindo o mal oráculo (v. 1), o lamento (vv. 2-4 , 7-9), a resposta profética ao lamento (vv. 3-5, 10-12), a *tora* liturgia (v. 13-16), e o oráculo de salvação (v. 17-24), sugere que foi projetado para uso em culto público.

Os temas que aparecem aqui são bem conhecidos de outras passagens em Isaías. Eles incluem: o estado lamentável do povo do Senhor, que resultou da sua entrega nas mãos de opressores estrangeiros (vv 7-9 , cf. 1: 7-8 ; 5: 26-30 ; 8: 5-8 , 21-22 ; 10: 5-6 ; 29: 1-4); a promessa do Súbito, que pareceu redimir os seus homens castigados e arrependidos e vingar os seus opressores (v. 1 , 10-12 , cf. 10: 12-19 , 24-27 ; 29: 5-8 ; 30: 18- 22 , 29-33); e as glórias do reino escatológico logo serão inauguradas (v. 17-24 , cf. 2: 2-4 ; 4: 2-6 ; 9: 1-7 ; 11: 1-9 ; 25: 6-9 ; 27: 12-13 ; 28: 5-6 ; 29: 17-24 ; 30: 23-26). A nova característica que é introduzida aqui é a definição dos requisitos morais e espirituais para aqueles que participariam do reino messiânico (v. 13-16).

(1) Condenao de um conquistador implacável (33: 1)

> [1] *Ai de você, destruidor,*
> *quem você mesmo não foi destruído;*
> *você traiçoeiro,*
> *com quem ninguém tratou traiçoeiramente!*
> *Quando você deixou de destruir,*
> *você será destruído;*

e quando você fez um fim de lidar traiçoeiramente,
Você será tratado traiçoeiramente.

Este é um oráculo de maldição pronunciado contra um destruidor que tratou traiçoeiramente com o povo do Senhor. O fato de ele não ser identificado por nome aceita a visão de que a passagem foi projetada para uso litúrgico. Isso significa que era adequado para o recital no Templo sempre que Israel sofria opressão nas mãos de estrangeiros. Os assíricos, é claro, passaram a ser considerados como o protótipo de todos os opressores subseqüentes.

(2) Oração Congregacional de Entreaty (33: 2-4)

2 Ó SENHOR , seja misericordioso conosco; esperamos por você.
Seja nosso braço todas as manhãs,
nossa salvação no momento do problema.
3 No ruído estrondoso, os povos fogem,
Ao levantar-se, as nações estão espalhadas;
4 e o despojo é recolhido à medida que a lagarta se reúne;
À medida que os gafanhotos dão um salto, os homens saltam sobre ele.

Uma oração é oferecida por aqueles que passaram por um momento de grande problema. Eles expressam sua confiança de que o Senhor se levantará e, com seu ruído estrondoso, espalhará seus inimigos, fazendo com que eles deixem para trás um grande despojo. A oração aparentemente antecipa uma poderosa tempestade de teofania.

(3) A resposta reconfortante do Profeta (33: 5-6)

5 O Senhor é exaltado, porque ele habita no alto;
Ele encherá Sion com justiça e justiça;
6 e ele será a estabilidade do seu tempo,
abundância de salvação, sabedoria e conhecimento;
o temor do Senhor é seu tesouro.

O versículo 5 declara a intenção do Senhor de estabelecer Sion como uma cidade de justiça e justiça (cf. 1: 24-27). Quando isso ocorrer, o próprio Senhor se tornará o pilar do seu povo, dando-lhes uma abundância de sabedoria, salvação e conhecimento. Eles, por sua vez, consideram seu medo dele, isto é, sua religião, como suas verdadeiras riquezas. Embora o texto de v. 6 seja extremamente difícil, essa interpretação parece aproximar seu significado.

(4) Um Lamento sobre a Terra Afligida (33: 7-9)

7 Eis que os valentes clamem sem;
Os enviados de paz choram amargamente.
8 As estradas são resíduos,

o homem do meio caminho cessa.
As covenidas estão quebradas,
as testemunhas são desprezadas,
não há respeito pelo homem.
9 A terra lamenta e languida;
O Líbano é confundido e desaparece;
Sharon é como um deserto;
e Bashan e Carmel sacudem suas folhas.

Mais uma vez, as pessoas adotam suas lamentações, desta vez com uma sensação ainda maior de urgência. O texto do v. 7 é irremediavelmente obscuro. O Rolo do Mar Morto divide as palavras de forma diferente, mas mesmo assim é ininteligível. Os estudiosos, portanto, propuseram uma modificação muito pequena no texto, com base no qual o verso pode ser traduzido: "Eis que os homens de Ariel (29: 1) clamam sem; os mensageiros de Salem choram amargamente. "Tanto Ariel como Salem são nomes alternativos para Jerusalém.

A situação descrita aqui é realmente lamentável. Houve uma ruptura completa da lei e da ordem e do respeito pelos direitos dos outros (v. 8 , ver Judg. 5: 6-7). Mesmo a própria natureza é retratada como chorando sobre a desolação física e espiritual que enrola a terra (v. 9 , cf. 24: 4-7 , Hos. 4: 1-3).

(5) A condenação iminente dos opressores (33: 10-12)

10 "Agora vou me levantar", diz o Senhor,
"Agora vou me levantar;
agora vou ser exaltado.
11 Você concebe a palha, você traz barba;
sua respiração é um fogo que irá consumir você.
12 E os povos serão como se estivessem abobadados,
Como espinhos cortados, que são queimados no fogo ".

O Senhor responde ao pedido do povo de que ele se levante (33: 3) dizendo: "Agora vou me levantar" (v. 10), o verbo hebraico sendo o mesmo em ambos os casos. O versículo 11 é dirigido aos inimigos de Israel, que por suas ações provocam sua própria destruição. Eles serão tão completamente destruídos pelo fogo que só o limão permanecerá (ver Amós 2: 1).

(6) Quem pode morar com Deus? (33: 13-16)

13 Ouça, você que está longe, o que eu fiz;
e você que está perto, reconheça meu poder.
14 Os pecadores em Sião têm medo;
o tremor agarrou os ímpios:

"Quem de nós pode morar com o fogo devorador?
Quem de nós pode habitar com queimaduras eternas? "
15 Aquele que anda com justiça e fala justamente,
que despreza o ganho de opressões,
que aperta as mãos, para que não tenham um suborno,
que impede seus ouvidos de ouvir o derramamento de sangue
e fecha os olhos de encarar o mal,
16 ele vai morar nas alturas;
seu lugar de defesa será as fortalezas das rochas;
seu pão lhe será dado, sua água terá certeza.

O julgamento de Deus afeta tanto aqueles que estão longe, ou seja, os gentios e aqueles que estão próximos, ou seja, os ímpios entre seus próprios povos (v. 13). O último grita com terror: "Quem de nós pode morar com o fogo devorador? Quem entre nós pode habitar com queimaduras eternas? "A forma em que esta questão e a resposta a ela são lançadas é conhecida como a" liturgia da *Torá* ", da qual existem vários exemplos no Antigo Testamento (Salmos 15 : 24 ; Mic.6: 6-8). Cada uma dessas liturgias pergunta quais são as exigências de Deus sobre aqueles que o servem, e depois responde por uma lista resumida dessas demandas (ver v. 15). As liturgias freqüentemente terminam com uma promessa de bem-estar para aqueles que satisfazem as exigências de Deus (v. 16 , cf. Salmos 15: 5 ; 24: 5).

(7) O Rei em Sua Beleza (33: 17-24)

17 Os teus olhos verão o rei na sua beleza;
Eles verão uma terra que se estende distante.
18 Sua mente vai refletir sobre o terror:
"Onde está ele quem contou, onde é ele quem pesou o tributo?
Onde está ele quem contou as torres? "
19 Você não verá mais pessoas insolentes,
as pessoas de um discurso obscuro que você não pode compreender,
balbuciando em uma língua que você não entende.
20 Olhe para Sião, a cidade de nossas festas designadas!
Seus olhos verão Jerusalém,
uma habitação tranquila, uma tenda imóvel,
cujas apostas nunca serão arrancadas,
nem os seus cabos serão quebrados.
21 Mas lá o Senhor em majestade será para nós
um lugar de rios e riachos largos,
onde nenhuma galera com remos pode ir,
nem um navio majestoso pode passar.
22 Porque o SENHOR é nosso juiz, o SENHOR é nosso governante,

o SENHOR é o nosso rei; Ele nos salvará.
[23] O seu equipamento fica solto;
não pode segurar o mastro firme em seu lugar,
ou manter a vela espalhada.
Em seguida, a presa e o esvaziamento em abundância serão divididos;
até mesmo o coxo vai levar a presa.
[24] E nenhum habitante dirá: "Estou doente";
as pessoas que habitam lá serão perdoadas a sua iniqüidade.

Observe a proeminência neste oráculo dos verbos veja, olhe e veja (vv. 17 , 19, 20). Quando a era escatológica é introduzida, os homens olharão de admiração de olhos arregalados para a gloriosa cena que os rodeia. Verão a beleza e a majestade do Senhor seu rei, a grandeza de uma terra que se estende distante e as glórias da Nova Jerusalém colocadas no meio dela. Eles vão discutir a ausência dos antigos cobradores de impostos que contaram e pesaram o tributo de Israel e os espiões inimigos que contaram suas torres de defesa, enquanto planejavam secretamente se estabelecer em suas cidades. As ruas de Jerusalém nunca mais irão tocar com o estranho som da fala estrangeira. Em vez disso, a cidade será transformada em uma habitação inviolável e imutável dos justos. Seus rios e córregos amplo serão fechados a galera com remos e navios majestosos, talvez para serem interpretados como navios de guerra. Verso 23aparentemente se refere ao imobilização de todos os navios de guerra, um símbolo da incapacidade total dos inimigos de Sião. O versículo final descreve o lote feliz daqueles que habitam em Sião, cuja doença é curada e cujos pecados são perdoados.

2. O julgamento das nações (34: 1-17)

É provável que os capítulos 34-35 pertençam aos capítulos 40-66 . A afinidade no vocabulário, a forma literária e o conteúdo teológico entre as duas seções é inconfundível, embora seja difícil explicar como elas se separaram. A explicação mais provável é que um editor fez a separação quando inseriu o material histórico suplementar nos capítulos 36 a 39 no corpus isaiânico. O Rolo do Mar Morto de Isaiah (IQIs [a]) tem três linhas em branco no final do capítulo 33 , sugerindo que o capítulo 34 anteriormente era considerado o início de uma nova seção. A posição adotada aqui, portanto, é que os capítulos 34 e 35pertencem e devem ser designados no mesmo período geral dos capítulos 40-66 . O Capítulo 34 descreve a intervenção de Javé para julgar os ímpios, enquanto o capítulo 35 contrabalança isso com uma descrição de sua vinda para salvar os justos. Esta mesma alternância de julgamento e salvação é vista em outro lugar no livro de Isaías, especialmente nos capítulos 24-27 .

(1) A Fúria do Senhor Contra as Nações (34: 1-4)

[1] Desenhe perto, ó nações, para ouvir,
e escute, ó povos!
Deixe a terra ouvir, e tudo o que a preenche;
o mundo, e tudo isso vem disso.
[2] Porque o SENHOR está furioso contra todas as nações,

e furioso contra todos os seus anfitriões,
Ele os condenou, os deu para matar.
3 Os seus mortos serão expulsos,
e o fedor dos cadáveres se levantarão;
as montanhas fluirão com o sangue deles.
4 Todo o exército do céu apodrecerá,
e os céus se enrolam como um pergaminho.
Todo o seu anfitrião deve cair,
como as folhas caem da videira,
como folhas caindo da figueira.

O apelo à testemunha para dar ouvidos (v. 1), a declaração introdutória do caso em questão (v. 2) e o pronunciamento da sentença (vv. 3-4) são indicações de que esta seção foi lançada no forma de ação judicial (ver Mic. 6: 1 ss.). Um desvio significativo da estrutura normal desta forma, no entanto, é a omissão de uma acusação. Embora as nações sejam julgadas, não são acusadas de irregularidades específicas.

A característica predominante da passagem é a descrição da fúria do Senhor. Enfurecido e furioso contra as nações, ele os condena e os entrega todo para ser abatido. Os corpos dos mortos nem sequer são enterrados, mas são expulsos para que o ar fique cheio. Seu sangue faz com que as montanhas se dissolvam e fluam como líquidas.

A natureza apocalíptica do julgamento é indicada pela v. 4 . Não é apenas uma série contínua de julgamentos dentro da história, mas uma catástrofe mundial que marca o fim da história. Os céus serão enrolados como um pergaminho, e as estrelas cairão como as folhas murchas de uma videira ou uma figueira.

(2) A Terrível Doom Aguardando Edom (34: 5-17)

5 Pois a minha espada bebeu é preenchida pelos céus;
eis que desce para julgamento sobre Edom,
sobre as pessoas que eu tenho condenado.
6 O Senhor tem uma espada; está saciado de sangue
está engolido com gordura,
com o sangue de cordeiros e cabras,
com a gordura dos rins dos carneiros.
Porque o SENHOR tem um sacrifício em Bozrah,
uma grande matança na terra de Edom.
7 Os bois selvagens cairão com eles,
e jovens novilhos com os touros poderosos.
Sua terra será encharrada de sangue,
e seu solo rico em gordura.
8 Porque o Senhor tem um dia de vingança,

um ano de recompensa pela causa de Sião.
9 E as correntes de Edom serão transformadas em tom,
e seu solo em enxofre;
sua terra se tornará ardente.
10 Noite e dia não deve ser apagada;
sua fumaça deve subir para sempre.
De geração em geração, ele deve ser um desperdício;
Ninguém deve atravessá-lo para todo o sempre.
11 Mas o falcão e o porco-espinho devem possuí-lo,
A lua e o corvo habitarão nele.
Ele deve esticar a confusão sobre ele,
e a queda do caos sobre os seus nobres.
12 Eles devem nomeá-lo sem reino lá,
e todos os seus príncipes não serão nada.
13 Espinhos crescerão sobre as suas fortalezas,
urtigas e cardos em suas fortalezas.
Será o assombro dos chacais,
uma morada para avestruzes.
14 E os animais selvagens se encontrarão com hienas,
o sátiro clama a seu companheiro;
sim, a noite pisará,
e encontrar para si um lugar de descanso.
15 A coruja deve aninhar e colocar
e eclodir e reunir seus jovens na sombra dele;
sim, as congregações serão reunidas,
cada um com o companheiro.
16 Procure e leia do livro do SENHOR :
Nem um desses deve faltar;
nenhum deve estar sem o seu amigo.
Porque a boca do SENHOR ordenou,
e seu Espírito os reuniu.
17 Ele lançou o lote para eles,
sua mão dividiu-os com a linha;
eles devem possuí-lo para sempre,
De geração em geração, eles habitarão nela.

O versículo 5 marca a transição de uma descrição geral do julgamento mundial para uma descrição mais detalhada de como uma nação, ou seja, Edom, será afetada pelo julgamento. A disputa entre os edomitas, que eram descendentes de Esaú, e os israelitas cobriram toda a extensão da história bíblica (ver 63: 1-6 ; Gen. 25: 22-34 ; 27: 1-45 ; 32:

3-33 : 17 ; Números 20: 14-21 ; Salmo 137: 7 ; 1 Enoch 89: 11-12 ; Jubileus 37: 22-23). O golpe mais grosso causado aos israelitas pelos edomitas foi quando o último ajudou os babilônios a destruir Jerusalém em 587 AC (cf.Obad. 10-14). Depois disso, "a facada nas costas" foi fácil para os judeus acreditarem que mesmo o próprio Javé deve odiar os edomitas (ver Mal 1: 2-4). É possível que o autor de Isaías 34 esteja pensando em Edom não apenas como uma entidade histórica, mas como um símbolo de todas as nações que são hostis a Deus.

A descrição horripilante da destruição de Edom deixa pouco para a imaginação. Seus habitantes são referidos no v. 5 , como as pessoas que têm condenado, ou seja, "as pessoas com quem tenho dedicado à destruição" (*Cherem*) (cf. 34: 2). Em uma personificação audaz da espada do Senhor, o profeta descreve-o como tendo bebido o seu preenchimento (v. 5) e como se tornando saciado com sangue e engolido com gordura (v. 6). A matança dos edomitas é representada sob a figura de um sacrifício que o Senhor oferece em Bozrah, uma das principais cidades de Edom. Os animais também perecem no abate e o solo fica saturado de sangue e gordura (v. 7).

O versículo 8 fala desse dia como o dia de vingança do Senhor. Wright observou que a palavra hebraica dada "vingança" tem um positivo (ver 35: 4 ; 61: 2) e uma conotação negativa. Refere-se à ação de Deus para aqueles cujos casos foram julgados em seu tribunal. Os culpados experimentam sua vingança sob a forma de julgamento; aqueles que descobriram inocentes experimentam vingança como salvação. Mas no caso de Edom, isso só pode significar julgamento.

O restante do capítulo descreve a total desolação da terra de Edom. Seus fluxos se tornam pitch e seu enxofre do solo, e não há extinção do fogo (vv 9-10). Os versículos 11-15 são preenchidos com uma série de termos que são obscuros em termos de significado. O sentido geral da passagem, no entanto, é suficientemente claro. As ruínas das fortalezas de Edom, cobertas de espinhos e cardos, tornam-se o assombração de pássaros selvagens, animais selvagens e demônios. Estes incluem o sátiro, um demônio com características de cabra (ver 13:21), e Lilith, a bruxa noturna.

O livro do Senhor (v. 16) foi identificado como capítulo 13 de Isaías ; o livro de Isaías, todo o cânone profético e o livro da vida (Salmo 139: 16 , Dan. 7:10 ; Mal 3:16 ; Apocalipse 20:12). Também foi proposto que a referência seja a um tratado celebrado solenemente por Judá e Edom, cuja cópia inscrita teria sido preservada no santuário em Jerusalém.Porque Edom havia violado o tratado, o profeta pronunciou-se sobre ela em linguagem emprestada diretamente da lista de maldições anexadas ao tratado. Como um dispositivo retórico, ele convidou seus ouvintes para confirmar suas palavras consultando o texto do próprio tratado. Esta interpretação, se correta, ajudaria a explicar a linguagem aparentemente grosseira e viciosa usada para descrever a destruição de Edom.

3. O Dia da Redenção para Sião (35: 1-10)

A mensagem de redenção encontrada aqui está em forte contraste com a mensagem de julgamento no poema anterior.

Muitas vezes, a atenção foi chamada aos numerosos paralelos entre o capítulo 35 e os encontrados nos capítulos 40-66 . Os temas compartilhados em comum incluem a

transformação do deserto em um oásis exuberante na aparição de Deus (v. 1-2 , 6 b-7, cf. 41: 17-20 ; 43: 19-21 ; 51: 3 ; 55: 12-13); a proclamação da vinda de Deus como fonte de conforto e força para um povo desesperador (v. 3-4 , cf. 40: 9-11 ; 52: 7-10); a restauração à saúde dos fracos e dos enfermos (vv. 5-6a , ver 42:16 ; 61: 1); a preparação no deserto de uma estrada para os redimidos (vv 8-9 , cf. 40: 3-5 ; 49: 8-11); e a alegria dos redimidos quando retornam a Sião (v. 10 , cf. 43: 5-7 ; 49: 12-13 ; 51:11). As semelhanças íntimas entre as duas seções defendem um fundo e uma origem comuns.

(1) A Transformação do Homem e da Natureza (35: 1-7)

1 O deserto e a terra seca se alegrarão,
o deserto se alegrará e florescerá;
como o açafrão
2 florescerá abundantemente,
e regozijar-se com alegria e canto.
A glória do Líbano será dada a ele,
a majestade do Carmelo e Sharon.
Eles verão a glória do Senhor,
a majestade de nosso Deus.
3 Fortalecer as mãos fracas,
e faça firmes os joelhos fracos.
4 Diga aos que são de coração temerário,
"Seja forte, não tenha medo!
Eis, seu Deus
virá com vingança,
com a recompensa de Deus.
Ele virá e salvará você. "
5 Então os olhos dos cegos serão abertos,
e os ouvidos do surdo desabotoaram;
6 Então o homem coxo pulará como um cervo,
e a língua do burro canta de alegria.
Porque as águas irão surgir no deserto,
e correntes no deserto;
7 a areia ardente se tornará uma piscina,
e as molas de água com sede;
o assombro dos chacais se tornará um pântano,
a erva deve se tornar junco e correr.

A transformação milagrosa do deserto em uma terra de córregos e florestas é descrita em vv. 1-2 , 6 a-7. Smart observou que, para o Segundo Isaías, o deserto não era apenas um desperdício estéril que separava os exilados de sua terra natal. Serviu principalmente

como um símbolo do mundo sem Deus. A retirada de Deus trouxe estagnação e morte; O retorno de Deus trouxe nova vitalidade e nova vida.

A afirmação no v. 7 de que a areia queima deve se tornar uma piscina está grávida de significado. "Areia ardente" aparentemente se refere a uma miragem. Quando os exilados que retornam atravessam o deserto, eles não serão enganados pelo fenômeno óptico conhecido como miragem; O que parece ser um pool será exatamente esse.

Os exilados são fracos e desanimados, e precisam ouvir uma palavra encorajadora. O comando para falar tal palavra é dado a pessoas não especificadas - talvez para serem identificadas como profetas - em vv. 3-4 . Uma breve descrição da mensagem em si também é dada. Pode resumir-se na proclamação: Eis o teu Deus, uma proclamação que se repete em 40: 9 . Esta é a palavra que os exilados precisam ouvir mais do que qualquer outro. Os versículos *5-6a* descrevem a cura física que terá lugar preparatória para o retorno do exílio. Os cegos verão, os surdos ouvem, os coxos andam e a língua dos burros canta de alegria (Mateus 11: 5 ; Lucas 7:22).

(2) A Rodovia dos Redimidos (35: 8-10)

8 E uma estrada deve estar lá,
e será chamado o Caminho Sagrado;
o impuro não deve passar sobre ele,
e os tolos não devem errar nisso.
9 Nenhum leão estará lá,
nem haverá nenhum animal voraz sobre ele;
eles não devem ser encontrados lá,
Mas os redimidos devem andar ali.
10 E os resgatados do Senhor voltarão,
e vem a Zion com cantar;
a alegria eterna estará sobre suas cabeças;
eles devem obter alegria e alegria,
E a tristeza e o suspirar fugirão.

Uma rodovia é colocada no deserto para que os exilados possam voltar para Zion. É chamado de Caminho Sagrado, porque os imundos e tolos não podem entrar. É uma maneira segura, pois nenhum leão ou uma fera voraz podem surgir. Somente os redimidos do Senhor podem viajar dessa maneira. O versículo 10 , que é repetido em 51:11 , diz como, quando os peregrinos jubilosos entrarem em Sião, a tristeza e o suspirar fugirão.

VI. Suplemento Histórico (36: 1-39: 8)

Exceto por pequenas modificações, esses capítulos são uma reprodução de 2 Reis 18: 13-20: 19 . As diferenças mais significativas entre as duas versões são a eliminação após 36: 1 de 2 Reis 18: 14-16 e a inserção após 2 Reis 20:11 da oração de súplica de Ezequias em 38: 9-20 . Um editor aparentemente emprestou esses capítulos de Reis e os

colocou no livro de Isaías porque eles forneceram informações adicionais sobre as atividades do profeta durante a crise de 701 AC . Nesta posição eles servem como ponte entre os capítulos 1-35 e 40 - 66.

Há uma incerteza considerável sobre como os eventos descritos nestes capítulos devem ser interpretados. A incerteza cresce a partir de vários fatores, incluindo o seguinte: (1) O arranjo atual do material em 2 Reis 18:13 e seguintes. faz parecer que Senaquerib renovou seu ataque contra Jerusalém imediatamente após ter chegado a um acordo com os representantes de Ezequias nos termos de um tratado de paz; (2) a passagem crucial em 2 Reis 18: 14-16 foi omitida de Isaías, embora seu conteúdo tenha sido verificado pelos Anais de Senaquerib (ANET , pp. 287-288); (3) Tirhakah é citado como o rei da Etiópia (37: 9), embora ele não se tornou rei até 685 AC., altura em que ele tinha apenas cerca de 25 anos de idade; (4) é dada a impressão de que Senaquerib foi assassinado logo após seu retorno a Nineva (ver 37: 7 , 37-38), embora sua morte não tenha chegado até 681 AC , cerca de vinte anos depois; (5), finalmente, há a atitude ambivalente por parte de Isaías, que às vezes condena Judá por se rebelar contra Assíria (cf. 1: 2-9 ; 28: 1-22 ; 30: 1-7 ; 31: 1-3), enquanto outras vezes condena severamente a Assíria e prediz que Jerusalém será poupada (cf. 10: 24-27 ; 14: 24-27 ; 30: 27-33 ; 37: 5-7 , 22-35).

Várias tentativas foram feitas para lidar com essas dificuldades. John Bright, por exemplo, propôs a teoria de que Senaquerib lançou duas campanhas separadas contra Ezequias, a primeira em 701 AC . e o segundo em 688 AC. Bold, portanto, sugere que o editor de Kings, seguido por Isaiah, inadvertidamente tenha telescopado as contas dessas duas campanhas, fazendo com que pareça que havia apenas uma. Ele encontra o registro da primeira campanha em 2 Reis 18: 13-16 (Isa. 36: 1) e nos Anais de Senaquerib. Espera-se que esta campanha tenha terminado com a rendição de Ezequias a Senaquerib e com o pagamento do tributo que lhe foi imposto. Bright acredita que a atitude de Isaiah durante esta campanha se reflete nas passagens em que ele condena a rebelião e aconselha a rendição.

De acordo com Bright, o registro da segunda campanha é encontrado em 2 Reis 18: 17-19: 37 (Isa. 36: 2-37: 38). Esta foi a campanha que resultou na maravilhosa libertação de Jerusalém. A atitude de Isaías mudou completamente durante esta campanha e reflete-se nas passagens em que ele condena os assírios e exorta Ezequias a não ter medo deles.

Childs critica a proposta de Bright com base em que tenta esclarecer as complexidades do problema e que sofre de "erros metodológicos básicos". Ele argumenta que 2 Reis 18-19 contém três fontes literárias separadas, que ele designa como A (18 : 13-16), B^1 (18: 17-19: 9a , 36-37) e B^2 (19: 9b-35). Gottwald ignora as propostas feitas pela Bright, e toma a posição de que havia apenas uma campanha de Sennacherib contra Jerusalém. Ele reconhece, no entanto, que as diferenças entre os relatos bíblicos e não-bíblicos desta campanha são tão complexas que é impossível reconstruir os eventos em detalhes sem recorrer à sincronização questionável das contas ou à seleção dos detalhes de uma conta no despesa do outro. Ele atribui a ambivalência da parte de Isaías durante a crise assíria a "uma dialética curiosamente profunda" no pensamento do profeta, o que lhe permitiu anunciar de uma só vez que Judá deveria ser levada baixa e no próximo que a Assíria a ultrapassara Funciona como a vara da ira de Deus contra o seu povo (ver 10:

5-15). Gottwald reconhece que a dialética no pensamento de Isaías deve ter sido "uma fonte de espanto e perplexidade para Ezequias e para os judeus".

A abordagem adotada por Gottwald tem muito para recomendar, pois, embora não minimize a gravidade dos problemas envolvidos, busca, no entanto, resolvê-los de maneira a não envolver uma reconstrução radical dos materiais bíblicos. A melhor solução para um problema hermenêutico não é necessariamente aquela com a menor ambigüidade.

Devido ao fato de que esses capítulos são emprestados de 2 Reis, a atenção dada a eles aqui será necessariamente breve. Para um tratamento mais completo de seus conteúdos, veja o comentário sobre Kings.

1. Invasão de Judá de Senaqueribe (36: 1-37: 38)

(1) Mensagem de Senaqueribe a Ezequias (36: 1-20)

1 No décimo quarto ano do rei Ezequias, Senaqueribe, rei da Assíria, subiu contra todas as cidades fortificadas de Judá e tomou-as. 2 E o rei da Assíria enviou o Rabsaque de Laquis ao rei Ezequias em Jerusalém, com um grande exército. E ele ficou junto ao canal da piscina superior na estrada até o Fuller's Field. 3 E saiu a ele Eliakim, filho de Hilquias, que estava sobre a casa, e Sebna, o secretário, e Joá, filho de Asafe, o gravador.

4 E o Rabseque disse-lhes: "Dize a Ezequias: Assim diz o grande rei, o rei da Assíria: Sobre o que você resiste essa confiança? 5 Você acha que meras palavras são estratégia e poder para a guerra? Sobre quem você confia agora, que você se rebelou contra mim? 6 Eis que você está confiando no Egito, aquela cana quebrada de um bastão, que passará a mão de qualquer homem que se incline sobre ele. Tal é o faraó, rei do Egito, para todos os que confiam nele. 7 Mas se você me disser: "Confiamos no Senhor nosso Deus", não é ele quem os altos e altares que Ezequias removeu, dizendo a Judá e a Jerusalém: "Você adorará diante deste altar" 8.Venha agora, faça uma aposta com meu mestre, o rei da Assíria: Eu lhe darei dois mil cavalos, se você for capaz de colocar cavaleiros sobre eles. 9 Como, então, pode repelir um único capitão entre os menores servos do meu senhor, quando confia no Egito para carros e para cavaleiros? 10Além disso, é sem o Senhor que subi contra esta terra para destruí-la? O Senhor me disse: Ide contra esta terra e destrua-a. "

11 Então Eliaquim, Sebna e Joá disseram ao Rabsaqué: "Orai, falai aos vossos servos em aramaico, porque a entendemos; não nos fale na língua de Judá, na audiência das pessoas que estão na parede. " 12 Mas o Rabsaqué disse:" Meu senhor me enviou para falar estas palavras ao seu senhor e a você, e não ao Homens sentados na parede, que estão condenados com você para comer seu próprio esterco e beber sua própria urina? "

13 Então o Rabshake ficou de pé e gritou em alta voz na língua de Judá: "Ouvi as palavras do grande rei, o rei da Assíria! 14 Assim diz o rei: Não deixes que Ezequias te engane, porque ele não poderá te livrar. 15 Não permita que Ezequias faça você confiar no Senhor, dizendo: "O Senhor certamente nos livrará; esta cidade não será entregue nas mãos do rei da Assíria. " 16 Não escute Ezequias; Pois assim diz o rei da Assíria: Faça a sua paz comigo e venha para mim; então, cada um de vocês comerá da sua própria videira, e cada uma de suas figueiras, e cada um de vocês beberá a água da sua própria cisterna; 17 até eu chegar e levá-lo para uma terra como sua própria terra, uma terra de grãos e vinhos, uma terra de pão e vinhas. 18 Cuidado com o fato de Ezequias induzir você em erro, dizendo: "O Senhor nos livrará". Algum dos deuses das nações entregou sua terra da mão do rei da Assíria? 19 Onde estão os deuses de Hamath e Arpad? Onde estão os deuses de Sepharvaim? Eles entregaram Samaria da minha mão? 20 Quem, entre todos os deuses desses países, livrou seus países da minha mão, para que o Senhor livrasse Jerusalém da minha mão? "

Rabshakeh (v. 2) não é um nome próprio, mas um título assírio que significa "oficial principal". O discurso de Rabshakeh foi entregue no próprio lugar onde Isaías já havia encontrado Ahaz (v. 2 , cf. 7: 3). O discurso, uma obra-prima da propaganda política, foi concebido para minar o moral do povo e enfraquecer a autoridade do rei. O Rabshakeh provocou os judeus por confiar no Egito (v. 5-6 , 9), e desafiou sua afirmação de que o Senhor, seu Deus, os livraria (versículos 7 , 10 , 13-20). Quando solicitado a falar em aramaico, a linguagem diplomática daquele dia, ele se recusou a fazê-lo, escolhendo em vez disso para falar em hebraico para que mesmo as pessoas comuns pudessem entendê-lo (v. 11-13). Ele avisou que não ouvissem Ezequias (v. 14-15). O clímax de seu discurso veio quando ele tentou atraí-los a render-se, com a promessa de que aqueles que assim o fizeram receberiam um tratamento indulgente e seriam levados para uma terra que não era diferente da sua (v. 16-17).

(2) Apelo de Ezequias e resposta de Isaías (36: 21-37: 7)

21 Mas eles ficaram em silêncio e não lhe responderam uma palavra, pois o comando do rei era: "Não lhe responda." 22 Então Eliaquim, filho de Hilquias, que estava sobre a casa, e Sebna, o secretário, e Joá, filho de Asafe , o gravador, veio a Ezequias com suas roupas alugadas e lhe contou as palavras do Rabshakeh.

1 Quando o rei Ezequias o escutou, arrumou as suas roupas, e cobriu-se com saco, e entrou na casa do Senhor. 2 E enviou a Eliaquim, que estava sobre a casa, e Sebna, o secretário, e os sacerdotes seniores, vestidos de saco, ao profeta Isaías, filho de Amoz. 3 Eles disseram-lhe: "Assim diz Ezequias:" Este dia é um dia de angústia, de repreensão e de desgraça; As crianças vieram ao nascimento, e não há força para trazê-las. 4 Pode ser que o Senhor, seu Deus, ouviu as palavras dos Rabsaqué, a quem o seu senhor, o rei da Assíria, enviou para zombar do Deus vivo, e repreenderá as

palavras que o Senhor seu Deus ouviu; Portanto, levante sua oração pelo restante que resta. '"

[5] Quando os servos do rei Ezequias vieram a Isaías, [6] Isaías disse-lhes: "Dize ao seu senhor: Assim diz o Senhor: Não temas por causa das palavras que ouviste, com as quais os servos do rei de Assíria me criticou. [7] Eis que eu colocarei um espírito nele, para que ele ouça um rumor e volte para a sua terra; e eu o farei cair pela espada em sua própria terra ".

Ezequias respondeu ao discurso de Rabshakeh, assumindo os sinais de luto e enviando um prestigioso comitê de líderes políticos e religiosos para implorar ao profeta Isaías que intercedesse em nome da cidade sitiada (vv. 1-4). O comitê prefaciou seu pedido de oração com um tipo de declaração proverbial que ilustra sua necessidade desesperada de ajuda divina (v. 3). A expectativa de que Yahweh pudesse intervir em seu favor baseava-se nas palavras blasfemas dos Rabsaquitas, a quem eles acusavam de serem enviados "para zombar do Deus vivo" (v. 4).

A resposta de Isaías ao apelo de Ezequias foi rápida e direta. Os mensageiros foram convidados a aconselhar a Ezequias a não temer as palavras do Rabsaqué, pois o rei assírio logo ouviria um boato, retornaria à sua terra e caíria à espada (v. 5-7). O registro do cumprimento desta profecia é encontrado em 37: 37-38 .

(3) Uma segunda mensagem de Senaquerib (37: 8-13)

[8] O Rabsaqué voltou, e encontrou o rei da Assíria lutando contra Libna; pois ele tinha ouvido que o rei tinha deixado Lachish. [9 E] o rei ouviu falar de Tirhák, rei da Etiópia: "Ele partiu para lutar contra você". E, quando o ouviu, enviou mensageiros a Ezequias, dizendo: [10] Assim falará com Ezequias, rei de Judá: não deixe seu Deus, de quem você confie, enganá-lo, prometendo que Jerusalém não será entregue nas mãos do rei da Assíria. [11] Eis que ouvistes o que os reis da Assíria fizeram a todas as terras, destruindo-as completamente. E você será entregue? [12]Os deuses das nações os entregaram, as nações que meus pais destruíram, Gozan, Haran, Rezeph e o povo do Éden que estavam em Telassar? [13] Onde está o rei de Hamate, o rei de Arpad, o rei da cidade de Sepharvaim, o rei de Hena, ou o rei de Ivvá?

Quando o Rabshakeh voltou a Laquis, ele soube que Senaquerib partira para sitiar Libna, uma fortaleza situada a dez milhas a norte de Laquis (v. 8). A razão dada pela partida de Senaquerib de Laquis foi que lhe disseram que o rei da Etiópia (ou seja, o Egito) avançava para atacá-lo. Portanto, é dada a impressão de que os assírios estavam no retiro.

De sua sede temporária em Libnah, Senaquerib enviou um segundo grupo de mensageiros para Jerusalém. Sua mensagem para Ezequias parece ter sido entregue oralmente (v. 10-13) e em forma escrita (v. 14). A essência disso era que Yahweh não podia confiar para cumprir sua promessa de proteger Jerusalém. Por que deveria ser

esperado por Hezekiah o que os deuses de outros reis não tinham conseguido fazer por eles?

(4) Oração de Ezequias e Profecia de Isaías (37: 14-35)

14 Ezequias recebeu a carta da mão dos mensageiros e leu; E Ezequias subiu à casa do Senhor, e espalhou-o perante o Senhor. 15 E Ezequias orou ao Senhor: 16 "Ó Senhor dos exércitos, Deus de Israel, que está entronizado acima dos querubins, és o deus, sozinho, de todos os reinos da terra; Você fez o céu e a terra. 17 Inclina o teu ouvido, ó Senhor, e ouve; abre os teus olhos, ó Senhor, e vê; e ouça todas as palavras de Senaquerib, que ele enviou para zombar do Deus vivo. 18 De verdade, ó Senhor, os reis da Assíria desperdiçaram todas as nações e suas terras 19.e lançaram seus deuses no fogo; pois não eram deuses, mas o trabalho das mãos dos homens, da madeira e da pedra; portanto, eles foram destruídos. 20 Então, ó Senhor, nosso Deus, salve-nos da sua mão, para que todos os reinos da terra saibam que você é o Senhor.

21 Então Isaías, filho de Amoz, enviou a Ezequias, dizendo: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Porquanto orastes por mim sobre Senaquerib, rei da Assíria, 22 esta é a palavra que o Senhor falou sobre ele;

"Ela te despreza, ela despreza você -
A virgem filha de Sião;
ela move sua cabeça para trás,
a filha de Jerusalém.
23 Com quem você se zombou e revidou?
Contra quem você levantou sua voz?
e ergueu os olhos com altivez?
Contra o Santo de Israel
24 Por seus servos, você se zombou do Senhor,
e você disse: com meus muitos carros
Subi as alturas das montanhas,
para os recessos distantes do Líbano;
Abaixei os seus mais altos cedros,
os cipreses mais elegantes;
Cheguei a sua altura mais distante,
é a floresta mais densa.
25 eu cavava poços
e bebeu águas,
e eu secou com a sola do meu pé
todas as correntes do Egito.
26 'Você não ouviu?
que eu determinei há muito tempo?

Eu planejei desde tempos antigos
o que agora eu trago,
que você deve fazer cidades fortificadas
bater em montes de ruínas,
27 enquanto os seus habitantes, cheios de força,
são consternados e confundidos,
e se tornaram como plantas do campo
e como grama magra,
como grama nos telhados,
destruída antes de crescer.
28 'Eu sei que você está sentada
e você está saindo e entrando,
e você está furioso contra mim.
29 Porque você se irritou contra mim
e sua arrogância veio aos meus ouvidos,
Vou colocar meu gancho no nariz
e meu bocado na sua boca,
e eu vou voltar para o caminho
pelo qual você veio.

30 "E este será o sinal para você: este ano coma o que cresce de si mesmo, e no segundo ano, o que brota do mesmo; então, no terceiro ano, semeie e colhe, e planifique vinhas e coma seus frutos. 31 E o restante sobrevivente da casa de Judá voltará a derrubar-se, e dará frutos para cima; 32 Porque de Jerusalém haverá um remanescente, e do monte de Sião um grupo de sobreviventes. O zelo do SENHOR dos exércitos realizará isso.

33 Portanto, assim diz o SENHOR A respeito do rei da Assíria: Ele não entrará nesta cidade, nem atirará uma flecha, nem se apresentará diante de um escudo, nem lançará um assédio sobre ele. 34 Pelo caminho que ele veio, pelo mesmo, ele retornará, e não entrará nesta cidade, diz o SENHOR . 35 Pois eu vou defender esta cidade para salvá-la, por minha causa e por causa do meu servo Davi ".

Neste exemplo, Ezequias foi direto a Deus em oração, sem esperar a consultar o profeta (v. 14-15). Childs observou que a estrutura básica de sua oração é a do "salmo da queixa", consistindo em uma invocação (v. 16), uma queixa (v. 17-19) e um apelo (v. 20).

A resposta à oração do rei é dada em vv. 21-35 . A ordem dos versos dentro desta seção parece ter sido perturbada durante o período de formação do texto. Os versículos 33-35 lêem como se fossem a continuação direta de vv. 21-22a . Os versos interpostos contêm uma canção taunt contra a Assíria (v. 22b-29 , cf. 10: 5-19), e um oráculo de sinal que promete a Ezequias que as condições agrícolas em Judá voltarão ao normal

dentro de três anos (versos 30-32 ; cf. 7: 10-14 ; 38: 7-8 , 22). O oráculo do sinal caberia muito bem depois da v. 35. A promessa de Ezequias quanto à ameaça da Assíria é declarada primeiro negativamente, em termos de incapacidade da Assíria de entrar em Jerusalém (v. 33-34) e, em seguida, positivamente, em termos do firme compromisso do Senhor de defender a cidade (v. 35).

(5) O Cumprimento das Previsões de Isaías (37: 36-38)

36 E o anjo do Senhor saiu, e matou cento e oitenta e cinco mil no arraial dos assírios; E quando os homens surgiram no início da manhã, eis que eram todos cadáveres. 37 Então Senaquerib, rei da Assíria, partiu, e foi para casa e morou em Nínive. 38 E, enquanto adorava na casa de Nisroch, seu deus, Adrammelech e Sharezer, seus filhos, mataram-no com a espada e escaparam para a terra de Ararat. E Esarhaddon, seu filho, reinou em seu lugar.

Estes versos registram o cumprimento das previsões feitas na v. 7 e no vv 33-35 . Como observado acima, a morte de Senaquerib não chegou até 681 AC , altura em que foi morto por seus próprios filhos.

2. Doença de Ezequias e Recuperação (38: 1-8)

1 Naqueles dias, Ezequias ficou doente e estava no ponto da morte. E veio a ele o profeta Isaías, filho de Amoz, e disse-lhe: Assim diz o Senhor: ordena a tua casa; porque você morrerá, não se recuperará. 2 Então Ezequias virou o rosto para o muro, e orou ao Senhor, 3 e disse: "Lembra-te agora, ó Senhor, te rogo, como eu andei diante de ti com fidelidade e com todo o coração, e fiz o que é bom aos teus olhos. "E Ezequias chorou amargamente. 4 Então veio a palavra do Senhor a Isaías: 5 "Vá e dize a Ezequias: Assim diz o Senhor, Deus de Davi, seu pai; ouvi sua oração, eu vi suas lágrimas; Eis que vou adicionar quinze anos à sua vida. 6 Eu livrarei você e esta cidade da mão do rei da Assíria, e defenderemos esta cidade.

7 "Este é o sinal para você do Senhor, para que o Senhor faça o que prometeu: 8 Eis que eu farei a sombra lançada pelo sol declinante no mostrador de Acaz, voltando dez passos." Então, O sol voltou a marcar os dez passos pelos quais havia diminuído.

Algumas traduções de modem, incluindo o NEB, colocam 38: 21-22 entre v. 6 e v. 7 . Esta alteração é feita com base na passagem paralela em 2 Reis 20: 1-11 , o que deixa claro que era aí que eles estavam originalmente. Os editores do livro de Isaías, aparentemente, não só alteraram a ordem original dos versículos, mas também abrandaram substancialmente o relato da doença e recuperação de Ezequias, omitiendo muitos dos detalhes fornecidos na conta dos Reis. Uma das omissões mais flagrantes está na v. 5 , onde na conta mais longa em 2 Kings 20: 5 Ezequias prometeu que dentro de três dias ele poderá subir à casa do Senhor. A situação é ainda mais complicada por 38:22 , que lê como se a omissão nunca tivesse sido feita!

É difícil determinar a data precisa da doença de Ezequias. De acordo com a versão 6 , chegou a uma época em que Jerusalém estava sendo ameaçada pela Assíria, o que sugeriria uma data entre 705 e 701 AC . A evidência adicional fornecida por 39: 1 sugere que caiu durante o início deste período. Os enviados de Merodach-Baladan visitaram Ezequias logo após sua recuperação da doença e pelo ostensivo propósito de parabenizá-lo pela boa fortuna. Em geral, é acordado que a sua visita deve ser datada logo após 705 AC e que o seu propósito real foi alistar o apoio de Ezequias em rebelião contra a Assíria. A doença de Ezequias, portanto, deve ter ocorrido antes dos eventos relacionados emcapítulos 36-37 .

Esta passagem fornece um exemplo clássico de uma profecia condicional. O profeta propôs que o rei enfermo ordenasse sua casa, pois não se recuperaria. No entanto, quando o rei orou ao Senhor com amargas lágrimas, a profecia da morte foi deixada de lado e 15 anos foram adicionados à sua vida. Isso pode fornecer uma chave para a compreensão de algumas das outras profecias não cumpridas no Antigo Testamento (ver 17: 1-3 , Jeremias 18: 7-10 , Jonas 3: 4).

As palavras de promessa ao rei em dificuldades foram acompanhadas por um sinal (vv. 7-8). O sinal envolveu o retorno da sombra do sol dez "passos" do ponto que já havia alcançado, conforme indicado nas "etapas" construídas por Ahaz. Esta pode ter sido uma escada simples onde os raios do sol simplesmente caíram, ou pode ter sido uma escada projetada especificamente para funcionar como um relógio de sol. Em qualquer caso, o retorno da sombra da direção em que viajava era um milagre impressionante. Como isso foi feito não é indicado.

3. Hino de Hezekiah de Thanksgiving (38: 9-22)

9 Uma escrita de Ezequias, rei de Judá, depois que ele estava doente e se recuperou da sua doença;

10 Eu disse: no meio dia dos meus dias
Devo partir;
Eu sou consignado aos portões do Sheol
para o resto dos meus anos.
11 Eu disse: não vejo o SENHOR
na terra dos vivos;
Eu não considerarei mais o homem
entre os habitantes do mundo.
12 Minha morada é arrancada e removida de mim
como uma tenda de pastor;
Como um tecelão, enrolei minha vida;
ele me corta do tear;
de dia para noite você me leva ao fim;
13 Choro por ajuda até a manhã;
Como um leão, ele quebra todos os meus ossos;
de dia para noite você me leva ao fim.

14 Como uma andorinha ou uma grua, clamo,
Eu gemo como uma pomba.
Meus olhos estão cansados de olhar para cima.
Ó Senhor, sou oprimido; seja minha segurança!
15 Mas o que posso dizer? Pois ele falou comigo,
e ele mesmo fez isso.
Todo meu sono fugiu
por causa da amargura da minha alma.
16 Ó Senhor, por estas coisas, homens vivem,
e em tudo isso é a vida do meu espírito.
Oh, me restabeleça a saúde e me faça viver!
17 Lá, foi para o meu bem-estar
que eu tinha grande amargura;
mas você reteve minha vida
do poço da destruição,
porque lançaste todos os meus pecados
atrás de suas costas.
18 Pois o Seol não pode te agradecer,
A morte não pode te louvar;
aqueles que vão ao poço não podem esperar
para a sua fidelidade.
19 O vivo, o vivo, ele te agradece,
como faz hoje;
o pai dá a conhecer os filhos
sua fidelidade.
20 O SENHOR me salvará,
e vamos cantar para instrumentos de cordas
Todos os dias da nossa vida,
na casa do Senhor.
21 Ora, Isaías havia dito: "Deixem-se tomar um bolo de figos e apliquem a ferver para que ele se recupere". 22 Ezequias também havia dito: "Qual é o sinal de que irei para a casa do SENHOR? ? "

O hino de Hezekiah de ação de graças está ausente da conta em 2 Kings. A inclusão no livro de Isaías talvez esteja relacionada com a previsão da visita de Ezequias ao Templo em 2 Reis 20: 5 , 8 (ver 38:22). Existem muitos hinos semelhantes no Antigo Testamento que foram cantados pelos adoradores quando subiram ao Templo para apresentarem uma oferta de ação de graças e para expressar sua gratidão a Deus por terem sido libertados por grandes problemas (1 Samuel 2: 1). -10 ;Salmos 18 ; 30 ; 34 ; 66 ; 116 ; Jonas 2: 2-9).

Há muitas obscuridades no texto do hino, como uma comparação das várias traduções que irá revelar. Abre com o adorador lembrando a ameaça de sua morte prematura. Ele temeu que ele descesse ao Seol no "meio dia" de seus dias, ou seja, com sua vida apenas meio gasto (v. 10). Ele pensou em Sheol como um lugar sombrio e presságio a partir do qual nunca poderia surgir e onde não haveria mais oportunidade de louvar a Deus (vv 11 , 18 , cf. Salmos 6: 5 ; 115: 17 ; Eccl. 9: 3 -6). É no estudo de passagens como esta que se chega a uma apreciação mais completa da esperança da imortalidade que foi trazida à luz através do evangelho de Jesus Cristo (2 Tim. 1:10).

O hino passa do pensamento da finalidade da morte para a fragilidade da vida (v. 12). A vida do rei é levada ao fim tão facilmente quanto a barraca de um pastor é retirada. Deus corta o fio de sua vida enquanto um tecelão corta os fios que ligam o pano ao tear. O rei vê sua situação como estranhamente anômala, pois, enquanto ele clama a Deus por libertação, ele também é forçado a reconhecer que é Deus quem o levou a essa situação (v. 13-15). Ainda ele implora a Deus para restaurá-lo à saúde e deixá-lo viver (v. 16).

Os versículos 17 a 20 descrevem o reflexo do rei sobre a sua experiência angustiante depois de ter passado e declarado sua determinação firme em louvar a Deus. Ele considera a cura de sua doença como evidência de que Deus também perdoou seus pecados (v. 17). Ele aparentemente acreditava que havia uma relação causal entre o pecado e o sofrimento, de modo que a recuperação da doença e o perdão dos pecados eram apenas dois lados da mesma experiência. Para expressar a plenitude do perdão divino, ele usou a figura impressionante de Deus lançando todos os seus pecados atrás das costas. Os dons de cura e perdão levam-no a resolver para passar o resto dos seus dias, louvando a Deus e dizendo aos outros a sua fidelidade. Ele descobriu que uma vida redimida encontra seu maior significado em louvor e testemunho.

4. A embaixada de Merodach-Baladan (39: 1-8)

1 Naquele tempo, Merodachbaladan, filho de Baladã, rei da Babilônia, enviou enviados com cartas e um presente a Ezequias, pois ouviu que estava doente e se recuperou. 2 E Ezequias acolheu-os; e ele mostrou-lhes o seu tesouro, a prata, o ouro, as especiarias, o óleo precioso, todo o arsenal, tudo o que foi encontrado em seus armazéns. Não havia nada em sua casa ou em todo o seu reino que Ezequias não mostrou. 3 Então o profeta Isaías veio ao rei Ezequias, e disse-lhe: "O que esses homens disseram? E de onde eles vieram até você? "Ezequias disse:" Eles vieram para mim de um país distante, da Babilônia " .4Ele disse: "O que eles viram em sua casa?" Ezequias respondeu: "Eles viram tudo o que está na minha casa; Não há nada nos meus armazéns que não mostrei ".

5 Então disse Isaías a Ezequias: Ouvi a palavra do SENHOR dos exércitos: 6 Eis que virão os dias, quando tudo o que estiver em sua casa e o que seus pais guardaram até hoje, serão levados para a Babilônia ; Nada deve ser deixado, diz o SENHOR . 7 E alguns de seus próprios filhos, que vieram para você, serão levados; e eles serão eunucos no palácio do rei de Babilônia ". 8 Então disse Ezequias a Isaías:" A palavra

do SENHOR, que falaste, é boa ". Pois pensou:" Haverá paz e segurança nos meus dias ".

Merodach-baladã, cujo nome em sua forma mesopotâmica era *Marduk-apaliddin* , que significa "Marduk deu um filho", ocupou o trono da Babilônia de 721 até 710 AC , e novamente por um breve período de tempo depois de 705. Ele foi forçado a destrancar o trono por Sargon em 710 e por Sennacherib pouco depois de 705. Em cada caso, ele fugiu para as províncias mais baixas da Babilônia para aguardar outra chance de assediar os assírios.

A visita dos enviados de Merodach-Baladã a Ezequias geralmente é datada de 704 AC. Eles vieram sob o pretexto de felicitar o rei da Judéia por sua recente recuperação da doença, embora seu propósito real fosse levá-lo a uma aliança contra a Assíria. Isso explica por que Ezequias estava disposto a mostrar-lhes as provisões em seus armazéns e as armas em seu arsenal. Sua vontade de compartilhar seus segredos de estado com um poder conhecido por ser hostil em relação a Assíria era equivalente a rebelião.

Isaías aparece prontamente e leva Ezequias a tarefa por sua ação precipitada. Nada aconteceu para mudar a atitude do profeta para o envolvimento de Judá, em alianças estrangeiros (cf. 7: 3-9 ; 30: 1-5 , 15). Existe um toque de justiça poética em sua predição de que, nos dias seguintes, Judá será punida pela própria nação de quem agora procura apoio. Esta previsão foi cumprida na queda de Jerusalém para os babilônios mais de um século depois. É para os oráculos proféticos relacionados a este período posterior que agora chamamos nossa atenção.

Segunda parte: Capítulos 40-55

Os motivos para tratar os capítulos 40-66 como uma unidade separada foram discutidos na Introdução a este trabalho. Lá foi apontado que, quando o leitor se volta do capítulo 39 para o capítulo 40 , cobre um período de mais de um século e meio. É quase como se ele tivesse fechado um livro e tivesse aberto outro. Existem profundas diferenças de estilo, conteúdo e antecedentes históricos entre os materiais nos capítulos 1-39 e aqueles em 40-66. A teoria que mais satisfatoriamente explica essas diferenças é a teoria da autoria conjunta, segundo a qual os capítulos 40-66 foram escritos não pelo Isaías do século VIII, mas por um ou mais de seus discípulos que vivem no período exilic e pós-exilado.

Os capítulos 40-55 são tratados como uma divisão separada nos capítulos 40-66 porque refletem uma configuração babilônica e tratam de eventos que aconteceram antes de 538 AC , enquanto os capítulos 56-66 estão estabelecidos na Palestina pós- xilica no período após 538 AC . Os capítulos 40-55 podem ser divididos em duas seções (40-48 e 49-55) com a conquista de Cyrus da Babilônia em 539 AC, como ponto aproximado de demarcação entre os dois.

Os Capítulos 40-55 contêm uma rica variedade de formas literárias dispostas em um padrão que às vezes é desconcertante. Talvez nenhuma outra parte da Bíblia seja tão difícil de descrever como essa. Não há um único tema que seja logicamente e consistentemente desenvolvido em todo, mas sim uma mistura de temas que aparecem,

depois desaparecem, apenas para reaparecer mais tarde. Isso levou alguns a comparar esses capítulos com uma sinfonia com seu desenvolvimento de um motivo através de muitas variações, ou para uma ótima tapeçaria tecida dos fios de muitas formas literárias. Se existe uma forma que se destaca de todas as outras, é a do hino escatológico, cantado em comemoração ao glorioso triunfo do deus de Israel (cf. 40: 9-11 ; 42: 10-13 ; 49:13 ; 52 : 9-10).

Estava fora da penumbra profunda do exílio quando os judeus eram um povo sem um país que essas profecias de conforto e encorajamento eram dadas. Um dos títulos que é freqüentemente aplicado aos capítulos 40-66 é "o Livro da Consolação". John R. Sampey preferiu chamá-los de "o coração do Antigo Testamento".

I. Libertação da Babilônia (40: 1-48: 22)

1. "Eis o teu Deus!" (40: 1-11)

(1) O Perdão de Deus (40: 1-2)

> [1] *Conforto, conforte meu povo,*
> *diz o seu Deus.*
> [2] *Fala com ternura a Jerusalém,*
> *e chora com ela*
> *que sua guerra acabou,*
> *que a sua iniqüidade seja perdoada,*
> *que recebeu da mão do Senhor*
> *duplo para todos os seus pecados.*

Muitos estudiosos consideram vv. 1-11 como registro do chamado e comissão do grande profeta do exílio. Em vv. 1-2 ele relata o que ele ouve a Deus dizendo a ele, e talvez a seus companheiros profetas. Eles são ordenados a consolar as pessoas desconsoladas de Deus. Esta é a única vez nas Escrituras que os profetas são ordenados a se consolar (ver 61: 2); Normalmente, eles são enviados para não consolar, mas para condenar (6: 9-10 , Jeremias 28: 8-9). Em outros lugares, nesses capítulos, sempre que Israel é consolado, é o próprio Deus que dá o conforto (ver 49:13 ; 51: 3 , 12 ; 52: 9 ; 66:13).

O conforto oferecido a Israel não é o conforto de uma graça barata que simplesmente encobre os pecados do passado. Ela é confortavelmente com a certeza de que sua iniqüidade foi perdoada e que ela recebeu da mão do Senhor duplo por todos os seus pecados. Sua guerra, ou seja, seu termo de escravidão, acabou, e ela é livre para voltar para casa. Sua libertação da escravidão teria sido sem sentido, no entanto, se ela não tivesse ouvido pela primeira vez esta palavra falada de perdão.

Falar com ternura (v. 2) é a tradução de um idioma hebraico, que, se traduzido literalmente, lê, "fale ao coração". De suas outras oito ocorrências no Antigo Testamento, quatro expressam a idéia de encorajamento, louvor, e reconfortante (Gênesis 50:21 ; 2 Sam. 19: 7 ; 2 Crônicas 30:22 ; 32: 6); e os quatro restantes descrevem a expressão de carinho e ternura preocupação de um amante pelo seu amado

(Gênesis 34: 3 ; Rute 2:13 , Hos. 2:14). Ambos os aspectos do significado do idioma são combinados nesta passagem (ver 54: 4-8).

(2) A Glória de Deus (40: 3-5)

> *3 Uma voz chora:*
> *"No deserto, prepare o caminho do SENHOR ,*
> *Coloque no deserto uma estrada para o nosso Deus.*
> *4 Todo vale será levantado,*
> *e toda montanha e colina serão reduzidas;*
> *o terreno irregular deve se tornar nível,*
> *e os lugares difíceis são uma planície.*
> *5 E a glória do Senhor será revelada,*
> *e toda carne deve vê-la juntas,*
> *porque a boca do Senhor falou ".*

Nestes versos, um falante não identificado, agindo em resposta ao comando para dar conforto a Israel, exige a preparação no deserto de uma rodovia para nosso Deus. A Septuaginta aparentemente ignorou a acentuação e o paralelismo do v. 3 , com o resultado de falar de uma voz "chorando na região selvagem", e não de uma rodovia "preparada no deserto" (ver Mateus 3: 3) .

A região selvagem deve ser entendida como abrangendo muito mais do que o deserto da Síria que separou a Palestina da Babilônia. Aqui como em todo o Antigo Testamento, o deserto é um símbolo de servidão, de disciplina e de castigo pelo pecado (cf. Hb 2:14). A retirada de Deus das pessoas sempre deixa sua vida estéril e vazia - como um deserto. Somente seu retorno pode restaurar sua beleza e utilidade.

O comando para preparar uma rodovia é dado em antecipação a uma teofania divina. Após a conclusão da estrada, a glória do Senhor será revelada, e toda carne deve vê-la juntas (v. 3). Isso deve ser entendido como a continuação da visão anterior de Ezequiel sobre a partida da glória do Senhor desde Jerusalém (cf. Eze. 11:23). A nova revelação da glória de Deus é dada não apenas a Israel, mas a toda a carne, isto é, a toda a humanidade. Já na chamada experiência do Segundo Isaías, portanto, soa a nota de universalidade que será ouvida repetidas vezes em todo o seu ministério (ver 42: 6-7 ; 45:22 ; 49: 6).

(3) A Palavra de Deus (40: 6-8)

> *6 Uma voz diz: "Chore!"*
> *E eu disse: "O que eu vou chorar?"*
> *Toda a carne é grama,*
> *e toda a sua beleza é como a flor do campo.*
> *7 A grama seca, a flor desaparece,*
> *quando o sopro do Senhor sopra sobre ele;*

certamente a gente é grama.

8 A grama seca, a flor desaparece;

mas a palavra de nosso Deus permanecerá eterna.

A reação inicial do profeta ao seu chamado parece ter sido um desespero. A voz que o mandou chorar, ou seja, proclamar ou pregar (ver v. 2 ; 58: 1 ; Jonas 3: 2), provavelmente era a de um mensageiro celestial. A resposta imediata do profeta a um tal composto é: o que eu vou chorar? O motivo e a causa de sua relutância em profetizar é a sua visão pessimista do homem. Em seus olhos, toda carne é tão transitória como a grama e toda a sua firmeza (*chesed*) como a flor do campo (cf. Hos. 6: 4). Estas metáforas sublinham o seu conceito de fragilidade e impermanência da existência humana (ver Job 14: 1-2 , Salmo 90: 5-6 , Lucas 12:28).

A resposta do mensageiro celestial às objeções expressadas pelo profeta é dada na v. 8 . Ele o impede de deixar de se preocupar com a falta de confiança do homem e concentrar sua atenção em vez da confiabilidade da Palavra de Deus. Os homens logo passam, como a grama que murcha e gosta de flores que desaparecem; mas a palavra de Deus dura para sempre. A permanência da palavra de Deus, portanto, deve ser a esperança do profeta e a fonte de sua força. A palavra que ele proclamará não é sua, mas de Deus, e até mesmo carregada de poder para realizar sua própria realização (ver 55: 10-11).

(4) A Força e a Doçura de Deus (40: 9-11)

9 Leve-o até uma montanha alta,

Ó Sion, heraldo de boas novas;

Levante sua voz com força,

Ó Jerusalém, heraldo de boas novas

levante-o, não tenha medo;

diga às cidades de Judá,

"Eis o teu Deus!"

10 Eis que o SENHOR Deus vem com o poder,

e o braço dele governa;

Eis que sua recompensa é com ele,

e sua recompensa antes dele.

Ele alimentará seu rebanho como um pastor,

ele vai reunir os cordeiros em seus braços,

ele os carregará no seu peito,

e gentilmente leve os que estão com jovens.

À medida que continua através deste capítulo, ele encontra as cenas mudando de moda caleidoscópica. Em vv. 9-11, a cena muda para Jerusalém / Sião, que é endereçada como uma boa notícia. Nos capítulos 40-55 , a ênfase é normalmente colocada sobre a desolação eo desespero de Jerusalém. Durante 50 anos, ficou em ruínas, enquanto seus habitantes anteriores languidecem em cativeiro (ver 42:22 ; 49:19 ; 51: 17-20). Por esta

razão, a cidade é geralmente representada como destinatária do conforto e como a pessoa a quem as boas novas da salvação são proclamadas (ver 40: 1-2 ; 51: 3 ; 52: 2 , 7-9). Aqui, no entanto, o consolado se torna o edredador, e os redimidos se tornam evangelistas, como Sion proclama boas novas às outras cidades de Judá. A mensagem que lhe foi confiada é, é claro, dada em antecipação à libertação futura. Por esta razão, foi atribuído à categoria literária do salmo escatológico de louvor (Westermann).

Uma voz não identificada instrui Jerusalém (Zion) a ascender uma montanha alta e a anunciar às outras cidades de Judá as boas novas: Eis o teu Deus! O grande Pastor de Israel está agora retornando ao seu rebanho disperso. As palavras da proclamação "Eis o seu Deus!" Constituem o texto para a pregação do Segundo Isaías; O resto é comentário.

O Senhor que retorna a Sião é forte e gentil. Sua força é como a de um rei guerreiro (v. 10 , 42:13) e sua gentileza como a de um pastor (v. 11). Essas duas qualidades são exibidas simultaneamente, em vez de algumas seqüências alternadas. Além disso, eles não devem ser considerados contraditórios, mas complementares. A palavra pastor é freqüentemente usada no sentido figurativo no Antigo Testamento, e, em tais casos, pode ser aplicada a um rei (2 Sam. 5: 2 ; Salmos 78: 70-71 ; Eze. 34:23) ou ao próprio Senhor (Gênesis 49:24 ; Salmos 23: 1 ; 78:52 ; Jeremias 31:10).

O Senhor que retorna a Sião traz consigo a recompensa e a recompensa (v. 10). Neste contexto, a recompensa e a recompensa não devem ser entendidas como aquelas que o Senhor distribui aos outros, mas como aquilo que ele ganhou por si mesmo. É o seu povo, o rebanho reunido, que ele conduz de volta a Jerusalém tão gentilmente, que constitui sua "recompensa".

2. O Deus incomparável (40: 12-31)

(1) Criador e Senhor do Universo (40: 12-26)

12 Quem mediu as águas no oco da mão
e marcou os céus com uma extensão,
encerrou o pó da terra em uma medida
e pesava as montanhas em escalas
e as colinas estão em equilíbrio?
13 Quem dirigiu o Espírito do SENHOR ,
ou como seu conselheiro o instruiu?
14 Com quem ele consultou por sua iluminação,
e quem lhe ensinou o caminho da justiça,
e ensinou-lhe conhecimento,
e mostrou-lhe o modo de entender?
15 Eis que as nações são como uma gota de um balde,
e são contabilizados como o pó na balança;
Eis que ele toma as ilhas como poeira fina.
16 O Líbano não seria suficiente para o combustível,

nem os seus animais são suficientes para uma oferta queimada.
17 Todas as nações são como nada antes dele,
Eles são considerados por ele como menos do que nada e vazio.
18 A quem, então, você comparará Deus,
ou que semelhança se compara com ele?
19 O ídolo! um trabalhador o molda,
e um ourives sobrepõe-o com ouro,
e molda para isso correntes de prata.
20 Aquele que é empobrecido escolhe uma oferta
madeira que não vai apodrecer;
ele procura um artesão hábil
para configurar uma imagem que não se mova.
21 Você não conheceu? Você não ouviu?
Não foi informado desde o início?
Você não entendeu dos fundamentos da Terra?
22 É aquele que se senta acima do círculo da terra,
e seus habitantes são como gafanhotos;
que estica os céus como uma cortina,
e os espalha como uma tenda para habitar;
23 que traz nada aos príncipes,
e faz os governantes da terra como nada.
24 Pouco são plantados, mal semeados,
mal tem seu tronco na raiz da terra,
quando ele sopra sobre eles, e eles murcham,
e a tempestade os carrega como talho.
25 A quem, então, você me compara,
que eu deveria ser como ele? diz o Santo.
26 Levante os olhos no alto e veja
quem criou estes?
Aquele que traz seu host por número,
chamando-os todos pelo nome;
pela grandeza de seu poder,
e porque ele é forte no poder
ninguém está faltando.

Para entender esses versículos, é preciso lembrar que, nos tempos antigos, a guerra era considerada não só como uma luta entre duas nações, mas também como prova de força entre suas respectivas divindades. A derrota de uma nação, portanto, foi interpretada como significando que seus deuses haviam falhado; Sua vitória, por outro lado, significava que seus deuses prevaleceram sobre seus rivais.

Muitos dos exilados judeus compartilharam esse ponto de vista. Consequentemente, eles consideraram sua derrota nas mãos de Babilônia em 587 AC. Como prova de que Bel e Marduk eram superiores a Yahweh. Alguns foram até tentados durante o período subseqüente do exílio a abandonar sua antiga religião e adotar a de seus conquistadores.

O profeta encontrou este desafio de duas maneiras; primeiro, proclamando a incomparável grandeza do Deus de Israel; e, em segundo lugar, amaldiçoando o desprezo e o ridículo sobre os deuses da Babilônia feitos pelo homem. Sua forte oposição à idolatria explica o estilo argumentativo que caracteriza tanto sua escrita. Ele estava se dirigindo a homens que haviam perdido toda confiança na capacidade e vontade de Yahweh de ajudá-los. Sua tarefa era convencê-los de que Yahweh ainda era o soberano Senhor da criação e da história e que ainda eram o povo escolhido.

Em contraste com o uso freqüente do imperativo em vv. 1-11 , esta seção faz um amplo uso da questão, um dispositivo literário favorito deste profeta. A maioria dos estudiosos modernos concorda que vv. 12-14 contém uma série de perguntas retóricas, às quais a única resposta possível é "Ninguém!" O argumento do profeta é que o Deus incomparável de Israel não deriva de nenhum dos seus poderes ou sabedoria dos homens. Os homens não são mais capazes de dirigir o seu Espírito, isto é, a mente (Romanos 11:34 ; 1 Cor. 2:16), ou de instruí-lo, do que eles são de medir os mares no oco da mão, ou de marcar os céus com uma extensão.

O profeta não sentiu medo nem fascínio ao contemplar o poderoso poder da Babilônia. Em comparação com a majestade de seu Deus, todas as nações combinadas eram tão inconsequentes como uma queda que caiu de um balde como estava sendo extraído do poço, ou como o pó fino que acumulava em escamas no mercado. Se todo o Líbano fosse um altar, se todas as suas florestas fossem alimentadas, e se todos os seus animais fossem mortos por um holocausto, isso não seria um sacrifício suficiente para honrar o Senhor.

Os versículos 18-20 pertencem a um gênero literário especial que aparentemente surgiu durante o exílio e que passou a ser conhecido como a "sátira ídolo" (cf. 41: 6-7 ; 44: 9-20 ; 46: 1-7). Este gênero específico foi projetado para demonstrar aos exilados a singularidade de seu Deus e convencê-los do absurdo do culto aos ídolos.

O versículo 18 foi descrito como "a expressão culminante do monoteísmo hebraico no Antigo Testamento". Suas duas questões retóricas sugerem tanto a incomparabilidade do Deus de Israel quanto a impossibilidade de representá-lo por uma imagem (ver Ex. 20: 2-6) . A afirmação da singularidade de Javé é seguida de uma breve descrição do processo pelo qual os ídolos da Babilônia foram fabricados (v. 19-20 , cf. 41: 6-7 ; 44: 9-20 ; 46: 6-7). O ídolo do rico foi lançado de prata e ouro (v. 19); O ídolo do pobre homem foi esculpido em um pedaço de madeira (v. 20).

Sugeriu-se que o realismo e vivacidade com que o profeta descreveu o processo de ídolo deve ter crescido a partir de sua própria observação pessoal. A fabricação generalizada de imagens na Babilônia deve ter feito uma profunda impressão sobre os exilados judeus. Uma descrição semelhante da ídolo foi descoberta em uma antiga liturgia do Festival do Ano Novo da Babilônia (ANET , pp. 331-2).

As questões urgentes no v. 21 são destinadas a despertar os israelitas de sua letargia espiritual lembrando-lhes de sua rica herança religiosa. O profeta em seguida faz uso de uma série de antropomorfismos audazes para descrever o senhorio de Yahweh sobre a criação e a história (v. 21-24). É ele que se senta entronizado (Salmos 2: 4 ; 9: 7 ; 29:10) acima do círculo da terra, isto é, no pináculo do firmamento que avança a terra. De seu ponto de vista, os habitantes da terra aparecem como gafanhotos (ver Números 13:33). É ele quem esticou os céus para fazer uma barraca para si mesmo. É também aquele que destrói os príncipes da terra, até os poderosos príncipes da Babilônia. Ele tem que respirar sobre eles e eles murcham e explodem.

As perguntas do v. 18 são repetidas na v. 25 , com Yahweh como o falante. Ele é identificado simplesmente como Santo (*qadhosh* , sem o artigo). Santo, portanto, é tratado quase como se fosse um nome próprio.

O versículo 26 reafirma o poder de Javé, apontando para a criação e o controle das estrelas. O verbo para criar (*bard*) ocorre um total de vinte e uma vezes nos capítulos 40-66 , que é quase duas vezes mais vezes que ocorre em Gênesis. Embora não basta, por si só, criar do nada, é, no entanto, usado apenas com Deus como sujeito. Descreve assim uma atividade que ele sozinho pode realizar.

A menção de Yahweh como criador e governante das estrelas teve um significado especial neste cenário, pois Babilônia era a antiga casa da astrologia e da adoração das estrelas. Os babilonios não só consideravam as estrelas como deuses, mas também acreditavam que seus movimentos governavam os destinos dos homens. O profeta, no entanto, tira-os de sua divindade, e reduz-los ao nível de privado no exército do Senhor. Ele fala como se os céus fossem apenas um campo de desfile onde os anfitriões estrelados são reunidos diariamente para a chamada. À medida que o Senhor chama seus nomes, ninguém está faltando, nem um não consegue se reportar para o dever! Esta procissão ordenada dos anfitriões celestiais é a prova irrefutável do profeta do poder e do poder do Senhor. Visto em sua configuração babilônica, este é de fato um conceito arrojado.

(2) Sustainer of the Weary (40: 27-31)

27 Por que você diz, ó Jacob,
e fala, ó Israel,
"Meu caminho é escondido do Senhor,
e meu direito é desconsiderado por meu Deus "?
28 Você não conhece? Você não ouviu?
O SENHOR é o Deus eterno,
O Criador dos confins da terra.
Ele não desmaia nem se cansa,
Sua compreensão é incompreensível.
29 Ele dá poder aos fracos,
e para aquele que não tem, ele pode aumentar a força.
30 Mesmo os jovens desmaiarão e se cansarão,

e os jovens cairão exaustos;

31 Mas os que esperam pelo Senhor renovarão a força deles,

eles devem subir com asas como águias,

eles devem correr e não se cansar,

eles devem andar e não desmaiar.

O efeito desmoralizante do cativeiro babilônico sobre os exilados judeus não é mais aparente do que aqui (Salmo 137 , Ezequiel 18: 2 ; 37: 11-14). Dava-lhes pouco conforto para ser informado de que Yahweh estava entronizado em algum lugar acima do firmamento, ou que ele era o criador e governante das estrelas. O que eles desesperadamente precisavam saber era se ele poderia ajudá-los e se ele se preocupava em ter mais alguma coisa com eles.

Os longos anos de cativeiro e governo estrangeiro têm tão amargurado seus espíritos e os encheram de auto-piedade que acusam Deus de ter ignorado sua situação (v. 27). O profeta contesta sua acusação com uma das mais sublimes confissões de fé que se encontram em qualquer lugar nas Escrituras (v. 28-31). Ele começa dizendo que seu conceito de Deus é inteiramente pequeno demais; eles esqueceram as dimensões verdadeiras de sua força e compreensão (v. 28).

O clímax do capítulo vem na declaração de que a força infalível de Deus está disponível para os fracos e cansados que o aguardam. Ele não só *tem* poder (v. 28), mas também *dá* energia (v. 29). Westermann observou o paradoxo em vv. 30-31: queda forte e firme queda exausta; Mas a fraca e cansada força de recebimento para completar sua jornada.

O significado básico do verbo esperar é torcer ou torcer. A partir desta raiz vêm nomes como a rede de cordas e aranha. Para esperar, o Senhor, portanto, significa deixá-lo tornar sua linha de vida, seu cordão de fuga.

A ênfase nessa palavra não é sobre a espera passiva, mas com entusiasmo. É usado, por exemplo, em Salmos 56: 6 e 119: 95 para descrever os malfeitores esperando em emboscada para matar os justos. Parece também em 5: 4 , 7 , onde descreve a ânsia do fazendeiro enquanto aguarda a próxima safra. Esta série de imagens - o cabo tenso, a espera tensa em emboscada e a ansiosa expectativa do fazendeiro - revela a riqueza do termo.

Para esperar o Senhor, o Senhor dá nova força. Eles não apenas renovam sua força, mas eles "trocam" (uma interpretação mais precisa da Heb \.) Sua força falha para a força infalível de Deus. Assim, eles descobrem uma nova fonte de energia para viver. Embora alguns tenham detectado um anticlímax no v. 31 - de voar, correr, e, finalmente, andar - esta é, no entanto, uma descrição precisa da vida de fé. O homem da fé às vezes pode voar nas asas das águias ou correr sem cansar, mas a maioria do tempo ele apenas anda. E o verdadeiro teste de sua fé vem, não quando ele voa ou corre, mas quando ele deve avançar. É na monotonia da vida cotidiana que o homem de fé revela seu verdadeiro caráter.

Para esperar, o Senhor, portanto, significa responder com fé ao anúncio de sua vinda (ver v. 9-11). Embora a sua vinda ainda esteja no futuro, a resposta da fé torna seus

benefícios imediatamente disponíveis para os ouvintes do profeta. A fé nunca é apenas o meio pelo qual a vitória é alcançada; A fé é a vitória!

3. Deus que age (41: 1-29)

(1) O Conquistador do Oriente (41: 1-4)

> *1 Ouça-me em silêncio, costa de O;*
> *Deixe os povos renovarem sua força;*
> *deixe-os aproximar-se, então deixe-os falar;*
> *Junte-nos para julgar.*
> *2 Quem agitou um do leste*
> *Qual vitória se encontra a cada passoP*
> *Ele desistiu de nações antes dele,*
> *de modo que pisoteia os reis sob os pés;*
> *Ele os faz como pó com sua espada,*
> *como talho conduzido com seu arco.*
> *3 Ele os persegue e passa com segurança,*
> *por caminhos, seus pés não pisaram.*
> *4 Quem realizou e fez isso,*
> *Chamando as gerações desde o início?*
> *Eu, o Senhor, o primeiro,*
> *e com o último; Eu sou ele.*

Nesta seção, há um maior desenvolvimento do tema do controle soberano de Deus sobre a história. A configuração é a de uma sala de audiências. As nações poderosas, temidas por Israel, mas consideradas como inconsequentes por Deus (40:15, 23), são convocadas para um encontro com o Senhor da história. À medida que se aproximam, eles devem ouvir em silêncio e renovar suas forças. A referência à renovação da força liga a passagem com 40:31 . Essas palavras provavelmente foram ditas com escárnio, como se estivessem avisando as nações de que eles precisariam de toda a força que pudessem reunir.

A questão a ser decidida é declarada no v. 2 : Quem provocou uma do Oriente que a vitória se encontra a cada passo? Os versículos 2b-3 dão uma descrição mais detalhada da marcha irresistível do conquistador sem nome. O Senhor repete sua pergunta inicial no v. 4 , e então fornece sua própria resposta: "Eu, o Senhor, o primeiro e o último; Eu sou ele."

A passagem não identifica o conquistador invencível a partir do leste. Os intérpretes judeus aplicaram quase unanimemente a passagem a Abraão e sua vitória sobre os quatro reis (Gênesis 14: 13-16). O Norte observou, contudo, que não parece realista supor que as nações deveriam ter sido convocadas urgentemente para debater quem era responsável por chamar Abraão há mais de mil anos. Smart detém a visão de que o conquistador deve ser identificado como Israel (ver v. 14-16). Esta interpretação

baseia-se na posição bastante duvidosa de que toda referência a Cyrus nesses capítulos é um brilho.

A visão mais ampla entre os exegetas cristãos é que o conquistador é Ciro, que é mencionado pelo nome em 44:28 e 45: 1 . Poucos homens influenciaram tão profundamente o curso da história mundial como ele. Ele se tornou rei de Anshan em 558 AC , Mídia anexada em 550, conquistou Lídia **em** 546 e conquistou a poderosa Babilônia em 539. Nesta passagem, que talvez seja datada entre 546 e 539, a afirmação espantosa é feita que este poderoso conquistador foi levantado e lançado em sua meteórica carreira pelo próprio Yahweh.

(2) O Ridículo dos deuses feitos pelo homem (41: 5-7)

5 As terras da costa viram e têm medo,
os terrores da terra tremem;
eles se aproximaram e vieram.
6 Todo mundo ajuda seu vizinho,
e diz ao irmão: "Tome coragem!"
7 O artesão encoraja o ourives,
e aquele que alisa com o martelo aquele que golpea a bigorna,
dizendo da solda: "É bom";
e eles apertam com as unhas para que não possa ser movido.

Esta é a segunda sátira do ídolo do profeta (cf. 40: 18-20 ; 44: 9-20 ; 46: 1-7). O verso 5 descreve o pânico que toma as nações quando eles ouvem que Ciro foi escolhido como o instrumento do propósito de Yahweh. Eles tentaram freneticamente tentar fazer deuses mais potentes, na esperança de que estes possam anular os sucessos de Cyrus. Há um toque de humor na descrição dos trabalhadores tentando encorajar uns aos outros. O profeta sabe que todo o seu martelar e soldar é muito esforço desperdiçado, pois nada pode parar Ciro até conquistar a própria Babilônia.

(3) Reafirmação para Israel (41: 8-20)

8 Mas você, Israel, meu servo,
Jacó, a quem escolhi,
a prole de Abraão, meu amigo;
9 você que eu tirei dos confins da terra,
e chamou de seus cantos mais distantes,
dizendo-lhe: "Você é meu servo,
Eu escolhi você e não o expulso ";
10 não tenho medo, pois estou com você,
não seja consternado, pois eu sou seu Deus;
Eu vou fortalecê-lo, eu vou ajudá-lo,
Eu vou te defender com minha mão direita vitoriosa.

11 Eis que todos os que estão incandescentes contra você
será envergonhado e confundido;
aqueles que se esforçam contra você
será como nada e perecerá.
12 Você procurará aqueles que lidam com você,
mas você não os encontrará;
aqueles que guerreiam contra você
deve ser como nada.
13 Pois eu, o Senhor, seu Deus,
segure sua mão direita;
É eu quem te disser: "Não temas,
Vou te ajudar."
14 Não temas, seu verme Jacob,
vocês homens de Israel!
Eu o ajudarei, diz o Senhor;
Seu Redentor é o Santo de Israel.
15 Eis que farei de ti um trenó trilhado,
novo, afiado e com dentes;
você trará as montanhas e as esmagará,
e você deve fazer as colinas como palha;
16 voce os ganhará e o vento os levará,
e a tempestade deve espalhá-los.
E você se alegrará com o Senhor;
No Santo de Israel, você se gloria.
17 Quando os pobres e necessitados procuram água,
e não há nenhum,
e sua língua está cheia de sede,
Eu, o Senhor, os responderei,
Eu, o Deus de Israel, não os abandonarei.
18 Vou abrir rios nas alturas nuas,
e fontes no meio dos vales;
Farei do deserto uma bacia de água,
e a terra seca nascentes de água.
19 Colocaremos no deserto o cedro,
a acácia, o mirto e a azeitona;
Vou colocar no deserto o cipreste,
o plano e o pinho juntos;
20 que os homens podem ver e conhecer,

podem considerar e entender juntos,
que a mão do SENHOR fez isso,
O Santo de Israel criou.

Esta seção consiste em uma série de mensagens destinadas a confortar e encorajar Israel. A forma literária em que é lançada é conhecida como o oráculo da salvação (ver 43: 1-7 ; 44: 1-5 ; 54: 4-10). Estes oráculos provavelmente foram dados em resposta a um lamento, como o expresso em 40:27 .

O Senhor aborda diretamente Israel em vv. 8-16 . Ele fala primeiro para tranquilizá-la de que a eleição ainda permanece (v. 8-10). Esta palavra precisava ser dita, pois muitos dos israelitas supõem que o Exílio significava o fim da aliança de Deus com eles.

Um dos títulos pelos quais o Senhor se dirige ao seu povo é meu servo (v. 8-9). Esta é a primeira vez no livro de Isaías que o título é aplicado a Israel (42: 1 , 19 ; 43:10 ; 44: 1, 2 , 21 , 26 ; 45: 4 ; 48:20 ; 49: 3 , 5, 6 ; 50:10 ; 52:13 ; 53:11). A servidão de Israel significa não só que ela pertence a Yahweh e lhe deve sua fidelidade, mas também que ela é sua amiga confiável e goza da segurança de seus cuidados e proteção. Ela não tem nada a temer, portanto, porque Deus está com ela e a vitória é assegurada (v. 10).

Ela ainda é encorajada dizendo que nenhum dos seus inimigos prevalecerá contra ela (v. 11-16). As nações que lutam contra ela logo desaparecerão e se tornarão como nada (v. 11-12). Os israelitas devem ter entendido essa promessa como se referindo principalmente à Babilônia.

Três vezes nesta seção, Israel é informado para não temer (vv. 10 , 13, 14 , ver 43: 1 , 5 ; 44: 2 , 8 ; 51: 7 , 12 ; 54: 4 , 14). Westermann observou que tal comando de Deus para os homens é dado no Antigo Testamento quer no contexto de uma teofania (ver Ex. 20: 18-20 , Judg. 6:23 ; Dan 10: 8-12 ; Luke 2: 8-12) ou diante de uma ameaça ou perigo iminente (ver Ex. 14: 13-14 , Nm 21:34 ; Deuteronômio 1:21 ;Josh. 8: 1 ; 10: 8). Em segundo de Isaías, a ocasião do comando é o medo de Israel de seus conquistadores.

No oracle começando pela v. 14 , Israel é endereçado como um verme. Isso não deve ser considerado como um termo de abuso ou de insulto. Provavelmente reflete a baixa estimativa que Israel colocou sobre si mesma (cf. Salmo 22: 6). O incrível anúncio feito neste oráculo é que o verme fraco será transformado em um poderoso trenó de debulhadura (v. 15). Um tal trenó, com pontas de ferro encaminhadas para os seus corredores, foi arrastado por sobre a eira para separar o grão da palha (ver Amós 1: 3). Israel trará as montanhas e as colinas, e o vento as tirará (v. 15-16). As montanhas e colinas podem se referir aos obstáculos que bloqueiam o retorno de Deus ao seu povo (ver 40: 4) ou para as nações que são seus opressores (cf. Zacarias 4: 7). Em ambos os casos, o resultado final será a ressurreição de alegria e louvor em Israel.

O oráculo em vv. 14-16 começa e termina com uma referência ao Santo de Israel. Há outras onze outras ocorrências deste título nos capítulos 40-55 (41:20 ; 43: 3 , 14, 15 ; 45:11 ; 47: 4 ; 48:17 ; 49: 7a , 7b; 54: 5 ; 55: 5). Este título enfatiza tanto a majestade (o *Santo*) quanto a condescendência (o Santo *de Israel*) de Javé (ver Hos. 11: 9).

Javé também é designado como o Redentor de Israel (*go'el*). Embora este termo nunca apareça nos capítulos 1-39 , é encontrado treze vezes em 40-66 (41:14 ; 43:14 ; 44: 6 , 24 ; 47: 4 ; 48:17 ; 49: 7 , 26 ; 54 : 5 , 8 ; 59:20 ; 60:16 ; 63:16). O único outro profeta que aplica este título a Deus é Jeremias, e ele faz isso apenas uma vez (Jeremias 50:34).

"Redentor" é um termo técnico emprestado do domínio da lei familiar e tribal. O *go'el de* um homem era seu parente mais próximo, que em certas emergências esperava que viesse em sua assistência. Por exemplo, se um homem fosse forçado pela pobreza a se vender em escravidão, seu "redentor" estava obrigado a comprar sua liberdade (cf. Levítico 25: 47-54). O *go'el* também deveria vingar o sangue de um parente assassinado (cf. Números 35: 16-21 , Josué 20: 1-6). Uma função particular do *go'el* era casar com a viúva sem filhos de seu falecido irmão para gerar filhos que conservariam o nome de seu irmão (Gn 38: 7-8 ; Deut. 25: 5-10 ; Rute 2:20 ; 3:12 ; 4: 1-12).

Parece provável que o Segundo Isaías tomou emprestado o conceito de que o Senhor agiu como o redentor de seu povo de Êxodo 6: 6 , especialmente tendo em vista que o motivo do Êxodo é tão proeminente nos capítulos 40-55 . Dizer que Yahweh está relacionado a Israel como redentor significa que ele está disposto a agir como seu parente e a defender sua causa, embora ela não tenha outro ajudante. Isso também significa que nenhum preço é muito bom para ele pagar pela libertação da escravidão (ver 43: 3-4 ; 54: 5-8).

Em vv. 17-20, o Senhor fala mais uma palavra de consolo para os exilados, que são aqui referidos como pobres e necessitados. Eles aparentemente estão assustados com a perspectiva de ter que atravessar o inóspito deserto sírio (ver Ezra 8: 21-23 , 31). O Senhor promete que, por eles, ele abrirá rios e fontes no deserto (cf. 35: 6-7), transformando assim o último em oásis fértil. Todos os homens testemunharão este ato poderoso e reconhecerão que é o trabalho de Yahweh, o Santo de Israel (v. 20).

(4) Um Desafio às Nações (41: 21-29)

21 Defina o seu caso, diz o Senhor;
traga suas provas, diz o rei de Jacob.
22 Deixe-os trazê-los e diga-nos
O que acontecerá.
Conte-nos as coisas anteriores, o que são,
para que possamos considerá-los,
para que possamos conhecer o resultado deles;
ou declare-nos as coisas por vir.
23 Diga-nos o que deve vir depois,
para que possamos saber que você é deuses;
faça o bem, ou faça mal,
para que estejamos assustados e terríveis.
24 Eis que você não é nada,

e seu trabalho é nada;
uma abominação é quem o escolhe.
25 Eu agitei um do norte, e ele veio,
do nascimento do sol, e ele invocará o meu nome;
ele pisoteará governantes como em argamassa,
como o oleiro anda em argila.
26 Quem o declarou desde o início, para que possamos saber,
e antes, que possamos dizer: "Ele está certo"?
Não houve quem tenha declarado, nenhum que proclamou,
Nenhum que ouviu suas palavras.
27 Primeiro o declaruei a Sião,
e eu dou a Jerusalém um heraldo de boas novas.
28 Mas quando olho, não há ninguém;
entre estes não há conselheiro
Quem, quando peço, dá uma resposta.
29 Eis que são todos uma ilusão;
suas obras não são nada;
suas imagens fundidas são vento vazio.

Esta passagem é uma continuação do discurso de julgamento de 41: 1-7 . Os deuses das nações são convocados para comparecer perante o Senhor e provar que são verdadeiramente divinos.

Eles são convidados a submeter-se a três testes. Primeiro, deixe-os demonstrar sua capacidade de interpretar os eventos passados, de modo a revelar seu significado subjacente (v. 22). Em segundo lugar, deixe-os mostrar sua capacidade de fazer previsões futuras (v. 23a). Em terceiro lugar, deixe-os provar que eles podem intervir ativamente na história, seja para fazer o bem ou para fazer mal (v. 23 *h).*

O desafio é de Yahweh, mas não há resposta dos deuses. O seu silêncio prova que eles não são nada e não podem fazer nada (v. 24 , cf. v. 29). O Senhor, por outro lado, intervém ativamente em nome do seu povo, levantando um libertador do oriente (v. 25) e declarando isso de antemão pela boca do seu profeta (v. 26). Por esta ação ele demonstrou que ele sozinho é Deus.

4. O Servo do Senhor (42: 1-43: 7)

(1) A Missão do Servo (42: 1-9)

1 Eis o meu servo, a quem eu sustento,
meu escolhido, em quem minha alma se delicia;
Coloquei meu Espírito sobre ele,
Ele dará justiça às nações.

2 Ele não vai chorar nem levantar a voz,
ou fazê-lo ouvir na rua;
3 uma cana machucada, ele não vai quebrar,
e um mechinho vagamente queimado ele não vai apagar;
Ele fará fielmente justiça.
4 Ele não falhará ou será desencorajado
até que tenha estabelecido a justiça na terra;
e as costas esperam por sua lei.
5 Assim diz Deus, o Senhor,
que criou os céus e esticou-os,
que espalhou a terra e o que vem dela,
que dá respiro às pessoas sobre isso
e espírito para aqueles que entram nela:
6 "Eu sou o SENHOR , eu te chamei de justiça,
Eu peguei você pela mão e o guardei;
Eu lhe dei uma aliança com as pessoas,
uma luz para as nações,
7 para abrir os olhos cegos,
para trazer os prisioneiros da masmorra,
da prisão aqueles que se sentam na escuridão.
8 Eu sou o SENHOR , esse é o meu nome;
minha glória não dou a nenhum outro,
nem meu louvor a imagens esculpidas.
9 Eis que as coisas anteriores aconteceram,
e coisas novas que eu declaro agora;
antes de surgirem
Eu falo de vocês. "

Em seu famoso comentário sobre Isaías, publicado em 1892, Bernhard Duhm isolou quatro poemas (42: 1-4 ; 49: 1-6 ; 50: 4-9 ; 52: 13-53: 12) do resto do Segundo Isaías e designou-os como "Canções Servas". Ele argumentou que eles não foram escritos segundo o Segundo Isaías, mas por um profeta posterior que os colocou entre os oráculos do Segundo Isaías. Sua teoria baseava-se nas alegadas diferenças entre o retrato do servo dentro das quatro canções e o do servo Israel, fora das canções. A maioria dos estudiosos modernos assina a visão de Duhm de que esses quatro poemas são únicos na apresentação do servo do Senhor, mas estão menos inclinados a concordar com ele que não estão relacionados ao seu contexto ou devem ser atribuídos a alguém que não o segundo Isaías .

A primeira palavra Behold ocorre também em 41:24 , 29 . Isso serve para conectar as duas passagens e enfatizar o contraste entre os ídolos escolhidos pelas nações e o servo escolhido pelo Senhor.

O verso 1 tem muitas semelhanças impressionantes com 41: 8-10 : ambas são citações diretas das palavras do Senhor; ambos estão preocupados com o servo do Senhor; ambos descrevem o servo como tendo sido escolhido pelo Senhor; Ambos afirmam que o Senhor irá defender o seu servo. O último ponto assume significância adicional quando se observa que o sustento (*tamakh*) é usado pelo Segundo Isaías apenas nessas duas instâncias.

A principal diferença entre as duas passagens é que o servo em 41: 8-10 é identificado como Israel, enquanto que em 42: 1-4 ele permanece anônimo. O peso da evidência parece indicar, no entanto, que ele é o mesmo em ambos os lugares. O profeta provavelmente assumiu que seus leitores fariam a identificação sem que ele precisasse fazê-lo.

O Espírito do Senhor é colocado sobre o servo para equipá-lo para o seu ministério. O Espírito (*ruach*) é dado a certos homens no Antigo Testamento, a fim de que eles possam cumprir as responsabilidades atribuídas. Através do dom do Espírito, por exemplo, os artesãos se tornam mais proficientes (Ex. 31: 1-5), os profetas são inspirados (cf. Números 11:29 ; 24: 2 ; 2 Crônicas 24:20 ; Ezek 11: 5 , Mic. 3: 8), os líderes estão equipados para o cargo (ver Números 11:17 , Judg. 3:10 ; 6:34), os reis estão preparados para governar (ver 1 Sam. 11: 6 ; 16:13 ; Isaías 11: 2), e o servo do Senhor está preparado para ministrar (ver Isaías 42: 1 ; 61: 1). Em uma série de passagens do Antigo Testamento, a esperança é expressa que, na era escatológica, o Espírito de Deus será derramado sobre todo o seu povo (ver 32:15 ; 44: 3 ; Eze. 36: 26-27 ; Joel 2: 28- 29).

A missão do servo é levar a justiça às nações. Lindblom interpretou isso para significar que o servo é um rei conquistador, um tipo de rei vassalo ao serviço de Javé, o rei celestial, que, por meios pacíficos, conquistará o mundo e subjugará as nações, levando-os à sujeição às leis e vontade de seu Senhor e Soberano. Westermann, da mesma forma, pensa no servo como uma figura real e compara a primeira Canção do Servo com a apresentação pública de Saul como rei em 1 Samuel 9: 15-17 . Ele entende que a missão do servo é desafiar a reivindicação dos deuses dos gentios à divindade e afirmar a única divindade de Javé. Mowinckel,Por outro lado, identifica o servo como profeta e define sua tarefa como a de estabelecer a "religião certa" entre as nações. Ele encontra o paralelo mais próximo ao chamado do servo no relato do chamado de Jeremias (Jeremias 1: 5).

De acordo com a v. 2 , o servo não chora nem levanta a voz, nem a faz ouvir na rua. A interpretação usual colocada sobre estas palavras é que o servo não é alto e condenatório, como profetas anteriores, ou tirânico e feroz, como conquistadores anteriores, mas funciona pacificamente e gentilmente para cumprir sua missão. No entanto, esta interpretação exige que o verbo "gritar" (*tsa'aq*) seja atribuído um significado diferente do que tem em outras passagens do Antigo Testamento. Em outros lugares, é mais frequentemente usado do choro fraco para o forte para obter ajuda. Na maioria dos casos, descreve o oprimido clamando a Deus por alívio (Gênesis 4:10 ; Ex. 3: 7 ; 14:10 ; Judg. 4: 3 ;Salmo 107: 6 ; É um. 19:20 ; Lam. 2:18). À luz desse uso, portanto, torna-se claro que o profeta não descreve a maneira pela qual o servo cumprirá sua missão, mas sim o maravilhoso alívio que o Senhor providenciará para ele, expulsando sempre de seus lábios o choro de angústia. Um paralelo notável a este

versículo é encontrado em 65:14 , onde o glorioso futuro dos justos é contrastado com o miserável destino dos ímpios: os ímpios "clamam (*tsa'aq*) por dor de coração", mas os servos do Senhor "cantam por alegria de coração ".

Os versículos 3-4 completam a descrição do profeta da missão do servo. Ele não irá destruir ou desencorajar aqueles que se esforçam para a justiça, por mais fracos que sejam. Nem ele falhará ou será desencorajado até que ele tenha conseguido estabelecer a justiça na terra.

Os versículos 5-9 são pensados por alguns como uma extensão do primeiro Servant Song, ou pelo menos uma resposta editorial a ele. Alguns até estiveram dispostos a conceder a esses versos o status de uma Canção Servante independente. Mowinckel acha que eles foram escritos para ajudar Israel na interpretação de vv. 1-4 , para que ela possa se reconhecer no retrato do servo.

Deus é apresentado no v. 5 como aquele que criou a terra e que dá vida aos que habitam sobre ela (Gênesis 2: 7 ; Jó 34: 14-15 ; Salmos 104: 29-30 ; Eccl. 12 : 7). A segunda ênfase de Isaiah no motivo da criação foi projetada para fortalecer a fé de Israel. Se Deus, por seu poder, criou os céus e a terra, certamente ele poderia ser confiado para sustentar seu povo em todas as crises.

Israel é descrito na vv. 6-7 como servo e benfeitor das nações. Deus a designou para ser "uma aliança com o povo" (ver 49: 8) e "uma luz para as nações" (ver 49: 6). Pessoas e nações devem ser consideradas como expressões paralelas. Israel será fundamental para alertar os cegos e a liberdade dos prisioneiros. O versículo 8 sugere que aqueles a quem ministros são gentios que ainda adoram e servem imagens esculpidas. Por meio de seu testemunho, no entanto, eles passarão da idolatria ao culto de Javé, experimentando assim verdadeira visão e verdadeira liberdade.

O versículo 8 declara a falta de vontade de Deus para compartilhar sua glória e louvar com imagens esculpidas. Ele é absolutamente intolerável a todos os rivais. Uma indicação de sua superioridade sobre ídolos é a capacidade de fazer previsões, declarar coisas novas antes de surgir (v. 9). A nova é uma das palavras-chave nos capítulos 40-66 (ver 41:15 ; 42: 9-10 ; 43:19 ; 48: 6 ; 62: 2 ; 65:17 ; 66:22), embora nunca ocorra nos capítulos 1-39. Seu significado inclui mais do que uma simples renovação do antigo e familiar; descreve o surgimento do que era anteriormente desconhecido e totalmente inesperado. As "novas coisas" previstas pelo profeta incluíram a conquista de Cyrus da Babilônia, a libertação de Israel da escravidão e a inauguração da era escatológica.

(2) Uma nova canção da redenção (42: 10-17)

10 Cante para o SENHOR uma nova música,
Seu louvor desde o fim da terra!
Deixe o mar rugir e tudo o que o enche,
as terras costeiras e seus habitantes.
11 Deixe o deserto e suas cidades levantar a voz,
as aldeias que Kedar habita;
Deixe os habitantes de Sela cantar de alegria,

Deixe-os gritar do alto das montanhas.
12 Que eles dêem glória ao Senhor,
e declarar o seu louvor nas terras costeiras.
13 O SENHOR sai como um homem poderoso,
Como um homem de guerra, ele agita sua fúria;
ele grita, ele grita em voz alta,
Ele se mostra poderoso contra seus inimigos.
14 Por muito tempo eu segurei a minha paz,
Fiquei quieto e me refundiu;
agora vou gritar como uma mulher de parto,
Eu vou respirar e calçar.
15 Vou colocar montanhas e colinas destruídas,
e secar toda a sua forragem;
Eu transformarei os rios em ilhas,
e secar as piscinas.
16 E liderarei os cegos
de uma maneira que eles não conhecem,
em caminhos que eles não conheciam
Eu os guiarei.
Eu vou transformar a escuridão antes deles na luz,
os lugares difíceis em um terreno nivelado.
Estas são as coisas que vou fazer,
e eu não vou abandoná-los.
17 Devem ser recuados e envergonhados,
Quem confia em imagens esculpidas,
que dizem às imagens fundidas,
"Vocês são nossos deuses".

Este é outro dos hinos escatológicos de louvor que explodem sobre a cena com tanta frequência no Segundo Isaías (cf. 40: 9-11 ; 44:23 ; 45: 8 ; 48: 20-21 ; 49:13 ; 52: 7-10 ; 54: 1-3 ; 55: 12-13). Os exilados são chamados a cantar em antecipação a sua libertação vencedora da Babilônia. A semelhança íntima entre este hino e o que foi cantado no Mar Vermelho (ver Ex. 15: 1-18) é mais uma prova de que a libertação dos exilados foi vista como um segundo êxodo. Um novo êxodo pediu uma nova música (cf. Salmos 96: 1 ; 98: 1).

Porque o ato de salvação de Deus em relação ao seu povo tem como objetivo final a benção de toda a humanidade, o chamado é enviado para que seus elogios sejam proclamados de um lado para outro da terra. O mar deve contribuir com seu poderoso rugido como parte da natureza neste miscelânea de louvor. As canções devem surgir das costas ocidentais, ou seja, ilhas e das aldeias do deserto oriental. Mesmo os edomitas em

Sela, tradicionalmente considerados inimigos de Israel, são encorajados a cantar de alegria.

Duas figuras são usadas para descrever a configuração em movimento da atividade salvadora de Deus: ele sai como um poderoso homem de guerra para subjugar seus inimigos (v. 13 , 17 , ver Ex. 15: 3 ; Salmos 24: 8 ; 46: 8-9 , Isaías 63: 1-6 , Zeph 3:17); e ele interrompe seu período de silêncio e restrição auto-imposta para gritar como uma mulher em parto (v. 14 , cf. 62: 1 ; 64:12). O uso dessas metáforas ousadas mostra que o profeta pensou que um novo mundo estava prestes a nascer e que viria através do trabalho divino.

A intervenção de Deus em nome de seu povo resultará na transformação de terras férteis em um deserto (v. 15), exatamente o oposto dos efeitos descritos em 41:18 . As montanhas e as colinas que devem ser destruídas e os rios e piscinas que devem ser secas são obviamente aqueles que pertencem aos inimigos de Israel. Em ambos os contextos, a transformação feita por Deus prepara o caminho para que os exilados voltem para casa. Embora sejam cegos (v. 16 , cf. v. 18-19), Deus os conduzirá com segurança em caminhos desconhecidos, mudando a escuridão para a luz e tornando os lugares difíceis (40: 4 ; 43: 2).). A razão pela qual o profeta se refere aos exilados como cegos é que eles não vêem nenhuma esperança em seu futuro, mas se consideram abandonados por Deus.

(3) Israel o servo cego (42: 18-25)

18 Ouça, você está surdo;
e olhe, você cego, que você pode ver!
19 Quem é cego, mas meu servo,
ou surda como meu mensageiro a quem envio?
Quem é cego como meu dedicado,
ou cego como o servo do SENHOR ?
20 Ele vê muitas coisas, mas não as observa;
suas orelhas estão abertas, mas ele não ouve.
21 O SENHOR agradou, por causa da sua justiça,
para ampliar sua lei e torná-la gloriosa.
22 Mas este é um povo roubado e saqueado,
Eles estão todos presos em buracos
e escondido nas prisões;
eles se tornaram uma presa com ninguém para resgatar,
um despojo com nenhum para dizer, "Restaurar!"
23 Quem entre vocês dará ouvidos a isso,
vai atender e ouvir o tempo vindouro?
24 Quem desistiu de Jacob para o spoiler,
e Israel aos ladrões?
Não era o SENHOR , contra quem pecamos,

em cujas maneiras eles não andariam,
e cuja lei eles não obedeceriam?
[25] *Então ele derramou sobre ele o calor de sua raiva*
e o poder da batalha;
Isso o desencadeou ao redor, mas ele não entendeu;
Ele o queimou, mas ele não tomou isso em consideração.

Esta passagem contém mais do que o número usual de problemas textuais, levando o comentário de North a "ler mais como as notas de um poeta do que um poema acabado". As leituras contestadas são encontradas nos versículos 19, 20, 22 e 25.

Aqui, o tom muda de conforto para um de censura, enquanto o profeta repreende os exilados por sua letargia espiritual. Westermann propôs que os antecedentes da passagem pudessem ter sido uma queixa expressada pelos exilados de que Deus era surdo ao seu choro e cego à sua situação. A queixa é absorvido pelo profeta e atirou de volta para as pessoas: *eles* são cegos e surdos, e, portanto, incapaz de funcionar como servo e mensageiro do Senhor (vv 18-20. ; Cf. 6: 9-10 ; Dt 29. : 2-4). Assim, apesar do seu entusiasmo por Deus, o Segundo Isaías não tem ilusões sobre o estado espiritual de seu povo nem sobre as dificuldades da tarefa que ele enfrenta.

O propósito de Deus foi trabalhar com seu servo Israel para ampliar sua lei e torná-la gloriosa (v. 21). Smart, aparentemente, segue um impulso correto quando ele relaciona este versículo com o v. 4 e, com base na semelhança entre os dois, define a ampliação da lei de Deus como o estabelecimento de seu domínio sobre toda a humanidade.

O propósito de Deus não foi realizado, no entanto, porque Israel se mostrou infiel e foi enviado para o exílio. A desesperança de sua situação atual é descrita no v. 22 . A linguagem deste versículo talvez seja extraída dos salmos do lamento da comunidade e não pretende, portanto, ser tomada literalmente. A evidência sugere que a situação real dos cativos da Babilônia não era tão séria quanto isso.

O coração da passagem é encontrado nas perguntas de sondagem que o profeta dirige a seus compatriotas em vv. 23-24 . Suas perguntas ressaltam a falta de percepção espiritual, pois não conseguiram compreender o significado de seus recentes infortúnios. O profeta, portanto, insiste em que estes aconteceram como resultado de sua desobediência e não por causa da força superior de seus inimigos (cf. Neh 9: 6-38 ; Salmo 106 , Dan 9: 4-19). O uso do profeta pela primeira pessoa do plural, nós pecamos, mostra seu senso de solidariedade com seu povo. No v. 25 Ele volta ao pensamento da passividade espiritual da comunidade exilic, a quem ele compara com um homem que está no meio de um fogo ardente, mas insensível ao seu calor.

(4) Promessa da redenção (43: 1-7)

[1] *Mas agora, assim diz o SENHOR ,*
aquele que te criou, ó Jacob,
aquele que te formou, ó Israel:
"Não rasguei, porque eu te redimi;

Liguei para você pelo nome, você é meu.
2 Quando você passar pelas águas, eu estarei com você;
e através dos rios, eles não o dominarão;
Quando você atravessa o fogo, não será queimado,
e a chama não deve consumir você.
3 Pois eu sou o Senhor, seu Deus,
o Santo de Israel, seu Salvador.
Eu dou o Egito como seu resgate,
Etiópia e Seba em troca de você.
4 Porque você é preciosa aos meus olhos,
e honrado, e eu te amo,
Eu dou homens para você,
povos em troca de sua vida.
5 Não temas, pois estou com você;
Vou trazer sua prole do leste,
e do ocidente eu te reunirei;
6 Vou dizer ao norte: desista,
e ao sul, não retire;
traga meus filhos de longe
e minhas filhas do fim da terra,
7 cada um que é chamado pelo meu nome,
quem criei para minha glória,
a quem eu formei e fiz ".

Estes versículos pertencem à categoria literária do oráculo da salvação. As palavras Mas agora (v. 1) marcam a transição abrupta que ocorre entre este oráculo e o que o precede, o tom mudando de uma acusação para um encorajamento. A nota de encorajamento é acentuada pela repetição ao longo destes versículos dos pronomes pessoais "Eu-você". O Criador dos céus e da terra (cf. 40:26 ; 42: 5) é também o Criador de Israel (vv. 15 , 21 ; 44: 2 , 21 , 24). Portanto, ela não deve ter medo, porque ele a redimiu (ver 41:14) e a tomou para ela própria (v. 1). A forma perfeita do verbo fala de sua redenção como se já tivesse ocorrido.

Quando Israel atravessa as águas, não a dominará; e quando ela atravessa o fogo, não a queimará (v. 2 , ver 42:25). O fogo e a água representam todos os obstáculos que ela irá encontrar em sua viagem para casa (cf. Salmo 66:12). Ela poderá superar isso, porque Deus estará com ela.

O Salvador (v. 3) é derivado de um verbo que significa ser largo ou espaçoso e, portanto, no caule causador, "estabelecer um lugar amplo, liberar". Nem uma vez nos capítulos 1-39 é Deus chamado "Salvador, "mas este título é frequentemente usado em capítulos 40-66 (cf. 45:15 , 21 ; 49:26 ; 60:16 ; 63: 8), que também contêm exemplos do uso do verbo salvar com Deus como seu sujeito (ver 43:12 ; 46:

4 ; 49:25 ; 63: 1). A idéia predominante do verbo é a de fornecer libertação para alguém em perigo.

Os versículos 3-4 geralmente são interpretados como significando que Yahweh dará aos territórios africanos do Egito, Etiópia e Seba para Cyrus em troca da libertação dos exilados. Os persas na verdade não invadiram o Egito até o reinado de Cambyses (530-522 AC). Smart observou adequadamente que o idioma usado aqui "não deve ser pressionado muito como se fosse uma declaração teológica cuidadosa". O tenor geral de A passagem é que Israel tem um Salvador que pagará qualquer preço, mesmo a África inteira, para garantir sua liberdade.

A declaração divina registrada no v. 4a inspirou Westermann a escrever: "Aqui também temos uma das mais belas e profundas declarações do que a Bíblia significa para" eleição ". Uma pequena, miserável e insignificante banda de homens e mulheres desarraigados é assegurada que eles - precisamente eles - são as pessoas a quem Deus se tornou apaixonado; Eles, tal como são, são preciosos e preciosos à sua vista. E pense quem diz isso - o senhor de todos os poderes e autoridades, de toda a história e de toda a criação! "

Os versículos 5-7 falam do retorno dos judeus não só da Babilônia, mas também de todos os outros lugares onde foram conduzidos (ver 49:22). O verso 7 ecoa as palavras da v. 1 , embora sejam aplicadas aqui aos israelitas individuais e não à nação como um todo. Esta é uma indicação do aumento do significado que começou a ser anexado ao indivíduo durante o período exilic.

5. Testemunha de Israel ao Seu Redentor (43: 8-13)

8 Traga as pessoas que são cegas, mas têm olhos,
que são surdos, ainda que tenham ouvidos!
9 Que todas as nações se juntem,
e deixe os povos se reunirem.
Quem entre eles pode declarar isso,
e nos mostre as coisas anteriores?
Deixe-os trazer suas testemunhas para justificá-los,
e deixá-los ouvir e dizer: é verdade.
10 "Vocês são minhas testemunhas", diz o Senhor,
"E meu servo a quem escolhi,
para que você possa conhecer e acreditar em mim
e entendo que eu sou ele.
Antes de mim, nenhum deus se formou,
nem haverá nenhum depois de mim.
11 Eu, eu sou o Senhor,
e além de mim não há salvador.
12. Eu declarei, salvei e proclamei,
quando não havia um deus estranho entre vocês;

e vocês são minhas testemunhas ", diz o SENHOR .
13 "Eu sou Deus, e também agora sou eu;
Não há quem possa entregar da minha mão;
Eu trabalho e quem pode prejudicá-lo? "

O cenário aqui, como em 41: 1-4 e 41: 21-29 , é o de uma sala de audiências. As nações são convocadas para comparecer diante de Javé e para produzir testemunhas que podem validar a afirmação de que seus deuses são verdadeiramente divinos (v. 9). Como nas passagens anteriores, as provas de sua divindade devem basear-se na sua capacidade de divulgar o significado e a relação de eventos passados, presentes e futuros na história. Como as nações são incapazes de encontrar testemunhas que podem testemunhar o envolvimento de seus deuses na história, elas permanecem em silêncio durante todo esse encontro.

O Senhor também ordena que um povo cego e surdo seja levado ao tribunal (v. 8). O contexto indica claramente que estes são os exilados judeus (ver 42: 18-20) que, apesar de suas enfermidades espirituais, são convocados para servir como testemunhas vivas da única divindade de Yahweh e de seu senhorio absoluto sobre a história (vv. 10 - 13). Uma das coisas surpreendentes que surge desta passagem é que uma tarefa tão importante como isso deveria ter sido confiada a um povo tão impróprio quanto Israel (2 Coríntios 4: 7).

McKenzie prefere emitir o texto do versículo 10b para ler: "que eles [ao invés de *você*] possam conhecer e acreditar em mim, e podem entender que é eu." No entanto, essa emenda proposta obscurece o fato de que o Senhor se dirige a Israel e que é ela, e não as nações, que precisa abrir os olhos e fortalecer a fé. Além disso, é como ela está empenhada em testemunhar a única divindade e senhoria de Yahweh que ela cresce em conhecimento, fé e compreensão. Uma verdade universal está envolvida aqui, pois o crescimento espiritual sempre resulta do serviço ativo e não da contemplação ociosa.

6. Redenção pela graça (43: 14-44: 5)

(1) O Novo Êxodo (43: 14-21)

14 Assim diz o SENHOR ,
seu Redentor, o Santo de Israel:
"Por sua causa, eu enviarei para a Babilônia
e quebrar todos os bares,
e os gritos dos caldeus serão voltados para lamentações.
15 Eu sou o SENHOR , seu Santo,
o Criador de Israel, seu Rei ".
16 Assim diz o SENHOR ,
Quem faz um caminho no mar,
um caminho nas águas poderosas,
17 que traz carruagem e cavalo,

exército e guerreiro;
eles se deitam, não podem subir,
estão extinguidas, apagadas como um pavio:
18 *"Lembre-se não das coisas anteriores,*
nem considere as coisas antigas.
19 *Eis que estou fazendo uma coisa nova;*
agora surge, você não percebe isso?
Eu vou fazer um caminho na região selvagem
e rios no deserto.
20 *Os animais selvagens me honrarão,*
os chacais e os avestruzes;
Pois dou água na região selvagem,
rios no deserto,
para dar bebida ao meu povo escolhido,
21 *as pessoas que eu formei para mim*
para que eles declarem meu louvor.

Há dificuldades no texto do v. 14 para o qual nenhuma explicação adequada ainda foi encontrada. Muitas tentativas foram feitas para remover as dificuldades ao emitir o texto, mas nenhuma das emendas propostas ganhou amplo apoio. Apesar do comentário de Muilenburg de que a representação do RSV é "talvez o melhor que pode ser feito de um texto difícil", parece aconselhável rejeitar as emendas sobre as quais se baseia e tentar reproduzir o hebraico em uma tradução mais literal É proposto, portanto, que a última parte do versículo seja lida da seguinte forma: "Por sua causa, eu enviarei a Babilônia, e os levarei a todos, mesmo os caldeus, em seus navios festivos (isto é, os navios de sua alegria) ".

Apesar das obscuridades textuais, o sentido geral da passagem é bastante claro: os caldeus serão subjugados e colocados em fuga, talvez por Ciro, embora ele não seja especificamente nomeado até 44:28 ; eles irão fugir em seus navios festivos, talvez se referindo aos navios que eles costumavam transportar seus ídolos ao longo do Eufrates durante o Festival do Ano Novo.

A libertação de Israel do exílio é apresentada em vv. 16-21 como um novo êxodo. Os temas de êxodo que se repetem aqui incluem a criação de um caminho através do mar (v. 16), o derrube do carro e do cavalo (v. 17), a abertura de uma rodovia no deserto (v. 19) e a Fornecimento de água na região selvagem (v. 20). O paralelismo do v. 19 é muito melhorado no Rolo do Mar Morto de Isaías (1Qs [a]), que substitui "caminhos" por "rios" (ver v. 16 , 20).

O profeta adverte Israel a esquecer as coisas anteriores (v. 18), e voltear sua atenção para o novo que está prestes a surgir (v. 19). As coisas anteriores referem-se aos eventos que cercam o primeiro êxodo; O novo é a iminente libertação de Israel do exílio e a transformação da região selvagem em um paraíso. O significado da admoestação do

profeta é que as maravilhas do novo êxodo serão tais que causem o primeiro êxodo em comparação com a pálida em insignificância.

O novo êxodo, como o primeiro, emitirá no elogioso elogio do Redentor pelos redimidos (v. 21 , cf. 41:16 ; Ex 15: 1-18). Isso não deve ser interpretado como significando que Yahweh precisava ser louvado pelos homens, e que ele, portanto, criou Israel para desempenhar essa função. Tal interpretação o abaixaria para o nível dos deuses babilônicos, que, segundo a tradição, criaram o homem para serem servidos por ele. Em contraste com isso, o profeta afirma que o Senhor formou Israel para que ela pudesse pertencer a ele e que ela pudesse contar suas obras louváveis. É por manter esse relacionamento e realizar esse ministério que ela percebe plenamente o propósito de sua criação.

(2) Cabana castigada com justiça Livremente Perdida (43: 22-28)

22 Contudo, não me invocastes, ó Jacó;
Mas você ficou cansado de mim, ó Israel!
23 Não me trouxe suas ovelhas para holocaustos,
ou me honrou com seus sacrifícios.
Eu não te agraciou com ofertas,
ou cansou-te de incenso.
24 Você não me comprou bastão doce com dinheiro,
ou me satisfez com a gordura de seus sacrifícios.
Mas você me carregou com seus pecados,
Você me cansou de suas iniqüidades.
25 "Eu, eu sou ele
Quem apagou suas transgressões por minha própria causa,
e não vou me lembrar dos seus pecados.
26 Coloque-me em memória, permitamos discutir juntos;
defina seu caso, que você possa provar ser certo.
27 Seu primeiro pai pecou,
e seus mediadores transgrediram contra mim.
28 Por isso profanei os príncipes do santuário,
Entreguei Jacó a uma destruição total e Israel a injuriar.

Aqui, o profeta denuncia os pecados de Israel no que Westermann descreveu como um "discurso de julgamento", semelhante à que se encontra em 50: 1-3 . O fardo do discurso é que toda a varredura da história israelita tem sido um fracasso do princípio ao fim (v. 22-24, 27-28, cf. Hos. 12: 3-5). Raramente nos profetas, alguém encontra um julgamento tão negativo sobre o passado da nação. Por um breve momento, o segundo Isaías parece mais como os profetas preexilicos do juízo do que o exilic profeta de consolo.

Westermann sugeriu que a base do "discurso de julgamento" era uma acusação contra Israel de Israel. Sua queixa era que ele havia ignorado o serviço fiel que lhe havia

prestado através dos seus sacrifícios e a entregou injustamente à destruição e injúria (v. 28).

O discurso abre com a negação da eficácia dos sacrifícios de Israel (v. 22-24 , cf. 1: 10-17 ; 66: 3 ; Jeremias 7: 21-23 ; Amós 5: 21-25 ; Mic. 6: 6-8). Cada nova linha em vv. 22-24a começa com o negativo forte *lo'* , não. Os verbos nesta seção são todos perfeitos e são, portanto, descritivos das ações concluídas. O pronome eu é enfático por posição na versão 22 e, por implicação, em vv. 23a e 24a.

Há ironia na acusação de Javé de que Israel não lhe trouxe ovelhas para holocaustos, nem o honrou com os seus sacrifícios (v. 23). Interpretar isso simplesmente como uma referência à suspensão de sacrifícios durante o período exilic é perder o ponto do argumento. O Senhor parece, antes, expressar sua decepção com o culto de Israel ao longo de toda a sua história. Ele não nega que ela tenha ostensivamente oferecido muitos sacrifícios para ele; mas ele negou que ele impôs esse pesado serviço a ela ou que a sua realização resultou em sua honra e prazer (v. 23).

A situação era, de fato, bastante inversa. Durante toda a sua história anterior, Israel nunca tinha chamado *ele* , nem com seus sacrifícios verdadeiramente honrados *ele*. Em vez disso, ela se cansou dele (v. 22), o tinha carregado com seus pecados (v. 24), e o cansou de suas iniqüidades (v. 24).

Comentando a segunda metade do versículo 24 , Stuhlmueller escreveu: "Em nenhum lugar do Antigo Testamento, Deus é ponderado com um cansativo cansativo como aqui. Sentimos a sombra da Cruz caindo sobre a Palavra de Deus! "

O verbo sobrecarregado (vv. 23-24) é a forma causadora de *abhadh* (para servir). Esta é a mesma raiz a partir da qual o substantivo *ebhedh* (servidor) é derivado. A forma causadora ocorre oito vezes no Antigo Testamento, e sempre significa escravizar, reduzir a escravidão ou fazer servir (ver Ex. 1:13 ; 6: 5 ; 2 Crônicas 2:18 ; Jeremias 17 : 4 ; Ezequiel 29:18).

Deus não fez Israel servir (v. 23), mas Israel o fez servir com seus pecados (v. 24). Westermann observou que essa ação por parte de Israel significava uma inversão da relação normal entre Deus e o homem, pois um corolário necessário para sua divindade era um reconhecimento de sua senhoria. Um é lembrado por esta passagem do paradoxo de Cristo, que era Senhor de todos e servo de todos (cf. Phil 2: 5-11).

Israel é apropriadamente referido como Jacó (v. 22) e lembra-se que ele, o pai da nação, foi um pecador desde o início (v. 27). Além disso, seus mediadores, identificados por Smart como "a sucessão de profetas, sacerdotes e reis que permaneceram entre Deus e Israel ao longo dos séculos", são acusados de transgressores, o que significa que mesmo o melhor entre as pessoas pecou.

O propósito da acusação devastadora do profeta era provar aos exilados que eles haviam sido justamente punidos. Devido à sua carga de culpa que o Senhor havia profanado os príncipes do santuário (príncipes santos) e teve os entregou à destruição (a proibição, *Cherem*) e injúria. "Príncipes sagrados" é uma representação mais adequada

do hebraico do que "Princes do santuário". O norte provavelmente está correto em seu julgamento de que a referência "é quase certamente a" reis sacrais ".

No centro da acusação de Yahweh contra Israel, há uma graciosa proclamação do perdão divino (v. 25 , cf. 40: 2). O contraste entre este versículo e seu contexto é deliberado e impressionante. A verdade expressa aqui é que o perdão de Yahweh não depende da dignidade de Israel. Ele perdoa por meu próprio bem, isto é, porque é da sua natureza fazê-lo (cf. Salmos 23: 3 ; 25:11 ; 31: 3). Rignell descreveu essas palavras como "tom verdadeiramente evangélico".

(3) Israel Renovado pelo Espírito de Deus (44: 1-5)

1 "Mas agora ouve, ó Jacob, meu servo,
Israel, que eu escolhi!
2 Assim diz o SENHOR que te criou,
que o formou do útero e o ajudará:
Não temas, ó Jacó, meu servo,
Jeshurun a quem escolhi.
3 Pois vou derramar água na terra sedenta,
e cai no chão seco;
Eu derramará meu Espírito sobre seus descendentes,
e minha benção em sua prole.
4 Eles surgirão como a grama entre as águas,
como salgueiros fluindo córregos.
5 Este dirá: 'Eu sou do Senhor'
outro se chamará pelo nome de Jacob,
e outro escreverá em sua mão, The LORD 's', '
e o próprio sobrenome pelo nome de Israel ".

Este oráculo é anexado ao precedente pelas palavras, mas agora. Tendo declarado anteriormente que Jacó era um pecador desde o início (ver 43:27), o profeta agora declara que ele também era o servo escolhido de Deus desde o início, tendo sido formado no útero para ser o instrumento de seu propósito (vv. 1-2 , ver 49: 1 , Jeremias 1: 5 , Gálatas 1:15). O perdão gracioso de Deus de seus pecados passados (43:25 ; 40: 1 ; 44:22) criou para ele a perspectiva de um futuro glorioso.

Como o nome de Jacob foi mudado para Israel (ver Gênesis 32: 27-28), então agora mudou para Jeshurun, geralmente interpretado como "o reto" (v. 2 , ver Deut. 32:15 ; 33: 5 , 26). Este é um título de honra, e talvez seja destinado a descrever o caráter transformado de Israel na era escatológica.

Israel é admoestado de medo não (v. 2), pois uma nova era de salvação está prestes a amanhecer (v. 3-5). Os comentaristas geralmente concordam que o terreno seco na v. 3 se refere aos exilados nas circunstâncias presentes. Logo, no entanto, eles receberão um derramamento de água e do Espírito de Deus, ambos símbolos do poder

vivificante. Os descendentes dos exilados, sobre quem essa benção virá, se multiplicarão como lâminas de grama em um prado bem arejado e florescerão como árvores ao lado de riachos fluídos (v. 4 , cf. 54: 1-3 ; Salmo 1: 3) .

O versículo 5 é a primeira referência explícita no Segundo Isaías para a futura expansão de Israel através da assimilação de prosélitos entre as nações (ver 45:14). A vinda de cada prosélito é descrita como baseada em uma decisão pessoal que envolve uma profissão de fé (eu sou do Senhor) e um sinal de compromisso externo (a escrita na mão). Aqueles que tomam o nome do Senhor também tomam o nome de Israel, que, como Westermann observou, sugere que é impossível se comprometer com o Senhor sem se envolver com o povo.

7. Deus e os deuses (44: 6-23)

(1) Nenhum deus senão o Senhor! (44: 6-8)

> *6 Assim diz o SENHOR , o rei de Israel*
> *e seu Redentor, o SENHOR dos exércitos:*
> *"Eu sou o primeiro e eu sou o último;*
> *Além de mim, não há deus.*
> *7 Quem é como eu? Deixe-o proclamá-lo,*
> *Deixe-o declarar e apresentá-lo diante de mim.*
> *Quem anunciou desde o passado as coisas vindouras?*
> *Deixe-os dizer-nos o que está para ser.*
> *8 Não temas, nem temais;*
> *Não te falei de antigamente e declarei?*
> *E vocês são minhas testemunhas!*
> *Existe um Deus além de mim?*
> *Não há rocha; Eu não conheço nenhum. "*

Este breve oráculo, que pode ter sido originalmente com vv. 21-22 , é uma defesa contundente da pretensão de Yahweh de ser o único Deus do universo. Muitos dos temas já encontrados no Segundo Isaías reaparecem aqui: (1) a apresentação de Javé como Rei de Israel (v. 6 , ver 41:21 ; 43:15), Redentor (v. 6 , cf. 41:14 ; 43:14), o primeiro e o último (v. 6 , cf. 41: 4 ; 48:12), além de quem não há outro deus (v. 6 , 8 ; ver 43: 10-11); (2) o desafio aos deuses das nações de demonstrar sua reivindicação de senhorio sobre a história (v. 7 , ver 41: 22-23 , 26 , 28-29 ; 43: 9); (3) a admoestação divina a Israel para parar de temer (v. 8 ; ver 41:10 , 13-14; 43: 1 , 5 ; 44: 2); (4) Senhor do Senhor sobre a história, como evidenciado pela confiabilidade de sua palavra (v. 8 , cf. 40: 8 , 21 , 28 ; 41:27 ; 42: 9); e (5) a responsabilidade de Israel para testemunhar a singularidade de Yahweh (v. 8 ; cf. 43: 10-12).

A nova característica que aparece na passagem é a designação de Javé como Senhor dos exércitos (45:13 ; 47: 4 ; 48: 2 ; 51:15 ; 54: 5) e *Rocha* (ver 17:10 ; 26 : 4 ; 30:29). O último título, que talvez fosse emprestado dos salmos, enfatiza a confiabilidade de Javé como escudo e defesa de Israel.

(2) A estupidez da idolatria (44: 9-20)

9 Todos os que fazem ídolos não são nada, e as coisas em que se deleitam não ganham; suas testemunhas nem vêem nem sabem, para que sejam envergonhadas. 10 Quem modela um deus ou lança uma imagem, que é rentável para nada? 11 Eis que todos os seus semelhantes serão envergonhados, e os artesãos são apenas homens; Que todos se juntem, que se levantem, ficarão aterrorizados, eles serão envergonhados.

12 O irmsmith modela e trabalha sobre as brasas; ele o molda com martelos e o forja com seu braço forte; ele fica com fome e sua força falha, ele não bebe água e é fraco. 13 O carpinteiro estica uma linha, ele marca com um lápis; Ele modela com aviões e o marca com uma bússola; Ele o molda na figura de um homem, com a beleza de um homem, para habitar em uma casa. 14 Ele corta cedros; ou ele escolhe um holm tree ou um carvalho e deixa crescer forte entre as árvores da floresta; ele planta um cedro e a chuva o nutre. 15Então, torna-se combustível para um homem; Ele toma parte dela e aquece-se, ele acende um fogo e assa pão; também ele faz um deus e adora, ele faz uma imagem esculpida e cai diante dela. 16 Metade disso ele queima no fogo; ao longo da metade ele come carne, ele assada carne e está satisfeito; também ele se aquece e diz: "Aha, eu estou quente, eu vi o fogo!" 17 E o resto ele faz um deus, seu ídolo; e cai e adora; Ele reza e diz: "Livra-me, porque és meu Deus!"

18 Eles não sabem, nem discernem; pois ele fechou os olhos, para que eles não possam ver, e suas mentes, para que não possam entender. 19 Ninguém considera, nem há conhecimento ou discernimento para dizer: "Metade disso queimentei no fogo, também assijei pão em suas brasas, assorei carne e comi; e devo fazer do resíduo uma abominação? Devo cair diante de um bloco de madeira? " 20 Ele alimenta as cinzas; uma mente iludida o desviou, e ele não pode entregar-se ou dizer: "Não há uma mentira na minha mão direita?"

Muitos comentadores adotam a posição de que essa sátira em prosa contra a fabricação e adoração de ídolos - a única passagem em prosa nos capítulos 40-55 - representa o trabalho de um discípulo posterior do Segundo Isaías. Esta posição está aberta a pergunta, no entanto, para a passagem se encaixa naturalmente no contexto (ver vv. 6-8). Além disso, é semelhante a outras sátiras de ídolos que geralmente são atribuídas ao Segundo Isaías (cf. 40: 19-20 ; 41: 6-7 ; 42:17 ; 45: 16-17 , 20 ; 46: 1-2 , 5 -7). A probabilidade, portanto, é que a passagem se originou com ele, e que reflete sua reação ao que ele observou em primeira mão na Babilônia.

Seu ataque à idolatria foi concebido, no entanto, para não convencer os babilônios do erro de seus caminhos, mas para reforçar a determinação dos israelitas que estão sendo tentados a adotar essas maneiras. Essa tentação deve ter sido especialmente forte durante os anos aparentemente sem esperança do Exílio.

O povo de Deus é sempre confrontado com a mesma tentação. Tillich definiu a idolatria como a tentativa do homem de fazer uma saída absoluta do que é relativo. Está estabelecendo algo menos que Deus no lugar de Deus, negando assim a sua reivindicação de senhorio absoluto ao longo da vida. Na fonte da fé bíblica está o imperativo divino: "Você não terá outros deuses diante de mim".

Uma das palavras favoritas do segundo Isaías é *tohu* , que significa vazio, nada ou caos (cf. 40:17 , 23 ; 41:29 ; 45:18, 19 ; 49: 4 ; 59: 4). Ele emprega no v. 9 para expressar sua estimativa de alguém que seria tolo o suficiente para fazer um ídolo. As testemunhas (v. 9 , ver 44: 8 ; 43:10 , 12) são os adoradores dos ídolos, dos quais se diz que são cegos e ignorantes, e destinados a ser envergonhados (vv 9 , 11).

Os ídolos da Babilônia consistiam em um núcleo de madeira esculpida coberto com metal. Em vv. 12-17 o profeta dá uma breve descrição do processo pelo qual tais ídolos foram feitos. Os comentadores observaram que a descrição é, de fato, declarada na ordem inversa; na v. 12 , o forração forja uma cobertura para o ídolo; no v. 13 , o carpinteiro molda o núcleo de madeira; na v. 14a , ele corta uma árvore; na v. 14b , ele escolhe uma árvore; e na v. 14c , ele planta uma árvore!

McKenzie observou que v. 13 parece deliberadamente inverter o processo de criação, como é descrito em Gênesis 1: 26-27 ; Deus faz o homem à sua imagem e semelhança, mas aqui o homem iludido molda um deus à sua semelhança. A declaração final no versículo é uma expressão adicional do desdém do profeta pelos ídolos. Eles são feitos para habitar em casas; Considerando que nenhuma casa seria suficiente para conter o Deus de Israel, cujo trono é o céu e cujo escabelo é a terra (ver 57:15 ; 66: 1).

O desprezo do profeta pelo criador de ídolos atinge seu clímax em vv. 15-20 , onde ele contrasta os dois usos para os quais o carpinteiro coloca a madeira em sua oficina. Com parte disso, ele acendeu um fogo para proporcionar calor e cozinhar sua comida; e com o resto ele faz um deus e cai diante dele - um mero bloco de madeira! - e reza: "Livra-me, porque és meu Deus!" Uma mente enganada assim o desviou, e ele é incapaz de ver o absurdo óbvio de suas ações (v. 18-20). Esta passagem inteira foi caracterizada como "uma obra-prima da escrita satírica" (Westermann).

(3) O Redentor de Israel (44: 21-23)

21 Lembre-se destas coisas, ó Jacob,
e Israel, porque você é meu servo;
Eu formei você, você é meu servo;
O Israel, você não será esquecido por mim.
22 Eu varrei suas transgressões como uma nuvem,
e seus pecados como névoa;
Volte para mim, porque eu o redimi.
23 Cante, ó céus, porque o SENHOR fez isso;
Grita, O profundidades da terra;
surgir em singng, O montanhas,
O floresta, e todas as árvores nele!

Pois o SENHOR redimiu Jacó,
e será glorificado em Israel.

Esta seção consiste em palavras de segurança e exortação faladas por Javé ao seu servo Israel (v. 21-22), seguido de um hino de louvor ao Senhor por seu poderoso ato de redenção (v. 23). Alguns estudiosos acreditam que esses versículos já foram como conclusão do oráculo em 44: 6-8 . A questão da sua posição original, no entanto, tem pouco efeito sobre a interpretação.

O Septuaginta eo Mar Morto (lqIs [a]) exibem um texto ligeiramente diferente na cláusula final da v. 21 ; onde o texto Masoretic lê "você não será esquecido por mim", eles lêem "não se esqueçam de mim". A última leitura tem muito a recomendar, especialmente quando é colocada ao lado das outras duas exortações encontradas aqui - "Lembre-se dessas coisas "(V. 21) e" volte para mim "(v. 22 , cf. 55: 7 ; 59:20).

A segurança de Javé a Israel é dada em cinco afirmações: você é meu servo (v. 21 , ver 41: 9 ; 43:10 ; 49: 3); Eu formei você (v. 21 , cf. 43: 1 , 7 , 21 ; 44: 2 , 24 ; 49: 5); Você não será esquecido por mim (v. 21 , ver 49: 14-16); Varrei suas transgressões (v. 22 , cf. 40: 2 ; 43:25); Eu te redimi (v. 22 ; ver 43: 1 ; 44:23 ; 48:20; 52: 9).

Tudo no universo criado - dos céus distantes às árvores próximas - é chamado a louvar a Javé pelo que ele fez por Israel (v. 23). Porque ele perdoou suas transgressões e a redimiu da escravidão, um futuro brilhante a espera. Os verbos neste verso são perfeitos, indicando que o profeta considerou o futuro como se já tivesse vindo, e a vitória de Israel como se já tivesse sido alcançada. Note-se, no entanto, que a era escatológica é descrita não como um tempo eu, quando *Israel* será glorificado, mas sim, como um tempo em que *Yahweh* será glorificado nela.

8. Ciro e a Salvação do Mundo (44: 24-45: 25)

(1) O Propósito Soberano de Deus (44: 24-28)

[24] Assim diz o SENHOR , seu Redentor,
que te formou do útero:
"Eu sou o SENHOR , que fez todas as coisas,
que esticou os céus sozinhos,
Quem espalhou a terra - Quem estava comigo?
[25] que frustra o presságio dos mentirosos,
e faz imbecil de adivinhadores;
que volta os homens sábios de volta,
e torna seu conhecimento tolo;
[26] que confirma a palavra de seu servo,
e realiza o conselho de seus mensageiros;
que diz de Jerusalém: "Ele será habitado"
e das cidades de Judá: "Serão construídos,

e levarei as ruínas deles ";
[27,] que diz ao fundo: "Seque,
Vou secar os rios ";
[28] que diz de Ciro: "Ele é meu pastor,
e ele deve cumprir todo o meu propósito ";
dizendo de Jerusalém: "Ela será edificada"
e do templo: "Seus fundamentos serão colocados".

Esta passagem é composta por uma série de cláusulas participativas que descrevem os atos poderosos de Deus que conduzem ao advento de Cyrus. A esse respeito, sua forma literária se assemelha à dos hinos de louvor encontrados no Saltério. Deus é louvado tanto como Criador (v. 24) como como Senhor da história (v. 25-28).

O novo que se diz sobre a atividade de Deus na criação é que, quando ele esticou os céus e espalhou a terra, ele estava sozinho. Isso deve nos lembrar que as obras mais poderosas de Deus sempre foram as que ele realizou sozinho. Ele estava sozinho não só quando criou o mundo, mas também, em um sentido real, quando o redimiu através de Jesus Cristo.

O versículo 25 sugere que as nações consultaram aptamente seus adivinhadores e homens sábios quando começaram a se sentir ameaçados por Cyrus. Heródoto, o historiador grego, conta como Croesus de Lydia ficou alarmado quando Cyrus anexou Media em 550 AC.Assim, decidiu procurar conselheiro do renomado oráculo de Apollo em Delphi. O oráculo respondeu uma resposta enigmática, advertindo Croesus para se preparar para se defender quando uma mula governava Media. Como Cyrus era filho de um pai persa e de uma mãe mediana, Croesus interpretou as palavras do oráculo como candidatas a ele. Ele, portanto, perguntou ao oráculo uma segunda pergunta: ele deveria tomar a iniciativa ao atravessar o rio Halys para atacar Cyrus? O oráculo voltou a dar uma resposta obscura. "Ao atravessar as Halys", disse, "Croesus destruirá um grande império." Interpretando isso como uma resposta favorável, Croesus passou a atravessar as Halys, apenas para descobrir a sua tristeza que o império em questão era dele próprio.

Enquanto o Senhor frustrar os presságios dos adivinhadores e enganar o conhecimento dos homens sábios (v. 25), ele, no entanto, confirma a palavra de seu servo e o conselho de seus mensageiros (v. 26 , cf. 40: 8 ; 55: 10-11). A palavra confirmada tem a ver com a reconstrução de Jerusalém e das cidades de Judá (v. 26b).

O clímax da passagem vem no anúncio do Senhor de que ele designou *Ciro* como seu *pastor* e aquele por quem todo o seu propósito deve ser cumprido (v. 28). Isso inclui não apenas a reconstrução de Jerusalém e seu Templo, mas também o retorno dos exilados à sua pátria e a iniciação do futuro glorioso que o Senhor tem reservado para eles. O incrível é que o profeta deveria ter esperado que tudo isso fosse realizado através da instrução de uma régua pagã.

(2) A Comissão de Cyrus (45: 1-8)

[1] Assim diz o SENHOR ao seu ungido, a Ciro,
cuja mão direita eu entendi,

para subjugar as nações antes dele
e ungird os lombos dos reis,
abrir portas antes dele
que as portas podem não estar fechadas:
2 *"Eu irei antes de você*
e nivelar as montanhas,
Eu quebrarei as peças de bronze
e cortar as barras de ferro,
3 *Eu lhe darei os tesouros da escuridão*
e os tesouros em lugares secretos,
para que você saiba que é eu, o SENHOR ,
Deus de Israel, que o chamam pelo seu nome.
4 *Por causa do meu servo Jacó,*
e Israel, meu escolhido,
Eu chamo você pelo seu nome,
Eu sobrenome você, embora você não me conheça.
5 *Eu sou o Senhor, e não há outro,*
Além de mim, não há Deus;
Eu te cingi, embora você não me conheça,
6 *que os homens podem saber, desde o nascer do sol*
e do oeste, que não há ninguém além de mim;
Eu sou o Senhor, e não há outro.
7 *Eu formo luz e crio a escuridão,*
Eu faço o bem e crio ai,
Eu sou o Senhor, que faz todas essas coisas.
8 *"Chuveiro, ó céus, de cima,*
e deixe os céus choverem justiça;
deixe a terra abrir, que a salvação possa brotar,
e deixe que a justiça também aumente;
Eu o criei.

As palavras do oráculo são dirigidas a Cyrus, no que foi várias vezes designado como "forma epistolar" (Norte) e um "oráculo real" (Westermann). Nenhuma indicação é dada sobre como o profeta esperava que suas palavras chegassem ao rei persa - se, de fato, fosse sua expectativa. É provável que o oráculo tenha sido destinado a uma audiência israelita, embora tenha sido dirigido ostensivamente a Ciro.

O profeta se refere a Ciro como o ungido do Senhor (Heb. , *Mashi ᵃ h* ; Gk., *Christos*), um título que em outro lugar do Antigo Testamento é aplicado apenas a um israelita. É usado para designar sacerdotes (cf. Lv 4: 3 , 5 , 16 ; 6:15), reis reinantes (ver 1 Sam. 24: 6 , 10 ; Salmos 2: 2) e, no sentido metafórico , os patriarcas (ver Salmos 105:

15). Curiosamente, nunca é usado no Antigo Testamento como um título para o futuro rei messiânico. Ainda não adquiriu conteúdo escatológico suficiente para tal uso.

A origem do termo encontra-se no costume israelita de ungir com o petróleo aqueles que deveriam assumir posições de responsabilidade e liderança na comunidade. A cerimônia da unção simbolizava a consagração da pessoa ao seu escritório e a doação de graça e força divinas. Ciro, portanto, foi chamado pelo título porque o Senhor o instalou como governante sobre as nações e o dotou de força para cumprir todo o propósito.

O oráculo dirigido a Cyrus contém comissão e promessa, embora este último seja predominante. Mais ênfase é colocada sobre o que o Senhor fará por ele do que sobre o que ele deve fazer pelo Senhor. É o Senhor que agarrou sua mão direita para subjugar as nações antes dele. Sua invencibilidade é vividamente expressa nas declarações contrastantes em vv. 1 e 5: o Senhor ungirds os lombos dos reis hostis (v. 1), mas ele cingiu Ciro para lutar contra eles (v. 5 , ver Ex. 12:11 ; Deut. 1:41 ; 1 Reis 18: 46 ; 20:11 ; Lucas 12:35 ; Efésios 6:14). A linguagem convencional utilizada ao longo do oráculo torna desnecessário tentar relacionar as promessas com eventos específicos na carreira de Cyrus.

A passagem afirma claramente que o uso de Ciro pelo Senhor não significava que este o conhecesse ou que quisesse reconhecer sua soberania (ver v. 4-5). É claro, é possível que o profeta tenha entretido a esperança de que Ciro eventualmente se tornaria um adorador de Javé (ver v. 3), mas, em caso afirmativo, essa esperança nunca foi realizada. A evidência em contrário encontra-se no Cyrus Cylinder, um cilindro de argila inscrito que data de cerca de 538 AC e que contém o próprio relato de Cyrus sobre sua conquista da Babilônia (ANET , pp. 315-316). Ao relatar sua história, ele atribui seus sucessos não a Yahweh, mas a Marduk, deus da Babilônia, a quem ele fala como "meu senhor".

A implicação a partir dessa passagem é que o profeta acreditava que o Senhor poderia chamar e equipar os adoradores de deuses estrangeiros para cumprir seus propósitos, mesmo sem o seu conhecimento ou concordância. Os profetas anteriores tinham falado sobre o uso que o Senhor faz dos governantes estrangeiros para punir Israel (cf. 10: 5-6 , Jeremias 25: 9 ; 27: 6-8), mas o segundo Isaías foi o primeiro a falar de alguém ressuscitado para servir como um libertador.

A comissão de Cyrus é dada com o duplo propósito de libertar Israel (v. 4) e de fazer com que homens de todas as nações reconheçam a majestade e a singularidade de Javé (v. 6). A pretensão de Javé de ser o único Deus é repetido nestes capítulos quase ao ponto de monotonia, o que indica a suprema importância que o profeta atende à verdade.

O segundo monoteísmo de Isaías era tão profundo que não deixou espaço para uma visão dualista da realidade. Ele, portanto, não hesitou em atribuir ao Senhor a criação de luz e escuridão, de ambos weal (*shalom* , no entanto, lQIs ^{um} lê *tobh*) e ai (*ra'*). Isso significava que Yahweh era considerado a causa suprema e única em todo o universo, o Criador de todas as coisas. Um está inclinado a concordar com Westermann que essas palavras têm implicações de tão grande alcance "que só podemos tremer e ficar em silêncio enquanto as contemplamos".

O oráculo Cyrus é apropriadamente concluído com um breve hino (v. 8). Norte descreveu o hino como "uma miniatura perfeita em versos. Os céus são convidados a quebrar a vitória. A terra fecunda é abrir seu ventre. A questão desse casamento "do céu e da terra deve ser a prosperidade e a salvação".

(3) O Totter e a Argila (45: 9-13)

> *9 "Ai daquele que se esforça com o seu Criador,*
> *um vaso de barro com o oleiro!*
> *A argila diz para ele quem modela, 'O que você está fazendo'?*
> *ou 'Seu trabalho não tem alças'?*
> *10 Ai daquele que diz a um pai: "O que você está engendrando?"*
> *ou a uma mulher: "Com o que você está trabalhando?"*
> *11 Assim diz o Senhor,*
> *o Santo de Israel e o seu Criador:*
> *"Você vai me questionar sobre meus filhos,*
> *ou me comanda sobre o trabalho das minhas mãos?*
> *12 Eu fiz a terra,*
> *e criou o homem sobre ele;*
> *foram minhas mãos que esticaram os céus,*
> *e eu comandei todo o seu anfitrião.*
> *13 Eu o acordei com justiça,*
> *e eu direto todos os seus caminhos;*
> *ele deve construir minha cidade*
> *e colocar meus exilados livres,*
> *não por preço ou recompensa ",*
> *diz o SENHOR dos exércitos.*

A escolha de Javé de Ciro como seu "pastor" (44:28) e "ungido" (45: 1) tornou-se uma questão dramática com alguns dos exilados, que sentiram que sua própria singularidade como o povo de Deus estava sendo ameaçado . O profeta responde suas objeções reafirmando a soberania absoluta de Javé sobre a natureza e a história. Seu relacionamento com todas as coisas criadas é comparado ao do oleiro com a argila (v. 9 , cf. 29:16 ; Jeremias 18: 1-11 ; Rom. 9: 20-24) e do pai para a criança (vv. 10-12). É tão absurdo, portanto, pensar que os homens devem achar falhas com ele quanto a supor que a argila deve desafiar o oleiro, ou a criança o pai. O grau de seriedade com que o profeta vê essa questão é indicado pelo fato de que esta é a única vez nos capítulos 40-66 que ele aborda Israel através de um "orador" maligno (ver 5: 8-23 ; 10: 1 ; 30: 1 ; 31: 1).

A característica mais surpreendente sobre esta passagem é o seu final (v. 13). Apesar dos murmúrios e queixas dos exilados, Yahweh ainda está determinado a libertá-los através de quem ele levantou para esse propósito. Isto foi realizado em 538 AC , quando Cyrus emitiu seu famoso decreto, permitindo que os judeus retornassem à sua terra natal

e reconstruíssem a sua capital arruinada (cf. Ezra 1: 1-4). Ele não só fez isso sem preço ou recompensa, mas ele mesmo ajudou na restauração da terra através de uma concessão do tesouro real.

(4) A Conversão das Nações (45: 14-25)

14 Assim diz o SENHOR :
"A riqueza do Egito e a mercadoria da Etiópia,
e os sabes, homens de estatura,
deve vir até você e ser seu,
eles devem seguir você;
Eles irão encadear e curvar-se para você.
Eles vão fazer uma súplica para você, dizendo:
"Deus está com você apenas, e não há outro,
nenhum deus além dele. "
15 Na verdade, você é um Deus que se esconde,
Ó Deus de Israel, o Salvador.
16 Todos eles são envergonhados e confundidos,
os fabricantes de ídolos ficam confusos juntos.
17 Mas Israel é salvo pelo SENHOR
com salvação eterna;
você não deve se envergonhar ou confundir
para toda a eternidade.
18 Pois assim diz o SENHOR ,
que criou os céus
(ele é Deus!),
que formaram a terra e conseguiram
(ele estabeleceu isso;
ele não criou um caos,
ele formou para ser habitada!):
"Eu sou o Senhor, e não há outro.
19 Não falei em segredo,
em uma terra de escuridão;
Eu não disse à prole de Jacó,
"Procure-me no caos".
Eu, o SENHOR, falo a verdade,
Eu declaro o que é certo.
20 "Ensambla-se e venha,
aproximar-se,
vocês sobreviventes das nações!

Eles não têm conhecimento
que carregam seus ídolos de madeira,
e continue orando para um deus que não pode salvar.
21 *Declare e apresente o seu caso;*
Deixe-os tomar conselhos juntos!
Quem disse isso há muito tempo?
Quem a declarou antiga?
Não era eu, o Senhor?
E não há outro deus além de mim,
um Deus justo e um Salvador;
não há ninguém além de mim.
22 *"Vire-se para mim e seja salvo,*
todas as extremidades da terra!
Pois eu sou Deus, e não há outro.
23 *Por mim, jurei,*
da minha boca saiu em justiça
uma palavra que não deve retornar:
"Para mim todo joelho se curvará,
toda língua deve jurar.
24 *"Somente no SENHOR , será dito de mim.*
são justiça e força;
para ele virá e se envergonhará,
todos os que estavam incriminados contra ele.
25 *No Senhor toda a prole de Israel*
triunfará e gloria ".

O fato de que o pronome pessoal "você" - que aparece seis vezes como sufixo no v. 14 - é feminino na forma, sugere que o que está sendo dirigido é Jerusalém. O profeta prevê uma época em que as principais nações de África (43: 3), talvez representativas de todas as nações da terra, virão trazendo tributo e fazendo súplicas a Jerusalém por causa da presença de Deus dentro dela (2: 2-4 ; 49:23 ; 60: 8-16 ; 66: 18-23 ; Zacarias 6:15 ; 14: 16-19 ; Rev. 21: 22-26). O fato de as nações serem retratadas em cadeias é indicativo da forte tensão entre o nacionalismo e o universalismo que se encontra ao longo de todo o mundo.capítulos 40-66 .

O falante em vv. 15-17 é provavelmente o profeta. No que diz respeito ao v. 15 , o Norte escreveu: "Em nenhum lugar no AT é o pensamento do Deus" oculto ", o *deus absconditus* da teologia, tão claramente afirmado como aqui." Smart observou que na geração atual a mera sugestão de que Deus está escondido, isto é, que ele não pode ser compreendido apenas pelo motivo, é considerado "quase um insulto à natureza humana". Na verdade, o oculto de Deus é apenas um lado de um paradoxo, pois aquele que se esconde é também aquele que revela Ele mesmo como Salvador. Os criadores de

ídolos, portanto, são envergonhados (v. 16), mas Israel é salvo pelo Senhor com uma salvação eterna (v. 17).

Os versículos 18 a 19 declaram que houve uma consistência nas ações de Deus desde o tempo da criação até o momento presente da história. Assim como ele não criou a terra para ser um caos, mas para ser habitada (v. 18), mesmo assim suas palavras de revelação para Israel não foram projetadas para levá-la ao caos, mas em uma vida de paz e estabilidade (v. 19). Se, portanto, ela está experimentando caos em sua situação atual, é porque ela ignorou a revelação de Deus e caminhou em seus próprios caminhos.

Os versículos 20-25 são lançados sob a forma de um discurso experimental (ver 41: 1-5 , 21-29 ; 43: 8-13 ; 44: 6-8). Os sobreviventes das nações são ordenados a reunir-se e a justificar o seu culto de ídolos diante da pretensão de Yahweh de ser o único Deus verdadeiro. A palavra hebraica para "sobrevivente" é sempre usada por alguém que escapou da destruição de sua própria cidade ou nação (Gn 14:13 ; Juízes 12: 4-5 ; Eze. 24: 26-27 ; 33 : 21-22 ; Obad 14). Aqui presumivelmente se refere àqueles que sobreviveram aos julgamentos previstos nos capítulos precedentes (41: 11-16 ; 42: 10-17; 45: 1-6).

Em v. 20b , que tem a aparência de uma parêntese de lado, o profeta atribui a adoração dos ídolos à ignorância e estupidez dos homens. Como em discursos de julgamento anteriores, as nações são desafiadas a provar a autenticidade de seus deuses, produzindo provas de que estas falaram anteriormente da chegada de Cyrus (v. 21a). Na ausência de tal prova, o Senhor novamente entra em sua reivindicação de ser o único Deus e Salvador verdadeiro, além de quem não há outro (v. 21b).

O que se segue nesta passagem é totalmente inesperado. Em vez de pronunciar julgamento sobre aqueles cujo culto idólatra foi tão completamente desacreditado, o Senhor convida-os a olhar para ele e a ser salvo (v. 22). Seu propósito em levantar Ciro, portanto, não é destruir as nações, mas permitir que elas participem de sua salvação. A natureza abrangente do mundo do amor divino não é mais adequada do que aqui (Gênesis 12: 1-3).

O verbo save aparece 27 vezes em Isaiah, 20 dos quais estão nos capítulos 40-66 . Seu significado básico é "dar espaço ou espaço", portanto, para libertar, entregar, resgatar ou liderar (ver Judg 2:16 , 18 ; 3:15 ; 1 Sam. 9:16 ; Isa. 37:20 ; Jeremias 14: 8). Salvo, portanto, significa libertar-se de todas as circunstâncias confinadas, para ser colocado em um lugar amplo, para dar espaço para respirar livremente (Gênesis 26:22 ; Ex. 3: 8 ; 2 Sam. 22:20 ; Jó 36:16 ; Salmos 4: 1 ; 18:19).

Davidson referiu-se ao v. 23 como "o golpe de morte de toda idolatria". Javé jura por si mesmo, isto é, pela "integridade de seu próprio ser" (esperto) e pela imutabilidade de sua palavra (cf. 40: 8 ; 55: 10-11) que todo joelho se inclinará contra ele (1 Reis 8:54 ; 19:18 ; 2 Crônicas 7: 3 ; 29:29 ; Salmo 95: 6) e toda língua jura lealdade (cf. 48: 1 ; 65:16 ; Rom 14 , 11 ; Phil 2: 9-11). Assim, aqueles que já foram seus inimigos reconhecem humildemente sua soberania (v. 24 , cf. 41: 11-12) e participar com Israel em sua salvação (v. 25 , cf. 41: 16b). De acordo com esses versículos, portanto, a adesão ao povo de Deus não se baseia na raça ou na nacionalidade, mas na vontade do indivíduo de confessar que o Senhor sozinho é Deus.

9. Impotência e Onipotência (46: 1-13)

(1) Os Deuses carnivais de Babilônia (46: 1-2)

> *1 Bel se inclina para baixo, Nebo se inclina,*
> *seus ídolos estão em feras e gado;*
> *estas coisas carregadas são carregadas*
> *como fardo em animais cansados.*
> *2 Eles se abaixam, se curvam juntos,*
> *eles não podem salvar o fardo,*
> *mas eles vão para o cativeiro.*

Na exposição clássica de George Adam Smith sobre este capítulo, intitulado "Bearing or Borne", ele faz a observação de que "faz toda a diferença para um homem como ele concebe sua religião - seja como algo que ele tem que carregar ou como algo que o levará ". Em outras palavras, pode ser uma carga ou um elevador.

O profeta concebe claramente a religião da Babilônia como sendo toda carga e sem elevação. Os versos 1-2 aparentemente se referem aos esforços frenéticos dos homens da Babilônia para salvar seus dois deuses principais, Bel e Nebo, de cair nas mãos de Ciro. No entanto, seus esforços são pronunciados como um fracasso, apesar de os ídolos serem carregados nas costas de animais cansados, logo são capturados e levados para o cativeiro.

(2) Apoio incondicional de Deus a Israel (46: 3-4)

> *3 "Ouça-me, ó casa de Jacó,*
> *todo o resto da casa de Israel,*
> *Quem foi carregado por mim desde o seu nascimento,*
> *levado do útero;*
> *4 até a sua velhice, eu sou ele,*
> *e para os cabelos grisalhos vou te levar,*
> *Eu fiz, e irei suportar;*
> *Eu irei carregar e salvarei.*

Os deuses de Babilônia devem ser suportados pelos homens (v. 1-2), mas o Deus de Israel carregou e levou seu povo desde o nascimento, e continuará a fazê-lo até chegarem à velhice. Esta é uma maneira figurativa de dizer que não houve caducidade em seu cuidado com eles no passado, nem nunca haverá no futuro.

O significado total dessas palavras torna-se aparente apenas quando são vistos no contexto do exílio. Muitos dos judeus que foram levados para a Babilônia estão convencidos de que Deus deixou de se preocupar com eles (cf. 40:27 ; 49:14). As palavras reconfortantes do profeta são dirigidas a este remanescente desencorajado da casa de Israel. Dizem que quem os criou no começo os levará à velhice e os salvará. A última promessa sem dúvida se refere à sua libertação do exílio.

(3) O Absurdo da Idolatria (46: 5-7)

5 "Para quem você me compara e me faz igual,
e compare-me, para que possamos ser iguais?
6 Aqueles que oferecem o ouro da bolsa,
e pesa prata na balança,
contratar um ourives, e ele é um deus;
então eles caem e adoram!
7 Eles levantam sobre seus ombros, eles o carregam,
eles colocaram em seu lugar, e fica ali;
não pode se mover de seu lugar.
Se alguém chora, não responde
ou salvá-lo de seus problemas.

A religião dos babilônios aparentemente teve um estranho fascínio por muitos exilados judeus. Isto é confirmado pelo fato de que o profeta paga uma batalha implacável contra a idolatria (cf. 40: 18-20 ; 41: 5-7 ; 44: 9-20 ; 46: 1-2). Ele percebe que, nesta luta, as apostas são altas e que, após o seu resultado, depende todo o futuro da fé de Israel.

O verso 5 é quase idêntico a 40:18 . Reitera a impossibilidade de representar Yahweh por meio de uma imagem. A seguir, em vv. 6-7, uma lista dos passivos que se encontra quando ele pratica a idolatria: (1) mesmo que os ídolos consistam em itens tão onerosos como prata e ouro, eles ainda não são mais do que deuses feitos pelo homem; (2), portanto, eles devem ser transportados de um lugar para outro; (3) quando são definidas, não podem se mover; (4) quando se reza para eles, eles não respondem; (5) eles não podem salvar um homem de seus problemas. Seria difícil imaginar uma acusação mais idiota de idolatria do que isso.

(4) Exortação aos incrédulos (46: 8-13)

8 "Lembre-se disso e considere,
Lembre-se de você, você transgressores,
9 lembre-se das antigas coisas antigas;
Pois eu sou Deus, e não há outro;
Eu sou Deus, e não há ninguém como eu,
10 declarando o fim desde o início
e desde a antiguidade coisas ainda não realizadas,
dizendo: "Meu conselho deve permanecer,
*e cumprirei todo o meu propósito, **
11 chamando um pássaro de rapina do leste,
o homem do meu conselho de um país distante -
Eu falei, e eu o trarei.
Eu me propus, e eu vou fazer isso.

12 "Ouça-me, teimoso de coração,
você que está longe de ser libertado:
13 Eu trago perto da minha libertação, não está longe,
e minha salvação não demorará;
Vou colocar a salvação em Sião,
para Israel, minha glória ".

Esta passagem é marcada pelo reaparecimento de temas dos capítulos anteriores. Estes incluem: a teimosia e a rebelião presentes dos exilados (v. 8 , 12 ; 42: 18-20 ; 43:27 ; 48: 8); a singularidade do deus de Israel (v. 9 , cf. 43:11); uma exortação à fé baseada no apelo à profecia (v. 10a , cf. 42: 9 ; 43: 18-19 ; 48: 3); a certeza do cumprimento do propósito do Senhor (vv. 10b , 13; ver 44: 26-28 ; 55:11); e o surgimento de Ciro como agente da libertação do Senhor (v. 11 , cf. 41: 2-4 , 25 ; 44:28; 45: 1-6 ; 48: 14-15). O fato de que a libertação é proclamada como próxima (v. 13) sugere uma data para a passagem antes da conquista de Cyrus sobre a Babilônia.

10. Dia de Reclamação da Babilônia (47: 1-15)

O capítulo 47 prediz a queda da Babilônia e, portanto, deve ser datado antes de 539 AC . É a única passagem **no** Segundo Isaías que pertence à categoria literária de "os oráculos contra as nações", dos quais há muitos exemplos em outros lugares da profetas (ver cap. 13-23 , Jeremias 46-51 , Ezequ. 25-32 ; Amós 1-2).

Outros oráculos contra a Babilônia ocorrem em Isaías 13-14 e Jeremias 50-51 . Tudo isso reflete o profundo ódio que os judeus sentiram em relação a esse inimigo antigo (Salmo 137: 8-9). Mesmo nos tempos do Novo Testamento, os cristãos judeus continuaram a se referir à Babilônia como um símbolo de tudo que era implacável e maligno (cf. Ap 17-18).

Westermann comentou a pura audácia da palavra profética que é registrada aqui: ". . . O deus vencedor de uma nação pequena e vencida se vinga do poderoso colosso Babilônia! "Se alguém, além de um profeta de Israel, tivesse pronunciado tais palavras, ele teria sido ridicularizado para desprezar.

(1) A Filha Caída da Babilônia (47: 1-4)

1 Desça e sente-se na poeira,
Ó virgem filha da Babilônia;
sente-se no chão sem um trono,
Ó filha dos caldeus!
Para você não deve mais ser chamado
concurso e delicado.
2 Pegue as moinhos e molhe a refeição,
adiar o seu véu,
tira o seu manto, descobre suas pernas

atravesse os rios.
3 A tua nudez será descoberta,
e sua vergonha será vista.
Vou vingar-me,
e não pouparei nenhum homem.
4 Nosso Redentor - o Senhor dos exércitos é o nome dele -
é o Santo de Israel.

A Babilônia é dirigida como filha virgem, o que significa que ela ainda não é conquistada e despreocupada. O profeta adverte, no entanto, que, como uma rainha virgem, ela logo será removida do seu trono e sentada no pó. Ela terá que pegar as pedras e moer a refeição como uma escrava comum. Sua roupa real será despojada dela, e sua nudez será descoberta. Esta última expressão, aparentemente, significa que ela será estuprada pelos seus conquistadores (Levítico 18: 6-19).

A confiança do profeta na queda final da nação tiranista é fundamentada em seu conceito de Javé e da relação de Yahweh com Israel. Isto é expresso no v. 4 , que muitos consideram equivocadamente como uma interpolação. Este versículo expressa tanto a condescendência ("Nosso Redentor") quanto a majestade ("o Santo de Israel") de Yahweh. A declaração entre parentes, o Senhor dos exércitos é o nome dele, talvez seja uma polêmica contra a adoração babilônica das hostes dos céus, que, segundo o profeta, estão sob a soberba de Javé.

(2) Uma Cidade Sem Compaixão (47: 5-7)

5 Sente-se em silêncio e entre na escuridão,
Ó filha dos caldeus;
para que você não seja mais chamado
A amante dos reinos.
6 Eu estava com raiva do meu povo,
Eu profanava minha herança;
Eu entrei em sua mão,
você não mostrou piedade;
nos velhos você fez seu jugo
extremamente pesado.
7 Você disse: "Eu serei uma amante para sempre"
de modo que você não colocou essas coisas no coração
ou lembre-se de seu fim.

A primeira acusação contra a Babilônia é que ela tratou com dureza os prisioneiros de guerra israelitas, especialmente os idosos, sobre quem seu jugo foi extremamente pesado (v. 6 , cf. Lam. 1:19 ; 2:21). A ira de Javé é direcionada para ela, portanto, não porque ela destruiu Judá e Jerusalém, mas porque ela maltratou homens e mulheres indefesos. Os valores humanos são, portanto, colocados acima dos valores da

propriedade, e a poderosa Babilônia é julgada com base em sua violação do primeiro. Smart mostrou a relevância desta palavra antiga ao nosso dia através de sua advertência de que o poder pode ser "o veneno mais perigoso para a alma de uma nação, exaltando seu ego de tal forma que cessa até mesmo estar ciente do que está acontecendo quando Está andando sobre as pessoas pequenas do mundo ".

Babilônia se recusou a reconhecer que ela não é senão um instrumento nas mãos de Javé para o castigo de Israel (v. 6 , ver 10: 5-6). Em vez disso, ela se gabou em sua arrogante auto-suficiência de que ela será amante das nações para sempre (v. 7 , cf. 10: 7-15). Em sua resposta a ela, o profeta se apropria de suas próprias palavras enquanto anuncia o fim de seu domínio (v. 5).

(3) Orgulho e auto idolatria (47: 8-9)

> *8 Agora, pois, ouça isso, amante de prazeres,*
> *que se senta com segurança*
> *que dizem em seu coração,*
> *"Eu sou, e não há ninguém além de mim;*
> *Não devo sentar-me como viúva*
> *ou conhecer a perda de filhos ":*
> *9 Estas duas coisas virão para você*
> *em um momento, em um dia;*
> *perda de filhos e viuvez*
> *virá sobre você em plena medida,*
> *apesar de suas muitas feitiçarias*
> *e o grande poder de seus encantas.*

A segunda acusação é que Babilônia se arrogou a divindade dizendo em seu coração, eu sou, e não há ninguém além de mim (v. 8 , cf. Zeph 2:15). Estas são palavras que só podem ser faladas por Javé, senão elas se tornam a blasfêmia final (ver Ex. 3:14 , Isaías 43:11 ; 45: 5-6 , 21).

Por causa de seu orgulho e auto-adulação, Babilônia sofrerá a perda de filhos e a viuvez em um único dia. Mesmo seu elaborado sistema de feitiçarias e encantamentos será inadequado para evitar esses desastres (v. 9).

(4) Um Falso Sentido de Segurança (47: 10-11)

> *10 Você se sentiu seguro em sua maldade,*
> *você disse: "Ninguém me vê";*
> *sua sabedoria e seu conhecimento*
> *o desviaram,*
> *e você disse em seu coração,*
> *"Eu sou, e não há ninguém além de mim".*
> *11 Mas o mal virá sobre vós,*

para o qual você não pode expiar;
o desastre cairá sobre você,
que você não poderá expiar;
e a ruína virá sobre você de repente,
do qual você não conhece nada.

O versículo 10 repete as palavras blasfemas de Babilônia encontradas na v. 8 . O profeta acrescenta a acusação adicional de que ela imaginou que ela poderia praticar a impiedade com impunidade, como se ela não respondesse a ninguém além de si mesma (ver 29:15). Ela não sabe que sua própria sabedoria e conhecimento a levaram a desviar-se.

Nem os recursos intelectuais à sua disposição nem os sacrifícios expiatórios que ela poderia oferecer serão suficientes para evitar o desastre que ameaça. Quando isso atinge, será diferente de tudo o que já experimentou antes (v. 11).

(5) Salvação por Adivinhação e Magia (47: 12-13)

12 Fique firme em seus encantas
e suas muitas feitiçarias,
com o qual você trabalhou da sua juventude;
talvez você possa conseguir,
Talvez você possa inspirar terror.
13 Você está cansado de seus muitos conselhos;
Deixe-os avançar e salvá-lo,
aqueles que dividem os céus,
que olham para as estrelas,
Quem nas novas luas prediz
o que acontecerá com você.

O profeta aconselha sarcásticamente a Babilônia a recorrer a seus magos e adivinhadores para ajudar na crise atual. Ela dedicou toda a sua vida à prática de suas artes ocultas, então talvez agora elas possam ajudá-la (v. 12).

Para aqueles que dividem os céus (v. 13), a Septuaginta lê *astrologoi* (astrólogos). A astrologia, ou a adivinhação pelas estrelas, originou-se na Mesopotâmia, talvez já no terceiro milênio AC. OS analistas acreditavam que os céus estavam divididos em doze seções, indicadas pelos doze signos do zodíaco, e que o movimento e a relação geométrica do celestial Os corpos dentro dessas seções determinaram o destino e o bem-estar dos homens e das nações. Básico para todo o sistema era a crença de que os corpos celestes eram na realidade deuses com diferentes graus de poder. Esta pseudo-ciência é, é claro, tão estranha à fé bíblica hoje como foi no século VI AC .

(6) Judgment by Fire (47: 14-15)

14 Eis que são como um talho,
o fogo os consome;
eles não podem entregar-se
do poder da chama.
Nenhum carvão para se aquecer é este,
sem fogo para sentar-se antes!
15 Tais são aqueles com quem você trabalhou,
Quem traficou com você desde sua juventude?
eles vagam por cada um em sua própria direção;
não há ninguém para salvar você.

O fogo destruirá os astrólogos de Babilônia como o restolho. O profeta observa com um toque de humor sombrio que isso não será fogo para se sentar ao lado e se aquecer! Uma vez que os astrólogos são incapazes de entregar-se das chamas, como poderiam prestar assistência aos outros? A resposta é óbvia. Embora Babilônia tenha trabalhado com eles desde a sua juventude, agora a deixam e vagam como desamparados e confusos como ela. Não há ninguém para salvá-la. É nesta nota de finalidade que o oráculo chega ao fim.

11. Exortações aos exilados na Babilônia (48: 1-22)

Este é um capítulo de extremos, pois contém não só a ameaça de julgamento e condenação, mas também a promessa de perdão e libertação. As palavras-chave que dão unidade são "ouvir" (vv. 1 , 6 , 12 , 14 , 16 , 18); "Chamada" (vv. 1, 2 , 12, 13 , 15), "nome" (vv. 1, 2 , 9 , 11 , 19) e "Jacob" (vv. 1 , 12 , 20).

Westermann, após Duhm e Volz, assume a posição de que o Segundo Isaías pregava uma mensagem de "salvação e nada além de salvação" e que, portanto, as passagens de condenação encontradas aqui foram inseridas por uma mão posterior (a tradução de Moffatt). Norte e Inteligente, no entanto, rejeitam a noção de que o Segundo Isaías foi apenas um profeta da salvação e observa que há um paralelo entre essas palavras condenáveis e as encontradas em outros lugares em seus escritos (ver 42: 18-25 ; 43: 22- 28 ; 45: 9-11 ; 46: 8 , 12). Parece preferível, portanto, considerar o capítulo como uma unidade e atribuí-lo ao Segundo Isaías.

O capítulo termina com uma convocação agitada para os exilados para se afastarem da Babilônia, indicando assim que ele deve ser datado depois que Ciro conquistou a cidade e emitiu um decreto que lhes permitiu sair. Nem Ciro nem Babilônia são referidos novamente nos capítulos restantes.

(1) Falha Moral e Espiritual de Israel (48: 1-8)

1 Ouça isso, ó casa de Jacó,
que são chamados pelo nome de Israel,
e que saiu dos lombos de Judá;
que jura pelo nome do SENHOR ,

e confessar o Deus de Israel,
mas não na verdade ou na direita.
2 Porque se chamam a si mesmos depois da cidade sagrada,
e permanecer no deus de Israel;
O SENHOR dos anfitriões é o nome dele.
3 "As coisas anteriores que eu declarava de antigamente,
Eles saíram da minha boca e eu os fiz saber;
então de repente eu os fiz e eles passaram.
4 Porque eu sei que você é obstinado,
e seu pescoço é um nervo de ferro
e sua tíbia de bronze,
5 Eu os declarei de antigamente,
antes que eles acontecessem, eu os anunciei para você,
para que você diga: "Meu ídolo os fez,
Minha imagem esculpida e minha imagem derretida os comandaram.
6 "Você ouviu; agora veja tudo isso;
e você não o declarará?
Desta vez, faço você ouvir coisas novas,
coisas escondidas que você não conheceu.
7 Eles são criados agora, não há muito tempo;
antes de hoje você nunca ouviu falar deles,
para que você diga: "Eis que eu os conheci".
8 Você nunca ouviu, você nunca soube,
A partir de sua antiga orelha não foi aberta.
Pois eu sabia que você trataria muito traiçoeiramente,
e a partir do nascimento você foi chamado de rebelde.

A contínua apostasia do povo do Senhor se torna o foco de atenção aqui. Mesmo na véspera de sua partida da Babilônia, eles são descritos como obstinados, pescoços rígidos, duros, idólatras, surdos, traiçoeiros e rebeldes (v. 4, 5 , 8).

Onde está a raiz do problema? Não é na sua obstinada recusa em prestar atenção à palavra do Senhor (v. 8 , cf. v. 18 ; 6: 9-10 ; 42-19-20)? A repetição quádrupla do comando do profeta para ouvir (v. 1 , 12 , 14 , 16) indica a apatia com que até as suas próprias palavras foram recebidas.

Com certeza, o povo de Israel ainda mantém uma aparência de lealdade: eles juram pelo nome de Javé, confessam o Deus de Israel e se chamam a si mesmos depois da cidade sagrada (Salmo 137: 5-6). Tudo isso, no entanto, eles fazem sem verdade e sem justiça (cf. 29:13 , Hos. 6: 4-6).

O profeta desenha um contraste entre a atividade reveladora de Deus no passado (v. 3-6a) e no presente (v. 6b-7). No passado, ele anunciou de antemão os eventos importantes na história de Israel - aqui designados como as coisas anteriores (v. 3) - para não atribuir isso a seus ídolos (v. 5 , cf. Amós 3: 7). No presente, no entanto, ele está se preparando para fazer coisas novas ou coisas escondidas (iluminadas, guardadas) das quais ela não conhece nada (v. 6). A razão pela qual ela não foi informada sobre os próximos eventos é para que ela não possa dizer: Eis que eu os conheci (v. 7). Saber, como usado aqui, provavelmente significa escolher ou ordenar (ver Gn 18:19 ;Jer. 1: 4 ; Amós 3: 2). Em outras palavras, Israel é propenso a se gabar de que ela é o arquiteto de seu próprio futuro.

Não se deve ignorar o caráter revolucionário das novas coisas aqui imaginadas. Algumas vezes são interpretadas como tendo referência à missão do servo (ver 49: 1-6), mas é mais provável que descrevam a conquista de Ciro da Babilônia, a libertação dos exilados, o segundo êxodo e o estabelecimento do reino universal de Deus. Smart afirma corretamente o significado da passagem quando ele escreve: "O que Deus está prestes a produzir é nada menos que uma nova criação, um novo começo para Israel e para o mundo. É inacreditável, inaudito, e ainda é verdade ".

A responsabilidade de Israel diante da revelação de Deus - tanto passado como presente - é descrita como sendo dupla: ela deve ouvir a palavra que lhe foi dita pelos profetas, e ela deve declarar o que ela ouviu (v. 6b). Em outras palavras, ela deve ser o testemunho de Javé perante as nações, como ela recebe a sua palavra e testemunha o seu cumprimento em sua história (ver 43:10 , 12 ; 44: 8).

A triste verdade, no entanto, é que ela falhou em sua responsabilidade. De acordo com a versão 8 , ela nunca ouviu, nunca soube, e sua orelha nunca foi aberta. O versículo sugere que há oposição até a segunda mensagem de Isaías e que ele está tendo dificuldade em persuadir os exilados a receber a palavra de salvação de Deus e a agir sobre ela.

(2) Tentou-se no forno da aflição (48: 9-11)

> *9 "Pelo amor do meu nome, adoro minha raiva,*
> *por causa do meu louvor, refiro-o por você,*
> *que eu não possa cortá-lo.*
> *10 Eis que te refinuei, mas não como prata;*
> *Eu tentei você no forno da aflição.*
> *11 Por minha própria causa, por minha própria causa, eu faço isso,*
> *Por que meu nome deve ser profanado?*
> *Minha glória não darei a outra.*

O tema desta seção é o fracasso do exílio em purgar Israel de sua escória. Embora tenha sido refinada e tentada no forno da aflição, ela não apareceu como a prata (v. 10 , cf. Deuteronômio 4:20 ; 1 Reis 8:51 , Jeremias 11: 4). Se Deus, portanto, fosse tratá-la como ela merece, ele a cortaria completamente (v. 9). É por causa de seu próprio nome, e não por causa de algum mérito de sua parte, que ele adiou e reprimiu sua ira (vv 9 , 11). Para que ele aja por causa do seu nome, significa agir de acordo com sua

própria natureza e propósito, pois estes foram revelados a Israel (ver 30:27 ; 42: 8; Ezek. 20: 9 ; 36: 22-23 ; 39: 7 , 25).

(3) O Soberano Criador e Redentor (48: 12-16)

12 "Ouça-me, ó Jacob,
e Israel, a quem liguei!
Eu sou Ele, eu sou o primeiro,
e eu sou o último.
13 Minha mão lançou os alicerces da terra,
e minha mão direita esticou os céus;
quando eu chamo para eles,
Eles ficam juntos.
14 "Ensemble, todos vocês, e ouça!
Quem entre eles declarou essas coisas?
O SENHOR O ama;
Ele deve cumprir seu propósito na Babilônia,
e o braço dele será contra os caldeus.
15 Eu, até mesmo, falei e liguei para ele,
Eu o trouxe, e ele prosperará em seu caminho.
16 Aproxime-se de mim, ouça isso:
desde o início não falo em segredo,
A partir do momento em que eu estive, estive lá ".
E agora o SENHOR Deus me enviou e seu Espírito

Em um apelo renovado, baseado no senhorio de Javé sobre a criação (v. 12-13) e história (v. 14-16), Israel é exortado a se aproximar e a ouvir a palavra do Senhor (v. 12 , 14 , 16). O Deus eterno (v. 12), que por sua mão lançou os alicerces da terra **e** espalhou os céus (v. 13), agora escolheu Ciro para realizar seu propósito sobre Babilônia (v. 14-15).

O verso 16 apresenta problemas para os quais não há soluções fáceis. A primeira parte é uma continuação da exortação divina a Israel para ouvir. Javé diz-lhe que, desde o início, ele não falou com ela em segredo, o que implica que ele falou abertamente e em linguagem fácil de ser entendido (ver 45:19 ; Deut. 30: 11-14). Além disso, sempre que sua palavra aconteceu, ele esteve lá, ou seja, ele foi responsável por sua realização.

Os problemas surgem na última parte do v. 16 e têm que fazer principalmente com a identidade do falante e com sua relação com o Espírito. O orador se identifica simplesmente como alguém a quem Deus enviou. A opinião acadêmica é dividida quanto ao fato de se referir a Ciro, ao servo ou ao profeta. A última sugestão provavelmente está correta, já que no Antigo Testamento aqueles que são enviados por Deus são quase sempre mensageiros ou profetas (6: 8 ; 42:19 ; 61: 1 ; Jeremias 1: 7 ; 7:25 ; Hag 1:12).

O relacionamento do orador anônimo com o Espírito também não está claro. Da posição da palavra Espírito na frase, é impossível dizer se é destinado como sujeito ou como objeto. Em outras palavras, é incapaz de determinar se o orador foi enviado *pelo* Espírito, ou com o Espírito (ver 42: 1 ; 61: 1). A posição adotada aqui é que o profeta está fazendo a afirmação de que ele foi enviado por Deus e também dotado de seu Espírito (Mic 3: 8 ; Zacarias 7:12). A razão aparente para que ele faça essa afirmação é estabelecer suas credenciais como um verdadeiro profeta de Javé e reforçar seu apelo aos exilados para atender suas palavras.

(4) The High Cost of Rebellion (48: 17-19)

> *17 Assim diz o SENHOR ,*
> *seu Redentor, o Santo de Israel:*
> *"Eu sou o SENHOR seu Deus,*
> *que ensina você a lucrar,*
> *que o guia do jeito que você deve ir.*
> *18 Oh, que você tinha ouvido meus mandamentos!*
> *Então, sua paz teria sido como um rio,*
> *e a sua justiça como as ondas do mar;*
> *19 sua prole teria sido como a areia,*
> *e seus descendentes gostam de seus grãos;*
> *seu nome nunca seria interrompido*
> *ou destruído antes de mim ".*

"Oh, que você tenha ouvido meus mandamentos!" Com estas palavras, o profeta lembra a Israel que sua história passada tem sido "uma tragédia de oportunidades desperdiçadas" (Norte). É uma tragédia que facilmente poderia ser evitada, pois seu professor e seu guia não foram senão o próprio Senhor, seu Redentor, o Santo de Israel (v. 17). Mesmo o melhor professor falha, no entanto, quando seus alunos não estão dispostos a aprender.

Os versículos 18-19 relembram a Israel o que perdeu ao recusar-se a ser ensinado (cf. Salmos 81: 13-16 , Lucas 13: 34-35 ; 19: 41-44). Quais são os benefícios que teria acumulado para ela se ela tivesse escolhido um curso diferente? Primeiro, sua paz teria sido como um rio, e sua justiça como as ondas do mar. A paz, que traduz uma palavra derivada do verbo para ser total, é comparável em significado à palavra saúde inglesa, que em sua antiga forma anglo-saxônica foi escrita "por completo". Ela, portanto, significa integridade do ser, felicidade, sucesso , prosperidade. Não é por acaso que o profeta associa a paz com a justiça, pois é inconcebível que os primeiros possam existir além deste último (ver v. 22).

A paz que Israel perdeu é bastante comparável a um rio. No momento em que essas palavras foram ditas, os exilados viviam no fértil vale da Mesopotéia, limitado pelo norte pelo Tigris e ao sul pelo Eufrates. Estes dois rios, cujas águas foram amplamente utilizadas para fins de irrigação, trouxeram a vida a uma terra que de outra forma teria sido deserto estéril. O simbolismo do profeta, portanto, é especialmente significativo em um cenário como esse.

O segundo dos benefícios perdidos de Israel é o cumprimento da antiga promessa de Deus de tornar seus filhos tão numerosos como os grãos de areia ao lado do mar (v. 19 , ver Gênesis 13:16 ; 22: 17-18 ; 32:12 ; Hos. 1:10). Se ela tivesse ouvido os mandamentos do Senhor, seu nome teria sido estabelecido para que nunca pudesse ser cortado (ver 56: 5).

(5) Convocações para deixar a Babilônia (48: 20-22)

> *20 Sai da Babilônia, foge da Caldéia,*
> *declare isso com um grito de alegria, proclame,*
> *envie-o até o fim da terra;*
> *diga: "O SENHOR redimiu seu servo Jacó!"*
> *21 Eles não tiveram sede quando os conduziu através dos desertos;*
> *Ele fez fluir água para eles da rocha;*
> *Ele abriu a pedra e a água brotou.*
> *22 "Não há paz", diz o SENHOR , "para os ímpios".*

O chamado há muito aguardado para que os exilados partem da Babilônia seja finalmente dado na v. 20 . Pode-se sentir a alegria e a excitação com que o profeta grita as notícias que Israel está livre, finalmente. Ele invoca os outros para se juntarem a ele ao divulgar as boas novas aos confins da terra. O Senhor redimiu o seu servo Jacó, apesar do fato de o Exílio não ter feito grandes mudanças em seu caráter ou conduta (v. 4 , 8 , 10).

Alguns dos exilados aparentemente estão relutantes em realizar a difícil jornada pelo deserto. Eles têm medo de não sobreviverem aos seus rigores. O profeta procura aliviar seus medos lembrando-lhes as disposições que o Senhor fez para seus antepassados quando saíram do Egito. Ele fez com que a água fluisse da rocha, de modo que não sofreram sede quando foram conduzidos pelo deserto (v. 21 , ver Ex. 17: 6 ; 1 Cor. 10: 4). Por conseguinte, ele não mostrará uma preocupação semelhante pelo bem-estar dos exilados quando eles retornarem a Jerusalém?

O capítulo termina com uma nota sombria: sem paz. . . para os maus! Essas palavras não são extraviadas, como alguns sugeriram, mas formam uma conclusão natural para a passagem anterior. Eles são dirigidos àqueles entre os exilados que estão relutantes em deixar a Babilônia e participar da redenção que o Senhor lhes forneceu. Josefo (*Antiq.*, XI , 1, 3) relata que muitos dos judeus escolheram permanecer na Babilônia, "não querendo deixar suas posses". Por isso, o profeta declara que não há paz.

II. O futuro glorioso de Israel (49: 1-55: 13)

Os Capítulos 49-55 não contêm mais referências a Ciro ou Babilônia, nenhum ataque à idolatria e nenhum recurso para o cumprimento de profetas anteriores. É possível, portanto, que eles pertençam a um período posterior aos capítulos 40-48 , ou seja, ao período após a conquista de Ciro de Babilônia, mas antes do retorno dos judeus à Palestina (ver 55: 12-13) . Deve-se ter cuidado, no entanto, para não exagerar as diferenças entre os capítulos 40-48 e 49-55, pois ambas as seções retratam uma unidade de estilo e pensamento que revela uma autoria comum.

1. Do desespero atual à glória futura (49: 1-26)

(1) O Discurso dos Servos às Nações (49: 1-6)

1 Ouça-me, o litoral,
e escute, vocês povos de longe.
O SENHOR me chamou do útero,
Do corpo de minha mãe ele chamou meu nome.
2 Ele fez minha boca como uma espada afiada,
Na sombra de sua mão ele me escondeu;
ele me fez uma flecha polida,
Em sua aljava, ele me escondeu.
3 E ele me disse: "Você é meu servo,
Israel, em quem eu serei glorificado ".
4 Mas eu disse: "Trabalhei em vão,
Eu gastei minha força por nada e vaidade;
ainda certamente meu direito é com o SENHOR ,
e minha recompensa com o meu Deus ".
5 E agora o Senhor diz:
que me formou do útero para ser seu servo,
para trazer Jacob de volta para ele,
e que Israel poderia ser reunido para ele,
pois estou honrado aos olhos do SENHOR ,
e meu Deus tornou-se minha força -
6 ele diz:
"É uma coisa muito leve que você deveria ser meu servo
para levantar as tribos de Jacob
e restaurar o preservado de Israel;
Eu lhe darei como luz para as nações,
para que minha salvação alcance o fim da terra ".

A elusividade da identidade do servo não é mais aparente do que nesta segunda Canção do Servo (42: 1-4 ; 50: 4-9 ; 52: 13-53: 12). Por um lado, ele é inequivocamente identificado como Israel (v. 3), e muitas das coisas ditas sobre ele aqui são ditas em outro lugar de Israel: o Senhor o chamou desde o útero (vv. 1 , 5 ; ver 44: 2 , 24); Ele foi confiado com a palavra do Senhor (v. 2 : ver 44:26 ; 50: 4 ; 51:16 ; 59:21); Ele estava escondido à sombra da mão do Senhor (v. 2 ; cf.51:16); O Senhor o nomeou como seu servo (v. 3 , ver 41: 9 ; 43:10 ; 44:21); O propósito de seu ministério era glorificar a Deus (v. 3 , cf. 43: 7 ; 44:23 ; 46:13 ; 60: 2); Seu ministério inicial aparentemente terminou em fracasso (v. 4 , cf. 40:27 ; 42:19 ; 49:14); e ele foi encarregado da responsabilidade de ser uma luz para as nações (v. 6 , ver 42: 6).

Apesar do suporte que a visão coletiva recebe da passagem, no entanto, há objeções sérias em vv. 5-6 . Estes versos descrevem a missão do servo como sendo inicialmente o de levantar as tribos de Jacó e restaurar o preservado de Israel. Se, portanto, o servo é interpretado coletivamente, então um é confrontado com a estranha anomalia da nação efetuando sua própria renovação espiritual. Mesmo Muilenburg, que acredita que toda referência ao servo no segundo Isaías se aplica a Israel, é obrigada a admitir que vv. 5-6 constituem "o obstáculo mais sério para a visão coletiva".

Uma saída para o impasse seria excluir a palavra "Israel" da v. 3 .Esta sugestão, no entanto, carece de suporte entre as versões antigas. O curso mais sábio, portanto, seria aceitar o texto como está agora, em vez de tentar alterá-lo para se adequar a uma teoria particular. Uma visão objetiva reconhece que não existe uma solução fácil para o problema da identidade do servo e reconhece que a tensão entre as interpretações individuais e coletivas é inerente ao próprio texto. Pois, enquanto o servo convive com Israel e pode ser dirigido como Israel, ele é, no entanto, distinto de Israel, e tem um ministério para se apresentar a Israel. O paradoxo envolvido aqui deve ter sido tão óbvio para o profeta quanto para nós e, portanto, totalmente intencional. Além disso, a figura do servo mantém seu caráter paradoxal ao longo dos séculos, pois quando chega o tempo de sua realização,*e* sua igreja.

O próprio servo fala na segunda Canção do Servo e *lança* aqueles em terras distantes para prestar atenção às suas palavras (ver 42: 1 , 4). Ele conta como o Senhor o chamou (v. 1) e o preparou para sua missão (v. 2). A afirmação de que sua boca foi feita como uma espada afiada sugere que a arma com a qual ele fará batalha é a palavra do Senhor (50: 4 ; Deut. 18:18 ; Jeremias 1: 9 ; 5:14 ; 23 : 29 ; Efésios 6:17 ; Heb. 4:12 ; Apocalipse 1:16). Verso 2, com a referência à espada afiada e à flecha polida, parece surpreendentemente guerreira e agressiva, especialmente quando comparada com o retrato do servo encontrado em outro lugar (ver 42: 3 ; 50: 6 ; 53: 7). Esta é apenas outra indicação da natureza paradoxal do servo.

Duas vezes diz-se que o Senhor esconde o servo (v. 2). Ser escondido pelo Senhor significa estar sob seu cuidado e proteção (cf. Salmos 17: 8 ; 27: 5 ; 31:20 ; 64: 2 ; Jeremias 36:26). Para interpretar isso, significa que o Senhor mantém o seu servo escondido por um tempo e depois o revela ao mundo (ver Norte), ou para ver no esconderijo do servo um paralelo com o oculto de Deus (ver 45:15), como se a verdadeira natureza do servo estivesse escondida dos olhos dos homens (ver Smart), é ignorar o significado simples do texto. Este é o caminho do servo de expressar a sua garantia de que o Senhor sempre o vigiará (ver v. 4b , 5b).

A tarefa inicialmente atribuída ao servo é a de restaurar Jacob / Israel ao Senhor (v. 5a). Em breve, torna-se aparente, no entanto, que esta não é uma tarefa fácil. Pelo contrário, as dificuldades são tão grandes que o servo se desencoraja e grita em desespero, trabalhei em vão **,** gastando minha força por nada e vaidade (v. 4a). Seu pronunciamento de tal clamor chama a atenção para a reação de Jeremias a uma situação semelhante (ver Jeremias 15:10 , 18 ; 20: 14-18).

A semelhança entre a experiência do servo e a de Jeremias também pode ser vista da maneira em que Deus responde aos seus lamentos. Em cada caso, ele responde o desânimo com um chamado para maior responsabilidade (v. 6b, ver Jer. 12: 5; 15: 19-21). O campo de operações do servo, portanto, é estendido além das fronteiras de Israel

para incluir todas as nações da terra. Deus geralmente responde aos nossos desânimos ao ampliar o nosso campo de responsabilidade (ver 1 Reis 19: 9-16). A segunda Canção do Servo termina assim com a mesma nota de universalismo com a qual começa.

(2) Incentivo de Deus ao Israel cativo (49: 7-13)

7 Assim diz o Senhor,
o Redentor de Israel e seu Santo,
a um profundamente desprezado, aborrecido pelas nações,
o servo dos governantes:
"Os Reis devem ver e se levantar;
príncipes, e eles se prostrarão;
Por causa do Senhor, que é fiel,
o Santo de Israel, que o escolheu ".
8 Assim diz o SENHOR :
"Em um momento de favor eu respondi-lhe,
Em um dia de salvação, eu o ajudei;
Eu te guardei e te entreguei
como uma aliança com as pessoas,
para estabelecer a terra,
para repartir as heranças desoladas;
9 dizendo aos prisioneiros: "Venha,"
para aqueles que estão na escuridão, 'Aparecem'.
Eles devem alimentar os caminhos,
Em todas as alturas nuas será o seu pasto;
10 eles não devem ter fome ou sede,
nem o vento escaldante nem o sol os ferirem,
pois aquele que tem piedade deles os guiará,
e por fontes de água os guiarão.
11 E farei todas as minhas montanhas um caminho,
e minhas rodovias serão levantadas.
12 Eis que estes virão de longe,
e eis, estes do norte e do oeste,
e estes da terra de Syene ".
13 Cante para alegria, ó céus, e exulte, ó terra;
Rompe, ó montanhas, para cantar!
Pois o SENHOR consolou seu povo,
e terá compaixão dos seus aflitos.

Esses versículos mostram claramente que Israel ainda está no exílio. Seu status atual é o de um profundamente desprezado, aborrecido pelas nações, o servo dos governantes. Sua terra está desolada (v. 8b); ela desabafa na prisão (v. 9a); e seu lote tem sofrido aflição (v. 13b).

Seu sofrimento e humilhação, no entanto, logo chegarão ao fim. Quando ela foi restaurada em sua terra, reis e príncipes virão prostrar-se diante dela por causa do Senhor (v. 7b). Sua observação, deve notar, não se dirige tanto a Israel quanto ao "Santo de Israel" (ver 49: 22-23). O profeta reconhece que a verdadeira glória de Israel não está em si mesma, mas em seu Deus.

O lançamento da nação do cativeiro é descrito em maior detalhe em vv. 8-12 . O motivo do êxodo é especialmente forte ao longo desta seção. Deus resgata seu povo da prisão e leva-os pelo meio do deserto, como se ele fosse um segundo Moisés. Ele os tende como um pastor cuidar do seu rebanho, fornecendo pastagem para eles ao longo do caminho (v. 9), e levando-os por fontes de água (v. 10). Ele prepara uma estrada no deserto para maior conforto (v. 11 , cf. 35: 8-10 ; 40: 3-4). Os filhos de Sião retornarão não só da Babilônia, mas também de todos os lugares distantes da terra onde foram espalhados (v. 12).

A maravilha de tudo faz com que o profeta explodisse em um hino de louvor (v. 13 , ver 42: 10-13 ; 52: 9). Ele está cheio de alegria diante da perspectiva do que Deus está prestes a fazer. O hino que ele canta é uma das muitas gemas literárias que adornam esta profecia. Um deles é lembrado do hino anterior que os israelitas cantaram após a sua libertação no Mar Vermelho (ver Ex. 15: 1-18).

(3) A repoblação de Sião (49: 14-21)

14 Mas Zion disse: "O SENHOR me abandonou,
meu senhor se esqueceu de mim ".
15 "Uma mulher pode esquecer sua criança sugadora,
para que ela não tenha compaixão do filho do seu ventre?
Mesmo estes podem esquecer,
ainda não vou te esquecer.
16 Eis que eu te acumulei nas palmas das minhas mãos;
suas paredes estão continuamente diante de mim.
17 Seus construtores ultrapassam seus destruidores,
e aqueles que te derrubaram saem de você.
18 Levante seus olhos ao redor e veja;
Todos se reúnem, eles vêm até você.
Enquanto vivo, diz o Senhor,
Você deve colocá-los todos como um ornamento,
Você deve ligá-los como uma noiva.
19 "Certamente seu desperdício e seus lugares desolados
e sua terra devastada -

certamente você será muito estreito para seus habitantes,
e aqueles que o engoliram vão ficar longe.
20 Os filhos nascidos no tempo de seu falecimento
ainda vai dizer em seus ouvidos:
"O lugar é muito estreito para mim;
faça espaço para eu habitar.
21 Então você dirá no seu coração:
"Quem me deu isso?
Eu estava enlutado e estéril,
exilados e guardados,
mas quem criou isso?
Eis que fiquei sozinho;
de onde, então, eles vieram? "

A cidade de Sião, aqui personificada como mulher desamparada (cf. 50: 1 ; 51: 17-23 ; 54: 1-8), lamenta que o Senhor a abandonou e a tenha esquecido (cf. 40:27 ; Salmo 137 ; Ezequiel 37: 11-14). Seu grito de desespero invoca uma das mais tenras expressões do amor divino que se encontra em qualquer lugar nas Escrituras. O amor de Deus por seu povo é dito ser infinitamente maior do que a forma mais forte do amor humano, isto é, maior que o amor de uma mãe por seu filho infantil. Há, portanto, mais probabilidade, portanto, que uma mãe se esqueça de ter compaixão de seu filho do que Deus esqueceria Zion (v. 15). Como ele pode esquecê-la, quando ele tem sua gravada (talvez tatuada) nas palmas das mãos, e quando suas paredes nunca estão fora de si (v. 16)?

Na luta de passagens como esta, é estranho que alguns ainda falem de Deus no Antigo Testamento como um Deus de justiça estrita, como contra um deus de amor no Novo Testamento, como se houvesse realmente dois seres separados radicalmente diferente na natureza. O conceito de Deus não amoroso é, de fato, tão estranho ao Antigo Testamento quanto ao Novo. Seu amor infalível, mesmo diante da indiferença e da desobediência humana, é o cordão que liga os dois Testamentos juntos.

O restante da seção descreve a reconstrução milagrosa e o repovoamento de Sião. Em vez de *banayik* (seus construtores) (v. 17), o Rolo do Mar Morto de Isaiah IQIs [a]) e outras versões antigas, lê *bonayik* ("seus filhos"). Este é talvez um daqueles raros casos em que ambas as leituras expressam a intenção original do autor: os filhos de Sião retornarão do exílio e também reconstruirão suas ruínas.

O Senhor lança a cidade desolada levantar os olhos e ver seus filhos chegando a ela de todas as direções. Ela deve adornar-se com estes, como uma noiva pode adornar-se com seus ornamentos (v. 18). Em linguagem hiperbólica, o profeta descreve a terra como sendo inteiramente pequena para conter os vastos anfitriões de exilados que retornam (vv. 19-20). Zion, por muito tempo destituída de seus filhos, só pode gritar com espanto e alegria: "De onde tudo isso vem?"

(4) O Resgate e Retorno dos Exilados (49: 22-26)

22 Assim diz o Senhor Deus:
"Eis que levarei a mão para as nações,
e elevar meu sinal para os povos;
e eles trarão seus filhos no seu seio;
e suas filhas serão carregadas sobre seus ombros.
23 Reis serão os seus pais adotivos,
e suas rainhas suas mães que amamentam.
Com seus rostos no chão, eles se curvarão para você,
e lamba a poeira de seus pés.
Então você saberá que eu sou o Senhor;
Aqueles que me esperam não serão envergonhados ".
24 A presa pode ser tirada dos poderosos,
Ou os cativos de um tirano sejam resgatados?
25 Certamente, assim diz o SENHOR :
"Até os prisioneiros dos poderosos serão levados,
e a presa do tirano seja resgatada,
pois contenderei com aqueles que lidam com você,
e eu salvarei seus filhos.
26 Eu farei seus opressores comerem sua própria carne,
e beberão com o seu próprio sangue como com o vinho.
Então toda carne deve saber
que eu sou o SENHOR seu Salvador,
e seu Redentor, o poderoso de Jacó ".

O espírito decididamente nacionalista desta passagem contrasta fortemente com o espírito universalista que geralmente se encontra nos capítulos 40-66 (ver 40: 5 ; 44: 5 ; 45: 22-23 ; 49: 5-6 ; 56: 3 -8). Alguns estudiosos concluíram com base nessa passagem e outros, como esse, que o Segundo Isaías era exclusivamente nacionalista em perspectiva e, portanto, as passagens universalistas foram escritas por um profeta posterior (Snaith e Orlinsky).

No entanto, assumir essa posição é exigir do profeta uma uniformidade de pensamento sobre o assunto que não era característico dos escritores bíblicos em geral. Outros profetas raramente eram consistentes em suas declarações sobre a importância relativa de Israel e as nações no plano de Deus. A tensão entre universalismo e nacionalismo, portanto, não se limita a esses capítulos, mas aparece em todas as partes das Escrituras, mesmo nas palavras de Jesus (Mt. 10: 5-6 ; 15:24; 28: 18- 20).

Quando o Senhor levantar a mão como um sinal para as nações, eles trarão os filhos de Sião com toda a pressa (v. 22). Reis e rainhas os acompanharão para servir como cuidadores. Serão dadas provas dramáticas de que as mesas já foram transformadas quando reis e rainhas se curvam e beijam os pés de seus ex-escravos (v. 23). O espírito nacionalista da passagem é moderado um pouco pela ausência de qualquer sugestão de

coerção: a homenagem feita a Israel por reis e rainhas é um ato livre e espontâneo de sua parte (ver 45:14).

No v. 24, o profeta levanta uma questão que deve ter sido o mais importante nas mentes de seus ouvintes: Deus conseguiu levar a presa (os exilados) dos poderosos (Babilônia)? Anteriormente, os israelitas haviam dito que Deus os amava (49:14); agora eles estavam questionando se ele poderia ou não ser capaz de entregá-los. Nessas duas perguntas, Deus é capaz? Ele se importa? - Exprimindo as esperanças e os temores de homens problemáticos ao longo dos séculos. São as perguntas que clamam por uma resposta sempre que o silêncio de Deus diante do sofrimento e do mal humano parece indicar que ele está querendo ou não é capaz de intervir.

A questão do v. 24 é dada uma resposta afirmativa no v. 25 . O poderoso (Babilônia) certamente terá sua presa (os exilados) arrancados dele. Depois, ele será forçado a comer sua própria carne e beber seu próprio sangue (v. 26a). Isso não significa que os babilônios irão literalmente recorrer ao canibalismo, mas que eles se destruirão por meio de guerras civis e conflitos internos.

O propósito último de Deus no resgate de seu povo de Babilônia é que toda carne pode entender sua verdadeira natureza e divindade (v. 26b). A declaração desse propósito salva a passagem de um nacionalismo exclusivo. A redenção de Deus de Israel é, portanto, mostrada como sendo apenas um passo inicial na realização de um plano maior, um plano que engloba todas as nações da Terra.

2. Israel sem fé e servo fiel (50: 1-11)

(1) Responsabilidade de Israel pelo Seu Predicamento (50: 1-3)

1 Assim diz o Senhor:
"Onde está a lei de divórcio de sua mãe,
com o qual eu a afastei?
Ou qual dos meus credores é isso?
a quem te vendi?
Eis que, por suas iniqüidades, você foi vendido,
E para suas transgressões sua mãe foi afastada.
2 Por que, quando eu vim, não havia homem?
Quando liguei, não havia ninguém para responder?
Minha mão está encurtada, que não pode resgatar?
Ou não tenho poder para entregar?
Eis que, por minha repreensão, eu seco o mar,
Eu faço os rios um deserto;
seu peixe apanha por falta de água,
e morre de sede.
3 Eu vendo os céus com escuridão,
e fazer o saco sua cobertura ".

Esses versículos são projetados para refutar a alegação de Israel de que a responsabilidade por sua dificuldade se baseia em Yahweh. Ela aparentemente se queixou de ter divorciado arbitrariamente dela e enviou-a para o cativeiro. Se ele tivesse tomado tal ação, no entanto, ele teria sido obrigado pela lei a lhe dar uma declaração de divórcio (ver Deuteronômio 24: 1-4). O profeta desafia-a, portanto, a comprovar sua acusação contra Deus ao produzir o documento com o qual ela foi divorciada. O fato de que ela é incapaz de fazer isso - as perguntas na v. 1 são obviamente retóricas - prova que sua queixa é totalmente infundada.

Isso não significa, no entanto, que nenhum divórcio ocorreu. Israel foi realmente enviado para o exílio (ver Mal 2:16); ela realmente foi vendida em cativeiro (v. *lb).* No entanto, isso não resultou da rejeição arbitrária de Yahweh sobre ela, mas de sua própria corrupção e deslealdade. Ela permaneceu surda ao seu chamado no passado e ainda é surda mesmo no presente (v. 2a).

A segunda queixa de Israel é que o prolongamento de seu exílio resultou da incapacidade de Yahweh de intervir em seu nome. As perguntas retóricas na v. 2b constituem a resposta do Senhor a esta queixa: sua mão não é encurtada **para** que ela não possa resgatar, nem falta energia para entregar. A implicação é que qualquer atraso que tenha ocorrido na redenção de Israel foi causado por sua própria desobediência (ver 59: 1-2).

A afirmação do poder de salvação de Yahweh é seguida por uma ilustração de seu poder de destruir (vv.2c-3). A destruição prevista aqui é aquilo que será visitado pelos inimigos de Javé (ver 42:15). As palavras, portanto, são destinadas a mais uma repreensão a Israel por sua falta de fé.

(2) A Garantia do Servidor de Vindicação (50: 4-9)

4 O SENHOR Deus me deu
a língua daqueles que são ensinados,
para que eu possa saber como sustentar com uma palavra
Ele está cansado.
Manhã de manhã ele acorda,
ele acalma minha orelha
para ouvir como aqueles que são ensinados.
5 O SENHOR Deus abriu meu ouvido,
e eu não fui rebelde,
Não voltei para trás.
6 Eu dei minhas costas aos smiters,
e minhas bochechas para aqueles que tiraram a barba;
Não escondi o meu rosto
de vergonha e cuspir.
7 Porque o SENHOR Deus me ajuda;
portanto, não fiquei confuso;

Por isso, coloquei o meu rosto como um pederneira,
e eu sei que não devo envergonhar-me;
8 O que me vinga está próximo.
Quem contenderá comigo?
Deixe-nos levantar-se juntos.
Quem é meu adversário?
Deixe ele se aproximar de mim.
9 Eis que o SENHOR Deus me ajuda;
Quem me declarará culpado?
Eis que todos se desgastarão como uma peça de vestuário;
a traça vai comê-los.

Esta passagem é geralmente considerada como a terceira Canção do Servo (42: 1-4 ; 49: 1-6 ; 52: 13-53: 12), embora o termo "servo" não seja encontrado nele. As duas primeiras canções enfatizam a missão do servo; O terceiro, no entanto, trata de sua obediência e de sua firme resistência sob a perseguição. Por causa da descrição da canção da crescente hostilidade em relação ao servo, North tem direito a ele: "O Getsêmani do Servo".

Os versículos 4-5 descrevem o ensinamento do servo: ele é sensível a cada impulso e palavra divina. Ele, portanto, tem a língua e a orelha de um verdadeiro discípulo. Sua capacidade de ensino não foi adquirida automaticamente, no entanto, pois foi necessário que o Senhor desperte sua orelha pela manhã para aprender. Embora a disciplina do Senhor tenha sido rigorosa, o servo não se afastou de sua tarefa ou mostrou um espírito rebelde. Ele é, de fato, o aprendiz ideal.

Qual é, então, o propósito de sua aprendizagem? Por que o Senhor o ensinou tão assiduamente? É que ele pode saber como consolar o cansado com uma palavra (v. 4 , ver 49: 2). Aquele a quem o Senhor ensinou, portanto, deve ser o professor dos outros; e a palavra que foi falada no ouvido deve ser espalhada. A palavra em questão é talvez a palavra de consolo que foi enviada aos exilados cansados (cf. 40: 1-2 , 9 , 27-31).

Falando a palavra do Senhor - uma palavra tão consoladora - logo traz o servo em dificuldade (cf. Jeremias 20: 8). Ele se torna objeto de violência física e insulto (v. 6). A perseguição não faz com que ele vacile, no entanto, como ele sempre resiste aos assaltos dolorosos que são feitos sobre ele. Norte observou que v. 6 é "uma antecipação surpreendente do maltrato de Cristo na manhã da crucificação".

Os versículos 7-9 são uma expressão da garantia do servo de reivindicação. O idioma aqui utilizado é claramente o da lei. O servo não teme as provações que podem vir no futuro, pois ele tem certeza de que o Senhor Deus o ajudará (vv 7a , 9a, cf. 41:10 , 13, 14 ; 44: 2 ; 49: 8) . Em qualquer confronto com seus acusadores, portanto, ele será reivindicado, mas eles vão perecer como uma peça de comida com traça. Essa sublime afirmação de fé lembra uma das últimas palavras do apóstolo Paulo: "Se Deus seja para nós, quem pode ser contra nós?" (Romanos 8:31, KJV).

(3) As conseqüências da crença e da incredulidade (50: 10-11)

10 Quem entre vós teme o SENHOR
e obedece a voz de seu servo,
Quem caminha na escuridão
e não tem luz,
ainda confia em nome do SENHOR
e depende de seu Deus?
11 Eis que todos vocês que acendem fogo,
que definiu as marcas acesas!
Caminhe à luz do seu fogo,
e pelas marcas que você acendeu!
Você deve ter da minha mão:
você deve deitar-se em tormento

O versículo 10 começa com o pronunciamento interrogativo *mi* , traduzido "Quem?" O RSV considera o versículo inteiro como uma questão. De acordo com esta interpretação, a conduta do servo é sustentada como o modelo para outros imitar. Embora ele caminha na escuridão sem qualquer luta, ele, no entanto, confia em nome do Senhor e se inclina contra o seu Deus. É conveniente, portanto, que os fiéis em Israel sigam o exemplo dele, obedecendo a sua voz e temendo ao Senhor a quem serve.

Uma interpretação alternativa resulta de colocar o ponto de interrogação após a palavra "servo", que no hebraico tem **um** forte acento disjuntivo e, em relação aos dois últimos verbos do verso como jussivos. A tradução resultante diz: "Quem entre vós teme ao Senhor , obedecendo a voz do seu servo: quem anda nas trevas e não luta, confie no nome do Senhor e se incline sobre o seu deus. "De acordo com esta representação, não é o servo, mas os ouvintes do profeta que falam A escuridão sem luz. São os santos perseguidos que sofrem por causa do medo do Senhor e a obediência à voz de seu servo. Enquanto se aproximam das sombras, são exortados pelo profeta a confiar em nome do Senhor , "Nome" sendo usado aqui como sinônimo do próprio Senhor (cf.Ex. 33:19 ; Lev. 24:11 , 16 ; É um. 52: 6). Essa interpretação parece ser preferível à refletida no RSV.

O versículo 11 descreve a atual conduta e destino futuro daqueles que se rebelam contra o Senhor. Não está claro se estes são israelitas ou estrangeiros, embora uma comparação com v. 9 sugira o último. Estes são descritos como incêndios para seus ídolos, talvez por meio de atrito ou pederneira, apenas para serem engolfados pelas chamas que acenderam. De repente, eles se encontram presos por suas próprias chamas sem meios de escapar. O caminho que eles seguiram, portanto, conduz em última instância e inevitavelmente ao tormento e à destruição. Isto é declarado vividamente na frase em que você se deitará em tormento, onde "deitar-se" significa morrer (14:18 ; Jó 20:11 ; Ez. 32:21). Nestes versículos, portanto, o profeta confronta seus ouvintes com duas alternativas: devem caminhar à luz da fé, ou então perecerem nos incêndios da destruição.

3. A Consolação de Sião (51: 1-52: 12)

(1) Incentivo para crentes famosos (51: 1-8)

1 "Ouça-me, você que busca libertação,
você que procura o Senhor;
olhe para a rocha da qual você foi cortado,
e para a pedreira da qual você foi escavado.
2 Olhe para Abraão, seu pai
e a Sarah que o aborreceu;
pois quando ele era apenas um eu liguei para ele,
E abençoei-o e o fiz muitas.
3 Porque o SENHOR consolará a Sião;
ele irá consolar todos os seus lares,
e fará seu deserto como o Éden,
seu deserto como o jardim do SENHOR ;
alegria e alegria serão encontradas nela,
ação de graças e a voz da música.
4 "Ouça-me, meu povo,
e ouça-me, minha nação;
porque uma lei vai sair de mim,
e minha justiça por uma luz para os povos.
5 Minha libertação se aproxima rapidamente,
minha salvação surgiu,
e os meus braços governarão os povos;
as costas esperam por mim,
e para o meu braço esperam.
6 Levante os olhos para o céu,
e olhe para a terra abaixo;
pois o céu desaparecerá como fumaça,
a terra se desgastará como uma peça de vestuário,
e os que habitam nela morrerão como gnats;
mas minha salvação será para sempre,
e minha libertação nunca será encerrada.
7 "Ouça-me, vós que conheces a justiça,
as pessoas em cujo coração está a minha lei;
Não temas a censura dos homens,
e não fique consternado com suas revilações.
8 Pois a maré vai comê-los como uma peça de vestuário,

e o verme os comerá como lã;
mas minha libertação será para sempre,
e minha salvação para todas as gerações ".

Há três estrofes nesta passagem, cada uma das quais começa com o comando para ouvir **ou para** ouvir (vv. 1-3 , 4-6, 7-8). A primeira tarefa do intérprete é determinar a identidade daqueles a quem os comandos são fornecidos. A menos que alguém nega a unidade da passagem e, como Westermann, recorra a uma construção radical do texto, fica claro que aqueles que estão sendo dirigidos são os israelitas fiéis, mas temerosos. Por exemplo, diz-se deles que eles perseguem a justiça e buscam o Senhor (v. 1), que são descendentes de Abraão e Sara (v. 2), que eles são o povo do Senhor e sua nação (v. 4), que eles conhecem a justiça, e que eles são o povo em cujo coração é a lei do Senhor (v. 7).

O profeta escreve, portanto, para convencer seus companheiros exilados da certeza e permanência da libertação que vem. Na primeira estória, ele os pede para o passado e lembre-se do milagre com o qual sua história começou. Quando Abraão não era mais do que um, Deus o chamou e o abençoou e fez muitos. Agora ele está pronto para realizar um milagre semelhante com os exilados de coração fraco: embora eles sejam pouco a sua vista (cf. 40:27 ; 41:14 ; 49:14), eles logo serão transformados em uma grande e poderosa nação (ver 41: 15-16 ; 49: 7 , 17-21). O fato de que o profeta aborda essas palavras para eles na própria terra em que Abraão e Sara receberam seu chamado pela primeira vez dá um significado adicional ao que ele diz.

O apelo ao passado é seguido por uma promessa para o futuro (v. 3). Para dizer que o Senhor consolará Sion significa que ele efetivamente intervirá para pôr fim a seus problemas (cf. 40: 1 ; 49:13). Suas terras devastadas serão transformadas em Eden, o jardim do Senhor. Alegria e alegria - duas palavras que muitas vezes aparecem juntas no Antigo Testamento (ver v. 11 ; 35:10 ; Salmos 45:15 ; 51: 8 ; Zacarias 8:19) - serão encontradas nela. O Pergaminho do Mar Morto de Isaías (IQIs ^{a}) acrescenta uma linha adicional até o final do v. 3 : "a tristeza e o suspirar fugirão" (ver v. 11 ;35:10).

A segunda estória (v. 4-6) descreve a salvação de Deus como compreendendo toda a humanidade e como destrancando os céus e a terra. Apesar de toda a sua majestade e aparente permanência, o universo está sujeito a mudanças e decadência e, em última instância, desaparecerá como fumaça (v. 6). Em um mundo tão transitório, somente Deus permanece constante (cf. 40: 6-8 , Salmo 90: 1-6). O versículo 6 prepara o cenário para o anúncio dos novos céus e da nova terra, embora este seja atrasado até 65:17 (ver 66:22).

A terceira estória (v. 7-8) descreve o povo de Deus, já que atualmente tem que suportar a perseguição. Enquanto seus opressores não são nomeados, eles provavelmente devem ser entendidos como os babilônios. Os israelitas são exortados a não temer a censura dos homens e a não serem consternados com as suas injúrias (cf. Zeph 2: 8). Os tiranos logo desaparecerão como roupas com traça (ver 50: 9), mas a libertação operada pelo Senhor nunca terminará (v. 8). O refrão vitorioso que fecha a segunda estrofe (v. 6b) reaparece em uma forma ligeiramente modificada no final do terceiro (v. 8b). O significado em ambos os casos é que a salvação de Deus é a única realidade duradoura em um mundo destinado a perecer (cf.2 Pedro 3: 8-13).

(2) A Resposta do Profeta e Resposta do Bacalhau (51: 9-16)

9 Desperte, acordado, coloque força
O braço do Senhor;
acordado, como nos dias de idade,
as gerações de há muito tempo.
Não foi você que cortou Rahab em pedaços,
que atravessou o dragão?
10 Não foi você que secou o mar,
as águas do grande abismo;
Isso fez as profundezas do mar uma maneira
para os redimidos passarem?
11 E os resgatados do SENHOR voltarão,
e vem a Zion com cantar;
a alegria eterna estará sobre suas cabeças;
eles devem obter alegria e alegria,
E a tristeza e o suspirar fugirão.
12 Eu, eu sou aquele que o conforta;
quem é você que tem medo do homem que morre,
do filho do homem que é feito como grama,
13 e esqueci o SENHOR , seu Criador,
que esticou os céus
e lançou os alicerces da terra,
e medo continuamente durante todo o dia
por causa da fúria do opressor,
quando ele se prepara para destruir?
E onde é a fúria do opressor?
14 Aquele que é curado deve ser liberado rapidamente;
ele não deve morrer e ir até o poço,
nem o seu pão falhará.
15 Pois eu sou o Senhor, seu Deus,
que agita o mar de modo que suas ondas rugem -
O Senhor dos anfitriões é o nome dele.
16 E coloquei minhas palavras na sua boca,
e escondeu você na sombra da minha mão,
esticando os céus
e lançando os alicerces da terra,
e dizendo a Sião: 'Você é meu povo' ".

Em vv. 9-11, o profeta assume o papel de intercessor (ver 63: 7-64: 12) e invoca o Senhor para manifestar o seu poder em nome de Israel, como fez aos dias de idade. Uma característica desta seção e das seções sucessivas é a repetição enfática de palavras-chave no início de novas estrofes (ver 51: 9 , 12 , 17 ; 52: 1 , 11).

O profeta aborda seu apelo ao braço do Senhor, que é um exemplo da objetivação do poder do Senhor de salvar (ver v. 5 ; 40:10 ; 52:10 ; 53: 1 ; 59:16 ; 62: 8 ; 63: 5 , 12). Em vez disso, ele é usado por um guerreiro que arma a armadura (ver 1 Sam. 17: 5 , 38 ; Isaías 59:17 ; Jeremias 46: 4), de modo que a imagem sugerida pelo braço do Senhor se colocando A força é a de "um antebraço pesadamente manchado brandindo uma espada" (Norte).

Do ponto de vista do profeta, as duas ocasiões no passado, quando o poder de Deus foi exibido de forma mais dramática, foram a criação e o Êxodo. A terminologia com a qual ele alude à criação é emprestada do antigo mito cosmológico em que a criação tem seu começo com a matança da deidade do monstro do caos. Na versão babilônica do mito, o deus Marduk mata Tiamat, o dragão e, das duas partes cortadas de seu corpo, cria os céus e a terra. A contrapartida do Antigo Testamento para Tiamat é conhecida como "a serpente" (ver Jó 26:13 , Isaías 27: 1), "o dragão" (Isaías 27: 1), "Leviatã" (ver Salmo 74:14 ; Isaías 27: 1), e "Rahab" (ver Jó 9:13 ;26:12 ; Salmo 89:10). O último nome também é aplicado duas vezes simbolicamente ao Egito (ver Salmos 87: 4 , Isaías 30: 7).

O segundo uso da terminologia de Isaías a partir de um mito antigo não significa que ele o aprova. Ele, em vez disso, está se apropriando do seu idioma por razões polêmicas. Para dizer que Yahweh cortou Rahab em pedaços e perdeu o dragão (v. 9b) significa que ele, e não Marduk, é o criador dos céus e da terra.

A primeira metade do v. 10 poderia se aplicar igualmente bem à criação (Gênesis 1: 2 , Salmos 104: 6-9 , Prov. 8: 27-29) ou ao Êxodo (ver Ex. 14:21)); A segunda metade, por outro lado, se refere exclusivamente ao Êxodo. Os temas da criação e da redenção são assim reunidos de uma maneira completamente característica do Segundo Isaías, que muitas vezes fala de Deus como Criador e Redentor (ver 43: 1 , 14-15 ; 44: 2 , 24 ; 54: 5). Não só ele vê uma relação entre criação e redenção no passado, mas também acredita que a futura redenção de Israel resultará em uma nova criação (ver 41: 17-20 ; 51: 3 ; 55: 12-13 ; 65: 17-25). Seu conceito de história de salvação, portanto, poderia ser representado pelo seguinte diagrama: Criação ← Êxodo do Egito ← Exílio → Êxodo da Babilônia → Nova Criação. Por seu ponto de vista no exílio, portanto, ele olha para trás para a primeira criação e o primeiro êxodo, e para o novo êxodo e a nova criação.

O versículo 11 é de caráter hímico (ver v. 3), e é quase uma palavra a palavra repetição de 35:10 . Os hinos desta natureza foram muitas vezes transmitidos em forma oral, o que talvez explique por que este foi incluído duas vezes entre os oráculos do Segundo Isaías. Em ambas as ocorrências é precedida de uma referência ao caminho preparado pelo Senhor para os seus redimidos (ver 35: 8-9 ; 51:10).

Existe uma profundidade de ternura na resposta do Senhor à oração de intercessão do profeta. Sua repetição do pronome pessoal I (v. 12) tem o efeito de atrair a atenção de Israel para longe da ameaça momentânea representada por seus opressores e enfocá-lo

sobre ele e a salvação que ele oferece tão generosamente para o seu povo. Aqui, como em outros lugares do Segundo Isaías, consolar significa muito mais do que simplesmente consolar outro em seus problemas: ele significa, em vez disso, livrar um dos seus problemas.

É dito a Israel que não tenha medo de seus opressores, isto é, os babilônios, que são, afinal, meros homens, feitos como capim e destinados a morrer (v. 12b , cf. 40: 6-8 , Salmos 8: 4). O aviso é aquele que ela precisa ouvir, pois seu medo dos homens a fez esquecer o Senhor seu Criador (v. 13). Apesar de sua falta de fé, no entanto, ela prometeu que seu povo em breve será salvo da escravidão, da morte e da fome (v. 14 , ver v. 23). Esta promessa é feita sob a autoridade do Senhor dos exércitos, o Criador do universo e o Deus da Aliança (Israel, v. 15-16).

(3) A Taça da Ira de Deus (51: 17-23)

17 Desperte-se, desperte-se,
Levante-se, ó Jerusalém,
você que bebeu na mão do SENHOR
o copo de sua ira,
que beberam para a escória
a tigela de escalonamento.
18 Não há para guiá-la
entre todos os filhos que ela suportou;
não há ninguém para levá-la pela mão
entre todos os filhos que ela criou.
19 Essas duas coisas lhe aconteceram -
quem condole com você?
devastação e destruição, fome e espada;
quem irá consolar você?
20 Seus filhos se desmaiaram,
eles ficam à frente de todas as ruas
como um antílope em uma rede;
estão cheios da ira do SENHOR ,
a repreensão de seu Deus.
21 Portanto, ouça isso, vocês que estão aflitos,
que estão bêbados, mas não com vinho:
22 Assim diz o Senhor, Senhor,
seu Deus que implora a causa de seu povo:
"Eis que tirei da sua mão
o copo de assombração;
a tigela da minha ira
você não deve beber mais;

[23] e vou colocá-lo na mão de seus atormentadores,
que te disse,
"Incline-se para que possamos passar";
e você fez suas costas como o chão
e como a rua para que eles passem. "

A seção anterior começou com o apelo urgente do profeta ao Senhor para despertar e manifestar seu poder em nome de Israel como em dias de idade (v. 9 , cf. 64: 1-4). No v. 17, o profeta se volta para Jerusalém com um apelo igualmente urgente que ela se desperta (um imperativo reflexivo) em antecipação ao seu dia de libertação (ver 52: 1 , Romanos 13:11).

O apelo do profeta é seguido pela descrição mais chata do estado desolado de Jerusalém que se encontra no segundo Isaías (ver v. 17-20). Existe uma estreita semelhança entre o pensamento desta seção - especialmente de vv. 17-19 - e a de 40: 1-2 . Em ambos os casos, o sofrimento de Jerusalém é atribuído não ao acaso casual ou ao acaso, mas à mão do Senhor. Ambas as passagens também expressam a ideia de que a cidade foi punida em duas medidas por todos os seus pecados. Finalmente, ambas as passagens ensinam que o conforto de Jerusalém virá somente do Senhor.

A cidade é retratada como uma mulher surpreendente em um estupor bêbado. Na mão dela segura um copo vazio, chamou a taça de sua ira **e** a tigela de tamborilamento (v. 17b). Está vazio porque ela drenou-o "para a escória". Enquanto ela rola e cambaleia, nenhum de seus filhos a leva pela mão para estabilizá-la ou para guiá-la (v. 18). A razão pela qual eles não fazem isso é que eles também são bebidos com a ira do Senhor; Eles se desmaiaram e ficaram desamparados nas ruas, como antilopes selvagens apanhados em uma rede (v. 20). Seria difícil imaginar uma cena mais deprimente do que isso.

O restante da passagem, no entanto, consiste em um glorioso oráculo de salvação (v. 21-23). O Senhor anuncia à cidade bêbada que ele tirou da mão o copo de assombração e que não beberá mais da taça da minha ira (observe a ordem inversa das duas frases). Em vez disso, ele colocará o cálice de sua ira nas mãos de seus atormentadores, que abusaram dela e a trataram com tanto desprezo. Como se lê na versão 23 , ele pode sentir a indignação do Senhor sobre a maneira pela qual os altivos Babylonians degradaram seu povo (cf. 47: 6). Sua indignação sempre se manifesta quando os fortes obtêm vantagem injusta dos fracos. A verdade nesta passagem é relevante para as "grandes potências" de nossos dias.

(4) Reduzido sem dinheiro (52: 1-6)

[1] Desperto, acordado,
Coloque suas forças, ó Zion;
coloque suas roupas bonitas,
Ó Jerusalém, a cidade santa;
porque não mais haverá mais em você
o incircunciso e o impuro.

[2] Agite-se do pó, levante-se,
Ó cativo Jerusalém;
solte os laços do seu pescoço
Ó filha cativa de Zion.
[3] Pois assim diz o SENHOR : "Vocês foram vendidos por nada, e vocês serão redimidos sem dinheiro. [4] Pois assim diz o SENHOR Deus: O meu povo desceu primeiro no Egito para residir ali, e os assírios os oprimiram por nada. [5] Agora, pois, o que eu tenho aqui, diz o SENHOR , vendo que meu povo é tirado por nada? Os seus governantes lamentam, diz o SENHOR , e continuamente todo o dia, meu nome é desprezado. [6] Portanto, o meu povo conhecerá o meu nome; portanto, naquele dia, saberão que eu sou eu que falo; aqui estou."

Os versículos 1-2 contêm uma série de imperativos dirigidos a Zion: acordado, acordado (ver 51: 9 , 17); Coloque suas forças (ver 51: 9); coloque suas roupas bonitas (ver Apocalipse 21: 2); sacode-se da poeira (ver 51:23); surgir (ver 60: 1); solte os laços do seu pescoço. Muitos intérpretes apontaram que esses comandos contrastam fortemente com os falados à Babilônia em 47: 1-2 . O profeta, portanto, é um momento em que os papéis das duas cidades serão completamente revertidos: a Babilônia será abatida, e Zion será exaltado.

Jerusalém é abordada na v. 1 **como** a cidade sagrada, um título que raramente é usado dela (ver Neh. 11: 1 , 18 ; Isaías 48: 2 ; Dan. 9:24 ; Mateus 4: 5 ; 27:53 ; Apocalipse 11: 2 ; 21: 2 , 10 ; 22:19). Porque ela é santa ou, pelo menos, destinada a ser assim, os incircuncisos e os impuros não serão autorizados a entrar em seus portões (Gênesis 17:14 ; Êxodo 12:48 ; Ez. 44: 9 ; Apocalipse 21:27). Isso aparentemente se refere à exclusão de estrangeiros não circuncidados da adoração de Javé, embora também inclua israelitas apóstatas.

Os versículos 3-6 , que o RSV faz como prosa, são considerados por muitos como uma adição posterior aos oráculos do Segundo Isaías. A evidência não parece justificar tal conclusão, no entanto, especialmente porque muitos dos temas e expressões que são características do profeta são encontrados aqui. Estes incluem a afirmação de que a redenção de Israel será sem dinheiro (ver 45:13 ; 55: 1), a comparação do exílio babilônico com períodos anteriores de cativeiro na história de Israel, a descrição de Deus como agindo por preocupação com seu nome (42: 8 ; 48:11), e o anúncio da presença salvadora de Deus com o seu povo (v. 6 , cf. 40: 9 ; 58: 9 ;65: 1). Não há, portanto, razão som para negar esses versículos ao Segundo Isaías.

No v. 5, Deus é descrito como exclamando: O que eu tenho aqui? Esta é a sua reação ao estado deplorável em que ele encontra seu povo. É uma situação que exige sua intervenção, pois em sua humilhação contínua seu próprio nome é desprezado. Logo, isso será revertido, pois, na gloriosa idade a seguir, aqui referida pela única ocorrência no Segundo Isaías da frase naquele dia, o nome de Javé será novamente revelado ao seu povo em toda a sua majestade e santidade (v. 6 , ver Ex. 3: 13-15). Smart escreveu (p. 190): "Um Israel que conhece o nome de Deus e responde quando ele diz:" Eis-me "é um Israel em aliança com Deus e assegurado de libertação".

(5) A Boa Noticia do Reino de Deus (52: 7-10)

7 Quão bonito nas montanhas
são os pés dele que traz boas novas,
que publica a paz, que traz boas novas do bem,
que publica a salvação,
que diz a Sião: "Seu Deus reina".
8 Pegue, seus observadores levantam a voz,
juntos cantam de alegria;
Por olho a olho, eles vêem
O retorno do Senhor a Sião.
9 Rompe juntos para cantar,
você desperdiça lugares de Jerusalém;
porque o SENHOR consolou seu povo,
Ele redimiu Jerusalém.
10 O Senhor descobriu seu sagrado braço
diante dos olhos de todas as nações;
e todas as extremidades da terra devem ver
a salvação de nosso Deus.

A forma deste oráculo é a da música do vigia (cf. 21: 11-12 ; 62: 6-7 ; Hab. 2: 1-3). Em linguagem inesquecível, descreve a alegria que preenche Jerusalém quando lhe dizem que Javé está retornando para estabelecer seu domínio sobre ela. Não é por acaso que as palavras desses versículos foram tão freqüentes para a música. Eles constituem um grande final que exige uma orquestração completa. Certamente eles deveriam ser cantados!

Em sua imaginação, o profeta vê um corredor que atravessa as colinas em direção a Jerusalém, proclamando as boas novas de paz e salvação (v. 7 , cf. Rom. 10:15). Quando ele se aproxima da cidade, ele clama, seu Deus reina! Os observadores estacionados nas paredes captam o som de suas palavras e levantam suas vozes na música. Diante dos seus próprios olhos, eles vêem o Senhor voltando a habitar em Sião (v. 8 , cf. Eze. 43: 1-5).

Assim que os vigias começam a cantar, eles são acompanhados por toda a cidade, aqui designada como o lixo de Jerusalém (v. 9). Por fim, o Senhor consolou e redimiu o seu povo. A oração de 51: 9 já foi respondida, **porque** o Senhor fez seu braço santo diante dos olhos de todas as nações, e todos os confins da terra verão a salvação que foi providenciada para Israel (v. 10). Quão belos, de fato, são os pés daqueles que carregam tais novidades como estas!

Quando o profeta falou estas palavras, havia tanto na situação contemporânea que parecia contradizê-las. Como alguém pode acreditar que Deus reinou quando Jerusalém ainda estava sob o calcanhar do opressor? Os homens de todas as épocas enfrentaram o mesmo problema: como alguém pode acreditar que Deus é rei quando o mal parece ser

entronizado em todas as mãos? O profeta descobriu a resposta da fé a estas perguntas: Seu Deus reina! Ele acreditava que Deus estava firmemente no controle da história, independentemente do quanto as circunstâncias em qualquer momento parecem contradizer isso. Sua música, portanto, foi um louvor ao Senhor da história, uma canção cantada em antecipação à gloriosa realidade que conhecemos como reino de Deus.

(6) Proclamação de Emancipação de Sião (52: 11-12)

> *11 Partida, parte, saia daí,*
> *não toque nada imundo;*
> *saia do meio dela, purifique-se,*
> *vocês que carregam os vasos do SENHOR .*
> *12 Pois não sairás com pressa,*
> *e você não deve fugir,*
> *pois o Senhor irá antes de você,*
> *e o deus de Israel será sua retaguarda.*

Os exilados judeus são convocados para se afastarem da Babilônia (ver 48: 20-22 ; 55: 12-13). A entrega da convocação implica que a cidade já caiu para Cyrus, ou então está à beira de fazê-lo. A urgência com que o profeta fala sugere que alguns de seus ouvintes são menos entusiasmados com o retorno a Jerusalém. Tendo seguido o conselho anterior de Jeremias (ver Jeremias 29: 1-7), derrubaram raízes na terra do seu cativeiro. Eles hesitam, portanto, para trocar sua segurança atual por um futuro incerto (ver Ex. 16: 2-3 ; Num. 14: 2-4).

Aqueles que carregam os vasos do Senhor são ordenados a purificar-se em preparação para a jornada do lar. A maioria dos intérpretes assume que estes são os sacerdotes a quem se confiará a responsabilidade de devolver os vasos do Templo a Jerusalém (2 Cron. 36: 7 , 10 , 18-19 ; Dan. 1: 2 ; 5: 2-3 ; Ezra 1: 7-11). Eles devem ser ritualmente limpos para não contaminar os navios sagrados que lhes são confiados.

Aqueles que participam do êxodo da Babilônia não sairão com pressa como os seus antepassados fizeram com o Egito (v. 12 , ver Ex, 12:11 , 33 , 37-39). Eles atravessarão o deserto de forma pacífica e segura, pois Deus irá diante deles e também será sua retaguarda. Por isso, não serão prejudicados, mas todos serão conduzidos com segurança à dobra da cidade sagrada (cf. 40: 10-11).

4. O Trabalho e Triunfo do Servo (52: 13-53: 12)

A Quarta Canção do Servo foi descrita de forma variada como "o poema mais influente em qualquer literatura", "o pico mais alto da revelação do Antigo Testamento" e "o coração do Antigo Testamento". Se, por algum motivo, a canção inteira desaparecesse o livro de Isaías, poderia ser quase completamente reconstruído a partir das citações emprestadas pelos escritores do Novo Testamento. Dos 12 versos no capítulo 53, por exemplo, há apenas um que não reaparece, no todo ou em parte, em algum lugar do Novo Testamento. Citações do capítulo são encontradas nos quatro Evangelhos e em Atos, Romanos, Filipenses, Hebreus e 1 Pedro. O grande uso da passagem por esses escritores do Novo Testamento mostra que eles consideraram vital para a compreensão

do evangelho. Sem isso, como o Norte sugeriu, o problema do Messias crucificado poderia ter permanecido para eles um enigma desconcertante (cf. Atos 8: 26-35).

Nas três primeiras Canções Servas (42: 1-4 ; 49: 1-6 ; 50: 4-9), é difícil determinar se o servo é a própria nação ou um indivíduo dentro da nação. Na quarta música, no entanto, ele é inequivocamente um indivíduo, ministrando a nação, mas distinto disso. O apoio mais forte para a interpretação individual é a afirmação de que o servo sofre por nenhuma culpa própria (ver 53: 8-9), uma declaração que o profeta não poderia ter feito em relação à nação sem, ao mesmo tempo, contrariar o que ele tinha afirmado com tanta força em outros lugares, a saber, que o exílio era o castigo merecido pelos pecados de Israel (40: 2 ; 42: 22-25 ; 43: 22-24; 47: 6 ; 48: 8).

O caráter básico da quarta canção do Servidor é muitas vezes obscurecido pelos títulos que lhe são ditos, sendo o mais freqüente o "Servo do Sofrimento" e o "Homem das Dores". No entanto, a principal preocupação do autor não é com o sofrimento do servo, mas com seu incrível triunfo sobre o sofrimento. Todas as referências ao seu sofrimento, portanto, devem ser traduzidas no passado: "Ele *foi* desprezado e rejeitado" (53: 3); "Ele *foi* ferido por nossas transgressões" (53: 5); Ele *foi* cortado da terra dos vivos "(53: 8). Por outro lado, os verbos que falam de seu triunfo e glória estão a ser traduzido no tempo futuro: “Eis o meu servo *deve* prosperar” (52:13); “Ele *deve* ver sua prole, ele *deve* prolongará os seus dias” (53:10); “Ele *deve* repartir o despojo com os fortes” (53:12). Um título mais apropriado para a música, portanto, seria "O trabalho e o triunfo do servo" ou "A canção da vitória do servo".

Uma das contribuições duradouras da música é a luz que lança sobre o problema do sofrimento. Paterson fala de três níveis discerníveis na compreensão do sofrimento durante o período do Antigo Testamento. O primeiro nível é representado pelos amigos de Jó, que assumem que *todos os sofredores são pecadores.* O próximo nível é alcançado quando as experiências de homens como Jeremias demonstram que *alguns sofredores são santos.* Finalmente, no quarto Servant Song, revela-se que *alguns sofredores são salvadores.* Para além deste nível de compreensão, era impossível ir até chegar alguém que era filho de Deus e servo sofredor.

(1) Da Humilhação à Exaltação (52: 13-15)

13 Eis que meu servo prosperará,
ele será exaltado e levantado,
e deve ser muito alto.
14 Quantos ficaram atônitos com ele -
Sua aparência estava tão marcada, além da aparência humana,
e a sua forma além da dos filhos dos homens -
15 assim ele assustará muitas nações;
Os reis devem fechar a boca por causa dele;
para o que não foi dito a eles, eles verão,
e o que eles não ouviram entenderão.

Esses versos dão uma declaração resumida do aumento do servo da humilhação para o renome mundial. Westermann chamou a atenção para as palavras idênticas que ficam no início do versículo 13 - Eis meu servo - e no início da primeira Canção do Servo em 42: 1-4 , que ele interpreta como evidência de que as duas músicas pertencem juntas, a primeiro indicando a origem da figura do servo e o segundo o culminar de seu trabalho.

O versículo 14 , com a descrição da humilhação inicial do servo, corresponde a 53: 1-9 ; enquanto o v. 15 , que retrata uma inversão dramática na fortuna do servo, encontra seu paralelo em 53: 10-12 . Os versículos 14-15 enfatizam o contraste entre *muitos* e *um,* um contraste que se continua durante toda a música (ver 53: 4-6 , 11-12).

O versículo 14 sugere que o servo tornou-se tão desfigurado através do sofrimento que ele mal parece ser humano. Por esta razão, os homens estão maravilhados com ele, o que significa que o consideram com uma mistura de surpresa, desprezo e aversão (ver 53: 2-3).

O KJV torna a cláusula inicial na v. 15 : "Então ele polvilhe muitas nações". O verbo polvilhado é freqüentemente usado no Antigo Testamento para descrever um ritual purificatório realizado por um sacerdote (Lv 4: 6 ; 8: 11 ; 14: 7 ; Números 8: 7 ; etc.). Uma possível interpretação da cláusula, portanto, é que o servo polvilhe muitas nações como um símbolo de sua purificação do pecado.

Uma representação alternativa da cláusula aparece no RSV: "assim ele deve assustar muitas nações". Esta leitura tem o apoio das principais versões grega e latina, e é preferida pela maioria dos intérpretes modernos. O significado, de acordo com esta leitura, é que as nações se assustarão quando verem os criados se elevarem repentinamente da ignomínia à fama.

(2) O começo improvável do servo (53: 1-3)

> [1] *Quem acreditou no que ouvimos?*
> *E a quem o braço do Senhor foi revelado?*
> [2] *Pois ele cresceu antes dele como uma planta jovem,*
> *e como uma raiz de chão seco;*
> *ele não tinha nenhuma forma ou beleza que devíamos olhar para ele,*
> *e nenhuma beleza que devemos desejar.*
> [3] *Ele foi desprezado e rejeitado pelos homens;*
> *um homem de tristeza, e familiarizado com o sofrimento;*
> *e como alguém de quem os homens escondem seus rostos*
> *Ele foi desprezado, e nós o estimamos não.*

Aqueles que identificam o servo como Israel consideram vv. 1-9 , com seu uso proeminente de pronomes de primeira pessoa, como uma confissão das nações, articulada por seus reis (ver 52:15) e projetada para expressar seu espanto ao descobrir o verdadeiro significado do sofrimento do servo. Os que preferem uma interpretação individual, por outro lado, consideram os versículos como uma confissão do profeta e

de seus compatriotas sobre a maravilhosa transformação que assistiram na vida de quem cresceu no meio deles.

Quase todos os infortúnios possíveis são atribuídos ao servo nestes versos. Ele cresce em um ambiente hostil, como uma raiz seca. Ele é tão pouco impressionante e pouco atraente que os homens são repelidos ao vê-lo. Ele está exposto ao desprezo, rejeição, tristeza, tristeza e amargura da solidão. Nas palavras de Westermann, ele é "um homem sem uma benção". Como é incrível que aquele que teve um começo tão improvável deve realizar uma missão tão gloriosa!

(3) O sofrimento vicário do servo (53: 4-6)

4 Certamente ele suportou nossas ofensas
e carregou nossas dores;
ainda o estimamos atingido,
ferido por Deus e afligido.
5 Mas ele foi ferido por nossas transgressões,
Ele estava ferido por nossas iniqüidades;
sobre ele foi o castigo que nos fez todo,
e com suas listras estamos curados.
6 Todos nós gostamos de ovelhas se desviaram;
Nós dirigimos cada um ao seu próprio caminho;
e o Senhor colocou-o
a iniqüidade de todos nós.

No v. 4, os falantes descrevem sua reação inicial ao sofrimento do servo, uma reação que agora reconhecem ser totalmente imprecisa. Eles supuseram que ele estava sendo ferido por Deus por algum crime indescritível que cometeu. Sua confissão revela assim que eles compartilhavam a suposição comum de que todo sofrimento era o resultado direto do pecado. O que aconteceu depois disso para mudar suas mentes não é afirmado, mas deve ter sido uma experiência importante. O resultado é que eles agora reconhecem que os sofrimentos do servo não são uma conseqüência de seus próprios pecados, mas do deles.

O versículo 6 é mais significativo quando lido no hebraico original, onde começa e termina com a mesma palavra, *kullanu* , que significa "todos nós". O versículo contém uma descrição tripla do pecado: é universal e inescapável; separa e dispersa; e é essencialmente voluntário. A idéia de substituição também vem à tona na confissão do falante de que o Senhor fez com que a iniqüidade fosse posta sobre o servo.

(4) A morte sacrificial do servo (53: 7-9)

7 Ele estava oprimido, e ele estava aflito,
ainda não abriu a boca;
como um cordeiro que é levado ao abate,

e como uma ovelha que, antes de seus tosquiadores, é burra,
então ele não abriu a boca dele.
8 Por opressão e julgamento ele foi levado;
e quanto à sua geração, que considerou
que ele foi cortado da terra dos vivos,
atingido pela transgressão do meu povo?
9 E fizeram o túmulo com os ímpios
e com um homem rico em sua morte,
embora ele não tivesse feito violência,
e não havia engano na boca dele.

O sofrimento do servo leva eventualmente a sua morte, que é descrito aqui em termos de sacrifício. No entanto, existe uma diferença profunda entre esse sacrifício e os mencionados na legislação sacerdotal. É um sacrifício oferecido fora do Templo, e a vítima é um homem irrepreensível e não um animal sem defeito. Além disso, é um sacrifício que faz todos os outros sacrifícios desnecessários.

Rowley escreveu esse capítulo

reúne a Lei e os Profetas. A morte do servo é descrita em termos de sacrifício. Não é apenas o uso da palavra 'ashamIsso mostra isso. Todo o pensamento do capítulo é sacrificado, e é a passagem mais profunda e de grande alcance sobre os sacrifícios encontrados no Antigo Testamento. Este sacrifício não é oferecido por um sacerdote no Templo, e é mencionado nos Profetas e não na Lei. É o sacrifício de um homem sem culpa se é pensado como um indivíduo ou como um símbolo da comunidade em vez de um animal sem defeito. É um sacrifício de maior validade do que qualquer outro mencionado na Lei. Os sacrifícios oferecidos para indivíduos ou para Israel são mencionados; mas aqui está um sacrifício que os gentios são representados como reconhecendo ter sido por eles. Não é, portanto, surpreendente que a Igreja que julgou os conceitos do Servo encontrar a suprema realização em Cristo, que expressou sua missão em si mesmo e o levou a um ponto que nenhum outro deveria alcançar não deveria sentir necessidade de mais sacrifício para os cristãos, mesmo antes do templo ser destruído. Pois aqui havia um sacrifício que tomou em si mesmo o sacrifício do Antigo Testamento em seu ponto mais alto, e que cumpriu uma promessa e uma esperança que o Antigo Testamento ofereceu.

Isso não significa, no entanto, que o sacrifício do servo funciona automaticamente para proporcionar expiação. Ele realiza isso apenas para aqueles que o tornam o veículo de sua aproximação a Deus. Somente aqueles que, através da fé e do arrependimento, fazem seu próprio sacrifício e confessam que ele foi ferido por suas transgressões e feridos por suas iniqüidades, recebem perdão.

Um contraste deliberado *é* desenhado entre um e muitos em vv. 6 e 7: tudo que gostamos de ovelhas se desviou, e ele gosta de uma ovelha foi sacrificada por todos nós. E, ao contrário de outras vítimas, levou ao abate, ele não abriu a boca. Nenhuma palavra de acusação ou de auto-piedade caiu de seus lábios. Nas palavras familiares do espiritual, "Ele nunca disse uma palavra mumblin". Essa afirmação é suficiente para excluir Israel da consideração como servo, pois em seu tempo de sofrimento reclamou tanto em voz alta quanto amargamente (ver 40:27). ; 49:14).

A morte e o enterro do servo são descritos em vv. 8-9 . Para ser levado (ver v. 8) significa ser forçosamente removido de um lugar para outro, aqui da terra dos vivos para o lugar dos mortos (Gênesis 5:24 ; 2 Reis 2: 3 ; Prov. 24:11). O texto não deixa claro se ele morreu de alguma doença pavorosa, foi morto por uma multidão, ou foi executado após um julgamento falso. Em qualquer caso, ele morreu a morte de um pecador e foi enterrado com os ímpios. A presença de pecado na situação, portanto, é indiscutível; O que não foi claro antes disto é que o único sofrimento não é ele mesmo o pecador, mas está com as conseqüências dos pecados dos outros. O paralelismo da v. 9sugere que os ímpios devem ser equiparados aos ricos (Provérbios 11:16 ; Jeremias 17:11 ; Mic. 6:12 ; Mateus 19:23 ; Lucas 6:24 ; 16: 19-26). O versículo termina com uma forte afirmação da inocência do servo.

(5) O triunfo final do servo (53: 10-12)

> *10 No entanto, foi a vontade do Senhor machucá-lo;*
> *ele o colocou no sofrimento;*
> *quando se faz oferta de pecado,*
> *Ele verá a sua prole, prolongará os seus dias;*
> *a vontade do Senhor prosperará na sua mão;*
> *11 ele verá o fruto do trabalho de sua alma e ficará satisfeito;*
> *pelo seu conhecimento, o justo, meu servo,*
> *faça com que muitos sejam considerados justos;*
> *e ele suportará suas iniqüidades.*
> *12 Portanto, eu dividirei-lhe uma porção com o grande,*
> *e ele dividirá o despojo com os fortes;*
> *porque ele derramou sua alma até a morte,*
> *e foi contado com os transgressores;*
> *ainda assim ele suportou o pecado de muitos,*
> *e intercedeu pelos transgressores.*

A verdade revolucionária anunciada nestes versículos é que a vindicação do servo vem depois da morte dele. Um grande milagre ocorre, portanto, pois, depois de sua morte e enterro, ele pode ver sua prole, prolongar seus dias e testemunhar a conclusão bem sucedida de sua missão. Se a passagem implica que a sua ressurreição dos mortos não é clara, mas não há dúvida de que retrata seu ministério como um clímax além do túmulo. Sua morte, portanto, não é sua derrota, mas sua conquista mais nobre e os meios pelos quais muitos são reconciliados com Deus.

Para dizer que foi a vontade do Senhor machucar o servo (v. 10) significa que os acontecimentos que levaram a sua morte eram parte do plano divino para conquistar o pecado. O Senhor permitiu que ele sofresse, portanto, não por raiva contra ele, mas por amor para com o pecador.

O versículo 10 , conforme o RSV, parece ensinar que o triunfo do servo dependerá de sua oferta de si mesmo como um sacrifício de pecado. A Bíblia de Jerusalém reflete uma interpretação semelhante: "Se ele oferece sua vida em expiação", etc. Essas e outras traduções similares são baseadas na Vulgata, enquanto uma interpretação literal do hebraico lê: "Quando (ou, se) você fizer Sua alma é oferta de pecado ", etc." Sua alma ", obviamente, significa o próprio servo. De acordo com o hebraico, portanto, é o adorador que deve se apropriar do sacrifício do servo e torná-lo o meio de sua própria abordagem para Deus.

Uma vez que isso tenha sido feito, alguns resultados seguirão. O servo verá sua prole (semente) e prolongará seus dias. A "semente" talvez possa ser entendida não como seu físico, mas como seus descendentes espirituais. Através destes, seu poder e influência serão estendidos após sua morte.

A vontade do Senhor, isto é, seu propósito eterno, prosperará, isto é, se concretizará em sua mão. O tema da vontade ou propósito do Senhor é encontrado ao longo destes capítulos: é seu propósito magnificar a lei e torná-la gloriosa (42:21); Ciro é enviado para cumprir seu propósito (44:28); Seu propósito é realizado através da sua palavra (55:11). Acima de tudo, no entanto, é através do servo que o propósito divino é finalmente cumprido.

O Norte sugeriu que a primeira cláusula no v. 11 seja processada: "Depois do trabalho de sua alma, ele verá a luz (e) será plenamente satisfeito pelo seu conhecimento" (*O Segundo Isaías,* p.223). A inserção da palavra "luz" é suportada pela Septuaginta e por ambos os Scrolls do Mar Morto de Isaiah. Esta renderização não só tem o suporte de manuscritos antigos, mas também se adequa melhor ao contexto do que o RSV.

A frase por seu conhecimento não deve ser interpretada como um genitivo objetivo, "pelo conhecimento dele", como se os pecadores recebessem a justificação pelo conhecimento do servo. O significado, sim, é que através do conhecimento (experiência) que ele tem ganhou o servo é capaz de fazer com que muitos sejam considerados justos. É o conhecimento dele que afeta a mudança. O Norte não hesita em falar de sua atividade redentora como vindo depois de sua ressurreição.

O verso 12 descreve a distribuição dos despojos da vitória após a conquista da batalha. Muilenburg sugeriu que a expressão com o grande (*barabhim*) deveria ser interpretada como o objeto direto do verbo, permitindo assim renderizar a cláusula de abertura: "Portanto, eu lhe reparto o grande como recompensa, etc." Isso evita a conotação de que o servo é apenas um entre muitos que compartilham os despojos da vitória.

A quarta canção do servo chega ao clímax sobre a nota do ministério contínuo de intercessão do servo em favor dos transgressores. O que significa interceder em nome de outro? A Septuaginta lê: "e ele foi entregue por causa de suas iniqüidades". O verbo hebraico é *paga'* , (para encontrar, encontrar) e a forma causadora, usada aqui, significa

interpor ou intervir. O mesmo verbo ocorre no v. 6 , onde é representado: "e o Senhor colocou sobre ele a iniqüidade de todos nós". O hebraico, portanto, não significa simplesmente rezar pelos transgressores - um conceito que se originou com a Vulgata , que lê *rogavit*- mas sim colocar-se no lugar dos transgressores e absorver o impacto total da punição que lhes é devida. Interceder, portanto, significa intervir entre um homem e as conseqüências de seu pecado (ver 59:16). A missão do servo fornece o exemplo mais nobre do Antigo Testamento de quem exerceu tal ministério de intercessão. Só foi substituído quando as Canções do Servo foram transpostas para uma chave superior e encontraram a sua realização em Jesus de Nazaré.

Assim como o servo foi contado com transgressores antes de poder interceder por eles, mesmo assim nossa própria oração de intercessão deve incluir uma atitude mais benevolente em relação aos necessitados. A verdadeira intercessão é sempre mais do que a oração, embora inclua a oração. Realmente envolve um modo de vida, pois não se pode oferecer oração de intercessão a menos que ele esteja vivendo uma vida de intercessão. Não é possível dirigir-se a Deus em nome dos necessitados, a menos que ele esteja disposto a se envolver em sua situação, a compartilhar suas quebras e sofrer feridos. Caso contrário, essa oração se torna uma farsa e uma zombaria. Talvez isso explique por que a igreja tão raramente se envolve na oração de intercessão. Esse tipo de oração é terrivelmente dispendioso.

5. O Cântico dos Redimidos (54: 1-17)

A nota de sofrimento, tão proeminente na passagem anterior, está totalmente ausente deste capítulo, que descreve o magnífico esplendor da nova era que está prestes a amanhecer. É uma música agradável, como se Israel tivesse emergido da escuridão do desespero para a luz deslumbrante de um novo dia.

(1) O alargamento de Sião (54: 1-3)

1 "Cante, ó estéril, que não suportou;
surgir em cantar e chorar em voz alta,
você que não esteve em trabalho de parto!
Para os filhos do desolado será mais
do que os filhos dela, que é casada, diz o Senhor.
2 Amplie o local da sua barraca,
e deixe as cortinas de suas habitações serem esticadas;
não segure novamente, alongue seus cabos
e fortalecer suas apostas.
3 Pois você se espalhará para a direita e para a esquerda,
e seus descendentes possuirão as nações
e as pessoas as cidades desoladas.

A descrição vívida da cidade desolada de repente confrontada com o problema da superpopulação forma um paralelo próximo a 49: 14-21 . Sion é convidado a irromper para cantar, pois embora ela seja atualmente uma esposa estéril (v. 1 , ver vv. 5-6), ela

logo se tornará a mãe de muitos filhos. Para que haja espaço para abrigar estes, é-lhe dito para ampliar a sua barraca e alongar as cordas e fortalecer as estacas que o mantêm na posição vertical. Sua população transbordante se espalhará para a direita e para a esquerda, tomando posse das nações e enchendo suas cidades desoladas.

(2) A reconciliação de deus a deus (54: 4-8)

> *4 "Não temas, pois não se envergonharão;*
> *não se confunda, pois você não ficará envergonhado;*
> *pois você esquecerá a vergonha da sua juventude,*
> *e a censura da sua viuvez você não se lembrará mais.*
> *5 Para o seu Criador é o seu marido,*
> *O Senhor dos anfitriões é o nome dele;*
> *e o Santo de Israel é seu Redentor,*
> *O Deus de toda a terra, ele é chamado.*
> *6 Porque o Senhor te chamou*
> *como uma esposa abandonada e afligida em espírito,*
> *como uma esposa de juventude quando ela é abandonada,*
> *diz o seu Deus.*
> *7 Por um breve momento, abandonei-te,*
> *Mas com grande compaixão eu vou te reunir.*
> *8 Na ira transbordante por um momento*
> *Escondi meu rosto de você,*
> *mas com amor eterno vou ter compaixão de você,*
> *diz o SENHOR , seu Redentor.*

Um título apropriado para esta seção seria "o retorno da esposa pródiga". Em uma linguagem muito reminiscável de Oséias, o profeta descreve a restauração de Israel para o favor de Deus. Não mais se lembrará da vergonha e da censura do passado, mas será reconciliada com o marido, que não é outro Criador e Redentor, o Senhor dos exércitos, o Santo de Israel, o Deus de toda a terra.

A ira momentânea de Deus é contrastada com sua grande compaixão e amor eterno (v. 7-8 , cf. 28:21 , Romanos 8:18 ; 2 Coríntios 4:17). A compaixão e o amor eterno são dois dos conceitos mais importantes no Antigo Testamento. O primeiro descreve a piedade de Deus pelos homens em sua fragilidade, miséria e fraqueza (Salmos 103: 13-14). O segundo, "amor eterno" (Heb \ *chesed*), transmite a idéia básica de firmeza ou confiabilidade, e representa a atitude adequada que cada parte de uma aliança deve manter em relação à outra. Na maioria dos casos, a Septuaginta o torna como *eleos* (misericórdia). A natureza de *chesed* Como a misericórdia talvez seja melhor ilustrada pelo exemplo do bom samaritano, que "mostrou misericórdia" ao homem que caiu entre os ladrões (cf. Lucas 10: 25-37). O amor eterno, portanto, envolve a expressão prática de utilidade para aqueles cuja única reivindicação sobre a assistência de outro é o infortúnio deles.

(3) Um Pacto eterno (54: 9-10)

9 "Porque é como os dias de Noé para mim:
como eu jurei que as águas de Noé
não deveria mais atravessar a terra,
então eu mencionei que não vou ficar com raiva de você
e não irá repreender você.
10 Para as montanhas podem partir
e as colinas serão removidas,
mas meu amor firme não se afastará de você,
e meu pacto de paz não deve ser removido,
diz o Senhor, que tem compaixão de você.

O profeta pensa que o exílio é como o dilúvio nos dias de Noé. A tradução do norte de v. 9 mostra isso com muito clareza: "Isto é para mim como os dias de Noé novamente, quando eu declaro sob juramento que as águas do dilúvio nunca mais devem varrer a terra; então, agora juro que nunca mais me irritarei com você ou te repreenderei. "A promessa de Deus de uma boa vontade eterna em relação a Israel é como um arco-íris gravado nas nuvens de tempestade do exílio.

A aliança de Deus com Noé após o dilúvio (Gênesis 9: 8-17) tem sua contrapartida na aliança de paz que ele agora propõe estabelecer com Israel (v.10 , ver 55: 3). O aspecto da aliança que recebe a maior ênfase é a sua eternidade: as montanhas podem desaparecer e as colinas serão removidas, mas a aliança de paz nunca será retirada (ver 49: 15-16 ; Salmos 46: 1-2).

(4) Zions Património da Paz e da Prosperidade (54: 11-17)

11 "O afligido, derramado de tempestade, e não consolado,
Eis que vou colocar suas pedras em antimônio,
e estabeleça suas bases com safiras.
12 Vou fazer seus pináculos de ágata,
seus portões de carbúnculos,
e toda a sua parede de pedras preciosas.
13 Todos os seus filhos serão ensinados pelo Senhor,
e grande será a prosperidade de seus filhos.
14 Na justiça, você será estabelecido;
Você estará longe da opressão, pois não temerá;
e do terror, pois não se aproximará de você.
15 Se alguém agitar conflitos,
não é de mim;
quem despertar conflitos com você
cairá por você.

[16] Eis que criei o smith
Quem sopra o fogo das brasas,
e produz uma arma para o efeito.
Também criei o ravager para destruir;
[17] nenhuma arma que seja formada contra você deve prosperar,
e você deve confundir toda língua que se levanta contra você em juízo.
Esta é a herança dos servos do SENHOR
e a sua reivindicação de mim, diz o SENHOR ".

Os termos aplicados a Israel no v. 11 são uma lembrança clara de que a sua redenção ainda está no futuro. O propósito da passagem, portanto, é dar-lhe um preview do que será viver em uma aliança de paz.

A passagem começa com uma descrição do esplendor físico da Nova Jerusalém, cujo construtor e criador é Deus (v. 11-12). Os estudiosos não determinaram a identificação positiva de todas as pedras mencionadas aqui. A visão de uma cidade cujos fundamentos, paredes e portões são construídos com pedras preciosas reaparece em Apocalipse 21: 9-27 , lembrando-nos de que o Segundo Isaías exerceu uma influência formativa sobre o pensamento escatológico do escritor de Apocalipse. Tanto o profeta do Antigo Testamento como o apocalíptico do Novo Testamento visavam o estabelecimento de uma cidade sem um templo.

Os versículos 13-17 retratam uma situação idílica em que os filhos de Sião são abençoados com prosperidade e liberdade de toda opressão e terror. A promessa de que nenhuma arma contra eles prosperará é uma reminiscência dos Salmos 91 e 121 . O Norte traduziu o versículo 14a para ler: "Vocês serão construídos sobre o fundamento da justiça". O futuro estabelecimento de Sião como uma cidade de justiça é um tema que corre por todo o livro de Isaías (ver 1:26 ; 28: 16-17 ; 33: 5 ; 60:17 , 21). A declaração resumida no v. 17b aplica-se a todo o capítulo 54: "Esta é a herança dos servos do Senhor e a sua reivindicação de mim, diz o Senhor".

6. O Grande Convite (55: 1-13)

A conquista de Cyrus de Babilônia em 539 AC. Apresentou os judeus com uma decisão importante: eles deveriam permanecer na Babilônia, ou deveriam aproveitar o decreto de Cyrus, concedendo permissão para retornar a Jerusalém? Não foi uma escolha fácil, pois eles formaram laços e relacionamentos estabelecidos durante os 50 anos de seu exílio que eles estavam relutantes em cortar. No geral, seus captores os trataram com indulgência, até ao ponto de lhes permitir adquirir propriedades e exercer atividades comerciais e comerciais. Não é surpreendente, portanto, aprender com Josefo (*Antiq* . XI.1.3) que muitos deles escolheram permanecer na Babilônia, "como não dispostos a deixar suas posses".

A relutância generalizada por parte dos exilados para realizar a árdua jornada de volta a Jerusalém forma o contexto do capítulo 55 (ver 48: 1-22 ; 52: 1-12). Como um sargento recrutador no exército do Senhor, o profeta pede que eles retornem sem demora. Ele adverte que seu espírito recalcitrante está ameaçando sua própria existência como povo de Deus. Um futuro glorioso espera por eles, mas apenas se forem obedientes. Em

reação a seus esforços febris para adquirir riqueza, ele pergunta: "Tudo isso realmente o satisfaz? É isso que você está trabalhando? "Em sua preocupação com as riquezas terrenas, eles estão negligenciando as verdadeiras riquezas que Deus providenciou para elas.

(1) A generosidade de Deus (55: 1-5)

1 "Ho, todo aquele que tem sede,
venha para as águas;
e ele que não tem dinheiro,
venha, compre e coma!
Venha, compre vinho e leite
sem dinheiro e sem preço.
2 Por que você gasta seu dinheiro para o que não é pão,
e seu trabalho para o que não satisfaz?
Ouça-me diligentemente, e coma o que é bom,
e delicie-se na gordura.
3 incline seu ouvido e venha até mim;
Ouça, que a sua alma possa viver;
e farei com você uma aliança eterna,
Meu amor firme e seguro para David.
4 Eis que eu fiz um testemunho dos povos,
um líder e um comandante para os povos.
5 Eis que chamarás nações que não conheces,
e as nações que não o conheceram correrão para você,
por causa do SENHOR seu Deus e do Santo de Israel,
pois ele o glorificou.

O Norte compara esta passagem com a parábola de Jesus da grande ceia (Lucas 14: 15-24 , cf. João 7: 37-38 ; Apocalipse 22:17). Ele também nos lembra que a água é uma mercadoria preciosa no Oriente Próximo, e que muitas vezes é vendida nas ruas. Um que desejasse mostrar generosidade, portanto, poderia comprar o estoque de um transportador de água e ordenar que fosse distribuído sem carga para quem tivesse sede. A recompensa de Deus excede muito isso, no entanto, porque ele oferece, além das águas, também vinho e leite. O que ele fornece pode ser descrito como um banquete de "gordura" (v. 2).

Inteligente (p. 221) observou que ao longo do Segundo Isaías "a água é um símbolo da presença de Deus no mundo. ... Então, também, podemos inferir que o pão, o vinho e o leite que sozinhos podem dar à vida do homem são símbolos do Deus para quem o homem tem fome e sede. . . . O homem sem Deus é um vazio dolorido para o qual o Oriente não poderia encontrar uma semelhança mais próxima do que a dor dolorosa do corpo pela água. . . . Ele não tem sede de "algo" de Deus; ele tem sede de Deus, para o Deus vivo (Salmo 42: 2) ".

Uma característica marcada deste capítulo é a acumulação de imperativos: o profeta ordena aos exilados que venham, compram, comam (v. 1); escute, coma, delicie-se (v. 2); incline seu ouvido, venha, ouça (v. 3); procure, ligue (v. 6); e abandone, volte (v. 7). Esses imperativos demonstram que a redenção de Deus não opera de forma independente da resposta humana. Enquanto os dons de Deus não podem ser comprados ou ganhos, eles ainda devem ser recebidos através de um espírito de fé e vontade de obedecer.

A verdade central em vv. 1-3 é que só Deus pode satisfazer as profundas necessidades internas do espírito humano. A água, o vinho e o leite são apenas símbolos do sustento espiritual oferecido aos que vivem em comunhão com ele. Todos os que não o procuram, portanto, estão gastando sua substância para o que não é pão e desperdiçando sua energia em busca daquilo que não satisfaz. É para evitar que isso aconteça entre seus próprios povos que o profeta faz um apelo sincero.

A intenção futura de Deus para Israel é descrita com força no v. 3 : "Preste atenção e venha até mim, ouça, que você tenha a vida em sua plenitude; e farei uma aliança duradoura com você, com as manifestações confiáveis do meu amor por Davi "(tradução do Norte).

Na declaração, eu farei uma aliança eterna com você, o sufixo "você" é plural, indicando claramente que a promessa é dirigida a Israel. Alguns interpretaram a cláusula final no versículo, "meu amor firme e seguro para Davi", como indicando que o profeta esperava que a restauração de Israel na Palestina fosse seguida por um ressurgimento da dinastia davídica.

A maioria dos estudiosos, no entanto, acredita que o versículo ensina que as promessas feitas uma vez a Davi (ver 2 Sam. 7: 8-16 ; 23 ; 5 ; 1 Reis 8: 23-26 ; Salmo 89) foram transferidas para a nação Israel. Em outras palavras, a esperança messiânica foi transferida de um rei individual para todo o povo de Deus. À luz desta interpretação, vv. 4-5deve ser considerado como um contraste entre a missão de Davi e a de Israel: enquanto David foi nomeado líder das nações em um sentido político e militar, Israel é encarregado de convocar as nações para reconhecer a soberania do Senhor. Deus. Se ela consegue ou falha na realização desta missão dependerá de sua resposta à palavra de Deus falada através do profeta.

(2) Uma Chamada ao Arrependimento (55: 6-9)

6 "Procure o Senhor enquanto ele for encontrado,
invocá-lo enquanto estiver perto;
7 Que os ímpios abandonem seu caminho,
e o homem injusto seus pensamentos;
que ele volte ao Senhor, para que ele tenha piedade dele,
e ao nosso Deus, pois ele perdoará abundantemente.
8 Pois meus pensamentos não são seus pensamentos,
nem os seus caminhos são meus caminhos, diz o SENHOR .
9 Pois como os céus são mais altos do que a Terra,

assim como meus caminhos são mais altos do que seus caminhos
e meus pensamentos do que seus pensamentos.

Antes que os exilados possam participar da nova era que está prestes a amanhecer, eles devem abandonar seus próprios pensamentos e caminhos do mal e recorrer ao Senhor por misericórdia e perdão. Até mesmo os ímpios e os injustos podem participar desse destino se abandonarem a apostasia e abandonarem a sua apostasia e procurarem o Senhor. Procure que o Senhor no contexto do exílio significa não trazer sacrifício a ele, mas aproximá-lo através da oração e do arrependimento. Para que os exilados não protestem contra sua inocência ou negam sua necessidade de arrependimento, o profeta lembra o grande abismo que separa suas secas e caminhos dos de Deus. Este lembrete é necessário em todas as épocas, pois existe uma tendência perene entre os homens - especialmente os religiosos - de confundir seus próprios pensamentos e caminhos com os de Deus,

As palavras do profeta antecipam uma nova objeção levantada por seus ouvintes, a saber, que não há necessidade de pressa em responder ao chamado ao arrependimento. O profeta responde esta objeção com uma declaração de que o tempo para a decisão é *agora:* Israel deve procurar o Senhor enquanto ele pode ser encontrado **e** invocá-lo enquanto estiver perto. A oportunidade de resposta deve ser apreendida imediatamente, ou pode ser perdida para sempre. Do ponto de vista positivo, esta declaração significa que Deus não está mais alienado do seu povo, mas que ele está próximo e pode ser encontrado. A hora da redenção e da salvação chegou. Esta é a hora da teofania, o momento da aparição de Deus. Em nenhum lugar, o "evangelho" no Segundo Isaías brilha mais claramente do que aqui.

(3) Palavra de falta de boca do bacalhau (55: 10-11)

10 "Porque como a chuva e a neve descem do céu,
e não volte para lá, mas água a terra,
fazendo brotar e brotar,
dando semente ao semeador e pão ao comedor,
11 assim será a minha palavra que sai da minha boca;
não deve voltar para mim vazio,
mas deve realizar o que eu proponho,
e prosperar no assunto para o qual eu mandei

O profeta reforça sua súplica aos exilados para retornar a Jerusalém assegurando-lhes que a Palavra de Deus pode ser invocada. A palavra que ele tem em mente é principalmente a promessa de restauração que eles ouviram tantas vezes, mas achou tão difícil de acreditar. Deixe-os, mas recebam essa palavra e atuem sobre ela, e eles descobrirão que os resultados prometidos virão com certeza quando um novo crescimento chegar aos campos que foram regados pelas chuvas e neves do céu. Há uma semelhança entre essa afirmação da confiabilidade da Palavra de Deus e a encontrada em 40: 8 .

(4) Homeward Bound! (55: 12-13)

11 "Porque sairás com alegria,
e seja conduzido em paz;
as montanhas e as colinas antes de você
vai morrer em cantar,
e todas as árvores do campo baterão palmas.
13 Em vez do espinho aparecerá o cipreste;
Em vez de a corrimão virá o mirto;
e será para o Senhor um memorial,
por um sinal eterno que não deve ser interrompido ".

Em uma tentativa final de obter uma resposta de seus ouvintes, o profeta descreve uma imagem poética vívida de sua partida de Babilônia e sua jornada pelo deserto. O norte observou que há "uma expansividade sobre esses versículos finais, como não encontramos frequentemente na poesia hebraica. É como se o rio, ao terminar seu curso, se alargasse para um estuário aberto às marés da revelação abrangente "(*The Second Isaiah*, p. 260).

A partida da Babilônia é descrita como uma marcha de vitória. Os exilados saem alegres e são conduzidos em paz. Ao percorrerem, as montanhas e as colinas. . . surgir em cantar e as árvores do campo batem palmas, mantendo tempo com a música. O deserto pelo qual passam é transformado em um jardim memorial que comemora a vitória do Senhor sobre seus inimigos. Além disso, ele não retorna à sua condição anterior, uma vez que os exilados completaram sua jornada, mas permanecem em seu estado transformado para todos os tempos vindouros.

Nós escolhemos falar do capítulo 55 como "o grande convite". Aqui, os povos de Deus que são abatidos sob a escravidão de Babilônia são oferecidos uma grande redenção que inclui o sustento espiritual (v. 1-2), uma renovação da pacto (v. 3-5), misericórdia e perdão (v. 6-7), e um retorno alegre à sua pátria (v. 12-13). O apelo do profeta aos israelitas para aceitar o gracioso convite de Deus é baseado em quatro verdades vitais: (1) Deus só pode satisfazer as profundas necessidades internas do espírito humano; (2) O verdadeiro destino de Israel para ser um testemunho das nações só pode ser realizado como ela mesma retorna a Deus; (3) o dia da redenção se aproximou e o tempo de resposta é agora; (4) Deus é fiel a suas promessas e sua palavra nunca falha. Toda a forma física que ele exige é sentir sua necessidade dele.

A segunda parte do livro de Isaías começa com o capítulo 40 e termina com o capítulo 55 . O capítulo 55 parece ter sido escrito na véspera do retorno dos exilados a Jerusalém sob a liderança de Sheshbazzar em 538 AC (cf. Ezra 1: 2-11). Westermann (pág. 292) observou que as palavras finais nesta seção do livro "afastam a redenção para o redentor". Em última análise, o que quer que aconteça vem para a honra de Deus, assim como toda a criação existe para fazê-lo louvar ".

Parte III: Capítulos 56-66

Os capítulos 56-66 constituem a seção final no livro de Isaías e geralmente são datados no período entre o retorno dos exilados em 538 AC e a conclusão do Templo em 515

(ver 60:13 ; 64:11 ; 66 : 1). A opinião acadêmica é dividida sobre a questão da autoria desses capítulos: Alguns (por exemplo, Smart, Francisco) os atribuiriam ao Segundo Isaías; Outros (por exemplo, Muilenburg, Westermann) os atribuiriam a um discípulo anônimo do Segundo Isaías, geralmente referido como o Terceiro Isaías; ainda outros (por exemplo, Snaith, McKenzie) dividiriam a seção em duas fontes principais, atribuindo os capítulos 60-62 ao Segundo Isaías e aos capítulos restantes a um ou mais de seus discípulos. A natureza inconclusiva da evidência torna impossível determinar com certeza qual desses pontos de vista é o correto.

As circunstâncias refletidas nesses capítulos são as que prevaleceram em Jerusalém após o retorno dos exilados da Babilônia em 538 AC . Eles chegaram em Jerusalém com as promessas do Segundo Isaías tocando nos ouvidos. Se ele não tivesse dito a eles que a cidade e o seu templo seriam restaurados (ver 44:28), que Sion seria preenchido para transbordar de habitantes (ver 49: 19-21 ; 54: 1-3), que a riqueza de todas as nações se tornaria deles (cf. 45:14), e que os reis viriam dos confins da terra para prestar homenagem a seus pés (ver 49: 22-23)?

Seria um eufemismo dizer que o cumprimento dessas promessas ficou muito aquém das expectativas dos israelitas. Logo se tornou aparente, por exemplo, que eles não tinham recursos para reconstruir Jerusalém. A oposição dos vizinhos também forçou-os a colocar a reconstrução do Templo (ver Esdras 4: 1-5). As condições econômicas foram de pior até pior, pois secas, pragas e tempestades de granizo resultaram em falhas de colheita (ver Hag. 1: 6 , 9-11 ; 2: 16-17). Apesar de sua pobreza, eles foram forçados a pagar um tributo anual pesado à Pérsia e a providenciar provisões para os soldados divididos em suas terras (ver Neh 5:15). Em vez de ver Zion tornar-se uma coroa de beleza e um bastião de liberdade, eles se viram completamente dominados por seus senhores persas.

À medida que os anos se alongavam em décadas e nada aconteceu para melhorar a situação, as expectativas decepcionadas tornaram-se dúvidas, e as esperanças longas adiantavam os corações doentes. Uma reação perigosa se estabeleceu, e muitos dos israelitas começaram a duvidar de que o Senhor os amava (Mc 1: 2) ou que havia algum benefício derivado de servi-lo (ver Mal. 3:14).

Foi contra um fundo de reação e desilusão que o profeta entregou os oráculos registrados nestes capítulos. Ele caiu muito para proclamar a palavra de Deus em um momento de transição e ajuste. Poucos profetas já enfrentaram uma tarefa mais difícil. Ele precisava realizar pelo menos duas coisas, ou seja, fornecer uma explicação satisfatória para o atraso no cumprimento das expectativas de Israel e reavivar a confiança das pessoas no Senhor e no cumprimento final de seu propósito para o mundo. Que ele realizou sua tarefa é atestado pelo fato de que a fé de Israel sobreviveu às crises dos anos seguintes.

I. Orações do julgamento e da redenção (56: 1-59: 21)

1. O Estatuto dos Estrangeiros e Eunucos (56: 1-8)

[1] Assim diz o Senhor:
"Mantenha a justiça e faça a justiça,
pois logo minha salvação virá,
e a minha libertação seja revelada.

2 Bem-aventurado o homem que faz isso,
e o filho do homem que o segura rapidamente,
que guarda o sábado, não o profanando,
e mantém sua mão de fazer qualquer mal ".
3 Não deixe o estrangeiro que se juntou ao SENHOR dizer:
"O SENHOR certamente me separará do seu povo";
e não diga o eunuco,
"Eis que eu sou uma árvore seca".
4 Pois assim diz o Senhor:
"Para os eunucos que guardam meus sábados,
quem escolhe as coisas que me agradam
e segure minha aliança,
5 Eu darei na minha casa e dentro das minhas paredes
um monumento e um nome
melhor do que filhos e filhas;
Eu lhes darei um nome eterno
que não deve ser cortado.
6 "E os estrangeiros que se juntam ao Senhor,
para ministrar a ele, amar o nome do Senhor,
e para ser seus servos,
Todo aquele que guarda o sábado e não o profana,
e segura a minha aliança -
7 estes trarei para a minha montanha sagrada,
e faça-os alegres na minha casa de oração;
seus holocaustos e seus sacrifícios
será aceito no meu altar;
Para minha casa será chamada de casa de oração
para todos os povos.
8 Assim diz o Senhor Deus:
que reúne os marginalizados de Israel,
Eu irei juntar-lhes outros
além dos já reunidos ".

A palavra-chave em vv. 1-2 é guardado: o homem piedoso deve manter a justiça, guardar o sábado e manter sua mão de fazer qualquer mal. Geralmente, reconhece-se que a manutenção do sabado alcançou um significado durante o exílio que não tinha anteriormente; aqui é colocado de acordo com a prática da justiça e da justiça e se abstendo de fazer o mal (ver Neh: 13-26). Sobre aqueles que vivem por este padrão triplo, o profeta pronuncia uma benção ao estilo das antigas belezas (cf. Deut. 33:29 ; 1 Reis 10: 8 ; Salmo 1: 1). As palavras hebraicas para homem e filho do homem são

aquelas que enfatizam a sua humilde origem (cf. 51:12 ; Salmo 8: 4). A salvação de Deus não é propriedade de alguns poucos privilegiados, mas pertence àqueles que agem com justiça, por mais pobres que sejam (cf. 57:15).

A questão em questão no v. 3-8 é se o estrangeiro e o eunuco devem ser recebidos na comunidade de Israel e podem participar da sua adoração. Os eunucos provavelmente devem ser entendidos como exilados judeus que foram mutilados por seus sobrancetes babilônios para que pudessem ser confiáveis para trabalhar nos palácios reais. Havia muitos judeus no período postexilico que adotaram uma política de exclusividade rígida e, portanto, se opuseram a deixar alguém que não fosse sua raça ou qualquer pessoa deformada fisicamente se tornasse parte da comunidade de adoração. Isso poderia até mesmo reivindicar o apoio bíblico para sua posição, citando passagens como Deuteronômio 23: 1-8 .

Os separatistas foram opostos por outro grupo, no entanto, que favoreceu uma atitude mais aberta em relação aos não-judeus. O profeta, sem dúvida, era um líder entre esse grupo. Ele ensinou que os regulamentos antiterroristas antigos já foram substituídos e que, doravante, nenhum homem deveria ser negado a entrada ao Templo ou a associação na comunidade de Israel por causa de considerações raciais ou físicas. Os únicos requisitos impostos a estes eram que eles santificam o sábado e aceitam as obrigações da aliança (v. 4 , 6).

Os enganados que cumpriram esses requisitos foram prometidos que receberiam na casa de Deus e dentro de suas paredes um monumento e um nome melhor do que filhos e filhas (2 Sam. 18:18). Os estrangeiros que se juntaram ao Senhor, ou seja, tornaram-se prosélitos, foram informados de que eles seriam trazidos para a casa do Senhor, e que seus holocaustos e sacrifícios seriam aceitos em seu altar (v. 7). Em uma das afirmações mais universais que se encontram no Antigo Testamento, o Senhor declara que sua casa será, doravante, chamada de casa de oração para todos os povos (Marcos 11:17). À luz do contexto, v. 8parece significar que, além dos marginalizados de Israel que foram trazidos de Babilônia, o Senhor trará ainda outros, isto é, gentios, e os incorporará a seus convidados (ver 49: 5-6 , João 10: 16).

O problema tratado nesta passagem é aquele que é de importância perene para o povo de Deus. Sobre quais bases os homens devem ser admitidos para ser membros de uma igreja ou ter permissão para participar de seus cultos de adoração? A igreja que governa que seus membros devem ser de uma raça ou cor ou classe corre o risco de obscurecer a universalidade essencial do evangelho e de se recusar a aceitar como irmãos aqueles que Deus aceitou como filhos.

2. Problemas da Comunidade Restaurada (56: 9-57: 13)

(1) Líderes cegos (56: 9-12)

> *9 Todos vocês animais do campo, venha devorar -*
> *todos vocês animais na floresta.*
> *10 Os seus vigias são cegos,*
> *são todos sem conhecimento;*
> *são todos cães tolos,*

eles não podem ladrar;
sonhando, deitado,
adorando dormir.
11 Os cachorros têm um apetite poderoso;
eles nunca tiveram o suficiente.
Os pastores também não têm entendimento;
todos se voltaram para o seu próprio caminho,
cada um para o seu próprio ganho, um e todos.
12 "Venha", eles dizem: "vamos pegar vinho,
Vamos nos encher de beber forte;
e amanhã será como este dia,
muito além da medida ".

A comunidade pós-xilica de Israel é comparada nestes versos a um bando indefeso confiado a guardiões cegos e pastores auto-indulgentes. Os vigias simbolizam os profetas (cf. 21: 6-10, 11-12 ; 62: 6 ; Ez. 3: 16-21 ; 33: 7-9) e os pastores dos líderes políticos de Israel (cf. Eze. 34: 1-10 ; Zacarias 10: 3).

Duas interpretações diferentes foram dadas ao versículo de abertura nesta seção. Alguns consideram isso como um convite sarcástico para animais selvagens, talvez para serem identificados como inimigos de Israel, especialmente Edom (ver 63: 1-6), para tirar proveito da falta de preocupação dos pastores de Israel e devorá-la como um rebanho indefeso. Outros vêem nela uma proclamação da queda dos vigias e dos próprios pastores, que sofrerão uma derrota dolorosa e cujos cadáveres fornecerão alimento para os animais do campo. A última interpretação parece ser melhor para os dois, uma vez que descreve o destino que os líderes religiosos e políticos da nação merecem tão ricamente.

Os profetas de Israel são comparados aos observadores cegos, uma metáfora vívida de sua incapacidade de advertir a nação do perigo que se aproxima. Todos são ditos sem conhecimento, incapazes de instruir o povo na vontade do Senhor (cf. 5:13 , Hos. 4: 6 ; Mal.2: 7). A acusação mais devastadora feita contra eles é que eles são todos cães tolos que não podem ladrar. O profeta não é nada, a menos que ele seja um falante, levantando a sua voz em protesto contra o pecado e a opressão (cf. 58: 1 ; Amós 3: 8 ; Mic 3: 8). Os profetas de Israel, no entanto, são cães idiotas que adoram dormir; Mesmo em seus momentos de vigília, eles não proclamam a palavra do Senhor, mas passam seu tempo a entregar seus próprios apetites insaciáveis. A última acusação é ainda mais grave devido à extrema pobreza do período pós-exilic; Enquanto os profetas se enxergam com comida e bebida, muitos de seus outros israelitas enfrentam fome. Eles apresentam um espetáculo desonroso de líderes religiosos interessados apenas em seu próprio bem-estar. A sua tribo, infelizmente, ainda não está extinta.

Os pastores, os líderes políticos de Israel, não são melhores, pois eles também se preocupam apenas com seu próprio ganho. Considerando que 53: 6 afirma que as ovelhas se desviaram, v. 11 estabelece esta mesma carga aos pés dos pastores. A passagem termina com uma canção raucosa que reflete a atitude libertina desses líderes (cf. 22:13 ; 1 Coríntios 15:32).

(2) Culto corrupto (57: 1-13)

1 O homem justo perece,
e ninguém acha o coração;
homens devotos são levados,
enquanto ninguém entende.
Pois o homem justo é tirado da calamidade,
2 ele entra em paz;
eles descansam em suas camas
que caminham em sua retidão.
3 Mas você, aproxima-se aqui,
filhos da feiticeira,
descendentes do adúltero e da prostituta.
4 De quem você está fazendo esporte?
Contra quem você abre a boca bem
e solte a língua?
Você não é filho de transgressão,
a prole do engano,
5 você que queima com luxúria entre os carvalhos,
sob toda árvore verde;
Quem mata seus filhos nos vales,
sob as fissuras das rochas?
6 Entre as pedras lisas do vale é a sua porção;
eles, eles, são muito bons;
*para eles você derramou uma oferta de bebida **
Você trouxe uma oferta de cereais.
Devo me apaziguar por essas coisas?
7 Sobre uma montanha alta e alta
você definiu sua cama,
e voce subiu para oferecer sacrifícios.
8 Atrás da porta e do poste da porta
você configurou seu símbolo;
pois, desertando-me, você descobriu sua cama,
você passou por isso,
você abriu a mão;
e você fez uma pechincha para você mesmo com eles,
você adorou sua cama,
você olhou para a nudez.
9 Você viajou para Molech com óleo

e multiplicou seus perfumes;
você enviou seus enviados longe,
e enviado até ao Sheol.
[10] *Você ficou cansado com o comprimento do seu caminho,*
mas você não disse: "É impossível";
você encontrou nova vida para sua força
e então você não era fraco.
[11] *Quem temeu e temeu,*
de modo que você mentiu,
e não me lembro de mim,
não me fez pensar?
Não aguento minha paz, mesmo por muito tempo,
e então você não tem medo de mim?
[12] *Eu direi sobre a sua justiça e suas ações,*
mas eles não vão te ajudar.
[13] *Quando você clama, deixe sua coleção de ídolos entregá-lo!*
O vento os levará,
uma respiração os levará embora.
Mas aquele que se refugiar em mim possuirá a terra,
e herdará o meu santo monte.

Os versos 1-2 são geralmente considerados como uma unidade independente, cujo assunto é a falta de conhecimento dos ímpios com a morte dos justos. O profeta reage com alarme a uma situação em que a remoção de homens bons da sociedade é considerada com indiferença. Mesmo em sua morte, no entanto, o justo é mais abençoado do que os ímpios, porque ele é tirado da calamidade e entra em paz, enquanto que para os ímpios não há paz (ver v. 19-21).

A polêmica contra a idolatria nos versículos 3 a 13 é tão acentuadamente redigida que alguns a atribuiriam ao período preexilic. No entanto, não há motivo para supor que a idolatria tenha desaparecido de Israel após o exílio. Jones (página 38) sugeriu que após a queda de Jerusalém, quando os fundamentos da sociedade haviam sido prejudicados e quando não havia um lugar de culto autorizado, as práticas pagãs que há muito tempo dormiam voltaram a viver e os homens perversos começaram a praticar o tipo de abominações que são mencionadas aqui (ver 65: 1-7). A presente passagem, portanto, é uma ilustração do significado e aplicação de 56: 9-12: isto é o que acontece com uma nação cujos pastores não conseguem liderar e cujos profetas são cães idiotas que não podem ladrar. As pessoas recorrem à superstição e à magia, de modo que a batalha contra a idolatria deve ser combatida novamente.

O versículo 3 é uma convocação para os idólatras para aproximar-se para ouvir a acusação que o Senhor traz contra eles. A lista dos crimes que cometeu inclui uma burla blasfema (v. 4 , cf. Salmos 22:13 , 35:21), prostituição cultual (v. 5 , 7-8), sacrifício infantil (v. 5) e oferta de sacrifícios e de homenagem aos ídolos (v. 6 , 9).

O versículo 10 parece ser uma descrição daqueles que estão presos nas garras da idolatria, que muitas vezes estão cansados, mas que, no entanto, não conseguem se afastar disso. Eles sofrem com o que pode ser chamado de atrofia da vontade. Sua falsa religião não os satisfaz, mas oferece-lhes apenas uma tentação suficiente para evitar que eles abandonem. Que estado miserável para um estar!

O verso 11 contrasta o medo do Senhor com o medo dos ídolos. Israel deixou de ter medo do Senhor, aparentemente, porque não entendia o silêncio dele (ver 42:14). Os versículos de conclusão na passagem enfatizam a verdade de que a segurança da nação não está em suas ações justas (v. 12), nem na acumulação de ídolos (v. 13a), mas somente no Senhor seu Deus. Ele promete que aqueles que se refugiam nele terão novamente a terra e herdarão seu monte sagrado (v. 13 b).

3. O Juízo e a Misericórdia de Deus (57: 14-21)

14 E será dito,
"Construa, construa, prepara o caminho,
remova todas as obstruções do caminho do meu povo ".
15 Pois assim diz o Alto e Alto
Quem habita a eternidade, cujo nome é Santo:
"Eu habito no lugar alto e sagrado,
e também com aquele que é de espírito contrito e humilde,
para reviver o espírito dos humildes,
e para reviver o coração dos contritos.
16 Pois não lutaremos para sempre,
nem sempre estarei com raiva;
pois de mim prossegue o espírito,
e fiz o sopro da vida.
17 Por causa da iniqüidade da sua cobiça, fiquei brava,
Eu o feri, escondi meu rosto e estava com raiva;
mas ele continuou recuando no caminho de seu próprio coração.
18 Eu vi seus caminhos, mas eu vou curá-lo;
Vou guiá-lo e recompensá-lo com conforto,
criando para seus choros o fruto dos lábios.
19 Paz, paz, para o extremo e para o próximo, diz o Senhor;
e eu vou curá-lo.
20 Mas os ímpios são como o mar que joga;
pois não pode descansar,
e suas águas jogam lodo e sujeira.
21 Não há paz, diz meu Deus, para os ímpios ".

Há indicações nesta passagem de que os israelitas experimentaram um declínio na vitalidade espiritual após seu retorno da Babilônia em 538 AC . Apesar dos severos julgamentos que foram visitados sobre eles, eles continuaram a retroceder (v. 17). Sua

vida corporativa era como uma rodovia que havia caído em tão ruim e se tornara tão cheia de detritos que não era mais útil (v. 14).

O julgamento de Deus sobre a situação, no entanto, foi ofuscado por sua misericórdia. O versículo 14 contém o seu comando ao profeta para preparar o caminho do povo e remover todos os obstáculos que impedissem o seu retorno a ele (cf. 40: 3-5 ; 62: 10-12).

Para que as pessoas devem imaginar que sua derrota e humilhação nacional ter cortá-los da comunhão com Deus, eles são lembrados de que o alto e sublime Deus cujo nome é Santo habita não apenas no alto e santo lugar, mas também com as de um contrito e espírito humilde. A preposição com meios literalmente “na parte lateral," e indica a natureza íntima da comunhão que Deus estabelece com o humilde e contrito (cf. Mt 5: 3-5. ; 11: 28-29) Seu propósito não é. para estar com raiva deles para sempre, mas para reviver seus espíritos e restaurar sua vitalidade (v. 15-16).

O versículo 17 explica por que foi necessário que Deus escondeu seu rosto de seu povo (ver 45:15). A última linha no versículo registra o fracasso do exílio para produzir um espírito de verdadeiro arrependimento de sua parte (ver 42:25). É discutível se o castigo dos malfeitores sempre resulta na transformação do seu caráter.

A primeira linha do v. 18 declara que Deus tomou nota de todos os caminhos pecaminosos de Israel. A conclusão de que normalmente se espera seguir essa afirmação seria: "Portanto, eu trarei sobre ele o castigo que ele merece justamente." A graça de Deus resplandece por todo o seu brilho, no entanto, como ele diz, mas vou prestar atenção ele.

Deus declara seu propósito de liderar seu povo, recompensá-los com conforto e providenciar aqueles que agora lamentam o fruto dos lábios. Isso talvez significa que o seu luto será louvado (ver os 14: 2). Alguns, no entanto, interpretam a frase como uma referência ao pronunciamento que segue: "Paz, paz, ao extremo e ao próximo". A repetição da palavra paz ocorre também em 26: 3 , onde é "paz perfeita" "A paz é prometida até o extremo, ou seja, os judeus ainda se dispersaram entre as nações, e ao próximo , *ou seja* , aqueles que já voltaram para a Palestina. Este versículo expressa o propósito final de Deus de proporcionar uma vida generosa para as pessoas que estão em repouso.

O destino dos ímpios, no entanto, será completamente diferente. Como um oceano poderoso que nunca descansa, mas cujas ondas lançam incessantemente lama e terra sobre a costa, assim os ímpios ficam para sempre inquietos. O aviso direto no v. 21 aparece também no final do capítulo 48 .

4. Religião Verdadeira (58: 1-14)

(1) Verdadeiro e Falso jejum (58: 1-12)

> [1] *"Chore em voz alta, não poupe,*
> *Levante sua voz como uma trombeta;*
> *declarar ao meu povo sua transgressão,*

para a casa de Jacó, seus pecados.
2 Contudo eles me procuram diariamente,
e prazer em conhecer meus caminhos,
como se fossem uma nação que fazia justiça
e não abandonaram a ordenança de seu Deus;
eles me pedem juízos justos,
Elogiam se aproximar de Deus.
3 Por que nós jejamos, e você não vê?
Por que nos humilharam, e você não percebeu nada disso?
Eis que no dia do seu jejum você procura seu próprio prazer,
e oprimem todos os seus trabalhadores.
4 Eis que você só faz briga e luta
e bater com o punho perverso.
Jejum como o seu hoje
não vai fazer sua voz ser ouvida no alto.
5 É tão rápido que eu escolho,
um dia para um homem se humilhar?
É para curvar a cabeça como uma corrida,
e espalhar sacos e cinzas debaixo dele?
Você vai chamar isso de rápido,
e um dia aceitável para o Senhor?
6 "Não é este o jejum que eu escolho:
para perder os laços da perversidade
para desfazer as tiras do jugo,
para libertar os oprimidos,
e quebrar todo jugo?
7 Não é para compartilhar seu pão com a fome
e traga os desabrigados pobres para sua casa;
quando você vê o nu, para cobri-lo,
e não se esconder de sua própria carne?
8 Então a tua luz brotará como o amanhecer,
e sua cura deve brotar rapidamente;
sua justiça irá antes de você,
a glória do Senhor será sua retaguarda.
9 Então você deve chamar, e o SENHOR responderá;
Você deve chorar, e ele dirá: Aqui estou eu.
"Se você tirar do meio de você o jugo,
apontando o dedo e falando maldade

10 se você derramar-se para os famintos
e satisfaça o desejo dos aflitos,
então sua luz se elevará na escuridão
e sua tristeza seja como o meio-dia.
11 E o SENHOR o guiará continuamente,
e satisfaça seu desejo com coisas boas,
e faça seus ossos fortes;
e você será como um jardim aguado,
como uma fonte de água,
cujas águas não falham.
12 E as tuas antigas ruínas serão reconstruídas;
você deve criar os fundamentos de muitas gerações;
Você deve ser chamado de reparador da violação,
O restaurador de ruas para habitar.

O Profeta é ordenado a *levantar* a voz como uma trombeta para conscientizar os povos de suas transgressões (v. I, cf. Hos. 8: 1 ; Mic. 3: 8). Embora pareçam ser pessoas muito religiosas - procuram o Senhor diariamente e realizam seus ritos religiosos com entusiasmo - tudo não está bem com eles (v. 2). Eles reclamam amargamente que os jejuns que eles observaram não resultaram em nenhuma ação recíproca por parte de Deus (v. 3). Eles parecem pensar que seu jejum colocou Deus em sua dívida e que ele falhou em seus pagamentos.

O jejum era uma forma de auto-humilhação envolvendo abstenção de alimentos e bebidas. Seu objetivo era reforçar as orações oferecidas em momentos de angústia (ver 1 Sam. 7: 6 ; 31:13 ; Joel 1:14 ; 2:15). O único jejum referido no Pentateuco é o do Dia da Expiação (cf. Lv 16:29 ; Números 29: 7 , Atos 27: 9), mas quatro dias rápidos adicionais foram adicionados durante o exílio para comemorar o outono de Jerusalém e os desastres que o acompanham (cf. Zacarias 7: 3 , 5 ; 8:19).

O profeta pode ter entregue seu oráculo em um desses dias de jejum nacional. O fato de que uma mensagem que trata de observâncias religiosas não faz menção ao templo ou aos sacrifícios sugere uma data entre 538 e 520 AC , ou seja, após o retorno da Babilônia, mas antes da reconstrução do templo. De acordo com Zechariah 7 e 8 , a observância dos dias de jejum foi uma fonte de grande perplexidade para a comunidade pós-xilica. Desde o início, houve uma tendência para o costume se desviar e levar a atitudes tão farisaicas como se refletem aqui (ver Jeremias 14:12 , Joel 2:13 , Mateus 6: 16-18 ; 9: 14 ; Lucas 18: 10-12).

Enquanto o profeta não rejeita o jejum como tal, ele redefini-lo como um ato dirigido não para Deus, mas para com o próximo. Ele começa por descrever as características inaceitáveis do método atual de jejum de Israel (vv. 3b-5). Ele condena os empregadores que obtêm prazer do seu jejum, mas que são insensíveis e indiferentes às necessidades de seus trabalhadores. O jejum como o deles não agradará a Deus ou o deixará mais atento às suas orações.

O jejum em que Deus delicia é algo completamente diferente. É tão diferente, de fato, que Westermann perguntou em que sentido pode até ser chamado de rápido. Consiste em procurar erradicar todas as formas de escravidão humana (ver 61: 1), e compartilhar a substância com os famintos, os sem-abrigo e os nus (Mt 25: 31-46 ; 1 Cor. 13). O vínculo essencial que Westermann vê entre esses atos de misericórdia e o rito do jejum é o elemento da abnegação, fazendo sem algo por causa de outro. A verdade revolucionária estabelecida nesta passagem, no entanto, é que tais ações de abnegação têm valor religioso somente quando são realizadas para aliviar a necessidade humana. O que aconteceria se todas as nossas práticas religiosas fossem julgadas por este padrão?

Os benefícios que seguirão um jejum de libertação são enumerados em w. 8-12. Eles incluem luz, cura, orientação divina, oração respondida, ossos fortes, força incessante e um contínuo ministério de restauração. Se os homens de Israel tirarem. . . o jugo dos oprimidos, abster-se de apontar. . . O dedo com desprezo (ver Prov. 6:13), evite o discurso perverso, e derrame-se para os famintos e aflitos, então todas essas bênçãos serão deles. O autor desta passagem apresenta uma paixão pela justiça social tão forte quanto a de qualquer dos profetas preexilicos. Suas palavras devem nos desafiar a reexaminar nossas próprias práticas religiosas e os motivos que as subjazem.

(2) A verdadeira guarda do sábado (58: 13-14)

> *13 "Se você voltar o pé do sábado,*
> *de seu prazer no meu dia santo,*
> *e chamar o sabado de uma delícia*
> *e o dia santo do Senhor honrado;*
> *Se você honrar isso, não seguir seus próprios caminhos,*
> *ou buscando seu próprio prazer, ou falando ociosamente;*
> *14 então você se deleitará com o Senhor,*
> *e eu farei você andar sobre as alturas da terra;*
> *Eu vou te alimentar com a herança de Jacob, seu pai,*
> *porque a boca do Senhor falou ".*

Além de participar de "jejuns" projetados para aliviar a necessidade humana, os homens de Israel estão obrigados a honrar o *sábado* como um dia sagrado para o Senhor. Embora a observância do sábado fosse de origem antiga, ela entrou em proeminência especial durante o período exilic. Depois que os judeus foram cortados do templo e do sacrifício, eles mantiveram sua distinção religiosa observando meticulosamente o sábado e praticando a circuncisão. A observância e a circuncisão do sábado, portanto, tornaram-se os sinais que mais claramente os distinguiram de seus vizinhos gentios (ver Neh 13: 15-22).

5. O retorno de Deus a um povo penitente (59: 1-21)

(1) Alienação de Deus de Deus (59: 1-8)

> *1 Eis que a mão do SENHOR não é encurtada, que não pode salvar,*
> *ou sua orelha maçante, que não pode ouvir;*

2, mas suas iniqüidades fizeram uma separação
entre você e seu Deus,
e seus pecados escondem seu rosto de você
para que ele não ouça.
3 Pois suas mãos estão contaminadas com sangue
e seus dedos com iniqüidade;
seus lábios falaram mentiras,
sua língua murmura maldade.
4 Ninguém entra no justamente,
Ninguém vai ao direito honestamente;
eles contam com súplicas vazias, falam mentiras,
eles conceberão o mal e produzirão iniqüidade.
5 Eles escotilam ovos de adição,
eles tecem a teia da aranha;
aquele que come seus ovos morre,
e de um que é esmagado, uma mosca é incubada.
6 Suas redes não servirão de roupa;
Os homens não se cobrirão com o que eles fazem.
Suas obras são obras de iniqüidade,
e as ações de violência estão em suas mãos.
7 Seus pés correm para o mal,
e eles se apressam a derramar sangue inocente;
seus pensamentos são pensamentos de iniqüidade,
a desolação e a destruição estão em suas rodovias.
8 O caminho da paz que eles não conhecem,
e não há justiça em seus caminhos;
eles fizeram suas estradas tortuosas,
Ninguém que entram neles conhece a paz.

Esta passagem pode ser entendida melhor quando vista em sua configuração postexilica. Os israelitas voltaram da Babilônia com as promessas do segundo Isaías tocando nos ouvidos. Foi-lhes dito que, após o seu regresso a Jerusalém, a cidade e o seu templo seriam restaurados (ver 44:28), a terra seria preenchida para transbordar com pessoas felizes (ver 49: 19-21 ; 54: 1-3), a riqueza das nações seria trazida para enriquecê-las (ver 45:14), e os reis viriam a homenagem a seus pés (ver 49: 22-23).

Quando essas promessas não foram cumpridas imediatamente, as pessoas perderam o coração e começaram a duvidar da bondade e do poder de Deus. Eles reclamaram abertamente que sua mão foi encurtada, de modo que não poderia salvar (v. 1 , ver 50: 2 ; Números 11:23), e sua orelha aborrecida, para que não pudesse ouvir (ver 6:10 ; Zacarias 7:11).

O profeta desafia a premissa sobre a qual a queixa do povo se baseia, a saber, que o atraso na vinda da salvação prometida é culpa de Deus. Ele culpa diretamente as próprias pessoas, acusando que suas iniqüidades fizeram uma separação entre eles e seu Deus (cf. 56: 3 ; Rom 5: 10-11 ; 2 Cor. 5: 18-20 ; Ef. 2 : 12-13), e seus pecados escondem o rosto para que ele não ouça suas orações (cf. 54: 8 ; 64: 7 ; Deut. 31: 17-18 ; Salmos 13: 1 ; 102: 2 ; Mic 3: 4).

A acusação do profeta contra a nação é expandida em vv. 3-8 . A imagem apresentada aqui é uma falência moral e espiritual quase além do remédio (Romanos 1: 18-32). As mãos **estão** contaminadas com sangue (ver 1:15); a justiça é pervertida; a vida dos homens está em perigo; e sangue inocente é derramado. O surpreendente é que uma lista tão séria de crimes deve ser imputada àqueles que compõem a comunidade pós-exilic.

Um dos temas subjacentes desta passagem é que o caminho do transgressor é difícil. Homens sem escrúpulos podem tecer teias de aranhas para pegar os inocentes (v. 5), mas suas redes não vão cobrir sua própria nudez (v. 6). Aqueles que cinco pela violência (v. 7) nunca conhecerão o caminho da paz (v. 8). O pecado é, de fato, um tarefa árdua (cf. Gálatas 6: 7-8).

(2) Confissão de culpa de Israel (59: 9-15a)

9 Portanto, a justiça está longe de nós,
e a justiça não nos ultrapassa;
buscamos a luz, e contemplamos a escuridão,
e para o brilho, mas nós caminhamos na escuridão.
10 Nós buscamos a parede como o cego,
buscamos como aqueles que não têm olhos;
tropeçamos ao meio dia como no crepúsculo,
Entre aqueles em pleno vigor, somos como homens mortos.
11 Nós todos rosnamos como ursos,
gememos e gememos como pombas;
Procuramos justiça, mas não existe;
para a salvação, mas está longe de nós.
12 Pois nossas transgressões se multiplicam diante de ti,
e nossos pecados testemunham contra nós;
pois nossas transgressões estão conosco,
e conhecemos nossas iniqüidades:
13 transgredindo e negando ao Senhor,
e afastando-se de seguir nosso Deus,
falando opressão e revolta,
concebendo e proferindo palavras mentindo no coração.
14 Justiça é recuada,
e a justiça fica longe;

pois a verdade caiu nos quadrados públicos,
e a retidão não pode entrar.
15 A verdade está faltando,
e aquele que se afasta do mal se torna presa.

Estes versículos constituem uma oração de confissão oferecida pelo profeta em nome do povo. O fato de ele se incluir na confissão significa que ele não se separou do povo nem desprezou-os de uma posição de superioridade moral.

A principal ênfase da oração é sobre a miséria e desilusão que resultaram da desobediência do povo. Eles esperam em vão a justiça, isto é, a salvação prometida de Deus, para alcançá-los (v. 9); Eles buscam e tropeçam como cegos (v. 10); eles gemem em seu desespero como animais mudos (v. 11); suas consciências estão sobrecarregadas de culpa (vv 12-13); e a injustiça stalks sua terra (vv 14-15a). Quanto ao grande acúmulo de palavras para o pecado nestes versos, Muilenburg escreveu: "Poucos capítulos na Bíblia são tão ricos e diversos em seu vocabulário de pecado (ver Salmo 51)".

(3) Intervenção de Deus para salvar (59: 15b-21)

O Senhor viu, e isso o aborreceu
que não havia justiça.
16 Ele viu que não havia homem,
e perguntou-se que não havia ninguém para intervir;
então seu próprio braço lhe trouxe vitória,
e sua justiça o manteve.
17 Ele colocou a justiça como um peitoral,
e um capacete de salvação em sua cabeça;
ele vestiu roupas de vingança para roupas,
e envolveu-se com fúria como um manto.
18 De acordo com suas ações, assim ele pagará,
ira contra os seus adversários, recompensa aos seus inimigos;
Para as terras costeiras, ele renderá o requital.
19 Então temerão o nome do Senhor do ocidente,
e sua glória do nascimento do sol;
pois ele virá como um fluxo apressado,
que o vento do Senhor conduz.
20 "E ele virá a Sião como Redentor,
para aqueles que estão em Jacó que se desviam da transgressão, diz o Senhor.
21 "E quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor: o meu espírito que está sobre você, e as minhas palavras que coloquei na sua boca, não se

afastarão da sua boca ou da boca de seus filhos, ou fora da boca dos filhos de seus filhos, diz o Senhor, a partir deste momento e para sempre ".

O profeta responde à oração de confissão do povo com um oráculo de salvação. A descrição de Deus que é dada aqui é importante por vários motivos. Primeiro, ele mostra que ele não está afastado de seu povo ou não está preocupado com seus problemas: ele vê o seu estado atual de coisas, está descontente com ele e resolve corrigir. Em segundo lugar, é impossível que o fracasso de Israel vença os propósitos de Deus: quando, portanto, ele não encontra ajudante humano para intervir em favor dos oprimidos (ver Jeremias 5: 1 ; Ezequiel 22:30), ele entra sozinho na briga e ganha a vitória (ver 63: 3-5). Terceiro, embora Deus seja retratado como guerreiro, sua armadura é diferente da dos homens: o peitoral é a justiça, a salvação do capacete e as suas vestes, vingança e fúria (Efésios 6: 14-16 ; 1 Tessalonicenses 5: 8). Em quarto lugar, a intervenção de Deus resulta em libertação para os devotos em Israel (v. 20), mas a destruição para os transgressores (v. 18). Em quinto lugar, o advento de Deus para punir os ímpios e entregar os justos tem lugar diante dos olhos de todo o mundo: de um lado para o outro os homens vêem a sua glória e temem seu nome (v. 19).

O capítulo fecha com uma nota de certeza de que a aliança de Deus com o povo será mantida. A sua doação especial com seu espírito (42: 1 ; 44: 3 ; 61: 1) e com o conhecimento de sua palavra (40: 8 ; 55: 10-11) é suportar "a partir desse momento e para sempre ".

II. A Proclamação da Salvação a Sião (60: 1-66: 24)

1. A Gloriosa Restauração de Sião (60: 1-22)

O tema dos capítulos 60-62 é a proclamação da proximidade da restauração de Jerusalém. Ao contrário dos capítulos 56-59 , eles não contêm nenhuma referência ao pecado da cidade ou a sua necessidade de arrependimento. Alguns intérpretes (por exemplo, Snaith, McKenzie) acreditam que os paralelos próximos entre esses capítulos e capítulos 40-55 indicam que ambos foram escritos pelo Segundo Isaías. Outros (por exemplo, Westermann) sustentam que os capítulos 60-62"Formam o corpus de uma mensagem de salvação autônoma bastante distinta da de Deutero-Isaiah, tendo ao mesmo tempo, em muitos aspectos, uma conexão clara com ela". A natureza inconclusiva da evidência torna impossível determinar com certeza se qualquer um desses pontos de vista estiver correto. O primeiro, no entanto, parece ser melhor suportado pela evidência.

(1) A Vinda dos Gentios à Luz (60: 1-14)

1 Levante-se, brilhe; pois sua luz chegou
e a glória do Senhor ressuscitou sobre você.
2 Pois eis que a escuridão cobrirá a terra,
e escuridão espessa os povos;
mas o Senhor se levantará sobre você,
e sua glória será vista sobre você.
3 E as nações chegarão à sua luz,

e reis para o brilho do seu aumento.
4 Levante seus olhos ao redor e veja;
todos se juntam, eles vêm até você;
seus filhos virão de longe,
e suas filhas serão levadas nos braços.
5 Então você verá e será radiante,
Seu coração deve se emocionar e se alegrar;
porque a abundância do mar será virada para você,
A riqueza das nações deve chegar a você.
6 Uma multidão de camelos o cobrirá,
os jovens camelos de Madián e Efá;
todos os que são de Seba virão.
Devem trazer ouro e incenso,
e proclamará o louvor do Senhor.
7 Todos os rebanhos de Kedar serão reunidos para você,
os carneiros de Nebaioth ministrarão a você;
eles terão aceitação no meu altar,
e eu glorificarei a minha casa gloriosa.
8 Quem são esses que voam como uma nuvem,
e como pombas para suas janelas?
9 Porque as terras costeiras devem me esperar,
os navios de Tarsis primeiro,
para trazer seus filhos de longe,
sua prata e ouro com eles,
pelo nome do Senhor seu Deus,
e para o Santo de Israel,
porque ele o glorificou.
10 Os estrangeiros devem construir suas paredes,
e os seus reis ministrarão a você;
pois na minha ira eu te feri,
Ao meu favor, eu tive piedade de você.
11 Os seus portões serão abertos continuamente;
O dia e a noite não serão fechados;
que os homens podem trazer-lhe a riqueza das nações,
com seus reis liderados em procissão.
12 Para a nação e o reino
isso não o servirá perecerá;
Essas nações devem ser completamente destruídas.

13 A glória do Líbano virá a você,
o cipreste, o avião e o pinheiro,
para embelezar o lugar do meu santuário;
e eu tornarei o lugar dos meus pés glorioso.
14 Os filhos daqueles que te oprimiam
deve vir a baixo para você;
e todos que te desprezaram
se curvarão aos seus pés;
eles devem chamá-lo da Cidade do SENHOR ,
Sion do Santo de Israel.

O poema abre com um duplo imperativo dirigido a Zion: Levante-se, brilhe. A convocação é para ela não só aceitar alegremente a proclamação de sua salvação, mas também refletir a luz da glória do Senhor, que ressuscitou sobre ela. A glória do Senhor representa a revelação de seu poder e santidade (ver Ex. 24:16 ; 40:34 ; 1 Reis 8:11 ; Pslams 19: 1 , João 1:14).

O autor desses versos teve o olho de um artista, pois ele vê o monte de Sião como uma ilha de luz no meio de um mar de escuridão (v. 2). Fora da escuridão espessa que cobre a terra, nações e reis vêm a Sião para compartilhar o brilho de sua ascensão (v. 3). O profeta enfatiza assim a natureza centrípeta (em oposição à centrífuga) da missão de Sião para as nações: sua primeira tarefa não é sair e procurar evangelizar as nações, mas sim refletir a luz da glória de Deus com tal clareza para que sejam atraídos para ela (cf. 45: 14-15 ; 49: 7 ; Zacarias 8: 20-23).

Um segundo imperativo duplo: levante seus olhos. . . Veja-se, Zion vê os fluxos de pessoas convergentes para ela. Radiante de alegria e excitação (v. 5), ela vê seus filhos e filhas serem levados de longe nos braços dos estranhos (v. 4b). Ela também vê uma multidão de camelos trazendo ouro e incenso de muitas terras (v. 6). As tribos da Arábia também trazem ofertas sacrificiais de rebanhos e carneiros (v. 7).

O olho do profeta para a beleza é novamente evidente na v. 8 : quando vê as velas brancas de frotas de navios que se aproximam da Palestina do oeste, ele exclama: "Quem são esses que voam como uma nuvem e como palhas para suas janelas?" A resposta é que estes são navios de Társis, levando os filhos de Zion de longe e carregados também com cargas de prata e ouro. Os tesouros são assim suportados por todas as direções.

Os versículos 10 a 14 descrevem a restauração de Sião em sua antiga glória. *Os estrangeiros* assumem voluntariamente a tarefa de reconstruir seus muros, e os reis são de bom grado atendê-la (ver 61: 5-6). Os seus portões permanecem abertos continuamente para receber o tributo das nações. A madeira das florestas do Líbano é trazida para adornar o seu Templo (cf. Ezra 3: 7); e os filhos de seus antigos opressores se inclinam para ela, e chamando-a pelo seu novo nome, "a Cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel". A gloriosa profecia nestes versículos é interpretada em Apocalipse 21: 24-27 como referente à Jerusalém celestial.

(2) A inversão da humilhação de Zions (60: 15-22)

15 Considerando que você foi abandonado e odiou,
sem que ninguém passe,
Eu o tornarei majestoso para sempre,
uma alegria de idade em idade.
16 Vocês devem chupar o leite das nações,
Você deve sugar o peito dos reis;
e você saberá que eu, o Senhor, sou seu Salvador
e seu Redentor, o poderoso de Jacó.
17 Em vez de bronze, trarei ouro,
e em vez de ferro trarei prata;
em vez de madeira, bronze
em vez de pedras, ferro.
Eu farei paz a seus superintendentes
e a justiça dos seus maquinistas.
18 A violência não deve mais ser ouvida em sua terra,
devastação ou destruição dentro de suas fronteiras;
você deve chamar seus muros Salvação,
e suas portas louvem.
19 O sol não será mais
sua luz do dia,
nem para o brilho deve a lua
Dê luz para você de noite;
mas o Senhor será a sua luz eterna,
e o seu Deus será a sua glória.
20 O seu sol não deve mais descer,
nem sua lua se retira;
pois o Senhor será a sua luz eterna,
e os seus dias de luto devem ser encerrados.
21 O seu povo será todo justo;
eles devem possuir a terra para sempre,
o tiro da minha plantação, o trabalho das minhas mãos,
para que eu possa ser glorificado.
22 O menos deve se tornar um clã,
e a mais pequena uma nação poderosa;
Eu sou o Senhor;
em seu tempo eu vou acelerar.

Esses versos apresentam um contraste entre a antiga desolação de Sião e sua futura glória. Aquele que já foi abandonado e odiado logo se tornará a alegria de todas as idades. Uma vez tratado como uma criança sem mãe, ela agora deve ser amamentada no peito dos reis (ver 49:23). O bronze dele será substituído pelo ouro, o ferro pela prata, a madeira pelo bronze e as pedras pelo ferro. Seus novos missionários e supervisores serão paz e justiça (ver 32:17). Os resultados do domínio da paz e da justiça são explicados no v. 18 : a violência não é mais ouvida na terra, de modo que os muros de Sião são chamados de "Salvação" e seus portões "Louvor".

O tema da luz, que é introduzido pela primeira vez em vv. 1-3 , reaparece em vv. 19-20 . Zion é informado de que no tempo de sua restauração ela não terá necessidade de sol ou lua, pois o próprio Senhor será a luz eterna (Ap 21, 23-25). A escuridão será banida dela para sempre, e com ela toda a tristeza anterior (cf. 25: 8 ; 35:10 ; 65: 18-19 ; Apocalipse 21: 3-4).

Somente os justos, isto é, aqueles que são o disparo do plantio de Deus e o trabalho de suas mãos, participarão do glorioso futuro de Sião (ver 35: 8). Diz-se disto que eles possuirão a terra para sempre, e que o menor deles se tornará um clã e a mais pequena nação poderosa. Através dos dons da terra e da prole, as promessas antigas feitas aos patriarcas serão cumpridas (ver 51: 1-2 , Gênesis 13: 14-17). A última parte do v. 22 enfatiza a confiabilidade de Deus e a confiabilidade de sua palavra: o que ele prometeu, ele trará no seu horário designado.

2. Tidings of Great Joy (61: 1-11)

(1) O Ungido Arauto da Salvação (61: 1-4)

1 O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim,
porque o SENHOR me ungiu
para trazer boas novas aos aflitos;
ele me enviou para amarrar o coração partido,
para proclamar liberdade aos cativos,
e a abertura da prisão para aqueles que estão presos;
2 para proclamar o ano do favor do Senhor,
e o dia da vingança do nosso Deus;
para confortar todos os que lamentam;
3 para conceder aos que lamentam em Zion-
para lhes dar uma guirlanda em vez de cinzas,
o óleo de alegria em vez de luto,
o manto de louvor em vez de um espírito fraco;
para que sejam chamados de carvalhos de justiça,
o plantio do Senhor, que ele talvez tenha glorificado.
4 Construirão as ruínas antigas,
eles devem levantar as devastações anteriores;
eles devem reparar as cidades arruinadas,

as devastações de muitas gerações.

Alguns interpretaram esses versículos como uma quinta Canção Servante (ver *42: 1-4 ;* 49: 1-6 ; 50: 4-9 ; 52: 13-53: 12). Parece mais provável, no entanto, que eles representem a descrição do profeta de sua própria missão para a comunidade pós-xilica. Ele foi chamado para ministrar a um povo cujo cativeiro ainda não terminou (v. 1), e cuja terra há muito tempo em ruínas (v. 4). Sua audiência está especificamente localizada em Zion (v. 3), e a natureza angustiante de sua situação é indicada pela terceira referência ao luto (vv. 2-3). Eles são ainda caracterizados como aflitos, com coração partido, amarrado e de um espírito fraco. Que são as mesmas pessoas cuja restauração é prometida no capítulo anterior é claramente indicado por uma comparação de v. 3b com 60: 21b ; Em ambas as passagens é afirmado que a intenção divina é formar um povo que seja chamado de plantação do Senhor e em quem ele possa ser glorificado. A data sugerida para a passagem, portanto, seria pouco depois do retorno da primeira banda de exilados a Jerusalém em 538 AC .

O profeta começa seu oráculo com o anúncio de que ele foi designado divinamente para sua tarefa e dotado do Espírito do Senhor Deus (ver 11: 2 ; 42: 1 ; Mic. 3: 8). Ele foi enviado para proclamar uma mensagem que afetará uma mudança maravilhosa em seus ouvintes desanimados: os pobres (marg.) Ouvirão as boas novas, os corações em ferrão serão curados, os prisioneiros serão libertados, os cegos receberão sua visão, e os enlutados serão consolados. Essas mudanças nas circunstâncias do povo sinalizarão o início da era da salvação, designado aqui como "o ano do favor do Senhor e o dia da vingança de nosso Deus".

"Hoje esta escritura foi cumprida em sua audiência". Tal foi a declaração feita por Jesus na sinagoga de Nazaré, depois de ter lido a versão 1 e a primeira linha de v. 2 (Lucas 4: 16-21 , cf. 7 : 18-23). Ele viu na descrição do ministério do profeta um retrato apropriado dele, enquanto ele tratava de curar os doentes e pregar as boas novas do reino de Deus. Há também um sentido em que a passagem apresenta um modelo para o tipo de ministério que os servos de Deus devem desempenhar em todas as épocas.

(2) Um povo abençoado do Senhor (61: 5-9)

5 Os estrangeiros devem ficar de pé e alimentar seus rebanhos,
os estrangeiros serão seus labradores e vinicultores;
6 Mas serás chamado sacerdotes do Senhor,
Os homens devem falar de vocês como ministros do nosso Deus;
você deve comer a riqueza das nações,
E em suas riquezas você se gloriará.
7 Em vez de sua vergonha você terá uma porção dupla,
Em vez de desonrar você se alegrará em sua sorte;
portanto, em sua terra, você deve possuir uma porção dupla;
seu será a alegria eterna.
8 Pois eu, o Senhor, amo a justiça,
Odeio roubo e erro;

Eu lhes darei fielmente a sua recompensa,
E farei uma aliança eterna com eles.
9 Seus descendentes serão conhecidos entre as nações,
e a sua prole no meio dos povos;
Todos os que os vêem devem reconhecê-los,
que são um povo que o Senhor abençoou.

A restauração de Sião resultará em uma nova missão para seu povo: todos se tornarão sacerdotes e ministros do Senhor (ver Ex. 19: 5-6 ; 1 Pedro 2: 9). Para que eles possam se dedicar plenamente a tal ministério espiritual, os estrangeiros tenderão voluntariamente seus rebanhos, cultivarão seus campos e os manterão com suas riquezas. Assim como os sacerdotes levítas foram apoiados pelas tribos entre as quais serviram, os israelitas também gozarão do apoio das nações entre as quais ministram como sacerdotes.

A referência à dupla porção de Israel no v. 7 ecoa 40: 2 (ver Zacarias 9:12). Uma segunda possibilidade é que Israel seja tratado como o primogênito entre as nações, recebendo uma dupla porção da herança do Senhor (ver Deuteronômio 21:17).

Os versículos 8-9 completam a imagem da benção futura do povo de Sião, porque o Senhor odeia roubo e errado, ele os recompensará por todos os anos que sofreram. Ele também promete que estabelecerá uma aliança nova e eterna com eles. Seus descendentes serão então conhecidos entre as nações como as pessoas que o Senhor abençoou.

(3) Um Hino de Regocijo (61: 10-11)

10 Alegrei-me muito no Senhor,
minha alma exultará em meu Deus;
porque ele me vestiu com as vestes de salvação,
Ele me cobriu com a túnica da justiça,
Como um noivo se detém com uma guirlanda,
e como uma noiva se adorna com suas jóias.
11 Pois, à medida que a Terra produz seus rebentos,
e como um jardim faz com que o que é semeado nele surgir,
então o Senhor Deus causará justiça e louvor
para surgir diante de todas as nações.

Zion responde a essas promessas com um hino de ação de graças. Em preparação para a instituição da aliança eterna, ela está vestida com roupas de salvação e com a túnica da justiça (Efésios 6: 14-17). Estes são falados como roupas de casamento, e a metáfora do noivo e a noiva enfatizam a alegria e o prazer compartilhados mutuamente por Deus e suas pessoas redimidas (ver 49:18 ; 62: 5 ; Apocalipse 21: 2).

No versículo final, o profeta repete a promessa de que a palavra de Deus certamente se concretizará (cf. 40: 8 ; 55: 10-11). O Senhor fará com que a redenção de Sião expire em sua própria estação, assim como um jardim faz com que a semente semeie nele cresça e cresça. A restauração da justiça e louvor de Sião, portanto, será realizada às vistas de todas as nações.

3. Suplicando as promessas de Deus (62: 1-12)

(1) Beulah Land (62: 1-5)

> *1 Por amor de Sião, não vou ficar em silêncio,*
> *e por causa de Jerusalém não vou descansar,*
> *até que a sua reivindicação se apresente como brilho,*
> *e sua salvação como uma tocha ardente.*
> *2 As nações verão a vossa reivindicação,*
> *e todos os reis sua glória;*
> *e você será chamado por um novo nome*
> *que a boca do Senhor dará.*
> *3 Tu serás uma coroa de beleza na mão do Senhor,*
> *e um diadema real na mão do seu Deus.*
> *4 Você não deve mais ser chamado Forsaken,*
> *e sua terra não será mais chamada Desolada;*
> *mas você deve ser chamado Meu deleite é nela,*
> *e sua terra casada;*
> *Para o Senhor se delicia em você,*
> *e sua terra será casada.*
> *5 Pois, como jovem, se casa com uma virgem,*
> *assim seus filhos se casarão com você,*
> *e como o noivo se alegra com a noiva,*
> *assim o seu Deus se alegrará sobre você.*

O profeta declara solenemente a Sião que, enquanto a vinda de sua salvação se atrasar, ele não fará callar nem descansar. Em vez disso, ele intercederá diante de Deus por ela até que a sua reivindicação seja lançada como brilho e sua salvação como uma tocha ardente. A promessa é repetida que a sua reivindicação será manifestada antes de todas as nações e sua glória diante de seus reis (cf. 61:11).

Na era a vir, o nome de Zion será mudado de Forsaken até o deleite é nela, e a da terra de Judá de Desolate **para** Casado. Aqui, como em outras partes das Escrituras, o recebimento de um novo nome significa uma mudança radical no caráter e status de alguém. Zion, portanto, pode ser referido como uma coroa de beleza e um diadema real, embora o profeta tenha o cuidado de dizer que estes são mantidos na mão do Senhor em vez de serem colocados sobre sua cabeça. A metáfora do casamento é transferida para a v. 5com o resultado de que os filhos de Sião são bastante curiosos como casados com

a mãe deles. O coração do verso, no entanto, é encontrado na afirmação de que o Senhor se alegra sobre Sião quando um noivo se alegra com sua noiva. Não há uma afirmação mais clara da preocupação pessoal do Senhor pelo seu povo em todo o Antigo Testamento.

(2) Vigília de Oração dos Guardiões de Sião (62: 6-9)

6 Sobre as tuas paredes, ó Jerusalém,
Eu estabeleci vigias;
Todo o dia e toda a noite
eles nunca devem ficar em silêncio.
Você que lembrou o Senhor,
não descanse
7 e não lhe dê descanso
até que ele estabeleça Jerusalém
e faz um louvor na terra.
8 O Senhor jurou pela mão direita
e por seu braço poderoso:
"Eu não vou mais dar o seu grão
para ser alimento para seus inimigos,
e os estrangeiros não devem beber o seu vinho
para o qual você trabalhou;
9, mas aqueles que jogam isso devem comê-lo
e louve o SENHOR ,
e aqueles que o juntam devem beber
nos tribunais do meu santuário ".

O profeta anuncia a Jerusalém que colocou vigias em seus muros para se envolver em oração perpétua em seu favor. Este é o seu único dever e responsabilidade, que os distingue dos vigias comuns. Eles, portanto, representam todos aqueles que se juntam ao profeta no ministério de intercessão. Eles são dirigidos como aqueles que colocam o Senhor em memória, e são encarregados de não descansarem e não darem descanso a Deus até que abençoe Jerusalém com paz e prosperidade.

Smart observou que a passagem levanta de novo todo o problema da oração de intercessão: por que Deus deveria ser lembrado de suas próprias promessas? Se ele é bom e onipotente, por que ele deve implorar os erros da Terra direita e curar suas feridas? Sem negar a seriedade do problema, Smart conclui que nossa humanidade comum nos une de maneira que possamos alcançar a oração e atrair os outros para a presença de Deus, seja eles conscientes disso ou não. A intercessão, portanto, é vista como "um sinal da inseparabilidade de nossas vidas humanas em sua relação com Deus". O Senhor deu seu juramento solene de que os estrangeiros já não confiscariam as colheitas para as quais seu povo trabalhou (v. 8). Pelo contrário, os que colherem as colheitas comerão e beberão deles, e louvarão ao Senhor nos tribunais do seu santuário

(v. 9). A última referência provavelmente tem a ver com a celebração alegre da festa dos Tabernáculos (ver Zacarias 14: 16-19).

(3) A Rodovia dos Redimidos (62: 10-12)

10 Atravesse, atravesse os portões,
preparar o caminho para as pessoas;
construir, construir a rodovia,
limpe-o de pedras,
Levante uma bandeira sobre os povos.
11 Eis que o Senhor proclamou
até o fim da terra:
Diga à filha de Sião:
"Eis que vem a vossa salvação;
Eis que sua recompensa é com ele,
e sua recompensa antes dele ".
12 E se chamarão o povo santo,
Os redimidos do SENHOR ;
e você será convocado, chamado,
uma cidade não abandonada.

Os habitantes de Jerusalém são instados a sair pelos portões da cidade e preparar uma estrada para o retorno dos exilados que ainda estão espalhados entre as nações (40: 3-4). Em v. 11b , que é uma repetição de 40: 10b , o profeta assegura à filha de Sião que, finalmente, a sua tão aguardada salvação virá. Em sinal de seu estado renovado, seu nome será mudado para procurado, uma cidade não abandonada, e a de seu povo para o povo sagrado, os redimidos do Senhor (v. 4).

4. O Divino Vingador (63: 1-6)

1 Quem é esse que vem de Edom,
em roupas carmesim de Bozrah,
ele que é glorioso em seu vestuário,
marchando na grandeza de sua força?
"É eu, anunciando a reivindicação,
poderoso para salvar ".
2 Por que seu vestuário é vermelho,
e suas roupas como as que pisa na imprensa de vinho?
3 "Eu pisou a imprensa do vinho sozinha,
e dos povos ninguém estava comigo;
Pisei-os na minha raiva
e pisoteou-os na minha ira;
seu sangue vital é espalhado sobre minhas roupas,

e eu tenho manchado todos os meus vestidos.

4 Pois o dia da vingança estava no meu coração,

e meu ano de redenção chegou.

5 Olhei, mas não havia ninguém para ajudar;

Fiquei horrorizado, mas não havia ninguém para sustentar;

então meu próprio braço me trouxe vitória

e minha ira me confirmou.

6 Eu pisei os povos em minha raiva,

Eu os bebi em minha ira,

E derramei sua força vital na terra ".

Esta passagem é lançada na forma de um diálogo entre Deus e o profeta. Em sua mente, o profeta vê uma figura solitária que se aproxima de Jerusalém da direção de Edom. Quando ele pergunta quem é aquele que vem de Edom com suas roupas manchadas de vermelho, marchando em sua poderosa força, o Senhor responde: "Eu sou eu, que anunciar que o direito ganhou o dia, eu, que sou forte para salvar" (NEB).

Quando o profeta perguntar ao Senhor por que as suas vestes são manchadas de vermelho, como as vestes daqueles que pisam as uvas, a resposta volta: "Eu pisou o lagar sozinho; Nenhum homem, nenhuma nação estava comigo. Eu pisou-os em minha raiva, pisoteei-os com minha fúria; e seu sangue de vida brotou sobre minhas roupas e manchou toda a minha roupa "(NEB).

O tema da passagem é a disposição do Senhor de agir; ele não ficou parado, mas entrou na luta ao lado de seus povos oprimidos. Os edomitas talvez sejam entendidos como representativos de todos os que são hostis a Israel (cf. 34: 5-6 , 9 ; Salmo 137: 7 ; Obad 9-14 ; Mal 1: 4). O Senhor, portanto, irá lidar com todas as nações que tentam evitar a realização de seu propósito para o povo.

O Senhor é apresentado em outro lugar do Antigo Testamento como uma figura guerreira (ver Ex. 14:14 , 25 ; Salmo 24: 8 ; Isaías 42:13), mas nunca em termos tão violentos como aqui. Muitos cristãos, portanto, acham difícil conciliar a visão do deus de Deus com a encontrada no Novo Testamento. Como o mesmo Deus pode amar seus inimigos o suficiente para enviar seu Filho para ser seu Salvador, e também tentar destruí-los?

O Norte (*O Segundo Isaías,* p. 116) propôs uma solução para o problema com base na consideração das duas possíveis seqüelas para a concepção antropomórfica do Antigo Testamento do Deus-guerreiro: essa concepção poderia ter sido superada e substituída por uma monoteísmo abstrato, ou poderia ter culminado na encarnação de Cristo. A última possibilidade é o que realmente ocorreu. Deus visitou a Terra, na encarnação, e sua vinda resultou no derramamento de sangue. No entanto, como o norte indicou, "o homem, não Deus, o derramou, e o sangue que foi derramado não era do homem, mas o sangue do Incarnado Filho de Deus".

5. Um Salmo de Intercessão (63: 7-64: 12)

Nesta passagem, o profeta fala como intercessor para o seu povo, identificando-se com eles em suas trevas e desespero (cf. 62: 1). A primeira parte de sua oração (63: 7-14) é uma revisão dos antigos atos redentores de Deus; A segunda parte (63: 15-64: 12) é uma confissão de culpa nacional e um sério apelo a Deus para salvar Israel de sua atual angústia. A maioria dos estudiosos data da oração entre o primeiro retorno dos exilados em 538 AC e a conclusão do Templo em 515 (ver 63: 17-19 ; 64: 10-11).

(1) Lembrança das Misericórdias (63: 7-14)

7 Vou contar o amor firme do Senhor,
os louvores do Senhor,
De acordo com tudo o que o Senhor nos concedeu,
e o grande bem à casa de Israel
que ele concedeu segundo a sua misericórdia,
de acordo com a abundância de seu amor firme.
8 Pois ele disse: Certamente eles são meu povo,
filhos que não tratam falsamente;
e ele se tornou seu Salvador.
9 Em toda a sua aflição, ele estava afligido,
e o anjo da sua presença os salvou;
No seu amor e na sua piedade, ele os redimiu;
Ele os levantou e os carregou todos os dias de idade.
10 Mas eles se rebelaram
e entristeceu seu Espírito Santo;
então ele se virou para ser seu inimigo,
e ele mesmo lutou contra eles.
11 Então ele se lembrou dos dias de idade,
de Moisés, seu servo.
Onde está aquele que brotou do mar
os pastores de seu rebanho?
Onde está ele quem colocou no meio deles
seu Espírito Santo,
12 que causou seu braço glorioso
para ir à direita de Moisés,
que dividiu as águas diante deles
para fazer para si mesmo um nome eterno,
13 quem os conduziu pelas profundezas?
Como um cavalo no deserto,
eles não tropeçaram.
14 Como o gado que desce no vale,
O Espírito do Senhor lhes deu descanso.

Então você conduziu o seu povo,
para fazer um nome glorioso.

Em linguagem remanescente dos salmos (ver Salmos 89: 1-2 ; 106: 1-2), o autor recorda as misericordias do passado de Deus em nome de Israel. O versículo 7 começa e termina com a palavra hebraica *chesed* (amor firme) uma palavra tão rica em significado como praticamente desafiar a tradução. É uma palavra da aliança que combina as duas idéias básicas de amor e lealdade. O versículo também usa três outros termos para designar os atos poderosos do Senhor: louvores, grande bondade e misericórdia.

O verso 8 descreve as altas expectativas com que Deus escolheu os israelitas para serem seus filhos. O versículo tem referência ao Êxodo, e é paralelo em significado para Oséias 11: 1 : "Quando Israel era criança, eu o amava, e do Egito eu liguei para o meu filho".

O Êxodo também está em vista no v. 9 , que descreve audazmente Deus como compartilhando a aflição de seu povo no Egito (ver Ex. 3: 7-10 ; 6: 2-5). Por sua compaixão por eles, enviou o anjo da sua presença para salvá-los (Ex. 14:19 ; Núm. 20: 14-16); Em seu amor e compaixão, ele os redimiu (ver Ex. 6: 6-7 , Salmos 74: 2); e ele os levantou e os carregou todos os dias do passado (ver Ex. 6: 8 ; Deut. 32: 11-12).

As duas primeiras palavras no v. 10 estão em uma posição enfática no texto hebraico: "Mas eles ..." Apesar de tudo o que o Senhor tinha feito pelos filhos de Israel, eles se rebelaram contra ele (Heb \. *Marah* , cf. Números 20:24 ; Deuteronômio 9:23 ; Salmo 106: 7), e entristeceu seu Espírito Santo (ver v. 11 ; Salmo 51:11). Essas palavras expressam vividamente o sofrimento e a dor que a rebelião do homem sempre traz a Deus (cf. Atos 7:51 ; Ef. 4:30).

A maioria dos comentaristas considera o antecedente de "ele" no início do v. 11 como Israel. Recordando os milagres que Deus havia realizado no passado, Israel agora grita com um tom de queixa, onde ele **está** ? Esta pergunta foi habitualmente falada em escárnio pelos inimigos da nação (cf. Salmos 42: 3 ; 79:10 ; Joel 2:17). Aqui, no entanto, é perguntado por um Israel profundamente perturbado, que é ele próprio incapaz de explicar a aparente ausência de Deus de seu meio.

(2) A Plea for Present Help (63: 15-64: 12)

15 *Olhe para baixo do céu e veja,*
da sua santa e gloriosa habitação.
Onde estão o seu zelo e a sua força?
O anseio do seu coração e da sua compaixão
são retidos de mim.
16 *Pois você é nosso Pai,*
embora Abraão não nos conheça
e Israel não nos reconhece;
tu, ó SENHOR , é nosso Pai,

Nosso Redentor de antigamente é o teu nome.
17 Ó SENHOR , por que nos fazes errar dos teus caminhos
e endurece nosso coração, de modo que não temamos você?
Volta por causa dos teus servos,
as tribos da tua herança.
18 O seu povo sagrado possuía um pouco o seu santuário;
nossos adversários o derrubaram.
19 Nós nos tornamos como aqueles sobre quem você nunca governou,
como aqueles que não são chamados pelo seu nome.
1 para que rasgares os céus e descerás,
que as montanhas possam tremer de sua presença -
2 como quando o fogo acende o pináculo
e o fogo faz com que a água ferva -
para que o seu nome seja conhecido de seus adversários,
e que as nações possam tremer diante da tua presença!
3 Quando você fez coisas terríveis que não procuramos,
Sinto-se firme, as montanhas torceram a sua presença.
4 Desde o velho ninguém já ouviu
ou percebido pela orelha,
nenhum olho viu um bacalhau além de você,
que trabalha para quem espera por ele.
5 Você conhece aquele que alegremente trabalha a justiça,
aqueles que se lembraram de ti nos teus caminhos.
Eis que você ficou bravo e pecamos;
Nos nossos pecados, temos sido um longo tempo e devemos ser salvos?
6 Todos nos tornamos como alguém que é impuro,
e todas as nossas ações justas são como uma roupa poluída.
Todos nós desaparecemos como uma folha,
e nossas iniqüidades, como o vento, nos levam embora.
7 Não há quem invoque seu nome,
que bestirs próprio para tomar conta de ti;
porque escondeu o nosso rosto de nós,
e nos entregou na mão de nossas iniqüidades.
8 Contudo, ó SENHOR , és o nosso Pai;
Nós somos a argila, e você é nosso oleiro;
Nós somos todo o trabalho da sua mão.
9 Não fique zangado demais, ó SENHOR ,
e lembre-se de não iniqüidade para sempre.

Eis que consideramos que somos todos o teu povo.
10 As tuas cidades sagradas se tornaram um deserto,
Zion tornou-se uma região selvagem,
Jerusalém é uma desolação.
11 Nossa santa e bela casa,
onde nossos pais te louvaram,
foi queimado pelo fogo
e todos os nossos lugares agradáveis se tornaram ruínas.
12 Você se debruçará sobre estas coisas, SENHOR ?
Queres ficar em silêncio e afligir-nos com dureza?

O profeta, falando para toda a comunidade pós- xilica , implora a Deus primeiro a olhar para baixo 63:15 e depois a descer (64: 1) do céu e resgatar seu povo de sua miséria e desespero. O que o profeta pede é nada menos que uma teofania, uma auto-revelação de Deus em todo o seu poder e majestade (64: lb-3, ver Ex. 19: 16-18 ; 2 Sam. 22: 8-16 ; Salmo 18: 7-15).

Uma característica única da oração do profeta é a sua ênfase na paternidade de Deus (ver 63:16 ; 64: 8). A designação de Deus como pai raramente ocorre no Antigo Testamento, talvez devido ao perigo de implicar que os homens são fisicamente descendentes dele. A designação mais comum para ele, portanto, é criadora. Mesmo quando é falado como pai, a implicação usual é que os homens são seus filhos pela criação. A paternidade e a criatividade são combinadas em 64: 8, onde Deus é dirigido como pai e oleiro (ver 29:16 ; 45: 9 ; Jeremias 18: 6).

Ao longo da oração, há uma mistura de palavras de confiança (63:16; 64: 4-5 fl, 8), de súplica (63: 15a , 17b; 64: 1-3 , 9), de lamento (63: 15b , 17a , 18-19; 64: 10-12), e de confissão (64: 5b-7). O lamento em v. 17a reflete a noção de que Deus é sem par ou rival no universo, e que tudo o que acontece é diretamente devido à sua vontade (cf. 6: 9-10 ; 45: 7). Era tão fácil para os israelitas acreditarem que ele tinha endurecido seus corações como antes que ele endureceu o coração de Faraó (ver Ex. 7: 3).

Um pensamento semelhante ocorre em 64: 5 : Eis que você ficou bravo e pecamos. O leitor do modem está chocado com esta afirmação, pois parece confundir a causa com efeito. Ao examinar mais de perto, porém, é visto expressar uma verdade vital: a ira de Deus às vezes se manifesta através do pecado ser entregue a uma maior pecaminosidade (Romanos 1: 18-32). O pecado é seu próprio castigo, pois leva à imundície e à poluição, e, no final, leva o pecador à destruição, como as folhas conduzidas pelo vento (64: 6). Nada, portanto, é mais assustador do que ser entregue nas mãos das próprias iniqüidades (64: 7).

O profeta expressa sua agonizante preocupação com o atual estado do Templo de Jerusalém. Seu amor profundo por isso é revelado nos termos que ele usa para descrevê-lo: o seu santuário (63:18) e "Nossa bela e bela casa, onde nossos pais te louvaram" (64:11). Agora está em ruínas, pisado pelos adversários de Israel e queimado pelo fogo. O profeta está confiante de que Deus não permanecerá impassível diante dessas coisas, embora sua confiança tome a forma de uma pergunta (64:12).

6. Profecias do julgamento e da salvação (65: 1-66: 24)

(1) Aviso de Deus para um povo apologético (65: 1-16)

1 Eu estava pronto para ser procurado por aqueles que não me pediram;
Eu estava pronto para ser encontrado por aqueles que não me procuraram.
Eu disse: "Aqui estou eu, aqui estou eu"
para uma nação que não invocou meu nome.
2 Eu espalhei minhas mãos o dia todo
para um povo rebelde,
que caminham de uma maneira que não é boa,
seguindo seus próprios dispositivos;
3 pessoas que me provocam
ao meu rosto continuamente,
sacrificando em jardins
e queimando incenso sobre tijolos;
4 que se sentam em túmulos,
e passar a noite em lugares secretos;
que comem carne de porco,
e o caldo de coisas abomináveis está em seus vasos;
5 que dizem: "Mantenha-se,
não se aproxime de mim, pois estou separado de você ".
Estas são uma fumaça nas minhas narinas,
um incêndio que queima todo o dia.
6 Eis que está escrito antes de mim:
"Não vou ficar em silêncio, mas vou pagar,
sim, eu vou pagar no seu peito
7 suas iniqüidades e as iniqüidades de seus pais juntos,
diz o Senhor;
porque queimaram incenso nas montanhas
e me criticou nas colinas,
Vou medir em seu peito
pagamento por suas ações anteriores ".
8 Assim diz o Senhor:
"Como o vinho é encontrado no cluster,
e eles dizem: 'Não o destrua,
pois há uma benção nele, '
então farei para o bem de meus servos,
e não destrua todos eles.

9 Eu trarei descendentes de Jacó,
e de Judá, herdeiros das minhas montanhas;
meu escolhido deve herdar isso,
e os meus servos habitarão ali.
10 Sharon se tornará um pasto para rebanhos,
e o Vale de Achor um lugar para os rebanhos se deitarem,
para o meu povo que me procurou.
11 Mas vós que abandonais o SENHOR ,
que esquecem meu monte sagrado,
que colocou uma mesa para Fortune
e preencha copos de vinho misto para Destiny;
12 Vou te destinar à espada,
e todos vocês se curvarão ao abate;
porque, quando liguei, você não respondeu,
quando falei, você não ouviu,
mas você fez o que estava mal nos meus olhos,
e escolhi o que não me deleitei ".
13 Portanto, assim diz o SENHOR Deus:
"Eis que os meus servos comerão,
mas você terá fome;
eis que meus servos beberão,
mas você terá sede;
eis que meus servos se regozijarão,
mas você será envergonhado;
14 Eis que meus servos cantarão para alegria de coração,
mas você deve clamar por dor de coração,
e geme por angústia de espírito.
15 Você deve deixar o seu nome para o meu escolhido, para uma maldição,
e o Senhor Deus te matará;
Mas seus servos chamarão por um nome diferente.
16 Então aquele que se abençoa na terra
deve se abençoar pelo Deus da verdade,
e aquele que presta juramento na terra
jurará pelo Deus da verdade;
porque os problemas anteriores são esquecidos
e estão escondidos dos meus olhos.

Os versículos 1-2 contrastam com a pronta disponibilidade de Deus para serem procurados e encontrados com a total indiferença de Israel em suas aberturas. Durante

todo o dia, Deus estendeu as mãos e chamou seu povo, mas eles se afastaram dele e seguiram seus próprios dispositivos (ver 55: 6-9 , Rom. 10: 20-21).

As pessoas são acusadas de se envolver em práticas religiosas emprestadas de seus vizinhos pagãos (v. 3b-5a , 7). Estes incluem a oferta de sacrifícios em jardins (v. 3b) e sobre as montanhas (v. 7 , ver Jérsei 3:23 , Hos. 4:13); queima de incenso sobre tijolos; sentado em túmulos, presumivelmente com o propósito de consultar os espíritos dos mortos; passar a noite em "lugares secretos", talvez uma referência à prática de dormir em lugares santos para receber mensagens dos sonhos do outro mundo, comer a carne de porco (cf. Lv 11: 7).); e a falsa noção de que o envolvimento com essas práticas impregnou um com tal grau de santidade que ele se tornou inacessível (v. 5a).

O Senhor rotula aqueles que se envolvem em práticas tão abomináveis como um povo que me provocou no meu rosto continuamente e uma fumaça na minha narina, um fogo que queima todo o dia. As coisas que fizeram foram escritas antes dele (v. 6a). Eles serão devolvidos na íntegra por todas as suas iniqüidades (vv.6b-7).

Como o profeta considera o problema da apostasia contínua de Israel, ele se pergunta sobre a severidade do julgamento que vem. Que esperança existe para uma nação que mais uma vez demonstrou a sua incapacidade de se arrepender? A paciência de Deus finalmente foi exausta, e ele agora destruirá a nação em sua ira?

A resposta a estas questões vem no anúncio de uma mudança importante na maneira como Deus propõe lidar com o povo de Israel no futuro. A transição ocorre na v. 8 , que emprega um proverbio vintage para ensinar que a nação será poupada apenas por causa da presença nele de um remanescente justo (Gênesis 18: 22-32). As promessas anteriormente feitas para a nação como um todo serão agora transferidas para esse remanescente (ver vv. 9-10). Deus ainda julgará a nação, mas uma distinção será feita entre os dois segmentos dentro dela. A sua vinda trará a ruína aos injustos, mas a salvação aos seus servos (Mt 25: 31-46 ; Apocalipse 20: 11-15).

Os injustos são abordados na vv. 11-12 e condenado por sua idolatria. Os dois deuses pagãos que são acusados de adorar são Fortune *(Deus)* e Destiny (*Meni*). Através de um jogo de palavras, o Senhor anuncia que os "destina" para a espada. A última parte da v. 12 é repetida em 66: 4 (ver 50: 2).

O contraste entre o destino dos servos de Deus e os injustos é bem desenhado em vv. 13-15 (cf. Lucas 6: 20-26). Os últimos não têm nada a ansiar, exceto fome, sede, vergonha, tristeza e morte. Após a morte, o nome deles (Israel?) Se tornará uma maldição, enquanto o remanescente fiel receberá um nome novo e diferente (v. 15 , cf. 62: 2 ; Apocalipse 2:17 ; 3:12). As promessas antigas feitas a Abraão serão então cumpridas na vida dos fiéis, pois "se abençoam" pelo Deus da verdade (Gn 12: 2-3). O Deus da verdade também poderia ser representado "o Deus de Amém", a palavra hebraica *Amém*o que significa verdade, fidelidade ou firmeza. O profeta talvez esteja sugerindo que na idade a vir, mesmo o próprio Deus será chamado por um novo nome. O "Deus de Amém" é o Deus fiel de um povo fiel (2 Coríntios 1:20 ; Apocalipse 3:14).

(2) New Heavens and a New Earth (65: 17-25)

17 "Pois eis que eu crio novos céus
e uma nova terra;
e as coisas anteriores não devem ser lembradas
ou venha à mente.
18 Mas seja alegre e regozijem-se para sempre
naquilo que eu crio;
Pois eis que eu crio Jerusalém uma alegria,
e seu povo uma alegria.
19 Alegre-me-ei em Jerusalém,
e fique feliz no meu povo;
nada mais deve ser ouvido nele, o som de chorar
e o choro da angústia.
20 Não haverá mais nele
uma criança que vive apenas alguns dias,
ou um velho que não preencha seus dias,
pois a criança deve morrer cem anos de idade,
e o pecador de cem anos será amaldiçoado.
21 Construirão casas e as habitarão;
eles devem plantar vinhas e comer seus frutos.
22 Eles não construirão e outro habitará;
eles não devem plantar e outro comer;
pois, como os dias de uma árvore, sejam os dias do meu povo,
e os meus escolhidos apreciarão o trabalho de suas mãos.
23 Não trabalharão em vão,
ou ter filhos por calamidade;
porque eles serão descendentes dos abençoados do Senhor,
e seus filhos com eles.
24 Antes que eles liguem, eu responderei,
enquanto eles ainda estão falando eu vou ouvir.
25 O lobo e o cordeiro devem alimentar-se juntos,
o leão comerá palha como o boi;
e o pó será o alimento da serpente.
Eles não devem machucar ou destruir
em toda a minha montanha sagrada,
diz o Senhor ".

O assunto deste oráculo é o destino glorioso que espera os servos de Deus. Por seus motivos, os céus e a terra serão recriados, e os problemas anteriores não serão mais lembrados (v. 17 , cf. 2 Pedro 3: 10-13 ; Apocalipse 21: 1-4). Deve-se notar que o futuro previsto pelo profeta ainda é muito isso - mundano. É um futuro que é

completamente centrado na terra, onde, por exemplo, as mulheres ainda dão à luz crianças (v. 23 , cf. Gn 3:16); os homens ainda constroem casas, cultivam campos e colhem colheitas (v. 21-22 , cf. Gn 3: 17-19); e as serpentes ainda comem o pó da terra (v. 25 , ver Gênesis 3:14). O mais importante de tudo, é um futuro em que todos ainda devem morrer (v. 20).

Em que consiste, então, a esperança futura de Israel? *Primeiro,* encontra-se na promessa de que a tristeza e a angústia serão eliminadas e seu lugar será tomado pela alegria e alegria (v. 18-19). *Em segundo lugar,* reside na certeza de que os justos não morrerão prematuramente, mas viverão para uma velhice madura (v. 20). Aquele que atinge apenas mil anos ainda será considerado um filho, enquanto aquele que não atingir cem anos será considerado como uma maldição. O participio *chote'* , que geralmente é "pecador", é derivado de uma raiz de verbo, cujo significado básico é perder a marca ou ficar curto. A cláusula final no v. 20, portanto, deve ser traduzido: "e quem cair em menos de cem anos será anátema".

Em terceiro lugar, no futuro, o trabalho dos justos não será em vão (v. 21-23); eles não construirão casas para que os outros habitem nem semeiem colheitas para que os outros consumam; suas esposas não terão mais filhos por calamidades ou infortúnios. Os justos, portanto, aproveitarão os frutos do seu trabalho, e os seus filhos serão chamados de prole dos abençoados do Senhor. Em quarto lugar, na idade a vir, Deus responderá às orações dos justos, respondendo-lhes antes que eles chamem e ouvindo-os sempre que falam (v. 24). Em quinto lugar, toda a hostilidade e animosidade serão removidos da terra, de modo que até os animais cinco juntos em paz (v. 25 , cf. 11: 6-9).). O profeta, portanto, claramente prevê um retorno ao Paraíso e uma destruição de todos os resultados da queda do homem no pecado. Com a representação da v. 22b , a Septuaginta e a Targum fornecem suporte adicional para relacionar esta passagem com os primeiros capítulos do Gênesis; A sua tradução diz: "como os dias da árvore da vida serão os dias do meu povo" (Gênesis 2: 9 ; Ezequias 47: 1-12 ; Apocalipse 22: 1-2 , 14).

(3) Desaprovação de Deus de adoração corrompida (66: 1-4)

1 Assim diz o SENHOR :
"O céu é meu trono
e a terra é o meu escabelo dos pés;
Qual é a casa que você construirá para mim,
e qual é o lugar do meu descanso?
2 Todas essas coisas que minha mão fez,
e então todas essas coisas são minhas,
diz o SENHOR .
Mas este é o homem a quem eu vou olhar,
Ele é humilde e contrito em espírito,
e treme em minha palavra.
3 "Aquele que abate um boi é como aquele que mata um homem;

aquele que sacrifica um cordeiro, como aquele que quebra o pescoço de um cachorro;

aquele que apresenta uma oferta de cereais, como aquele que oferece sangue de porco;

aquele que faz uma oferta memorial de incenso, como aquele que abençoa um ídolo.

Estes escolheram seus próprios caminhos,

e sua alma se delicia em suas abominações;

4 Também vou escolher a aflição para eles,

e trazem seus medos sobre eles;

porque, quando liguei, ninguém respondeu:

Quando falei, eles não ouviram;

mas fizeram o que era malvado em meus olhos,

e escolhi aquele em que não me deliciava "

Esses versículos geralmente datam entre 538 e 520 AC. Eles parecem expressar a oposição de Deus à reconstrução do Templo (v. 1-2) e sua desaprovação sobre a maneira pela qual o culto sacrificial é conduzido por seu povo (vv. 3-4). Não se deve interpretar essas palavras como dirigidas aos judeus que estão contemplando a construção de um templo a Javé na Babilônia, nem aos samaritanos esquemáticos que estão ameaçando erguer seu próprio templo no monte Gerizim, mas aos exilados que desejam sentir que é necessário reconstruir Templo de Jerusalém, a fim de providenciar uma morada para o Senhor. Não é o templo como tal que é condenado, mas uma visão inadequada de Yahweh, combinada com um sincretismo corrupto e pagão.

A questão colocada pela v. 1 é se qualquer templo criado pelo homem é adequado para abrigar aquele cujo trono é o céu e cujo escabelo é a terra (1 Reis 8:27 ; Mateus 5: 34-35 ; Atos 7:48 -50). Onde moram os mais altos? Não em casas feitas com mãos, mas nos corações daqueles que são humildes e contritos em espírito e que tremem em sua palavra (v. 2 , cf. 57:15). O profeta antecipa assim a definição incomparável de verdadeira religião dada mais tarde por Jesus: "Deus é espírito, e aqueles que o adoram devem adorar em espírito e verdade" (João 4:24).

A interpretação correta do v. 3 depende da relação entre os particípios independentes nas quatro primeiras multas. Como não há conectivos entre os particípios, uma renderização literal seria lida: "Aquele que abate um boi, aquele que mata um homem; aquele que sacrifica um cordeiro, aquele que quebra o pescoço de um cachorro; aquele que oferece uma oferta de cereais, [aquele que oferece] sangue de suíno; aquele que queima incenso como uma oferta memorial, aquele que adora um ídolo. . ".

O RSV vê a relação entre os pares de particípios como uma comparação: "Aquele que abate um boi *é como* aquele que mata um homem; aquele que sacrifica um cordeiro, *como* aquele que quebra o pescoço de um cachorro ") etc. De acordo com essa interpretação, o versículo constitui uma das mais violentas rejeições do culto do templo que se encontra no Antigo Testamento. Ele coloca o sacrifício de um boi a par com o

assassinato de um homem, e a oferta de um cordeiro com a quebra do pescoço de um cão.

Uma interpretação alternativa foi proposta por Westermann, que prefere renderizar o verso: "Aquele que abate um boi é *também* aquele que mata um homem"; etc. Uma leitura semelhante aparece no NEB: "Mas sacrificar um boi ou matar um homem, abater uma ovelha ou quebrar o pescoço de um cão, oferecer grãos ou oferecer sangue de suínos, queimar incenso como símbolo e adorar um ídolo - tudo Estas são as práticas escolhidas dos homens que se deleitam com os seus próprios ritos repugnantes ". Segundo essa interpretação e os tradutores do NEB, portanto, o verso é uma polêmica contra uma forma grosseira de sincretismo pós-xilico, que combina os tradicionais sacrifícios do Velho Testamento com práticas repugnantes emprestadas de cultos pagãos. Esta interpretação tem muito a recomendar.

Porque estes escolheram seus próprios caminhos em preferência aos caminhos de Deus (ver 53: 6 ; 55: 9 ; 65: 2 , 12), ele também escolherá a aflição para eles (v. 4). Smart observou que "sua escolha é seguida pela escolha *de Deus* . Eles são livres para escolher sua própria estrada, mas é Deus quem determina o resultado de sua escolha "(pág. 288). A ameaça divina chega a um clímax na declaração: "e eu trarei seus medos sobre eles". Nada é mais terrível do que para uma pessoa descobrir que seus medos se materializaram. Uma comparação da segunda metade do v. 4 com 65:24 aponta o contraste entre homens infieles e o Deus fiel.

(4) A Voz do Juízo (66: 5-6)

> *5 Ouça a palavra do Senhor,*
> *você que treme em sua palavra:*
> *"Seus irmãos que te odeiam*
> *e expulsá-lo pelo amor do meu nome*
> *disseram: "Que o SENHOR seja glorificado,*
> *para que possamos ver sua alegria ";*
> *Mas são eles que serão envergonhados.*
> *6 "Hark, um tumulto da cidade!*
> *Uma voz do templo!*
> *A voz do SENHOR ,*
> *dando uma recompensa aos seus inimigos!*

Esses versículos pressupõem um cisma dentro da comunidade judaica, com os fiéis crentes sendo perseguidos e expulsos por seus próprios irmãos. Os fiéis são caracterizados como aqueles que tremem na palavra do Senhor (ver v. 2). O verso traduziu o elenco. . . mais tarde, significou "sair da sinagoga, excomungar" (ver João 9: 34-35). É geralmente assumido, portanto, que aqueles que o profeta acusa de expulsar os justos são as autoridades civis e religiosas da comunidade. Eles supõem que, ao fazê-lo, estão prestando um serviço a Deus, pois dizem: "Que o Senhor seja glorificado" (João 16: 2).

Quando o dia do juízo vier, os ímpios serão envergonhados
(ver 41:11 ; 45:24 ; 65:13). A voz do Deus vingador é ouvida na v. 6 , quando ele surge para render recompensas aos seus inimigos. Mais uma vez, enfatiza-se que aqueles que são julgados são israelitas, porque o som da voz do Senhor vem do próprio templo (1 Pedro 4:17).

(5) O Renascimento de Sião (66: 7-14)

7 "Antes de estar trabalhando
ela deu à luz;
antes de sua dor virar sobre ela
ela foi entregue de um filho.
8 Quem ouviu tal coisa?
Quem viu essas coisas?
Será que uma terra nascerá em um dia?
Será que uma nação será criada em um momento?
Pois logo Zion estava trabalhando
Ela trouxe seus filhos.
9 Devo trazer para o nascimento e não causar a produzir?
diz o Senhor;
Devo ferir o útero?
diz o seu Deus.
10 "Alegre-se com Jerusalém, e fique feliz por ela,
todos vocês que a amam;
regozije-se com ela com alegria
todos vocês que lamentam sobre ela;
11 que você pode chupar e ficar satisfeito
com seus seios consoladores;
que você possa beber profundamente com prazer
da abundância de sua glória ".
12 Pois assim diz o Senhor:
"Eis que estenderei prosperidade a ela como um rio,
e a riqueza das nações como um fluxo transbordante;
e você deve chupar, você será levado sobre o seu quadril,
e deu uma volta sobre os joelhos.
13 Como alguém que sua mãe consola,
então eu vou consolar você;
Você será consolado em Jerusalém.
14 Você verá, e seu coração se regozijará;
Seus ossos florescerão como a grama;

e saberá que a mão do SENHOR está com seus servos,
e sua indignação é contra seus inimigos.

A vinda de Deus em julgamento trará destruição a seus inimigos, mas reivindicação aos seus servos (ver v. 14b). Ao longo desta seção, Zion é falado como a mãe do remanescente fiel que sobrevive ao julgamento. De repente, mesmo sem sofrer dores de parto, ela dá origem a uma nova cidadania: uma nação nasce em um dia (vv. 7-8 , cf. 49: 19-21 ; 54: 1-3). Em resposta àqueles que expressam o ceticismo de que tal evento acontecerá, o Senhor perguntará se ele permitiria que uma nação viesse ao momento de seu nascimento e depois fechou o útero sobre ele (v. 9). As questões retóricas neste versículo exigem uma resposta negativa; O que o Senhor começou, ele irá completar (cf. Fp 1: 6).

Aqueles que amam Jerusalém e que lamentam a condição desprezível do presente estão encarregados de se alegrar com ela em antecipação à sua redenção (v. 10). No v. 11, o profeta retoma novamente a metáfora da maternidade (ver v. 7-8), como ele promete aos fiéis que serão amamentados no peito de Jerusalém. Jones observou que, na luta de evidências recentemente descobertas da fiteratura ugarítica, a frase "a abundância de sua glória" deveria ser alterada para ler "o seu peito generoso". Aqueles que amamentam no amplo peito da Madre Jerusalém, portanto, receberão alimento que satisfaça , consolas, e traz prazer.

A prosperidade de Sião (*shalom* , paz) será como um rio (v. 12a , cf. 48:18), e a riqueza das nações fluirá para ela como um fluxo na maré de inundação (ver 60: 5 , 11 ; 61 : 6). Seus filhos receberão cuidados maternos dela (v. 12b), e também do próprio Senhor (v. 13). Kessler observa que esta é "a primeira vez no Antigo Testamento de que o testemunho de Yahweh rompe a reserva que em outros lugares observa tão estritamente e associa predicações femininas com ele". É apropriado que o tema do conforto, que figura tão proeminente nos capítulos 40-66 (ver 40: 1; 49:13 ; 51: 3 , 12 , 19 ; 52: 9 ; 57:18 ; 61: 2), deve ser levado ao clímax neste maimer.

(6) O julgamento das nações (66: 15-16)

15 Pois eis que o Senhor entrará em fogo,
e seus carros como a tempestade,
para tornar sua raiva furiosa,
e sua repreensão com chamas de fogo.
16 Porque, por fogo, o Senhor executará o julgamento,
e pela sua espada, sobre toda carne;
e os mortos pelo Senhor serão muitos.

Estes versículos descrevem a vinda do Senhor para executar o julgamento sobre toda a carne (ver v. 23-24 ; 40: 5-6 ; 49:26). A sua vinda é acompanhada por ventos de tempestade e chamas de fogo (ver Ex. 19:18 ; 2 Reis 2:11 , Salmos 18: 7-15). A Septuaginta preserva uma leitura ligeiramente diferente na v. 16a : "Porque pelo fogo do Senhor toda a terra será julgada, e toda a carne pela sua espada".

(7) condenação do culto pagão (66:17)

17 ***"Aqueles que se santificam e se purificam para entrar nos jardins, seguindo um no meio, comendo carne de suíno e abominação e camundongos, chegarão ao fim juntos, diz o SENHOR .***

Os condenados aqui são israelitas que participam de práticas de culto ilegítimas (ver v. 3 ; 3 ; 57: 5-10 ; 65: 3-5). Sacrificar em jardins é condenado em 65: 3 (ver 1:29). Seguindo um [Heb \. feminino] no meio, talvez se refira a marchar em uma procissão atrás de uma deusa ou sacerdotisa pagã. O comer carne de suíno ou camundongos é estritamente proibido na lei levítica (cf. Lv 11: 7 , 29). Aqueles que praticam essas abominações devem acabar juntos.

(8) O Encontro das Nações no Monte Sião (66: 18-23)

18 "Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos, e venho reunir todas as nações e línguas; e eles virão e verão a minha glória,

19 e eu estabelecerei um sinal entre eles. E deles enviarei sobreviventes para as nações, para Társis, Put e Lud, que desenham o arco, para Tubal e Javan, até as terras costeiras de longe, que não ouviram minha fama nem viram minha glória; E declararão a minha glória entre as nações.

20 E trarão todos os seus irmãos de todas as nações, como oferendas ao SENHOR , em cavalos, e em carros, e ninhadas, e sobre mulas, e sobre dromedários, para o meu santo monte de Jerusalém, diz o SENHOR , assim como os israelitas trazem sua oferta de cereais em um vaso limpo para a casa do SENHOR .

21 E alguns deles também tomarei pelos sacerdotes e pelos levitas, diz o SENHOR .

22 "Porque, como os novos céus e a nova terra
o que farei
Permanecerá diante de mim, diz o Senhor;
assim os seus descendentes e o seu nome permanecerão.

23 Da lua nova à lua nova,
e de sábado a sábado,
Toda carne virá a adorar antes de mim,
diz o Senhor.

As obscuridades textuais encontradas nestes versículos dificultam sua interpretação. A passagem abre com o anúncio do Senhor de que ele está pronto para reunir todas as nações e línguas para que elas possam vir e ver a sua glória. Verso 18 , por conseguinte, leva a um ápice o tema de glory, que funciona como um fio de ouro ao longo do livro de Is (cf. 6: 3 ; 24:15 , 23 ; 35: 2 ; 40: 5 ; 58: 8 ; 59:19 ; 60: 1).

Aqueles que vêem a sua glória logo se tornarão evangelistas, proclamando a sua glória entre as nações (v. 19). Alguns estudiosos detectaram uma dependência de Ezequiel na lista dos nomes dos lugares na v. 19 (ver Ezequiel 27:10 , 13 ; 30: 5). Tarsis deve ser

identificado como uma colônia fenícia na Espanha, como um nome posterior para a parte da Líbia, Lud como outra terra no norte da África, Tubal como uma terra ao sudeste do Mar Negro e Javan como o lar dos Ionianos em a costa ocidental da Ásia Menor.

Quando as nações ouviram a fama de Deus e viram a sua glória, reunirão os judeus que vivem no meio deles e os trará de volta a Jerusalém como oferenda ao Senhor (11.11-11 , 43: 5-6 ; 49: 6 ; 56: 8). Todos os meios de transporte disponíveis serão usados para transmiti-los: cavalos, carruagens, ninhadas, mulas e dromedários. Daqueles que retornam, o Senhor tomará alguns para servir como sacerdotes e levitas (v. 21). Não está claro se os admitidos no sacerdócio são gentios ou judeus não-levítas, embora o último pareça mais provável.

Em v. 22, Sion prometeu que seus descendentes e seu nome (62: 2 ; 65:15) serão tão duradouros quanto os novos céus e a nova terra (cf. 65:17). O próprio Senhor permanecerá nela, e mês a mês e sabá durante o sábado, toda carne virá a adorá-lo (v. 23 , cf. Zacarias 14:16).

(9) O castigo eterno dos Rebeldes (66:24)

24 "E eles sairão e verão os cadáveres dos homens que se rebelaram contra mim; porque o seu verme não morrerá, o seu fogo não se apagará, e eles serão um aborrecimento para toda a carne ".

Como em Zacarias 14: 17-19 , o castigo severo cai sobre aqueles que não adorarão e servirão ao Senhor. O versículo 24 apresenta uma cena aterrorizante dos cadáveres dos rebeldes que se encontravam fora da cidade de Jerusalém, talvez no vale de Hinnom. Este vale tinha sido considerado um manto maldito devido às suas associações com o culto de Molech (ver 57: 9 , Jer. 7: 31-33). Eventualmente, tornou-se o lixo de Jerusalém, onde abundavam os vermes, e onde os incêndios queimavam incessantemente para consumir o lixo e a imundície da cidade. As tradições associadas ao vale influenciaram profundamente o desenvolvimento posterior do conceito de inferno, um lugar "onde o sem-fim não morre, e o fogo não se apaga" (ver Marcos 9: 43-49; Apocalipse 11: 9-10 ; 20:10 , 14-15). Mesmo o termo Gehenna em si não é mais uma transliteração das palavras hebraicas para "valley of Hinnom".

Os estudiosos chamaram a atenção para a proximidade do lugar de descanso dos condenados à cidade de Jerusalém. Seus cadáveres ficam nas proximidades, para que aqueles que vêm a Sião para adorar possam sair e olhar para eles e lembrar-se das terríveis conseqüências da rebelião contra Deus.

A fim de proporcionar um final feliz ao livro de Isaías, antigos rabinos judeus dão instruções de que quando este capítulo fosse lido nas sinagogas v. 23 deveria ser repetido após v. 24 . Os leitores de modem que se ofendem em que o livro deve terminar com uma nota tão sombria fariam bem em refletir a declaração final no estudo de Thexton sobre Isaiah: "E, embora possamos nos arrepender de que a visão da Nova Jerusalém termine com as terríveis palavras do versículo 24 , eles não estão fora de lugar se eles nos lembram que, do portão do céu, há um caminho para o inferno, e que,

antes de cada homem, a escolha é o poder de fazer qual é a marca de sua humanidade - entre o caminho de vida e caminho da morte ".